FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A rota dos calcários microcristalinos do maciço anelar sub-vulcânico de Sintra, região de Pero Pinheiro: Contributos para a sua criação e valorização do património industrial

ANEXOS

Ana Luísa Santos Gaspar

Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia

Ana Luísa Santos Gaspar, A rota dos calcários microcristalinos do maciço anelar sub-vulcânico de Sintra, região de Pero Pinheiro: Contributos para a sua criação e valorização do património industrial, 2018

maio, 2018

ÍNDICE

ANEXO I- "SINTRA, *GLOBAL STONE*"……..**p. 5**

1- "*Sintra, global stone*"……p. 5

2- "Apresentação geral"- documento estratégico……..p. 11

ANEXO II- "*STONE QUARRYING LANDSCAPES AS WORLD HERITAGE SITES*" ……..**p. 15**

ANEXO III- TIPOS DE CALCÁRIOS DO MACIÇO ANELAR DO SUB-VULCÂNICO DE SINTRA, REGIÃO DE PERO PINHEIRO: ZONA GEOGRÁFICA DAS UNIÕES DE FREGUESIAS DO ALMARGEM DO BISPO, PERO-PINHEIRO E MONTELAVAR……..**p. 45**

ANEXO IV- IMPRENSA 1935-2010……..**p. 48**

ANEXO V- MODELO FICHA DE INVENTÁRIO……..**p. 148**

ANEXO VI- PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM "MUSEU DA PEDRA " NA REGIÃO DE MONTELAVAR-PERO PINHEIRO (Concelho de Sintra)" ……..**p. 157**

ANEXO VII: FICHA INVENTÁRIO: Alexandrino Pais Leitão Lda.……**p. 166**

ANEXO VIII: RECURSOS GEOLÓGICOS……..**p. 175**

1- Área potencial de exploração de recursos geológicos……p. 175

2- Tabela de atributos das pedreiras……p. 176

ANEXO IX: RECUPERAÇÃO PAISAGÍSTICA DA PEDREIRA DA CP, NA PEDRA FURADA……..**p. 177**

ANEXO X: FICHA DE INVENTÁRIO: URMAL-JOAQUIM DUARTE URMAL & FILHOS LDA.……..**p. 187**

ANEXO XI: A FÁBRICA PARDAL MONTEIRO……..**p. 196**

1- Localização……..p. 196

2- Ficha de Inventário fábrica Pardal Monteiro……p. 198

3- Fotografias de projetos de obras……..p. 206

4- Fotografias de exteriores e interiores, da fábrica Pardal Monteiro……..p. 359

ANEXO XII: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO (CLASSIFICADO) DA GRANJA DOS SERRÕES……..**p. 419**

1- Parecer pelo Governo de Portugal, Secretário da Cultura 2012……..p. 419

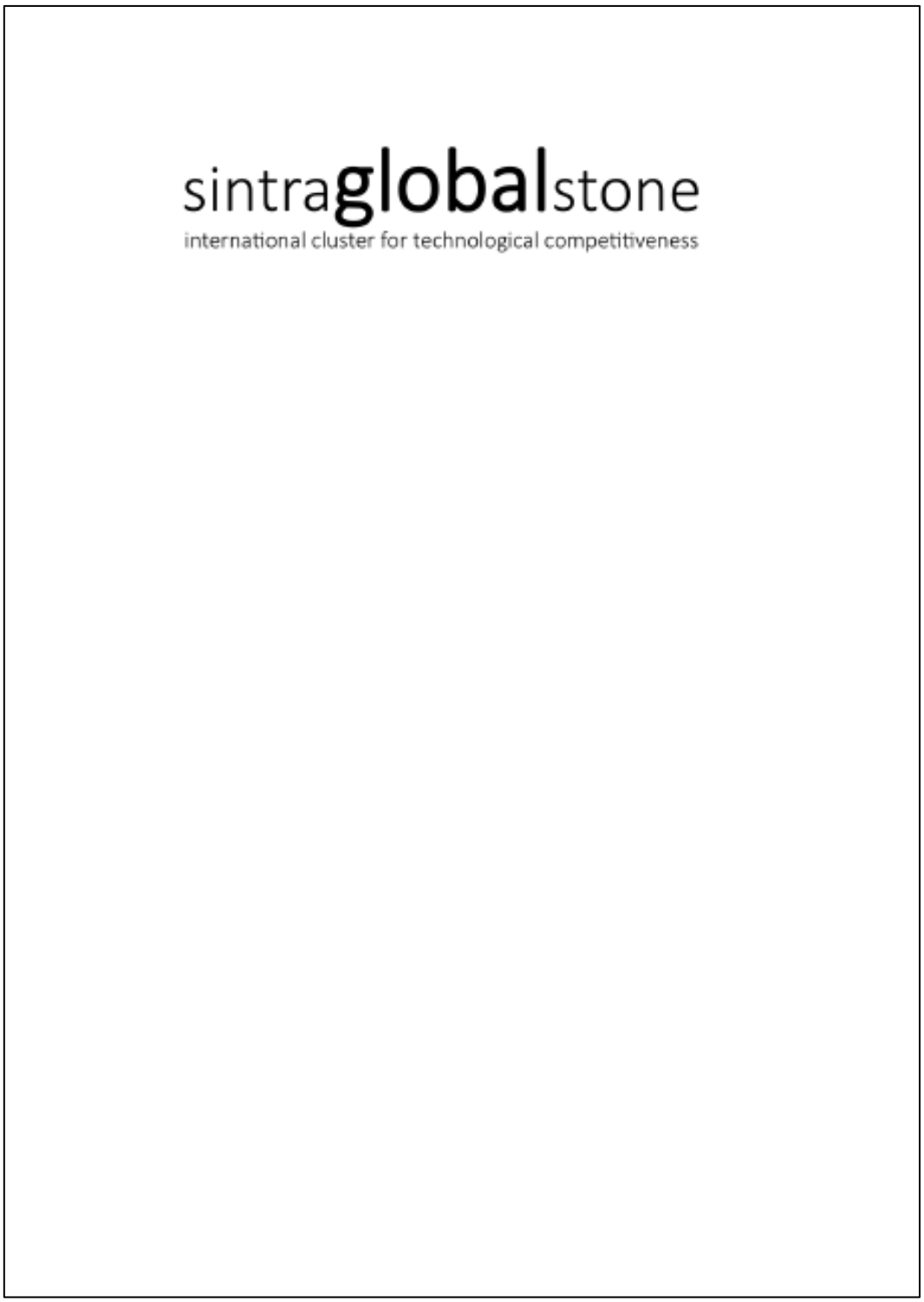
ANEXO XIII: A ROTA DOS CALCÁRIOS DO MACIÇO ANELAR SUB-VULCÂNICO DE SINTRA, REGIÃO DE PERO PINHEIRO: ITINERÁRIOS ……**p. 432**

1- Proposta de *flyer* (frente)……..p. 432

2- Proposta de *flyer* (verso)……..p. 433

ANEXO I- "Sintra, *Global Stone*"

1. "*Sintra, global stone*"



GRUPO GALRÃO

(MÁRMORES GALRÃO)

URMAL

(URMAL)

(GRANISINTRA)

LUSO ROCHAS

(LUSO ROCHAS)

ARQUIURB

(ARQUIURB)

(MARMOCAZI)

AVJ ALFREDO VICENTE JULIÃO & FILHO, LDA.

(ALFREDO VICENTE JULIÃO E FILHOS)

CONSTRUAL

(CONSTRUAL)

António Jacinto Figueiredo, Lda.

(AJ FIGUEIREDO)

MGI

MÁRMORES DA GRANJA, LDA.

(MÁRMORES DA GRANJA)

TÉCNICO LISBOA

frontwave

PLANO de ACÇÕES - iniciativa sintraglobalstone
(Jul/2015)

MOTIVAÇÃO

Contribuir de forma organizada e planeada para a análise e aplicação das soluções que permitam dotar a região de uma nova dinâmica empresarial de cariz tecnológico a qual permita restruturar a dimensão da indústria de transformação da pedra natural associada a Pero Pinheiro.

Principais Motivadores:
Jorge Galrão | jgalrao@galrao.com | Mármores Galrão
Américo Urmal | urmal@urmal.com | Urmal
Rui Galrão | rui.galrao@granisintra.com | Granisintra
Paulo Duarte | pauloduarte@lusorochas.com | Luso Rochas
Carlos Portela | carlos.portela@arquiurb.pt | Arquiurb
Telmo Silva | info@marmocazi.com | Marmocazi
João Romão | alfredo.julio@avjulio.com | Alfredo Julião e Filhos
Alcino Bento | construal@construal.pt | Construal
Carlos João Oliveira | geral@ajfigueiredo.pt | AJ Figueiredo
Américo Firmino | americo@marmores.granja.pt | Mármores da Granja

Apoio Estratégico:
Carlos Fernandes | carlos.fernandes@cm-sintra.pt | Câmara Municipal de Sintra
Luis Guerra Rosa | luisguerra@tecnico.ulisboa.pt | Instituto Superior Técnico
Pedro Miguel Amaral | pedro.amaral@tecnico.ulisboa.pt | Instituto Superior Técnico e FrontWave

INTRODUÇÃO

Após realizar vários encontros e contactos bilaterais entre alguns dos empresários, foi possível encontrar uma plataforma comum de interesses a qual se apresenta neste presente documento no formato de um plano.

Anexo a este documento podem ser observados algumas referências que foram utilizadas para concretizar este plano, bem como a forma como o processo foi conduzido através do diálogo entre todos.

1. *apresentação geral* – esquema inicial de *cluster* apresentado durante a visita do Presidente da Câmara à empresa FrontWave
2. *documento estratégico - cluster Sintra v.2* – documento que agrega a informação detalhada do esquema inicial apresentado em (1)
3. *Doc Carlos Fernandes CMSintra* – documento interno realizado pelo colega Carlos Fernandes da CMSintra a propósito de uma primeira abordagem ao tema

A concretização deste plano deverá passar pela discussão final do mesmo entre todos, evento esse que poderá ser promovido pelo gabinete de apoio empresarial da CMSintra (Carlos Fernandes).

PLANO de AÇÃO

O plano de ação baseia-se na concretização de um conjunto de iniciativas as quais podem ser divididas em 3 eixos estratégicos.

1. INVESTIMENTO em INOVAÇÃO / COMPETITIVIDADE

Acesso ao Investimento Produtivo (com vista à inovação de processos e produtos)

- Crédito bancário com juros controlados e carências alargadas
- Fundos comunitários de apoio ao desenvolvimento tecnológico
- Capacidade de acesso igualitário relativamente ao sector numa ótica transversal
  - NOTA: as empresas da região são das que mais valor acrescentam na cadeia - até 2x (ao contrário de outras zonas nacionais que acabaram por baixar o valor acrescentado devido aos efeitos de excessiva competitividade)
- Licenciamento das industrias (art. 98 em curso) – a aplicação das taxas de licenciamento são muito exageradas e precisam de ser rapidamente controladas.

Potenciar a utilização / valorização dos desperdícios de Pedra para matéria-prima de construção

- A CMSintra não tem dado pareceres positivos relativamente à aceitação da utilização de alguns subprodutos - utiliza justificação técnica que pode ser "rebatida" pelos empresários.
- O problema está a ser controlado para utilizar a recolha de inertes - ao nível de privados
  - Gestlamas está fora desta zona de interesse na região
- Intervir na coordenação a gestão ambiental dos sub-produtos

Suporte para haver Terceirização de serviços tecnológicos especializados na pedra

- Analisar os exemplos de serviços especiais que acrescentem valor.
- Analisar a forma logística como estes serviços devem ser desenvolvidos
- Encontrar tipos de trabalhos que podem ser criados numa empresa - usar economia de escala
  - procura de acabamentos diferentes
  - serviços partilhados (principalmente ao nível tecnológicos).
  - Utilização de subproduto para criação de novos produtos - tipo Gavião
- Possibilidade de situar alguns serviços tecnológicos numa zona local de cluster
  - tornar a opção viável
  - a localização é muito importante (deve ser dentro do eixo Pero-Pinheiro)

2. AQUISIÇÃO de COMPETÊNCIAS

Acesso ao conhecimento no âmbito da Gestão de produção e componente tecnológica

- formação de quadros médios ao nível de gestão da produção e tecnologia (máquinas) associada à pedra
  - reciclagem de pessoas válidas
  - criação de jovens quadros (mostrar como a tecnologia é evoluída no sector)
- Gestão da Produção - Fornecimento de um serviço conjunto às empresas que proponha acrescer a Racionalização da Produção (incluí a lógica de formação)
  - Optimização da produção
  - Movimentação de peças / transportes
  - *Layouts* adequados à produção / gestão optimizada
  - Utilização dos recursos da REGIÃO
    - Evolução de empresas antigas
    - Acabam por necessitar de investimento para salvar os seus recursos
    - O problema acentua-se mais do que outras zonas do país onde as fábricas são mais renovadas
- Gestão com vista ao financiamento - Serviço de especialidade para "montar" os projectos
  - Potenciar a presença em projectos nacionais e Europeus
  - Capacidade de responder administrativamente / tecnicamente ao nível de acesso a crédito

3. SOCIEDADE CIENTÍFICA e TECNOLÓGICA

Iniciativas pró-mercado e sociedade com Pedra

- Zona de exposição de novos Produtos
  - Aplicados em projectos de especialidade
  - Especialmente aplicado a texturas especiais
    - não é apenas a lógica de acabamento superficial, mas outro tipo de aspecto visual relativo à pedra
    - utilização em situações especiais de elevado valor acrescentado (pedras finas, com funções especiais como térmicas e acústicas)
  - Estas iniciativas têm que estar numa lógica de projecto e perfeitamente integradas
- Iniciativas Culturais
  - Utilizar a imagem Pardal Monteiro - marketing cultural para promover a imagem da utilização da pedra
  - Museu - escola da Indústria da Pedra
- Iniciativas científicas e tecnológicas
  - jornadas técnicas
    - juntar em encontros rápidos empresas e sistema científico e tecnológico (Universidades e Centros de Investigação e Desenvolvimento) e utilizadores (engenharia, arquitectura e designers)
  - encontros científicos
    - produzir a credibilidade gerada em eventos anteriores
    - poder centralizar em Sintra o centro do conhecimento nesta área - com cobertura ao nível internacional

IMPLEMENTAÇÃO

Os 3 eixos principais do plano devem ser implementados de forma faseado num período que não poderá ser nunca inferior a 2/3 anos. O seu impacto só será observado efetivamente a médio longo prazo. No entanto, qualquer um deles tem um carácter de urgência que está diretamente relacionada com os objectivos a curto prazo das empresas, principalmente aquele que deriva da sobrevivência financeira.

Desta forma, assume-se que o item 1, investimento em Inovação, será aquele que se reveste de maior urgência e que permitirá igualmente entender de forma clara todos os aspectos que poderão resultar para a implementação do item 2. Por fim, o item 3, apesar de ser necessário iniciar-se em algumas actividades no curto / médio prazo, poderá apenas resultar numa implementação efetiva a mais longo prazo, pois para haver um forte envolvimento das empresas neste tipo de acções, é necessário que as mesmas tenham sucesso na implementação da Inovação e na capacidade de retirem o conhecimento que advém do desenvolvimento.

INOVAÇÃO e COMPETITIVIDADE

AÇÇÃO	2015		2016				2017				2018	
	3T	4T	1T	2T	3T	4T	1T	2T	3T	4T	1T	2T
Garantir metodologias para acesso das empresas a linhas de financiamento (tesouraria, fundos de investimento, etc.)	X	X	X									
Gabinete de apoio à recepção de candidaturas P2020 e H2020 – para conhecimento das mesmas com consequente intervenção política	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Realização de acções de sensibilização junto dos sistemas de incentivos (acesso igualitário de fundos por tipologia de negócio)		X	X	X		X	X	X		X		X
Definir lista de subprodutos com viabilidade técnica de aproveitamento em obra (usada de forma preferencial pela CMS).			X	X	X			X			X	
Concurso para planos de negocio que desenvolvam unidades industriais de aproveitamento de resíduos / subprodutos			X		X		X		X		X	
Concretizar nova zona de deposição de lamas (licenciamento possível de conceder à Associação já criada)					X	X	X	X				
Suporte (ex. reestruturação de um espaço) a entidade local com carácter transversal ao sector para possibilitar o acesso a programas de dinamização não concorrenciais (criatividade e inovação)		X	X	X			X				X	

AQUISIÇÃO de COMPETÊNCIAS

AÇÇÃO	2015		2016				2017				2018	
	1T	2T	1T	2T	3T	4T	1T	2T	3T	4T	1T	2T
Apoio à criação de curso de formação para reciclagem de quadros intermédios (gestão financeira, gestão da produção, planeamento, marketing).			X	X			X	X			X	X
Apoio à criação de curso para jovens ao nível tecnológico (novas tecnologias de produção – CNC, robot, CAD-CAM), bem com ao nível do Marketing digital (programação / utilização de aplicações móveis)					X	X	X	X	X	X		

SOCIEDADE CIENTÍFICA e TECNOLÓGICA

AÇÇÃO	2015		2016				2017				2018	
	1T	2T	1T	2T	3T	1T	2T	1T	2T		1T	2T
Concurso para projecto de arquitetura e engenharia usando produtos inovadores de pedra natural (de preferência produzida na região) - pode ser reabilitação – deve ser pensada a construção do mesmo.			X	X			X	X			X	X
Apoio à criação de uma Sociedade Científica e Tecnológica para indústria da Pedra Natural com sede em Sintra (espaço, apoio secretariado)			X	X								
Realização das 1ª Jornadas Técnicas de Pedra Natural sobre Inovação na Pedra Natural			X									
Centralizar o secretariado do GlobalStone e permitir a organização de eventos ao nível nacional e internacional				X	X		X	X			X	X

2. “Apresentação geral”- documento estratégico

sintraglobalstone

international cluster for technological competitiveness

desenvolvimento tecnológico industrial

Inovação produtos em pedra natural
- tecnologias que permitam a criação de valor através de soluções tecnológicas em pedra natural
- inovação incremental – sistemas compósitos / design multifuncional
- inovação de ruptura – utilização das características de pedra como factores diferenciadores

Processos de fabrico
- utilização de máquinas / novas tecnologias
- fabrico de novos produtos – produção integrada

sintraglobalstone
international cluster for technological competitiveness

formação e treino

Formação
- especialização tecnológica
- reintegração de técnicos / quadros intermédios
- engenharia de produto em pedra (possibilidade para créditos ao nível universitário)
- gestão de processos industriais (com a mesma perspectiva universitária)
- equivalência técnica (3º ciclo e secundária)

Treino
- utilização de máquinas / novas tecnologias
- fabrico de novos produtos
- transferência tecnológica

sintraglobalstone
international cluster for technological competitiveness

divulgação científica e tecnológica

Sociedade Científica

- secretariado em Sintra do **Global Stone Congress** (congresso mundial da pedra natural)
- encontros técnicos / workshops
- gestão de turísmo científico (**TECHNOTURISM**) na área da pedra arquitectura e engenharia)
- publicações técnicas relativas ao sector, especialmente utilizando **plataformas electrónicas**

sintraglobalstone
international cluster for technological competitiveness

infraestrutura local e de apoio em rede

Local

- presença física na zona de Pero-Pinheiro
- possibilidade de divulgação internacional do produto de pedra natural
- museu / litoteca com igual capacidade de atração turística
- *show-room* de demonstração das soluções em pedra natural

Rede

- empresas participam nas diversas actividades utilizando os seus próprios meios técnicos
- possibilidade de gerir projectos integrados entre empresas

sintraglobalstone
international cluster for technological competitiveness

sintraglobalstone
international cluster for technological competitiveness

O que realmente conta na vida não é apenas o facto de termos vivido. É a diferença que fizemos nas vidas dos outros que determina a importância da nossa própria vida.

Nelson Mandela
***18/7**/1918 ... 5/12/2013*

ANEXO II- "*STONE QUARRYING LANDSCAPES AS WORLD HERITAGE SITES*"

Disponível em: http://ticcih.org/wpcontent/uploads/2015/02/stonequarryinglandscapes.pdf. Consultado em 8 novembro 2016.

STONE QUARRYING LANDSCAPES AS WORLD HERITAGE SITES

This document is offered as a first stage draft towards establishing TICCIH/ICOMOS guidelines on potential World Heritage stone quarry sites for discussion by TICCIH delegates at Teruel (Spain) in October 2014 with a view to the presentation to ICOMOS of a comprehensive revised version in December 2014.

The author is Dr David Gwyn of Govannon Consultancy, who was commissioned to undertake it by Gwynedd County Council (UK). Stone quarrying landscapes – a definition

Stone quarrying landscapes are those formed by human intervention in the natural environment in order to extract stones and useful earths.

In practice there is considerable overlap between quarrying landscapes and mining landscapes. Both are shaped by extractive industry, and may in fact work the same minerals. For the purposes of this study, quarrying landscapes are defined as those which at the least:

 remove stone (granite, limestone, marble, sandstone, slate and others) from its geological formation for the construction of upstanding buildings and other structures, sculpture and other decorative arts, or for the manufacture of tools or for the production of aggregate, in a quarry

These landscapes may, furthermore, provide evidence for:

 processing sites where quarried stone is turned into a commercial product, whether by hand-tools, or mechanical or chemical means transport of stone, whether in its quarried or processed state, and of unprofitable rock the human society brought into being as accommodation for the workforce

These landscapes may additionally include evidence for:

 The end-use of stone, in buildings and other structures, sculpture and other decorative arts, as tools or as aggregate

This definition does not include the working of coal as sedimentary rock, nor of mineral-bearing rock.

Not relevant to a definition of quarrying landscapes as distinct from mining landscapes is whether the workings are open to the sky or underground. In the English language, the word 'quarry' is generally applied to open-air workings, but also includes some which are, or were, worked underground, such as Bath stone and Merionethshire slate. In Italy, the mining law of 1859 distinguished simply between minieri (mines) and cave (quarries). The French law of 1810 divides workings into mines, minières and carrières. Workings for gold, silver, lead, copper, sulphur, coal and iron ore constitute mines. Minières, for which there is no exact translation in English, include bogiron ore, pyritous earths fit for working, sulphate of iron, aluminous earths, and peat, whilst carrières work stone, clay or sand, whether above or below ground.

Stone quarrying landscapes – an historical introduction

Stone quarrying landscapes are little understood in their global context and no attempt has been made to consider them as valorised heritage on a world-wide basis. As yet, TICCIH does not have a section dedicated to quarrying. Sites demonstrating extraction of stone by open and underground quarrying are under-represented on the World

Heritage List. Sites associated with extraction of metal ore-bearing rocks, coal and salt extraction are much better represented.

The removal of stone from its geological formation for human purposes is an ancient activity, predating the use of iron, and is central to the evolution of human society. Quarried stone, once processed (whether by trimming, splitting, sawing, drilling, shaping, crushing, chemical process or burning), has been variously used:

 for the construction of upstanding buildings and roofing elements, as well as other structures, such as defensive and harbour walls

 for the creation of artistic sculptures

 for the fabrication of tools such as axes, millstones and whetstones

 as a fertiliser

 as a flux

 as aggregate

 as a component in cement and concrete.

It is as important to the history of civilisation as the use of ceramics, as the use of organic materials such as timber, turf and clay, and as the use of metals.

In this context, however, it is also important to bear in mind that by no means all world cultures have made extensive use of stone. In Japan, it is only with the Meiji restoration of 1868 that stone begins to replace traditional timber architecture on a significant scale. It is under the Tang dynasty (616-907CE) that stone (and brick) buildings begin to predominate in China, though stone was used where it was easily available in defensive

structures, most notably in the Great Wall (Needham 1971, 38-91). In West African traditional architecture, mud/adobe buildings are common; Central Africa makes use of thatch and wood and other perishable materials. In East Africa the pattern is more varied, but stone is common only in the northern and southern parts of the continent.

However, it is European expansion into other continents from the 15th century onwards that (very gradually) brings the use of quarried stone into parts of the world where it had previously been uncommon or unknown, such as North America, Siberia, West Africa and Oceania. The global reach of quarried stone over the last 500 years has expanded dramatically, and by the 19th century was promoted by the practice of government-sponsored scientific testing of different types of rock for durability and water-resistance. Broadly speaking, however, and with exceptions discussed below, until recently the only stones exported over long distances were those intended for specialist purposes or as decorative elements such as columns and facades.

Technological developments have led more recently to the new generation of 'super quarries', with examples in the UK, India and China, exporting significant amounts of stone over great distances. Conversely, there is pressure from geo-conservationists to re-open older and much smaller quarries to provide specialist stone to rebuild historically significant structures.

The use of quarried stone in buildings and other structures is as much a matter of prestige as of geology. Pericles rebuilt Athens in marble; Augustus found Rome brick, and left it marble, and the ninth Inca, Pachakuti, ordered Cuzco to be rebuilt in stone c. 1438 CE (Protzen 1985). The use of a particular stone far away from its place of origin can in places be identified as the particular architectural 'signature' of a power-group, such as the Caen stone associated with the Norman expansion of the 11th century, used on Canterbury, Chichester, Rochester, Norwich and Durham cathedrals as well as at the White Tower in London. Mussolini encouraged the use of Italian marble, and made a gift of columns from the Carrara quarries to the Dome of the Rock/Masjid Qubbat AsSakhrah in Jerusalem as part of his policy of extending Italian influence over the Middle East.

The use of stone as a building material in locations such as these reflects the emergence of a centralised authority that is conscious of the need to express power and identity through the use of a costly and durable material, and that might also need to guard its resources by building defensive walls. This authority need not necessarily be imperial, monarchical or presidential – it can be a merchant elite in a free town, or a sacerdotal caste in a religious community. Both secular and religious authorities might also be the patrons of sculptors in stone, skilled artisans who were supported by a social network of studios and workshops.

This authority will have access to landscape resources. The first of these is a suitable geological formation to open a quarry, and sometimes also the space to tip unworkable or unproductive rock.

A second landscape resource may well also be a suitable location for a processing site where rough stone can be turned into a commercial product. Sometimes a processing site might be located where water power is available to operate machinery. This may be in the quarry itself or immediately adjacent to it. Alternatively, it may be near the point of use, or at any point in between along whatever transport route connects them.

An overland transport route forms the third landscape resource. Topography needs to be favourable to the movement of large loads towards the point of use or to a shipping point, and a dedicated transport system needs to be engineered and maintained. From ancient to modern times, cities have often had their own quarries near at hand, reflecting the difficulties of moving stone long distances – examples are Pentelikon for Athens, Combe Down for Bath (UK), and Beacon Hill for Boston (Massachusetts). Because stone is heavy, it needs carters and carriers and their technologies to move it overland, and in some cases specialised vessels are required if it is to be transported by water.

A quarrying industry also requires human resources – stone can be difficult to extract and to process, and therefore requires a capable and experienced workforce, though unskilled labourers can also be required. Workers, supervisors and their families require accommodation.

In some cases, sources of quarried stone lay near the point of use, which might be a town or city which makes distinctive use of the stone. In other cases, and more commonly, this will be a distant settlement in which various types of quarried stone will be used in conjunction with other building materials. The quarry

The layout and arrangement of a stone quarry depends on geology and topography. A quarry may be opened on a hillside or as an open pit. In either case, the rock may be worked as one face or may be made up of stepped working benches in a hill-slope. This practice is known from the Roman period

(Pearson 2006) but at the turn of the 18th and 19th centuries it was developed on a major scale at the Penrhyn slate quarry in North Wales (Lindsay 1974). It favoured the use of railway systems for removing useful rock and for dumping waste, and becomes common where geology permits.

A quarry may also be worked underground. Limestone has been worked underground near Bath and near Dudley (UK); slate has been worked underground in the French and Belgian Ardennes, in Maine-et-Loire (France) and in Gwynedd (UK) (Voisin 1987; Soulez Larivière 1979; Lindsay 1974). From the 17th century, Paris limestone, quarried underground on the outskirts of the city, was raised to the surface in vertical shafts by winch or tread-wheel (de Rochefort 1672).

Long-established methods of extracting stone from the quarry rock face include frost-splitting and fire-shattering. Egyptian stone-masons shaped the quarried rock by pounding it with balls of dolerite, and it has been suggested that Inca quarrymen, who had no knowledge of iron-working, used similar methods (Protzen 1985). Other early

tools include wooden and bronze bars; wooden hammers have remained in use until modern times. Iron tools include picks, hammers and wedges; percussive rods were used to create holes to enable the rock to be split by plug-and-feathers or (from the 17th century) by blasting. This was initially carried out by gunpowder; high explosives were introduced in the 19th century. The use of electrical charges to detonate explosives is recorded at Holyhead to supply stone for a breakwater, a project which went on from 1845 to 1873 (Hayter 1875-6).

The use of cranes in quarries is of great antiquity. Vitruvius (c. 15BC) discusses their use on building sites but it is likely that they were also used at extraction points (Vitruvius 10 2). Jib cranes have been identified archaeologically in Medieval quarries (Moorhouse 1990). Redvers-Higgins, Willies and Wain 2011 describe the innovative use of cranes in the Bath stone quarries in the 18th century. The adoption of steam power and of railways in the 19th century meant that cranes could lift larger loads and could be moved. Ropeway haulage systems are recorded from the Medieval period in French slate quarries (Soulez Larivière 1979). The blondin ropeway, named after Charles Blondin who walked across Niagara falls on a tightrope in 1852, was developed in the Scottish stone industry from the first installation at Kemnay Quarry in Aberdeenshire in 1872. Their use spread to other types of quarry and to civil engineering works (Donelly 1979).

Mechanical drilling and channelling were introduced in the mid-19th century, making use of steam, compressed air and electricity. Mechanical excavators (from 1839) and draglines (from 1904), both initially devised to cut canals, found an application in stone quarries. Wire-sawing was introduced at the Carrara marble quarries in Italy in 1895 (Enciclopedia Italiana 1934) and is now extensively used in slate, granite, limestone and marble quarries.

Hillside quarries are generally self-draining. Pits and underground quarries may require pumping, and adopted the technologies used in mining. A Newcomen-type steam engine was installed to pump an Ardennes slate quarry before 1771 (Voisin 1987). The

Easdale (Èisdeal) slate quarries in Scotland were also early users of Newcomen technology (Tucker 1976). As quarries grew larger in the 19th century, pumping systems evolved in mining were increasingly adopted, such as the use of flat-rods and other forms of prime-mover.

Processing sites

Processing sites in which quarried stone is turned into a commercial product may be located at any point between the quarry and the point of use. This category therefore includes masons' yards in towns and cities. They take many different forms, and may preserve traces of incompletely worked stones, and of structures and machinery.

Stone was, and is, processed by hand-tools such as crowbars, picks, chisels, hammers and plug-andfeathers. Hand-processing can include initial reduction of the quarried blocks, which calls for both skill and physical strength, but might equally include the delicate work of carving the capital of a Corinthian column, which requires great dexterity. Work such as this might take place in the open, sometimes in rudimentary shelters such as the wind-breaks erected by French slate fendeurs (splitters) or the 'quarr houses' of Purbeck (Phillips 1996).

A tool with a long history in the stone industry is a wrought-iron saw in which a paste of sand and water acts as the cutting agent. This technology was used to process building stones for the pyramids. Pliny states that sand from Ethiopia was used in such saws (Pliny 36 9)[1]. Hand-held and operated saws of this sort were to be found into the 20th century even in such massive undertakings as the Carrara marble quarries (Scientific American 1902) but archaeological evidence also indicates water-wheel powered versions from the second part of the 3rd century AD in Phrygia and Anatolia (Turkey) (Grewe 2009; Mangartz 2010). They are attested by written sources in the 4th century AD in Gallia Belgica, on the banks of the Moselle, preparing stone for the imperial city of Trier

[1] In chapter 6 of the Historia Naturalis, Pliny suggests that the palace of Mausolus at Halicarnassus was the first to be covered with cut marble, 403 ab urbe condita = 350 BC.

(Ausonius). Ramelli shows sand-saws operated by horse and by water-wheel cutting marble in his machine book of 1588 (Ramelli 1994, plates 134-5).

Circular saws for cutting stone seem first to have been introduced in the North Wales slate industry, in the first decade of the 19th century, possibly inspired by the block-making machinery installed by the Royal Navy at Portsmouth (Lewis and Williams 1987). The Hunter saw, an early application of renewable tip tooling, was used in Irish and Welsh slate quarries and in Scottish freestone quarries from the 1850s. Though wire sawing was and is most commonly employed at the quarry face it can also be used in processing (Wood 2006c). The Bessemer process, patented in 1855, made it possible to use steel as a component in cutting and crushing technology. Gantry cranes derived from engineering workshop practice also come into common use in the 19th century, particularly where stone-processing sites were served by railway. These could be used to lift raw blocks off wagons and sort them by size, or distribute them to the machines by which they would be sawn or shaped (Fitzgerald 1990, Stanier 1995, Wood 2006c).

Water-power had become the most important energy source for powering stone-cutting machinery by the 19th century, and processing sites are for this reason often located where there is a good fall of water, rather than immediately adjacent to where the rock was quarried or to the point of sale. By the mid-19th century, cheap and reliable steam plant could also be put to operating machinery. A stone-processing plant often came to resemble a classic factory of the period, dominated by a chimney for a stationary steam engine and with all the paraphernalia of a time-office, siding access, coal bunkers and a weigh-bridge. A variant is the 'horseshoe shed' of the USA granite industry, arranged around a derrick crane (Wood 2006c).

Quarried stone may also be processed by chemical reaction, when limestone is burnt to create an agricultural fertiliser or (in conjunction with an aggregate) to make mortar. Lime-burning is attested in Europe since at least the 2nd century BC (Cato 38, Newby 2001). Early 'clamp kilns' involve layers of fuel and limestone stacked together in a mound, covered with clay or turf and burnt slowly; permanent structures, either 'flare

kilns' (also known as 'intermittent' or 'periodic' kilns) and 'perpetual', 'running' or 'draw' kilns, came later. An annular kiln was patented in Britain in 1841, followed by the Brockham patent kiln and the Belgian De Witt kiln later in the century. Experimental continuous kilns were being built in the 1780s; as developed by Friedrich Hoffmann their use spread world-wide in the 1870s (Johnson 2002). The development of these sophisticated multi-cellular lime

1

kilns helped sustain the great population boom and the urban development of the classic Industrial period by providing agricultural fertiliser on a much greater scale than hitherto, thereby ensuring that the new industrial working-classes could be adequately fed.

Transport

Transport systems associated with stone quarrying landscapes include both internal systems within an extraction point to move quarried stone to a yard and to dump unworkable rock, as well as longer systems which give access to a processing site, to navigable water or to a point of use. They are considered together here.

Primitive systems using sledges, carts, cradles and rollers, drawn by horses and oxen, lasted into the 20th century (Wood 2006b). Wheelbarrows were in use in a European context by the 12th century, and were doubtless to be found in quarries early on (Lewis 1994).

Transport of stone between the quarry, the saw-mill and the point of use is little understood before the rise of Industrial techniques in the 18th century. Parts of the lithagogia, the road which carried stone from the Pentelikon quarries to Athens, have recently been identified. The total length was 17.4km long, and it was engineered so that it ran downhill in favour of the load. The initial descent from the quarry was accomplished by loading the stone onto carts which were lowered down an inclined plane, using a rope as a brake; thereafter the blocks were moved by animal-drawn carts

(Malacrino 2010). Pentelic stones for Eleusis were drawn by 37 yoke of oxen, and it has been suggested that the hyponomoi recorded in the inscriptions were prepared stone rut-ways (Lewis 2001). Vitruvius (c. 15 BC) discusses techniques for using sleds to move long columns (Vitruvius 10 2, 2-14). The lizzatura (sledging) of the Carrara marble quarries is attested in the zig-zag roads that climb the mountain sides. Among the most remarkable monuments of quarry transport from earlier times are the rut-ways in limestone quarries on Malta and Gozo, which seem to reflect the use of single-axle carts, but there is no scholarly consensus as to whether they date from the late Bronze age, the Punic period and the Roman empire, or even as early the Neolithic or as late as the Arabic period (c. 870). Those at Misrah Ghar il'Kbir are widely known as 'Clapham Junction' because in their complexity they resemble a modern railway (Mottershead, Pearson and Schaefer 2008).

Otherwise, railways, both internal networks and overland systems connecting a quarry to navigable water or to a point of use, are evident from the 18th century, having already been used for many centuries in metalliferous mines and (since at least the early 17th century) in collieries. The first significant system was in England, Ralph Allen's wooden railway of 1731 near Bath which connected his Combe Down quarries to the river Avon, and which was integrated with the use of river-boats and cranes to formed an integrated industrial handling system (Redvers-Higgins, Willies and Wain 2011; Lewis 1970). In Ireland, a short wooden railway was installed in 1740-1741 to connect a quarry at Ballycastle, Co. Antrim, with harbour improvement works (Rynne 2006). In South Wales, limestone outcrops were connected to the iron-works by iron railways from the 1790s, to supply flux to the furnaces (van Laun 2001). Others are the Haytor in Devon (1820) and the Quincy railroad in Massachusetts (1826), both of which built their rails out of the same stone they transported (Ewens 1977, Gamst 1997).

A more important early quarry system is the Penrhyn iron railroad in Wales (1800-1801), which both served for internal movement within the quarry and transported finished slates and slabs to the sea. Its gauge of approximately 0.6m soon became common in Welsh quarries. By the late 19th century, following the example of the nearby Festiniog

Railway, built to serve the local slate industry, this technology was being widely copied for both industrial and public railways across the globe. However, depending on the nature of the rock to be moved and the distance, quarry railway systems

were also built to other gauges, up to and including 2.140m (7’ 0¼”), which was used in the UK, the Isle of Man, the Açores and South Africa to connect quarries with breakwaters. Other significant rail systems serving stone quarries include la Ferrovia Marmifera di Carrara (the Carrara Marble Railway), operational from 1876 (extended 1890) to 1964 (Scheibner 1891). Some USA quarry railroads operating on severe gradients used articulated locomotives initially developed for the logging industry (Wood 2006b). Inclined planes were also used to overcome differences in height, either within the quarry or on an overland transport system, seen to spectacular effect at Portland (Jackson 1999), and in the slate and granite quarries of North Wales (UK) (Mountford 2013; Hindley 1986).

Canals and navigable rivers have also been used for moving stones. Some performed the task of supplying building sites in growing cities, like the Middlesex canal which moved granite from the Chelmsford quarry in Massachusetts to the Charles river and thence to Boston (Wood 2006a). Others provided agriculture and industry with the stones they needed, such as the Llangollen canal which carried limestone from the Welsh hills for use as a fertiliser and as an ironworks flux in the English midlands. Lime-kilns are frequently located by the side of canals (Canal Monuments 1996).

Accommodation

Accommodation for quarry- and stone-workers and their families may take the form of nucleated towns and villages, or suburbs within them; scattered settlements, sometimes as part of a dual economy of industry and agriculture; barracks for free workers; and prison and camp accommodation for coerced workers.

Archaeological evidence from the Roman granodiorite quarry at Mons Claudianus in Egypt revealed a settlement of 1,000 people, mainly soldiers and free civilian quarrymen, who were well-paid and well fed, who brewed their own beer and grew their own vegetables (van der Veen 1997). It has been suggested that building remains at pre-Hispanic quarry sites in Peru are houses for supervisors and quarters for quarrymen, suggesting a hierarchically-organised workforce (Protzen 1985). The town of Carrara in Tuscany was developed for marble-quarrymen by the Romans from the 2nd century BC and evolved into a city-state in post-Roman times. Generally however, the revival of quarrying in Europe in the Medieval period does not seem to have led to the creation of 'free towns' such as were brought into being by gold, silver, lead and copper mining, and significant urban development for quarry workers seems to be a function of the 19th century. When they become evident, they take many forms – developments on the fringes of existing or evolving settlements, planned company towns, and uncontrolled developments where often newly-arrived workers would begin their working life.

A quarrying industry could lead to the establishment of institutions of higher education. Carrara has a specialist academy of stone carving and the fine arts, the Accademia di Belle Arti Carrara, founded by Maria Teresa Cybo-Malaspina in 1769, and in some towns, such as Bangor in North Wales (UK) and Middletown (Connecticut, USA), universities owe their existence to money generated by locallybased quarrying industries[2].

Because quarrying was often seasonal, or might not provide sufficient income by itself, quarry workers and their families often created dual economy settlements on upland small-holdings. Other distinctive types of upland accommodation might be barracks for free workers, often located near, or within, the quarry and away from other settlement. They are particularly a feature of the Welsh slate industry.

Accommodation for coerced labour is also evident in some places. The use of prisoners has been a feature of quarrying since Antiquity; it is recorded by Josephus (Yosef ben

[2] These are the University College of North Wales (now Bangor University) and Wesleyan University.

Matityahu) in Ancient Egypt (Josephus 1 26). The use of convicts and of the enslaved for unskilled work in quarries was revived in the Modern period. Examples are Dartmoor prison (UK) where conscientious objectors were put to work from 1917 to 1918, the Nazi-era Mauthausen concentration camp (Austria), one of several where 'incorrigible political enemies of the Reich' worked in quarries owned by Deutsche Erd- und Steinwerke GmbH (Kopalek 2013), and the World Heritage site of Robben Island (South Africa), where Nelson Mandela was put to work in a quarry.

Quarry- and stone-workers have frequently identified with progressive and radical politics. Generally, unionisation was common in industries such as stone quarrying where, by the late 19th century, competition was strong, the margins tight, and large capital investment in machinery drove down wages (Wood 2007). Within a non-revolutionary tradition, Welsh slate quarrymen's dedication to the values of Liberal protestant nonconformity is evident in their cabanau (lunchtime discussion places) and impressive workers' chapels as well as in the fabric of Bangor University, to which they contributed regularly. The revolutionary approach is evident in Carrara (Italy) where the Anarchist Federation of Italy has been located at Piazza Matteoti since 1944; the town is also home to an anarchist bookshop and has a memorial to the regicide Bresci. Carrara's marble quarrymen lived at a high altitude on a diet of bread, cheese, fruit and rainwater, which not only made them fiercely independent but also made them ill-disposed to the introduction of new machinery. They frightened respectable Yankee opinion when they emigrated to join the already multi-ethnic workforce in the quarries of the USA. Italian stonemasons built the Socialist Labor party block at 46 Granite Street, Barre (VT) in 1900, which is now a National (USA) Historic Landmark and the headquarters of the local Historical Society (Tomlinson 1854 'Marble'; Benjamin 1891; New York Times 19 January 1894; Scientific American 1902; Wood 2007).

End-use

The extent to which end-use of a particular stone is evident within a particular landscape that also includes the other elements identified above depends on the nature of the

stone and the markets it achieved. Stones can be, and often have been, exported world-wide. Any major city will include building elements from all over the world, chosen for reasons that might be pragmatic (cost and durability) or ideological (prestige, statement and identity).

Even so, and even in widely spread and highly organised states, it is rare for stones to be moved over great distances. Under the Roman empire, quarries were worked from Northumberland to Aswan, yet in most of the 719 sites which have been identified, production was distributed locally. In 151 cases, distribution was, or is believed to have been, regional, and only in 31 cases, was distribution inter-regional. These are mainly stones from Greece and the eastern provinces, though it is suggested that Caen stone was exported to Britain in this period (Russell, online gazetteer). Crosschannel distribution of British freestone in the Roman period may reflect the role of the classis Britannica, the provincial naval fleet of the empire (Heyward 2009). Professor Miles Lewis' discussion of stones used in early colonial Australia suggests that imports from Britain were common in the early days until suitable sources were identified nearby, and that thereafter only specialist stones were brought in over long distances. Even after the building of the transcontinental railways, timber (and brick) architecture continued to predominate in Siberia and the American West.

Examples of quarry landscapes where a particular stone was exported widely but has also shaped the immediate environment are Aberdeen, Bath and Carrara. The landscapes of North Wales demonstrate extensive use of locally-quarried slate not only for roofing but as a walling material, and in fences. Slate is also unusual in that its cost-to-weight-to-durability ratio means that it is worth exporting globally as a common element in building, and there is abundant evidence that slate from Wales and from France was to be found all over the world (Lindsay 1974; Soulez Larivière 1979)

Stone quarrying landscapes as World Heritage sites – some considerations

Can a stone quarry landscape be considered as a World Heritage site? If so, what Outstanding Universal Value or Values do they exhibit, and on what intellectual basis might inscription be possible? There are clearly many challenges to the process, not least the fact that there has hitherto been very little in the way of comprehensive study of the landscape-type, even though detailed research may tell us much about particular area, particular industries or particular historical periods. On the other hand, the fact that there is as yet no such site on the World Heritage list represents a significant thematic gap in view of the fundamental importance of this type of social and economic activity.

Although architectural ensembles are well represented on the World Heritage list, in very few cases does the inscription record a distinctive named stone from a located source as an element of its Outstanding Universal Value. One that does is the Tower of London (UK), with its walls of Kentish limestone and ashlars of stone from Caen. Though the inscription of Bath (UK) mentions Ralph Allen, as sponsor of the Palladian town, it does not make reference to his ownership of the quarries from which the town was remodelled. Yet clearly the decision to build in stone, and the choice of stone to be used, says much about the type of human society that made these settlements possible, and about the élites that were able to command these resources; the stone is therefore likely to be one of the fundamental Attributes which contribute to the Outstanding Universal Value of these existing World Heritage sites.

High-status architectural ensembles and élite buildings are, however, well represented on the World Heritage list, whereas sites of human industry still constitute a thematic gap.

Throughout history, stone quarrying has required those who work in it as an industry to evolve new skills in removing rock from the face, and to develop new techniques for transporting and processing it. Yet on the whole, the continuities within quarrying as an industry world-wide are more striking than change or innovation, at least until the 19th century. Foregoing sections (above) indicate just how conservative are the technologies

associated with quarrying. Cato the elder would have recognised and understood the operation of a small rural lime-kiln in early Victorian England. Marcus Aurelius Ammianos, to whom the 3rd century Phrygian stone saw-mill is credited, could have seen very similar machines at work in a Welsh slate quarry in the 1920s. Even when quarrying grows in scale in the 19th century, few of the technologies that are introduced are macro-inventions or derive from the industry itself. This is not to down-play the capacity of the stone industry to innovate in the Modern period, since the transfer of technology by identifying, choosing and adapting potentially useful systems from elsewhere is as much part of the skill of innovation as outright invention. A number of examples can be suggested.

One technology that the quarrying industry adapts in this period is the circular saw (and its renewable-tip version, the Hunter saw). This is clearly significant, but reflects developments in related areas, such as timber sawing. The multi-cellular Hoffmann kiln reflects contemporary developments in brick-making. Another example is the narrow-gauge railway, with the important additional factor that the way in which these systems were adapted to carry compact minerals in North Wales made them suitable for further adaptation world-wide, either as low-cost public railways, as industrial railways in other contexts, or as military railways. In this context, it is worth quoting the ICOMOS study Railways as World Heritage Sites – 'Railways have always been built as a means to some other end, and it would be fitting if this fact were reflected by the inclusion of railways as integral parts of locations designated as parts of World Heritage sites partly or chiefly for other reasons' (Coulls 1999).

More important to quarrying landscapes than engineering skills, and the capacity to adapt and invent, are the investment of physical strength and of craft skill on the part of the workers in quarries and in processing sites. The demands on workers in both respects were considerable, and the skills had to be acquired and perfected over many years. These are not easy to distinguish as visible Attributes within stone quarrying landscapes other than by the sheer scale of a quarry and the physicality of the site. However, skill as an Attribute may also be exemplified in the evident intellectual,

political or religious liveliness of quarry workers' communities and in the infrastructure that sustained it. A further Attribute of skill is the readiness of quarry workers to move from one part of the world to another, taking with them their prized knowledge of a particular type of rock and how to work it, and bequeathing evidence of their way of life in the host communities that received them. This is difficult to identify in pre-Modern quarrying but is well recorded from the 19th century onwards.

Skill as an Attribute may be found in the end-use of a stone product. In this sense it merges with the skill of the builder and of the architect, but what should be more clearly understood is that urban development relies not only on those who design and erect buildings but also on a much wider network of less well-acknowledged trades and crafts, including those associated with stone.

Proposed criteria for internationally significant quarrying landscapes

Quarrying landscapes are cultural landscapes, and as such may potentially fulfil one or more of the following criteria:

Criterion 1: a masterpiece of human creative genius

Although quarries are in a sense 'engineered' landscapes, they differ from (for instance) a major transport route in that they are gradually evolved over long periods of time. For this reason, evolving craft-skill and an affinity for the materials being quarried and worked are more important than individual creative genius. In addition, many of the technologies associated with quarrying have either evolved over very long periods of time or have been imported from other industries. Criterion 2: to exhibit an important interchange of human values, over a span of time or within a cultural area of the world, on developments in architecture or technology, monumental arts, townplanning or landscape design

This criterion may potentially apply to many significant quarrying landscapes, given that they are often the result of a lengthy process, sometimes extending over millennia, which reflects social context as well as geological opportunity. They also nurture a skilled workforce that can sell their labour and their knowledge in other parts of the world. The choice of a particular stone, and the resources available to quarry, process and transport it, has exerted a profound influence on sculpture, architecture, town planning and bridge-building. Where a particular stone is exported world-wide and has had a distinctive impact on architecture and town- and city-scapes, this criterion might apply.

Criterion 3: to bear a unique or at least exceptional testimony to a cultural tradition or to a civilization which is living or which has disappeared

The quarrying and processing of stone is in many cases skilled work, and as such can promote strong cultural traditions amongst its workforce, based around shared values and skills. This is most apparent amongst skilled sculptors and monumental masons but is also true of the ordinary qiuarry worker. Conversely, some forms of stone quarrying call for physically demanding but unskilled labour, which has meant that in many cases, and from earliest times to the present day, coerced labour has been a feature of the industry.

Criterion 4: to be an outstanding example of a type of building, architectural or technological ensemble or landscape which illustrates (a) significant stage(s) in human history

This criterion may apply to certain quarries as technological ensembles, though it is noted above that on the whole quarrying technologies are imported from other industries.

Criterion 5: to be an outstanding example of a traditional human settlement, land-use, or sea-use which is representative of a culture (or cultures), or human interaction with

the environment especially when it has become vulnerable under the impact of irreversible change

This criterion may apply when quarrying is on a significant scale and has generated a workforce with its own strong cultural traditions, and has exerted a profound influence on the surrounding environment, through working and processing the rock, and though the building of transport systems and workers' settlements.

Criterion 6: to be directly or tangibly associated with events or living traditions, with ideas, or with beliefs, with artistic and literary works of outstanding universal significance. (The Committee considers that this criterion should preferably be used in conjunction with other criteria)

This criterion might potentially apply to stone quarrying landscapes associated with sculptural masterpieces. The criteria in practice – some significant quarrying landscapes

Note that these are purely indicative suggestions at this stage, to stimulate discussion at the TICCIH Teruel meeting. It includes a worked example by the present author, namely the Gwynedd (UK) slate industry – DG

Case 1. Caen stone quarries, France – medieval sites, Norman architectural 'signature' extending to London and to Durham

The stone quarries of Caen are suggested for inclusion in this study as evidence of the quarrying, distribution and use in high-status structures of a type of stone associated with one particular power-group.

Case 2. Carrara marble quarries, Italy – long-established sites with transport systems

The Carrara marble quarries are suggested for inclusion in this study for their longevity as an industry, their association with high-status buildings and artistic works, for their

spectacular location, for their remarkable transport systems and for their radical workforce.

Case 3. Portland stone quarries, England – producer of building stone with international distribution

The Portland stone quarries are suggested for inclusion in this study as an industry that was already active in the Medieval period, for their association with important buildings and memorials and for the way in which they developed with the availability of highly engineered technology in the 19th century.

Case 4. Bath stone quarries, England – producer of building stone for World Heritage city

The Bath stone quarries have been exploited from early times but are particularly associated with the important and innovative technologies introduced by Ralph Allen, such as carnage and the use of railways. These quarries were used to build the World Heritage city of Bath.

The Bath quarries are suggested for inclusion in this study for their innovative technologies and their association with the city of Bath.

Case 5. Brownstone quarries, Basswood Island (Wisconsin), Hummelston (Pennsylvania), Portland (Connecticut), USA

These brownstone quarries are suggested for inclusion in this study as evidence of the movement of skills and population, the development of educational facilities and of end-use over the world.

Case 6. Anjou slate quarries, France – producer of roofing elements with international distribution

The slate quarries of Anjou were active from the late Medieval period to 2013, when the last operation closed down. The many quarries were initially worked as pits but came to be worked underground in the 19th century. Their products were to be found over northern Europe and beyond.

The slate quarries of Anjou are suggested for inclusion in this study as evidence for quarrying techniques, for the evolution of a skilled and radical working class

Case 7. Pentelikon marble quarries, Greece – ancient sites associated with Parthenon and Periclean Athens

The Pentelikon quarries were the source of the high-quality marble known in the 6th century BC but which was extensively worked to supply the Periclean rebuilding of Athens in the following century. It was used not only on the Parthenon and Propylaea but also on the temple of Hephaestos and later in the Olympeion and the Stoa of Attalus. It was also used for the arch of Titus in Rome and for the production of sarcophagi. The Lithagogia route has recently been identified archaeologically.

The Pentelikon quarries are suggested for inclusion in this study for their association with an historic city, as an ancient site, and for the archaeological evidence for an ancient transport route.

Case 8. Aberdeen granite quarries, Scotland – producer of building stone with international distribution

The Aberdeen granite quarries are suggested for inclusion in this study for their adoption of polishing machinery, steam-power and innovative overhead rope-way technology.

Case 9. St Petersburg quarries, Russian Federation – sites associated with building of modern town on territory captured from the Swedes

Suggested here as a possibility which could explore the use of quarried stone on a largely new-build but highly significant European city, under the patronage of Peter the Great.
Case 10. Egyptian stone quarries at Aswan, Gebel el Ahmar, Gebel Silsileh – ancient sites associated with Nile valley culture

The majority of these quarries lie in the Nile valley and have been extensively studied though are still considered poorly understood. Hard and soft stone quarrying is well attested in the Pharaonic era, and recent research has re-addressed the use of stone tools, the use of fire-setting, the development of specific quarrying skills and the formation of a skilled work-force based around kin-groups.

The Egyptian stone quarries at Aswan, Gebel el Ahmar and Gebel Silsileh are suggested for inclusion in this study as ancient sites associated with the Nile valley culture and the production of sculptures and obelisks.

Case 11. Stone quarries in Malta – Punic and Roman quarries with extensive cart rut-way transport systems

The stone quarries of Malta have been exploited since Prehistoric times, and several remain in active production. A distinguishing feature is the use of a cart-rut guided transport system, or uncertain date.

The stone quarries of Malta are suggested for inclusion in this study as ancient sites with an enigmatic early guided transport system.

Case 12. Barre granite quarries, Vermont, USA – producer of building stone

The Barre quarries are suggested for inclusion in this study for the international movement of labour, exemplified by the Socialist Labor party block at 46 Granite Street.

Case 13. Gwynedd slate industry, UK – producer of roofing elements with international distribution

The slate industry of Gwynedd (north-west Wales) encompasses many hundreds of sites, not only quarries but also mills to process slates and slabs, roads and narrow-gauge railways to transport them, and workers' settlements. However, the industry has historically been concentrated in four areas. These are: the Ogwen valley, where in the eighteenth century the huge Penrhyn quarry reaped the benefit of re-investment from its owner's West Indian sugar plantations and remains in active production; Nantperis, dominated by the Dinorwic quarry, where the elaborate former engineering workshops are now the National Slate Museum; Nantlle-Moel Tryfan (where quarrying dates to the Medieval period); and Blaenau Ffestiniog, where Llechwedd quarry is both still in active production and operates an underground visitor attraction which brings to life the way slate was won. There were also smaller 'outlier' groups of quarries elsewhere, such as around Porthmadog, and Talyllyn, Corris and Dinas Mawddwy in the southern part of the county.

Methods of extraction vary considerably, including stepped gallery workings at Penrhyn and Dinorwic, open pits at Nantlle and mining at Ffestiniog, what is apparent in all but the very smallest workings is their sheer landscape impact, particularly of the tips where unworkable rock was dumped. The mountainous landscape of Gwynedd displays them to good advantage, but quarries also contain smithies, workshops, locomotive sheds, offices, hospitals and barracks. Even in ruin, these exhibit their form and design, as well as their use and function, as components of the broader industrial landscape. Landed or banking capital is evident in some of the major buildings of the industry, such as the Dinorwic workshops and the slab mills associated with Penrhyn and Gorsedda quarries, but the skilled work of the quarryman is evident in the way in which the rock-face was worked and in the rudimentary shelter where he reduced and split the raw blocks, just as his fondness for discussion, debate and singing is evident in his caban (lunch-time meeting place).

Until the early nineteenth century, the industry was characterised by low levels of technology. Slates are split by hand tools to this day, although initial reduction of the raw slate blocks came into general use from 1803. The most remarkable slate mill is at Ynys y pandy, designed on the lines of an industrial foundry, and erected in 1856-7 to serve Gorsedda quarry; it has been conserved and Scheduled as an Ancient Monument. Other examples of technical diffusion from outside the area include the remains of the Cornish water-driven pumping system of the 1840s at Pen y Bryn quarry in Nantlle and the iconic Cornish pumping engine installed at the nearby Dorothea quarry in 19041906, which survives complete; the Scottish blondin ropeway systems at two Nantlle quarries; and early hydro-power stations at Llechwedd and Maenofferen quarries in Ffestiniog, reflecting developments in Central Europe.

Water-power was central to the industry, reflected in the restored iron suspension wheel, built locally in Caernarfon in 1870 which drove the machinery in the Dinorwic quarry workshops and the 19th century water-balance shafts preserved at Penrhyn quarry. Water-wheels and water-channels aid understanding of how a quarry functioned by showing how a mountain reservoir might power a sequence of machines.

Transport of the finished slate to ports and harbour or later to a main-line rail-head was achieved by pack-horse routes, cart-roads and railway (as well as one very short canal). Rail transport, both for internal movement and to take the finished product to navigable water or to a main-line railway, was all-important from the early 19th century until lorries and bulldozers began to take over in the mid-20th century. Within the quarries themselves, the course of the railway lines, above all the massively-engineered inclined planes, indicate process flow, from the workings to the tips or to the mills and to the stack-yards, then away from the quarry to navigable water or to a main line. Overland transport routes include the Ffestiniog Railway, which adapted the engineering of the sinuous contour mineral line for steam operation and public carriage in the period 1860-1870, becoming a model adopted world-wide, and the Talyllyn, the first one to be purpose-built for steam traction and passenger transport. Both these railways were

revived in the 1950s as heritage attractions, and now constitute some of the most completely preserved Victorian railway ensembles in the world.

The quarry workers' distinctive settlements all date from the 19th century. They include settlements sponsored by patrician owners, such as Mynydd Llandygái for Penrhyn quarrymen and their families, scattered moorland cottages, such as those of Moel Tryfan which inspired the fiction of the Welshlanguage author Kate Roberts, and nucleated settlements which were created by their own working populations, such as Bethesda and Blaenau Ffestiniog. Tan y Grisiau, Nantlle and Abergynolwyn constitute 'company villages'. In every case, these settlements retain their distinctive way of life even where the industry has disappeared, and remain vibrant communities where the Welsh language remains strong. Blaenau and Bethesda are still home to working quarrymen. Substantial and ornate workers' chapels survive, many of which are still places of worship.

There is public access to several of the homes and gardens of the patrician owners of the slate quarries. The huge neo-Norman Penrhyn castle is owned by the National Trust and is open to the public. The grounds of Glynllifon, the former home of the quarry-owner Lord Newborough, form a county park. Plas Tan y Bwlch, once home to the owners of the largest Ffestiniog quarries, is now the Snowdonia National Park Study Centre, which promotes public courses on the history and industrial archaeology of the industry. Its many historians, sociologists and archaeologists have benefited from knowledge-transfer from those who have worked in the quarries.

Even though Gwynedd slate was exported world-wide, its end use is also evident locally in its ingenious use in fencing, architectural slab-work, civil engineering and art, as well as on roofs.

David Gwyn

Case 14. Robben Island, South Africa – 17th century colonial quarries, prison labour

The Robben island quarries are suggested for inclusion in this study as examples of early European exploitation of natural resources in an imperial context and for the use of coerced labour in a quarry environment.

Case 15. Rajnagar marble quarries and Kishangarh saw-plant, Rajasthan, India – major modern industry with deep historical roots

The Rajnagar marble quarries and Kishangarh saw-plant are suggested for inclusion in this study for the antiquity and modern-day scale of extraction and processing.

Conclusions

For discussion among TICCIH delegates at Teruel, October 2014 Correspondents

This draft has benefited greatly from discussion with:

Sir Neil Cossons Stephen Hughes, Royal Commission on the Ancient and Historic Monuments of Wales Dr M.J.T. Lewis Dr Ben Russell, University of Edinburgh Dr Colin Rynne, University College, Cork Dr Peter Stanier

Select bibliography

Attanasio, D (2003), Ancient White Marbles: Analysis and Identification by Paramagnetic Resonance Spectroscopy, Volume 1 (Rome 2003) Ausonius, D. Magni Ausoni Burdigalensis Opera Omnia, vol 2. London, 1823 Benjamin, S G W (1891), 'The Granite Quarries of the New England Coast' in Harper's Weekly, 35 1777, 29-31. Burford, A (1960), 'Heavy Transport in Classical Antiquity' in Economic History Review 2nd series 13, 1-18 Cato, M P, De Agricultura Coulls, A (1999), Railways as World Heritage Sites. Paris: ICOMOS Coulton, J J (1974), 'Lifting in Early Greek Architecture' in Journal of Hellenic Studies 94, 1-19 Dale, T N (1912), The Commercial Marbles of Western

Vermont. Washington: Government Printing Office Dix, B (1979), 'Roman Lime Burning' in Britannia 10, 261-2 Dix, B (1982), 'The Manufacture of Lime and its Uses in the Western Roman Provinces' in Oxford

Archaeological Journal 1, 331-45 Donelly, T (1979), 'Structural and Technical Change in the Aberdeen Granite Quarrying Industry 1830-1880' in Industrial Archaeology Review 3 3, 228-238 Ewans, M C (1977), The Haytor Granite Tramway and Stover Canal. Newton Abbot: David and Charles Fitzgerald, R S (1990), 'The Anatomy of a Victorian Crane: the Coburg Boiler Shop Crane and its Technological Context' in Industrial Archaeology Review 12 2, 185-204 Gamst, F C (1997) (ed), Early American Railroads: Franz Anton Ritter von Gerstner's Die innern Communicationen (1842-1843). Stanford: Stanford University Press Grewe, K (2009), 'Die Reliefdarstellung einer antiken Steinsägemaschine aus Hierapolis in Phrygien und ihre Bedeutung für die Technikgeschichte' in Bachmann, M (ed.), Bautechnik im Antiken und Vorantiken Kleinasien, Byzas 9. Istanbul: Ege Yayinlari, 429-455 Hayter, H (1875-6), 'Holyhead New Harbour' in Minutes of the Proceedings of the Institute of Civil Engineers 44 Hayward, K (2009), Roman Quarrying and Stone Supply on the Periphery — Southern England: a Geological Study of First-Century Funerary Monuments and Monumental Architecture. Oxford: British Archaeological Reports, British Series 500. Archaeopress Hindley PG (1986), 'The Penmaenmawr Quarry Inclines', Industrial Railway Record, 173-193 Jackson, BL (1999), Isle of Portland railways Volume 1 The Admiralty and Quarry Railways. Usk: Oakwood Johnson, D (2002), 'Friedrich Edouard Hoffmann and the Invention of Continuous Kiln Technology' in Industrial Archaeology Review XXIV 2, 119-132. Josephus, T F (Yosef ben Matityahu), Contra Apionem Klemm, Dietrich D and Klemm, R (2201), 'The building stones of ancient Egypt – a gift of its geology' in African Earth Sciences 33 631–642 (http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.111.9099&rep=rep1&type=pdf) Kopalek, T (2103), Die Deutsche Erd- und Steinwerke GmbH am Mauthausen-Gusen 1938-1945. University of Vienna, Mag. Phil. thesis Korres, M (1993), Apo t n entel ston art en na: Ta archaia latomeia kai he historia enos mitelo s d riko kionokrano to pr to marmarino art en nos. Athens: Melissa Lewis, M J T (1970), Early Wooden

Railways. London: Routledge and Kegan Paul Lewis, M J T (1994), ‘The Origins of the Wheelbarrow’ in Technology and Culture, 35 3, 453–475 Lewis, M J T (2001), ‘Railways in the Greek and Roman World’ in Early Railways. London: Newcomen Society Lewis, M J T and Williams, M C (1987), Pioneers of Ffestiniog Slate. Maentwrog: Snowdonia National Park Lindsay, J (1974), A History of the North Wales Slate Industry. Newton Abbott: David and Charles Malacrino, C G (2010), Constructing the Ancient World: Architectural Techniques of the Greeks and Romans. Getty Publications Mangartz, F (2010), Die byzantinische Steinsäge von Ephesos – Baubefund, Rekonstruktion, Architekturteile. Österreiches Akademie der Wissenschaften Mottershead, D, Pearson, A and Schaefer, M (2008), ‘The cart ruts of Malta; an applied geomorphological approach’ in Antiquity 82, 1065-1079 Moorhouse, S (1990), 'The quarrying of stone roofing slates and rubble in West Yorkshire during the Middle Ages' in Parsons D qv, 126-145 Mountford, C (2013), Rope and Chain Haulage: The Forgotten Element of Railway History. Melton Mowbray (UK): Industrial Railway Society Needham, J (1971), Science and Civilisation in China 4, Physics and Physical Technology, Pt. 3. Civil Engineering and Nautics (with the collaboration of Wang Ling and Lu Gwei-djen). Cambridge: Cambridge University Press Newby, F (2001), Introduction to Early Reinforced Concrete. Aldershot: Ashgate, xiii-xxxv

Parsons, D (ed.) (1990), Stone Quarrying and Building in England AD43-1525. Chichester: Phillimore Pearson, A (2006), The Work of Giants: Stone Quarrying in Roman Britain. NPI Media Phillips, J (1996), ‘Quarry Houses on the Isle of Purbeck, Dorset’ in Bulletin of the Peak District Mining History Society 13 2, 155-162 Pliny, Historia Naturalis Protzen, J P (1985), ‘Inca Quarrying and Stone Cutting’ in The Journal of the Society of Architectural Historians 44 2 Raepsaet, G (1984), ‘Transport des tambours de colonnes du Pentélique à Eleusis au IVe siècle avant notre ère’, in L’Antiq ité Classiq e 53, 101-36. Ramelli, A (1588), The various and Ingenious machines of Agostino Ramelli. New York: Dover (trans of Le diverse et artificiose machine del Capitano Agostino Ramelli) Redvers-Higgins, N, Willies, L and Wain, I (2011), 'Finished Labour of a Thousand Hands': The Archaeology of the Combe Down Stone Mines, Bath, Somerset. Oxford: Oxford Archaeology Monograph Rochefort, A.J. de (1672), Paris et ses environs. Paris Rynne, C (2006), Industrial Ireland 1750-1930 An Archaeology. Cork: Collins Press Scheibner, C P (1891), ‘The Carrara-

Marble District Railway' in Minutes of the Proceedings of the Institution of Civil Engineers 103 1891, 342-351 Scientific American, The Carrara Marble Industry' in Scientific American 54 1376, 17 May 1902 Soulez Larivière, F (1979), Les Ardoisières d'Angers. Angers: Prestograph Stanier, P (1995), Quarries of England and Wales. Truro: Twelveheads Press Tomlinson, C (1854), Cyclopaedia of Useful Arts. London and New York: Virtue Van der Veen, M (1997), 'High living in Rome's distant quarries' in British Archaeology 28 Van Laun, J (2001), Early Limestone Railways. London: Newcomen Society Vitruvius, De Architectura, Book 10, chapter 2, 2-14 Voisin, L. 1987. Les Ardoisières de l'Ardenne. Charleville-Mezières: Editions Terres Ardennais. Wood, P (2006a), 'Tools and Machinery of the Granite Industry' in The Chronicle of the Early American Industries Association 59 2, 37-52 Wood, P (2006b), 'Tools and Machinery of the Granite Industry' in The Chronicle of the Early American Industries Association, 59 3, 81-96 Wood, P (2006c), 'Tools and Machinery of the Granite Industry' in The Chronicle of the Early American Industries Association 59 4, 130-151 Wood, P (2006d), 'Tools and Machinery of the Granite Industry' in The Chronicle of the Early American Industries Association 60 1, 10-32

Online resources

Lewis M Australian Building http://www.mileslewis.net/australian-building/

Russell, BJ Gazetteer of Stone Quarries in the Roman World. Version 1.0. www.romaneconomy.ox.ac.uk/databases/stone_quarries_database/

Enciclopedia Italiana 1934 http://www.treccani.it/enciclopedia

(End of document)

Author: Dr David Gwyn, Govannon Consultancy, Nant y Felin, Ffordd Llanllyfni, Pen y Groes, Caernarfon, Gwynedd, LL54 6LY, UK

+44 (0)1286 881857

govannonconsult@hotmail.com

ANEXO III- Tipos de Calcários do maciço anelar do sub-vulcânico de Sintra, REGIÃO DE Pero Pinheiro: Zona geográfica das Uniões de Freguesias do Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar

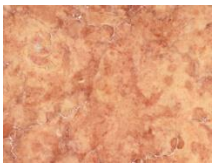
Baseado nas fichas do Instituto Nacional De Engenharia Tecnologia e Inovação, I.P.

Disponivel em :http://rop.lneg.pt/rop/FormTipo.php. Consultado em 15 de Maio de 2017

Nome	**ENCARNADÃO**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino rosado, bioclástico a bioconstruído, abundantemente fossilífero, com muitos estilólitos, em geral cerrados, e esparitizado.
Descrição	
Microcóspica	Calcário bioclástico a bioconstruído muito esparitizado (Bioesparite).

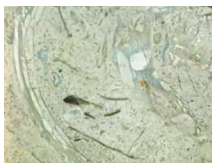
Nome	**ENCARNADÃO 'CHAINETTE'**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino de tonalidade arroxeada com manchas amareladas, bioclástico a bioconstruído, abundantemente fossílifero, com muitos estilólitos, em geral cerrados, e muito esparitizado.
Descrição	
Microcóspica	Calcário bioclástico a bioconstruído muito esparitizado (Bioesparite).

Nome	**ENCARNADÃO DE LAMEIRAS**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino rosado com vénulas rosa salmonado e elementos grosseiros, bioclástico a bioconstruído, com muitos estilólitos, em geral cerrados, e esparitizado e tectonizado.
Descrição	
Microcóspica	Calcário bioclástico a bioconstruído muito esparitizado (Bioesparite).



Nome	**ENCARNADO DA PEDRA FURADA =VIDRAÇO DA PEDRA FURADA**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino de cor geral encarnada com manchas salmonadas ou amarelo-alaranjadas e elementos grosseiros, essencialmente bioclástico, esparitizado, com zonas recristalizadas e estilólitos finos.
Descrição	
Microcóspica	Calcário bioclástico esparitizado com zonas recristalizadas (Bioesparite).

Nome	**LIOZ**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino bege, grosseiro, bioclástico e calciclástico, com estilólitos raros e cerrados.
Descrição	
Microcóspica	Calcário biocalciclástico a bioconstruído muito esparitizado (Biosparite-microsparite).



Nome	**LIOZ AZULINO = AZULINO DE MACEIRA**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino cinzento-azulado, bioclástico e calciclástico, com elementos grosseiros, esparitizado, com zonas recristalizadas e com estilólitos raros e cerrados.
Descrição	
Microcóspica	Calcário biocalciclástico a bioconstruído muito esparitizado (Bioesparite-microsparite).

Nome	**ST. FLORIENT ROSE = ABANCADO ST. FLORIENT**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino bege e rosado, bioclástico e calciclástico, com elementos grosseiros e alguns estilólitos, esparitizado
Descrição	
Microcóspica	Calcário biocalciclástico a bioconstruído esparitizado (Bioesparite).

Nome	**ABANCADO = LIOZ ABANCADO**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino rosado, bioclástico a bioconstruído, abundantemente fossilífero, com bastantes estilólitos, alguns deles semi-abertos, e esparitizado.
Descrição	
Microcóspica	Calcário bioclástico a bioconstruído muito esparitizado (Biopelesparite).

Nome	**AMARELO DE NEGRAIS**
Descrição	
Macrocóspica	Calcário microcristalino amarelo dourado, calciclástico e bioclástico, com elementos grosseiros e levemente tectonizado.
Descrição	
Microcóspica	Calcário biocalciclástico com zonas de microesparite suja (Bioesparite).

Outros tipos de calcários da noza zona de estudo que não estão devidamente documentados e ou catalogados: AMALISCARADO, ENCARNADO MORELENA, ENCARNADO NEGRAIS, ST. FLORIENT MADEIRA

ANEXO IV- Imprensa 1935-2010

Figura 1- “Mármores”, Jornal de Sintra, nº 73 Ano II, p. 3, 2 junho 1935.

Figura 2- “As ricas pedreiras de Pero Pinheiro”, Jornal de Sintra, p. 1, nº 147, Ano III, 15 novembro 1936.

Figura 3- “Companhia Portugueza de Marmores e Cantarias”, Jornal de Sintra, nº 153, p.10, 15 novembro 1936.

Figura 4- “Mármores de Pero Pinheiro”, Jornal de Sintra, nº 257, 8 janeiro 1939.

Figura 5- “Na região do Mármore”, Jornal de Sintra, nº 291, 24 setembro 1939.

Figura 6- “Pero Pinheiro- Grande centro industrial e umas das regiões mais ricas de Portugal”, Ecos de Sintra, nº 478-79 A, 10 junho 1946.

Figura 7- “A indústria dos Mármores e Cantarias”, Jornal de Sintra, nº 799, Ano X, p. 1, 15 maio 1949.

Figura 8- “A Freguesia de Montelavar”, A Voz de Sintra, nº 72, Ano II, p.1, 28 março 1953.

Figura 9- “A Freguesia de Montelavar”, A Voz de Sintra, nº 72, Ano II, p.4, 28 março 1953.

Figura 10- “A Freguesia e o lugar de Montelavar”, A Voz de Sintra, nº 75, Ano II, 18 abril 1953.

Figura 11- “Montelavar- A sua Junta de Freguesia”, A Voz de Sintra, nº 76, Ano II, p.1, 25 abril 1953.

Figura 12- “Montelavar- A sua Junta de Freguesia”, A Voz de Sintra, nº 76, Ano II, p.5, 25 abril 1953.

Figura 13- “A Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 77, Ano II, p.1, 2 maio 1953.

Figura 14- “A Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 77, Ano II, p.5, 2 maio 1953.

Figura 15- “A Notável Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro- A extracção dos blocos”, A Voz de Sintra, nº 79, Ano II, p.1, 16 maio 1953.

Figura 16- “A Indústria dos Mármores Regionais”, A Voz de Sintra, nº 79, Ano II, p.3, 16 maio 1953.

Figura 17- “A Notável Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 80, Ano II, p.1, 23 maio 1953.

Figura 18- “Mármores em Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 80, Ano II, p.3, 23 maio 1953. (ao verificarmos a data da figura anterior, a data é 23 maio 1953 e não 25 maio 1953).

Figura 19- “A importante indústria dos Mármores em Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 81, Ano II, p.1, 30 maio 1953.

Figura 20- “Mármores de Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 81, Ano II, p.3, 30 maio 1953.

Figura 21- “A indústria dos Mármores em Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 82, Ano II, p.1, 6 junho 1953.

Figura 22- “A Grande Indústria de Mármores de Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 82, Ano II, p.3, 6 junho 1953.

Figura 23- “A indústria de Mármores em Morelena-Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 84, Ano II, 20 junho 1953.

Figura 24- “A indústria de Mármores em Maceira-Pero Pinheiro”, A Voz de Sintra, nº 85, Ano II, 27 junho 1953.

Figura 25- “A Arte da Pedra na região de Pero Pinheiro – José Raimundo, canteiro-escultor”, A Voz de Sintra, nº 87, Ano II, p.1, 11 julho 1953.

Figura 26- “A arte da pedra”, A Voz de Sintra, nº 87, Ano II, p.4, 11 julho 1953.

Figura 27- “A Grande Indústria de Mármores em Fação-Lameiras (Pero Pinheiro)”, A Voz de Sintra, nº 92, Ano II, p.1, 22 agosto 1953.

Figura 28- “A Indústria de Mármores em Fação-Lameiras (Pero Pinheiro)”, A Voz de Sintra, nº 92, Ano II, p.3, 22 agosto 1953.

Figura 29- “Pero Pinheiro e a industria da pedra- Capitulo I : A terra e a indústria”, Jornal de Sintra, nº 519, Ano XI, 11 maio 1944.

Figura 30- “Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo II: A terra e a indústria”, Jornal de Sintra, nº 530, Ano XI, 18 maio 1944.

Figura 31- “Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo III: A terra e a indústria”, Jornal de Sintra, nº 531, Ano XI, 11 junho 1944.

Figura 32- “Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo IV: Valor social da pedra”, Jornal de Sintra, nº 533, Ano XI, 18 junho 1944.

Figura 33- “Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo V: Valor social da pedra”, Jornal de Sintra, nº (?), Ano XI, 14 junho 1944.

Figura 34- “Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo VI: Valor social da pedra”, Jornal de Sintra, nº (?), Ano XI, 2 julho 1944.

Figura 35- “Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo VII: Valor social da pedra”, Jornal de Sintra, nº (?), Ano XI, 9 julho 1944.

Figura 36- “Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro - Capitulo I”, Jornal de Sintra, nº 1141, Ano XII, p.3, 25 dezembro 1955.

Figura 37- “Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro - Capitulo II”, Jornal de Sintra, nº 1143, Ano XIII, p.4, 15 janeiro 1956.

Figura 38- “Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro - Capitulo III”, Jornal de Sintra, nº 1144, Ano XIII, p.3, 22 janeiro 1956.

Figura 39- “Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro- Capitulo IV”, Jornal de Sintra, nº 1145, Ano XIII, p.11, 27 janeiro 1956.

Figura 40- “Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro- Capitulo V”, Jornal de Sintra, nº 1146, Ano XIII, p.3, 5 fevereiro 1956.

Figura 41- “Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro”, Jornal de Sintra, nº 1147, Ano XIII, p.5, 12 fevereiro 1956.

Figura 42- “Concentração dos trabalhadores das pedreiras de carenque”, Jornal Avante, nº 249, Ano 27- série VI, p.3, 2ª quinzena de fevereiro 1958. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 43- “Os trabalhadores lutam”, fevereiro 1958 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 44- “Solidariedade aos grevistas da região de Pero Pinheiro! Reforçar e Alargar a Luta: Eis o caminho”, 22 maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 45- “Como vivem e lutam os trabalhadores”, maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 46- “Operários e Camponeses”, maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 47- “Os canteiros de Pero Pinheiro lutam e vencem”, maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 48- “Paralização na Pardal Monteiro”, Jornal Avante, p.5, novembro, ano (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 49- “Trabalhadores de Lisboa”, maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 50- “Trabalhadores das linhas de Cascais e Sintra, do Baixo e Alto Ribatejo!”, p.1, 21 maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 51- “Trabalhadores das linhas de Cascais e Sintra, do Baixo e Alto Ribatejo!”, p.2, 21 maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 52- “5 mil grevistas em Pero Pinheiro lutam por 10 escudos de aumento!”, maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 53- “A classe operária luta por melhor salários”, maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 54- “Em marcha para a jornada do 1º de maio”, 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 55- “5 mil grevistas em Pero Pinheiro lutam por 10 escudos de aumento”, Jornal Avante, nº 334, Ano 34- série VI, junho 1965. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Figura 56- «Algumas notas e questões sobre os "Mármores"», Jornal de Sintra, nº 2756, Ano 54, p.5, 27 novembro 1987.

Figura 57- "Festejos de Montelavar apostam no seu mármore", Correio da Manhã, 25 setembro 1989.

Figura 58- "Mármore português- uma indústria em franca expansão", Jornal Sintra Ilustrado, p. 8 12 outubro 1989.

Figura 59- "Centro de Escultura mostra nascimento de preciosidades em pedra", A Capital, p.10, 30 novembro 1992.

Figura 60- "Centro de Escultura mostra nascimento de preciosidades em pedra", A Capital, p.11, 30 novembro 1992.

Figura 61- "Centro de Escultura mostra nascimento de preciosidades em pedra", A Capital, p.12, 30 novembro 1992.

Figura 62- "Mármoremoto", Jornal A Pena, nº 8, p.2, 8 abril 1993.

Figura 63- "Mármoremoto", Jornal A Pena, nº 8, p.3, 8 abril 1993.

Figura 64- "Falências à vista", Jornal A Pena, nº (?), p.3, 14 outubro1993.

Figura 65- "Mármores vão escapar à crise", Jornal A Pena, nº 44, p.14, 21 janeiro 1994.

Figura 66- "Mármores vão escapar à crise", Jornal A Pena, nº 44, p.15, 21 janeiro 1994.

Figura 67- "Os granitos, as rochas ornamentais e os mármores de Sintra", Jornal Sintra Ilustrado, p.5, 27 julho 1994.

Figura 68- "Entre as casas e as pedras", Jornal de Sintra, nº 3097, p.2, 24 fevereiro 1995.

Figura 69- "Retalhos de Pedra", Jornal A Pena, nº 110, p.11, 12 maio 1995.

Figura 70- "Pedras semi-preciosas", Jornal A Pena, nº 183, p.18, 15 novembro 1996.

Figura 71- "O sector das rochas ornamentais, que soluções?", Câmara Municipal de Sintra, p.33, 10 novembro 1997.

Figura 72- "O sector das rochas ornamentais, que soluções?", Câmara Municipal de Sintra, p.34, 10 novembro 1997.

Figura 73- "À espera do futuro", Jornal A Pena, nº 253, p.12, 16 abril 1998.

Figura 74- "História que a rocha conta", Jornal A Pena, 1 outubro 1998.

Figura 75- "Canteiros do mármore em pero Pinheiro em vias de extinção", Jornal de Sintra, nº 3267, p.7, 31 julho 1999.

Figura 76- “Canteiros do mármore em Pero Pinheiro em vias de extinção”, Jornal de Sintra, nº 3267, p.8, 31 julho 1999.

Figura 77- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.26, 19 fevereiro 2000.

Figura 78- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.28, 19 fevereiro 2000.

Figura 79- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.30, 19 fevereiro 2000.

Figura 80- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.30, 19 fevereiro 2000.

Figura 81- “Industriais dos mármores querem aterro para lodos”, Jornal de Sintra, nº 3343, p.11, 25 fevereiro 2000.

Figura 82- “Canteiros e Cantarias”, Jornal da Região Sintra, p.5, 25 março 2003.

Figura 83- “As pedras voadoras”, p. 27, datado á mão 12 junho 2003, PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista (?). Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar. Montelavar.

Figura 84- “Lamas com solução provisória”, Jornal da Região Sintra, nº 404, Ano IX, p.1, 24 maio 2005.

Figura 85- “Os mármores da zona de Pêro Pinheiro”, Jornal de Sintra, nº 3649, Ano 73, p.6, 26 maio 2006.

Figura 86- “Os mármores da zona de Pêro Pinheiro”, Jornal de Sintra, nº 3649, Ano 73, p.7, 26 maio 2006.

Figura 87- “Inaugurado aterro de lamas no Alto dos Peniscos”, Jornal de Sintra, nº 3656, Ano 73, p.6, 14 julho 2006.

Figura 88- “Uma arte em vias de extinção”, Jornal da Região Sintra, nº 97, Ano XI, p.8, 25 setembro a 1 outubro 2007.

Figura 89- «“O meu trabalho é dar beleza ao mármore da nossa região”», Jornal de Sintra, nº 3766, Ano 75, p.2, 14 novembro 2008.

Figura 90- «“O meu trabalho é dar beleza ao mármore da nossa região”», Jornal de Sintra, nº 3766, Ano 75, p.3, 14 novembro 2008.

Figura 91- “Crise acentua-se no sector dos mármores”, Jornal da Região Sintra, nº 162, Ano XIII, p.6, 17 a 23 fevereiro 2009.

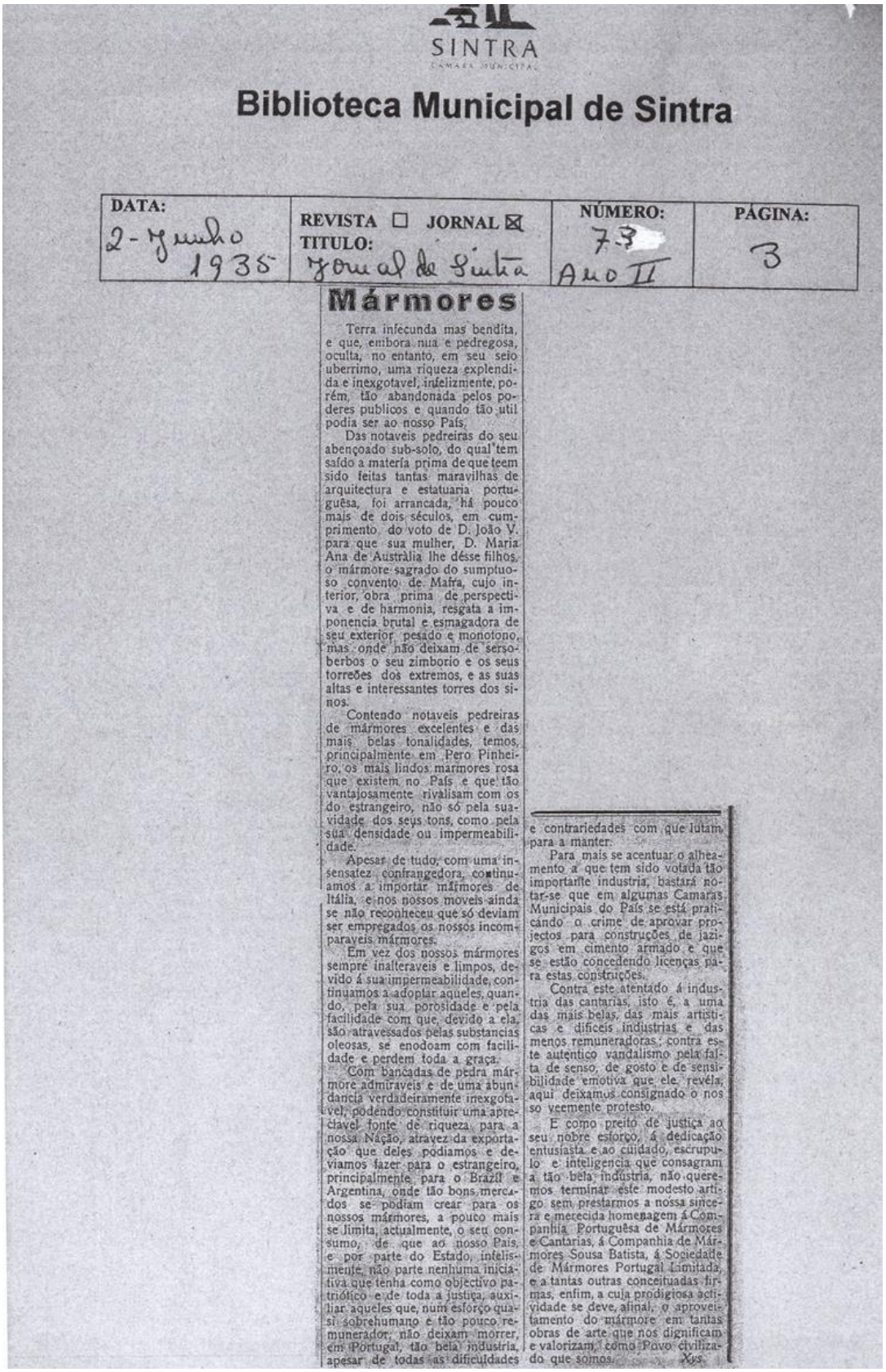
Figura 92- “Crise acentua-se no sector dos mármores”, Jornal da Região Sintra, nº 162, Ano XIII, p.7, 17 a 23 fevereiro 2009.

Figura 93- “Pêro Pinheiro celebra aniversário com crise nos mármores”, Jornal Correio de Sintra, nº 2, p.8, 16 março 2010.

Figura 94- “Crise acentua-se no sector dos mármores”, Jornal de Sintra, nº 3856, p.3, 1 outubro 2010.

Figura 95- “Urgente a criação de uma escola de canteiros”, Jornal de Sintra, nº 3868, p.7, 24 dezembro 2010.

Figura 1- “Mármores”, Jornal de Sintra, nº 73 Ano II, p. 3, 2 junho 1935.



SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
2 - Junho 1935	Jornal de Sintra	73 Ano II	3

Mármores

Terra infecunda mas bendita, e que, embora nua e pedregosa, oculta, no entanto, em seu seio uberrimo, uma riqueza explendida e inexgotavel, infelizmente, porém, tão abandonada pelos poderes publicos e quando tão util podia ser ao nosso País.

Das notaveis pedreiras do seu abençoado sub-solo, do qual'tem saído a materia prima de que teem sido feitas tantas maravilhas de arquitectura e estatuaria portuguêsa, foi arrancada, há pouco mais de dois séculos, em cumprimento do voto de D. João V. para que sua mulher, D. Maria Ana de Austrália lhe désse filhos, o mármore sagrado do sumptuoso convento de Mafra, cujo interior, obra prima de perspectiva e de harmonia, resgata a imponencia brutal e esmagadora de seu exterior pesado e monotono, mas onde não deixam de serso-berbos o seu zimborio e os seus torreões dos extremos, e as suas altas e interessantes torres dos sinos.

Contendo notaveis pedreiras de mármores excelentes e das mais belas tonalidades, temos, principalmente em Pero Pinheiro, os mais lindos marmores rosa que existem no País e que tão vantajosamente rivalisam com os do estrangeiro, não só pela suavidade dos seus tons, como pela sua densidade ou impermeabilidade.

Apesar de tudo, com uma insensatez confrangedora, continuamos a importar mármores de Itália, e nos nossos moveis ainda se não reconheceu que só deviam ser empregados os nossos incomparaveis mármores.

Em vez dos nossos mármores sempre inalteraveis e limpos, devido á sua impermeabilidade, continuamos a adoptar aqueles, quando, pela sua porosidade e pela facilidade com que, devido a ela, são atravessados pelas substancias oleosas, se enodoam com facilidade e perdem toda a graça.

Com bancadas de pedra mármore admiraveis e de uma abundancia verdadeiramente inexgotavel, podendo constituir uma apreciavel fonte de riqueza para a nossa Nação, atravez da exportação que deles podiamos e deviamos fazer para o estrangeiro, principalmente para o Brazil e Argentina, onde tão bons mercados se podiam crear para os nossos mármores, a pouco mais se limita, actualmente, o seu consumo, de que ao nosso País, e por parte do Estado, infelismente, não parte nenhuma iniciativa que tenha como objectivo patriótico e de toda a justiça, auxiliar aqueles que, num esforço quasi sobrehumano e tão pouco remunerador, não deixam morrer, em Portugal, tão bela industria, apesar de todas as dificuldades e contrariedades com que lutam para a manter.

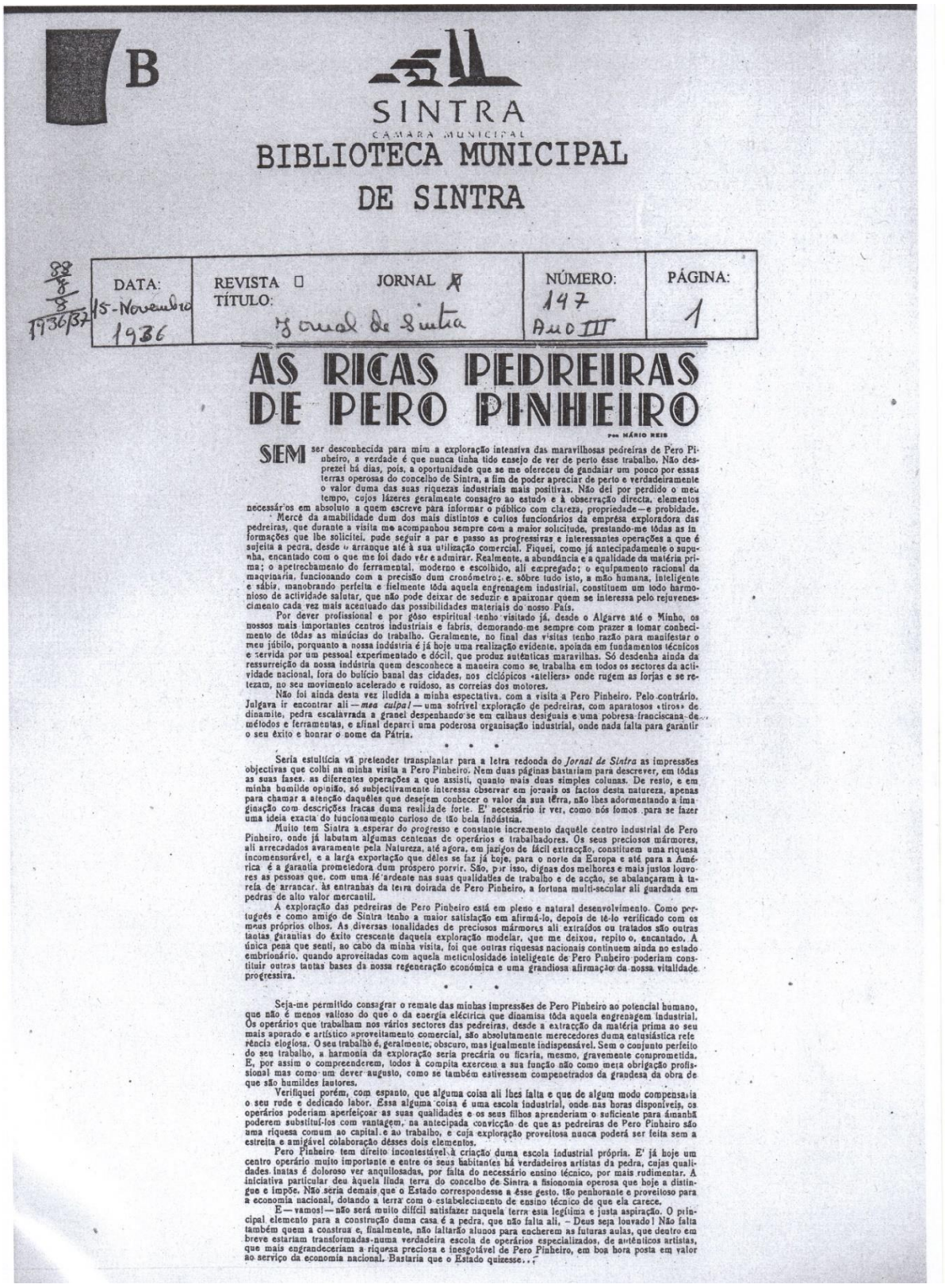
Para mais se acentuar o alheamento a que tem sido votada tão importante industria, bastará notar-se que em algumas Camaras Municipais do País se está praticando o crime de aprovar projectos para construções de jazigos em cimento armado e que se estão concedendo licenças para estas construções.

Contra este atentado á industria das cantarias, isto é, a uma das mais belas, das mais artisticas e dificeis industrias e das menos remuneradoras; contra este autentico vandalismo pela falta de senso, de gosto e de sensibilidade emotiva que ele revéla, aqui deixamos consignado o nosso veemente protesto.

E como preito de justiça ao seu nobre esforço, á dedicação entusiasta e ao cuidado, escrupulo e inteligencia que consagram a tão bela industria, não queremos terminar este modesto artigo sem prestarmos a nossa sincera e merecida homenagem á Companhia Portuguêsa de Mármores e Cantarias, á Companhia de Mármores Sousa Batista, á Sociedade de Mármores Portugal Limitada, e a tantas outras conceituadas firmas, enfim, a cuja prodigiosa actividade se deve, afinal, o aproveitamento do mármore em tantas obras de arte que nos dignificam e valorizam, como Povo civilizado que somos.

Xis.

Figura 2- "As ricas pedreiras de Pero Pinheiro", Jornal de Sintra, p. 1, nº 147, Ano III, 15 novembro 1936.



B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
15-Novembro 1936	Jornal de Sintra	147 Ano III	1

88/8/8 1936/37

AS RICAS PEDREIRAS DE PERO PINHEIRO

Por MÁRIO REIS

SEM ser desconhecida para mim a exploração intensiva das maravilhosas pedreiras de Pero Pinheiro, a verdade é que nunca tinha tido ensejo de ver de perto êsse trabalho. Não desprezei há dias, pois, a oportunidade que se me ofereceu de gandaiar um pouco por essas terras operosas do concelho de Sintra, a fim de poder apreciar de perto e verdadeiramente o valor duma das suas riquezas industriais mais positivas. Não dei por perdido o meu tempo, cujos lázeres geralmente consagro ao estudo e à observação directa, elementos necessários em absoluto a quem escreve para informar o público com clareza, propriedade — e probidade.

Mercê da amabilidade dum dos mais distintos e cultos funcionários da emprêsa exploradora das pedreiras, que durante a visita me acompanhou sempre com a maior solicitude, prestando-me tôdas as informações que lhe solicitei, pude seguir a par e passo as progressivas e interessantes operações a que é sujeita a pedra, desde o arranque até à sua utilização comercial. Fiquei, como já antecipadamente o supunha, encantado com o que me foi dado vêr e admirar. Realmente, a abundância e a qualidade da matéria prima; o apetrechamento do ferramental, moderno e escolhido, ali empregado; o equipamento racional da maquinaria, funcionando com a precisão dum cronómetro; e, sôbre tudo isto, a mão humana, inteligente e sábia, manobrando perfeita e fielmente tôda aquela engrenagem industrial, constituem um todo harmonioso de actividade salutar, que não pode deixar de seduzir e apaixonar quem se interessa pelo rejuvenescimento cada vez mais acentuado das possibilidades materiais do nosso País.

Por dever profissional e por gôso espiritual tenho visitado já, desde o Algarve até o Minho, os nossos mais importantes centros industriais e fabris, demorando-me sempre com prazer a tomar conhecimento de tôdas as minúcias do trabalho. Geralmente, no final das visitas tenho razão para manifestar o meu júbilo, porquanto a nossa indústria é já hoje uma realização evidente, apoiada em fundamentos técnicos e servida por um pessoal experimentado e dócil, que produz autênticas maravilhas. Só desdenha ainda da ressurreição da nossa indústria quem desconhece a maneira como se trabalha em todos os sectores da actividade nacional, fora do bulício banal das cidades, nos ciclópicos «ateliers» onde rugem as forjas e se retezam, no seu movimento acelerado e ruidoso, as correias dos motores.

Não foi ainda desta vez iludida a minha espectativa, com a visita a Pero Pinheiro. Pelo contrário. Julgava ir encontrar ali — *mea culpa!* — uma sofrível exploração de pedreiras, com aparatosos «tiros» de dinamite, pedra escalavrada a granel despenhando-se em calhaus desiguais e uma pobresa franciscana de métodos e ferramentas, e afinal deparei uma poderosa organisação industrial, onde nada falta para garantir o seu êxito e honrar o nome da Pátria.

* * *

Seria estultícia vã pretender transplantar para a letra redonda do *Jornal de Sintra* as impressões objectivas que colhi na minha visita a Pero Pinheiro. Nem duas páginas bastariam para descrever, em tôdas as suas fases, as diferentes operações a que assisti, quanto mais duas simples colunas. De resto, e em minha humilde opinião, só subjectivamente interessa observar em jornais os factos desta natureza, apenas para chamar a atenção daquêles que desejem conhecer o valor da sua têrra, não lhes adormentando a imaginação com descrições fracas duma realidade forte. E' necessário ir ver, como nós fomos, para se fazer uma ideia exacta do funcionamento curioso de tão bela indústria.

Muito tem Sintra a esperar do progresso e constante incremento daquêle centro industrial de Pero Pinheiro, onde já labutam algumas centenas de operários e trabalhadores. Os seus preciosos mármores, ali arrecadados avaramente pela Natureza, até agora, em jazigos de fácil extracção, constituem uma riquesa incomensurável, e a larga exportação que dêles se faz já hoje, para o norte da Europa e até para a América é a garantia prometedora dum próspero porvir. São, por isso, dignas dos melhores e mais justos louvores as pessoas que, com uma fé ardente nas suas qualidades de trabalho e de acção, se abalançaram à tarefa de arrancar, às entranhas da terra doirada de Pero Pinheiro, a fortuna multi-secular ali guardada em pedras de alto valor mercantil.

A exploração das pedreiras de Pero Pinheiro está em pleno e natural desenvolvimento. Como português e como amigo de Sintra tenho a maior satisfação em afirmá-lo, depois de tê-lo verificado com os meus próprios olhos. As diversas tonalidades de preciosos mármores ali extraídos ou tratados são outras tantas garantias do êxito crescente daquela exploração modelar, que me deixou, repito o, encantado. A única pena que senti, ao cabo da minha visita, foi que outras riquesas nacionais continuem ainda no estado embrionário, quando aproveitadas com aquela meticulosidade inteligente de Pero Pinheiro poderiam constituir outras tantas bases da nossa regeneração económica e uma grandiosa afirmação da nossa vitalidade progressiva.

* * *

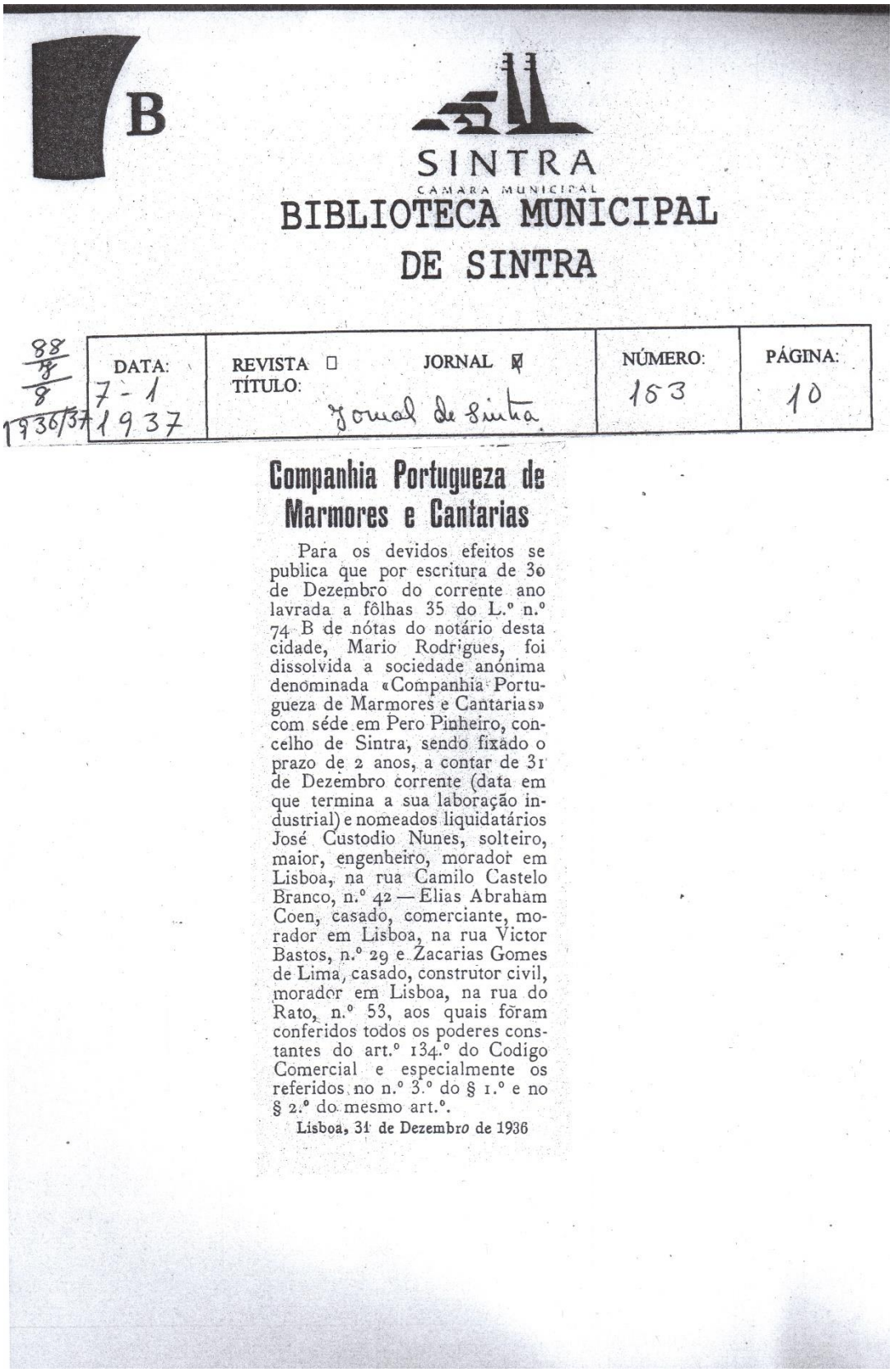
Seja-me permitido consagrar o remate das minhas impressões de Pero Pinheiro ao potencial humano, que não é menos valioso do que o da energia eléctrica que dinamisa tôda aquela engrenagem industrial. Os operários que trabalham nos vários sectores das pedreiras, desde a extracção da matéria prima ao seu mais aperfeiçoado e artístico aproveitamento comercial, são absolutamente merecedores duma entusiástica referência elogiosa. O seu trabalho é, geralmente, obscuro, mas igualmente indispensável. Sem o conjunto perfeito do seu trabalho, a harmonia da exploração seria precária ou ficaria, mesmo, gravemente comprometida. E, por assim o compreenderem, todos à compita exercem a sua função não como mera obrigação profissional mas como um dever augusto, como se também estivessem compenetrados da grandesa da obra de que são humildes fautores.

Verifiquei porém, com espanto, que alguma coisa ali lhes falta e que de algum modo compensaria o seu rude e dedicado labor. Essa alguma coisa é uma escola industrial, onde nas horas disponíveis, os operários poderiam aperfeiçoar as suas qualidades e os seus filhos aprenderiam o suficiente para amanhã poderem substituí-los com vantagem, na antecipada convicção de que as pedreiras de Pero Pinheiro são uma riquesa comum ao capital e ao trabalho, e cuja exploração proveitosa nunca poderá ser feita sem a estreita e amigável colaboração dêsses dois elementos.

Pero Pinheiro tem direito incontestável à criação duma escola industrial própria. E' já hoje um centro operário muito importante e entre os seus habitantes há verdadeiros artistas da pedra, cujas qualidades inatas é doloroso ver anquilosadas, por falta do necessário ensino técnico, por mais rudimentar. A iniciativa particular deu àquela linda terra do concelho de Sintra a fisionomia operosa que hoje a distingue e impõe. Não seria demais que o Estado correspondesse a êsse gesto, tão penhorante e proveitoso para a economia nacional, dotando a terra com o estabelecimento de ensino técnico de que ela carece.

E — vamos! — não será muito difícil satisfazer naquela terra esta legítima e justa aspiração. O principal elemento para a construção duma casa é a pedra, que não falta ali, — Deus seja louvado! Não falta também quem a construa e, finalmente, não faltarão alunos para encherem as futuras aulas, que dentro em breve estariam transformadas numa verdadeira escola de operários especializados, de autênticos artistas, que mais engrandeceriam a riquesa preciosa e inesgotável de Pero Pinheiro, em boa hora posta em valor ao serviço da economia nacional. Bastaria que o Estado quizesse...

Figura 3- "Companhia Portugueza de Marmores e Cantarias", Jornal de Sintra, nº 153, p.10, 15 novembro 1936.



B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

88/8/8
1936/37

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
7-1-1937	Jornal de Sintra	153	10

Companhia Portugueza de Marmores e Cantarias

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 30 de Dezembro do corrente ano lavrada a fôlhas 35 do L.º n.º 74 B de nótas do notário desta cidade, Mario Rodrigues, foi dissolvida a sociedade anónima denominada «Companhia Portugueza de Marmores e Cantarias» com séde em Pero Pinheiro, concelho de Sintra, sendo fixado o prazo de 2 anos, a contar de 31 de Dezembro corrente (data em que termina a sua laboração industrial) e nomeados liquidatários José Custodio Nunes, solteiro, maior, engenheiro, morador em Lisboa, na rua Camilo Castelo Branco, n.º 42 — Elias Abraham Coen, casado, comerciante, morador em Lisboa, na rua Victor Bastos, n.º 29 e Zacarias Gomes de Lima, casado, construtor civil, morador em Lisboa, na rua do Rato, n.º 53, aos quais fôram conferidos todos os poderes constantes do art.º 134.º do Codigo Comercial e especialmente os referidos no n.º 3.º do § 1.º e no § 2.º do mesmo art.º.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1936

Figura 4- "Mármores de Pero Pinheiro", Jornal de Sintra, nº 257, 8 janeiro 1939.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA: 8-1-1939	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO: Jornal de Sintra	NÚMERO: 257	PÁGINA:

Mármores de Pero Pinheiro

PASSADA que é a Granja do Marquês e um pouco antes de alcançar-se a laboriosa povoação de Pero Pinheiro, depara-se ao transeunte o lugar de Fação — uma correnteza de casitas baixas aconchegadas umas às outras, um aglomerado de gente humilde, trabalhadora do campo e das pedreiras adustas. E' aqui, verdadeiramente, que começa a rica região da pedra, fonte inexgotável de riquesa, fulcro importante de trabalho.

Na nossa tarefa de angariar, mármores e cantarias da região de Pero Pinheiro, onde muitos amigos mais contamos e estimamos.

E vamos lá transladar para aqui algumas das palavras que Jorge Galrão nos disse há dias, em cavaco ameno, despretencioso e bem-intencionado, num desfiar de contas dum rosário de verdades e só de verdades...

* * *

Diz o nosso interlocutor que a indústria dos mármores de Pero Pinheiro tem vindo a acusar, de ano para ano, um desenvolvimento notável, atribuindo essa melhoria à boa tática adoptada pelos antigos industriais que se dedicaram com entusiasmo ao aperfeiçoamento técnico, introduziram inovações nos processos de trabalho e souberam encaminhar os novos pela estrada da lealdade e do trabalho honesto. Os novos, tanto os da terra como os que vieram de fora, quási todos seguiram êsses exemplos, e aqueles que os desprezaram, deram-se mal com a imprudência...

— Porque, acentua Jorge Galrão, a indústria só poderá prosperar se houver união e lealdade entre os industriais. Tudo o que se fizer em sentido contrário, é contraproducente. A fôrça do capital, só por si não pode vencer em todos os casos, nos casos em que o sentido técnico e comercial é pormenor de primeira grandeza... De resto, a prática tem ensinado que as concorrências desleais jàmais deram benefícios a quem quer que seja e muito menos a quem as faz...

* * *

Jorge Galrão é de opinião que se devia criar o grémio de industriais da pedra de Pero Pinheiro, para regularizar e orientar a indústria, tabelar os preços da venda e da mão de obra, e também para estipular as contribuições a atribuir a cada um dos industriais.

Porque não metem mãos dente da Câmara de Sintra tentou organizar o grémio, mas teve de desistir disso porque a sua feliz ideia não encontrou em alguns dos interessados o acolhimento que seria de desejar.

— E' pena!

— Pois é... Mas, é provável que ainda um dia se venha a conseguir.

* * *

O nosso interlocutor fala também dos operários da sua terra. E confessa ter uma grande admiração pelas suas faculdades de trabalho, pelo seu comportamento moral e pelo seu brio profissional.

Fixamos estas suas palavras:

— Os operários da região de Pero Pinheiro são cumpridores, são competentes e sobretudo são dedicadíssimos à sua terra, merecendo, por isso, a estima e a preferência dos patrões. A provar que nêles predomina o sentimento de união e camaradagem, está o facto de terem fundado uma associação onde passam as suas horas de ócio, onde confraternizam em festas como constituindo uma só família ligada por laços de verdadeira amisade.

* * *

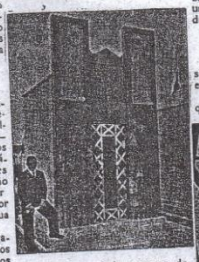
¿Que dirá Jorge Galrão de si próprio? Apetece-nos sabê-lo, e tentamos...

— Sou um industrial humilde que procuro servir o melhor possível os meus interêsses pessoais sem prejudicar os interêsses gerais da classe. E' êste o meu lema: ser leal para os colegas! Tenho encontrado na minha frente muitas barreiras a dificultarem-me o caminho, mas tenho sabido transpô-las. Algumas ainda me falta transpôr, mas confio na minha vontade e na protecção do Destino. Se fôr vencido, não é por falta nem de conhecimentos técnicos, nem de honestidade nos meus negócios, nem de desejos de engrandecer a minha arte e a minha terra...

* * *

Não há dúvida de que o nosso amigo Jorge Francisco Galrão é um devotado bairrista e um acérrimo batalhador em prol dos interêsses da sua classe. A êstes seus dois atributos prestamos homenagem nêste momento em que nos fazemos eco das interessantes revelações que êle nos fez e que trazemos ao conhecimento do público.

Alguns magníficos trabalhos em mármore confiados à proficiência de Jorge Galrão



mos publicidade para o número de aniversário do «Jornal de Sintra», procurámos o nosso amigo Jorge Francisco Galrão, que nos recebe, em plena oficina, com a sua proverbial amabilidade.

* * *

Antes de mais nada, permitam-nos os leitores que lhes apresentemos Jorge Francisco Galrão. E' um rapaz novo ainda — de idade a roçar pela casa dos 30 anos —, trabalhador infatigável, bom e leal como aqueles que o sabem ser, competente no seu mister e, acima de tudo, bairrista apaixonado e propugnador acérrimo dos interêsses da sua classe.

Possuidor duma vasta bagagem de conhecimentos técnicos proveniente de muitos estudos aliados à experiência adquirida em quási vinte anos de arte, as suas numerosas obras espalhadas pelo país atestam exuberantemente os seus apreciáveis dotes artísticos e a magnífica qualidade das pedrarias que produz.

Não é demais nem descabido dizer-se, também, que Jorge Galrão usa duma lealdade extraordinária para com os seus colegas e duma seriedade a tôda a prova para com os clientes, o que vale a fruição de gerais simpatias.

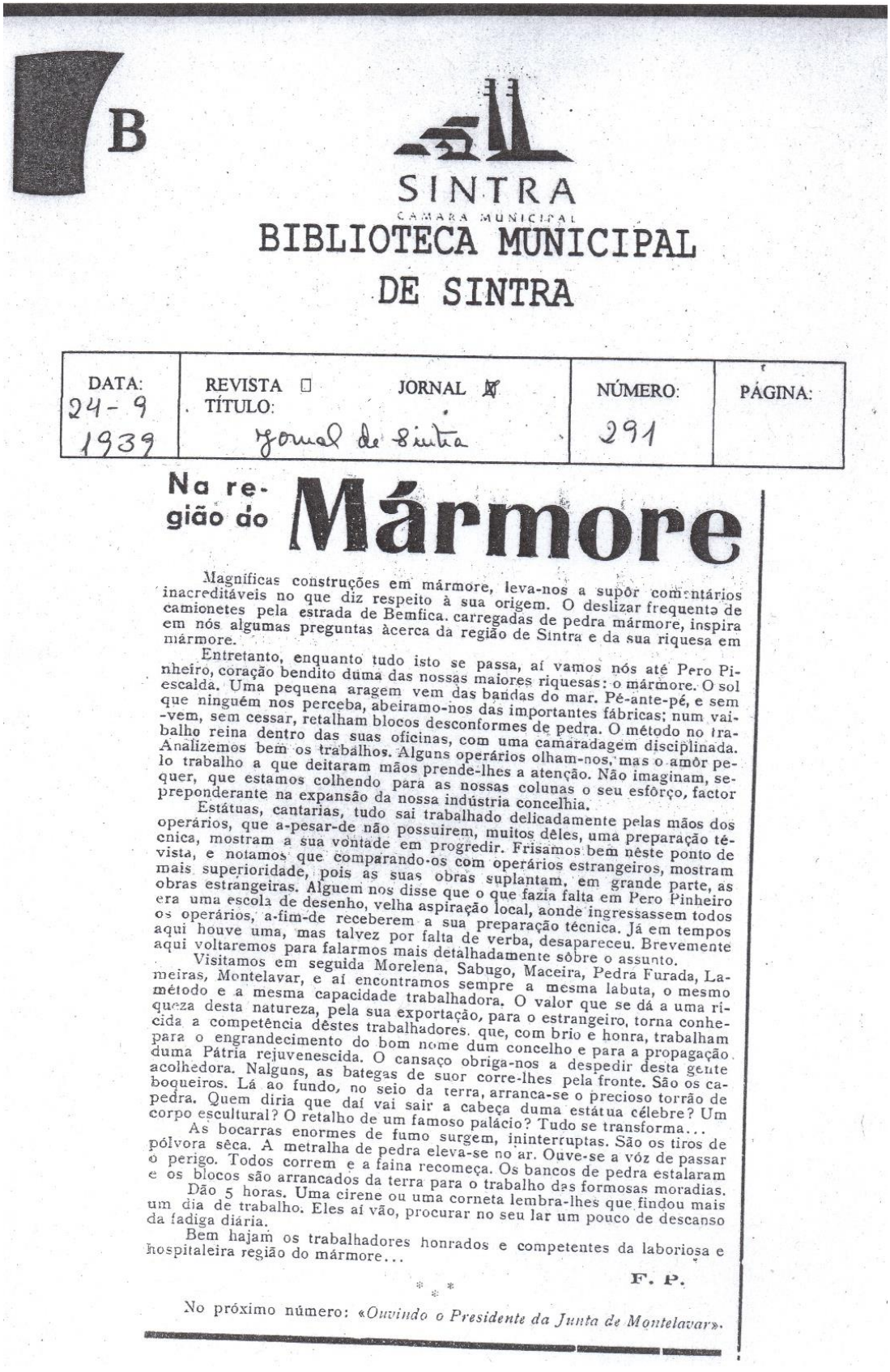
Nós, que reconhecemos e damos o devido apreço a êsses excelentes atributos, temos também pelo novel industrial de Fação uma grande consideração e por isso não temos dúvidas em apontá-lo como um homem que honra a sua terra, como um artista que engrandece a classe dos industriais da pedra de Pero Pinheiro.

* * *

Dissemos há pouco que Jorge Galrão é um bairrista apaixonado e um entusiasta defensor dos interêsses da sua classe. Assim é, de facto, como pode depreender-se das afirmações que êle nos fez, expontânea e despretenciosamente, longe de supôr, certamente, que nós nos fariamos eco delas pelo motivo de as considerarmos interessantes, importantes e oportunas.

Desculpe-nos o amigo Galrão a indiscrição, que é ditada pelo nosso insofrido desejo de servir-mos e pugnarmos com disvêlo

Figura 5- "Na região do Mármore", Jornal de Sintra, nº 291, 24 setembro 1939.



B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
24-9-1939	TÍTULO: Jornal de Sintra	291	

Na região do Mármore

Magníficas construções em mármore, leva-nos a supôr comentários inacreditáveis no que diz respeito à sua origem. O deslizar frequente de camionetes pela estrada de Bemfica. carregadas de pedra mármore, inspira em nós algumas preguntas àcerca da região de Sintra e da sua riquesa em mármore.

Entretanto, enquanto tudo isto se passa, aí vamos nós até Pero Pinheiro, coração bendito duma das nossas maiores riquesas: o mármore. O sol escalda. Uma pequena aragem vem das bandas do mar. Pé-ante-pé, e sem que ninguém nos perceba, abeiramo-nos das importantes fábricas; num vai-vem, sem cessar, retalham blocos desconformes de pedra. O método no trabalho reina dentro das suas oficinas, com uma camaradagem disciplinada. Analizemos bem os trabalhos. Alguns operários olham-nos, mas o amôr pelo trabalho a que deitaram mãos prende-lhes a atenção. Não imaginam, sequer, que estamos colhendo para as nossas colunas o seu esfôrço, factor preponderante na expansão da nossa indústria concelhia.

Estátuas, cantarias, tudo sai trabalhado delicadamente pelas mãos dos operários, que a-pesar-de não possuirem, muitos deles, uma preparação técnica, mostram a sua vontade em progredir. Frisamos bem nêste ponto de vista, e notamos que comparando-os com operários estrangeiros, mostram mais superioridade, pois as suas obras suplantam, em grande parte, as obras estrangeiras. Alguem nos disse que o que fazia falta em Pero Pinheiro era uma escola de desenho, velha aspiração local, aonde ingressassem todos os operários, a-fim-de receberem a sua preparação técnica. Já em tempos aqui houve uma, mas talvez por falta de verba, desapareceu. Brevemente aqui voltaremos para falarmos mais detalhadamente sôbre o assunto.

Visitamos em seguida Morelena, Sabugo, Maceira, Pedra Furada, Lameiras, Montelavar, e aí encontramos sempre a mesma labuta, o mesmo método e a mesma capacidade trabalhadora. O valor que se dá a uma riqueza desta natureza, pela sua exportação, para o estrangeiro, torna conhecida a competência dêstes trabalhadores. que, com brio e honra, trabalham para o engrandecimento do bom nome dum concelho e para a propagação duma Pátria rejuvenescida. O cansaço obriga-nos a despedir desta gente acolhedora. Nalguns, as bategas de suor corre-lhes pela fronte. São os caboqueiros. Lá ao fundo, no seio da terra, arranca-se o precioso torrão de pedra. Quem diria que daí vai sair a cabeça duma estátua célebre? Um corpo escultural? O retalho de um famoso palácio? Tudo se transforma...

As bocarras enormes de fumo surgem, ininterruptas. São os tiros de pólvora sêca. A metralha de pedra eleva-se no ar. Ouve-se a vóz de passar o perigo. Todos correm e a faina recomeça. Os bancos de pedra estalaram e os blocos são arrancados da terra para o trabalho das formosas moradias.

Dão 5 horas. Uma cirene ou uma corneta lembra-lhes que findou mais um dia de trabalho. Eles aí vão, procurar no seu lar um pouco de descanso da fadiga diária.

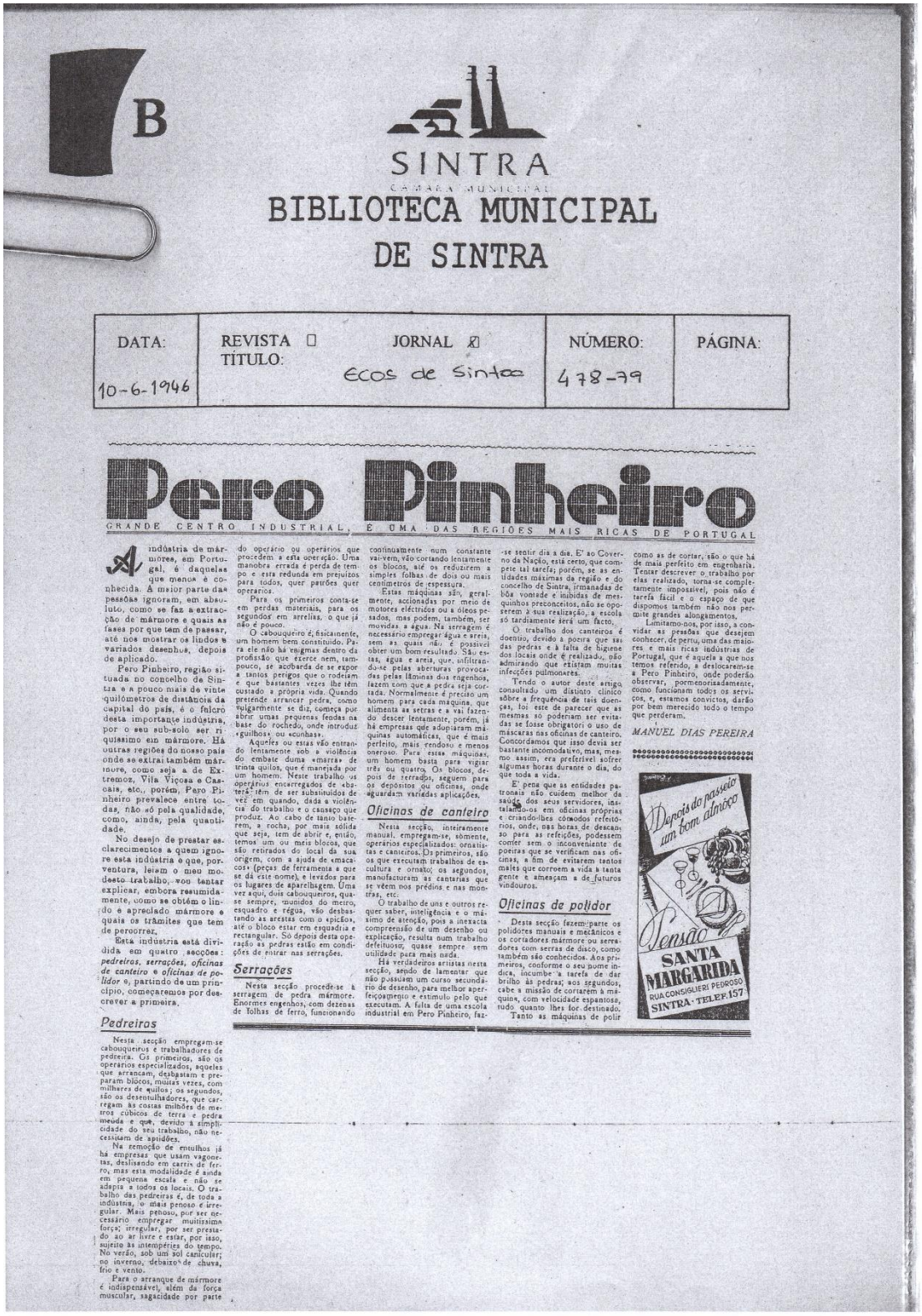
Bem hajam os trabalhadores honrados e competentes da laboriosa e hospitaleira região do mármore...

F. P.

* * *

No próximo número: «*Ouvindo o Presidente da Junta de Montelavar*».

Figura 6- "Pero Pinheiro- Grande centro industrial e umas das regiões mais ricas de Portugal", Ecos de Sintra, nº 478-79 A, 10 junho 1946.



B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
10-6-1946	Ecos de Sintra	478-79	

Pero Pinheiro

GRANDE CENTRO INDUSTRIAL, É UMA DAS REGIÕES MAIS RICAS DE PORTUGAL

A indústria de mármores, em Portugal, é daquelas que menos é conhecida. A maior parte das pessôas ignoram, em absoluto, como se faz a extracção de mármore e quais as fases por que tem de passar, até nos mostrar os lindos e variados desenhos, depois de aplicado.

Pero Pinheiro, região situada no concelho de Sintra e a pouco mais de vinte quilómetros de distância da capital do país, é o fulcro desta importante indústria, por o seu sub-solo ser riquíssimo em mármore. Há outras regiões do nosso país onde se extrai também mármore, como seja a de Extremoz, Vila Viçosa e Cascais, etc., porém, Pero Pinheiro prevalece entre todas, não só pela qualidade, como, ainda, pela quantidade.

No desejo de prestar esclarecimentos a quem ignore esta indústria o que, porventura, leiam o meu modesto trabalho, vou tentar explicar, embora resumidamente, como se obtém o lindo e apreciado mármore e quais os trâmites que tem de percorrer.

Esta indústria está dividida em quatro secções: *pedreiros, serrações, oficinas de canteiro* e *oficinas de polidor* e, partindo de um princípio, começaremos por descrever a primeira.

Pedreiros

Nesta secção empregam-se cabouqueiros e trabalhadores de pedreira. Os primeiros, são os operários especializados, aqueles que arrancam, desbastam e preparam blocos, muitas vezes, com milhares de quilos; os segundos, são os desentulhadores, que carregam as coisas miúdas de metros cúbicos de terra e pedra meuda e que, devido à simplicidade do seu trabalho, não necessitam de aptidões.

Na remoção de entulhos já há empresas que usam vagonetas, deslisando em carris de ferro, mas esta modalidade é ainda em pequena escala e não se adepta a todos os locais. O trabalho das pedreiras é, de toda a indústria, o mais penoso e irregular. Mais penoso, por ser necessário empregar muitíssima força; irregular, por ser prestado ao ar livre e estar, por isso, sujeito às intempéries do tempo. No verão, sob um sol canicular; no inverno, debaixo de chuva, frio e vento.

Para o arranque de mármore é indispensável, além da força muscular, sagacidade por parte do operário ou operários que procedem à esta operação. Uma manobra errada é perda de tempo e esta redunda em prejuízos para todos, quer patrões quer operários.

Para os primeiros conta-se em perdas materiais, para os segundos em arrelias, o que já não é pouco.

O cabouqueiro é, fisicamente, um homem bem constituido. Para ele não há enigmas dentro da profissão que exerce nem, tampouco, se acobarda de se expor a tantos perigos que o rodeiam e que bastantes vezes lhe têm custado a própria vida. Quando pretende arrancar pedra, como vulgarmente se diz, começa por abrir umas pequenas fendas na base do rochedo, onde introduz «guilhos» ou «cunhas».

Aqueles ou estas vão entrando lentamente sob a violência do embate duma «marra» de trinta quilos, que é manejada por um homem. Neste trabalho os operários encarregados de «bater» têm de ser substituidos de vez em quando, dada a violência do trabalho e o cansaço que produz. Ao cabo de tanto baterem, a rocha, por mais solida que seja, tem de abrir e, então, temos um ou mais blocos, que são retirados do local da sua origem, com a ajuda de «macacos» (peças de ferramenta a que se dá este nome), e levados para os lugares de aparelhagem. Uma vez aqui, dois cabouqueiros, quase sempre, munidos do meiro, esquadro e régua, vão desbastando as arestas com o «picão», até o bloco estar em esquadria e rectangular. So depois desta operação as pedras estão em condições de entrar nas serrações.

Serrações

Nesta secção procede-se à serragem de pedra mármore. Enormes engenhos, com dezenas de folhas de ferro, funcionando continuamente num constante vai-vem, vão cortando lentamente os blocos, até os reduzirem a simples folhas de dois ou mais centímetros de espessura.

Estas máquinas são, geralmente, accionadas por meio de motores eléctricos ou a óleos pesados, mas podem, também, ser movidas a água. Na serragem é necessário empregar água e areia, sem as quais não é possível obter um bom resultado. São estas, água e areia, que, infiltrando-se pelas aberturas provocadas pelas lâminas dos engenhos, fazem com que a pedra seja cortada. Normalmente é preciso um homem para cada máquina, que alimenta as serras e a vai fazendo descer lentamente, porém, já há empresas que adoptaram máquinas automáticas, que é mais perfeito, mais rendoso e menos oneroso. Para estas máquinas, um homem basta para vigiar três ou quatro. Os blocos, depois de serrados, seguem para os depósitos ou oficinas, onde aguardam variadas aplicações.

Oficinas de canteiro

Nesta secção, inteiramente manual, empregam-se, sòmente, operários especializados: ornatistas e canteiros. Os primeiros, são os que executam trabalhos de escultura e ornato; os segundos, manufacturam as cantarias que se vêem nos prédios e nas montras, etc.

O trabalho de uns e outros requer saber, inteligência e o máximo de atenção, pois a inexacta compreensão de um desenho ou explicação, resulta num trabalho defeituoso, quase sempre sem utilidade para mais nada.

Há verdadeiros artistas nesta secção, sendo de lamentar que não possuam um curso secundário de desenho, para melhor aperfeiçoamento e estímulo pelo que executam. A falta de uma escola industrial em Pero Pinheiro, faz-se sentir dia a dia. E' ao Governo da Nação, está certo, que compete tal tarefa; porém, se as entidades máximas da região e do concelho de Sintra, irmanadas de bôa vontade e inibidas de mesquinhos preconceitos, não se opuserem à sua realização, a escola só tardiamente será um facto.

O trabalho dos canteiros é doentio, devido à poeira que saem das pedras e à falta de higiene dos locais onde é realizado, não admirando que existam muitas infecções pulmonares.

Tendo o autor deste artigo consultado um distinto clínico sôbre a frequência de tais doenças, foi este de parecer que as mesmas só poderiam ser evitadas se fosse obrigatório o uso de máscaras nas oficinas de canteiro. Concordamos que isso devia ser bastante incomodativo, mas, mesmo assim, era preferível sofrer algumas horas durante o dia, do que toda a vida.

E' pena que as entidades patronais não cuidem melhor da saúde dos seus servidores, instalando-os em oficinas próprias e criando-lhes cómodos refeitórios, onde, nas horas de descanso para as refeições, podessem comer sem o inconveniente de poeiras que se verificam nas oficinas, a fim de evitarem tantos males que corroem a vida à tanta gente e ameaçam a de futuros vindouros.

Oficinas de polidor

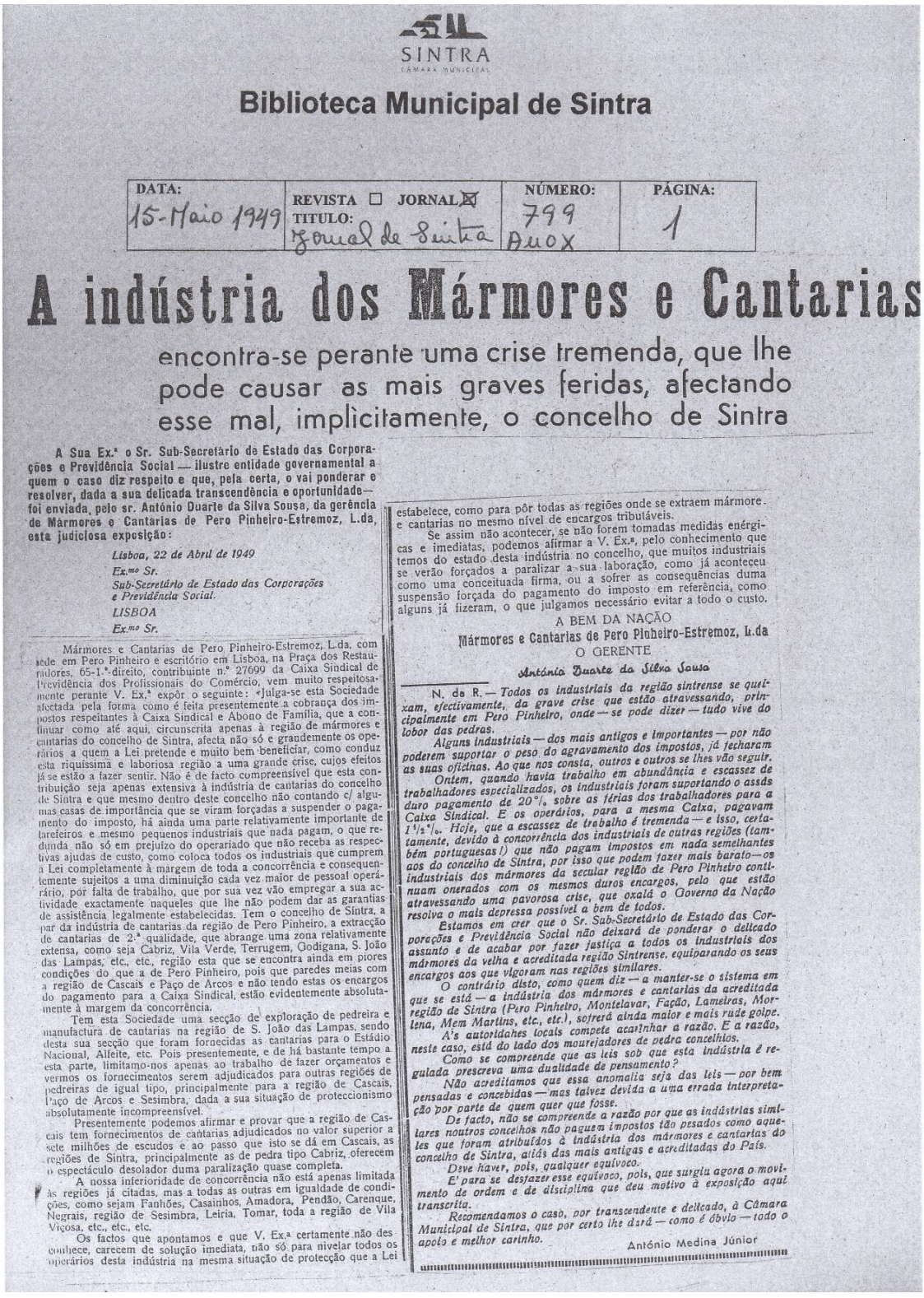
Desta secção fazem parte os polidores manuais e mecânicos e os cortadores mármore ou serradores com serras de disco, como também são conhecidos. Aos primeiros, conforme o seu nome indica, incumbe a tarefa de dar brilho às pedras; aos segundos, cabe a missão de cortarem à máquina, com velocidade espantosa, tudo quanto lhes for destinado.

Tanto as máquinas de polir como as de cortar, são o que há de mais perfeito em engenharia. Tentar descrever o trabalho por elas realizado, torna-se completamente impossível, pois não é tarefa fácil e o espaço de que dispomos também não nos permite grandes alongamentos.

Limitamo-nos, por isso, a convidar as pessôas que desejem conhecer, de perto, uma das maiores e mais ricas indústrias de Portugal, que é aquela a que nos temos referido, a deslocarem-se a Pero Pinheiro, onde poderão observar, pormenorizadamente, como funcionam todos os serviços, e, estamos convictos, darão por bem merecido todo o tempo que perderam.

MANUEL DIAS PEREIRA

Figura 7- "A indústria dos Mármores e Cantarias", Jornal de Sintra, nº 799, Ano X, p. 1, 15 maio 1949.



SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
15-Maio 1949	TITULO: Jornal de Sintra	799 Anox	1

A indústria dos Mármores e Cantarias

encontra-se perante uma crise tremenda, que lhe pode causar as mais graves feridas, afectando esse mal, implicitamente, o concelho de Sintra

A Sua Ex.ª o Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social — ilustre entidade governamental a quem o caso diz respeito e que, pela certa, o vai ponderar e resolver, dada a sua delicada transcendência e oportunidade— foi enviada, pelo sr. António Duarte da Silva Sousa, da gerência de Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro-Estremoz, L.da, esta judiciosa exposição:

Lisboa, 22 de Abril de 1949

Ex.mo Sr.

Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social.

LISBOA

Ex.mo Sr.

Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro-Estremoz, L.da, com sede em Pero Pinheiro e escritório em Lisboa, na Praça dos Restauradores, 65-1.º-direito, contribuinte n.º 27699 da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, vem muito respeitosamente perante V. Ex.ª expôr o seguinte: «Julga-se esta Sociedade afectada pela forma como é feita presentemente a cobrança dos impostos respeitantes à Caixa Sindical e Abono de Família, que a continuar como até aqui, circunscrita apenas à região de mármores e cantarias do concelho de Sintra, afecta não só e grandemente os operários a quem a Lei pretende e muito bem beneficiar, como conduz esta riquíssima e laboriosa região a uma grande crise, cujos efeitos já se estão a fazer sentir. Não é de facto compreensível que esta contribuição seja apenas extensiva à indústria de cantarias do concelho de Sintra e que mesmo dentro deste concelho não contando c/ algumas casas de importância que se viram forçadas a suspender o pagamento do imposto, há ainda uma parte relativamente importante de tarefeiros e mesmo pequenos industriais que nada pagam, o que redunda não só em prejuízo do operariado que não receba as respectivas ajudas de custo, como coloca todos os industriais que cumprem a Lei completamente à margem de toda a concorrência e consequentemente sujeitos a uma diminuição cada vez maior de pessoal operário, por falta de trabalho, que por sua vez vão empregar a sua actividade exactamente naqueles que lhe não podem dar as garantias de assistência legalmente estabelecidas. Tem o concelho de Sintra, a par da indústria de cantarias da região de Pero Pinheiro, a extracção de cantarias de 2.ª qualidade, que abrange uma zona relativamente extensa, como seja Cabriz, Vila Verde, Terrugem, Godigana, S. João das Lampas, etc., etc., região esta que se encontra ainda em piores condições do que a de Pero Pinheiro, pois que paredes meias com a região de Cascais e Paço de Arcos e não tendo estas os encargos do pagamento para a Caixa Sindical, estão evidentemente absolutamente à margem da concorrência.

Tem esta Sociedade uma secção de exploração de pedreira e manufactura de cantarias na região de S. João das Lampas, sendo desta sua secção que foram fornecidas as cantarias para o Estádio Nacional, Alfeite, etc. Pois presentemente, e de há bastante tempo a esta parte, limitamo-nos apenas ao trabalho de fazer orçamentos e vermos os fornecimentos serem adjudicados para outras regiões de pedreiras de igual tipo, principalmente para a região de Cascais, Paço de Arcos e Sesimbra, dada a sua situação de proteccionismo absolutamente incompreensível.

Presentemente podemos afirmar e provar que a região de Cascais tem fornecimentos de cantarias adjudicados no valor superior a sete milhões de escudos e ao passo que isto se dá em Cascais, as regiões de Sintra, principalmente as de pedra tipo Cabriz, oferecem o espectáculo desolador duma paralização quase completa.

A nossa inferioridade de concorrência não está apenas limitada às regiões já citadas, mas a todas as outras em igualdade de condições, como sejam Fanhões, Casainhos, Amadora, Pendão, Carenque, Negrais, região de Sesimbra, Leiria, Tomar, toda a região de Vila Viçosa, etc., etc., etc.

Os factos que apontamos e que V. Ex.ª certamente não desconhece, carecem de solução imediata, não só para nivelar todos os operários desta indústria na mesma situação de protecção que a Lei estabelece, como para pôr todas as regiões onde se extraem mármores e cantarias no mesmo nível de encargos tributáveis.

Se assim não acontecer, se não forem tomadas medidas enérgicas e imediatas, podemos afirmar a V. Ex.ª, pelo conhecimento que temos do estado desta indústria no concelho, que muitos industriais se verão forçados a paralizar a sua laboração, como já aconteceu como uma conceituada firma, ou a sofrer as consequências duma suspensão forçada do pagamento do imposto em referência, como alguns já fizeram, o que julgamos necessário evitar a todo o custo.

A BEM DA NAÇÃO

Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro-Estremoz, L.da

O GERENTE

António Duarte da Silva Sousa

N. da R. — *Todos os industriais da região sintrense se queixam, efectivamente, da grave crise que estão atravessando, principalmente em Pero Pinheiro, onde — se pode dizer — tudo vive do lobor das pedras.*

Alguns industriais — dos mais antigos e importantes — por não poderem suportar o peso do agravamento dos impostos, já fecharam as suas oficinas. Ao que nos consta, outros e outros se lhes vão seguir.

Ontem, quando havia trabalho em abundância e escassez de trabalhadores especializados, os industriais foram suportando o assás duro pagamento de 20 % sobre as férias dos trabalhadores para a Caixa Sindical. E os operários, para a mesma Caixa, pagavam 1 1/2 %. Hoje, que a escassez de trabalho é tremenda — e isso, certamente, devido à concorrência dos industriais de outras regiões (também portuguesas!) que não pagam impostos em nada semelhantes aos do concelho de Sintra, por isso que podem fazer mais barato — os industriais dos mármores da secular região de Pero Pinheiro continuam onerados com os mesmos duros encargos, pelo que estão atravessando uma pavorosa crise, que oxalá o Governo da Nação resolva o mais depressa possível a bem de todos.

Estamos em crer que o Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social não deixará de ponderar o delicado assunto e de acabar por fazer justiça a todos os industriais dos mármores da velha e acreditada região Sintrense, equiparando os seus encargos aos que vigoram nas regiões similares.

O contrário disto, como quem diz — a manter-se o sistema em que se está — a indústria dos mármores e cantarias da acreditada região de Sintra (Pero Pinheiro, Montelavar, Fação, Lameiras, Morlena, Mem Martins, etc., etc.), sofrerá ainda maior e mais rude golpe.

A's autoridades locais compete acarinhar a razão. E a razão, neste caso, está do lado dos moutejadores de pedra concelhios.

Como se compreende que as leis sob que esta indústria é regulada prescreva uma dualidade de pensamento?

Não acreditamos que essa anomalia seja das leis — por bem pensadas e concebidas — mas talvez devida a uma errada interpretação por parte de quem quer que fosse.

De facto, não se compreende a razão por que as indústrias similares noutros concelhos não paguem impostos tão pesados como aqueles que foram atribuídos à indústria dos mármores e cantarias do concelho de Sintra, aliás das mais antigas e acreditadas do País.

Deve haver, pois, qualquer equívoco.

E' para se desfazer esse equívoco, pois, que surgiu agora o movimento de ordem e de disciplina que deu motivo à exposição aqui transcrita.

Recomendamos o caso, por transcendente e delicado, à Câmara Municipal de Sintra, que por certo lhe dará — como é óbvio — todo o apoio e melhor carinho.

António Medina Júnior

Figura 8- "A Freguesia de Montelavar", A Voz de Sintra, nº 72, Ano II, p.1, 28 março 1953.

SINTRA
Biblioteca Municipal de Sintra

ASSINATURA 12 números Esc. 10$00

Sintra, 28 de Março de 1953 — Ano II — N.º 72 AVENÇA AVULSO Esc. 1$00

A VOZ DE SINTRA

Director e Proprietário: Dr. Paulo Carreiro | Director adjunto e Redactor-principal: Helvino da Cunha Sotto Maior | Editor: João Pedro Barradas | Administração de: Uma Comissão

Redacção e Administração: Largo Dr. Virgílio Horta, 2 — Composição e Impressão na Minerva C. Sintrense, Ld.ª, Av. Dr. Miguel Bombarda, 8 — Telef. 187 — SINTRA

A FREGUESIA DE MONTELAVAR

(DE NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO)

com as importantes povoações de

PERO PINHEIRO — MACEIRA — MORELENA E FAÇÃO

representa o maior valor industrial do nosso Concelho

A freguesia de Montelavar abrange uma area de 2.760 hectares e o censo de 1950, atri buí-lhe uma população de 5.373 individuos

Sociedade Filarmónica União Montelavarense

constituida por 1.393 famílias. Quer dizer que está em sexto lugar na superficie e também em sexto no número de habitantes. Estes aumentaram de 1.133 em 10 anos o que corresponde a um acréscimo de 27 por cento, expressão que demonstra o seu desenvolvimento e o seu progresso, tanto mais notáveis quanto é certo só ter meios de comunicação directa facultados pela ca-

Sociedade Recreativa Os Alegres de Maceira

mionagem. A linha férrea do Oe te que lhe passa perto, serve a estação de Sabugo, nos limites de Morelena, mas já na freguesia de Almargem do Bispo, e o apeadeiro de Pedra Furada, que pou-co interessa à população da freguesia. O número de fogos subiu também de 10 % nesta última década.

Estes com os seus habitantes estão distribuidos pelos seguintes lugares: Alem, Anços, Barreiros, Cabecinha, Cortegaça, Covões, Fação, Farelo, Granja do Marquês (hoje grande Base Aeronautica), Lugar de Baixo, Maceira, Montelavar (sede da freguesia) Morelena, Mourão, Palmeiros, Pé da Estação, Pedra Furada, Pero Pinheiro, Rebenque e Ribeira dos Tostões.

O que acima se diz, revela uma evolução firme e segura, fundada quase que exclusivamente na indústria de mármores e cantarias que constituem a grande riqueza da região, pelos extensos e profundos jazigos da famosa pedra cal-

Sociedade Recreativa Filarmónica de Pero Pinheiro

cárea susceptivel de polimento, em que se destaca o liós branco, mármore ideal para a escultura e o delicado e, muitas vezes, artístico trabalho dos mestres canteiros, que são, aliás, em última análise, quem transporta para a pedra os modêlos dos escultores e os desenhos dos arquitectos.

Não é de desprezar o valor agrícola da freguesia, semelhante ao das restantes do concelho; mas o valor da industria da pedra, desde o seu arranque, que representa o árduo e extenuante trabalho do cabouqueiro, até às serrações, hoje em grande número e as grandes oficinas em que o mármore se prepara para qualquer dos fins a que se destina, e o esforço e a tenacidade de industriais e operários — é assunto a que nos referiremos nos seguintes números, com a possivel documentação.

Inicialmente, porém, não podemos deixar de registar o espirito de solidariedade dos Montelavarenses, criados na

(*Conclue na 4.ª página*)

Figura 9- "A Freguesia de Montelavar", A Voz de Sintra, nº 72, Ano II, p.4, 28 março 1953.

SINTRA

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO: A Voz de Sintra	NÚMERO:	PÁGINA:
28-03-1953		72	

FREGUESIA DE MONTELAVAR

(*Conclusão da 1.ª página*)

luta pela vida, aliado ao seu sentimento artístico, que em grande parte deve provir do contacto com a arte da pedra, revelando-se ambos na representação das sociedades culturais e de recreio, com seus grupos musicais e sedes próprias, criados, desenvolvidos e mantidos com o esforço e sacrifício das respectivas populações, frutos sociais de persistência e de emulação, dignos não só de registo mas de todos os louvores, materializados nos esplendidos edifícios de que damos ideia nas gravuras hoje reproduzidas e na Casa Recreativa de Morelena cuja fotografia não temos.

Todas constituirão ainda, a seu tempo, objecto de justas referências.

ETELVINO DA CUNHA

Figura 10- "A Freguesia e o lugar de Montelavar", A Voz de Sintra, nº 75, Ano II, 18 abril 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

Sintra, 18 de Abril de 1953 — Ano II — N.º 75

AVENÇA

AVULSO

A VOZ DE SINTRA

Director e Proprietário: Dr. Paulo Carreiro | Director adjunto e Redactor-principal: Elelvino da Cunha Soito Maior | Editor: João Pedro Barradas | Administração de: Uma Comissão

Redacção e Administração: Largo Dr. Virgilio Horta, 2 — Composição e Impressão na Minerva C. Sintrense, Ld.ª, Av. Dr. Miguel Bombarda, 5 — Telef. 182 — SINTRA

A FREGUESIA E O LUGAR DE MONTELAVAR

Quando em 31 de Outubro de 1951 afirmámos que estabeleceríamos como critério ouvir os presidentes das Juntas de Freguesia sobre os problemas mais instantes dos agregados mais populacionais que representam, definimos claramente a nossa orientação regionalista. E a primeira breve entrevista que realizamos foi com Manuel Dias Pereira, o dinâmico presidente da Junta de Freguesia de Montelavar, conforme devem lembrar-se ainda alguns dos nossos assinantes e leitores.

Com este mesmo leal e dedicado amigo combinámos comemorar o aniversário do nosso jornal com uma reportagem sobre o valor económico dos vários aglomerados da sua freguesia, em face do seu importante desenvolvimento industrial dentro do nosso concelho. Mas, como o inverno não era propício a obter a documentação necessária para o fim em vista, reservamos esta valorização para a primavera.

E assim, depois do que dissemos em nosso número de 28 de Março, apresentado em poucos algarismos a área, a população, as famílias, os fogos e os lugares que constituem a freguesia de Montelavar, vamos tratar minuciosamente das suas mais progressivas localidades, sob os variadíssimos aspectos em que se revela o esforço e a actividade da sua laboriosa

A Igreja Matriz da freguesia de Montelavar

A sede da Junta de Freguesia, ainda por concluir

O coreto de mármore, de Montelavar, erguido pelo bairrismo dos seus habitantes, comerciantes e industriais

A antiga fonte do lugar e o seu grande volume de água

O novo chafariz de Montelavar

população, a evolução das suas indústrias, principalmente a da

(Segue na 4.ª página)

Figura 11- "Montelavar- A sua Junta de Freguesia", A Voz de Sintra, nº 76, Ano II, p.1, 25 abril 1953.

SINTRA
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
25-04-1953	TITULO: A Voz de Sintra	76	

MONTELAVAR

A sua Junta de Freguesia

A actual Junta de Freguesia de Montelavar foi eleita em 1950 para desempenhar as suas funções no quatrienio de 1951 1954, e tomou posse em 2 de Janeiro de 1951. Compõem-na os nossos amigos srs. Manuel Dias Pereira, Domingos Luiz Taful e Eduardo José Franco, nenhum deles tendo feito parte de qualquer junta anterior.

Iniciaram, porém, a sua acção com o maior entusiásmo e vontade de ser uteis aos seus paroquianos Tarefa ingrata e inglória, se não fosse o seu espírito de iniciativa, a sua tenacidade e o surprendente dinamismo do seu presidente e a dedicada colaboração dos seus colegas, porque a Junta não possuia fundos próprios, nem outro rendimento que o do Cemitério que, aliás, não bastava às simples necessidades da sua conservação. E o cemitério é lugar sagrado, respeitável, que se não deve deixar abandonado, cheio de ervas e sem os devidos cuidados de higiene e de conservação.

Manuel Dias Pereira (presidente da J. de Freguesia de Montelavar)

Domingos Lima Taful (secretário)

A preocupação inicial, disse-nos Manuel Dias Pereira, foi, pois, obter receitas e criar rendimentos. Não havendo então possibilidade de conseguir qualquer outra coisa, a Junta verificou que podia obter rendimento de terrenos baldios, havia muitos ocupados ou utilizados sem quaisquer encargos, por parte de alguns usufruidores e sem benefício para a freguesia. Deste critério, aliás justissimo, houve logo no ano de 1951 uma renda de Esc. 4.577$00 e, no imediato, 4.799$30, o que prefez 9.376$30, em dois anos. Volvemo-nos depois para o imposto de terrado em Montelavar e Pero Pinheiro, e dele nos advieram mais, em 1951, Esc. 5.954$00, e 7.127$00 em 1952.

Eduardo José Franco (tesoureiro)

(Continua na 5.ª página)

Figura 12- "Montelavar- A sua Junta de Freguesia", A Voz de Sintra, nº 76, Ano II, p.5, 25 abril 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra
DATA: 25-04-1953 | REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO: A Voz de Sintra | NÚMERO: 76 | PÁGINA:

MONTELAVAR

(Continuação da 1.ª página)

— Era um princípio, atalhamos.

— Sim, era um princípio, mas não chegava ainda para nada. E nós precisávamos de fazer algo de prático e de interesse geral. Para isso abalançamo-nos, ainda em 1952, conforme antecipadamente lhe dissemos, a criar, nos termos do Código Administrativo o, imposto de derrama com o fim de realizarmos obras úteis à comunidade. Esse imposto produziu-nos em Esc. 28 942$80. E ainda conseguimos, com a venda dos velhos eucaliptos do antigo cemitério, arrecadar mais 6 000$00.

— E então.

— Com essas verbas pôde a Junta iniciar verdadeiramente a sua acção, e pensando em aumentar os seus rendimentos, aplicou inicialmente os fundos adquiridos, em melhoramentos reprodutivos, proporcionando, logo que lhe foi possível, à construção do Mercado de Pero Pinheiro, que já hoje dá um rendimento razoável e permite pensar em novas realizações. Este Mercado, inaugurado em 31 de Agosto de 1952, já rendeu 5 162$50, apesar de a Junta ter dispensado as vendedeiras dos encargos do primeiro mês, e custou 35 683$85, tendo a Câ-

José Augusto da Cunha (regedor da freguesia)

mara concorrido com 5.000$00. Assim, as receitas elevaram-se em 31 de Dezembro de 1952 a 79.438$10

A respeito do Mercado é justo salientar que obliterámos dedicada colaboração do sr. José Augusto da Cunha, digno regedor da freguesia de Montelavar e importante auxílio dos industriais Albogas & Alves, que ofereceram dois blocos de mármore, Bartolomeu Jorge & Filhos, que os serraram, e Pardal Monteiro, L.da, Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro, Estremoz, Ld.ª, Simões Pereira & C.ª, Manuel Esteves Vitor e Josué Manuel Duarte, que cortaram e polirum as pedras para os lambris. Também não podemos esquecer o grande trabalho oferecido pelos operários que deram a mão de obra no polimento, corte e assentamento desse lambril e que foram: Rafael Rodrigues Lousteiro, Augusto da Silva Ferreiras, Manuel Amaro, Joaquim Cantadeiro, João Mendes, Joaquim Francisco Chilreira, António Barranhão, Joaquim Bragança, Albano Alves, Amadeu Lourenço da Silva, Amadeu Moreira, José Martes Júnior, João Fernandes Marques e Manuel Augusto Parreiras.

Foi com estas dedicadas contribuições que pudemos construir um razoável Mercado por tão baixo custo.

— Que mais realizações conseguiu a sua Junta? preguntámos a Manuel Dias Pereira.

— Conseguimos a construção da estrada de Pero Pinheiro a Maceira, a reparação da tubagem no Chafariz de Fação e a colocação de uma bomba de tirar água, bem como outras duas para Montelavar. Pudemos além disso, obter a criação de uma escola em Anços e dois Postos Escolares, um em Morelena e outro em Cortegaça. Tratámos convenientemente do Cemitério, arruando o como se impunha e colocando placas com indicação dos nomes; procedeu-se a nova numeração de jazigos e campas, de acordo com planta prévia, plantamos roseiras e arbustos e fez-se uma obra de limpeza e embelezamento que o coloca no seu justo nível. Por outro lado, com a reduzida verba que a Comissão Municipal de Assistência destina à Comissão Paroquial, (5.385$80), distribuimos pelos pobres mais necessitados da freguesia 8 342$80, tendo a junta contribuido à sua parte, mau grado os seus limitados recursos, com 2 957$00. Tudo constará, porém, do Relatório que vamos publicar, para conhecimento dos nossos paroquianos.

— E agora, para o ano corrente e o seguinte, quais são as aspirações da Junta?

— Não são poucos os melhoramentos que desejaríamos ver realizados, porque são muitas as localidades e estiveram muitos anos abandonadas, mas a freguesia merece-os. E vou enumera-los por lugares:

Montelavar:

— A estrada de Montelavar, que segue até próximo do cemitério;

— um lavadouro público, devidamente coberto;

— arranjo da sede da Junta, que esperamos concluir antes de terminado o nosso mandato;

— arranjo das ruas e

— iluminação pública.

Pero Pinheiro:

— Água;

— arranjo das ruas;

— lavadouro;

— melhor iluminação pública, com a colocação de mais lâmpadas e de maior potência.

Maceira:

— Água;

— lavadouro;

— arranjo das ruas;

— melhor iluminação;

— electrificamento da estrada de Pero Pinheiro a Maceira;

— arranjo da estrada que a ligue à Estrada Nacional, passando pela Pigarra.

Morelena:

— Agua;

— Lavadouros;

— Arranjo da rua principal, devidamente alcatroada;

— Melhor iluminação;

— Reparação do troço de estrada que liga Morelena à estrada Nacional.

Anços:

— Agua;

— Lavadouros;

— Uma estrada de Maceira a Anços;

— Luz eléctrica.

Fação:

— Agua;

— Lavadouros;

— Melhor iluminação pública

— Reparação conveniente da rua que liga esta povoação a Lameiras, que está intransitável;

Cortegaça:

— Lavadouro;

— Luz eléctrica;

— Arranjo da estrada que a liga a Fação.

DIVERSOS

— Arranjo da estrada que liga Pero Pinheiro a Negrais, passando por Pedra Furada;

— Arranjo duma estrada que ligue Farelo e Ribeira dos Tostões à Pedra Furada;

— Reparação de caminhos vicinais;

— Edifícios escolares condignos em Montelavar, Pero Pinheiro, Maceira e Morelena.

É assim terminou esta longa, mas necessária entrevista com o activo e inteligente presidente da Junta de Freguesia de Montelavar, que falou por si e pelos seus colegas.

Assinai «A Voz de Sintra»

A INDUSTRIA DA PEDRA

E os Industriais de Montelavar

Não se pode dizer se a exploração da indústria de cantarias — início da de exploração de mármores da região — foi começada por indústriais de Montelavar ou de Pero Pinheiro. Quando conhecemos a freguesia, e já lá vão 30 anos, vários nomes eram ali citados normalmente como industriais da pedra: Joaquim Vicente Albogas, José Luiz Cortez, Pardal Monteiro, Manuel Vicente Carrasqueira, Moucheiras, etc., Hoje, em Montelavar, estão as firmas José Américo Cortez & Irmão, António Manuel Cristóvão, ambas as firmas com serrações e oficinas de cantarias, João António Moucheira, que tem oficinas e serrações em Pero Pinheiro e Pervença, e outras a que ainda nos referiremos. A firma José Américo Cortez & Irmão exerce ainda a indústria de cominagem de carga e transporta blocos para todos os pontos do País.

A reportagem que proseguiremos sobre o valor da indústria dos mármores na freguesia de Montelavar, abrangerá os grandes centros de Pero Pinheiro, Morelena, Lameiras, Fação e parte de Maceira. Tentaremos fazer um pouco de história da evolução dessa indústria que merece excepcional relevo pelo que representa de esforço, trabalho e tenacidade, só compreensíveis perante a documentação e a descrição das suas multiplas e numerosas fases de exploração.

JOSÉ AMÉRICO CORTEZ & IRMÃO

SUCESSORES DE

JOSÉ LUIZ CORTEZ & IRMÃO

Duas secções da indústria de Mármores da firma José Américo Cortez & Irmão: Serração e Cantarias.

Canteiros e fornecedores de cantarias. Premiados com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908. Com pedreiras, oficina e serração de mármores é máquinas de cortar e polir. Exportações para o estrangeiro.

+ CAMIOMETAS DE ALUGUER +

Telefone 23 - PERO PINHEIRO

Uma das camionetas da mesma firma transportando um bloco com 12,5 toneladas

MONTELAVAR

António Manuel Cristóvão

FORNECEDOR DE CANTARIAS

Com serração e máquinas de polir e cortar mármore, pedreiras de mármores em Lameiras e Negrais e oficinas em Montelavar.

TELEFONES

Residência: Pero Pinheiro 27, das 17 às 8 horas

Oficina: Pero Pinheiro 72, das 8 às 17 horas

MONTELAVAR

Figura 13- "A Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 77, Ano II, p.1, 2 maio 1953.

SINTRA
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
2-05-1953	A VOZ de SINTRA	77	

A Indústria dos Mármores em PERO PINHEIRO

Deve remontar ao ano de 1730, aproximadamente, coincidindo com a construção do sumptuoso Convento de Mafra, o início da exploração dos finos calcareos e mármores de Pero Pinheiro.

Nada se sabe de positivo sobre as razões que levaram os arquitectos e construtores desse edificio monumental a escolher esta região nem de como desvendaram eles os grandes jazigos do esplêndido mineral escondido sob o seu extenso subsolo. E' de concluir, porém, que tivessem procurado entre Lisboa-Mafra e Mafra-Sintra, as pedreiras mais próximas do local da obra, capazes de suprirem a enorme massa do calcáreo e do mármore convenientes, em qualidade e quantidade, à sua execução, e que, pelos afloramentos então ainda ali à vista, o tivessem verificado, optando pela sua aplicação à prévia idealização dos trabalhos.

Mas não é aqui o lugar de fazer História, nem a História fácil de fazer, à míngua de elementos elucidativos que nem sequer, porventura, existirão, mais de dois séculos volvidos, para confirmar ou anular simples deduções.

(Segue na 5.ª página)

Figura 14- "A Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 77, Ano II, p.5, 2 maio 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
23-05-1953	TITULO: A VOZ de SINTRA	77	

2-5-1953 A VOZ DE SINTRA N.º 77

A Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro

(Continuação da 1.ª página)

O TRABALHO E VALOR ACTUAL DA INDUSTRIA

O que de momento nos interessa focar, para ser mais conhecido, e mais reconhecido, é o trabalho e o valor actual da maior industria da pedra existente no País, das mais arriscadas, dispendiosas e morosas das industrias que conhecemos, portanto das mais justificadamente caras, e, todavia das mais expandidas na construção civil, tanto na capital como na maioria das cidades e vilas do Continente e das Provincias Ultramarinas, onde chega, quando não serrada ou em cantarias, pelo menos em esculturas a perpetuar figuras ilustres das nossas letras, das nossas artes ou da nossa História.

Por outro lado a sua exportação pesa ainda na nossa balança comercial.

ATÉ AO ARRANQUE DA PEDRA

Se em algumas pedreiras, principalmente das que representam o mármore, com todas as suas caracteristicas de formação geológica, ele se encontra, por vezes quase à superficie, com pequena espessura de samouco, nas pedreiras de lióz, este, quase sempre, só se encontra a grandes profundidades e, caprichosamente, em geral, dentro da sua camada, quanto mais fundo mais branco, mais são e de granulação mais fina. Mas também pode acontecer que, depois de uma samouçagem e remoções de entulhos, que atingem cinco a dez metros e mais, custando rios de dinheiro, se dê com uma qualidade de calcáreo cheio de defeitos — linhas, fios, «abelheiras» ou manchas — que lhe tiram todo o valor industrial e comercial, podendo conduzir a ruina, se o explorador não estiver em condições financeiras de recomeçar a tentativa em outro local.

De maneira que, começa assim o primeiro risco do industrial de marmores — não ter a sorte de encontrar a pedra prevista para os fins determinados e compensadores: blocos com dimensões suficientes para serrar, canteirar e esculpir.

Antigamente, esta exploração era feita apenas por cabouqueiros e os proprietários das pedreiras, em geral os proprios industriais, recebiam a «Matagem» (uma importância correspondente ao valor da pedra extraída e preparada para utilização) reservando-se o direito de escolha dos blocos que mais lhe conviessem.

A valorização da matéria prima, o encarecimento das ferramentas e da mão de obra, aliados aos riscos já referidos, aumentaram de tal modo o capital necessário à exploração, que os cabouqueiros foram sucessivamente transferindo-a para o industrial. E é este que hoje suporta todos os pesadissimos encargos — muitos deles quase incomportáveis — que oneram a indústria já de sua natureza cara e, como vimos, contingente, pelo que merece mais atenção e maior amparo dos poderes constituidos.

(Continua no próximo número)

* * *

Ainda a entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia de Montelavar

Há sempre em entrevistas, omissões involuntárias, que as deixam incompletas, mais por culpa do entrevistador que do entrevistado. Foi o que nos aconteceu quando ouvimos Manuel Dias Pereira. Foi por isso que não citamos, ao referirmo-nos às aspirações do Presidente da Junta, o arranjo da estrada de Pero Pinheiro a Montelavar, que ele desejaria ver alcatroada. O mesmo nos aconteceu, ao registarmos, a seu pedido, os nomes dos que contribuiram para a construção do Mercado de Pero Pinheiro, deixando injustamente de fora a importante contribuição da firma José Rodrigues e David Carrasqueira, que para a obra contribuiu com o carregamento do saibro.

Rectificamos e pedimos desculpa dessas omissões.

Avalia-se por esta gravura, as dificuldades, o tempo e as despesas para o arranque e corte dos blocos de lióz

Figura 15- "A Notável Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro- A extracção dos blocos", A Voz de Sintra, nº 79, Ano II, p.1, 16 maio 1953.

SINTRA

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
16-05-1953	A Voz de SINTRA	79	

A Notável Indústria dos Mármores de Pero Pinheiro

A EXTRACÇÃO DOS BLOCOS

As pedreiras da região de Pero Pinheiro, pròpriamente dita, no sentido leste-oeste, passando por Lameiras e até à Fervença, obrigam a uma dispendiosa exploração em profundidade. Quando aberta a «frente da pedreira», inicia-se a extracção dos blocos, de começo com o que a pedra dá, aproveitando estes com as dimensões que tiverem entre cabos estreitos ou largos, (veios que os separam), ou cortando-os, se fôrem longos, segundo os fins a que se destinam.

Logo que o bloco está completamente descoberto a primeira operação consiste em abrir-lhe um rôço longitudinal junto ao lóro da pedra (fio indicativo da separação de outra massa calcarea) roço que forma um longo angulo obtuso onde se ajustam cunhas de ferro devidamente calçadas nas extremidades e que são depois batidas com enormes marretas de ferro «encavadas» com varas de zambugeiro suficientemente maleáveis para impulsionar o choque e não sentir a sua repulsão nos braços que manejam o grande pêso quando atinge a cunha. E' este o mais violento trabalho do cabouqueiro que vai batendo cunhas, uma por uma, até que o bloco se separe da camada inferior. Para ele, em geral, são escolhidos os homens mais robustos, e o esforço fisico é tal que, quando os

(Segue na 3.ª página)

Figura 16- "A Indústria dos Mármores Regionais", A Voz de Sintra, nº 79, Ano II, p.3, 16 maio 1953.

SINTRA

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
16-05-1953	A Voz de Sintra	79	

16-5-1953 A VOZ DE SINTRA N.º 79

A Indústria dos Mármores Regionais

(Continuação da 1.ª página)

rões são mais longos, dois homens se revezam, substituindo-se a cada percurso da marreta e cada um deles canta palavras adequadas ao ritmo da inspiração e expiração necessárias ao movimento de impulsão e descarga da brutal pancada que lentamente vai forçando a pedra a render-se.

Terminada esta operação, outras alavancas de grande peso, forçadas por tantos homens quantos precisos, vão levantando o bloco que vai sendo sucessivamente calçado, ao mesmo tempo que se vão procurando e substituindo novos pontos de apoio. Descalado o bloco por todos os seus lados, é então deslocado para o lugar próprio ao seu desbaste, por meio de macacos de engrenagem ou hidráulicos, mas

Enorme bloco de tão, com alguns metros cúbicos, extraído em uma das pedreiras da firma Pardal Monteiro, Ld.ª

a pedra desliza aos poucos centímetros de cada vez.

Em seguida segundo o seu tamanho e as medidas a que tiver de obedecer, será ou não guilhado. Esta outra operação é também morosa e, por vezes também arriscada, visto que, tendo por fim fender o bloco em determinada extensão, pode desviar-se do prumo que se pretende. Consiste ela em uma série de orifícios feitos em linha recta, com a profundidade conveniente à introdução de guilhos que depois de aconchegados são batidos, também um por um até obter a fissura.

Nas grandes pedreiras, de há alguns anos para cá, foi adoptado o fio helicoidal que corta por fricção o calcário dos grandes bancos no sentido que se deseja, substituindo assim o «levante» e a «guilhagem» e, portanto, esse enorme e violento esforço dos cavouqueiros.

AS OPERAÇÕS DE DESBASTE

Logo que o bloco é afastado do banco, de que foi extraído, o cavouqueiro alinha-o a fio de carvão ou de giz escuro ou vermelho, para começar a desbastá-lo a comarteló, perpendicularmente, eliminando as saliências maiores sob a linha traçada, até o «afeiçoar» ou «afagar», rogando-o depois em sulcos oblíquos paralelos de pequena profundidade, operação esta que executa em cada uma das suas faces e nos topos, a que na linguagem corrente nas pedreiras se chama «cabeças», até que a pedra fique em perfeita esquadria. Assim é está virada a maca-o e calçada, tantas vezes quantas necessárias a prova de esquadro em todos os seus ângulos.

Só findas todas estas operações o bloco está pronto para ser transportado conforme o seu fim, para a serração ou para a oficina de canteiros.

Por esta descrição se verifica a série de trabalhos, forçadamente morosos, e pode avaliar-se a razão porque o bloco de liós sai tão caro por metro cúbico, que é a medida corrente entre os cavouqueiros e os industriais, só para o efeito de venda em bruto.

Cada uma dessas pedras rectangulares que se vêem nas pedreiras ou nos estaleiros das serrações aparentemente inerte e sem valia, representa um capital grande que corresponde a soma do valor do calcário, do tempo, dos salários, dos seguros do pessoal e das ferramentas e ainda ao período de seu empate até ao consumo, sem contar o custo do transporte que a cada um onera, segundo as suas dimensões.

* * *

Veremos em seguida como este capital equivalente a milhares de contos imobilizados, ainda se multiplica nas várias fases da dispendiosa manufactura da pedra até à sua aplicação e quanto de compreensão, carinho e atenção devem ser dedicados a esta bela indústria de ornamentação sobrecarregada de encargos, de contingências e de vicissitudes que só os industriais conhecem.

(*Continua*) *F. da Cunha*

Um cavouqueiro, ou canteiro, na operação do desbaste de um bloco a pilão

PARDAL MONTEIRO, L.DA

MÁRMORES E CANTARIAS

PARDAL MONTEIRO

CASA FUNDADA EM 1888

Edifício dos engenhos de serrar pedra

SEDE
PERO PINHEIRO

ESCRITÓRIO
Estrada de Benfica
169-171
LISBOA

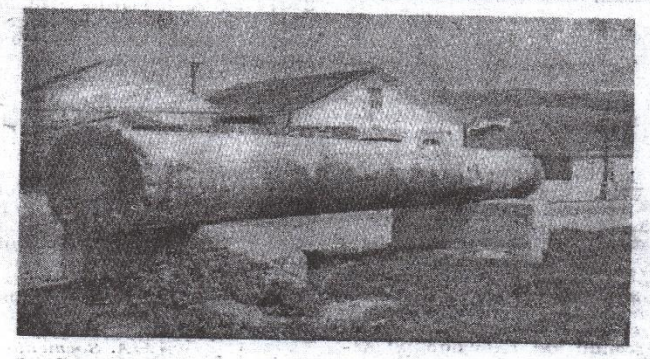
Uma das pedreiras de liós pertencente à firma

Uma das secções das oficinas de canteiros

Figura 17- "A Notável Indústria dos Mármores em Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 80, Ano II, p.1, 23 maio 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
23-05-1953	TITULO: A Voz de SINTRA	80	



A coluna recusada há mais de 200 anos para o Convento de Mafra e que bem poderia ser o brazão de Pero Pinheiro, onde devia ser erguida como monumento e símbolo da indústria local

A Notável Indústria dos Mármores de Pero Pinheiro

(Continuação)

Os nossos leitores que por curiosidade têm acompanhado esta descrição tão ligeira e chã quanto possível, da industria dos mármores de Pero Pinheiro, nome porque são industrialmente conhecidos, mas que abrange na sua nomenclatura várias zonas da mesma região, tais como Morelena, Maceira, Fação, Lameiras e Pedra Furada, não fazem ainda ideia dos restantes trabalhos, riscos e enormissimas despesas já apontadas, a que dá origem a exploração da pedra nas suas diversas modalidades e diferentes aplicações.

A abertura das pedreiras, em grande parte sugeitas às contingências da sorte, a extracção dos blocos e as operações de desbaste, são actos preleminares do desenvolvimento dessa industria, mas concluidos estes, há que proceder à sua remoção.

Carregamento e transporte de blocos

Se a pedreira é ampla bastante, com as pedras de refugo formam-se cais, onde os blocos pódem esperar a sua utilização conforme as necessidades do consumo. Mas este caso, como facilmente se depreende, raro se dá inicialmente, a menos que o mármore se encontre quasi a superficie e haja extenção de terreno para ficar ocupado por aquêles sem prejudicar a conti-

(Continua na 3.ª página)

Figura 18- "Mármores em Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 80, Ano II, p.3, 23 maio 1953. (ao verificarmos a data da figura anterior, a data é 23 maio 1953 e não 25 maio 1953).

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
25-05-1953	TITULO: A VOZ de SINTRA	80	

N.º 80

Mármores de Pero Pinheiro

(Conclusão da 1.ª página)

nuação dos trabalhos de «arranque».

Como quer que seja, mesmo para evitar a imobilização do capital já dispendido, convém que os blocos sejam imediatamente transportados para as serrações ou oficinas, conforme o seu tamanho.

Se pequenos, a operação da carga é mais simples, mas sempre perigosa. Quando grandes, os perigos do carregamento redobram, sobre tudo se não existirem aqueles cais, pois há que lidar, continuamente, com pesos que oscilam entre mil e quinze mil quilos, qualquer dos quais, à menor imprevidência ou descuido pode esmagar um ou mais homens desprevenidos.

Hoje, com a mecanização, adoptam-se nas pedreiras processos que diminuem o perigo e ganham tempo. Os aparelhos arrastadores com grossos cabos de arame trançado facilitam a deslocação dos blocos, do mesmo modo que os tractores e os fortes camiões o seu transporte. Outróra, porém—e em algumas pedreiras ainda é corrente — todas essas operações eram feitas com «macacos» de cremalheira, numa lentidão de enervar, sendo às vezes necessário dois e mais desses aparelhos, movimentados por 2 ou 3 operários, para removerem um só bloco. E era sobre zorras tiradas por várias juntas de bois que o seu transporte se fazia. Este sistema ainda é frequentemente utilizado para blócos de grande peso (veja-se uma das gravuras) e alguns industriais mantêm ainda os bovinos necessários para esse efeito. Mas os camiões a óleos pezados são actualmente os grandes transportadores, desde que as pedreiras lhes dêm acesso.

Uma zorra da Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro - Estremoz, L.da, carregada com um bloco para estatuária, com cerca de 12 mil quilos de peso.

Finalmente os blocos são depositados nas cercas e estaleiros das serrações e aí aguardam a sua aplicação.

Do movimento destas e sua importância na indústria dos mármores da região, daremos a merecida descrição no número imediato.

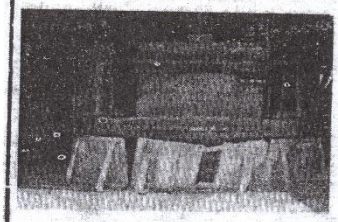
ETELVINO DA CUNHA

Figura 19- "A Importante indústria dos Mármores em Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 81, Ano II, p.1, 30 maio 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
30-05-1953	A VOZ de SINTRA	81	

A Importante indústria de Mármores de Pero Pinheiro



Um engenho de serrar visto de topo

Prosseguindo na descrição da interessantissima indústria dos Mármores em Pero Pinheiro, embora sumariamente o façamos, queremos levar ao conhecimento daqueles que ignoram o seu valor e o que ele representa na economia regional e nacional, além dos elementos curiosos do trabalho valioso que só pode ser conhecido daqueles que frequentem a enorme área em que se desentranha toda numa actividade a merecer larga protecção das entidades ligadas ao fomento da produção nacional.

AS SERRAÇÕES

A indústria dos mármores tem atingido um grande desenvolvimento devido a vários factores de ordem estética e urbanistica, mas, principalmente, à possível serração dos mármores que permitiu o desdobramento dos blocos em folhas de todas as espessuras para os fins e concepções artísticas as mais variadas. Concomitantemente, esta facilidade de consumo aumentou o número de estabelecimentos desta natureza.

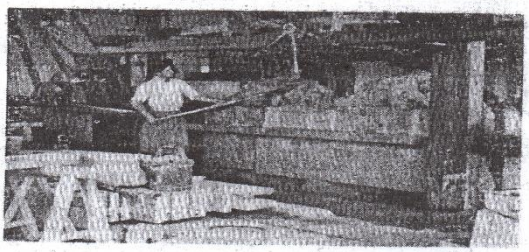
As primeiras serrações de Montelavar e de Pero Pinheiro, devem ter sido montadas depois dos meados do século passado e foram movidas a água como ainda hoje o são duas ou três — mas só no inverno — e até a vento, funcionou uma, movida pelas velas de um moinho. Este ainda existe e lá tem encrustada uma lápide, mandada colocar pelo próprio industrial, na qual se lê o seguinte:

«Fábrica movida a vento de Serração de Pedra e Moagem, de Joaquim V. Albogas. Ano de 1808».

Já lá vão, portanto, 55 anos. Não sabemos que resultados teria dado, mas devem ter sido precárias, visto que ninguém os adptou. É hoje uma velharia, mas não deixa de ser curiosa a iniciativa do industrial que assim quis aproveitar a energia do vento. Esse mesmo industrial, um pouco mais tarde, montou uma outra serração, movida então por locomotiva a vapor.

Actualmente quase todas as instalações trabalham por energia eléctrica, mas durante largo período foram os motores a gaz pobre os fornecedores da energia necessária ao funcionamento dos engenhos. Estes são forma-

(Continua na 3.ª página)



Um operário «chegando» a areia sobre os blocos que o engenho serra

Para cada braço uma enxada,
Para cada família o seu lar,
Para cada boca o seu pão

(Do discurso de SALAZAR, ao inaugurar o ciclo de conferências ministeriais sobre o Plano de Fomento.)

Figura 20- "Mármores de Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 81, Ano II, p.3, 30 maio 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
30-05-1953	TITULO: A VOZ de SINTRA	81	

Mármores de Pero Pinheiro

(Continuação da 1.ª página)

dos por uma grade rectangular que trabalha entre prumos de madeira ou ferro, mantendo bem esticadas, perpendicularmente, aos cabeçotes ou testeiras, folhas ou laminos de ferro da espessura de 2 a 3 milimetros, colocadas paralelamente conforme as gravuras requeridas e que em movimento de vai-vem provocado por um excentrico ligado a uma «lança também de ferro ou madeira vão serrando a pedra sob a acção de areia e água, continuamente lançada aquela por meio de pás adquadas, e esta por via de tubagem que a leva a um crivo de que cai em forma de chuveiro. Em alguns engenhos mais modernos, mas com uma montagem cara e nem sempre tão eficiente, a água e a areia misturadas na devida proporção, são distribuidas automàticamente sobre os blocos e as «sarras».

Estas não cortam em média, segundo o seu número, que é proporcional à largura do bloco e à espessura das folhas desejadas, que vão em geral de 1 milimetros a 12 e, às vezes, a 20 centimetros, mais de 5 a 15 ou 20 centimetros por dia de 8 horas, pelo que é frequente manterem as serrações dois turnos em actividade.

Por outro lado, a carga e descarga dos engenhos são também operações morosas, até que a pedra siga o seu destino: estaleiro aguardando oportunidade de consumo, oficinas de corte e de polimento; ou canteiros quando tem que ter qualquer outro acabamento, consoante a aplicação.

A par das serrações trabalham também aparelhos de cortar com fio helicoidal, de montagem mais simples, mas aplicável ou útil só para as grandes espessuras, e, em geral ao trabalho posterior dos canteiros que assim tem o seu esforço e tempo diminuidos por lhe chegarem as pedras já com as medidas requisitadas.

(Continua)

Figura 21- "A indústria dos Mármores em Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 82, Ano II, p.1, 6 junho 1953.

SINTRA
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
6-06-1953	A VOZ de SINTRA	82	

A Indústria dos Mármores de Pero Pinheiro

(Continuação)

A pedra serrada é distribuida por estaleiros como este

A descarga das pedras serradas, dos engenhos, é também operação morosa, já porque exige muito cuidado para que as folhas quando finas — a maior parte na espessura de 18 m/m — não se partam, já porque quando a grossura vai além dos 3 centimetros, o seu pêso é grande e pode magoar sèriamente os operàrios.

Depois de distribuidas, como já dissemos, as que têm destino imediato, as restantes são transportadas para os estaleiros, onde aguardam o momento de serem utilizadas. Esta circunstância exige não só que haja espaço bastante para a

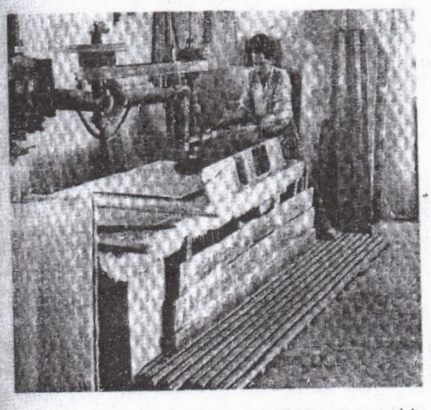
(Segue na 3.ª página)

Figura 22- "A Grande Indústria de Mármores de Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 82, Ano II, p.3, 6 junho 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
6-06-1953	A Voz de SINTRA	82	

A Grande Indústria de Mármores de Pero Pinheiro



Uma máquina de polir em uma oficina de Maceira, com o operário atento ao trabalho que executa

(Continuação da 1.ª página)

sua arrumação, como passa a corresponder a um acumulo de capital que aumenta sempre.

E assim, nas cercas e nos estaleiros, em bloco ou folhas serradas, vão sempre crescendo as despesas e as inversões de dinheiro, factores que representam enorme esforço dos industriais que merece essa consideração especial para que apelamos, principalmente, quando se tem em vista os excessivos encargos sociais que lhe são exigidos.

O CORTE e o POLIMENTO

Foram as máquinas de cortar e polir que concorreram enormemente para aumentar o consumo do mármore serrado, tornando mais rápida, mais perfeitas e menos contingentes as operações a que tem de sujeitar-se para aproveitamento dos seus múltiplos usos na construção civil, como belo ornamento interior ou exterior de todos os edifícios, porque edifícios sem pedra, são sempre construções aparentemente incompletas, sem os lindos contrastes que o mármore ou o calcario lhe imprimem.

As instalações dessas máquinas, existem hoje em quase todas as inúmeras serrações de Pero Pinheiro, de Morelena, Maceira, Fação e Lameiras, e assim, por indispensáveis, aumentam também, de modo considerável, o capital de montagem das oficinas, tanto pelo seu custo, como pelo terreno ocupado, que tem de corresponder evidentemente a um aumento de construção.

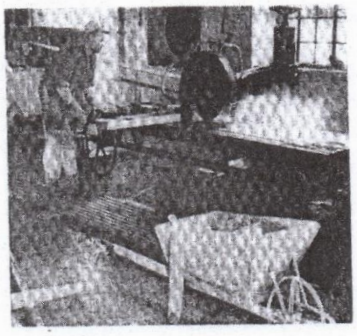
Em contrapartida são elas que facilitam o despacho das encomendas, pela rapidez e perfeição com que executam o trabalho, dirigido sempre por operários especializados.

As gravuras que reproduzimos dão ideia do modo porque funcionam, melhor que qualquer descrição que pretendessemos fazer.

Mas o nosso empenho, como temos dito é focar a importância e o valor da indústria dos mármores da freguesia de Montelavar e da região de Pero Pinheiro, que mais se evidenciará ainda quando documentarmos em proximos números as organizações industriais das localidades acima citadas.

E. da Cunha

(Continua no próximo número)



Uma máquina de cortar e o seu operário numa oficina de Morelena

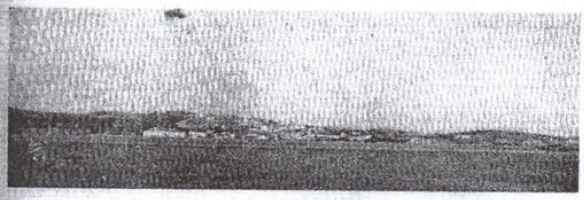
Figura 23- "A indústria de Mármores em Morelena-Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 84, Ano II, 20 junho 1953.

SINTRA

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
20-06-1953	A Voz de SINTRA	84	

A Indústria de Mármores em Morelena-Pero Pinheiro



O lugar de Morelena, vistos dos seus campos

O rico subsolo calcáreo da região de Pero Pinheiro estende-se, como já dissemos, por uma vasta área, e assim, a exploração das pedreiras, à medida que aumentava o consumo dos mármores e das cantarias, ia alastrando necessàriamente para as povoações limítrofes, dando origem à montagem das correspondentes indústrias e, em consequência à constituição de fortes aglomerados populacionais. Entre estes, atingindo preponderante situação, o lugar de Morelena, onde a primeira serração foi montada pelo industrial António Silvério, homem de trabalho, de acção e de iniciativa, que, com admirável tenacidade tem procedido a instalações amplas e modelares neste género de indústria, conforme se pode verificar na 3.ª página deste número. Sucessivamente outras serrações se foram erguendo nesta localidade, providas não só dos engenhos de serrar, mas também das máquinas de cortar e polir que tanto adeantamento vieram dar à manufactura da pedra, contando-se hoje ali também, além da já citada, as firmas V.ª de António José Moreira, Estêvão Manuel Coelho, Herdeiros Ld.ª, Alfredo Julião & Irmão e Alves & Vinagre. (Ver 3.ª e 6.ª página).

O desenvolvimento destas indústrias nos diversos lugares da freguesia de Montelavar — e ainda havemos de referir-nos a Maceira, Fação e Lameiras — deu origem a outras relacionadas e a que sucessivamente nos referiremos, continuando a demonstrar o valor daquela progressiva região do nosso concelho, consoante nos propuzemos e temos feito. Mas concluiremos hoje, apontando a montagem relativamente recente da fábrica de granulado, crés, gêssos, britas e areias para estuques, da firma Domingos Sebastião, no Casal de S. Miguel.

Além ainda da sua importância industrial, a região de Morelena constitui também um valor na agricultura, principalmente na produção de cereais, pois são de boa qualidade os seus terrenos de planície.

(A seguir MACEIRA)

Figura 24- "A indústria de Mármores em Maceira-Pero Pinheiro", A Voz de Sintra, nº 85, Ano II, 27 junho 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
27-06-1953	A Voz de Sintra	85	

A INDUSTRIA DE MARMORES em MACEIRA - PERO PINHEIRO

A ridente e próspera povoação de MACEIRA

As pedreiras de mármores de Pero Pinheiro distendem-se na direcção do aprazível lugar de Maceira, encontrando-se ali «bancos» de azulino, de boa procura, bem como o almiscado e o liós. O vasto subsolo

(Segue na 4.ª página)

Figura 25- "A Arte da Pedra na região de Pero Pinheiro – José Raimundo, canteiro-escultor", A Voz de Sintra, nº 87, Ano II, p.1, 11 julho 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
11-07-1953	A Voz de SINTRA	87	

A ARTE DA PEDRA

na região de Pero Pinheiro

José Raimundo, canteiro-escultor

Não há no País região que tenha maior número de canteiros que a freguesia de Montelavar, do nosso concelho, abrangendo as suas principais localidades, já aqui referidas frequentemente, tendo como centro principal Pêro Pinheiro, espraiando-se por Morelena, Lameiras, Fação e Maceira, fulcros principais da arte da pedra.

Dir-se-ia que, independentemente do meio, a heredetariedade aqui se revela, transmitindo-se de geração em geração, formando-se como os frutos de árvores que não toleram a enxertia. Parece que, em cada família, os rapazes nascem de escopro e maceta na mão, prontos a lavrar o mármore nas formas geométricas simples com que se iniciam na arte.

Inicialmente sem escolas primárias suficientes, até hoje sem uma escola profissional, os canteiros tornam-se áptos, por herança ou disposição congénita, alguns mesmo, sem saberem ler nem escrever, a reproduzirem desenhos de ornatos fornecidos pelos arquitectos. Alguns canteiros tem havido ali, que, completamente analfabetos, conseguiram fama de mestres, perfeitos e completos na sua arte, com uma intuição natural que lhes permitia interpretar fielmente todos os desenhos que lhes eram fornecidos.

Não é este o caso do canteiro-escultor José Raimundo, a quem hoje nos vamos referir, que tem apenas 45 anos e é, certamente o mais afamado da região.

José Raimundo é natural do lugar das Lameiras, da freguesia de Montelavar e tem oficinas próprias à entrada da estrada que conduz à sede dessa freguesia. Começou a sua aprendizagem nas oficinas da firma Pardal Monteiro e frequentou a Escola de Machado de Castro em curso de aperfeiçoamento de desenho. Já em 1935, portanto, com 27 anos apenas, foi a Luanda assentar o monumento aos mortos da Grande Guerra.

Ele considera-se canteiro-

Uma das estátuas esculpidas nas oficinas de José Raimundo

-ponteador, mas nós preferimos chamar-lhe, como fizemos, canteiro — escultor porque não consideramos menos difícil a transposição para a pedra bruta das figuras idealizadas e modeladas pelo escultor do que a sua modelagem. A'parte a concepção — este privilégio de poucos — a técnica e o trabalho aproximam-se. No resto, o escultor modela no gêsso ou no barro ductil à vontade da sua fantasia, aumentando ou diminuindo a massa, burilando a forma até atingir o seu ideal de perfeição, enquanto que o canteiro tem que reproduzir na massa bruta e dura, mas quebradiça, sem poder alterar aque-

(*Conclui na 4.ª página*)

Figura 26- "A arte da pedra", A Voz de Sintra, nº 87, Ano II, p.4, 11 julho 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
11-08-1953	A Voz de Sintra	87	

A ARTE DA PEDRA

(Continuação da 1.ª página)

la, devendo igualar na pedra todo o delineamento e toda a expressão que o escultor lhe imprimir, de que resulta, findo o trabalho de muitos canteiros ter este que dar-lhe os últimos retoques.

Mas com José Raimundo isto não é necessário. Os escultores confiam na sua arte e ele é na arte da pedra o preferido de grandes mestres, como por exemplo, Leopoldo de Almeida.

Tem esculpido várias estátuas, entre elas a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, oferta do Govêrno Português para uma Igreja há pouco inaugurada em Roma.

Quando estivemos na sua oficina, tinha ele concluidas para embarque as estátuas de João de Santarém, o descobridor de S. Tomé, de João Paiva, o seu povoador, dos escultores António Duarte e Joaquim Correia, além da estátua de Pero de Escolar, piloto da «Berrio», da esquadra de Vasco da Gama, na descoberta da India, da autoria do escultor Euclides Vaz.

José Raimundo é também o autor da transposição do grupo escultórico, da autoria de Mestre Leopoldo de Almeida — «A Família», trabalhado num bloco de mármore que entrou para a sua oficina com o peso de 12 mil e 500 quilos, saindo depois de acabado, com o peso de 3.500, o que representa um desbaste de 9 mil quilos de pedra, até conclusão do trabalho, que durou cerca de um ano, com o auxílio de 4 canteiros ajudantes.

Foi ele ainda o reproductor do grupo escultórico que está colocado no átrio da Igreja do Santo Condestável, expressivo monumento também da autoria de Mestre Leopoldo de Almeida, representando S. Miguel Arcanjo e o Anjo de Portugal abrigando em suas azas a figura imortal de Nuno Alvares Pereira, o Condestável do Reino e o herói de Aljubarrota.

E foi também José Raimundo o canteiro ornamentista da figura que representa as mães portuguesas gratas a Salazar por ter sabido e podido evitar a entrada de Portugal na Grande Guerra que enlutou o mundo inteiro.

E' justa, pois, e devida, esta homenagem a um artista que honra os artistas canteiros de Montelavar e Pero Pinheiro, e portanto de Sintra, a que ele se orgulha de pertencer, como nós de os possuirmos.

ETELVINO DA CUNHA

Figura 27- "A Grande Indústria de Mármores em Fação-Lameiras (Pero Pinheiro)", A Voz de Sintra, nº 92, Ano II, p.1, 22 agosto 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

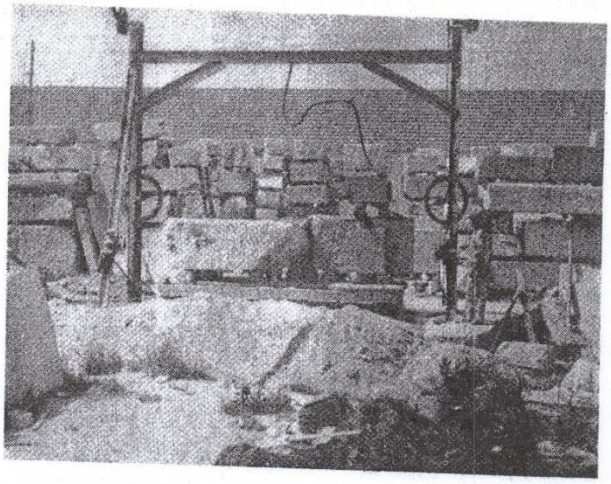
Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
22-08-1953	A Voz de SINTRA	92	

A Grande Indústria de Mármores em Fação - Lameiras (Pero Pinheiro)

Têmos em vários números dado a conhecer o valioso conjunto da mais importante das indústrias do nosso Concelho — a dos Mármores.

Já documentámos Montelavar, Pero Pinheiro, Maceira e Morelena. Faltáva-nos Fação e Lameiras, cujas pedreiras situadas na mesma area geológica dão também o afamado liós, tendo provocado consequentemente nestas localidades o desenvolvimento da correspondente industria das serrações e das cantarias. São montagens igualmente perfeitas com seus engenhos modernos, alguns de alimentação automática, fios helicodais e máquinas de cortar e polir, que permitem uma grande e rápida produção.



Um fio helicoidal para cortar cantarias

Quem passa pela estrada que de Sintra conduz a Mafra, e vê esses edifícios de estilo singelo que em Fação a ladeiam, com largos terreiro em que os blocos de mármore estão expostos, não faz, na maior parte dos casos, a minima ideia do valor que esses blocos representam, nem do capital invertido nessas instalações industriais nem tão pouco da azáfama de operários — serradores, canteiros, polidores, etc., que vai dentro delas. E, todavia, ao

(Conclue na 3.ª página)

Figura 28- "A Indústria de Mármores em Fação-Lameiras (Pero Pinheiro)", A Voz de Sintra, nº 92, Ano II, p.3, 22 agosto 1953.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

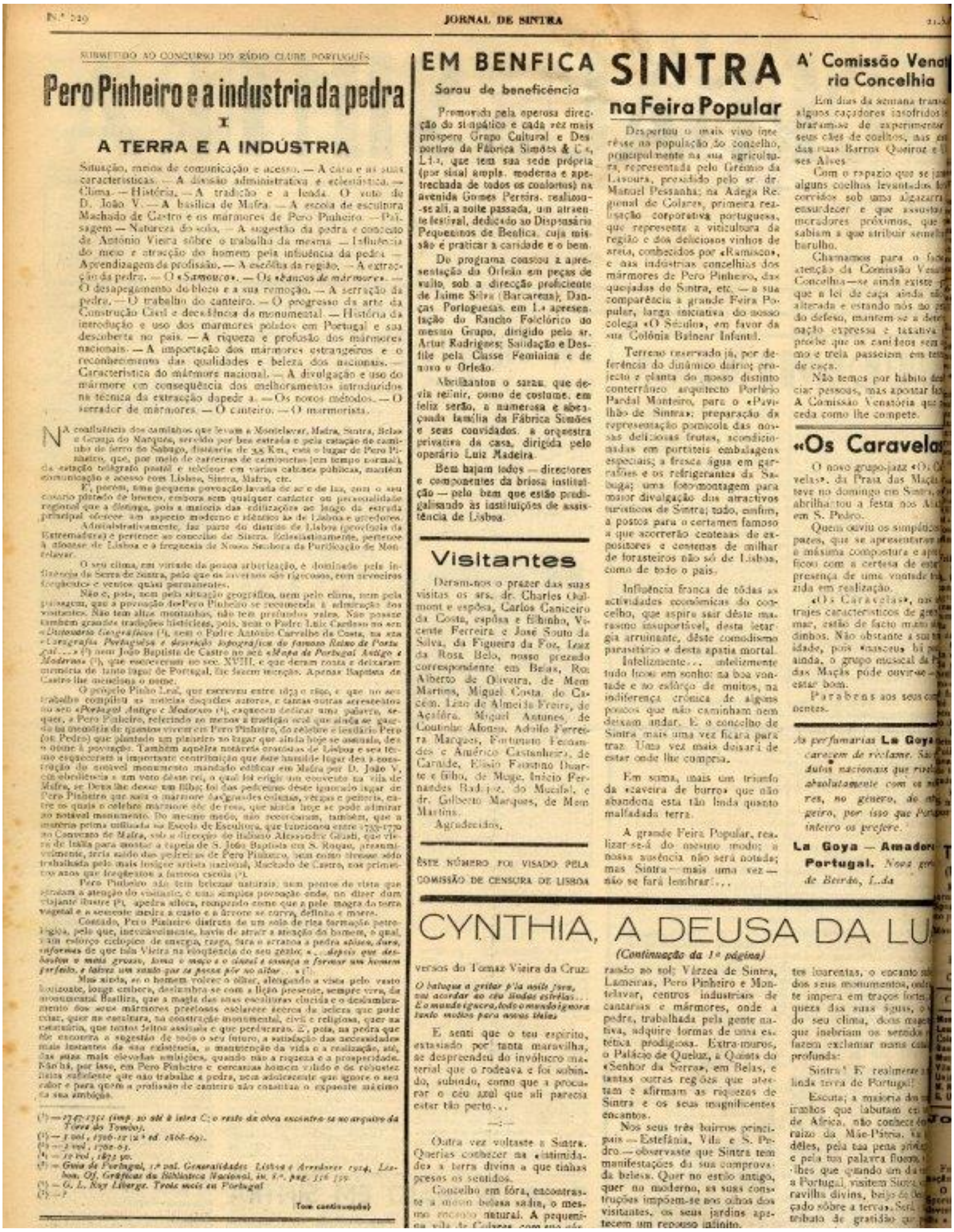
DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
22-08-1953	A VOZ de SINTRA	92	

A Indústria de Mármores em Fação - Lameiras - Pero Pinheiro

(Continuação da 1.ª página)

curioso dos nossos valores, aos admiradores da beleza ornamental dos edifícios de Lisboa, em que a pedra trabalhada em simples cantaria ou em delicados e artísticos ornatos, os faz resaltar à vista, valeria a pena parar um pouco, descer dos automóveis e admirar, ainda que por instantes as diversas fases, todas interessantíssimas, da transformação do mármore, quer pela máquina, quer pela mão do artífice. Embora as diversas operações sejam de per si, lentas para serem acompanhadas, delas se fica com uma completa e instrutiva noção do que esta industria representa na economia geral do País e da intuição dos nossos industriais e operários que, sem frequência de escolas técnicas ou profissionais, conseguem tão surpreendentes resultados, demonstrando iniciativa, engenho e perícia tais de que se dúvida quando se não vê.

Figura 29- "Pero Pinheiro e a industria da pedra- Capitulo I : A terra e a indústria", Jornal de Sintra, nº 529, Ano XI, 11 maio 1944.



N.º 529 JORNAL DE SINTRA

SUBMETIDO AO CONCURSO DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Pero Pinheiro e a industria da pedra

I

A TERRA E A INDÚSTRIA

Situação, meios de comunicação e acesso. — A casa e as suas características. — A divisão administrativa e eclesiástica. — Clima. — História. — A tradição e a lenda. O voto de D. João V. — A basílica de Mafra. — A escola de escultura Machado de Castro e os mármores de Pero Pinheiro. — Paisagem — Natureza do solo. — A sugestão da pedra e conceito de António Vieira sôbre o trabalho da mesma. — Influência do meio e atracção do homem pela influência da pedra. — Aprendizagem da profissão. — A escôlha da região. — A extracção da pedra. — O «Samouco». — Os «bancos de mármore». — O desapegamento do bloco e a sua remoção. — A serração da pedra. — O trabalho do canteiro. — O progresso da arte da Construção Civil e decadência da monumental. — História da introdução e uso dos marmores polidos em Portugal e sua descoberta no país. — A riqueza e profusão dos mármores nacionais. — A importação dos mármores estrangeiros e o reconhecimento das qualidades e beleza dos nacionais. — Característica do mármore nacional. — A divulgação e uso do mármore em consequência dos melhoramentos introduzidos na técnica da extracção da pedra. — Os novos métodos. — O serrador de mármores. — O canteiro. — O marmorista.

NA confluência dos caminhos que levam a Montelavar, Mafra, Sintra, Belas e Granja do Marquês, servido por boa estrada e pela estação do caminho de ferro do Sabugo, distância de 3,5 Km., está o lugar de Pero Pinheiro, que, por meio de carreiras de camionetas (em tempo normal), da estação telégrafo postal e telefone em várias cabines públicas, mantém comunicação e acesso com Lisboa, Sintra, Mafra, etc.

(Tem continuação)

EM BENFICA

Sarau de beneficência

Promovido pela operosa direcção do simpático e cada vez mais próspero Grupo Cultural e Desportivo da Fábrica Simões & C.ª, L.da, que tem sua sede própria (por sinal ampla, moderna e apetrechada de todos os confortos) na avenida Gomes Pereira, realizou-se ali, a noite passada, um atraente festival, dedicado ao Dispensário Pequeninos de Benfica, cuja missão é praticar a caridade e o bem.

Do programa constou a apresentação do Orfeão em peças de vulto, sob a direcção proficiente de Jaime Silva (Barcarena); Danças Portuguesas, em 1.ª apresentação do Rancho Folclórico do mesmo Grupo, dirigido pelo sr. Artur Rodrigues; Saudação e Desfile pela Classe Feminina e de novo o Orfeão.

Abrilhantou o sarau, que devia reünir, como de costume, em feliz serão, a numerosa e abençoada família da Fábrica Simões e seus convidados, a orquestra privativa da casa, dirigida pelo operário Luiz Madeira.

Bem hajam todos — directores e componentes da briosa instituïção — pelo bem que estão prodigalisando às instituições de assistência de Lisboa.

Visitantes

Deram-nos o prazer das suas visitas os srs. dr. Charles Oulmont e espôsa, Carlos Caniceiro da Costa, espôsa e filhinho, Vicente Ferreira e José Souto da Silva, da Figueira da Foz, Luiz da Rosa Belo, nosso prezado correspondente em Belas, Roberto de Oliveira, de Mem Martins, Miguel Costa, do Cacém, Lino de Almeida Freire, de Açafôra, Miguel Antunes, de Coutinho Afonso, Adolfo Ferreira Marques, Fortunato Fernandes e Américo Castanheira, de Carnide, Elísio Faustino Duarte e filho, de Mege, Inácio Fernandes Badajoz, do Mucifal, e dr. Gilberto Marques, de Mem Martins.

Agradecidos.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA DE LISBOA

SINTRA na Feira Popular

Despertou o mais vivo interêsse na população do concelho, principalmente na sua agricultura, representada pelo Grémio da Lavoura, presidido pelo sr. dr. Manuel Pessanha; na Adega Regional de Colares, primeira realização corporativa portuguesa, que representa a viticultura da região e dos deliciosos vinhos de areia, conhecidos por «Ramiscos», e nas indústrias concelhias dos mármores de Pero Pinheiro, das queijadas de Sintra, etc. — a sua comparência à grande Feira Popular, larga iniciativa do nosso colega «O Século», em favor da sua Colónia Balnear Infantil.

Terreno reservado já, por deferência do dinâmico diário; projecto e planta do nosso distinto conterrâneo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, para o «Pavilhão de Sintra»; preparação da representação pomícola das nossas deliciosas frutas, acondicionadas em portáteis embalagens especiais; a fresca água em garrafões e os refrigerantes da Sabuga; uma foto-montagem para maior divulgação dos atractivos turísticos de Sintra; tudo, enfim, a postos para o certamen famoso a que acorrerão centenas de expositores e centenas de milhar de forasteiros não só de Lisboa, como de todo o país.

Influência franca de tôdas as actividades económicas do concelho, que aspira sair dêste marasmo insuportável, desta letargia arruinante, dêste comodismo parasitário e desta apatia mortal.

Infelizmente... infelizmente tudo ficou em sonho: na boa vontade e no esfôrço de muitos, na indiferença crónica de alguns poucos que não caminham nem deixam andar. E o concelho de Sintra mais uma vez ficara para traz. Uma vez mais deixará de estar onde lhe compete.

Em suma, mais um triunfo da «caveira de burro» que não abandona esta tão linda quanto malfadada terra.

A grande Feira Popular, realizar-se-á do mesmo modo; a nossa ausência não será notada; mas Sintra — mais uma vez — não se fará lembrar!...

A' Comissão Venatória Concelhia

Em dias da semana transacta alguns caçadores insofridos lembraram-se de experimentar os seus cães de coelhos, mas em... das ruas Barros Queiroz e ... ses Alves.

Com o rapazio que se juntou, alguns coelhos levantados foram corridos sob uma algazarra ensurdecedor e que assustava moradores próximos, que ... sabiam a que atribuir semelhante barulho.

Chamamos para o facto a atenção da Comissão Venatória Concelhia — se ainda existe — ... que a lei de caça ainda não ... alterada e estando nós no período do defeso, mantem-se a determinação expressa e taxativa que proíbe que os canídeos ... e treia passeiem em terrenos de caça.

Não temos por hábito denunciar pessoas, mas apontar factos. A Comissão Venatória que proceda como lhe compete.

«Os Caravelas»

O novo grupo-jazz «Os Caravelas», da Praia das Maçãs, ... teve no domingo em Sintra, ... abrilhantou a festa nos A... em S. Pedro.

...

Parabens aos seus componentes.

As perfumarias **La Goya** *... carecem de reclame. ... dutos nacionais que rivalizam absolutamente com os melhores, no género, do estrangeiro, por isso que Portugal inteiro os prefere.*

La Goya — Amadora Portugal. *Nova ... de Beirão, L.da*

CYNTHIA, A DEUSA DA LU...

(Continuação da 1.ª página)

versos do Tomaz Vieira da Cruz:

O batuque a gritar p'la noite fora,
vai acordar ao céu lindas estrêlas...
E o mundo ignora, todo o mundo ignora
tanto motivo para novas telas

E senti que o teu espírito, extasiado por tanta maravilha, se desprendeu do invólucro material que o rodeava e foi subindo, subindo, como que a procurar o céu azul que ali parecia estar tão perto...

—:—

Outra vez voltaste a Sintra. Querias conhecer as «intimidades» da terra divina a que tinhas presos os sentidos.

Concelho em fóra, encontraste a mesma beleza sadia, o mesmo encanto natural. A pequenina vila de Colares, com sua ...

rando ao sol; Várzea de Sintra, Lameiras, Pero Pinheiro e Montelavar, centros industriais de cantarias e mármores, onde a pedra, trabalhada pela gente nativa, adquire formas de uma estética prodigiosa. Extra-muros, o Palácio de Queluz, a Quinta do «Senhor da Serra», em Belas, e tantas outras regiões que atestam e afirmam as riquezas de Sintra e os seus magnificentes encantos.

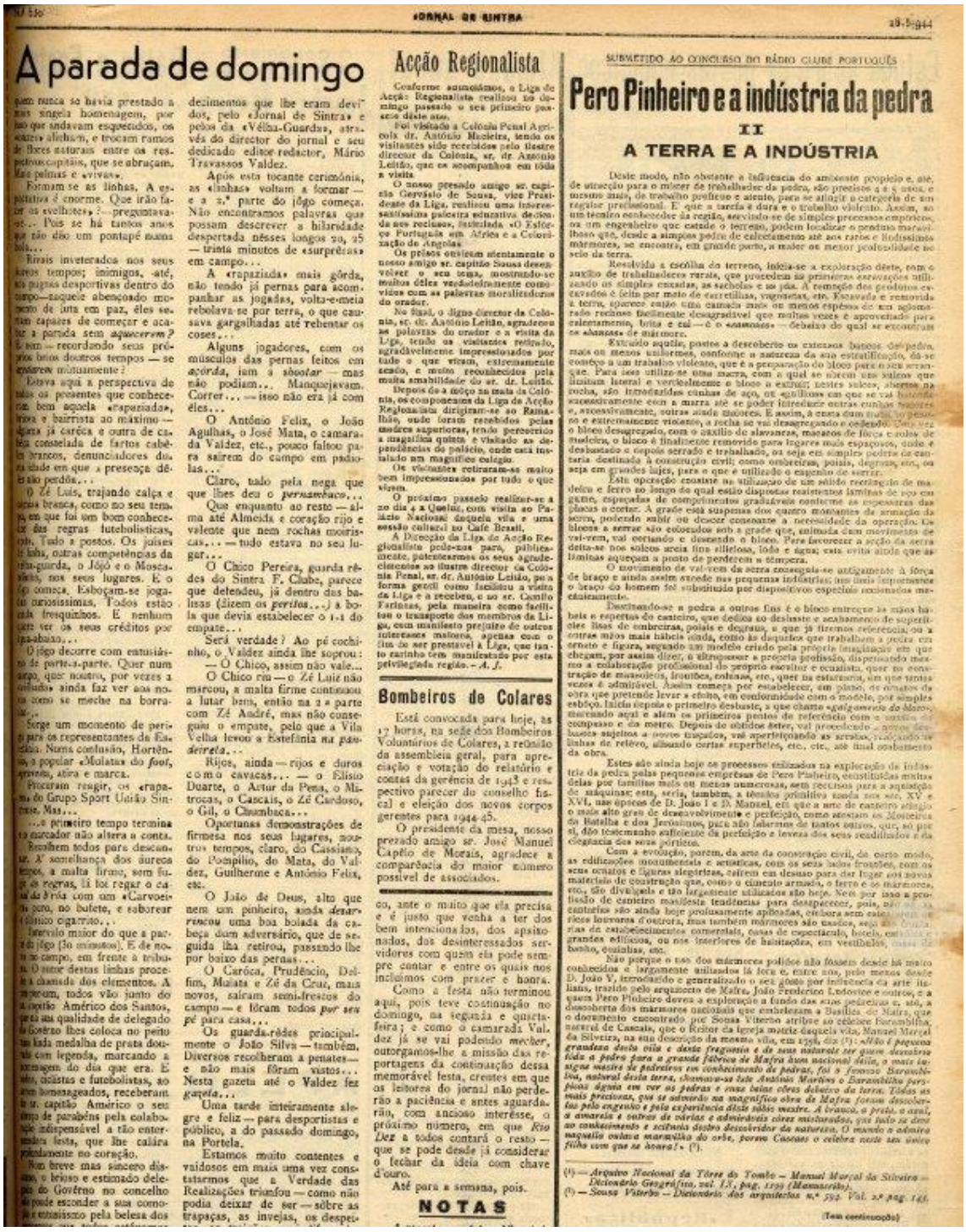
Nos seus três bairros principais — Estefânia, Vila e S. Pedro — observaste que Sintra tem manifestações da sua comprovada beleza. Quer no estilo antigo, quer no moderno, as suas construções impõem-se aos olhos dos visitantes, os seus jardins apetecem um repouso infinito.

tes luarentas, o encanto ... dos seus monumentos, onde ... te impera em traços fortes ... queza das suas águas, ... do seu clima, dons mágicos que inebriam os sentidos ... fazem exclamar numa ... profunda:

Sintra! E' realmente a ... linda terra de Portugal!

Escuta; a maioria dos ... irmãos que labutam em ... de África, não conhecem ... raízo da Mãe-Pátria. ... dêles, pela tua pena ... e pela tua palavra fluente ... -lhes que quando um dia ... a Portugal, visitem Sintra ... ravilha divina, beijo de ... çado sôbre a terra». Será ... tributo de gratidão que ...

Figura 30- "Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo II: A terra e a indústria", Jornal de Sintra, nº 530, Ano XI, 18 maio 1944.



A parada de domingo

Acção Regionalista

SUBMETIDO AO CONCURSO DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Pero Pinheiro e a indústria da pedra

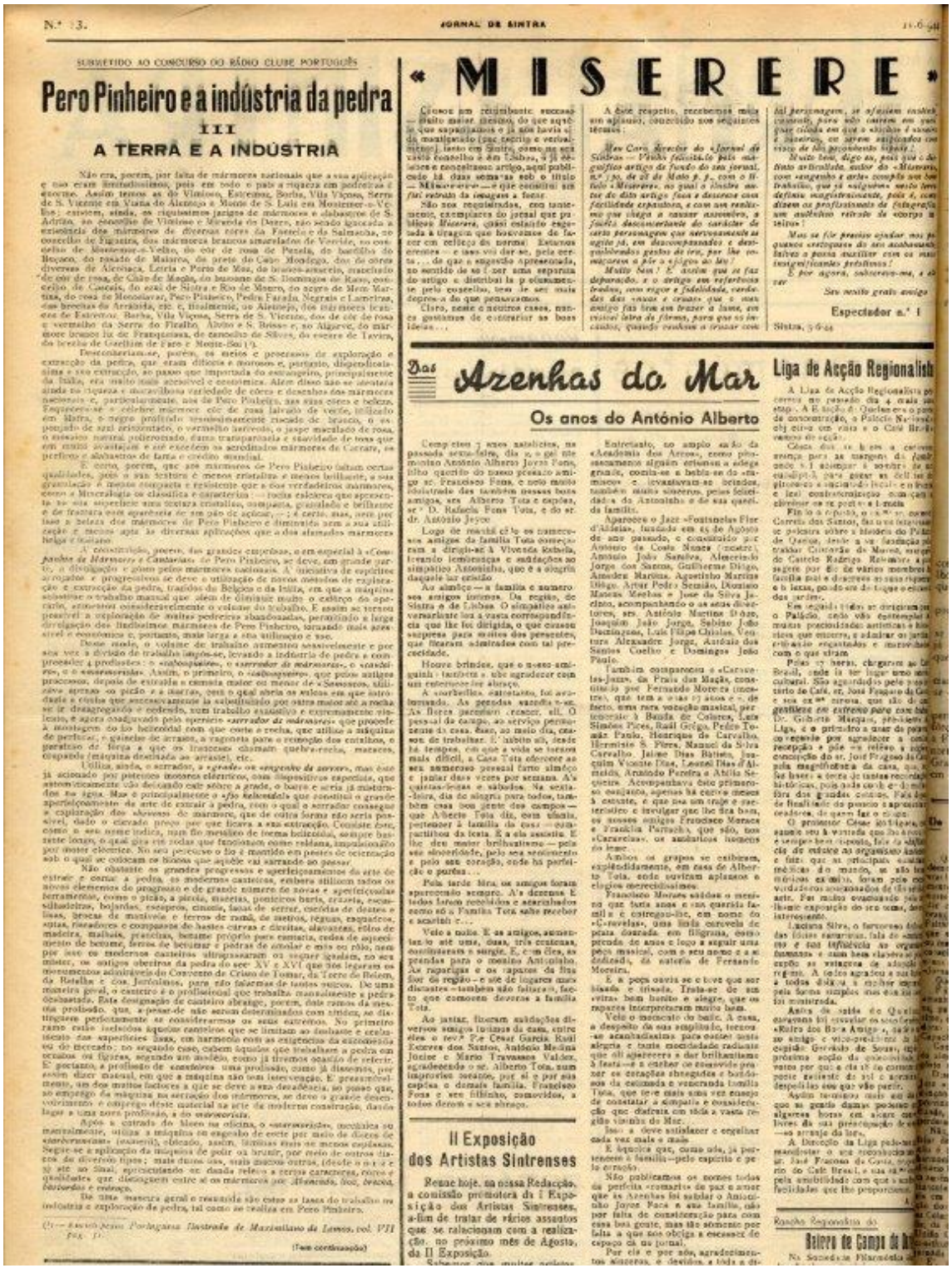
II

A TERRA E A INDÚSTRIA

Bombeiros de Colares

NOTAS

Figura 31- "Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo III: A terra e a indústria", Jornal de Sintra, nº 531, Ano XI, 11 junho 1944.



N.º 533. JORNAL DE SINTRA 18-6-944

SUBMETIDO AO CONCURSO DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Pero Pinheiro e a indústria da pedra

III

A TERRA E A INDÚSTRIA

Não era, porem, por falta de mármores nacionais que a sua aplicação e uso eram tão limitados, pois em todo o país a riqueza em pedreiras é enorme. Assim temos as de Vimieiro, Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Serra de S. Vicente em Viana do Alentejo e Monte de S. Luiz em Monsaraz-o-Velho; existem, ainda, os riquíssimos jazigos de mármores e alabastros de S. Adrião, no concelho de Vimieiro e Marvila de Duarte, não sendo ignorada a existência dos mármores de diversas cores da Freixeda e do Salmanha, no concelho de Figueira, dos marmores brancos amarelados de Vinveide, no concelho de Montemor-o-Velho, do côr de rosa de Penela, do barrôlho do Bouço, do rosado de Maiorca, do preto do Cabo Mondego, dos de côres diversas de Alcobaça, Leiria e Porto de Mos, do branco-amarelo, matizado de côr de rosa, de Chão de Maçãs, do branco de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais, do côr de Sintra e Rio de Mouro, do negro de Meio Mundo, do rosa de Monsalavar, Pero Pinheiro, Pedra Furada, Negrais e Lamarins, das brechas de Arrabida, etc. e, finalmente, no Alentejo, dos marmores branco de Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Serra de S. Vicente, dos de côr de rosa e vermelho da Serra do Picalho, Alvito e S. Brissos e, no Algarve, do marmore branco de S. Francisco, de Carvalho de Silves, do escuro de Tavira, do brecha de Coelhos de Faro e Monte-Soeiro.

Descobriam-se, porem, os meios e processos de exploração e extracção da pedra, que eram difíceis e morosos e, portanto, dispendiosíssimos e seu extracção, ao passo que importada do estrangeiro, principalmente da Italia, era muito mais acessivel e económica. Além disso não se obtinha ainda os rigares e maravilhosa variedade de côres e desenhos dos mármores nacionais e, particularmente, nos de Pero Pinheiro, nas suas côres e belezas. Esqueceu-se o célebre marmore côr de rosa salvado de verde, indicado em Matta, o negro profundo uniformemente riscado de branco, o espinhaço de azul ardosinado, o vermelho inferrolo, o jaspe maculado de rosa, o cinzento nuvens, pulverizado, marquetado e de veias de rosa que em muito avantajam e até excedem os acreditados mármores de Carrara, os perfiros e alabastros de fama e crédito mundial.

E como, porem, que aos mármores de Pero Pinheiro faltam certas qualidades, pois o seu feitura é menos cristalina e menos brilhante, a sua granulação é menos compacta e resistente que a dos verdadeiros mármores, como a Mineralogia os classifica e caracteriza — rochas calcáreas que apresentam na sua superficie uma textura cristalina, compacta, granulada e brilhante e de fractura com aparência de um pão de açúcar, — é certo, mas, nem por isso a beleza dos mármores de Pero Pinheiro e diminuida nem a sua utilização e menos apta às diversas aplicações que a dos afamados marmores belga e italiano.

A construção, porem, das grandes empresas, e em especial à «Companhia de Mármores e Cantarias» de Pero Pinheiro, se deve, em grande parte, a divulgação e quem pelos mármores nacionais. A iniciativa de espiritos arrojados e progressivos se deve a utilização de novos sistemas de explotação e extracção da pedra, tirados de Belgica e da Italia, em que a maquina substitue o trabalho manual que além de diminuir muito o custeio do apeiro, aumentou consideravelmente o volume do trabalho. E assim se tornou possivel a exploração de muitas pedreiras abandonadas, permitindo a larga divulgação dos finissimos mármores de Pero Pinheiro, tornando mais acessivel e económico e, portanto, mais larga a sua utilização e uso.

Desse modo, o volume de trabalho aumentou sensivelmente e por sua vez a divisão do trabalho impôs-se, levando a industria de pedra a compreender 4 profissões: o «cabouqueiro», o «serrador de mármores», o «canteiro», e o «encarnadeiro». Assim, o primeiro, o «cabouqueiro», que pelos antigos processos, depois de extraida a camada maior ou menor de «Saneiros», utilizava apenas o picão e a marra, com o qual abria os sulcos em que introduzia a cunha que successivamente ia substituindo por outra maior até a rocha se ir desagregando e cedendo, tem trabalho extensivo e extremamente violento, e agora coadjuvado pelo operario «serrador de mármores» que procede à montagem do fio helicoidal com que corte a rocha, que utiliza a máquina de perfurar, o guincho de arraste, a vagoneta para o remoção dos entulhos, o guindaste de força a que os franceses chamam «quelle-roche», macacos, cunhas (máquina destinada ao arraste), etc.

Utilisa, ainda, o serrador, o «grade» ou «engenho de serrar», mas este já acionado por motores monos eléctricos, cuja dispositivo especial, que automàticamente vão deslocando cada sôbre a grade, o bloco a serrar já mudando-lhe a água. Mas é principalmente o «fio helicoidal» que constitui o grande aperfeiçoamento da arte de extrair a pedra, com o qual o serrador consegue a explotação dos «bancos» de mármore, que de outra forma não seria possivel, dado o elevado preço por que levava a sua extracção. Consiste esse, como o seu nome indica, num fio metálico de forma helicoidal, sempre bastante longo, o qual gira em rodas que funcionam como roldana, impulsionado por motor electrico. No seu percurso o fio é mantido em pontos de orientação sob o qual se colocam os blocos que aquêle vai serrando ao passar.

Não obstante os grandes progressos e aperfeiçoamentos da arte de extrair e cortar a pedra, os modernos canteiros reinbera utilizam muitos dos nossos elementos de progresso e de grande número de novas e aperfeiçoadas ferramentas, como o picão, a picota, macetas, ponteiros buris, crivarias, escasselhadeiras, bojardas, escarpros, cinzeis, facas de serrar, cavadas de dentes e lisas, brocas de manivela e ferros de rotal, de metros, réguas, esquadros, agulhas, riscadores e compassos de hastes curvas e direitas, alavancas, réles de madeira, malhais, pranchas, bemme próprio para cantaria, redes de aquecimento de betume, ferros de betumar e pedras de afiolar e mis ou rôlo, nem por isso os modernos canteiros ultrapassaram os seguer igualam, no seu mister, os artigos obreiros da pedra do séc. XV e XVI que nos legaram os monumentos admiraveis do Convento de Cristo de Tomar, da Torre de Belem, da Batalha e dos Jerónimos, para não falarmos de tantos outros. De uma maneira geral, o canteiro é o profissional que trabalha manualmente a pedra desbastada. Esta designação de canteiro abrange, porem, dois ramos da mesma profissão, que, a pesar de não serem determinados com rigidez, se distinguem perfeitamente se considerarmos os seus caracteres. No primeiro ramo estão incluidos aqueles canteiros que se limitam ao desbaste e acabamento das superficies lisas, em harmonia com as exigencias da encomenda ou do mercado; no segundo caso, cabem aqueles que trabalham a pedra em ornatos ou figuras, segundo um modêlo, como já tivemos ocasião de referir. E portanto, a profissão de «canteiro» uma profissão, como já dissemos, por assim dizer mistural, em que a máquina não tem intervenção. E precisamente, um dos muitos factores a que se deve a sua decadência, ao passo que, ao emprego da máquina na serração dos mármores, se deve o grande desenvolvimento e conjunto desse material na arte da moderna construção, dando lugar a uma nova profissão, a do «serrador».

Após a extração do bloco na oficina, o «serrador», mecânica ou manualmente, utiliza a máquina ou engenho de serrar por meio de discos de «serra-mesmo» (ou serra), oblicuos, assim, lâminas finas de menos espessura. Segue-se a aplicação da maquina de polir ou brunir, por meio de outros discos de diversos tipos; mais finos uns, mais grossos outros, (desde o grés e o ás até ao final, apricultando-se desde relêvo a certos caracteres, cores e qualidades que distinguem entre si os mármores por «flocards, fios, brocas, listrados e entroço.

De uma maneira geral o resumido são estes as fases do trabalho na industria e exploração de pedra, tal como se realiza em Pero Pinheiro.

(1) — Boletim Pedro Portuguesa Ilustrada de Marmoristas de Lamas, vol. VII pag. 51.

(Tem continuação)

«MISERERE»

Cumpre um recomendado sucesso — muito maior mesmo, do que aquêle que supomos e já nos havia sido manifestado (por escrito e verbalmente) junto em Sintra, como no seu vasto concelho e em Lisboa, a já estimado e conceituado artigo, aqui publicado há duas semanas sob o título — «Miserere» — e que constitui um *fiel retrato* da imagem a focar.

Não nos recordamos, com tanto mimo, exemplares do jornal que publicou *Miserere*, quási esgotado ergueda a ânsia de haverem de fazer com celeiro do norte. Estamos crentes — e nem vai dar-se, pois certos... de que a segunda apresentada, no sentido de se fazer uma separata do artigo e distribuí la pelo comércio, pelo cafeismo, bem de ser mais fogosos do que pensávamos.

Claro, neste e noutros casos, nunca gostamos de externar as boas ideias...

A êste respeito, recebemos mais um aplauso, concebido nos seguintes têrmos:

Meu Caro Amigo e Director do «Jornal de Sintra» — Pinho Falcão. Pelos magníficos artigos de fundo do seu jornal, n.º 530, de 28 de Maio p. p., com o título «Miserere», no qual o Autor autor do dito artigo faça o favor com facilidade expansiva, e com um realismo que chega a causar assombro, a justa desconsideração do carácter de certo personagem que surrepticiamente se agita já, em descompassados e desgraciosos gestos de ira, por lhe ter mascarado a pêle a ególatra ao léu!

Muito Bem! E assim que se faz deparado, e o artigo em referência tendeu, com rigor e fidelidade, verdades das nuas e cruas que a nós amigo fez tirar em frazer a lume, em vernal letra de fôrma, para que os incautos, quando cuidem a tramar com tal personagem, se afastem cautelosamente, para não correm em vão risco cidade em que o «diabo é manso e bonito», ou sirvam subjugados ao vício de lês proferindo injúria!

Muito bem, digo eu, pois o distinto articulista, autor do «Miserere», com «engenho e arte» compôs um belo trabalho, que só subjugados serão lerá definido magistralmente, pois é, com efeito, um profissionais de fotografia um autêntico retrato de «corpo inteiro»!

Mas se fôr preciso ajudar nos pequenos exemplares do seu acabamento, estou a pensa auxiliar com os meus insignificantes préstimos!

E por agora, saboreio-me, e o vai

Seu muito grato amigo

Espectador n.º 1

Sintra, 5-6-44

Das Azenhas do Mar

Os anos do António Alberto

Comp ciou 7 anos natalícios, na passada semana-feira, dia 9, o galhardo menino António Alberto Joyce Pana, filho querido do nosso presado amigo sr. Francisco Pana, e neto muito dilatado das também nossas boas amigas, srs. Alberto Tota e esposa, sr.ª D. Rafaela Pana Tota, e do sr. dr. António Joyce.

Logo de manhã cêdo os numerosos amigos da família Tota começaram a dirigir-se à Vivenda Rebela, levando lembranças e saudações ao simpático Antoninho, que é a alegria daquele lar cendo.

As almôço — a família e numerosos amigos íntimos. Da região, de Vimeira e de Lisboa. O simpático aniversariante leu a vasta correspondência que lhe foi dirigida, o que causou surpresa para muitos dos presentes, que ficaram admirados com tal precocidade.

Houve brindes, que o nosso amiguinho — tardinha — sôbe agradecer com um repenicado abraço.

A cerimónia estendeu-se até tarde, tendo sido servido um delicioso lanche.

Entretanto, no amplo salão da «Academia das Artes», como pitorescamente alguém designou a adega grande, comia-se e bebia-se do «manjar» e levantavam-se brindes, também muito sinceros, pelas felicidades do Antoninho e de sua querida família.

Apareceu o Jazz «Fontenelas Fire d'Alderias», tocando em 25 de Agôsto de ano passado, e constituído por: António da Costa Nunes (tenente), Amândio João Sanches, Alexandre Jorge com Saxons, Guilherme Diogo, Amadeu Martins, Agostinho Martins Diogo, Artur Pedro Semião, Dionisio Manuel Mendes e José da Silva Jacinto, acompanhando o as seus directores, srs. António Martins Bravo, Joaquim João Jorge, Sabino João Dominguez, Luis Filipe Chiales Ventura Alexandre Jorge, António dos Santos Coelho e Domingos João Pinto.

Também compareceu a «Caravelas-Jazz», da Praia da Maçã, constituído por: Fernando Moreira (menino), que tem a seus 7) anos e —, de facto, uma rara vocação musical, por tenorista à Banda de Colares, Luis Simões Pires, Raúl Gelga, Pedro Tomás Paulo, Henriques de Carvalho, Hermínio S. Pires, Manuel da Silva Carvalho, Jaime Dias Ribeiro, Joaquim Vicente Dias, Leonel Dias d'Almeida, Armando Pereira e Attila Sequeira. Acompanhava êste primoroso conjunto, apenas há cerca de meses à estante, e que tem um traje e caracterizou e irreplicável que lhe fica bem, os nossos amigos Francisco Moraes e Franklin Parracho, que são, tos «Caravelas», os acabricos inocentes do jazz.

Ambos os grupos se exibiram, explêndidamente, em casa de Alberto Tota, onde ouviram aplausos e elogios merecidissimos.

Francisco Moraes obteve o mesmo que fora anos e em garrida família e entregou-lhe, em nome do «Caravelas», uma linda caravela de prata dourada em filigrana, como prenda de anos e logo a seguir uma peça musical, com o seu nome e a si dedicada, da autoria de Fernando Moreira.

E a peça ouvia se o teve que ser bisada e ouvida. Toda-se de um «vira» bem bonito e alegre, que os rapazes interpretaram muito bem.

Veio o inconcato do baile. A casa, a despeito da sua amplitude, tornou-se acanhadissima para conter tanta alegria e tanta mocidade radiante que ali apareceu a dar brilhantismo à festa — e cuidar os comovido prazer os corações abrasados e bondosos da casmada e venerada família Tota, que teve mais uma vez ensejo de constatar a simpatia e consideração que disfruta em tôda a vasta região vizinha do Mar.

Isso a deve satisfazer e orgulhar cada vez mais e mais.

E igualica que, como nós, já pertencem à família — pelo espírito e pelo coração.

Não publicamos os nomes todos os perfeita «comatrie de par e amar que ali apareceu a dar brilhantismo à festa, por não termos conhecimento para com essa boa gente, mas tão sòmente por falta a que nos obriga a escassez de espaço cá no jornal.

Por cá e por nós, agradecimentos sinceros, e desejos a tôda a distinta assistência de que o baile se repita muitas vezes, pois só assim se justifica a existência de tão simpáticos grupos musicais.

II Exposição dos Artistas Sintrenses

Reune hoje, na nossa Redacção, a comissão promotora da I Exposição dos Artistas Sintrenses, a-fim de tratar de vários assuntos que se relacionam com a realização, no próximo mês de Agosto, da II Exposição.

Sabe-se que muitos artistas

Liga de Acção Regionalista

A Liga de Acção Regionalista procedeu no passado dia 4 mais um passo. A Direcção de Quelas era o ponto de concentração, o Palácio Nacional, ali diante, para onde se dirigiu a comitiva para assistir à sessão solene comemorativa do 1.º centenário da fundação da Irmandade Clerical de Nossa Senhora do Castelo Rodrigo Raimundo e lei contravenção com que o obrigou a ser posto a 1.ª mão.

Finda a cerimónia, os membros da Direcção da Liga, em marcha, dirigiram-se para o Palácio, onde vão contemplar as maravilhosas preciosidades artísticas e históricas que encerra, e admirar os jardins, e a terra, pondo-se de fogo e ar das jardins.

Em seguida, todos se dirigiram ao Palácio, onde vão contemplar as maravilhosas preciosidades artísticas e históricas que encerra, e admirar os jardins, e a terra, pondo-se de fogo e ar das jardins.

Pelas 17 horas, chegaram ao Brasil, onde lá se lhe juntou uma cultural. São agardados pelo presidente da Câmara, sr. José Fragoso de Carvalho, e sua ex.ma esposa, que são de gentileza em convidar para com todos os presentes, a Liga, e o presidente a usar da palavra, o que fez para agradecer a sua recepção e pôr em relêvo a sua concepção do sr. José Fragoso de Carvalho, magnificência da casa, que, segundo a sua opinião, é uma das mais históricas, pois nela cerca de duzentos anos, e que foi testemunha de tantas e tantas festas de finura dos grandes comes. Fez ainda o elogio da lealdade do povo e agradeceu, de quem fez o elogio.

O presidente César Abreu, em seguida usou a palavra que lhe foi dada e tempo bem oportuno, fez a história da Liga, que as principais realizações do mundo, as não tão numerosas como muitas, foram pelos verdadeiros associados de tão nobre arte. Por muito evocando que lhe fez uma exposição do seu nome, de interessante.

Lectura Silva, o farmaceutico das Fontes, fala de saudade e com a sua eloquência e com tôda sinceridade, o orgulho humanos e com boa vontade e com o seu regime. A todos agradeceu a sua presença e a todos dirigiu a esperar com pela forma simples mas cheia de sinceridade.

Antes da saída do Brasil, os membros da Direcção da Liga, em marcha, dirigiram-se para o «Retiro dos Bons Amigos», onde foram recebidos pelo amigo e vice-presidente da Câmara, Gervásio de Sousa, que lhes deu a próxima sessão da Câmara para que a Liga dê o seu parecer sobre o assunto. Depois, a Direcção da Liga despediu-se uns dos outros.

Assim terminou mais uma agradável tarde, que só ficará na memória de todos os que a gozaram, pois que, durante algumas horas, esqueceram-se, livres da sua preocupação de trabalho, —no arranjo da lira.

A Direcção da Liga pede-nos para agradecer a todos os que compareceram à sessão, e muito especialmente, ao sr. José Fragoso de Carvalho, pela gentileza do Café Brasil, e sua ex.ma esposa, pela amabilidade com que nos recebeu e pelas finezas que lhe proporcionaram.

Região Regionalista do

Sobre o Campo da

Na Sociedade Filarmónica

Figura 32- "Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo IV: Valor social da pedra", Jornal de Sintra, nº 533, Ano XI, 18 junho 1944.

SUBMETIDO AO CONCURSO DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Pero Pinheiro e a indústria da pedra

IV

VALOR SOCIAL DA PEDRA

Condições morais indispensáveis para o exercício da profissão. — Robustez física. — Iniciação do ofício. — Salários e horas de trabalho do aprendiz. — *O «cabouqueiros»* e o «*canteiros*» de categoria razoável e de elite. Salários. — O «*serrador de mármores*» e o «*marmorista*». Salários e horário de trabalho. — A duração do trabalho, o descanço e as suas modalidades. — O recrutamento do profissional e seus auxiliares. O seu número. O contrato individual e espírito associativo. A assistência social. — Importância da região como centro operário do profissional da pedra em relação com o resto do País. Seu número e capital investido na profissão. — Os patrões. — A riqueza mineira da região. — A constituição das pequenas emprêsas e processos ruinosos de negociar das mesmas. — As grandes empêsas. A «*Companhia Portuguesa de Mármores e Cantarias*». Sua importância. Progressos introduzidos na indústria. Vulgarização do uso dos mármores polidos e aplicação dêstes nas grandes obras realizadas. — O preço dos mármores. — Os trabalhos agrícolas. Os menos robustos, os inválidos, os velhos, os doentes e as mulheres. — O regime da propriedade. — Culturas e fauna. — Carácter da população. — As raparigas, sua moralidade e virtudes. — As mães. As crianças e a maledicência pública. — A educação moral e religiosa. — O apostolado e a catequese. — As cerimónias religiosas e o cumprimento dos preceitos da igreja. — A instrução oficial e particular. — Os divertimentos e distracções. Os bailes, as récitas de amadores. Os cinemas, as cantigas e a filarmónica. — Assistência médica. — A imigração — A mendicidade e a caridade pública. —

SOB todos os pontos de vista, a industria da pedra em Pero Pinheiro domina quási em absoluto tôda a actividade do homem. Quer seja «*cabouqueiros ou «marmoristas*», qualquer destas profissões, tem um grande valor e importância social, pois os seus deveres profissionais impõem um número mínimo de condições físicas e morais, sem as quais o seu exercício seria defeituoso, prejudicial e até ruinoso.

Assim, a primeira condição que deve possuir o profissional de pedra é uma grande solidariedade e lealdade para com os companheiros, devendo, sempre que o ensejo lhe proporcione, quer nos perigos como no trabalho, prestar todo o auxílio, ou seja na remoção e arranque da pedra, ou ao imprevisto desabamento e deslocação do terreno, cujas consequências são muitas vezes a morte, o esmagamento e a inutilização, se a lealdade e a solidariedade não fôr o timbre desses trabalhadores.

Fisicamente, também qualquer daquelas profissões exige condições especialíssimas, como grande resistência física aos grandes calores no verão, como aos inclementes frios no inverno, visto o seu mister ser mais ou menos exercido ao ar livre. Fôrça muscular desenvolvida, que lhe permita remover e deslocar os grandes pesos, pulmões resistentes, coração óptimo, rins sãos para poder suportar a posição quási sempre viciosa em que terão de executar o trabalho, sempre de pé e o dorso curvado, sem excluir ainda um apurado golpe de vista, uma boa atenção, um perfeito sangue frio, ordem, paciência e tenacidade no trabalho.

Mas, mesmo assim, possuindo tôdas aquelas condições, são precisos quatro ou cinco anos de aprendizagem, sendo a idade mais favorável para o seu início os 15 e 16 anos, e o período mais propício e, evidentemente, aquele que vai dos 18 aos 21 anos. E só depois dêsse tempo de aprendizagem, muitas vezes começado pelo trabalho da desentulhagem — embora isto varie de pessoa para pessoa — que o operário se torna definitivamente um bom profissional.

Entretanto, o seu salário como aprendiz, varia conforme a idade; quer seja inferior a 12 anos, em que trabalha — como a lei estabelece — e ganha 3, 4 e 5 escudos, quer dos 12 aos 15, em que vence 5, e de 8 a 10, trabalhando 7 horas.

Quanto a um profissional de categoria razoável — embora variável conforme a competência e a região onde trabalha — de uma maneira geral obtem em médio 18 a 20 escudos, atingindo, porem, muitas vezes 25$00, um profissional de elite, com funções directivas. O mesmo obtendo, em idênticas condições, um bom canteiro: entre 15 e 20$00, um operário de categoria regular, média e menos qualificado, respectivamente 18, e entre 16 e 17$00. Estes salários referem-se ao começo ou ano de 1940. (1)

O que acabamos de dizer refere-se ao ofício de «*cabouqueiros*» e «*canteiros*», porque, tratando-se do «*serrador de mármores*» e do «*marmoristas*», a profissão é tão simples que a bem dizer dispensa aprendizagem, embora exija uma certa fôrça muscular; só, portanto, a partir dos 18 anos poderá ser exercida com eficiência. O seu salário médio é de 20 a 22 escudos, embora haja operários que por serem antigos nas casas em que trabalham e pela sua competência chegam a ganhar 28$00.

1) — *Já reagimos êste parágrafo em 25 de Março dêste ano, quando o sr. Subsecretário de Estado das Corporações determinou que os operários da construção civil do distrito de Lisboa, e em que se inclui Pero Pinheiro, conseguiu a categoria profissional a partir dêsse dia, passassem a auferir os seguintes salários mínimos, por dia normal de trabalho. Assim: 1.º Cabouqueiros — 1.º oficial, 25$00 — Aprendiz com mais de 18 anos, 16$00 — Aprendiz com menos de 18 anos, 8$00. 2.º Canteiros — 1.º oficial, 24$00 — 2.º oficial, 22$00 — Aprendiz com prática, 16$00 — Aprendiz sem prática, 08$00 — 3.º Serradores de mármores — 1.º oficial, 18$00 — 2.º oficial 16$00. — 4.º Marmoristas — Polidores — 1.º oficial, 20$00 — 2.º oficial, 17$00 — Aprendizes 10$00 — Trabalhadores de pedreira, 13$00 e 10$00.*

(Tem continuação)

Das maiores tiragens de jornais :: da província ::
Ano XI - N.º 533
18 - Junho - 1944

JORNAL DE SINTRA

Datas e Factos

Junho

18

1514 — D. João Coutinho vence em Arzila o famoso alcaide de Larav.

1623 — Segundo auto de fé em que figura o grande matemático dr. André de Avelar.

1704 — Na quinta da Mitra em São Martinho, morre D. João de Melo, venerável bispo de Coimbra.

19

1715 — D. João V ordena a partida da côrte para o convento de Varzeijo, onde vai professar o seu grande amigo D. Gaspar de Moscoso, que deve tomar o nome de frei Gaspar da Encarnação.

1918 — É publicado o 1.º número do jornal «O Figueirense».

1937 — Morre a menina Maria Rosa de Almeida Dias, doutrina aluna da 3.ª classe do «Colégio Figueirense», gobriada pela dirigida do director dêste estabelecimento de ensino, Dr. José Rafael Sampaio.

20

539 — Morre no exílio, em Patara, o Papa Silvestre, filho do Papa Santo Hormisda que havia casado antes de tomar ordens sacras.

1848 — El-rei D. Fernando o Magno toma Viseu aos mouros.

1886 — Morre o poeta Cesário Verde, com 31 anos de idade, filho de José Anastácio Verde.

21

1122 — É colocada a 1.ª pedra do Mosteiro de São João de Tarouca, por D. Afonso Henriques.

1351 — Morre Frei António de Lisboa pessoa da maior consideração de D. João III.

1858 — É inaugurado o Colégio de Campolide, perteça dos Jesuítas, fundado pelo português Carlos Rademaker.

22

1630 — Morre em Bruxelas, D. Manuel, filho de D. António prior do Crato, nascido em 1568.

1853 — É elevada à categoria de cidade a vila de Guimarães.

1864 — Nasce a escritor Maria Pia de Almeida.

23

1785 — Corridas de touros na Praça do Terreiro, no Pôrto, para solenizar o casamento do infante D. João.

1828 — Dá-se a batalha de Ponte Ferreira, entre as tropas de D. Pedro e D. Miguel pouco depois da entrada do exército libertador no Pôrto.

1893 — Morre, no Pôrto, o general conde de Torres Novas, valente soldado das campanhas liberais. Nasceu em Torres Novas a 31 de Agosto de 1804.

24

1808 — É aclamado governador de Coimbra, o vice-reitor da Universidade dr. Manuel Pais de Aragão Trigoso.

1811 — Morre em Lisboa Nicolau Tolentino, o melhor poeta satírico do seu tempo, e sem dúvida um dos mais populares. Os seus versos são inimitáveis, de graça e mordacidade, a sua frase é sempre escolhida, viva e animada. Nasceu em Lisboa a 10-9-1741.

1891 — E' inaugurado o mercado Engenheiro Silva, na Figueira da Foz.

C. M.

Canzoada

Já constitui abuso, e abuso que está a pedir o rigor das leis, o triste e vergonhoso espectáculo a que se assiste, todos os dias, em plenas ruas de Sintra — de tôda a Sintra!

A canzoada, sem açamos, é por'i aos cardumes. Gosa de uma

LIVROS

«Isabelinha»

Maria de Figueiredo que, sob o pseudónimo de «Tia Nénê», tem escrito muitos e interessantes livros para creanças e ainda há pouco publicou um romance, que teve assinalado êxito, e que pôz o título sugestivo de «Segrêdo de Amor», acaba de escrever mais um livro que intitulou «Isabelinha».

«Isabelinha», a figura principal do romance, é uma menina encantadora, de fina educação, apurado sentimento artístico e um símbolo de bondade.

Estas qualidades herdou-as de seus pais, cujo viver é o símbolo da sagrada paz conjugal.

O romance é cheio de movimento e os personagens estão muito bem desenhados.

Completam a obra, algumas citações históricas e curiosas descrições sôbre alguns motivos arquitectónicos do maravilhoso Convento de Cristo, de Tomar.

Maria de Figueiredo, habituada a escrever para as almas simples das creanças, fez um trabalho cheio de encanto e pureza, cuja leitura delicia e eterniece.

Interessante capa de Maria de Vasconcelos e a edição, como tôdas as da Parceria Pereira — boa.

J. A.

DESPORTOS

Futebol

Em jôgo amigavel, o Grupo de Futebol Maceirense, de Maceira, defrontou um misto do Grupo Desportivo de Anços, recentemente, tendo sido derrotado por 2-0.

Maceirense-Chelcirense

Hoje, no campo de Pedra Furada, o Grupo Chelcirense retribui a visita que os rapazes de Maceira lhe fizeram há sempre, e de que levaram a melhor por 3-0.

Hockey - patinado

Campeonato de Lisboa

— Amanhã à noite, em Benfica, defrontam-se-ão o Hockey Clube de Sintra e o Futebol Benfica, a contar para o campeonato de Lisboa.

— No próximo domingo, 25, jogarão em Sintra o clube local e a Associação Académica de Amadora.

— O encontro Atenas de Lisboa-Hockey de Sintra não se realizou, conforme tinhamos anunciado, por motivos de fôrça maior. Realizar-se-á em dia a anunciar oportunamente.

Tiro aos pratos

— No campo de jogos do Sport União Sintrense, gentilmente cedido por êste clube e organizado pelo Hockey Clube de Sintra, tem lugar no próximo domingo, 25 do corrente, a disputa do Grande Torneio de Sintra de Tiro aos Pratos, prova de homenagem ao distinto atirador sintrense António de Carvalho Monteiro.

No concurso, que é destinado a atiradores encartados e principiantes, serão disputadas as seguintes taças: «António Carvalho Monteiro», «Império», «Hotéis, Pensões e Restaurantes», «Grémio do Comércio de Sintra» e «Hockey Clube de Sintra».

2.ª Pero Pinheiro

Estrada de Pero Pinheiro

de Baixo

Há já bastante tempo — e já cansava a causar justificada admiração sabido que estamos sempre no nosso lugar firme de defensores acérrimos dos interêsses desta laboriosa povoação — que não lançávamos mão da pena para falar-mos, ou melhor, escrevermos algo sôbre a Estrada Pinheiro de Baixo.

Realmente, aquela concorridíssima artéria continua no mesmo estado lastimoso de há uns anos até à presente.

Confiados na boa vontade [illegible] quem de direi o, esperamos que, de vez, o caso seja solucionado.

Escola de desen

Causou ótima impressão entre classe operária o artigo epigrafado *Um alvitre — ¿Porque não uma escola de desenho para os operarios da localidade?* inserto no pendúltimo número dêste jornal.

Consta que o Sindicato da referida classe tomou em consideração a sua iniciativa, do-lo brevemente e só não até melhoramento.

Podem, pois, contar com a sua modesta mas esforçada colaboração.

Ludgero

FALECIMENTO

José Alexandre Co

Faleceu em Lisboa, no Hospital Ordem Terceira, o sr. José Alexandre Silvestre Cosme, de 63 anos de idade, proprietário, do Muchal de Cima, onde gosava de gerais simpatias.

Deixa viúva a sr.ª D. Romana [illegible] e era pai de D. Maria, D. Beatriz, D. Mariana e António Silvestre Cosme e sogro do nosso amiguinho e [illegible] sr. David França Ribas e de [illegible] Dias dos Santos Limpo.

O funeral do popular José Alexandre realizou-se de Lisboa para a [illegible] da Muchal e daqui para o cemitério de Colares, registando grande acompanhamento de pessoas de [illegible] amigos.

Pesames à dôr da família enlutada.

ALMOÇAGEM

MISSA

Luiz Fernandes e família participam às pessoas de sua amizade que mandam celebrar MISSA DO 30.º DIA, por alma do saudoso filho e parente, Fernando Luis da Costa Fernandes, no dia 28 do corrente, pelas 9,30 horas na Capela de Nossa Senhora da Graça, em Almoçagem, desde já agradecendo a quem dignar-se assistir ao piedoso acto.

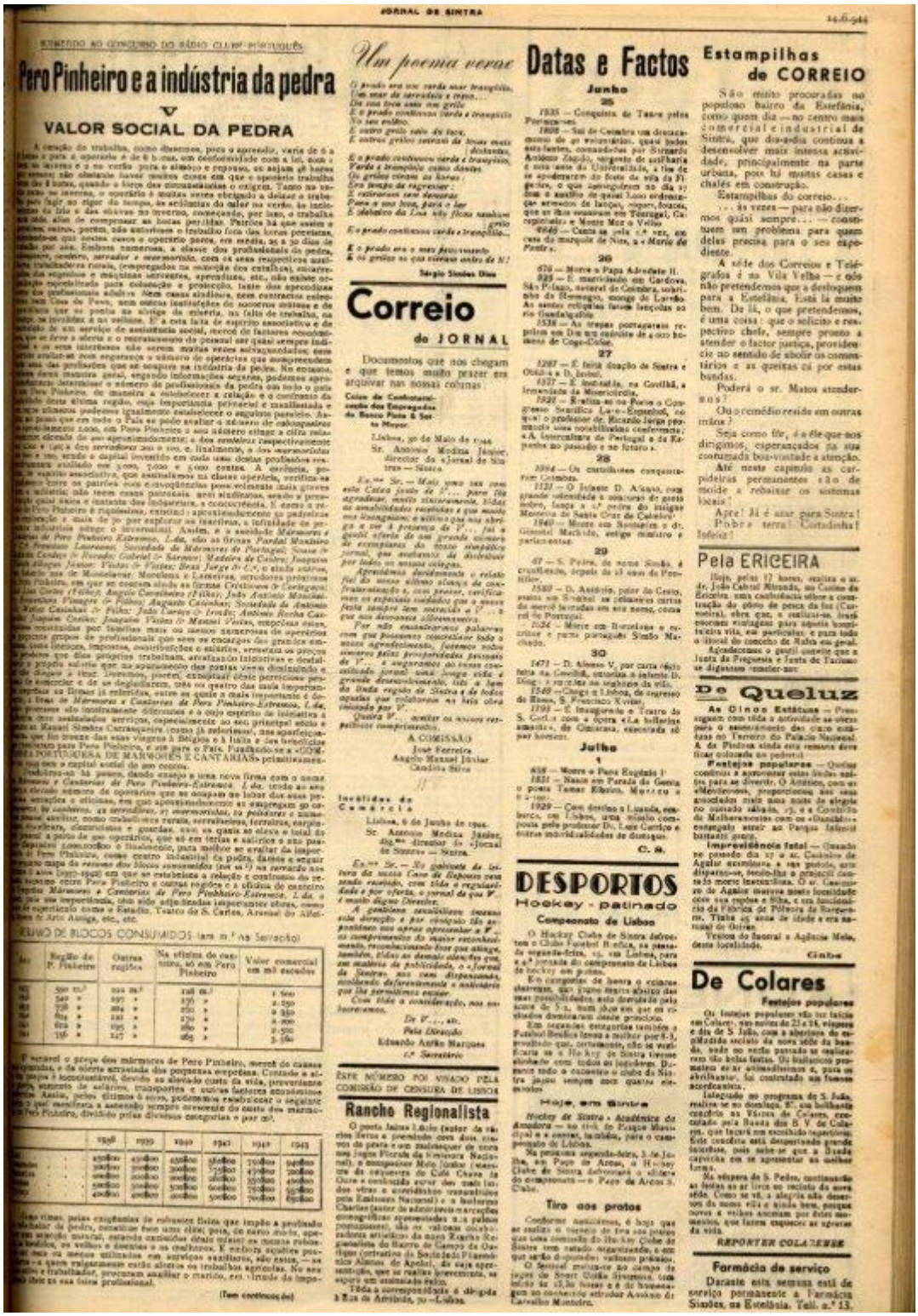
Precisa-se

Meio caixeiro com prática de mercearia e fanqueiro — Idade [illegible] 17 anos. Resposta a êste jornal ao n.º 227.

Compra-se

BANHEIRA de zinco esmaltada, com 1,50, aproximadamente. Rua Visconde de Monserrate, 22-1.º - SINTRA

Figura 33- "Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo V: Valor social da pedra", Jornal de Sintra, nº (?), Ano XI, 14 junho 1944.



JORNAL DE SINTRA 14-6-944

ESTUDO AO CONCURSO DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Pero Pinheiro e a indústria da pedra

V

VALOR SOCIAL DA PEDRA

A criação do trabalho, como dissemos, pôs o aprendiz, varia de 6 a 12 anos e para o operário + de 6 h. diz. em conformidade com a lei, com o inverno e o vão verão para o almoço e repouso, ou sejam 48 horas por semana; não obstante haver muitos casos em que o operário trabalha mais de 8 horas, quando a força das circunstâncias o exigem. Tanto no verão como no inverno, o operário é muitas vezes obrigado a deixar o trabalho para fugir ao rigor do tempo, às aciduras do calor no verão, ao início-mento da fria e das chuvas no inverno, começando, por isso, o trabalho ao nascer do sol e terminando ao pôr do sol. Parece-lhe que assim o proprietário, o patrão, não autorizam o trabalho fora das horas percebidas, sendo-lhe que nestes casos o operário perca, em média, as 2 ou 3 dias de trabalho por ano. Embora numerosa, a classe dos profissionais da pedra, [illegible] e marmorista, com os seus respectivos auxiliares, [illegible] trabalhadores rurais, (empregados na extração das estatuas), encontra-se das engenhos e máquinas inventivas, aperfeiçoadas, etc., não existe organização especializada para educação e protecção, tanto dos aprendizes como dos profissionais adultos. Nem casas sindicais, nem contractos colectivos, nem Casa do Povo, nem outras instituições de socorros mútuos e de previdência que se possa no abrigo da miséria, na falta de trabalho, na velhice, na invalidez e no velhice. E a esta falta de espírito associativo e de sentido de um serviço de assistência social, mercê de factores secundários, que se deve a aleria e o nomadismo do pessoal ser quási sempre indígena e os seus interesses não serem muitas vezes salvaguardados; nem sabe avaliar-se com segurança o número de operários que acompreendem as suas das profissões que se ocupam na indústria da pedra. No entanto, vamos fazer mesmo geral, segundo informações seguras, podemos aproximadamente determinar o número de profissionais da pedra em todo o país e em Pero Pinheiro, de maneira a estabelecer a relação e o confronto da [illegible] desta última região, cuja importância privacial e manifestada e [illegible] pudermos igualmente estabelecer o seguinte paralelo. Assim o passo que em todo o País se pode avaliar o número de cabouqueiros [illegible] em 1.000, em Pero Pinheiro o seu número eleva a cifra relativamente elevada de 200 aproximadamente; e dos canteiros respectivamente de 1.500 e 150 a dos serradores de 200 a 300, e finalmente, a dos marmoristas de 100 e 200, sendo o capital investido em cada uma destas profissões respectivamente avaliado em 5.000, 7.000 e 5.000 contos. A carência, porém, do maior associativo, que assinalamos na classe operária, verifica-se também entre os patrões com a exceptuar-se pouco relevante mais graves [illegible] e artísticas; não teem essas patronais, nem sindicatos, sendo o pessoal qual deles e mantem das indústrias, a concorrência. E como a região de Pero Pinheiro é riquíssima, existindo aproximadamente 20 pedreiras em exploração e mais de 30 por explorar ou inactivas, a infinidade de pequenas industrias sobre o intermédio. Assim, e a sociedade *Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Lda.*, são as firmas *Pardal Monteiro & Fernandes Lourenço, Sociedade de Mármores de Portugal, Sousa & Santos Condeço & Ferreira, Gabriel & Ferreira, Madeira de Castro, Joaquim Dias Alfaiate Júnior, Vieira & Vieira, Dias Jorge & C.ª*, e ainda outras [illegible] de Montelavar, Moreleira e Lameiras, arredores próximos de Pero Pinheiro, em que se contam ainda as firmas *Cristóvão & Rodrigues, Gabriel & Ferreira, Augusto Cavalheiro (Filhos), João António Mendonça & Irmão, Fernandes Pinagre & Filhos, Augusto Cavalheiro, Sociedade de António Rodrigues Caninhas & Filhos, João Lourenço & Irmão, António Rocha Cardoso, Joaquim Cardoso, Joaquim Vieira & Manuel Vieira*, empregam estes, [illegible] por famílias mais ou menos numerosas de operários [illegible] grupos de profissionais que vem se encarregar das grandes empreitadas, [illegible] impostos, contribuições e salários, arrendam os pocos [illegible] que dão próprios trabalham, arrelanam iniciativas e desfalcam [illegible] a própria sub-vida que, na aproximação das contas vem diminuindo e [illegible] de Sintra a time. Invernos, portal, atmosfera cênic perniciosa pessoal [illegible] e de se deslocarem, mas os quatro das mais importantes [illegible] já referidas, entre as quais a mais importante é de [illegible] a firma de *Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Lda.*, que possuem são instrumento diferentes e o seu espírito de iniciativa e [illegible] dos assinalados serviços, especialmente ao seu principal sócio e gerente Sr. Manuel Simões Carrasqueira (como já referimos), nas aperfeiçoamentos que foi trazer das suas viagens à Bélgica e à Itália e dos benefícios [illegible] para Pero Pinheiro, e em geral o País. Fundado-se a «COMPANHIA PORTUGUESA DE MARMORES E CANTARIAS» primitivamente [illegible] com o capital social de 200 contos.

Recebeu-se há pouco, dando exemplo a uma nova firma com o nome de *Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Lda.*, tendo ao seu serviço elevado número de operários que se ocupam ao lado das suas pedreiras e oficinas, em que aperfeiçoadamente os empregam os [illegible] os canteiros, os serradores, os marmoristas, os polidores e outros [illegible] artífice, como [illegible] rurais, serradores, ferreiros, carpinteiros, electricistas e guardas. Com as quais se alarga e total do pessoal a parte de que operários, que só em férias e salários e uma parte [illegible] Lisboa, para melhor se avaliar da importância de Pero Pinheiro, como centro industrial da pedra, damos a seguir [illegible] mapa da *receita dos blocos consumidos (em m³) no serrado* nos [illegible] anos (1939-1943) em que se estabelece a relação e confronto da pedreira [illegible] entre Pero Pinheiro e outras regiões e a oficina de canteiro [illegible] *Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Lda.*, a [illegible] pois uma importância, que tem sido aplicada [illegible] importantes obras, como [illegible] de especialidade como o Estadio, Teatro de S. Carlos, Arsenal do Alfeite [illegible] de Arte Antiga, etc., etc.

RESUMO DE BLOCOS CONSUMIDOS (em m.³ na Serração)

Ano	Região de P. Pinheiro	Outras regiões	Na oficina de canteiro, só em Pero Pinheiro	Valor comercial em mil escudos
1939	500 m.³	200 m.³	120 m.³	1 500
1940	540 »	197 »	135 »	2 250
1941	738 »	284 »	175 »	2 450
1942	804 »	221 »	170 »	2 200
1943	852 »	195 »	180 »	2 500
1944	756 »	247 »	165 »	3 150

É notável o preço dos mármores de Pero Pinheiro, mercê de causas [illegible], e da média arrecadada dos pequenos empedrios. Contudo e [illegible] de preços é inconstantável, devido ao elevado custo da vida, proveniente [illegible] para, aumento de salários, transportes e outros factores atendíveis [illegible] Assim, pelos últimos dados, podemos estabelecer o seguinte [illegible] que é manifesta a tendência sempre crescente do custo dos mármores [illegible] Pero Pinheiro, dividido pelas diversas categorias e por m³.

	1938	1939	1940	1941	1942	1943
[illegible]	450$00	450$00	450$00	750$00	750$00	750$00
[illegible]	300$00	300$00	300$00	525$00	450$00	750$00
[illegible]	300$00	300$00	300$00	450$00	525$00	450$00
[illegible]	300$00	300$00	300$00	600$00	750$00	525$00
[illegible]	450$00	300$00	300$00	525$00	750$00	750$00

[illegible] vimos, várias exigências de valorização feitas que impõe a proibição [illegible] trabalhar de pedra, consultar [illegible] uma clínica; pois, de certo modo, operação [illegible] natural, estando [illegible] dessa miséria as mesmas [illegible] a bordos, os velhos e doentes e os [illegible]. E nenhum [illegible] pessoal [illegible] os menos utilizados em serviços auxiliares, são estes, — as [illegible] a quem exclusivamente estão afectos os trabalhos agrícolas. No seu [illegible] trabalhador, procuram auxiliar o marido, em virtude da impossibilidade [illegible] em sua [illegible] profissional.

(Tem continuação)

Um poema verde

O prado era um verde mar tranquilo,
Um mar de serenidade e treva...
Um ou dois ceifeiros cantavam
E o prado continuava verde e tranquilo
No seu enlevo.
E outros grilos saíam da terra,
E outros grilos saíram da terra muito [illegible]
E o prado continuava verde e tranquilo,
Verde e tranquilo como dantes.
Os grilos cirzam as ervas;
Os longos dias regressam;
E estiveram sem demoras
Para o seu lugar, para o lar
E debaixo da Lua vão ficar sombras [illegible]
E o prado continuava verde e tranquilo...

E o prado era o mar tranquilo
E os grilos as vozes vindas [illegible]

Sérgio Simões Dias

Correio

do JORNAL

Documentos que nos chegam e que temos muito prazer em arquivar nas nossas colunas

Caixa de Continuidade dos Empregados do Banco Pinto & Sotto Mayor

Lisboa, 30 de Maio de 1944.

Sr. António Medina Júnior, director do «Jornal de Sintra» — Sintra

Ex.mo Sr. — Mais uma vez com este Caixa junto de V.ª... para lhe agradecer, muito sinceramente, todas as amabilidades recebidas e que muito nos lisonjeiam; e ainda que nos abrigue a ver a presença de V.ª... foi a gentil oferta de um grande número de exemplares do muito simpático jornal, que avalizando da distribuir por todos os nossos colegas.

Aproveitamos devidamente o relato fiel do nosso último almoço de confraternização e, com prazer, verificamos os especiais cuidados que a nossa festa sempre tem merecido a V.ª... e que nos devemos ultimamente.

Por não encontrarmos palavras com que possamos reconhecer todo o nosso agradecimento, fazemos votos sinceros pelas prosperidades pessoais de V.ª... e engrandecer do nosso conceituado jornal, num longa vida e grande desenvolvimento, fiel à bem da linda região de Sintra e de todos aqueles que colaboram na tão boa obra ideada por V.ª...

Queira V.ª... aceitar os nossos respeitosos cumprimentos.

A COMISSÃO
José Ferreira
Angelo Manuel Javier
Candida Silva

Invalidez do Comércio

Lisboa, 6 de Junho de 1944.

Sr. António Medina Júnior, digno director do «Jornal de Sintra» — Sintra.

Ex.mo Sr. — No gabinete de leitura da nossa Casa de Repouso tem sendo recebido, com toda a regularidade e por oferta, o jornal da que V... é muito digno Director.

A gentileza assaltiliem mesmo esta direcção a por vivamente lhe agradecer nos apresentar o V... os cumprimentos do nosso reconhecimento, reconhecimento esse que alcança, também, todos os demais obreiros que, em matéria de publicidade, o «Jornal de Sintra» nos vem dispensando, mostrando deferentemente o valioso que lhe permitimos exaltar.

Com toda a consideração, nos subscrevemos.

De V..., etc.
Pela Direcção
Eduardo Antão Marques
1.º Secretário

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA DE LISBOA

Rancho Regionalista

O poeta Jaime Lobo (autor de várias letras e premiado com dois concursos de poesia e um melegueiro de cores com Jogos Florais da Mocidade Nacionalista, e compositor Mário Simões (maestro de orquestra do Café Chave de Ouro e conhecido autor dos mais lindos versos e melodiosos romantismos pela Emissora Nacional) e o bailarino Charles (autor de adaptações e arranjos coreográficos apresentados nos palcos portugueses), são os valorosos colaboradores artísticos do novo Rancho Regionalista do Bairro de Campo de Ourique (ultrativo da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo), de cuja apresentação, que se realiza brevemente, se espera um assinalado êxito.

Toda a correspondência é dirigida à Rua de Arroiolos, 30 — Lisboa.

Datas e Factos

Junho

25

1535 — Conquista de Tunes pelos Portugueses.

1808 — Sai de Coimbra um destacamento de 40 voluntários, quase todos estudantes, comandados por Sargento Antonio Zagallo, sargento de milícias e estudante da Universidade, a fim de se apoderarem do leme de vela da Figueira, o que conseguiram no dia 27 com o auxílio de quasi todos ordenanças armados de lanças, alguns, dizem, que se iham reunir em Tomar.

1846 — Cunha se pela 1.ª vez, em casa do marquês de Niza, o «Mario de Pontes».

26

976 — Morre o Papa Adriano II.

929 — É matrimoniado em Cardova, São Pelayo, natural de Coimbra, solarengo de Hermengo, monge de Lorvão. As santas relíquias foram lançadas ao rio Guadalquivir.

1538 — As tropas portuguesas repelem um Dia um exército de 4 000 homens de Cogo-Cadur.

27

1287 — É feita doação de Sintra e Obidos a D. Isabel.

1537 — É instituída, na Covilhã, a irmandade da Misericórdia.

1921 — Realiza-se no Porto o Congresso Scientifico Luso-Espanhol, cujo o professor de Ricardo Jorge pronunciou uma notabilíssima conferencia: «A Universidade de Portugal e da Espanha no passado e no futuro».

28

1094 — Os castelhanos conquistam Coimbra.

1123 — O Infante D. Afonso, com grande solenidade e assistencia de grande nobre, lança a 1.ª pedra do insigne Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

1940 — Morre em Santarém o dr. General Machado, antigo ministro e parlamentar.

29

67 — S. Pedro, de nome Simão, é crucificado, depois de 25 anos de Pontificado.

1580 — D. Antonio, prior do Crato, exilado em Santarem as colonias as cartas de merce lavradas em seu nome, como rei de Portugal.

1624 — Morre em Barcelona o escritor e poeta português Simão Machado.

30

1471 — D. Afonso V, por carta régia feita na Covilhã, concede à infante D. Diogo a cavalaria no senhorio da vila.

1540 — Chega a Lisboa, de regresso de Roma, S. Francisco Xavier.

1790 — É inaugurado o Teatro da S. Carlos com a ópera «A bilheteira amante», de Gimarães, executada só por homens.

Julho

1

858 — Morre o Papa Eugénio I.

1831 — Nasce em Paraty do Genio o poeta Tomaz Ribeiro. Morreu a [illegible]

1929 — Com destino a Luanda, embarca, em Lisboa, uma missão composta pelo professor Dr. Luiz Carrico e outras individualidades de destaque.

C. S.

DESPORTOS

Hockey - patinado

Campeonato de Lisboa

O Hockey Clube de Sintra defrontou o Clube Futebol Benfica, na passada segunda-feira, 19, em Lisboa, para o 4.º jornada do campeonato de Lisboa de hockey em patins.

Em competição de honra o relativo desfecho, que pouco resulta abalo das suas possibilidades, pois derrota-lo pelo score de 5-2, num jogo em que os rivais dominaram desde principio.

Em organizar comparam também o Futebol Benfica ficou a melhor por 6-3, prevalecendo-se, certamente, dos 14 vitórias de Hockey de Sintra tivesse alinhado com todos os jogadores. Durante todo o encontro o clube de Sintra jogou sempre com quatro elementos.

Hoje, em Sintra

Hockey de Sintra - Académica do Amadora — no rink de Penha Marcial e a contar, também, para o campeonato de Lisboa.

Na pequena segunda-feira, 3 de Julho, em Paço de Arcos, o Hockey Clube de Sintra defrontará o clube do campeonato — o Paço de Arcos S. Clube.

Tiro aos pratos

Confirmar noticiamos, é hoje que se realiza o torneio de tiro aos pratos que uma comissão do Hockey Clube de Sintra vem estudo organizando, e em que serão disputados valiosos prémios.

O Sentral realiza-se no campo de jogos do Sport Clube Sintrense, com início às 15,30 horas e é de homenagem ao saudoso e sempre recordado Arsénio de Carvalho Monteiro.

Estampilhas de CORREIO

São muito procuradas no populoso bairro da Estefânia, como quem diz — no centro mais comercial e industrial de Sintra, que dia-a-dia continua a desenvolver mais intensa actividade, principalmente na parte urbana, pois há muitas casas e chalés em construção.

Estampilhas do correio... ... às vezes — para não dizermos quási sempre... — constituem um problema para quem delas precisa para o seu expediente.

A séde dos Correios e Telégrafos é na Vila Velha — e não pretendemos que a desloquem para a Estefânia. Está lá muito bem. Do lá, o que pretendemos, é uma coisa: que o solicito e respectivo chefe, sempre pronto a atender o factor justiça, providencie ao sentido de abolir os comentários e as queixas cá por estas bandas.

Poderá o sr. Matos atender-nos?

Ou o remédio reside em outras mãos?

Seja como fôr, é a ele que nos dirigimos, esperançados na sua costumada boa-vontade e atenção.

Até neste capítulo as carpideiras permanentes são de moide a rebaixar os sentimos locais!

Ape! Já é azar para Sintra! Pobre terra! Coitadinha! Infeliz!

Pela ERICEIRA

Hoje, pelas 17 horas, realiza-se na dr. João Cabral Miranda, na Casina da Ericeira, uma conferência sobre a construção do pôrto de pesca da luz (Cascais), obra que, a realizar-se, trará enormes vantagens para aquela importantíssima vila, em particular, e para todo o litoral do concelho de Mafra em geral.

Agradecemos o gentil convite que a Junta de Freguesia e Junta de Turismo se dignaram remeter-nos.

De Queluz

As Obras Estatuas — Prosseguem com vida a actividade as obras para o assentamento das duas estátuas no Terreiro do Palácio Nacional. A de Pedro vinda esta semana deve ficar colocada no pedestal.

Festejos populares — Queluz continua a apresentar estes dias animados para se divertir. O Arraial, com as «Revelações», proporcionou aos seus associados muita boa noite de alegria no passado sábado, 17, e o Comércio de Melhoramentos com os «Danadinhos» conseguiu atrair ao Parque Infantil bastante gente.

Imprevidência fatal — Quando no passado dia 17 o sr. Cardoso de Aguiar acendeu a sua pistola, ao disparo-se, tendo-lhe a projectil causado morte instantânea. O sr. Cardoso de Aguiar deixava muita tristeza com sua esposa e filha, e um fazendeiro da Fábrica de Pólvora de Barcarena. Tinha 25 anos de idade e era natural de Goiras.

Temos do Jaural a Agência Mala, desta lealdade.

Cinha

De Colares

Festejos populares

Os festejos populares vão ter início em Colares, nos meios de 23 a 24, vésperas e dia de S. João, com a alvorada de rojões e dois concertos pela banda. Este concerto está despertando grande interêsse, pois sabe-se que a Banda capricha em se apresentar da melhor forma.

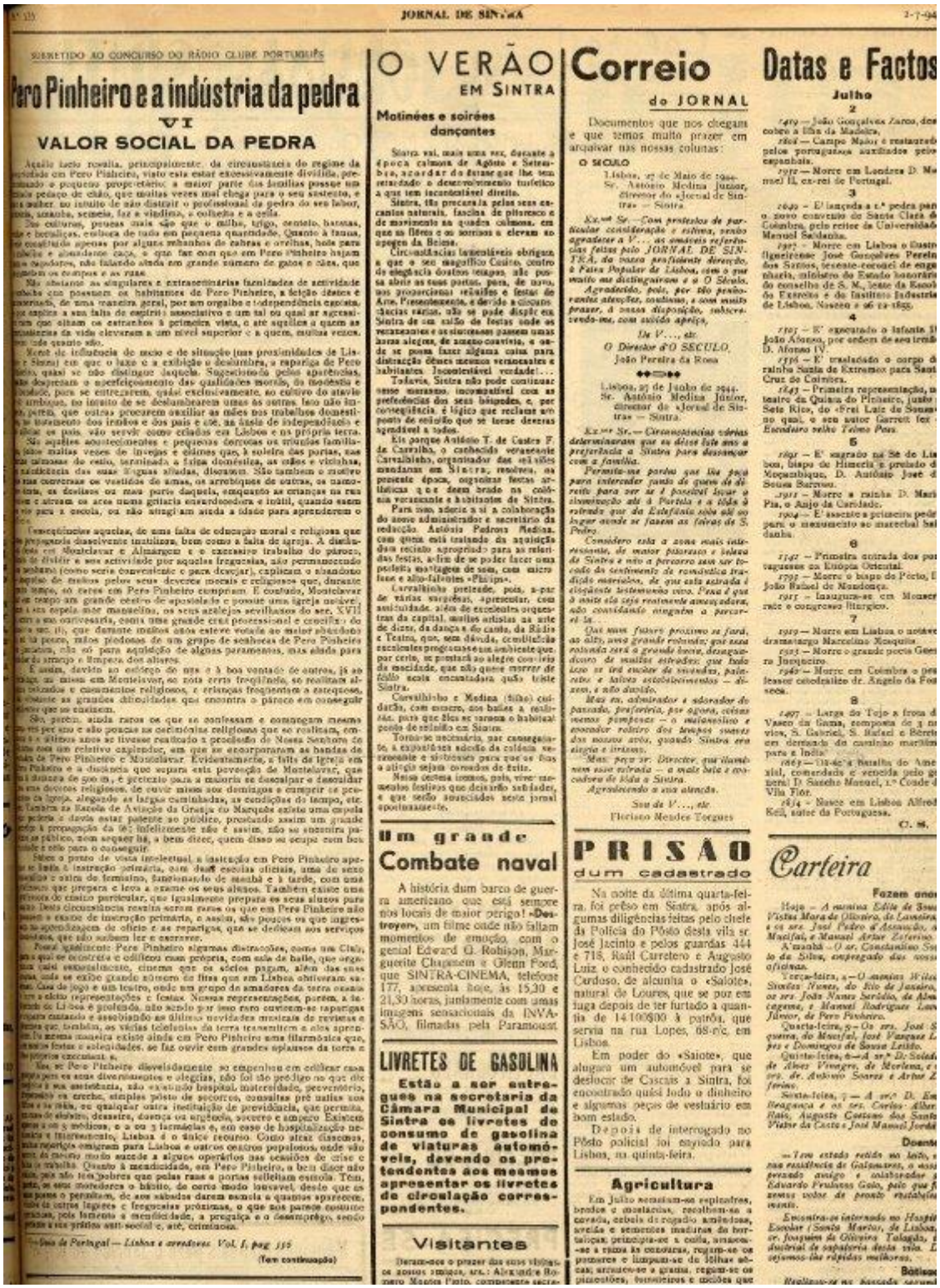
Na véspera de S. Pedro, continuando as festas ao ar livre no recinto da nova séde. Como se vê, a alegria não desenvolve do nosso vila e ainda bem, porque novos e vistos animam por todos momentos, que todos esperamos ao agrado da vida.

REPORTER COLARENSE

Farmácia de serviço

Durante esta semana está de serviço permanente a Farmácia Simões, na Estefânia. Tell. n.º 13.

Figura 34- "Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo VI: Valor social da pedra", Jornal de Sintra, nº (?), Ano XI, 2 julho 1944.



SUBMETIDO AO CONCURSO DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Pero Pinheiro e a indústria da pedra

VI

VALOR SOCIAL DA PEDRA

Aquele lucro novalia, principalmente da circunstância do regime da propriedade em Pero Pinheiro, visto este estar excessivamente dividido, pertencendo o pequeno proprietário a maior parte das famílias possuir um bocado de chão, que muitas vezes mal chega para o seu sustento, e se bem se sabe, no intuito de não distruir o profissional da pedra do seu labor, [illegible], semeia, faz a vindima, e colhe[illegible] e a cevada.

Nas culturas, poucas mais são que o milho, trigo, centeio, batatas, feijão e hortaliças, colhera de tudo em pequena quantidade. Quanto à fauna, [illegible] consta-se apenas por alguns rebanhos de cabras e ovelhas, bois para [illegible] e abundante caça, o que faz com que em Pero Pinheiro haja [illegible] caçadores, não faltando ainda um grande número de gatos e ratos, que [illegible] os campos e as ruas.

Não obstante as singulares e extraordinárias facilidades de actividade [illegible] com possuem os habitantes de Pero Pinheiro, a feição destes é [illegible] de uma maneira geral, por um orgulho e independência expostas, [illegible] a sua falta de espírito associativo e um tal ou qual ar agressivo [illegible] que aliam os estranhos à primeira vista, e até aqueles a quem as circunstâncias da vida elevaram a um nível superior e a quem, muitas vezes, [illegible] tudo quanto são.

Mercê de influências do meio e de situação (nas proximidades de Lisboa e Sintra) em que o luxo e a exibição o desafiam, a rapariga de Pero [illegible] quási se não distingue daquela. Sugestionada pelas aparências, [illegible] desprezam o aperfeiçoamento das qualidades morais, da modéstia e [illegible], para se entregarem, quási exclusivamente, ao cultivo do atavio [illegible] ambições, no intuito de se deslumbrarem umas às outras. Isto não impede, porém, que outras procurem auxiliar as mães nos trabalhos domésticos, [illegible] tratamento dos irmãos e dos pais e até, na ânsia de independência e [illegible] de pois, vão servir como criadas em Lisboa e na própria terra.

Não aquelles acontecimentos e pequenas comezas ou reuniões familiares [illegible] muitas vezes de inveja e ódios que, à roleira das portas, nas [illegible] ou almoxas do cesto, terminado a fúria doméstica, as mães e vizinhas, [illegible] antifrástica das suas línguas afiadas, discutem. Não também o motivo [illegible] as raparigas correrem os vestidos de amas, os arrobiques de outras, os namorados, os desfiles ou mau parte daquela, enquanto as crianças na rua [illegible] e atiram os aros numa gritaria ensurdecedora e inútil, quando estes [illegible] vão para a escola, ou não atingiram ainda a idade para aprenderem o [illegible].

Concepções aquelas, de uma falta de educação moral e religiosa que [illegible] propaganda dissolvente instituem, bem como a falta de igreja. A distância [illegible] em Montelavar e Almargem e o excessivo trabalho do pároco, [illegible] de dividir a sua actividade por aquelas freguesias, não permanecendo a [illegible] (como seria conveniente e para desejar), explicam o abandono [illegible] de muitos pelos seus deveres morais e religiosos que, durante [illegible] tempo, só raras em Pero Pinheiro cumpriam. E contudo, Montelavar [illegible] ao tempo um grande centro de apostolado e possuí uma igreja matriz, [illegible] sua capela mór manuelina, os seus azulejos sevilhanos do séc. XVII [illegible] com a sua oitavaria, conta uma grande cruz processional e crucifixo do [illegible] séc. II), que durante muitos anos esteve votado ao maior abandono [illegible] na poeira, mãos piedosas de um grupo de senhoras de Pero Pinheiro [illegible] paramos, não só para aquisição de algumas paramentas, mas ainda para [illegible] arranjo e limpeza dos altares.

É assim, devido ao esforço de uns e à boa vontade de outros, já se [illegible] as missas em Montelavar, se nota certa frequência, se realizam alguns [illegible] e casamentos religiosos, e crianças frequentam a catequese, [illegible] a vontade as grandes dificuldades que encontra o pároco em conseguir [illegible] que se casassem.

São poucos, ainda raros os que se confessam e comungam mesmo [illegible] vez por ano e são poucas as cerimónias religiosas que se realizam, embora [illegible] últimos anos se tivesse realizado a procissão de Nossa Senhora de [illegible] com um relativo esplendor, em que se encorporaram as bandas de [illegible] de Pero Pinheiro e Montelavar. Evidentemente, a falta de igreja em [illegible] Pinheiro e a distância que separa esta povoação de Montelavar, que [illegible] a maioria de que os, é gerlmente para a maioria se descalçar e descalcar [illegible] as devotas religiosas, de ouvir missa aos domingos e cumprir os preceitos [illegible] da igreja, alegando as largas caminhadas, as condições do tempo, etc. [illegible] também na Escola de Aviação da Granja ou Marquês existe uma capela [illegible] a devia estar patente ao público, procedendo assim um grande [illegible] à propagação da fé; infelizmente não é assim, não se encontra patente [illegible] público, nem sequer lá, a bem dizer, quem disso se ocupe com boa [illegible] e zelo para o conseguir.

Sobre o ponto de vista intelectual, a instrução em Pero Pinheiro apresenta [illegible] instrução primária, com duas escolas oficiais, uma de sexo [illegible] e outra de feminino, funcionando de manhã e à tarde, com uma [illegible] que prepara e leva a exame os seus alunos. Também existe uma [illegible] de ensino particular, que igualmente prepara os seus alunos para [illegible] Dada circunstâncias reunirem serem raros os que em Pero Pinheiro não [illegible] o exame de instrução primária, e, assim, são poucos os que ingressam [illegible] aprendizagem de ofício e as raparigas, que se dedicam aos serviços [illegible], que não sabem ler e escrever.

Para agalardoar Pero Pinheiro algumas distracções, como um Clube, [illegible] qual se construiu e edificou casa própria, com sala de baile, que organiza [illegible] semanalmente, cinema que os sócios pagam, além das suas [illegible], onde se exibe grande número de fitas que em Lisboa obtiveram sucesso, Casa de jogo e um teatro, onde um grupo de amadores da terra, [illegible] [illegible] e alegre representações e festas. Nunca representações, porém, a altura [illegible] de Lisboa e proíndo, não sendo por isso raro ouvirem-se raparigas [illegible] cantando e assobiando as últimas novidades musicais de revistas e [illegible] que, também, as vielas telefónicas da terra transmitem a alos aprendizes [illegible] mesma maneira existe ainda em Pero Pinheiro uma filarmónica que, [illegible] festas e solenidades, se faz ouvir com grandes aplausos da terra e [illegible] próprios executantes.

Mas se Pero Pinheiro divertidamente se empenham em celebrar com [illegible] para os seus divertimentos e alegrias, não foi ele pródigo no que diz [illegible] e na assistência, não existindo hospital, maternidade, preventório, [illegible] creche, simples posto de socorros, consultas pré natais nos [illegible] e na vila, ou qualquer outra instituição de previdência, que permita, [illegible] de doença, desastre, doença ou velhice, soccrro e amparo. Existem [illegible] e médicos, e a ou 3 farmácias e, em caso de doença aparecem, [illegible] e frequentemente, Lisboa é o único recurso. Como atrás dissemos, [illegible] raparigas emigram para Lisboa e outros centros populosos onde são [illegible] muito acorde a alguns operários nas sessões de crise e [illegible] trabalho. Quanto à mendicidade, em Pero Pinheiro, a bem dizer não [illegible], não são nos pobres que pedem rasa a portas selleiam esmola. Tem, [illegible] de vez, moradores o hábito, de certo modo honroso, desde que os [illegible] o permitem, de aos sábados darem esmola a quantos aparecem, [illegible] de outros logares e freguesias próximas, o que nos parece costume [illegible], pois fomenta a mendicidade, a preguiça e o desemprego, sendo [illegible] a um prático anti-social e, até, criminoso.

[illegible] de Portugal — Lisboa e arredores. Vol. I, pag. 335

(Tem continuação)

O VERÃO EM SINTRA

Matinées e soirées dançantes

Sintra vai, mais uma vez, durante a época calmosa de Agôsto e Setembro, acordar do torpor que lhe tem retardado o desenvolvimento turístico a que tem incontestável direito.

Sintra, ela procura-la pelos seus encantos naturais, fascina de pitoresco e de movimento as quadra calmosa, em que as fôlhas e os sorrisos a cievam ao apogeu da Beleza.

Circunstâncias inexoráveis obrigam, a que o seu magnífico Casino, centro de elegância dentro tempos, não possa abrir as suas portas, para, de novo, nos proporcionar reuniões e festas de Arte, Presentemente, e devido a circunstâncias várias, não se pode dispôr em Sintra de um salão de festas onde as recreações e os sucessos possam umas horas alegres, de amena convivio, e onde se possa fazer alguma coisa para distracção destes mesmos veraneantes e habitantes. Incontestável verdade!...

Talvez, Sintra não pode continuar esse marasmo, incompatível com as preferências dos seus hóspedes, e, por consequência, é lógico que reclame um ponto de reünião que se torne deveras agradável a todos.

Eis porque António T. de Castro F. de Carvalho, o conhecido veraneante Carvalhinho, organizador das reünies mundanas em Sintra, resolveu, no presente época, organizar festas artísticas que deem brado na colónia veraneante e habitantes de Sintra.

Para isso, aderiu a si a colaboração do nosso administrador e secretário da redacção, António Pedroso Medina, com quem está tratando da aquisição dum recinto apropriado para as referidas festas, a-fim de se poder fazer uma pequena montagem de sua, com micro fone e alto-falantes «Philips».

Carvalhinho prelende, pois, a-par de várias surpresas, apresentar, com assiduidade, além de excelentes orquestras da capital, muitos artistas da arte de dizer, da dança e de canto, da Rádio e Teatro, que, sem dúvida, constituirão escolhidos programas e um ambiente que, por certo, se prestará ao alegre convívio da mocidade, que não quere morrer de tédio nesta encantadora, quão triste Sintra.

Carvalhinho e Medina (filho) cuidarão, com esmero, dos bailes a realisar, para que Elas se sintam o habitual ponto de reünião em Sintra.

Torna-se necessário, por conseguinte, a exposição sôbre da colónia veraneante e sintrenses para que os bons alvitres sejam correados de êxito.

Nesse ordem de ideias, pois, virão brevemente festivos que deixarão sabedor, e que serão anunciados neste jornal oportunamente.

Um grande Combate naval

A história dum barco de guerra americano que está sempre nos locais de maior perigo! «Destroyer», um filme onde não faltam momentos de emoção, com o genial Edward G. Robison, Marguerite Chapmem e Glenn Ford, que SINTRA-CINEMA, telefone 177, apresenta hoje, às 15,30 e 21,30 horas, juntamente com umas imagens sensacionais da INVASÃO, filmadas pela Paramount.

LIVRETES DE GASOLINA

Estão a ser entregues na secretaria da Câmara Municipal de Sintra os livretes de consumo de gasolina de viaturas automóveis, devendo os pretendentes aos mesmos apresentar os livretes de circulação correspondentes.

Visitantes

Deram-nos o prazer dos seus visitas os nossos amigos, srs.: Alexandre Rogério Moreira Pinto, comerciante secre-

Correio do JORNAL

Documentos que nos chegam e que temos muito prazer em arquivar nas nossas colunas:

O SECULO

Lisboa, 27 de Maio de 1944.
Sr. António Medina Junior,
Director do «Jornal de Sintra» — Sintra

Ex.mo Sr. — Com profundo particular consideração e estima, venho agradecer a V... as amáveis referências feitas pelo JORNAL DE SINTRA, do nosso prestigiante direcção, à Festa Popular de Lisboa, com o que muito me distinguiram e a O Século.

Agradecido, pois, por tão penhorante atenção, confiança, e com muito prazer, á nossa disposição, subscrevo-me, com muita estima,

De V..., etc.
O Director d'O SECULO,
João Pereira da Rosa

Lisboa, 27 de Junho de 1944.
Sr. António Medina Júnior,
director do «Jornal de Sintra» — Sintra.

Ex.mo Sr. — Circunstâncias várias determinaram que eu deixe Sete anos a preferência a Sintra para desenvolver com a família.

Permita-me pedir que lhe faça para interceder junto de quem de direito para ver se é possível lavar o alvenarias até à Portela e a linha é retirado que da Estefânia não até ao lugar onde se fazem as feiras de S. Pedro.

Considero esta a zona mais interessante, de maior panorama e beleza de Sintra e não a percorro sem ser tocado do sentimento de romântica tristeza, de que esta estrada é elegante testemunho vivo. Pena é que à noite não seja convenientemente aproveitada, não consintindo ninguém a percorrê-la.

Que nunca futuro próximo se faça, ao alto, uma grande redenção; que essa redenção seja o grande bota, desaparecimento de muitas estradas, que hoje nos só tem encher de vexames, palavrões e baixos estabelecimentos — digam, e não duvido.

Mas eu, admirador e idolatrador do passado, preferiria, por agora, ceticismo mesmo pompeiar — o malogrado e ensonador retiro dos tempos outros dos nossos avós, quando Sintra era alegria e tristeza.

Mas, peço ao Director, que ilumine esse redacção — a mais bela e evocadora de toda a Sintra.

Agradecendo a sua atenção.

Sou de V..., etc.
Florisvo Mendes Borges

PRISÃO dum cadastrado

Na noite da última quarta-feira, foi preso em Sintra, após algumas diligências feitas pelo chefe da Polícia do Pôsto desta vila sr. José Jacinto e pelos guardas 444 e 718, Raúl Carreteiro e Augusto Luiz o conhecido cadastrado José Cardoso, de alcunha o «Salote», natural de Loures, que se pur em fuga depois de ter furtado a quantia de 14 100$00 à patrôa, que servia na rua Lopes, 68-r/c, em Lisboa.

Em poder do «Salote», que alugara um automóvel para se deslocar de Cascais a Sintra, foi encontrado quási todo o dinheiro e algumas peças de vestuário em bom estado.

Depois de interrogado no Pôsto policial foi enviado para Lisboa, na quinta-feira.

Agricultura

Em Julho semeiam-se nabiças, [illegible] e mostardas, recolhem-se a cevada, cebola de regadio amêndoas, [illegible] e sementes maduras de hortaliças; principia-se a ceifa, amanha-se a vinha às cavouras, regam-se os pomares e limpam-se de bôlhas abacas; arranca-se o grama, regam-se os pimentões, hortaliças e batatas que

Datas e Factos

Julho

2

1479 — João Gonçalves Zarco, do[illegible] cobre a filha da Madeira.

1808 — Campo Maior é restaurado pelos portugueses auxiliados pelos espanhóis.

1910 — Morre em Londres D. Manuel II, ex-rei de Portugal.

3

1640 — É lançada a 1.ª pedra para o novo convento de Santa Clara de Coimbra, pelo reitor da Universidade Manuel Saldanha.

1907 — Morre em Lisboa o Conde [illegible] ilustre jurisconsulto José Gonçalves Pereira dos Santos, secretário-geral do engenharia, ministro do Estado honorário, do conselho de S. M., lente da Escola do Exército e do Instituto Industrial de Lisboa. Nasceu a 26 de 1855.

4

1707 — É executado o infante D. João Afonso, por ordem de seu irmão D. Afonso IV.

1808 — É trasladado o corpo da rainha Santa de Extremoz para Santa Cruz de Coimbra.

1843 — Primeira representação, no teatro da Quinta do Pinheiro, junto de Sete Rios, do «Frei Luiz de Sousa», no qual o seu autor Garrett fez [illegible] Escondeu velho Telmo Pais.

5

1691 — É sagrado na Sé de Lisboa, bispo de Himeria e prelado de Moçambique, D. António José de Sousa Barroso.

1911 — Morre a rainha D. Maria Pia, o Anjo da Caridade.

1904 — É assente a primeira pedra para o monumento ao marechal Saldanha.

6

1742 — Primeira entrada dos portugueses na Etiópia Oriental.

1799 — Morre o bispo do Porto, D. João Rafael de Mendonça.

1911 — Inaugura-se em Mosteiro e congresso litúrgico.

7

1919 — Morre em Lisboa o notável dramaturgo Marcelino Mesquita.

1923 — Morre o grande poeta Gomes Junqueiro.

1940 — Morre em Coimbra o professor catedrático dr. Angelo da Fonseca.

8

1497 — Larga do Tejo a frota de Vasco da Gama, composta de 3 navios, S. Gabriel, S. Rafael e Berrio em demanda do caminho marítimo para a Índia.

1865 — Dá-se a batalha de Ameixial, comandada e vencida pelo general D. Sancho Manuel, 1.º Conde de Vila Flor.

1874 — Nasce em Lisboa Alfredo Keil, autor da Portuguesa.

C. M.

Carteira

Fazem anos

Hoje — *A menina Edite de Sousa Vistas Mora de Oliveira, de Lanheiras, e os srs. José Pedro d'Assunção, [illegible] Macifal, e Manuel Artur Esteves [illegible]*

A'manhã — O sr. Constantino Soares [illegible] do Silva, empregado dos correios [illegible]

Terça-feira, 4 — O menino Wilson Simões Nunes, do Rio de Janeiro, [illegible] os srs. João Nunes Serôdio, de Alcabideche, e Manuel Rodrigues Lourenço Silvoor, de Pero Pinheiro.

Quarta-feira, 5 — Os srs. José Soares [illegible] do Macifal, José Vasques Lopes e Domingos de Sousa Leitão.

Quinta-feira, 6 — A sr.ª D. Soledade Alves Venegre, de Merlena, e os srs. dr. António Soares e Artur Esteves [illegible]

Sexta-feira, 7 — A sr.ª D. Emília Bragança e os srs. Carlos Alberto Reis, Augusto Caetano dos Santos, Victor da Costa e José Manuel Jordão.

Doentes

— Tem estado retido no leito, na sua residência de Galamares, o nosso prezado amigo e colaborador Eduardo Freitas Gois, pelo que lhe [illegible] votos de pronto restabelecimento.

Encontra-se internado no Hospital Escolar (Santa Marta), de Lisboa, o sr. Joaquim de Oliveira Taloada, [illegible] distrital de saúde desta vila. Lamentamos [illegible]

Bôdas

Realisam-se hoje, [illegible]

Figura 35- "Pero Pinheiro e a indústria da pedra- Capitulo VII: Valor social da pedra", Jornal de Sintra, nº (?), Ano XI, 9 julho 1944.

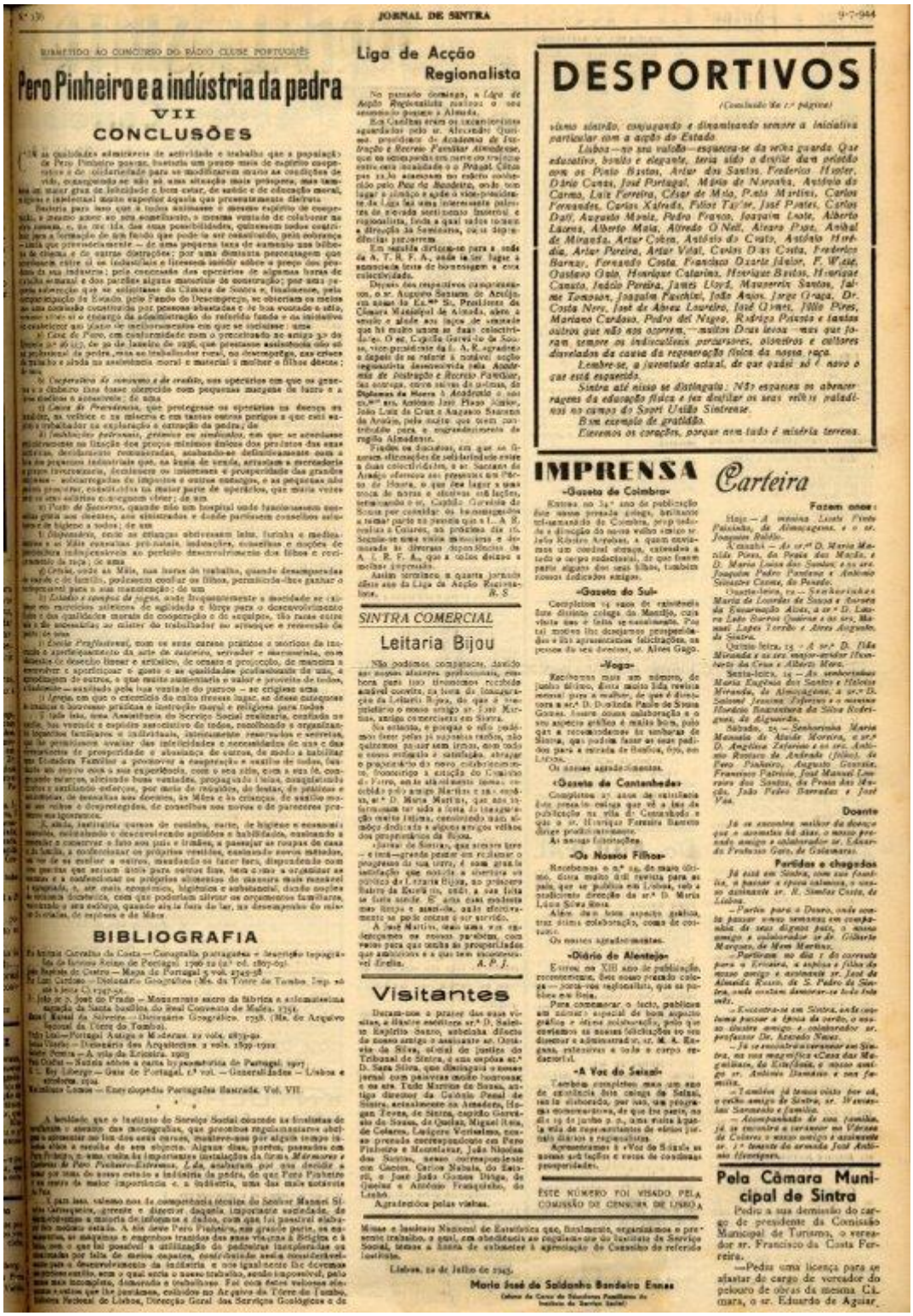


Figura 36- "Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro - Capitulo I", Jornal de Sintra, nº 1141, Ano XII, p.3, 25 dezembro 1955.

ESCOLA PROFISSIONAL DE CANTEIROS EM PERO PINHEIRO

I

Já vem de longe data a aspiração, aliás legítima, de o bom povo da região das suaves penas, ter nas suas terra, uma escola de canteiros.

De facto, sendo Pero Pinheiro a oficina de artistas, que operam verdadeiras maravilhas com o escopro e a roseta — sem outras considerações que não sejam aquelas que lhes cabem da prática e da vocação — não seria justo que aí viesse a existir uma Escola Profissional de Canteiros? Para demais havendo, por lá, quem ajudasse, materialmente, à realização da iniciativa?

Em 1947, quando andava mais latente o entusiasmo pela construção desse bendito retalho, de indiscutível valor teal e vital para o nosso operária da região, o nosso prezado amigo sr. professor de arquitectura Porfírio Pardal Monteiro, ilustre filho de Pero Pinheiro, fez, na sua terra, em 30 de Novembro, uma brilhante conferência, subordinada ao tema que nos serve de epígrafe, conferência essa de que nos foi dado recentemente às mãos uma cópia.

Concordando plenamente com a sua doutrina — sempre oportuna — não resistimos à tentação de, com a devida vénia, a transcrever nas colunas do «Jornal de Sintra».

Desta maneira, iniciamos hoje a sua publicação, que se seguirá, em números seguidos, até completa final.

Tem, pois, a palavra o sr. prof. arquitecto Pardal Monteiro:

É possível que alguns dos presentes me venham aos ouvidos um sorriso e não um palmito. Realmente, dos membros do nosso humilde, mas grandemente ajuste que nesta terra vivido absoluto da convivência com as suas conterrâneos.

Há mais de quarenta anos que eu saí desta terra para Lisboa. Aqui nasci, como nesta pátria e nesta ambiente, e aqui aprendi a ler e a escrever, até hoje ao velho e ainda hoje dentro ainda afastar do berço, sobre tempo ao meditativo caso das lendas Lord. Aos seus seus foi para Lisboa estudar e, desde que idade, já bem distante, pode ir dizer que nunca mais voltei a ter aqui grande permanência.

Mas a verdade é que nunca me sent desligado da minha terra, de que me afastei mas nunca deixando a saudade e a ternura por tudo aquilo que está relacionado com a minha infância e os seus belos encantos dias esses sem cuidados que aqui vivi. A este terra me sinto ali o facto de aqui ter nascido, mas o de ser também o lugar onde vivi os Maiores, mesmo dos casos mais pobrezinhos, o homem que mais estimei e admirei até hoje, por cuja memória tenho os mais ferventes culto e a quem devo a vida e tudo o que sou.

Aqui vivi, os melhores anos da sua existência e aqui também está sepultada minha avó, a quem tanto devo e de que sempre me recordo com profunda saudade.

Há, pois, motivos muito obvios que me prendem a esta nossa terra e que só por si seriam bastantes para não a poder esquecer, por mais que dela me tenha constantemente ausente.

Deve ainda a Pero Pinheiro a influência que exerceu no meu espírito para seguir a carreira que escolhi: filhos de canteiros, criado ao meio deles, recordo-os trabalhar a pedreiras duas e doentes a ver como a pedra bruta é transformada em peças das mais variadas formas, admirando os desenhos, os moldes, as artistas de que os serventes para dar boleiras formas aos blocos desbastados, tudo o meu desejo era o de ser capaz de saber fazer aquelas desenhos em papel, que tanto tempo via eu, com muitas linhas tiradas, complicadas, cujas formas tão precisas os canteiros reproduziam em grande tas pedras, desenhos que me pareciam obra de mercadoria. Era isso o que eu gostaria de vir a saber fazer e me parecia mais atraente do que todas as belezas da natureza maravilhosa que eu não sabia compreender.

A meu ver nunca falar com grande respeito do homem que me parecia estão acima: Ventura Terra e José Luís Monteiro, que vivem a ser os meus grandes mestres, Nuno Júnior, Adães Bermudes e outros outros, que tão bem sabiam fazer aquelas desenhos que causavam a minha admiração. E, assim, naturalmente, se me metia na cabeça que também haveria um dia de saber fazer aquilo; e assim nasceu a vocação da sua destino, que me havia de levar a ser arquitecto, por aspiração infantil e pela tradição de meu pai, antigo operário que ainda começou, muito cedo, como os outros dos, a levantar a cabeça como pequeno industrial.

Nada tudo a minha, com tão grande aspiração que havia de condicionar todos os actos da minha vida até este dia e já agora, certamente até ao último da minha existência. Tudo isto eu devo à minha terra.

Devo também aos canteiros destes sítios meus dos melhores colaboração que, como arquitecto, podia desejar, e isto, as vezes não vieram, já vão bastante para os seus anos.

Quantas vezes, ao contemplar, nos claros da nas oficinas, o trabalho árduo dos seus dilectos canteiros, tinha pensado no que deveriam ser capazes de fazer dos bons artífices se porventura pudessem ter melhor preparação profissional.

Do que não seriam capazes os canteiros da minha terra no dia em que, ao saírem para as oficinas e aspeita ideia em que tudo se aprende com facilidade, dos seus anos já adquirido alguns prática de desenho!

Como gostariam todos operários, industriais, arquitectos, escultores, e outras bocas, tudo o País, ao dia em que os canteiros pudessem ir muito mais longe na profissão do seu trabalho, começada pela educação da vista e do mão.

E — desculpem a franqueza — tive muito, como vejo ainda hoje, os canteiros da minha terra, quase analfabetos, ignorando os mais elementares rogras do desenho, condenados, em grande parte, a ser colectivistas, a trabalharem apenas pela salvação do vencido, pela política de longos anos, como subgentes humanos, com o seu amor, o seu esforço e as suas mãos calosas transformando a pedra em preciosos desenhos da beleza de obras de Arte, que nem sequer compreendiam, com conhecimento. E, até impressionava-me, por vezes, ouvir como é que era possível que tão fantásticos saído coisa nenhuma, que tão escola nem as condições indispensáveis para a preparação e o aperfeiçoamento profissional dos canteiros.

Mas via também as dificuldades terríveis que se levantavam diante de todo aquele que tentasse, por conta própria, dar vazão às suas ideias e às possibilidades que lhe eram dadas pelo seu talento. E de principalmente via que muita vezes os canteiros de Pero Pinheiro.

Pelo menos assim por experiência própria. Muitas vezes alguém, durante anos, os estudos oficiais que poderiam criar esta nova e tão necessária escola, com um qualquer método, tentar as objecções e as dificuldades que hoje me apresentavam. E, de uma espécie, como do de outras partidos temos, nunca se chegava a obter do Estado por duas a autorização que viesse a modificar a situação dos canteiros e da indústria. Ambiente a minha experiência com grande mudança na força de vontade e na vocação de indústria dos homens desta terra, foi infelizmente desmentidas, e de que mim, pessoalmente, se esqueceu.

Quase os homens de cará eu, há cerca de cinquenta anos, a grande da indústria de extração na região de Pero Pinheiro, onde quase não havia uma única serração de mármores, mas onde, de vê a vê, punha bem trabalho, muitos canteiros e operários com competência, estavam, do alto de terra e material magnífico, que Lisboa consumia despesa de materiais-brutos, em parte nos pequenos e tantos chalheiros locais e em parte nas oficinas dos grandes industriais de Lisboa, não pode deixar de sentir espécie e admiração pelos homens desta terra, que, à custa de esforços gigantescos, tanto a fazer grande como o Mosteiro da Batalha, depois certos industriais lisboetas, por vezes quase simples intermediários, que, a retirar da maior parte dos lucros e da todos os trabalhos fabricar, ajudados vezes bem financeiros, de arranque por processos primitivos, da desbaste à cheia e ao cal e de difícil transporte dos blocos até às oficinas, tentam desta indústria a melhor proveito, uma qualquer organização especial ao progresso desta região.

Mercê de capitais de iniciativa, alguns homens inteligentes, embora quase analfabetos, aqui nascidos entre pedreiras, embrenhados a medalha de estrelas e de cascalho, a quem os de Lisboa chamavam desdenhosamente embrecantinos, cujo exemplo frutífero, com lutas e sabedoria demonstração, em seus filhos e netos continuadores ardosos e em prosseguidores, ao benefício da indústria local, e dos que dela vivem, hoje está orgulho-se de uma grande casca industrial, indiscutivelmente a mais importante de Portugal inteiro todo.

A alguns destes industriais de hoje, se deve um acontecimento precioso na história da exploração, foi com eles que se estabeleceu melhores de aproveitamento do pedra, tanto nas numerosas ocasiões como em grande quantidade de oficinas. Enquanto que dantes só se conseguia extrair a pedra à custa de sobrehumano trabalho braçal, hoje a colaboração das brocas e perfuradoras, da fio helicoidal, de aparelhagem e maquinaria de tracção que extraem do fundo das pedreiras os enormes blocos e os transportam às oficinas e oficinas. Eleitos em parte a trabalhador, adestrado e cabouqueiro, de algum dos perigos e dos duros trabalhos, quase de forçados, a que os colpava nesses de outro tempo e obrigavam.

As serrações de pedra, fechando e emprego a luminosidade o custo duma precioso material, consideram largamente para fazer sumir o número de canteiros, por mais paradoxal que isto possa parecer um fato da quantia concorrência da máquina ao trabalho manual. Mas a verdade é que as máquinas de cortar, de furar ou de polir a pedra concorrem muito para expandir o seu emprego na construção e na decoração, em perfeitos a sala de obra.

(Continua)

PARDAL MONTEIRO

Assine o Jornal de Sintra

IMPRENSA REGIONALISTA

Depois de transcrever do jornal «A Província», de Montija, um belo artigo da autoria do sr. dr. Cabral Adão, o director deste jornal expressa-se em considerações que tocam pelo desinteresse, pensam a aposta de muitos que deviam abraçar a sua nobre ideia em prol de uma maior dignificação da tristemente chamada «Pequena Imprensa».

Quem estas linhas subscreve, porque tem vivido muito em profundeda de — felizes os que vivem apenas em extensão... —sabe bem, Medina amigo, quanta custa o embate com a indiferença e o comodismo dentro de grande parte da nossa gente.

Não se aflija, amigo. Experimente organizar um grupo de futebol. Pode ser que apareça alguém... Se aparecerem algumas centenas, o que não peço difícil, basta dividir por mais! Quem sabe se isso será resolver negócio?...

O Medina tem razão. Isto é triste. Desola. Mas é preciso que os homens como você sejam persistentes e trabalhem, sempre a pensar, redarguimento os 23 anos de existência do «Jornal de Sintra».

O dr. Cabral Adão admirou-se do silêncio de certo sector da «Grande Imprensa» perante a data comemorativa do segundo centenário do terramoto de 1755, embora a Câmara Municipal de Lisboa tivesse lembrado o acontecimento a esta Imprensa. Há coisas com muito menos de duzentos anos e que alguns esquecem compreensivelmente outros...

Experimente, em dia de feriado nacional, observar se em todos os edifícios públicos se encontra ajada a bandeira nacional... Olhe que alguns não estabelecimentos de ensino!

Mas a que propósito vem isto? É que a falta de civismo é um reflexo de falta de educação.

Tenhamos no entanto esperança — e ela advém-nos do que se tem feito ultimamente nesta importante expansão, sendo justo salientar-se a patriótica acção da Campanha de Educação de Adultos — que, com esperança e fé, tudo se alcançará.

E até lá não tenhamos dúvida de irmos falando sempre da grande «Pequena Imprensa». E que não se esqueçam os leitores, ao pagarem no modesto órgão da Imprensa Regionalista, que ele representa um sensível contributo para os seus vestuários, onde a única poça dos grandes artigos é a virtude da sinceridade da sua doutrina só!

António Zacarias da Silva

SONETO

Nunca mais! Nunca mais, repito-o novamente,
Verão o meu olhar sombrio e cismador
Fixar-te com paixão, dizer-te francamente
A mágoa confusão do meu primeiro amor!

Nunca mais! Nunca mais te me sorrirão frescote
Pintar-te com verdade, em traços seu valor,
Data inconsa efeição, fortissima, exigente,
Os impulsos febris, o sussuro alterador!

Nunca mais! Nunca mais, ó brilhantissima astro,
Eu procurarei nevoso, ou sequer teu rastro
E mesmo mais filtrará tua rosta encantador!

Nunca mais te direi em língueda epopeia
O que o sol diz ao mar e a vaga diz à areia:
Nunca mais! Nunca mais te falarei d'amor.

ALICE MODERNO

OS COMBOIOS na Linha de Sintra

Do nosso colaborador e amigo sr. eng.º Miguel Galvão de Melo e Meiz, recebemos a seguinte saboroso carta sobre melhoramento nas colunas do «Jornal de Sintra», que lhe de todo o seu concordância e animo:

Pátaes, 28 de Novembro de 1955

Sr. Director do «Jornal de Sintra»:

Meu caro Amigo.

Aqui há uns 7 anos, como sabe, deixei de tomar na linha de Sintra. Os meus afazeres levaram-me a outras paragens do Portugal e, também, um pouco a horas mais distantes e a outras civilizações.

Volto agora a estacionar por aqui, antes longe que a Natureza brindou com prendas raras e que alguns loucuras perceros apostados em assassinar.

Embora terá aquele ritmo diário edificatório que matiza durante anos, a contar é que volto a utilizar a chamada «linha de Sintra», aqui tomado no sentido pejorativo, ou seja, ferroviário.

Tinha ouvido falar em amabilidades de excelentes carruagens modernas, sobre como nessa havia alteração do linel, pois com vistas a uma electrificação que se promete para daqui a poucos anos. Esperava, portanto, vir encontrar, senão um bom serviço, pelo menos uma sensível melhoria em relação àquela coisa horrível e pedorra, apenas, de palavras atiradas que deixam há arte atrás.

Ai de mim! Afinal, a única melhoria foi apenas um pouco menos de fumo no linel, porque mesmo quando as carruagens novas, ainda só as encontrei uma vez — e vinha de pé!

Depois, os horários. Antes da guerra, quando a população desta zona era, certamente, bastante inferior à de agora, o número de comboios era, diariamente, muito maior que o actual. Com as restrições da guerra, esses comboios foram drásticamente reduzidos e, mais tarde, a C. P., quando não havia já possibilidades de se desculpar com as consequências da guerra, lá pôs uns quantos comboios mais. Mas poucos, muito poucos, porque, durante o período de guerra, as incidências directivas da C. P. fizeram uns estragos e mirabolante descoberta. (As guerras são sempre estimuladoras das descobertas).

Foi essa descoberta a chegar-se à conclusão de que a lotação dum comboio não é a soma dos números, por exemplo, dos passageiros, que se encontram, em tabuletas, nas carruagens, mas sim, na realidade, o número de vezes que o volume dum passageiro cabe no volume das carruagens dum comboio. Nas casas mais aperfeiçoadas, este número ainda é multiplicado por um coeficiente resultante da gama de comprensibilidade dos passeiros e da possibilidade destes irem pendurados na parte exterior das carruagens.

É evidentemente que, sendo a C. P. uma empresa bem administrada, o número de comboios está absolutamente limitado ao indispensável. E por essa razão — que não, certamente, por qualquer outra — se consegue fazer o transporte de mais gente com menos comboios do que havia antes da guerra.

Claro que há uns ingleses que pensam que não há mais comboios, porque falta material. Coitados! Como se a C. P. fosse tão pouco previdente que mantivesse o material apenas à justa! Material tem ela. E quando se torna absolutamente necessário — por exemplo, nas alturas das festas das Mercês e da Ameias — lá aparecem os comboios para transportar o excesso de passageiros — sempre, evidentemente, dentro daquele critério de bom aproveitamento do espaço vital das carruagens.

Tendo aumento a capacidade de transporte ao número de passageiros, o problema dos horários deixou de ter importância. Que interessa que o comboio das 19 vaia de Lisboa às 19 e 20 e que ele vá parar em todas aquelas estações que, no horário — uma tirinha de papel inútil pesso, de função essencialmente teórico — são ocupadas por uma simpática sefa? Se a C. P., sobre causa excepcionais, sempre acaba por levar os passageiros ao seu destino, que mais é preciso?

Ai, meu Amigo! Que saudades eu tinha dos países em que os comboios são feitos para levar os passageiros que lá cabem sentados, que andam a horas e são limpos!

Talvez haja por aí quem pense que isto é falta de patriotismo, falta de amor às coisas «caseiras». Mas o facto é que eu não me convenço de que as características de Portugal sejam a cuspir no chão e os miseráveis comboios da linha de Sintra! O que é, sim, característica dos portugueses, é uma paciência evangélica para tolerar, em pleno 1955, à beira da capital do império, uma pobre vergonha desse calibre!

Com este desabafo me despeço, enviando-lhe um abraço amigo.

Miguel Eugénio Galvão de Melo e Meiz.

O Grupo Caritativo Infantil de Sintra

e os seus benemérticos objectivos — de educação, instrução e caridade

Em tempos, os filhos de Clelo do Estado — então residente nesta vila, ainda capital e presidente do Município — fundaram, com os filhos do presidente da Associação de Caridade e outros alunos das escolas primárias, o Grupo Caritativo *Infantil de Sintra*. Com o dinheiro que os pais lhes davam para brincadeiras, compraram uma tipografia com caracteres de borracha, papel, etc., imprimiram folhas e um jornal de propaganda sobre higiene, conselhos instrutivos e assistência — copiando-os de impressos da Associação, pelos quais faziam, nas escolas, propaganda da caridade a favor dos pobres.

Os professores entusiasmaram-se com a ideia, guiaram os alunos, as famílias interessaram-se, e a primeira escola de Sintra a criar belas bruscas para as suas alunas foi a Escola Domingos José de Morais, seguindo-se as outras escolas.

A Associação de Caridade, com o auxílio da benemérites, forneceu o necessário para de umas diversas para bibes e batas e o chibeat desses alegres pequeninos ouvia-se, por vezes, aos domingos e dias feriados, ai pelas ruas de Sintra, cantando, em visitas a estátuas e monumentos, perante as quais eram proferidas palavras educativas.

Nas escolas, como preparação para uma exposição de educação sanitária — que depois se realizou na extinta Assembleia de Sintra, que tão benéficos serviços educativos, recreativos e culturais prestou — os alunos desenharam figuras e aspectos instrutivos de profilaxia e higiene social, como delitos da saúde pública, familiar e colectiva, apresentando-os também em cartazes, figuras de gesso, barro, etc., reveladores de manifestas aptidões de arte.

Foi a exposição muito visitada por pessoas de todas as classes sociais e altas individualidades oficiais e particulares. Cremos ter sido a primeira exposição de educação sanitária, tão completa, que no País se fez. A imprensa local e diária acarinhou e estimulou a ideia, tendente a dignificar as jovens raparez e a prestigiar o nome de Sintra. Muitas dessas pequenas exposições, depois de separadas, associaram-se em valores.

As crianças de Sintra — que são podem dedicar-se para outras tarefas — também necessitam de uma escola onde as suas revelações para o trabalho utilitário da vida e aperfeiçoamento das suas aptidões profissionais e sociais fossem aproveitadas.

Quem dera que se erguesse, prontamente, tão belo e emocionante exemplo.

J. Pereira Farias

Figura 37- "Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro - Capitulo II", Jornal de Sintra, nº 1143, Ano XIII, p.4, 15 janeiro 1956.

Jornal de Sintra — N.º 1.143 — 15 de Janeiro de 1956 — Pág. 4

JOSÉ DURO
UM POETA ESQUECIDO

Faz no próximo dia 18 cinquenta e sete anos que José Duro morreu.

Cinquenta e sete anos de esquecimento e ingratidão por um poeta que merece figurar ao lado dos grandes de Portugal! Sim, porque José Duro foi um grande poeta e não é nenhum cumprimento a António Nobre e Cesário Verde. Só entanto, quer o saber da «Sciz, quer o do «Sentimento dum Ocidental» conseguiram a glória ainda em vida e os seus versos continuam a ser decorados e recitados pela juventude. Não raro, surgem em revistas e jornais literários referências aos seus mais célebres poemas. Ainda há poucos dias a revista «Ocidente» dedicou a Cesário Verde quatro páginas, com versos do poeta dirigidos à cidade que ele tanto amou — Lisboa.

Há versos de dois meses aparecem nas livrarias da capital uma nova edição da «Sciz».

Apenas José Duro continua a ser ignorado, a ser lamentàvelmente esquecido. O seu nome não figura nas literaturas, não faz parte de programas escolares e dificilmente se encontra nas bibliotecas públicas. Os próprios livreiros parecem ter receio de o expor aos leitores.

Pobre José Duro, até mesmo depois de morto continuas a ser infeliz!

O nome do poeta surge nas letras em 1890 com a publicação dum pequeno livro (com pouco mais de trinta páginas), a que chamou «Flores». Estreia singela, sem indícios de génio futuro.

Decorridos apenas dois anos, aparece em fins de 1892 o segundo livro do poeta, o «Fel», que o consagra como filho das musas.

Trago diante de mim a crítica do livro saída no «Século» de 22 de Janeiro de 1899, quatro dias após a morte de José Duro, cedo feito:

— «O «Fel» é realmente a novela-ção dum poeta».

Palavras justas que não encontraram eco nos leitores de poesia. Talvez o sombrio verso de Duro que se lê na capa da primeira edição desse «livro brutal», desse «poema a cuspo», tenha afastado os compradores:

«Lancinante mal esperança, vai-che embora, Perdei toda a esperança, ó Vós que entrais».

Na verdade, a esperança não existe no «Fel», porque a alma do poeta não desfina nem tem fantasias. A sua rima é a própria morte, que o aterroriza, que o faz sofrer e lhe segreda:

«... Ao filho do Abandono
Hás-de sofrer a vida até que a sombra
[te vendam.

A tuberculose — esse flagelo de quase todos os nossos artistas — consumiu-o lenta e impiedosamente. Os seus livros vão e três anos a princípio revoltaram-se contra a lívida carreira contra a «hondura que o persegue», mas depois, exaustos, quedaram mansamente, tomaram a morte por companhia e como um bálsamo invocaram-na:

«O Sonda que os olhos, a chorar
[d'olhar triste
Bendita sejas tu, ó morte bacquei-
[ce!,
Pelo mundo e chorar desde que o
[Mundo existe...

Dá-me do teu licor, outro beber e
[cesso...
Que eu viva no Abandono, e sem
[um soluçado
Aos tombos pelo vão em busca de
[mais nunca.

José Duro é bem o protótipo do poeta português que sofre, como peixe, sobre as próprias dores. Hoje nada nos resta do poeta, pois uma subscrição aberta pelo jornal «Novo Brias, destinada a guardar nove mesadas ao casal de desditosos, não teve o êxito desejado e o corpo do poeta desaparecerá para sempre.

Ficou-nos a sua obra — a alma — e essa, essa nunca desaparecerá. O próprio poeta nos dá, ao final dos seus melhores poemas:

O poeta nunca morre, embora seja
[agente
A sua inspirando e triste os seres
[perase.

Para terminar, vou transcrever algumas linhas de Alberto Pimentel de Sampaio, um dos maiores admiradores do poeta, escritas na «Lutas» de 28 de Janeiro de 1914, ou quais, infelizmente, ainda não encontraram o merecido apoio:

— «Porque não hão-de alunos honrar de talento reunir-se e algumas leitores piedosos apoiarem para que os versos do poeta sejam colocados e a sua dor se dilua repletos pelos corações que sofrem como o seu e como o sem se conhecer-endem?».

LIBERTO CRUZ

A Literatura Portuguesa na primeira metade do século

(Continuação da página anterior)

José Régio parece ser «As Encruzilhadas de Deus», logo seguida de «Jacob e o Anjo» e, depois, dos «Poemas de Deus e do Diabo», de «Jogo da Cabra Cega», d'«O Príncipe com Orelhas de Burro», da «Benilde» e da «Biografia». Vitorino Nemésio é quase única e exclusivamente lembrado pelo seu «Mau Tempo no Canal», sem dúvida o mais votado de todos os romances do século XX. Teixeira Gomes é, sobretudo, o autor de «Agosto Azul» e «Maria Adelaide». Os livros preferidos de Teixeira de Pascoais são o «Marânus», o «Regresso ao Paraíso» e «As Sombras». O dramaturgo mais festejado, com José Régio e Raul Brandão, é, naturalmente, Alfredo Cortez, de que se citam, por ordem de preferência, os «Cladiadores» e «O Bátaro», «Tá-Mar» e «O Lodo». Almada Negreiros é o autor de «Nome de Guerra» e João Gaspar Simões o de «Elói». Carlos Monteiro distingue-se, sobretudo, por dois livros de versos: «Sempre e Sem Fim» e «Noite Aberta aos 4 Ventos». Miguel Torga vale principalmente como contista, pois as suas obras agrupam-se, quase por esta ordem: «Bichos», «Montanhas», «Novos Contos da Montanha» e «Dilúrio». Carlos Malheiro Dias é o romancista d'«A Paixão de Maria do Céu» e «Os Telas de Albergaria». Afonso Duarte e Florbela Espanca são poetas, quase dois escritores de obra única: «Os 7 Poemas Líricos» e os «Sonetos Completos», respectivamente. Mário de Sá-Carneiro é mais citado por causa das «Indícios de Ouro» que por causa da «Dispersão». O livro mais votado de Fernando Pessoa foi a «Mensagem», porque, deste autor, quase todos indicaram as «Obras Completas» e só alguns especificaram aquela. Na obra de Ferreira de Castro, «A Selva» leva de longe os outros na primazia dos leitores, mas «A Curva da Estrada» e os «Emigrantes» também mereceram referências.

Pelo que diz respeito aos neo-realistas, vem, em primeiro lugar, Manuel da Fonseca, com a «Aldeia Nova». Depois, Soeiro Pereira Gomes, com os «Esteiros»; Fernando Namora, com os «Retalhos da Vida de um Médico», «A Noite e a Madrugada» e «Minas de São Francisco»; Alves Redol, com «Fanga», «Gaibéus» e o «Ciclo Port-Wine»; Carlos de Oliveira, com «Casa na Duna», «Mãe Pobre», «Alcateia» e «Uma Abelha na Chuva». E já que falei de «Mãe Pobre», que é um livro de versos, acrescentarei, para evitar confusões, que o nome mais citado, dentre os poetas neo-realistas, foi, evidentemente, o de José Gomes Ferreira. Assim-lo, ainda, o romance «Mudanças» de Virgílio Ferreira.

Fizemos por aqui e ouvi-lá que esta lista possa ser de alguma utilidade para o leitor que se queira pôr a par da nossa literatura contemporânea.

A COSTA DO SOL

CASCAIS
ESTORIL
CARCAVELOS

A PRIMEIRA ZONA DE TURISMO DE PORTUGAL

Clima incomparável durante todo o ano. Estação de Inverno por excelência. Bons e modernos hotéis e pensões. Casino. — Restaurantes para todos os gostos —

A 12 quilómetros de SINTRA

Dirigir todos os pedidos de informação à

JUNTA DE TURISMO DE CASCAIS

Arcadas do Parque **Telefone 06 0113**

ESTORIL

ESCOLA PROFISSIONAL DE CANTEIROS EM PERO PINHEIRO

II

(Continuação)

Aos homens que têm adicto fazer partido [illegible] primeiro, como qualidade e como beleza, fazendo progredir a [illegible] que nascemos, por mesmo que possam ser os beneficios que naturalmente valham colher, não seria justo regatear os louvores que merecem. Não só esta região poderá orgulhar-se [illegible] mas também Portugal inteiro, devido à tenacidade e à inteligente orientação destes homens, pois, graças a eles, há muitos anos que de Portugal não sai, praticamente, um centavo para pagamento de mão-de-obra importados de estrangeiros. Pelo contrário, hoje Portugal exporta a sua mão-de-obra.

A experiência tem demonstrado que a indústria das cortiças não é daquelas que podem permitir a substituição do homem pela máquina, pois está provado que quando muito 5% a pequena percentagem de cada parte da cortiça de indústria, maior será a necessidade de mão de obra e subsistindo de mão de obra bem preparada.

O corticeiro, aquele operário que, cheio [illegible] já revelado as simplesmente destacável, sobretudo, pelo seu trabalho manual, dar à peça as formas exactas que outros pensam ter concebido a limpeza do papel, será simples, à cada vez mais, independentemente como elemento da primeira categoria no conjunto da indústria. Poderá vir a ser inventadas novas formas mecânicas, pode o mesmo não ser mais baseado por uma maneira de ago, poderá se tornar-se do trabalho mediante nas formas e no resultado prático, mas será sempre a mão, serão sempre os olhos, será sempre a habilidade e a compreensão do momento que dominarão essa ferramenta, qualquer que seja, se esta formam, se nem for ou o seu rendimento de trabalho, e que dizia à peça de cortiça a forma definitiva. Isto demonstra-lo a importância do papel do corticeiro na indústria de cortiças.

Nós entendo, se fizermos uma rápida passagem de vista pelo panorama geral desta indústria, verificamos que a preparação profissional do corticeiro, o grau de sua capacidade de colaboração, não entre ainda hoje a par do progresso observado nas outras partes da indústria. Pelo contrário, quando se [illegible] o conjunto de actividades que intervêm directamente na transformação das formas de pedra para o Arquitecto ou para a Escultura, vemos que aquele operário que, [illegible] que nasce de trabalho manual, pode dar às pedras as formas que na artista, arquitecto ou escultores conceberam nos seus projectos e modelos, se encontra tal como nos antigos tempos.

No entanto, nada mais fácil de corrigir, desde que a preparação dos corticeiros passe a ser ensinada segundo moldes mais modernos e mais concordantes com as exigências e possibilidades do nosso tempo.

Salvo raríssimas excepções, os estudiosos em que se educa profissionalmente que constitui são, por enquanto, os mesmos dos séculos passados, desde a extinção dos corporações de ofícios.

Hoje, ainda, o rapaz que quer seguir a profissão de corticeiro entra para uma oficina como aprendiz, quando muito saberá ler, escrever e contar, apenas tendo de oficina que vai aprender a acção que pode vir da tradição [illegible] ou do mais cedo com, uma qualquer preparação mais rendimentos, sólere ao patrão que lhe dê possibilidade de ver e ensinar, como profissional, mais rapidamente, os podes elevados, por mesmo que seja a sua vocação. Logicamente, já vai tão pouco, aprendendo a pegar na ferramenta, para criar o calo, na esperança de ser tendeiro ou dos a ser capaz de fazer o que vai vendo ser ensinar, mas, ao contrário, ter qualquer noção, melhor ou pior, do porquê das coisas, desenvolvendo como se faça um simples perfil, como se interpreta um desenho ou um modelo, sempre, pela sua iniciativa e na preparação, a todos os conhecimentos da profissão. E assim o futuro corticeiro pode o melhor de seu tempo para aperfeiçoar e [illegible], ainda que em período de verdadeira aprendizagem profissional, metódica e bem orientada, poderá vir a saber fazer rapidamente.

Este é ainda, me parece, um grande passo, muito importante, a realizar de que se possa cuidar a preparação dos corticeiros ao nosso importante ramo da indústria de cortiças. E não ainda, todos reconhecemos que não está bem!...

Apesar de cuidados ser precisamente o operário que, pela tradição, mais ligado a parte mais bela da história da Humanidade, aquela que é escrita não com a espada ou a catedral, mas com a pedra lavrada, nos monumentos magníficos de todos estilos que as diversas civilizações nos têm legado, a verdade é que, apesar de todos progressos conseguidos nestes tempos de divulgação da cultura e da instrução, ele nada melhorou, ainda o grau das suas aptidões profissionais que o eleve até o ponto de vista social, ao nível que consente a quem exerce diariamente tão bela profissão. Que seu estado de coisas tem que se modificar. Mas, para conseguir-lo, é indispensável que todos os homens de boa-vontade e que tenham a clara noção dos seus deveres cívicos se disponham a isso com decisão.

Não só se isto não será mais uma das muitas frases da minha vida, mas sempre me pareceu que ao dia em que fosse possível começar a boa-vontade, a solidariedade de todos os homens desta região, uma chamada de chama sem de credito, pondo de parte rivalidades, despeitos ou quaisquer razões que pretendam alguns pensem ter contra outros, e pondo acima de tudo e de interesses pessoais o interesse mais elevado e mais nobre de toda a região e de todos os que nela vivem, colocando-se mais alto das nossas simples e gloria e a honra desta terra, onde se concentra o mais importante núcleo da indústria portuguesa de cortiças, dando assim uma vez a exemplo do seu já demonstrado espírito de iniciativa, nesse dia nada poderá pôr em marcha a ideia da construção de uma escola profissional, cuja realização muito poderia servir a da benéfica educação do ensino profissional dos corticeiros e da engrandecimento da própria indústria de cortiças.

Foi esta ideia de todos, esta convicção

Jornal de Sintra - N.º 1.143, de 15-1-1956

ANÚNCIO
2.ª publicação

No dia 26 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos actos de execução fiscal administrativa que o Fazenda Nacional move contra Carlos Manuel Rodrigues Zenida, casado, proprietário, residente em Carmo Rino, se há-de proceder à arrematação dos bens abaixo mencionados, indo os bens móveis sem valor e os imóveis pelo 1.º vez à praça pelo seu valor matricial corrigido, a saber:

BENS MOVEIS

Um tractor marca «Oliver Harr Ferro, uma máquina debulhadora marca «Hussian» com agalheiro, e uma máquina de enfardar palha, marca «Marconi».

BENS IMÓVEIS

Umas casas térreas e pequeno quintal, que vão à praça pela quantia de 5.700$00; o direito a metade de uma casa térrea, que serve de arrilheira e palheiro, que vai à praça pela quantia de 12.500$00; uma terra de semeadura denominada «O Charqueirão», que vai à praça pela quantia de 9000$. Um navio denominado — «A Carolinas» ou «Carreirinhas, que vai à praça pela quantia de 1.800$00; Uma terra e mato denominada «A Folha de Roble», que vai à praça pela quantia de 2.100$00; Uma terra de semeadura denominada «A Galega», que vai à praça pela quantia de 3.720$. Todos estes bens se situam em Carmo Rino e é depositário o preço executado que deverá mostrar os bens móveis a quem pretender examiná-los.

Sintra, 28 de Dezembro de 1955.

O Juiz de Direito, (a) *Manuel Pereira de Oliveira*

O Chefe da 3.ª Secção, (a) *Henrique Ferreira Vasques*

PARDAL MONTEIRO

Figura 38- "Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro - Capitulo III", Jornal de Sintra, nº 1144, Ano XIII, p.3, 22 janeiro 1956.

CORAGEM

pelo Eng.º BERNARDO VILA NOVA

A coragem é a energia moral que leva a afrontar o perigo e a suportar, sem constância, os males remediáveis ou não. Mas esta energia moral precisa de ser educada como se educam as outras qualidades humanas. Para que a coragem represente uma virtude deve ser posta ao serviço do Bem, pois doutra forma teríamos de exaltar a actividade dos malfeitores pesando os perigos a que, por vezes, se sujeitam.

A palavra coragem vem do latim cor — o coração; pela sua origem envolve a exclusão de actos maus, de actos contra a ordem moral. A moralidade dos actos tem as suas qualidades como seriam a sua bondade ou a sua maldade.

Silvério a Silva escreve no seu Dicionário: «coragem é o qualidade do homem que tem coração, que tem ânimo; é a força e o vigor da alma que em todas as circunstâncias da vida faz o homem superior às fraquezas humanas». Não tem cabimento a palavra coragem quando se trata de fraquezas humanas.

A verdadeira coragem é consciente, tendo, com custo, perfeito conhecimento dos perigos a que se expõe e contra a noção do dever atua as dificuldades que lhe surgem pela frente. A imprudência e a irreflexão não são características da coragem, mas da imoralidade. A imoralidade envolve imprudência e chega ao cinismo. Segundo Fontenelle a coragem exercita-se ilesa e a imoralidade não tem essa tem de exercitar, e segundo Pierre Janet, o temerário é cego e explode um grande número porque não se apercebe dos perigos.

A coragem reveste muitas formas, podendo considerar-se a coragem profissional e a coragem fora da profissão. Certas profissões exigem mais coragem do que outras, mas dentro ou fora da profissão a coragem é sempre necessária nas contrariedades da vida para as superar ou para as suportar quando insuperáveis. Cada profissão tem a sua coragem específica, visto que habitualmente se revela mais corajoso ao que se está habituado a fazer de que aos assuntos estranhos. Da coragem profissional cingo-me a coragem militar, a coragem do comandante de navios que é o último a abandonar o seu barco naufragado, a coragem dos médicos e dos enfermeiros nas epidemias e no contacto com as doenças contagiosas, a coragem dos bombeiros nos incêndios perversos. Charles Richet falava na coragem dos químicos que estudam substâncias explosivas, dos engenheiros que constroem engenhos novos, dos grisoutinos e dos mineiros que se dedicam a regiões inexploradas, dos aeronautas e dos fisiologistas que estudam os ares e os mares. Incluo-me nesta lista a coragem dos aviadores.

Fora da profissão, um atirar-se a um rio ou ao mar para salvarem uns seus que lá caiu, outros, desnecessário, estarem nessa casa em chamas para salvar um relógio que não pode ficar. E muitos e muitos casos não só do nosso diário conhecimento, mas da notícias dos jornais e das referências dos sinistros. Até crianças socorrem outras de um incêndio ou mais pequenas.

Todos reconhecem de coragem em doenças graves, nos sofrimentos, em trabalhos excessivos, nas dificuldades económicas e situações duras provenientes e em todo e qualquer espécie de adversidade. E abençoadamente se registam muitos casos de coragem altruísta — a coragem em benefício do semelhante.

A coragem militar é ordinariamente mais retumbante e por isso atrai mais as atenções e provoca mais entusiasmo. As batalhas guerreiras são mais excitantes e emocionam muito mais gente. A coragem militar é mais espectacular porque, por vezes, dá lugar à bravata-coragem monumental, espetaculosa, cega, irrefletida que acaba tudo em combate, por vezes, bem desgraçal. Camilo escreveu em qualquer parte: «Muitas vitórias que a História atribui ao desafio dos dirigentes foi o ímpeto da irreflexão extrema de ambos que lhes deu». Se o medo acobarda uns, também produz efeitos surpreendentes.

Afrontar o perigo grande e iminente é a função aguda da coragem, mas ela tem de estar sempre presente nas infinitésimas da vida.

Havia ainda o grande capítulo da coragem ou energia de carácter que leva a confessar o que se crê ou testemunhar o que se pensa, facto que em todos os tempos, e em toda a parte, levou muitos dos que assim procederam a situações de desmedidos cores e a tiveram batido em batalhas sangrentas. Muitas afirmações corajosas tiveram terminou aos seus autores.

Câmara M. de Sintra

RESUMO DA ACTA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DE 7 DE JANEIRO DE 1956

Presentes os srs.: dr. César Moreira Baptista, presidente; capitão António dos Santos, vice-presidente; Visconde de Anscs, Prof. Dr. Joaquim Fontes e Rui da Cunha, vereadores.

DELIBERAÇÕES

CONSTRUÇÃO DO MATADOURO MUNICIPAL — Presentes os seguintes projectos: Benjamim J. S. Moreira, Charters (V. N. Gaiá), 3.280.00$00; João Simões Venero, Sintra, 3.800.00$00; Sociedade de Construções Mário dos Santos Ld.ª, Lisboa, 3.991.30$00; Luís F. Cruchinho, Sintra, 3.984.61$00; Labrinthus Luz & Alves, Ld.ª, Lisboa, 4.191.21$00 (estes dois, segundo as condições constantes). Alberto A. Oliveira, Lisboa, 3.823.10$00; Lourenço Simões & Reis, Ld.ª, Lisboa, 4.122.00$; Sanfins, Ld.ª, Lisboa, 4.332.00$00; Francisco C. Martins Pereira e Evangelista C. Ferreira, Indústria (Lisboa), 3.740.00$00. Rendido idêntico ao trabalhos em vencimento Tomásio e Evangelista Pereira, por 3.149.00$00.

MORADO DA DISTRIBUIÇÃO DO LEITE — Aprovado o seguinte horário provisório: devem dar postos às 7 horas; excepcionalmente às 7.30 horas; recolha do trabalhos das 10 às 10.30; abertura dos postos das 15 às 16 horas; recolha de vasilhame das 19.30 às 20.30 horas.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS — *Pessoal* — Rendido, por tempo, dois colocados para dois cargos de serventes de 2.ª classe do quadro privativo.

LIXOS — Rendido, dois novos concursos para a adjudicação de lixos que durante o corrente ano forem recolhidos na Algueirão-Mem Martins e Belas.

CONCURSO DE QUIADOS — O sr. Prof. Dr. Joaquim Fontes apresentou o seguinte projecto: — Do lá muito, os escritos de Sintra têm merecido a atenção dos estudiosos e outros, mas em menor grau o dos pintores. Basta ver o douto director do Museu Nacional de Arte Contemporânea, sr. Diogo de Macedo, quando diz que esta região «tem sido admirada e amada, mas nunca teve a sorte justa de ser interpretada pela grande dama realista como Cintra». Dos Ingleses, como Tarrant ou de tão impressionista como Monet, nos pode recordar de vistas pitorescas e de inspiradas notações no luz e que nenhum artista pode fugir recomendo. Na realidade, senão é. Não há tanto, o professor Armando Lacerda expendeu a mesma opinião num artigo cheio de verdade. Os artistas necessitam — mais do que os estrangeiros — passar se não entenderão pelos seus belezas. Estes — ainda pela grandeza, digna mais a linguagem — têm-na recebido como motivo das suas trabalhos e Sintra pode ser orgulhar-se disso. Com Lisboa, Porto e Madeira, ocupa lugar de destaque em tais aspectos.

Pensa, em especial, estarem algumas secções dos trabalhos referidos, quando vantagens de ordem pelos tempos de invernos frios e de dias longos. Com o vencimento. Sintra foi escolhida, ainda que passageiro, por alguns dos nossos melhores pintores. Entre estes com Anunciação, Visconde de Monsaraz, etc. Saliente-se a todos eles Columbano, que nos legou alguns quadros e dito sobre Sintra. A escola naturalista levou Silva Porto a fazer um quadro célebre; refere-se-nos os intimos e Chamiço de Belas Fiestas assim era nesse tempo este sítio, tendo por motivo a paisagem portuguesa. Eu Francisco Cadi são bem dotado, por uma época, de chamar composições sem para fazerem ligação-lume as cenários com motivos sintrenses. E cada o sr. Diogo de Macedo que visitar Sintra aconselha sempre mesmo para exposição de Arte que nos responde e mostrará em todo o que quiserem. Porque assim é e porque a Câmara Municipal deste concelho tem responsabilidades muito particulares sobre o aspecto oficial, belas, e locais de passeio. 1.º — A criação de 2 prémios anuais que sejam distribuídos de maneira alternada, a pintura e aguarelismo que, nos seus telas ou cartões, escolham como motivo a paisagem exterior de locais bem objectivados. 2.º — O primeiro prémio será de 25.000$00 e o segundo de 10.000$00. 3.º — Os quadros premiados ficarão pertença da Câmara Municipal e são exclusivos e seu nome. 4.º — O júri será composto por representantes ao representante da Sociedade Nacional de Belas Artes e pela direcção do Museu de Arte Contemporânea. 5.º — Fica que as obrigações da Câmara de Sintra não poderão ser mesmo boas objectivadas, e já que a finalidade de não diminuir esse prémio se vir que dos não correspondem aos altos desejos deste Concelho. 6.º — A exposição pública de todos os quadros concorrentes — e a em Setembro e em Sintra. 7.º — A regulamentação deste concurso será estudada pelos artistas citados e pela Câmara Municipal.

Com esta pequena nossa apreciação da Câmara, deseo-se-á dar-lhe a nossa publicidade concordante ao fim em vista.

O sr. presidente disse que o seu acordo à proposta, concordia, porém, a menos da sua proposta alteração no sentido de se dar forma legal, dado que a Câmara é vedado custear prémios. Assim, os prémios a atribuir serão constituídos pela pagamento, ao vencedor de trabalhos, de preço dos respectivos quadros. E, como prova e pagar, está o pagamento de tais obra e não um prémio, o seu quantitativo será fixado em verba revisível que poderá ir até 25.000$00, quanto à melhor obra, e até 10.000$00, quanto à segunda.

Aprovada a proposta do sr. Prof. Dr. Joaquim Fontes, com a alteração mencionada pelo sr. presidente.

MERCADO DE QUELUZ — Rendido: os carreiros ficam poderem ao seu presidente, ao serviço de negócios com o encomendador deste mercado, José Manoles de Almeida, o seguinte do concelho nos termos já deliberados, rendição motivada por uma vitrina feita e ao referido mercado.

FESTIVIDADES DE ESTABILIDADE — Em Luto de saúde de vitrina, rendido ordenar a Manuel António de Silva Jr., de Dona Maria, e a Zulmiro Rocha, de Sintra, que — no prazo de 90 dias — executem obras indispensáveis nos seus casas de não que em vias Quelus e Sintra, respectivamente. Idem, a João Marcelino Almeida, de Queluz.

LICENÇAS DE CONSTRUÇÃO — Todas deferidas.

LICENÇAS DE HABITAÇÃO — Vistorias — Todas deferidas.

O QUE FOI E FEZ A ASSEMBLEIA DE SINTRA

(Continuação da página 1)

rem, como os dr. Virgílio de Oliveira Berta e Tude de Sousa, estão publicados em livros.

Cansa-se a leitura de alguns modestos operários, bate industriais, os de condições mais humildes, as sorrentarias, durante os recreamos dos trabalhos, com os seus fatos de domingo, conversando com os outros de melhor nadeio social. Quando me recordo eu, por igual, se surpreendiam nas ruas tratando assuntos, dir-se-ia para ver afirmar que tem de se recordar, sem qualquer esforço, que a Assembleia foi na realidade uma escola de civismo em Sintra.

Olhando para trás, sinto-me vê-los, quase como outra que se dela para o rosto das pessoas inúteis... E que vejo o António José Forjaz, que está um escritor muito apreciado e considerado, através dos seus escritos e palestras na rádio, que foi o seu companheiro de infância, António José Soares, eram os dirigentes da Assembleia, a haverse no campeonato de tiro-a-pato, que realizou, a partir de 28 de Março de 1858, contra Bia Cunha, que fizemos-se um profissional muito apreciado esta servindo a sua terra como vereador. José Costa, um dilúvio encanhedor, e João Serra das, que é advogado de notícias. Vejo ainda o Luís Cândio Martins, cerralheiro, que tem honrado o seu pais e a sua profissão, em missões militares de que tem sido encarregado, e o dr. Guilherme Pinheiro, que se fez por si próprio, com uma força de vontade admirável para triunfar e está até de direito, e muitos outros que têm dado boa conta de si, em funções de direcção nas bateias, no comércio e na indústria e noutras actividades.

Sim, tenho saudades da Assembleia de Sintra e sinto pena de revelhecer, ao ler que ainda tenha alegria ao viver — e sem vontade de reder.

Com novos sócios e alguns de pouca idade, livremos o grande prazer de ver na Assembleia, colaborando com eles, figuras marcantes na vida sintrense e lisboeta. Carlos de Oliveira Carvalho, regente-florestal do Parque da Pena, que foi fiel amigo e colaborador assíduo, dr. Jacinto Carreiro, de Alvaro de Vasconcelos, Tude Martins de Sousa, director da Colónia Penal, dr. Florentino Vieira, o sempre saudoso dr. António Brandão de Vasconcelos, amigo dos sofrimentos do concelho e de sua assistência regida de Cidades, que resolveram-se, por certa muito afectuosa e simpática, a inscreverem como sócio, os professores José Costa e Augusto Alberto Sanches, que foi presidente da mesa da assembleia geral, dr. Pereira Pereira, Conde de Sucena, poeta e escritor Francisco Costa, que mesmo ao primeiro presidente da assembleia geral, cardeal Mário Pimentel, arquitecto Almeida Garcia, dr. Virgílio de Oliveira Bortalo, dr. António Joyce, dr. Luís de Oliveira Guimarães, etc.

Mais tarde, em sessão da assembleia geral de 28 de Janeiro de 1934, presidida pelo dr. Alvaro de Vasconcelos, foram proclamados sócios honorários os distintos médicos dr. Benjamim Cardoso Cruz, dr. Nunes Claro, dr. João Bautista Cambournac, dr. António José Soares, dr. José Nobo Milheiriço e dr. Almeida Rosa. A Assembleia de Sintra, pode dizer-se, sucedeu ao velho Grémio Garrett, quando este era ponto de reunião dos sadiços liberais de Sintra, pois até para a Assembleia de Sintra foi o ponto, que se adquiriu, com Jorge Soares, Joaquim Garcia Cunha, José Soares, Manuel Cunha, Francisco Antunes Pinheiro, Cândio Guimarães e um outro amigo, de apelido Neves, que pouco tempo se demorou por Sintra, quando explorámos aquela casa, por volta de 1925-1926, para que Sintra não morresse de todo.

E como recordar é viver, talvez em dia se lembre o que foi a colónia desta comprovadores amadores para manter uma casa de boas tradições.

Como já dissemos, a Assembleia de Sintra foi fundada em 1 de Maio de 1932, data em que se realizou a reunião dos seus fundadores, que ouvesse de funcionar em instalações provisórias, sorte a 16 de Julho, depois de tudo devidamente em ordem nos seus pequenos defeitos, que se procederia à inauguração solene.

Daqui por diante, continuará a falar-vos nestes nossos velhos, já anacrónicos, e a minha memória — que valesses pontos é possível que falte, desde já pedindo desculpa por quaisquer omissões —, sendo agora os recortes dos jornais o meu mais forte apoio.

EDUARDO FRUTUOSO GAIO

ERRATAS

No último artigo cometi fazer as seguintes correcções:

— Onde se lê Amando Carvalho, deve-se ler Carvalho; Antônio (e não António) Dias Ferreira; António de Jesus Reis; António Sousinho, filho de um amigo e vendor (e não amador) de sobreiros.

Jornal de Sintra — N.º 1.144 — 22 de Janeiro de 1956 — Pág. 3

ESCOLA PROFISSIONAL DE CANTEIROS EM PERO PINHEIRO

pelo Arquitecto PARDAL MONTEIRO

III

Não resta pois nada para mim. Pelo contrário. Incitar-me a oferecer alguma coisa, o que não quer dizer que não venha a colher algumas decepções e, quem sabe, alguns desgostos.

Mas o todos os meus patrícios de boa-vontade e de alta inteligência vendo realmente pode que façam quanto em suas forças em bem engrandecer por um momento outras opiniões, outras ideias que porventura possam, noutros campos, divergir, para que, como um só homem, como uma só vontade, como uma autêntica força, todo o povo desta região, num exemplar movimento de solidariedade, se una e se apresente, com a consciência dos seus direitos e deveres, perante os governantes, não a mendigar a esmola duns favores, mas a apresentar, com a demonstração de que pode e vale o seu esforço, as razões que lhe conferem de exercer a sua colaboração para, na realização uma obra que, sendo do interesse da região, é, pela sua importância, também do interesse do próprio País.

Não pedia só nem ofereço que sobre a benfeitoria da criação duma escola profissional de canteiros, embora assim se que mais directamente podem dela dizer proveito, mas um benefício Lisboa e até Portugal inteiro, dada a influência da capital sobre a província portuguesa, que qualquer na qualidade artística, na beleza, na produção técnica da obra de pedra trabalhada convenientemente pelas suas carreiras.

A ânsia que nos há-de unir como um só homem deve ser esta: dizer Palmela mas que ler o seu Estudo Profissional.

Simplesmente, uma tal realização não será possível sem a colaboração de todos, colaboração que forçosamente há-de variar segundo as possibilidades e a capacidade de cada um — e que pode bem ser que esperemos muitas pequenas sacrifícios, mas sacrifícios bem empregados. Estou convencido de que, se cada um pensar bem nas vantagens que daí pode tirar, acabará por reconhecer que efetivamente não são sacrifícios de verdade, pois cada esforço que dos e nos ajude não fica mais ele que ajudar-se a si próprio, dados os benefícios que, para todos e para cada um, há-de forçosamente resultar da criação da Escola.

Serão vejamos esse por cima:

Primeiramente, pensemos-nos que fale dos projectos existentes.

Quantos são os que, logo nos primeiros anos do século, saberão traçar com segurança um perfil?

Quantos são os que conseguem, sem o ajuda das necessárias, transportar para o pedra as medidas e as formas exactas dum desenho à escala?

Quantos são os que, servindo-se dum desenho ou dum modelo em gesso, estão aptos a reproduzir as peças, com rapidez e facilidade, um certo, mesmo, pouco complicado?

E quantos são os que, servindo-se do modelo duns modelos, seja ele uma estátua, um busto ou uma composição decorativa, são capazes de o passar com segurança e perfeição compreensão das formas, das contornos exteriores, da expressão, enfim, que constitui o valor de obra de Arte e mesmo a personalidade do artista?

Não é preciso que ninguém me responda, porque todos nós já fez dando para o peixe e ensinou a ser um pouco.

Agora, vejamos o que actualmente se dá em que se ensina as pessoas do ramo diferente do actual:

Um rapazito que, ao sair da escola primária e empurrado pelos pais ou encarregados de educação, entra para a escola profissional, onde dura os três anos, vai aprendendo a desenhar e a usar o ferramenta da oficina, acompanhado por mestres competentes, que, se nenhum a um curso, estou para ver, porque já não poderão ir para, mas tem voz começar a aprender. Um aprendiz que ao saindo tenha estudado o desenho da geometria e os elementos do desenho arquitectónico que o habilitem a traçar todo o espécie de perfis e de moldamos: que tenha praticado e desenhar à vista e ouvido e a lápis, executado dos gesso modelares; que tenha medido, feito um pouco de medidação ao lineiro e que, durante toda essa aprendizagem do desenho, nos seus diversas fases, vá nas oficinas auxiliares, executando o não o seu risco do levantado e o aplicar à pedra as ordenamentos que obtém nas salas de desenho, podendo chegar até à passagem, com aparelho, por, ao saindo nesse oficina, já vai com a vida e a não educados, como muitos aprendizes nunca chegaram a conseguir durante uma vida inteira de trabalho. E não é, se verdade, um aparelho.

Será verdadeiramente um principiante no seu país vida. Mesto da pois dos mestrinhos que é o de aprendizado total, mas para quem é forçoso se há-de aprender muito melhor do que hoje, porque o seu rendimento de trabalho, a facilidade com que compreenda qualquer desenho e os desaparecem dos dificuldades a há-de valorizar ao espírito da arte e de indústria como um elemento de primeira categoria. E o mestre encontrará com tudo o contrário que nos outros aprendizes foi ver a sua educação pela desenho. Com a participação escolar, que lhe dá mesmo consciência de seu verdadeiro valor social, o aprendiz começará com muito menos esforço conquistar mais rapidamente melhores salários e muito maior categoria profissional.

Que o digam todos aqueles poucos canteiros que um dia conseguiram sair bons do desenho ou aqueles que, mesmo os tendo adquirido, se não mesmo ainda dependentes do valor dos encarregados.

A conclusão do seu valor profissional é a demonstração deste valor assim no Lisboa e nas melhores casas, só isto pela satisfação das suas reivindicações, e estas casas ainda hoje são mais eficazes quanto maior for, no conjunto da economia da indústria, a parte do operário.

(Continua)

Publicações

«COSTA DO SOL»

Recebemos — e agradecemos — o n.º do Jornal oficial do Boletim de Informações da Junta de Turismo da Costa (Azulejo-Estoril), até o interessante publicação mensal, cujo número é o seguinte: «Estoril, secretaria de Inverno», «Temperaturas mínimas de 23/XI a 30/XII», «Hóspedes para um passeio», «Festas», «Acontecimentos desportivos», «Exposições», «Especialidades Gastronómicas da região», «Turnos e chegadas», «Cabo da Roca», «O Melhor Artigo sobre a Costa do Sol», «Comunicações» e «Cimbios acontecidos».

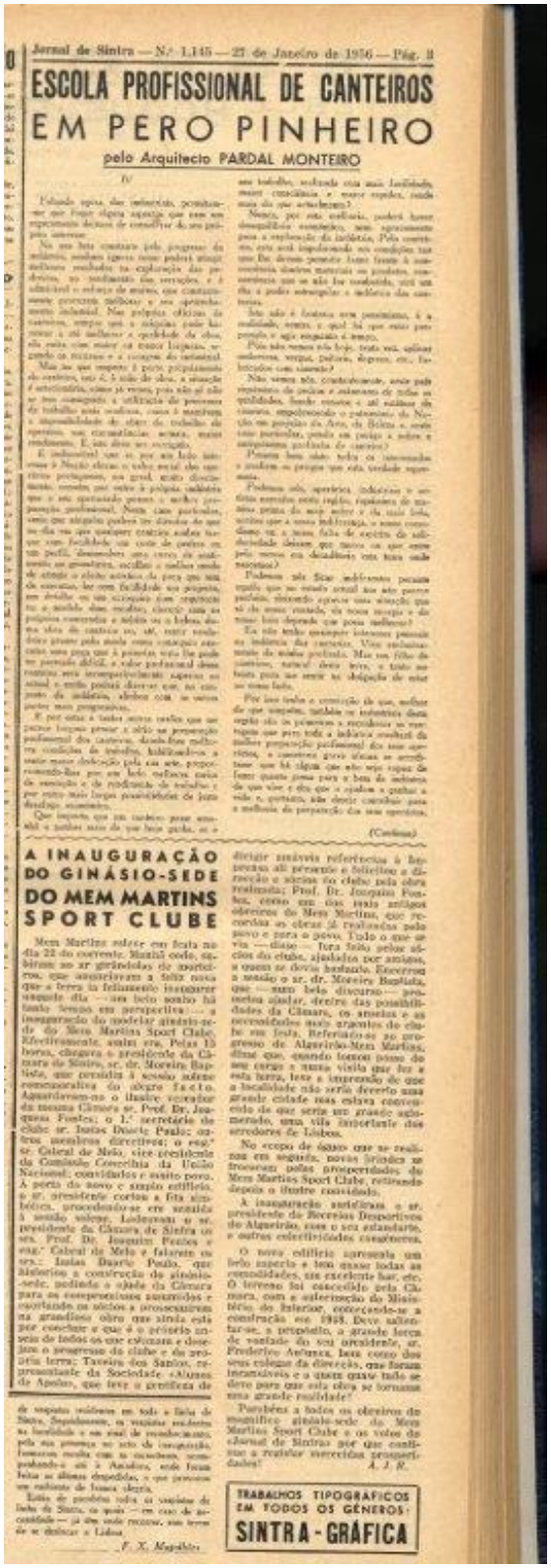
«GUIAS NACIONAIS DE CAMIONAGEM»

Recebemos o n.º 1 desta guia geral sobre informações e horários de Camionagem do País, editadas e bem apresentado publicação — como se depreende —, relativo ao 1.º trimestre deste ano e que tivemos oportunidade de apreciar na realização publicitária da Agência Comercial «Leo — Almeida Afonso Henriques, 19-1.º-Dt.º, Lisboa.

Agradecendo pelo exemplar recebido.

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS;
SINTRA - GRÁFICA

Figura 39- "Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro- Capitulo IV", Jornal de Sintra, nº 1145, Ano XIII, p.11, 27 janeiro 1956.



Jornal de Sintra — N.º 1.145 — 27 de Janeiro de 1956 — Pág. 3

ESCOLA PROFISSIONAL DE CANTEIROS EM PERO PINHEIRO

pelo Arquitecto PARDAL MONTEIRO

IV

(Continua)

A INAUGURAÇÃO DO GINÁSIO-SEDE DO MEM MARTINS SPORT CLUBE

Mem Martins sobe em festa no dia 22 do corrente. Manhã cedo, acham-se ar grinaldas de morteiros, que anunciavam a boa nova que a terra ia finalmente inaugurar aquele dia — um belo sonho há tanto tempo em perspectiva: — a inauguração do modelar ginásio-sede do Mem Martins Sport Clube. Efectivamente, assim era. Pelas 15 horas, chegava o presidente da Câmara de Sintra, sr. dr. Moreira Baptista, que presidiu à sessão solene comemorativa do alegre facto. Aguardavam-no o ilustre vereador da mesma Câmara sr. Prof. Dr. Joaquim Fontes; o 1.º secretário do clube sr. Isaías Duarte Paulo; outros membros directivos; o exmo sr. Cabral de Melo, vice-presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; convidados e muito povo. À porta do novo e amplo edifício, o sr. presidente corta a fita simbólica, procedendo-se em seguida à sessão solene. Ladeavam o sr. presidente da Câmara de Sintra os srs. Prof. Dr. Joaquim Fontes e exmo Cabral de Melo e falaram os srs.: Isaías Duarte Paulo, que historiou a construção do ginásio-sede, pedindo a ajuda da Câmara para os compromissos assumidos e exortando os sócios a prosseguirem na grandiosa obra que ainda está por concluir e que é o prémio unânime de todos os que colaboram e desejam o progresso do clube e da prória terra; Taveira dos Santos, representante da Sociedade «Alunos de Apolo», que teve a gentileza de dirigir amáveis referências à boa vontade até presente e dedicação e direcção e sócios do clube pela obra realizada; Prof. Dr. Joaquim Fontes, como um dos mais antigos obreiros do Mem Martins, que recordou as obras já realizadas pelo povo e para o povo. Tudo o que se via — disse — fora feito pelos sócios do clube, ajudados por amigos, a quem se deviam bastantes. Encerrou a sessão o sr. dr. Moreira Baptista, que — num belo discurso — pôs a nu a alma, dentro das possibilidades da Câmara, os anseios e as necessidades mais prementes do clube em festa. Referindo-se ao progresso de Algueirão-Mem Martins, disse que, quando tomou posse do seu cargo a ideia vinda que ler a esta terra, teve a impressão de que a localidade não seria decerto uma grande cidade mas estava convencido de que seria um grande aglomerado, uma vila importante dos arredores de Lisboa.

No acto de saudo que se realizou em seguida, novas brindes se trocaram pelas prosperidades do Mem Martins Sport Clube, retirando depois o ilustre convidado.

À inauguração assistiram o sr. presidente do Governo Civil de Lisboa, o sr. presidente do Sovereios Desportivos do Algueirão, com o seu estandarte, e outras colectividades congéneres.

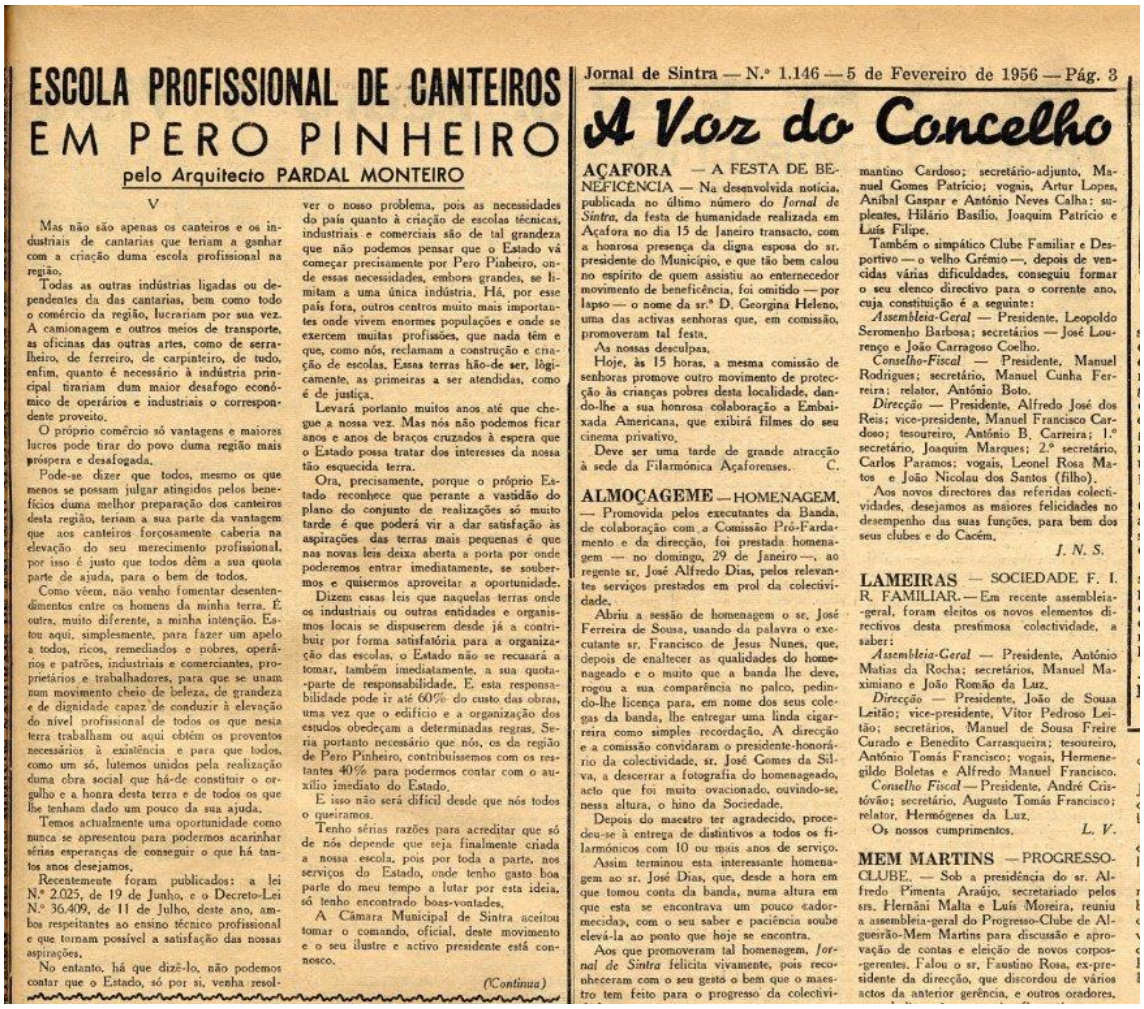
O novo edifício apresenta um belo aspecto e tem quase todas as comodidades, um excelente bar, etc. O terreno foi cedido pela Câmara, com a aderência do Ministério do Interior, concedendo-se a construção em 1958. Deve salientar-se, a propósito, a grande força de vontade do seu presidente, sr. Frederico Antunes, bem como dos seus colegas da direcção, que foram incansáveis e a quem quase tudo se deve para que esta obra se tornasse uma grande realidade!

Parabéns a todos os obreiros do magnífico ginásio-sede do Mem Martins Sport Clube e os votos do «Jornal de Sintra» por que continue a manter sucessivas prosperidades!

A. J. R.

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GÉNEROS:
SINTRA-GRÁFICA

Figura 40- "Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro- Capitulo V", Jornal de Sintra, nº 1146, Ano XIII, p.3, 5 fevereiro 1956.



ESCOLA PROFISSIONAL DE CANTEIROS EM PERO PINHEIRO

pelo Arquitecto PARDAL MONTEIRO

V

Mas não são apenas os canteiros e os industriais de cantarias que teriam a ganhar com a criação duma escola profissional na região.

Todas as outras indústrias ligadas ou dependentes da das cantarias, bem como todo o comércio da região, lucrariam por sua vez. A camionagem e outros meios de transporte, as oficinas das outras artes, como de serralheiro, de ferreiro, de carpinteiro, de tudo, enfim, quanto é necessário à indústria principal tiriam dum maior desafogo económico de operários e industriais o correspondente proveito.

O próprio comércio só vantagens e maiores lucros pode tirar do povo duma região mais próspera e desafogada.

Pode-se dizer que todos, mesmo os que menos se possam julgar atingidos pelos benefícios duma melhor preparação dos canteiros desta região, teriam a sua parte da vantagem que aos canteiros forçosamente caberia na elevação do seu merecimento profissional, por isso é justo que todos dêm a sua quota parte de ajuda, para o bem de todos.

Como vêem, não venho fomentar desentendimentos entre os homens da minha terra. É outra, muito diferente, a minha intenção. Estou aqui, simplesmente, para fazer um apelo a todos, ricos, remediados e pobres, operários e patrões, industriais e comerciantes, proprietários e trabalhadores, para que se unam num movimento cheio de beleza, de grandeza e de dignidade capaz de conduzir à elevação do nível profissional de todos os que nesta terra trabalham ou aqui obtêm os proventos necessários à existência e para que todos, como um só, lutemos unidos pela realização duma obra social que há-de constituir o orgulho e a honra desta terra e de todos os que lhe tenham dado um pouco da sua ajuda.

Temos actualmente uma oportunidade como nunca se apresentou para podermos acarinhar sérias esperanças de conseguir o que há tantos anos desejamos.

Recentemente foram publicados: a lei N.º 2.025, de 19 de Junho, e o Decreto-Lei N.º 36.409, de 11 de Julho, deste ano, ambos respeitantes ao ensino técnico profissional e que tornam possível a satisfação das nossas aspirações.

No entanto, há que dizê-lo, não podemos contar que o Estado, só por si, venha resolver o nosso problema, pois as necessidades do país quanto à criação de escolas técnicas, industriais e comerciais são de tal grandeza que não podemos pensar que o Estado vá começar precisamente por Pero Pinheiro, onde essas necessidades, embora grandes, se limitam a uma única indústria. Há, por esse país fora, outros centros muito mais importantes onde vivem enormes populações e onde se exercem muitas profissões, que nada têm e que, como nós, reclamam a construção e criação de escolas. Essas terras hão-de ser, lògicamente, as primeiras a ser atendidas, como é de justiça.

Levará portanto muitos anos até que chegue a nossa vez. Mas nós não podemos ficar anos e anos de braços cruzados à espera que o Estado possa tratar dos interesses da nossa tão esquecida terra.

Ora, precisamente, porque o próprio Estado reconhece que perante a vastidão do plano do conjunto de realizações só muito tarde é que poderá vir a dar satisfação às aspirações das terras mais pequenas é que nas novas leis deixa aberta a porta por onde poderemos entrar imediatamente, se soubermos e quisermos aproveitar a oportunidade.

Dizem essas leis que naquelas terras onde os industriais ou outras entidades e organismos locais se dispuserem desde já a contribuir por forma satisfatória para a organização das escolas, o Estado não se recusará a tomar, também imediatamente, a sua quota-parte de responsabilidade. E esta responsabilidade pode ir até 60% do custo das obras, uma vez que o edifício e a organização dos estudos obedeçam a determinadas regras. Seria portanto necessário que nós, os da região de Pero Pinheiro, contribuíssemos com os restantes 40% para podermos contar com o auxílio imediato do Estado.

E isso não será difícil desde que nós todos o queiramos.

Tenho sérias razões para acreditar que só de nós depende que seja finalmente criada a nossa escola, pois por toda a parte, nos serviços do Estado, onde tenho gasto boa parte do meu tempo a lutar por esta ideia, só tenho encontrado boas-vontades.

A Câmara Municipal de Sintra aceitou tomar o comando, oficial, deste movimento e o seu ilustre e activo presidente está connosco.

(Continua)

A Voz do Concelho

AÇAFORA — A FESTA DE BENEFICÊNCIA — Na desenvolvida notícia, publicada no último número do *Jornal de Sintra*, da festa de humanidade realizada em Açafora no dia 15 de Janeiro transacto, com a honrosa presença da digna esposa do sr. presidente do Município, e que tão bem calou no espírito de quem assistiu ao enternecedor movimento de beneficência, foi omitido — por lapso — o nome da sr.ª D. Georgina Heleno, uma das activas senhoras que, em comissão, promoveram tal festa.

As nossas desculpas.

Hoje, às 15 horas, a mesma comissão de senhoras promove outro movimento de protecção às crianças pobres desta localidade, dando-lhe a sua honrosa colaboração a Embaixada Americana, que exibirá filmes do seu cinema privativo.

Deve ser uma tarde de grande atracção à sede da Filarmónica Açaforense. C.

ALMOÇAGEME — HOMENAGEM. — Promovida pelos executantes da Banda, de colaboração com a Comissão Pró-Fardamento e da direcção, foi prestada homenagem — no domingo, 29 de Janeiro —, ao regente sr. José Alfredo Dias, pelos relevantes serviços prestados em prol da colectividade.

Abriu a sessão de homenagem o sr. José Ferreira de Sousa, usando da palavra o executante sr. Francisco de Jesus Nunes, que, depois de enaltecer as qualidades do homenageado e o muito que a banda lhe deve, rogou a sua comparência no palco, pedindo-lhe licença para, em nome dos seus colegas da banda, lhe entregar uma linda cigarreira como simples recordação. A direcção e a comissão convidaram o presidente-honorário da colectividade, sr. José Gomes da Silva, a descerrar a fotografia do homenageado, acto que foi muito ovacionado, ouvindo-se, nessa altura, o hino da Sociedade.

Depois do maestro ter agradecido, procedeu-se à entrega de distintivos a todos os filarmónicos com 10 ou mais anos de serviço.

Assim terminou esta interessante homenagem ao sr. José Dias, que, desde a hora em que tomou conta da banda, numa altura em que esta se encontrava um pouco «adormecida», com o seu saber e paciência soube elevá-la ao ponto que hoje se encontra.

Aos que promoveram tal homenagem, *Jornal de Sintra* felicita vivamente, pois reconheceram com o seu gesto o bem que o maestro tem feito para o progresso da colectividade.

LAMEIRAS — SOCIEDADE F. I. R. FAMILIAR. — Em recente assembleia-geral, foram eleitos os novos elementos directivos desta prestimosa colectividade, a saber:

Assembleia-Geral — Presidente, António Matias da Rocha; secretários, Manuel Maximiano e João Romão da Luz.

Direcção — Presidente, João de Sousa Leitão; vice-presidente, Vítor Pedroso Leitão; secretários, Manuel de Sousa Freire Curado e Benedito Carrasqueira; tesoureiro, António Tomás Francisco; vogais, Hermenegildo Boletas e Alfredo Manuel Francisco.

Conselho Fiscal — Presidente, André Cristóvão; secretário, Augusto Tomás Francisco; relator, Hermógenes da Luz.

Os nossos cumprimentos. *L. V.*

MEM MARTINS — PROGRESSO-CLUBE. — Sob a presidência do sr. Alfredo Pimenta Araújo, secretariado pelos srs. Hermâni Malta e Luís Moreira, reuniu a assembleia-geral do Progresso-Clube de Algueirão-Mem Martins para discussão e aprovação de contas e eleição de novos corpos-gerentes. Falou o sr. Faustino Rosa, ex-presidente da direcção, que discordou de vários actos da anterior gerência, e outros oradores, mantino Cardoso; secretário-adjunto, Manuel Gomes Patrício; vogais, Artur Lopes, Aníbal Gaspar e António Neves Calha; suplentes, Hilário Basílio, Joaquim Patrício e Luís Filipe.

Também o simpático Clube Familiar e Desportivo — o velho Grémio —, depois de vencidas várias dificuldades, conseguiu formar o seu elenco directivo para o corrente ano, cuja constituição é a seguinte:

Assembleia-Geral — Presidente, Leopoldo Seromenho Barbosa; secretários — José Lourenço e João Carragoso Coelho.

Conselho-Fiscal — Presidente, Manuel Rodrigues; secretário, Manuel Cunha Ferreira; relator, António Boto.

Direcção — Presidente, Alfredo José dos Reis; vice-presidente, Manuel Francisco Cardoso; tesoureiro, António B. Carreira; 1.º secretário, Joaquim Marques; 2.º secretário, Carlos Paramos; vogais, Leonel Rosa Matos e João Nicolau dos Santos (filho).

Aos novos directores das referidas colectividades, desejamos as maiores felicidades no desempenho das suas funções, para bem dos seus clubes e do Cacém.

J. N. S.

Figura 41- "Escola Profissional de canteiros em Pero Pinheiro, pelo Arquitecto Pardal Monteiro", Jornal de Sintra, nº 1147, Ano XIII, p.5, 12 fevereiro 1956.

ESCOLA PROFISSIONAL DE CANTEIROS EM PERO PINHEIRO

pelo Arquitecto PARDAL MONTEIRO

No Ministério da Educação Nacional, ao qual compete criar ou oficializar a escola, há hoje o ambiente mais favorável que se pode desejar. Certas autoridades superiores deste Ministério, que têm aturado a minha teimosia e com quem tenho tido a honra de tratar deste assunto, mostram por ele a maior simpatia e têm prometido ajudar-nos.

No Ministério das Obras Públicas há, como nunca, todo o desejo de promover a preparação de bons operários. Pela boca de S. Ex.ª o Ministro me foi prometida toda a colaboração que estivesse nas possibilidades do seu Ministério. E ninguém desconhece o espírito empreendedor do actual titular das Obras Públicas.

O senhor subsecretário das Corporações também abraçou com a maior simpatia a ideia e sei que não deixará de dar ao operariado desta região, pela delegação do seu Sindicato, possibilidades de cooperar dignamente na construção da escola.

Por tal forma tenho transmitido a alguns dos meus amigos e colaboradores o meu entusiasmo pela escola profissional de canteiros, que conto com a ajuda dalguns deles para a realização.

Só resta agora que nós, os homens destes sítios, demonstremos também, por todos os meios, que queremos que a nossa escola seja um facto, tomando a iniciativa que nos compete.

E se a iniciativa for dos organismos locais, a escola que aqui for criada será evidentemente privada desses organismos. A indústria e o operariado local, pela comissão que por estes for indicada para a edificar e administrar, terão permanente intervenção na sua orientação. E assim a região de Pero Pinheiro poderá orgulhosamente dizer que tem a «sua» Escola Profissional, sua porque lhe pertence a iniciativa e pelo menos em grande parte a construção e manutenção.

A comissão local escolhida para administrar deve poder intervir na escolha dos professores e dos mestres de oficina, o que, para o nosso caso, é da maior importância; poderá sugerir as condições que lhe pareçam mais convenientes à preparação dos canteiros.

Não vale a pena entrar agora em detalhes de organização, mas estou pronto a dar todos os esclarecimentos noutra ocasião, se o desejarem e se este meu apelo encontrar, como espero, o apoio dos meus patrícios.

Por agora, apenas interessa que nos unamos, que conjuguemos todos os esforços para que esta velha e justa aspiração possa ser satisfeita e que procuremos a melhor maneira de fazer com que todo este movimento não fique em palavras e discursos, mas se transforme nalguma coisa de prático, que nos permita começar a trabalhar imediatamente, de modo que, dentro em pouco, todos possamos assistir com alegria e justo orgulho à festa da inauguração da nossa Escola Profissional de Canteiros.

Está nas vossas mãos o conseguí-lo, por isso tenho fé em que todos os homens desta região hão-de saber aproveitar esta excelente oportunidade para lançar as bases do melhor meio de conseguir uma maior prosperidade que toque a todos, sem excepção.

Termino, como comecei, declarando que estou aqui apenas a pagar uma dívida de gratidão aos canteiros de quem descendo e à terra onde nasci, que para isso não me tenho poupado nem pouparei a trabalhos nem canseiras, e que me darei por feliz se puder ser útil à minha terra e aos meus patrícios, ajudando quanto possa aqueles que queiram tomar em suas mãos a bandeira desta reivindicação.

Se pudesse conseguir tudo sòzinho, não vos incomodaria.

Mas o esforço dum, apenas, é praticamente nulo.

É necessário a ajuda de todos. Por isso, ao terminar esta já longa palestra, não posso deixar de apelar mais uma vez para as virtudes, para a inteligência e para o orgulho dos homens da minha terra, insistindo em que não deixem perder a melhor das oportunidades para a honrarem e elevarem ainda mais, cumprindo o mais honroso dever de solidariedade em prol da colectividade em geral e dos operários canteiros em particular.

Da vossa vontade, apenas, depende o bom resultado.

FIM

Câmara M. de Sintra

RESUMO DA ACTA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DE 28 DE JANEIRO DE 1956

Presentes os srs.: dr. César Moreira Baptista, presidente; capitão Américo dos Santos, vice-presidente; Visconde de Asseca, Prof. Dr. Joaquim Fontes e José Maria Tavares, vereadores.

DELIBERAÇÕES

C.ª SINTRA-ATLÂNTICO. — Sobre a supressão temporária dos «eléctricos» entre Praia das Maçãs e Azenhas do Mar, devido ao mau estado de conservação da linha, foi resolvido substituir a tracção eléctrica por autocarros, enquanto se proceder à reparação urgente da referida via.

Tomado conhecimento de que a D. G. T. T. autorizou a Sintra-Atlântico a substituir, aos domingos e feriados, os «eléctricos» do percurso Estação-Vila por autocarro, com os mesmos horários, bilhetes e passes.

CONCURSO — EMPREITADA EM QUELUZ. — Para a construção, em Queluz, do edifício destinado aos serviços públicos, foram abertas as seguintes propostas: António P. Ribeiro, Azenhas do Mar, 266.000$00; Alfredo S. Ventura, Sintra, 227.450$00; Sociedade C. E. Santo & C.ª, Ld.ª, Lisboa, 224.800$00. Remetidas aos serviços técnicos para informação.

AQUISIÇÃO DE UM VEÍCULO. — Resolvido adquirir, por 152.500$00, à Sorel, Ld.ª, uma camioneta de carga — 6.000 kg. — com carroçaria basculante e motor a gasoil.

ESTRADA MONTE SANTOS — — ALAMEDA. — Resolvido abrir concurso para a reconstrução da estrada Monte Santos-Alameda dos Combatentes G. Guerra, na Estefânia, sendo a base de licitação de 65.639$00.

MERCADO DE QUELUZ. — Quanto ao resgate da concessão deste mercado, o respectivo concessionário apresentou uma proposta de 4.500$00 por mês, quantia que é exagerada. Por tal motivo, foram concedidos poderes ao sr. presidente para negociar o resgate.

RESERVATÓRIO DE ÁGUA DE RANHOLAS [illegible]

IMAGENS DE SINTRA

Monumento aos heróicos Combatentes da guerra de 1914/18

ARTIGOS ESCOLARES. OBJECTOS PARA BRINDES. PAPELARIA
JORNAL DE SINTRA

Música

¿ Quem há que não adore a Música e a não escute enternecidamente?

Eu creio que ninguém.

Talvez pelo excesso da minha adoração, assim julgue...

A Música é deliciosa, comovente, arrebatadora!

Faz-nos sonhar delícias, sonhos cor de rosa, que jamais serão realidade.

Escutando palpitantes e enebriados os sons melodiosos, a nossa alma sensibiliza-se e embriaga-se, o nosso coração estremece e por vezes soluça doloridamente e a nossa imaginação leva-

Figura 42- "Concentração dos trabalhadores das pedreiras de carenque", Jornal Avante, nº 249, Ano 27- série VI, p.3, 2ª quinzena de fevereiro 1958. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

ANO 27 — SÉRIE VI N.º 249 2.ª QUINZENA DE FEVEREIRO DE 1958 PREÇO $50

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

CONCENTRAÇÃO DOS TRABALHADORES DAS PEDREIRAS DE CARENQUE

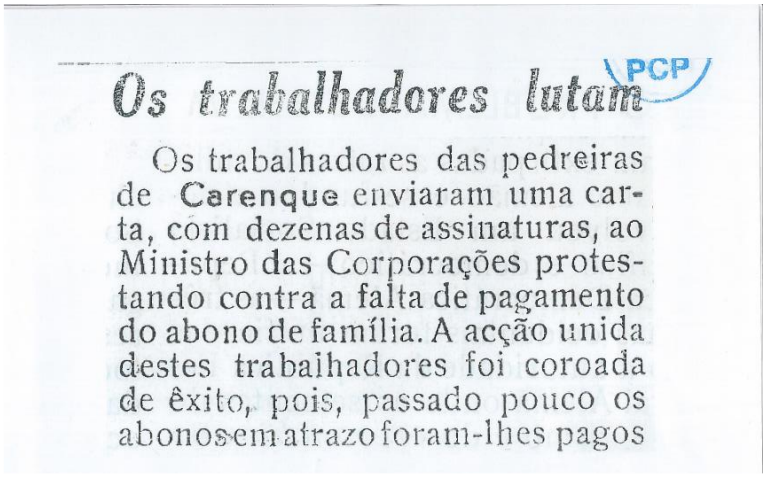
Cerca de 100 operários (todos) que trabalham nas pedreiras de Carenque (Pardal Monteiro) que ganham salários de miséria, (30$00 diários), concentraram-se junto da Gerência para pedir que as horas que lhes descontam quando chove pudessem ser compensadas com o seu trabalho nos outros dias.

Furioso com esta acção unida de todos os operários, o gerente recusou-se a atender este pedido e ameaçou os operários, para que lhe dissessem quem os dirigia, que aquilo era uma greve, etc. E no dia seguinte como represália, quando os operários de manhã, após ter cessado de chover, se apresentaram ao trabalho não os deixou pegar obrigando-os a perder meio dia. Posteriormente este miserável continuou a perseguir e a ameaçar os operários por todas as formas, tornando-lhes a vida impossível, com o fim de os desanimar.

Os operários das pedreiras de Carenque não devem desanimar mas sim manterem-se unidos como um só e junto do Sindicato pedir o apoio deste para a sua justa luta, ao mesmo tempo que junto da gerência devem insistir, insistir sempre até que esta atenda as suas reivindicações.

Lutemos para que acabe o monstruoso parlatório do forte de Caxias, enviando petições à «Assembleia Nacional», às entidades eclesiásticas, ao ministro do Interior, da Justiça, ao Director da PIDE.

Figura 43- "Os trabalhadores lutam", fevereiro 1958 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



PCP

Os trabalhadores lutam

Os trabalhadores das pedreiras de **Carenque** enviaram uma carta, com dezenas de assinaturas, ao Ministro das Corporações protestando contra a falta de pagamento do abono de família. A acção unida destes trabalhadores foi coroada de êxito, pois, passado pouco os abonos em atrazo foram-lhes pagos

Figura 44- "Solidariedade aos grevistas da região de Pero Pinheiro! Reforçar e Alargar a Luta: Eis o caminho", 22 maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

SOLIDARIEDADE AOS GREVISTAS DA REGIÃO DE PERO PINHEIRO!

REFORÇAR E ALARGAR A LUTA: EIS O CAMINHO!

Para responder à vida cada vez mais cara, à exploração cada vez mais brutal do patronato e à opressão fascista, os trabalhadores só têm um caminho: a luta unida e organizada. Mais de 5 mil operários das fábricas de mármores e cantarias de toda a região de Pero Pinheiro, são obrigados a entrar em greve no dia 19. Depois de várias diligências e concentrações junto do sindicato, a nova concentração de mais de mil trabalhadores, no dia 4, responde o fascista Genicas Pedroso (presidente do sindicato) com vagas promessas de aumentos de 3 escudos ou «mesmo nada». Tomando conta do sindicato, os operários destroiem tudo que tem o nome de Salazar, enquanto os fantoches da direcção fogem. A 7, quando se concentram mais de 2 mil, já o sindicato esta tomado por dezenas de guardas da GNR armados até aos dentes; das 18 às 23 horas, ha choques com a polícia e à violência respondem os trabalhadores com chuvadas de pedras (pombos sem asas, como lhes chamam), gritando sempre «temos fome, queremos aumento de 10 escudos!». Apesar das promessas do tenente da GNR, apesar da invasão da Pide que às portas das fábricas os procura convencer a não recorrerem à greve, apesar da demagogia de 6 brigadas de INT, apesar de todo o aparato policial, os operários compreendem que é preciso recorrer à greve, correspondendo ao apelo do seu Comité de Greve. No dia 19, com a presença e a acção de piquetes de grevistas, mais de 5 mil operários, em toda a região, entram em greve, ao mesmo tempo que se concentram e manifestam mais de 3 mil. A GNR (para cima de 300 guardas) reprime brutalmente disparando sobre os grevistas, primeiro tiros isolados, depois rajadas de metralhadora, apesar dos grevistas gritarem: «Sois filhos de trabalhadores e não deveis intervir contra os trabalhadores!». Há vários feridos, alguns em estado muito grave: no hospital de Sintra, um ferido em perigo de vida tem o corpo crivado de chumbos... Consta que morreram 6 trabalhadores. A pide prende dezenas de pessoas. Mas a greve mantem-se e alastra!

O conhecimento destes factos, a que a Rádio Portugal Livre da grande divulgação, chega rapidamente a Lisboa e depois a todo o país e ao estrangeiro, provocando enorme entusiasmo e comoção.

Operários da região de Pero Pinheiro! O Partido Comunista sauda-vos pela vossa unidade e firmesa, pela audácia e valentia com que lutais. A vossa acção, demonstrando a justesa das palavras de ordem do Partido, é uma ajuda preciosa à luta geral dos trabalhadores, dá-lhe novo impulso e estímulo. Reforçando a vossa organização e unidade, com coragem e audácia, levareis a luta até à vitória, arrancareis os vossos companheiros à prisão, porque sois os mais fortes. Os exploradores capitalistas e o fascismo unem-se contra vós, mas a classe operária os trabalhadores e o povo de Portugal estão convosco

TRABALHADORES DE LISBOA E ARREDORES!

Trabalhadores da Carris e da CP, Portuários e Metalurgicos, operários das Construções Navais e Motoristas! Trabalhadores das linhas de Cascais e de Sintra, da Fundição de Oeiras e da Sipe, das Pedreiras e da Pólvora de Barcarena, dos Tabacos de Albarraque e da Mótra. Trabalhadores do Alto e Baixo Ribatejo, da Loiça de Sacavém e dos Curtumes de Alcanena, da Trefilaria e da Covina, de Sacavém e de Torres Novas! Operários da Construção civil e empregados de toda a região de Lisboa!

A união e à violência do patronato e do fascismo, RESPONDAMOS COM A LUTA COMUM, ORGANIZADA E SOLIDÁRIA CONTRA A CARESTIA, A EXPLORAÇÃO E A MISÉRIA! Sigamos o valoroso exemplo dos grevistas de Pero Pinheiro, desencadeando as mais variadas acções, nos locais de trabalho e junto dos sindicatos. O unico caminho que se abre à luta pelas reivindicações fundamentais dos trabalhadores é a passagem corajosa a formas superiores de acção, a paralizações e a greves!

A LUTA GERAL DOS TRABALHADORES PODE A ADQUIRIR UMA FORÇA IRRESISTÍVEL, SE A SOUBERMOS COMBINAR COM A LUTA PELA LIBERDADE, PELA DEMOCRACIA E PELA PAZ, NESTE PERIODO DE «ELEIÇÕES», QUANDO O FASCISMO SE DEBATE COM TREMENDAS DIFICULDADES ECONÓMICAS E POLITICAS.

AVANTE! POR UM PODEROSO MOVIMENTO DE MASSAS DOS TRABALHADORES POR PÃO E TRABALHO, PELA PAZ E PELA DEMOCRACIA!

SOLIDARIEDADE AOS GREVISTAS

Muitos trabalhadores feridos, talvez alguns mortos; cerca de 40 estão a ser torturados pela Pide; a região de Pero Pinheiro e Sintra está invadida pela polícia armada até aos dentes, capaz das miores brutalidades. É urgente prestarmos toda a nossa solidariedade aos nossos companheiros! É imperioso levar a cabo as mais variadas acções de protesto! Concentremo-nos nas empresas e nos sindicatos! Paralizemos o trabalho! Escrevamos milhares de cartas aos ministros das Corporações e do Interior! Exijamos que cessem as violências e que os grevistas presos sejam libertados!

Recolhamos géneros, roupas e dinheiro para os nossos companheiros! Organizemos a ida a Pero Pinheiro de grandes grupos de trabalhadores para entregar a solidariedade recolhida e apoiar moralmente os grevistas!

QUE NENHUM TRABALHADOR FALTE COM A SUA SOLIDARIEDADE ACTIVA!

VIVA A UNIDADE E A SOLIDARIEDADE DA CLASSE OPERÁRIA E DOS TRABALHADORES!

Lisboa, 22 de Maio de 1965

A Direcção da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português

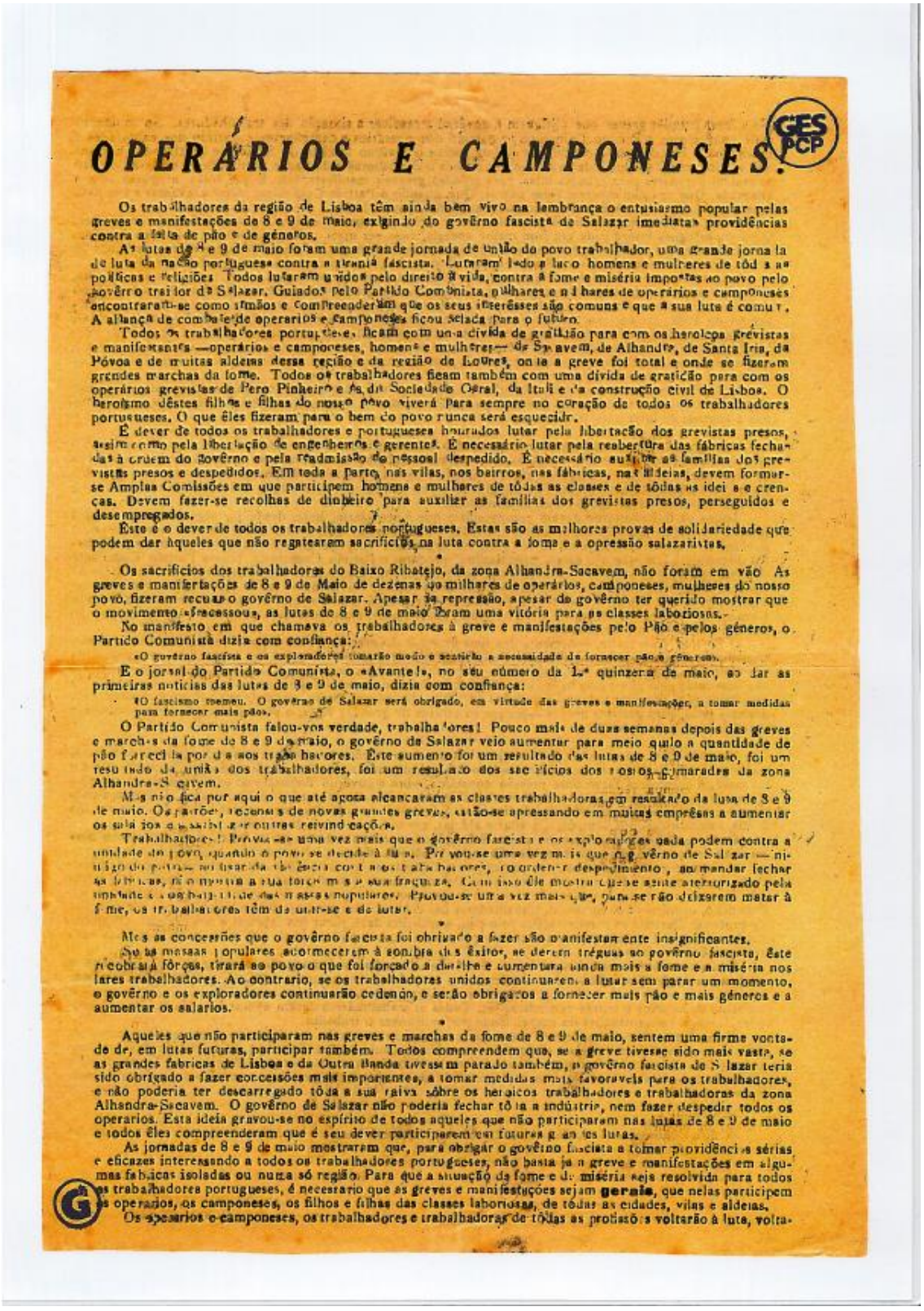
Figura 45- "Como vivem e lutam os trabalhadores", maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

como vivem e lutam os trabalhadores

Pero Pinheiro — Os operários desta região reclamam aumento de salários, tendo-se verificado uma concentração de várias dezenas de trabalhadores no sindicato, reclamando uma acção enérgica dos seus dirigentes em apoio da reivindicação dos operários. Alguns patrões dispõem-se a dar um aumento de 2$00 mas os operários reclamam 10$00 e estão dispostos a conquistá-los custe o que custar. Muitos operários falam em ir para a greve se necessário fôr.

Para a frente, operários de Pero Pinheiro! Unidos e firmes vencereis!

Figura 46- "Operários e Camponeses", maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



OPERÁRIOS E CAMPONESES!

Os trabalhadores da região de Lisboa têm ainda bem vivo na lembrança o entusiasmo popular pelas greves e manifestações de 8 e 9 de maio, exigindo do govêrno fascista de Salazar imediatas providências contra a fome e de géneros.

As lutas de 8 e 9 de maio foram uma grande jornada de união do povo trabalhador, uma grande jornada de luta da nação portuguesa contra a tirania fascista. Lutaram lado a lado homens e mulheres de tôdas as políticas e religiões. Todos lutaram unidos pelo direito à vida, contra a fome e miséria impostas ao povo pelo govêrno traidor de Salazar. Guiados pelo Partido Comunista, milhares e milhares de operários e camponeses encontraram-se como irmãos e compreenderam que os seus interêsses são comuns e que a sua luta é comum. A aliança de combate de operários e camponeses ficou selada para o futuro.

Todos os trabalhadores portugueses ficam com uma dívida de gratidão para com os heróicos grevistas e manifestantes — operários e camponeses, homens e mulheres — de Sacavem, de Alhandra, de Santa Iria, da Póvoa e de muitas aldeias dessa região e da região de Loures, onde a greve foi total e onde se fizeram grandes marchas da fome. Todos os trabalhadores ficam também com uma dívida de gratidão para com os operários grevistas de Pero Pinheiro e os da Sociedade Geral, da Ituli e da construção civil de Lisboa. O heroísmo dêstes filhos e filhas do nosso povo viverá para sempre no coração de todos os trabalhadores portugueses. O que êles fizeram para o bem do povo nunca será esquecido.

É dever de todos os trabalhadores e portuguesas honrados lutar pela libertação dos grevistas presos, assim como pela liberdade de engenheiros e gerentes. É necessário lutar pela reabertura das fábricas fechadas à ordem do govêrno e pela readmissão do pessoal despedido. É necessário auxiliar as famílias dos grevistas presos e despedidos. Em tôda a parte, nas vilas, nos bairros, nas fábricas, nas aldeias, devem formar-se Amplas Comissões em que participem homens e mulheres de tôdas as classes e de tôdas as idei s e crenças. Devem fazer-se recolhas de dinheiro para auxiliar as famílias dos grevistas presos, perseguidos e desempregados.

Este é o dever de todos os trabalhadores portugueses. Estas são as melhores provas de solidariedade que podem dar àqueles que não regatearam sacrifícios na luta contra a fome e a opressão salazaristas.

•

Os sacrifícios dos trabalhadores do Baixo Ribatejo, da zona Alhandra-Sacavem, não foram em vão. As greves e manifestações de 8 e 9 de Maio de dezenas de operários, camponeses, mulheres do nosso povo, fizeram recuar o govêrno de Salazar. Apesar da repressão, apesar do govêrno ter querido mostrar que o movimento «fracassou», as lutas de 8 e 9 de maio foram uma vitória para as classes laboriosas.

No manifesto em que chamava os trabalhadores à greve e manifestações pelo Pão e pelos géneros, o Partido Comunista dizia com confiança:

«O govêrno fascista e os exploradores tomarão medo e sentirão a necessidade de fornecer pão e géneros».

E o jornal do Partido Comunista, o «Avante!», no seu número da 1.ª quinzena de maio, ao dar as primeiras notícias das lutas de 8 e 9 de maio, dizia com confiança:

«O fascismo tremeu. O govêrno de Salazar será obrigado, em virtude das greves e manifestações, a tomar medidas para fornecer mais pão».

O Partido Comunista falou-vos verdade, trabalhadores! Pouco mais de duas semanas depois das greves e marchas da fome de 8 e 9 de maio, o govêrno de Salazar veio aumentar para meio quilo a quantidade de pão fornecida por dia aos trabalhadores. Êste aumento foi um resultado das lutas de 8 e 9 de maio, foi um resultado da união dos trabalhadores, foi um resultado dos sacrifícios dos nossos camaradas da zona Alhandra-Sacavem.

Mas não fica por aqui o que até agora alcançaram as classes trabalhadoras, com resultado da luta de 8 e 9 de maio. Os patrões, receosos de novas grandes greves, estão-se apressando em muitas emprêsas a aumentar os salários e a satisfazer outras reivindicações.

Trabalhadores! Provou-se uma vez mais que o govêrno fascista e os exploradores nada podem contra a unidade do povo, quando o povo se decide à luta. Provou-se uma vez mais que o govêrno de Salazar — inimigo do povo — só usando da sua força contra os trabalhadores, ao ordenar despedimentos, ao mandar fechar as fábricas, mostra a sua fôrça mas a sua fraqueza. Com isso êle mostra que se sente aterrorizado pela imponência e combatividade das massas populares. Provou-se uma vez mais que, para se não deixarem matar à fome, os trabalhadores têm de unir-se e de lutar.

•

Mas as concessões que o govêrno fascista foi obrigado a fazer são manifestamente insignificantes.

Se as massas populares adormecerem à sombra dos êxitos, se derem tréguas ao govêrno fascista, êste recobrará fôrças, tirará ao povo o que foi forçado a dar-lhe e aumentará ainda mais a fome e a miséria nos lares trabalhadores. Ao contrário, se os trabalhadores unidos continuarem a lutar sem parar um momento, o govêrno e os exploradores continuarão cedendo, e serão obrigados a fornecer mais pão e mais géneros e a aumentar os salários.

•

Aqueles que não participaram nas greves e marchas da fome de 8 e 9 de maio, sentem uma firme vontade de, em lutas futuras, participar também. Todos compreendem que, se a greve tivesse sido mais vasta, se as grandes fábricas de Lisboa e da Outra Banda tivessem parado também, o govêrno fascista de Salazar teria sido obrigado a fazer concessões mais importantes, a tomar medidas mais favoráveis para os trabalhadores, e não poderia ter descarregado tôda a sua raiva sôbre os heróicos trabalhadores e trabalhadoras da zona Alhandra-Sacavem. O govêrno de Salazar não poderia fechar tôda a indústria, nem fazer despedir todos os operários. Esta ideia gravou-se no espírito de todos aqueles que não participaram nas lutas de 8 e 9 de maio e todos êles compreenderam que é seu dever participarem em futuras grandes lutas.

As jornadas de 8 e 9 de maio mostraram que, para obrigar o govêrno fascista a tomar providências sérias e eficazes interessando a todos os trabalhadores portugueses, não basta já a greve e manifestações em algumas fábricas isoladas ou numa só região. Para que a situação de fome e de miséria seja resolvida para todos os trabalhadores portugueses, é necessário que as greves e manifestações sejam **gerais**, que nelas participem os operários, os camponeses, os filhos e filhas das classes laboriosas, de tôdas as cidades, vilas e aldeias.

Os operários e camponeses, os trabalhadores e trabalhadoras de tôdas as profissões voltarão à luta, volta-

Figura 47- "Os canteiros de Pero Pinheiro lutam e vencem", maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

Mais um passo em frente!

PELA UNIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS REIVINDICATIVOS

OS CANTEIROS DE PERO PINHEIRO LUTAM E VENCEM

Em Morlena (Pero Pinheiro) na empresa de Cantarias Viuva António Moreira Ldª. foi afixado no refeitório em meados de Novembro um aviso comunicando aos operários que, a partir de Dezembro, iam baixar os salários, alegando para isso aumento de contribuições. Uma semana antes de terminar o prazo do aviso cerca de 40 canteiros e polidores, juntaram-se e foram ao escritório protestar.

Perante os protestos dos operários e como estes se mantivessem firmes e unidos, os patrões recuaram e não baixaram os salários.

Operários da Fábrica Viuva António Moreira! Com a vossa unidade e firmeza conseguistes evitar o corte nos vosss salários, tendo feito recuar os patrões nos seus propósitos de exploração. Deveis continuar vigilantes e unidos pois que os patrões de novo tentarão fazer o corte nos salários. Eles esperam apenas devidir-vos para passarem de novo ao ataque.

Canteiros de Pero Pinheiro, Montelavar e Morlena! Uni-vos e lutai por aumento de salários, pela defesa dos vossos interresses.

Figura 48- "Paralização na Pardal Monteiro", Jornal Avante, p.5, novembro, ano (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

AVANTE

AS CLASSES TRABALHADORAS LUTAM POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

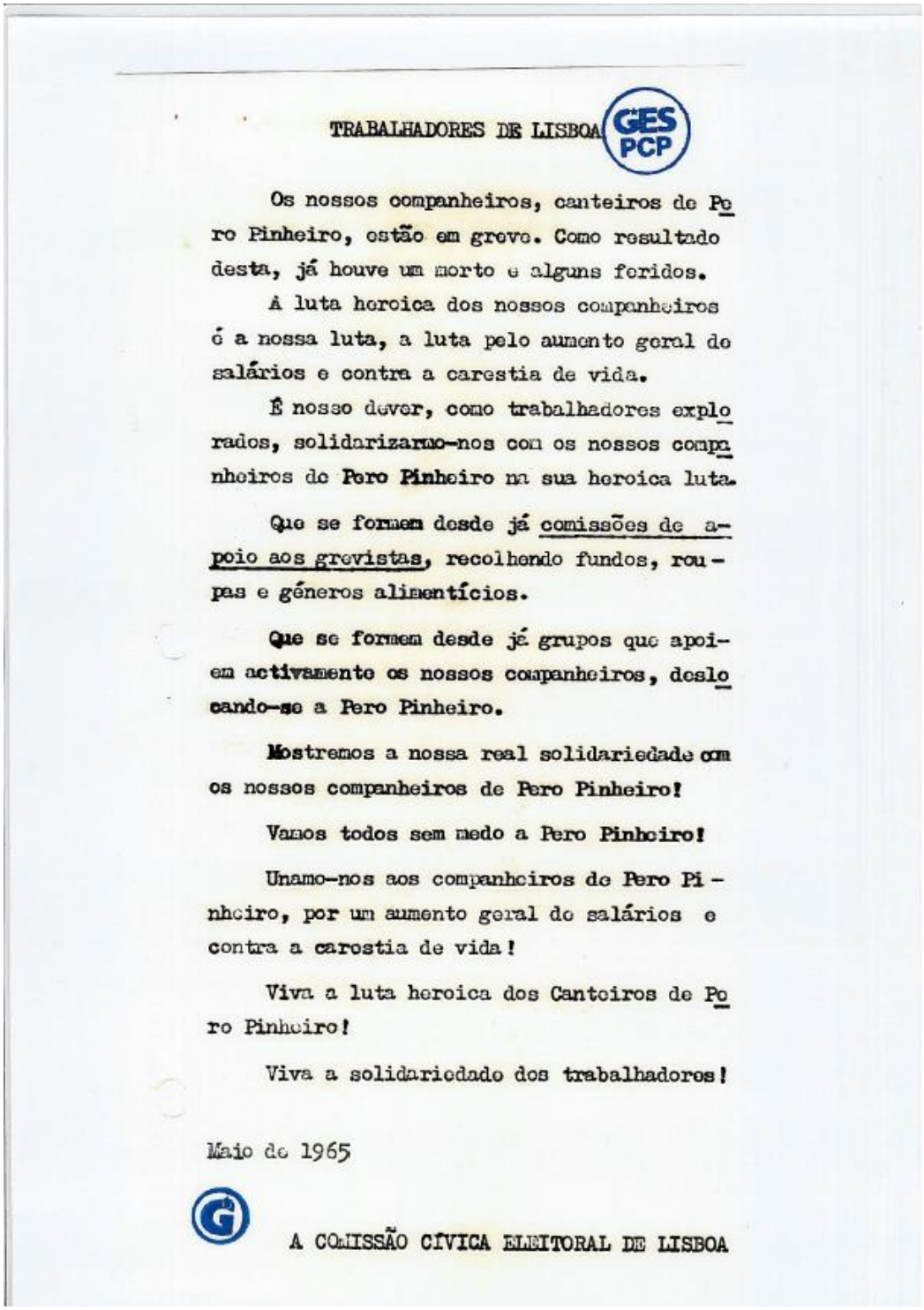
Lutas vitoriosas contra o desemprego e por melhores salários

De Norte a Sul do país prossegue, em escala ascendente, a luta da classe operária e dos outros trabalhadores por um aumento geral dos salários e contra o desemprego. O encarecimento do custo de vida, a falta de trabalho, o desrespeito do patronato explorador pelos horários de trabalho forçam os trabalhadores portugueses a unirem-se cada vez mais e organizarem a defesa dos seus interesses vitais.

Paralização na Pardal Monteiro

Os operários da empresa Pardal Monteiro enviaram uma comissão à gerência para pedir aumento dos salários. Como os patrões tivessem negado o aumento pedido, no dia 9 de Novembro os operários **paralizaram durante alguns minutos como protesto**. O encarregado geral fez ameaças de tipo policial, quando os viu suspender o trabalho. Os trabalhadores desta empresa querem aumento dos salários e direito a uma sopa, como sucede nas oficinas de Pero Pinheiro.

Figura 49- "Trabalhadores de Lisboa", maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



TRABALHADORES DE LISBOA

Os nossos companheiros, canteiros de Pero Pinheiro, estão em greve. Como resultado desta, já houve um morto e alguns feridos.

A luta heroica dos nossos companheiros é a nossa luta, a luta pelo aumento geral de salários e contra a carestia de vida.

É nosso dever, como trabalhadores explorados, solidarizarmo-nos com os nossos companheiros de Pero Pinheiro na sua heroica luta.

Que se formem desde já comissões de apoio aos grevistas, recolhendo fundos, roupas e géneros alimentícios.

Que se formem desde já grupos que apoiem activamente os nossos companheiros, deslocando-se a Pero Pinheiro.

Mostremos a nossa real solidariedade com os nossos companheiros de Pero Pinheiro!

Vamos todos sem medo a Pero Pinheiro!

Unamo-nos aos companheiros de Pero Pinheiro, por um aumento geral de salários e contra a carestia de vida!

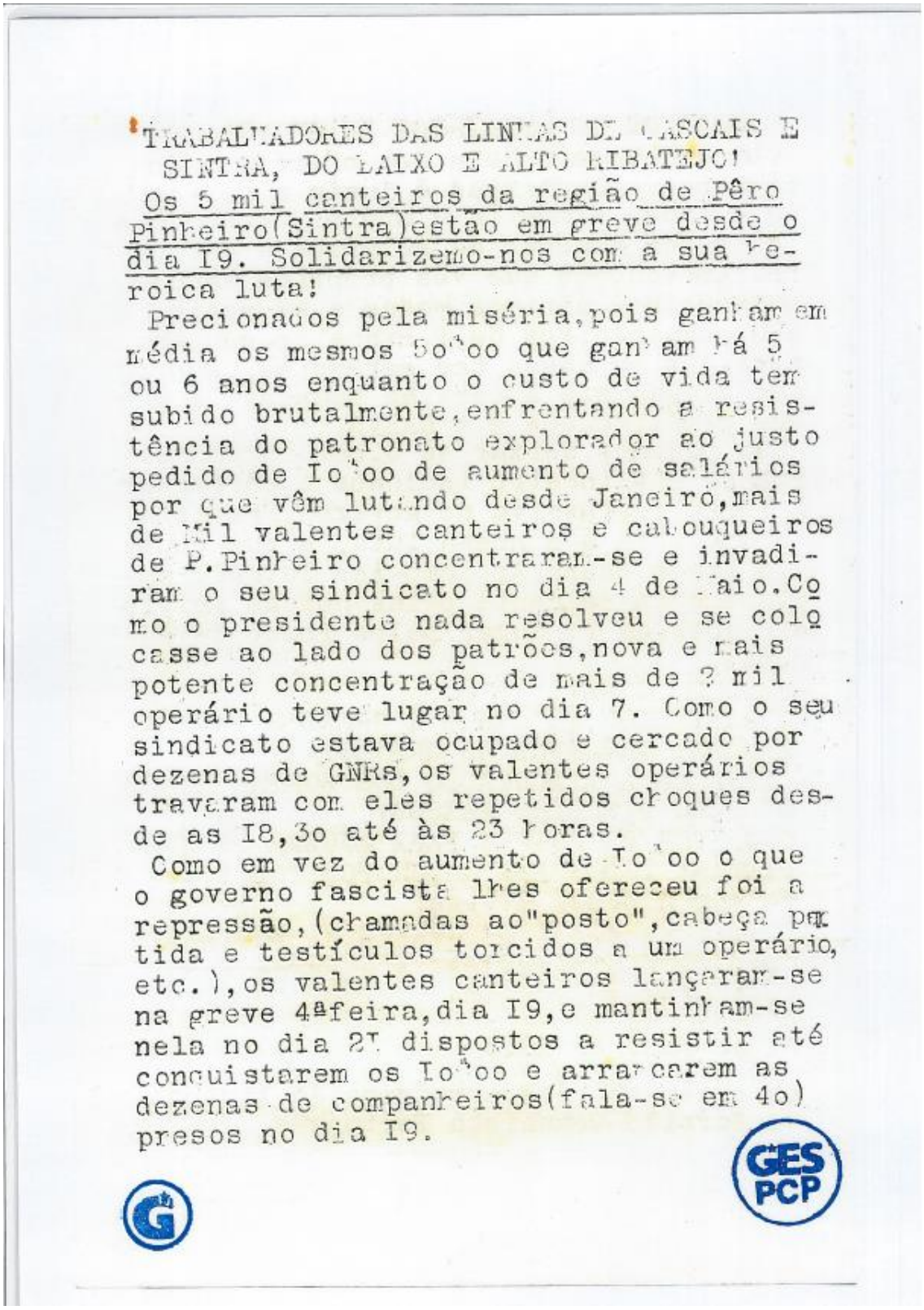
Viva a luta heroica dos Canteiros de Pero Pinheiro!

Viva a solidariedade dos trabalhadores!

Maio de 1965

A COMISSÃO CÍVICA ELEITORAL DE LISBOA

Figura 50- "Trabalhadores das linhas de Cascais e Sintra, do Baixo e Alto Ribatejo!", p.1, 21 maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



TRABALHADORES DAS LINHAS DE CASCAIS E SINTRA, DO BAIXO E ALTO RIBATEJO!

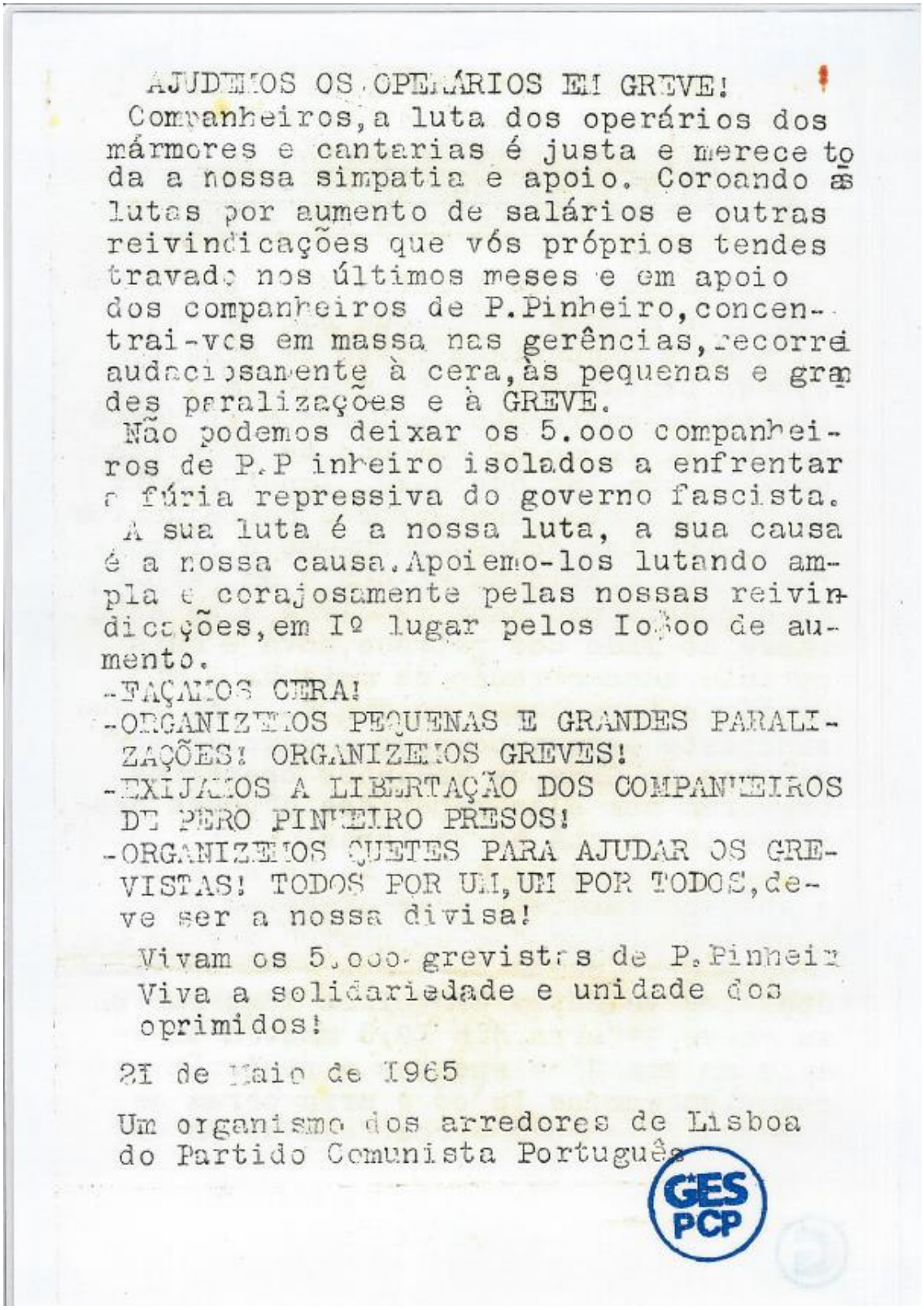
Os 5 mil canteiros da região de Pêro Pinheiro(Sintra)estão em greve desde o dia 19. Solidarizemo-nos com a sua heroica luta!

Precionados pela miséria,pois ganham em média os mesmos 5o$oo que ganham há 5 ou 6 anos enquanto o custo de vida tem subido brutalmente,enfrentando a resistência do patronato explorador ao justo pedido de Io$oo de aumento de salários por que vêm lutando desde Janeiro,mais de Mil valentes canteiros e calouqueiros de P.Pinheiro concentraram-se e invadiram o seu sindicato no dia 4 de Maio.Como o presidente nada resolveu e se colocasse ao lado dos patrões,nova e mais potente concentração de mais de ? mil operário teve lugar no dia 7. Como o seu sindicato estava ocupado e cercado por dezenas de GNRs,os valentes operários travaram com eles repetidos choques desde as I8,3o até às 23 horas.

Como em vez do aumento de Io$oo o que o governo fascista lhes ofereceu foi a repressão,(chamadas ao"posto",cabeça partida e testículos torcidos a um operário, etc.),os valentes canteiros lançaram-se na greve 4ªfeira,dia I9,e mantinham-se nela no dia 2I dispostos a resistir até conquistarem os Io$oo e arrancarem as dezenas de companheiros(fala-se em 4o) presos no dia I9.

GES PCP

Figura 51- "Trabalhadores das linhas de Cascais e Sintra, do Baixo e Alto Ribatejo!", p.2, 21 maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



AJUDEMOS OS OPERÁRIOS EM GREVE!

Companheiros, a luta dos operários dos mármores e cantarias é justa e merece toda a nossa simpatia e apoio. Coroando as lutas por aumento de salários e outras reivindicações que vós próprios tendes travado nos últimos meses e em apoio dos companheiros de P.Pinheiro, concentrai-vos em massa nas gerências, recorrei audaciosamente à cera, às pequenas e grandes paralizações e à GREVE.

Não podemos deixar os 5.000 companheiros de P.Pinheiro isolados a enfrentar a fúria repressiva do governo fascista.

A sua luta é a nossa luta, a sua causa é a nossa causa. Apoiemo-los lutando ampla e corajosamente pelas nossas reivindicações, em 1º lugar pelos 1$00 de aumento.

-FAÇAMOS CERA!
-ORGANIZEMOS PEQUENAS E GRANDES PARALIZAÇÕES! ORGANIZEMOS GREVES!
-EXIJAMOS A LIBERTAÇÃO DOS COMPANHEIROS DE PERO PINHEIRO PRESOS!
-ORGANIZEMOS QUETES PARA AJUDAR OS GREVISTAS! TODOS POR UM, UM POR TODOS, deve ser a nossa divisa!

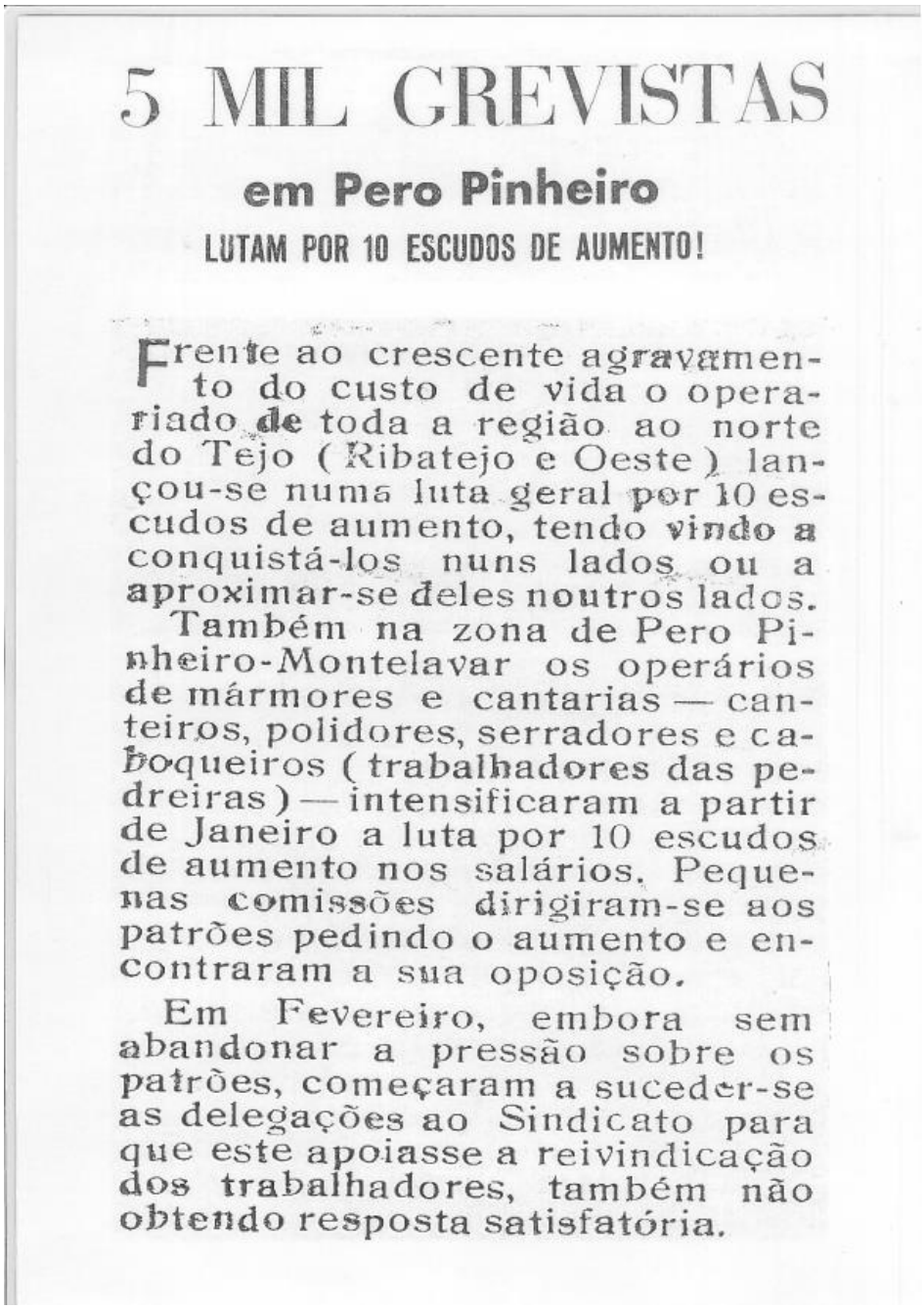
Vivam os 5.000 grevistas de P.Pinheiro
Viva a solidariedade e unidade dos oprimidos!

21 de Maio de 1965

Um organismo dos arredores de Lisboa do Partido Comunista Português

GES PCP

Figura 52- "5 mil grevistas em Pero Pinheiro lutam por 10 escudos de aumento!", maio 1965. PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



5 MIL GREVISTAS

em Pero Pinheiro

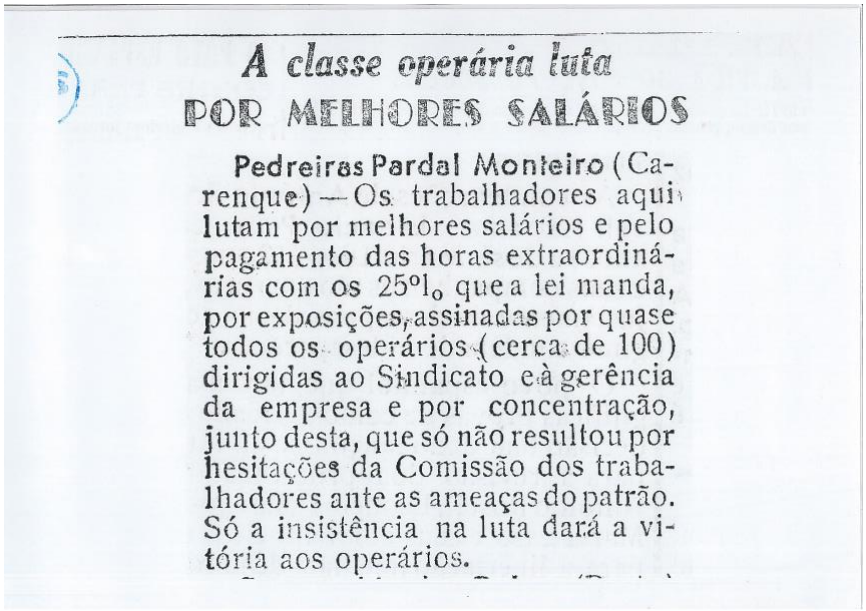
LUTAM POR 10 ESCUDOS DE AUMENTO!

Frente ao crescente agravamento do custo de vida o operariado de toda a região ao norte do Tejo (Ribatejo e Oeste) lançou-se numa luta geral por 10 escudos de aumento, tendo vindo a conquistá-los nuns lados ou a aproximar-se deles noutros lados.

Também na zona de Pero Pinheiro-Montelavar os operários de mármores e cantarias — canteiros, polidores, serradores e caboqueiros (trabalhadores das pedreiras) — intensificaram a partir de Janeiro a luta por 10 escudos de aumento nos salários. Pequenas comissões dirigiram-se aos patrões pedindo o aumento e encontraram a sua oposição.

Em Fevereiro, embora sem abandonar a pressão sobre os patrões, começaram a suceder-se as delegações ao Sindicato para que este apoiasse a reivindicação dos trabalhadores, também não obtendo resposta satisfatória.

Figura 53- "A classe operária luta por melhor salários", maio 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

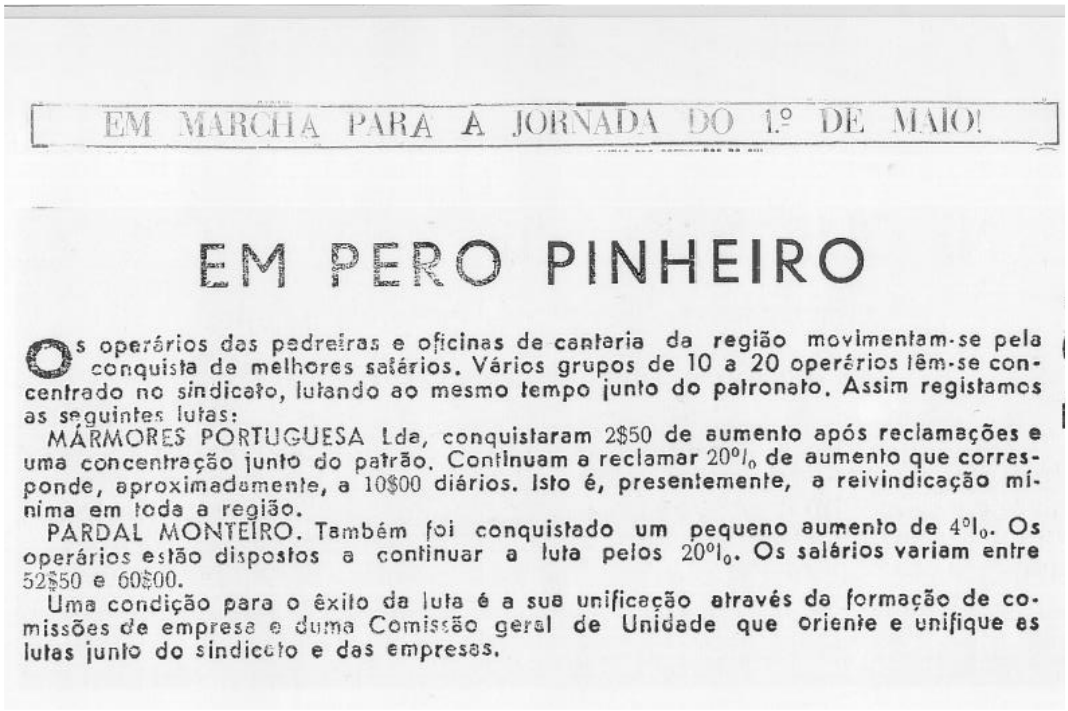


A classe operária luta

POR MELHORES SALÁRIOS

Pedreiras Pardal Monteiro (Carenque) — Os trabalhadores aqui lutam por melhores salários e pelo pagamento das horas extraordinárias com os 25% que a lei manda, por exposições, assinadas por quase todos os operários (cerca de 100) dirigidas ao Sindicato e à gerência da empresa e por concentração, junto desta, que só não resultou por hesitações da Comissão dos trabalhadores ante as ameaças do patrão. Só a insistência na luta dará a vitória aos operários.

Figura 54- "Em marcha para a jornada do 1º de maio", 1965 (?). PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.



EM MARCHA PARA A JORNADA DO 1.º DE MAIO!

EM PERO PINHEIRO

Os operários das pedreiras e oficinas de cantaria da região movimentam-se pela conquista de melhores salários. Vários grupos de 10 a 20 operários têm-se concentrado no sindicato, lutando ao mesmo tempo junto do patronato. Assim registamos as seguintes lutas:

MÁRMORES PORTUGUESA Lda, conquistaram 2$50 de aumento após reclamações e uma concentração junto do patrão. Continuam a reclamar 20% de aumento que corresponde, aproximadamente, a 10$00 diários. Isto é, presentemente, a reivindicação mínima em toda a região.

PARDAL MONTEIRO. Também foi conquistado um pequeno aumento de 4%. Os operários estão dispostos a continuar a luta pelos 20%. Os salários variam entre 52$50 e 60$00.

Uma condição para o êxito da luta é a sua unificação através da formação de comissões de empresa e duma Comissão geral de Unidade que oriente e unifique as lutas junto do sindicato e das empresas.

Figura 55- "5 mil grevistas em Pero Pinheiro lutam por 10 escudos de aumento", Jornal Avante, nº 334, Ano 34- série VI, junho 1965. Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar.

ANO 34 — SÉRIE VI — Nº 334 JUNHO DE 1965 PREÇO: 1$00

Proletários de todos os países, UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

LIBERDADE PARA JOSÉ VITORIANO!

Cresce a luta por aumento geral de salários, jornas e ordenados

5 MIL GREVISTAS

em Pero Pinheiro

LUTAM POR 10 ESCUDOS DE AUMENTO!

CHOQUES NAS RUAS COM AS FORÇAS REPRESSIVAS

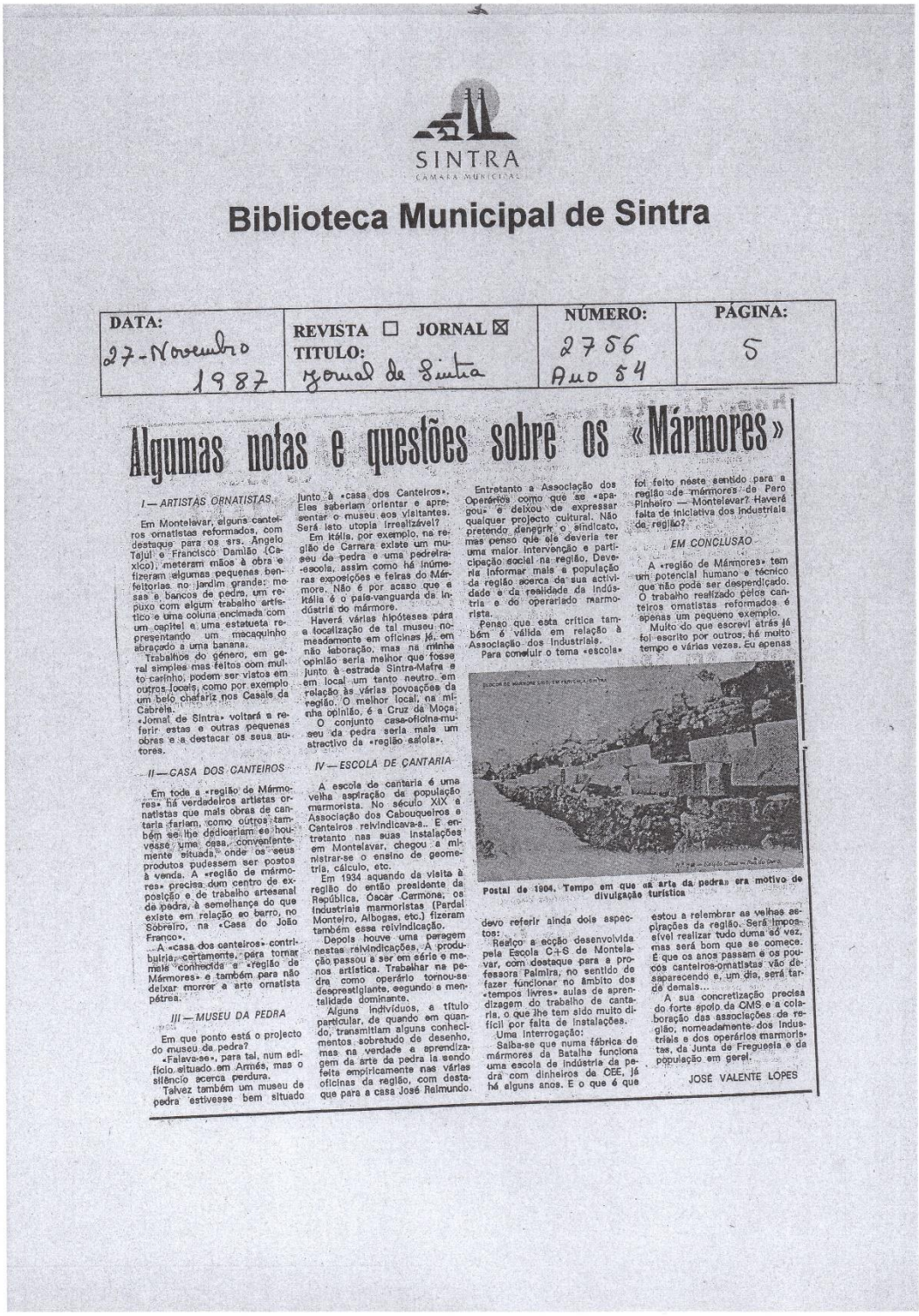
A LUTA CONTINUA!

O 1.º DE MAIO DE 1965

FOI UMA GRANDE JORNADA DE LUTA E REIVINDICAÇÕES

bandos de *«pombos sem asas»* (pedras) lançadas pelos manifestantes. Daí à greve foi um fósforo e, a 19 de Maio de 1965, 5000 operários iniciaram a sua forma superior de luta até 2 de Junho. Bem tentaram intimidá-los: mobilizaram uma força de 300 homens da GNR; colocaram no terreno uma chusma de *pides*, chefiados pelo inspector Fiuza; o patronato vacilante, foi proibido de acolher as exigências operárias e, enquanto aumentava o número de grevistas presos, os sindicalistas do regime procuravam quebrar a unidade e determinação dos trabalhadores. Mas, cônscios das suas limitações e face às dificuldades de subsistência, o Comité de Greve reuniu em 1 de Junho, consultou os grevistas e decidiu-se recuar, temporariamente, passando-se a recusar horas extraordinárias até à conquista do objectivo de tantos sacrifícios. O PCP acompanhara-os desde a primeira hora, construíra convergências, recolhera donativos, e o seu Comité Local permaneceu na primeira linha do combate operário. Desses homens anónimos e protagonistas das lutas sintrenses na década de 50, sobrevivem na memória das gentes de Montelavar e Pêro Pinheiro: o Sabino, da Cabrela; o António Estêvão, fogueteiro de Montelavar; o Victor Silva, o Salvador, o Jaime, de Anços, o Leitão sapateiro da Fação, e tantos outros que, de tanto trabalharem as pedras, as ensinaram a voar contra **o Capital**.

Figura 56- «Algumas notas e questões sobre os "Mármores"», Jornal de Sintra, nº 2756, Ano 54, p.5, 27 novembro 1987.



SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
27-Novembro 1987	TITULO: Jornal de Sintra	2756 Ano 54	5

Algumas notas e questões sobre os «Mármores»

I — ARTISTAS ORNATISTAS

Em Montelavar, alguns canteiros ornatistas reformados, com destaque para os srs. Ângelo Tajul e Francisco Damião (Caxico), meteram mãos à obra e fizeram algumas pequenas benfeitorias no jardim grande: mesas e bancos de pedra, um repuxo com algum trabalho artístico e uma coluna encimada com um capitel e uma estatueta representando um macaquinho abraçado a uma banana.

Trabalhos do género, em geral simples mas feitos com muito carinho, podem ser vistos em outros locais, como por exemplo um belo chafariz nos Casais da Cabrela.

«Jornal de Sintra» voltará a referir estas e outras pequenas obras e a destacar os seus autores.

II — CASA DOS CANTEIROS

Em toda a «região de Mármores» há verdadeiros artistas ornatistas que mais obras de cantaria fariam, como outros também se lhe dedicariam se houvesse uma casa, convenientemente situada, onde os seus produtos pudessem ser postos à venda. A «região de mármores» precisa dum centro de exposição e de trabalho artesanal de pedra, à semelhança do que existe em relação ao barro, no Sobreiro, na «Casa do João Franco».

A «casa dos canteiros» contribuiria, certamente, para tornar mais conhecida a «região de Mármores» e também para não deixar morrer a arte ornatista pétrea.

III — MUSEU DA PEDRA

Em que ponto está o projecto do museu da pedra?

«Falava-se», para tal, num edifício situado em Armés, mas o silêncio acerca perdura.

Talvez também um museu de pedra estivesse bem situado junto à «casa dos Canteiros». Eles saberiam orientar e apresentar o museu aos visitantes. Será isto utopia irrealizável?

Em Itália, por exemplo, na região de Carrara existe um museu da pedra e uma pedreira-escola, assim como há inúmeras exposições e feiras do Mármore. Não é por acaso que a Itália é o país-vanguarda da indústria do mármore.

Haverá várias hipóteses para a localização de tal museu nomeadamente em oficinas já, em não laboração, mas na minha opinião seria melhor que fosse junto à estrada Sintra-Mafra e em local um tanto neutro em relação às várias povoações da região. O melhor local, na minha opinião, é a Cruz da Moça.

O conjunto casa-oficina-museu da pedra seria mais um atractivo da «região saloia».

IV — ESCOLA DE CANTARIA

A escola de cantaria é uma velha aspiração da população marmorista. No século XIX a Associação dos Cabouqueiros e Canteiros reivindicava-a. E entretanto nas suas instalações em Montelavar, chegou a ministrar-se o ensino de geometria, cálculo, etc.

Em 1934 aquando da visita à região do então presidente da República, Óscar Carmona, os industriais marmoristas (Perdal Monteiro, Alboges, etc.) fizeram também essa reivindicação.

Depois houve uma paragem nestas reivindicações. A produção passou a ser em série e menos artística. Trabalhar na pedra como operário tornou-se desprestigiante, segundo a mentalidade dominante.

Alguns indivíduos, a título particular, de quando em quando, transmitiam alguns conhecimentos sobretudo de desenho, mas na verdade a aprendizagem da arte de pedra la sendo feita empiricamente nas várias oficinas da região, com destaque para a casa José Raimundo.

Entretanto a Associação dos Operários como que se «apagou» e deixou de expressar qualquer projecto cultural. Não pretendo denegrir o sindicato, mas penso que ele deveria ter uma maior intervenção e participação social na região. Deveria informar mais a população da região acerca da sua actividade e da realidade da indústria e do operariado marmorista.

Penso que esta crítica também é válida em relação à Associação dos Industriais.

Para concluir o tema «escola» devo referir ainda dois aspectos:

Realço a acção desenvolvida pela Escola C+S de Montelavar, com destaque para a professora Palmira, no sentido de fazer funcionar no âmbito dos «tempos livres» aulas de aprendizagem do trabalho de cantaria, o que lhe tem sido muito difícil por falta de instalações.

Uma interrogação:

Saiba-se que numa fábrica de mármores da Batalha funciona uma escola de indústria da pedra com dinheiros da CEE, já há alguns anos. E o que é que foi feito neste sentido para a região de mármores de Pero Pinheiro — Montelavar? Haverá falta de iniciativa dos industriais da região?

Postal de 1904. Tempo em que «a arte da pedra» era motivo de divulgação turística

EM CONCLUSÃO

A «região de Mármores» tem um potencial humano e técnico que não pode ser desperdiçado. O trabalho realizado pelos canteiros ornatistas reformados é apenas um pequeno exemplo.

Muito do que escrevi atrás já foi escrito por outros, há muito tempo e várias vezes. Eu apenas estou a relembrar as velhas aspirações da região. Será impossível realizar tudo duma só vez, mas será bom que se comece. É que os anos passam e os poucos canteiros-ornatistas vão desaparecendo e, um dia, será tarde demais...

A sua concretização precisa do forte apoio da CMS e a colaboração das associações da região, nomeadamente dos industriais e dos operários marmoristas, da Junta de Freguesia e da população em geral.

JOSÉ VALENTE LOPES

Figura 57- "Festejos de Montelavar apostam no seu mármore", Correio da Manhã, 25 setembro 1989.

REVISTA DE IMPRENSA
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

36

PUBLICAÇÃO	DATA	CLASSIFICAÇÃO
CORREIO DA MANHÃ	89/09/25	ANIMAÇÃO CULTURAL

FESTEJOS DE MONTELAVAR APOSTAM NO SEU MÁRMORE

RELANÇADOS em 1985, os Festejos de S. Mateus, na freguesia de Montelavar, aliaram a sua tradição de transformação do mármore à necessidade que as forças vivas locais sentiram em adquirir as receitas necessárias para a construção de novas instalações para os Bombeiros Voluntários de Montelavar e para a Sociedade Filarmónica da freguesia.

De forma a aliar o motivo do ressurgimento destas festas à possibilidade de aproveitá-las para se divulgar a principal componente industrial da zona, um membro da organização revela que "o grande sonho é de, nestes festejos, demonstrarmos as capacidades artísticas de tratamento do mármore que existem na região". Nesse sentido, o ajudante de Comando dos Bombeiros Voluntários de Montelavar revela que nos próximos anos os festejos incidirão sobre a divulgação desses valores.

Estes dez dias de festa, que encheram de cor a aridez das terras daquela freguesia de Sintra, chamaram a Montelavar milhares de curiosos de todo o concelho de Sintra e de Lisboa para participarem nas actividades culturais e desportivas que ali se realizaram.

Para além destas iniciativas e dos inevitáveis comes-e-bebes, a organização aproveitou esta ocasião para sensibilizar as populações para os malefícios do consumo de drogas, convidando especialistas do "Patriarche" de Torres Vedras.

Se esta palestra não teve a aderência de público que a comissão esperava, a campanha de recolha de sangue, realizada no Salão de Convívio para a 3ª Idade, "conseguiu a participação da população devido ao esclarecimento que foi feito feito através de folhetos do Instituto Nacional de Sangue, explicando que dar sangue não faz mal à saúde", acentua o ajudante de Comando dos bombeiros locais.

Sensibilizar os artesãos

Os artesãos da freguesia "são rudes como o mármore que trabalham", considera o ajudante de Comando dos bombeiros ao classificar a compreensiva falta de formação que aqueles homens têm nas vantagens de se divulgar as maravilhosas peças que fabricam. Os organizadores, conscientes dos benefícios económicos que a freguesia tem em dar a conhecer o trabalho dos seus artesãos, vão tentar transformar os Festejos de S. Mateus num grande Salão de demonstração dessas acividades.

Desta forma, vão sensibilizar os artesãos a mostrar as suas criações, no sentido de permitirem que a freguesia aproveite as potencialidades naturais que possui. "Os canteiros da região têm a capacidade de transformar o mármore em bruto em peças de incrível valor artístico, nós podemos criar os meios que possibilitem a sua difusão", acrescentam.

Segundo a mesma fonte, já foram feitos vários contactos com a indústria local de forma a permitir que esse "sonho" se torne realidade. No entanto, este organizador considera que as possibilidades da freguesia são insuficientes e que, como tal, terão de surgir mais apoios. "Para inserirmos esta nova componente nas festas temos de fazer com que ela seja incluída no programa e orçamento da Câmara, para obtermos os apoios que nos permitam arrancar", consideram ainda os organizadores dos Festejos de S. Mateus.

A já citada fonte dos bombeiros locais revelou ao "CM" que, durante o mês de Novembro ou Dezembro próximos, a Associação Industrial Portuguesa e a ASSIMAGRA (Associação Industrial de Mármores e Granitos) serão contactadas no intuito de concederem os apoios complementares que a comissão de festas considera necessários para a concretização dessa grande exposição artística dos trabalhos dos canteiros da região.

As festas de S. Mateus voltarão a realizar-se no próximo ano, no mês de Setembro, tendo como palco aquela freguesia de Sintra. Desde 1910 que as festas não se realizavam. Em 1985, a população exigiu o seu regresso.

Figura 58- "Mármore português- uma indústria em franca expansão", Jornal Sintra Ilustrado, p. 8 12 outubro 1989.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
12-10-1989	Sintra Ilustrado		8-9 (Continua)

- MÁRMORE PORTUGUÊS - Uma Indústria em franca expansão

Quando se ouve falar em Mármores, a primeira ideia que se nos ocorre é a de um grande bloco de pedra, de uma poucas de toneladas, que para pouco mais serve do que para fabricar pedras tumulares. Ora, como a indústria do Mármore, não só tem muitas utilidades, como também faz parte dos inúmeros complexos fabris existentes no nosso Concelho, o objectivo deste trabalho é o de aprofundar o pouco que se conhece sobre este ramo da nossa indústria.

Para tal, dirigimo-nos à Associação Portuguesa dos Industriais de Mármores, Granitos e Ramos Afins - ASSIMAGRA, onde falámos com Manuel Brito, um empregado do sector administrativo, visto que nos foi impossível falar com o membros da Directoria, que se encontravam ausentes.

manuel Brito acedeu em dar-nos alguns pormenores sobre a referida Indústria, técnicos e de carácter organizativo e comercial.

TIPOS DE MÁRMORE EXISTENTES EM PORTUGAL

A pedra Mármore não é una, ou seja, existem uma variedade de mármores diferentes, quer em contextura, quer em cor.

No nosso país, existem várias pedreiras marmorificas, de Norte a Sul; em Trás-os- Montes, por exemplo, existem os Granitos, assim como também os há um pouco mais para baixo, na região do Porto. Já na região de Leiria e Porto-Mós, há um outro tipo de Mármore, que é chamado Creme e pertence ao grupo da pedra Sedimentar. O Mármore violeta é originário da região de Pero Pinheiro, mas a grande zona marmorífica do país é o Alentejo; Borba, Estremoz e Vila Viçosa formam o 'Triângulo Branco", nome pelo qual são conhecidas as pedreiras que se encontram nessa área; e os mármores rosas são igualmente do Alentejo, da zona de Portalegre.

Existem, pois, diversos tipos de Mármore em Portugal e uma quantidade razoável de pedreiras, tendo em conta a dimensão do nosso país.

PERO PINHEIRO: A TRANSFORMAÇÃO DO MÁRMORE

Zona de Mármores é Pero Pinheiro; é nesta freguesia e Vila que se faz a transformação do bidco de pedra bruto em matéria acabada. Existem centenas de empresas ligadas ao Mármore, em Pero Pinheiro, quer ligadas ao corte da pedra, quer ao produto acabado, quer ainda à extracção; umas maiores e desenvolvidas, outras menores, mas todas vitalmente necessárias para o desenvolvimento do ramo marmorífico a nível concelhio e até a nível nacional.

No entanto, parece que a designação de Mármore não estará muito correcta em relação à pedra que se extrai na região de Pero Pinheiro; para confirmar esta afirmação, vamos citar uma passagem da revista "A Pedra", referente ao período Outubro a Dezembro, publicação trimestral da propriedade da Associação Portuguesa de Industriais de Mármores, Granitos e Ramos Afins - ASSIMAGRA: "Calcários microcristalinos de Pero Pinheiro - chamados impròpriamente "Mármores", têm coloração creme marfim avermelhada, por vezes quase violeta (...)

Assim vimo-nos obrigados a concluir que Pero Pinheiro não é zona de Mármores, mas sim de Calcários microcristalinos!

A EXPORTAÇÃO DO MÁRMORE

O que nos foi dado a conhecer pelo Sr. Manuel Brito sobre a exportação de Mármore, levou-nos a concordar com a sua afirmação de que a Indústria do Mármore conhece, no momento, uma fase de grande expansão. De facto segundo as palavras do administrativo, Portugal exporta esta pedra para diversos países, Europeus e não só; a Espanha é o nosso melhor cliente, principalmente pelo facto de estarmos tão próximos dela e o transporte não trazer, assim, grandes encargos. Mas nossos clientes são também a Itália, o brasil, e os estados Unidos, entre outros.

Mas Portugal também importa Mármore, de tipos não existentes no país, para cá ser trabalhado e reexportado, posteriormente, como produto acabad. Este processo é possível através de um acordo entre Portugal e empresas estrangeiras do ramo, obviamente interessados em tal paralelo.

A empresa responsável pela exportação de Mármore Português é a NIERO - Núcleo da Indústria Exportadora de Rochas Ornamentais, que conta com a colaboração de cerca de 60 outras empresas exportadoras.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INDUSTRIAIS DE MÁRMORES, GRANITOS E RAMOS AFINS

ASSIMAGRA: UM BREVE APONTAMENTO

São cerca de 500 os associados da ASSIMAGRA, que conta com dez mil trabalhadores ligados ao Mármore. O corpo directivo é composto pelo presidente, João José Canhoto da Saúde e pelo Director Delegado, o engenheiro António Fernandes. Funciona em Lisboa e trata de todos os assuntos relacionados com a Indústria da Pedra Mármore.

Promoveu já cursos de formação profissional (FSE, 87/88) e (FEDIP, a partir de 1988), que visam o melhoramento da qualidade do trabalho em pedra e têm ainda outros projectos em vista, dos quais Manuel Brito não se achou habilitado a falar.

Tem uma publicação trimestral, a revista "A Pedra", que funciona em regime de assinantes e que conta com o apoio do ICEP e do IAPMEI.

A acrescentar, haveria ainda muito mais, pois este assunto é muito

Figura 59- "Centro de Escultura mostra nascimento de preciosidades em pedra", A Capital, p.10, 30 novembro 1992.

REVISTA DE IMPRENSA
Câmara Municipal de Sintra
Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

92/11/30
pag. 10/11

CULTURA

A CAPITAL (1)

Regiões Autónomas ☐ Regional ☐ Mensal ☐ Semanário ☐ Diário X

CENTRO DE ESCULTURA MOSTRA NASCIMENTO DE PRECIOSIDADES EM PEDRA

Artistas querem Pêro Pinheiro como «Carrara portuguesa»

FÁBRICA «VIRA BERÇO» DE ARTE

NO Centro Internacional de Escultura, em Pêro Pinheiro, não é preciso pagar bilhete para ver, em directo, o espectáculo da criação artística: «ateliers» em actividade, equipamentos de trabalho em funcionamento e a pedra a ser transformada, ali mesmo, ao alcance do olhar e até das mãos de quem passa. Vale a pena abalar de Lisboa para repousar neste autêntico «berço» de arte. Inserido naquele que é o maior centro de transformação da pedra do País, ali coexistem artistas estrangeiros e portugueses, profissionais consagrados e jovens assistentes que, não raras vezes, acabam por traçar o seu próprio caminho e ganham um espaço de exposição no centro. Depois, quem sabe?...

«O artista sai sempre beneficiado», sublinha Moisés, escultor e um dos quatro sócios-fundadores. De resto, os números falam por si: cerca de 15 visitas por dia e pelo menos duas peças vendidas por semana. As obras, essas, podem ir desde os 15 aos 1000 contos e durante todo o ano há pelo menos cem exemplares em permanente exposição-venda.

Importante é, sem dúvida, o ar pouco formal que ali se respira. Exemplo disso, a indumentária do nosso interlocutor mostra-se farta em vestígios de um pó branco que se vê um pouco por todo o lado, mas sobretudo junto do local onde a pedra é primeiramente tratada. A intimidade do contacto entre os artistas e os visitantes é decisiva para conquistar potenciais compradores. Moisés confirma: «Enquanto uma galeria só informa acerca das obras e dos seus autores, aqui, além disso, as pessoas podem apreciar "in loco" o viveiro dos artistas e seguir de perto o seu trabalho.»

«O artista sai sempre beneficiado», garante Moisés, um dos sócios fundadores do Centro Internacional de Escultura

Esta é seguramente uma das explicações possíveis para o êxito deste centro que, desde 28 de Janeiro deste ano, ganhou o estatuto de associação privada sem fins lucrativos. A sua natureza cultural ganha especial importância numa região «pobre culturalmente» e onde abundam as fábricas de transformação da pedra. Os seus objectivos são claros e constam dos estatutos: «Criar condições para o desenvolvimento da actividade da escultura; cooperar a nível nacional e internacional com pessoas e organizações que prossigam objectivos semelhantes; contribuir para a criação de um centro da pedra referenciado a Pêro Pinheiro; ser um espaço aberto de pesquisa, encontro e reflexão; bem como ser uma estrutura de formação para os associados e outros.»

Prestes a cumprir um ano de existência enquanto associação, o Centro Internacional de Escultura já demonstrou ter argumentos capazes de justificar o visível entusiasmo dos seus responsáveis. Muito já foi feito, mas muito há ainda para fazer. Não faltam projectos e até mesmo um sonho: o de conseguir instalações próprias para a arte a que se dedicam.

História de interajuda

De facto, o amplo espaço onde funciona actualmente o Centro não passava de mais uma fábrica há três anos atrás, quando começa a sua história. Por essa altura, o proprietário, um empresário da região, foi alugando diversas partes da mesma a quem se mostrava interessado. Foi assim que a escultora Clara Meneres fez de um velho barracão o seu «atelier», enquanto Moisés fazia outro tanto num espaço quase contíguo.

Agora, olhando para o local onde tudo começou, o escultor, finalista do Curso de Escultura da Escola de Belas-Artes de Lisboa, recorda que «o trabalho foi aumentando e o espaço diminuindo», pelo que decidiram alargar os seus domínios alugando outras áreas próximas. Depois, descobriram que «não se justificava ter equipamentos vários, materiais diversos, empilhadores e outros instrumentos de trabalho só para usufruto de uma única pessoa», já que muitas vezes, tais recursos «só são utilizados uma ou duas vezes ao longo da semana».

A esta necessidade de partilhar o espaço e os utensílios utilizados para trabalhar a pedra, veio-se juntar outra, naturalmente: a de dividir os «acontecimentos», isto é exposições, mostras e outras formas de dar a conhecer o trabalho dos artistas ali reunidos.

O projecto foi crescendo em termos de dimensões e de pessoas envolvidas. Definir algumas regras de funcionamento e coexistência tornou-se uma necessidade, à qual a constituição em associação foi a resposta encontrada. «Agora, o centro já possui uma dinâmica interna», salienta Moisés, adiantan-

(Continua na pág. seguinte)
CTb. no interior)

Figura 60- "Centro de Escultura mostra nascimento de preciosidades em pedra", A Capital, p.11, 30 novembro 1992.

REVISTA DE IMPRENSA
Câmara Municipal de Sintra
Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

92/11/30

pag. 10/11

CULTURA

A CAPITAL (2)

Regiões Autónomas ☐ Regional ☐ Mensal ☐ Semanário ☐ Diário X

do que entre os visitantes se contam muitos galeristas, que passaram a frequentar o local para seleccionar obras que lhes interessem e combinar as condições com os artistas. Enfim, a multiplicação de contactos não pára e é uma constatação animadora.

Carrara portuguesa

Apesar do objectivo de vender estar sempre presente, é errado pensar no Centro Internacional de Escultura em termos de produção industrial. «Não temos fins lucrativos, o que obtemos em receitas é para cobrir as despesas de funcionamento», ressalva Moisés.

Actualmente, funcionam ali sete «ateliers», «que dão para 17 artistas à vontade». Paga-se uma renda mensal de 25 contos, o que dá direito «entre outras coisas, a ar comprimido, electricidade, apoio logístico e contactos». Algumas destas oficinas são volantes ou seja, são utilizados apenas por algum tempo, estando neste caso, sobretudo, os artistas estrangeiros.

«Interessa-nos muito ter cá artistas estrangeiros, não só para trocar conhecimentos e experiências mas também para promover os materiais nacionais, nomeadamente o mármore», explica Moisés, acrescentando, com ar confiante: «O objectivo é mesmo transformar Pêro Pinheiro numa Carrara portuguesa» (localidade italiana famosa pela perfeição dos seus mármores).

Neste momento, encontram-se no centro seis artistas estrangeiros, aguardando-se a chegada de mais dois para breve. Esta afluência poderá ter como contrapartida não só o seu próprio aumento como também o abrir de portas lá fora. A oferta de boas condições de trabalho é, pois, indispensável para concretizar aquilo que Moisés anuncia para breve: «1993 será um ano de forte penetração do centro no estrangeiro.» Em preparação, adianta o escultor, estão programas com países africanos de língua oficial portuguesa – por exemplo, acções de formação em Cabo Verde – mas também com países europeus como a Alemanha e a Bélgica.

O Centro Internacional de Escultura pretende arrancar, igualmente no próximo ano, com cursos de iniciação «para pessoas que trabalham muito com a cabeça».

No Centro Internacional de Escultura, em Pêro Pinheiro, as portas estão abertas aos visitantes, que ali podem contactar com os artistas e ver como as obras de arte são resgatadas à pedra

«Porque não experimentar?», pergunta Moisés dirigindo-se a todos aqueles que «pretendem descontrair-se através da arte, mesmo que nunca tenham tido qualquer contacto com a escultura». «Talvez até descubram em si capacidades que desconheciam possuir», acrescenta o artista, revelando que esta iniciativa deverá prolongar-se ao longo do ano, mas só aos fins-de-semana.

«Dar o salto»

O centro, que dispõe de um refeitório, uma cozinha, três pequenos vestiários e instalações sanitárias, projecta a construção de uma escola de formação profissional, cujos cursos foram já alvo de candidatura ao Centro de Emprego e Formação Profissional. Assegurada está também a ligação prática ao modo de vida característico de Pêro Pinheiro, já que os formandos irão depois estagiar para as empresas locais de transformação da pedra. Outro objectivo é a instalação de um estúdio de fotografia para fazer o registo visual das obras e iniciativas que forem sendo realizadas, para além da remodelação de alguns espaços interiores.

Para concretizar estes anseios não chega o dinheiro obtido no dia-a-dia. Num futuro próximo, os responsáveis do centro contam com um subsídio da Fundação Gulbenkian para seguir em frente. «O que pretendemos de momento é consolidar esta estrutura, e aperfeiçoar o seu modelo de funcionamento colectivista, que se quer afirmar de forma autónoma. A partir daí, com a experiência já obtida, poderemos dar o salto desejado», esclarece Moisés.

Até agora «tudo tem corrido bem». Mas o facto de as instalações do centro não serem de origem obriga ao aluguer de mais espaços e, consequentemente, a novas rendas. «Actualmente, pagamos 300 contos por mês em aluguer», revela aquele sócio-fundador, sublinhando que «com instalações próprias poderíamos aproveitar este dinheiro para outras acções, por exemplo, daria para realizar duas boas exposições no estrangeiro».

Mas isso é o sonho. Por enquanto, os artistas que trabalham a pedra no Centro Internacional de Escultura continuam a fazer aquilo que faziam aquando do nascimento da instituição: ajudam-se, partilham ferramentas e acontecimentos. E, assim, vão ajudando os outros também.

(Continua na pág. seguinte)

15

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

Figura 61- "Centro de Escultura mostra nascimento de preciosidades em pedra", A Capital, p.12, 30 novembro 1992.

REVISTA DE IMPRENSA
Câmara Municipal de Sintra
Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

92/11/30
pag. 10/11

CULTURA

A CAPITAL (3)

Regiões Autónomas ☐ Regional ☐ Mensal ☐ Semanário ☐ Diário X

Nos «ateliers», jovens assistentes ajudam os artistas mais experientes e, não raras vezes, criam o seu próprio estilo

PROPOSTA SATISFAZ VASTO LEQUE DE SENSIBILIDADES

EXPOSIÇÃO COLECTIVA CRUZA «LINGUAGENS»

As salas de exposição são, no Centro Internacional de Escultura, os locais onde menos se nota a presença do pó resultante do trabalho da pedra. Existem duas: uma destinada a artistas iniciados, ainda à procura de uma linguagem própria, onde abundam objectos utilitários que revelam a aproximação entre a escultura e o «design», e outra, preenchida por obras de consagrados, para a qual existem critérios rigorosos de selecção. Esta última tem patente ao público, desde o passado sábado, uma exposição colectiva onde o cruzamento de diversas «linguagens» pode ser capaz de satisfazer um vasto leque de sensibilidades.

Na mostra participam três dos quatro sócios fundadores do centro – Clara Menéres, Jorge Camões e Moisés (o outro é Wolter Arinos, que deverá encarregar-se do projectado estúdio de fotografia) – e ainda Miguel Palma, Cristina Ataíde e Sebastião Resende, este proveniente do Porto.

«Sentimos necessidade de juntar diferentes linguagens e perspectivas, o que, de facto, se conseguiu se olharmos para a grande variedade de obras expostas», afirma Moisés, simultaneamente participante e organizador do evento.

Clara Menéres apresenta duas peças fundamentalmente realizadas em mármore e néon, na continuidade da sua pesquisa, e uma outra onde integra o veludo e o espelho, que assinala outros meios de incorporação da luz na escultura, uma preocupação que vem denotando nos últimos anos. Por seu turno, Cristina Ataíde surge representada com duas peças de expressão minimalista, onde prossegue uma particular aproximação entre o «design» e a escultura.

Jorge Camões constrói, com uma instalação e outras peças de ferro e bronze, uma pessoal relação de equilíbrio entre elementos naturais e a simulação destes. Os jogos mecânicos servem de base inventiva a Miguel Palma, que surge nesta exposição com esculturas em cimento e ferro. Moisés, com a sua conhecida escultura festiva de estranhos objectos ludicamente articulados, confirma um domínio técnico e imaginativo dos materiais. Finalmente, Sebastião Resende apresenta duas peças em poliester que retomam a ambiência misteriosa dos seus impositivos objectos. Esta exposição colectiva de escultura pode ser visitada, até ao fim do ano, de terça-feira a sábado, das 15 às 20 horas, no Centro Internacional de Escultura, em Pêro Pinheiro.

Gabinete de Relações Públicas e Comunicação Social

16

Figura 62- "Mármoremoto", Jornal A Pena, nº 8, p.2, 8 abril 1993.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
8-Abril 1993	TÍTULO: A Pena	N-8	(Continua) 2

Crise dos mercados pode levar ao encerramento de empresas em Pero Pinheiro

Mármoremoto

EXCLUSIVO

Rui Moreira

Em Pero Pinheiro vivem-se tempos de crise. A Pardal Monteiro, uma das maiores empresas da indústria dos mármores, já começou a despedir trabalhadores e outras há com salários em atraso. A situação é tal, que há mesmo quem receie que venham a ocorrer falências durante os próximos meses. Mais ameaçadas, estão as grandes empresas que se dedicam à exportação. Mas há também quem duvide de tanto alarmismo.

A crise já chegou à industria dos mármores de Pero Pinheiro. Despedimentos de trabalhadores e empresas com salários em atraso são algumas das situações que fazem já parte do quotidiano daquela que é a indústria de maior peso no concelho de Sintra. A situação que se vive actualmente naquele sector parece ser de tal modo grave que, entre as fontes ligadas àquela indústria contactadas pela A PENA, houve mesmo quem garantisse ser apenas uma questão de poucos meses até que surjam os primeiros casos de empresas a serem obrigadas a encerrar as suas portas. Irónico, ou talvez, não, é o facto de as grandes empresas, aquelas que se dedicam à exportação e que, portanto movimentam maiores quantias, serem precisamente as que se encontram em piores lençóis. E onde os riscos de falências, a médio e mesmo a curto prazo, são bem maiores.

As principais causas apontadas pelos industriais para justificar a crise que se vive actualmente no sector são várias e de âmbito diverso. A nível externo, prendem-se com a crescente tendência para a contracção dos mercados internacionais, sobretudo da Europa, mesmo daqueles que até agora eram tidos como cem por cento seguros, enquanto por cá, é o aumentar das dificuldades no acesso à habitação que parece reunir o maior consenso entre os empresários.

Guerra do Golfo foi tiro de partida

Os primeiros sinais de crise surgiram em 1990, com o eclodir da Guerra do Golfo. Apesar de os países árabes não constituirem, por excelência, um dos mercados privilegiados dos industriais portugueses ligados aos mármores, o facto é que o conflito que opôs as forças aliadas ao exército de Saddam acabou por resultar no tiro de partida para a actual crise que se vive naquele sector.

Porque embora os empresários de Pero Pinheiro não desenvolvessem relações comerciais directas com esses países, faziam-o indirectamente, através de outros países do Sul da Europa. Sobretudo, através da Itália, país cujo volume de importações de mármores portugueses tinha em conta não apenas o abastecimento do seu mercado nacional, mas também a (re)exportação para os países do Norte de África. Ora, com o estalar da guerra, que tornou instável toda aquela região, este "triângulo" comercial deixou de ser possível, o que veio, inevitavelmente, reduzir o volume de negócios entre aquele país mediterrânico e os empresários de Pero Pinheiro.

Se a tudo isto somarmos o facto de a Itália constituir, até essa data, precisamente o maior cliente da indústria portuguesa dos mármores, torna-se fácil compreender os efeitos extremamente negativos que tal perda teve nos rendimentos das grandes empresas exportadoras.

Para piorar ainda mais as coisas, e numa altura em que industriais e empresários concentravam todas as suas atenções nos mercados europeus, eis que também aqui surgem os primeiros sinais de crise: desagregação e ruína da antiga União Soviética, guerra nos Balcãs, convulsões políticas, sociais e... económicas.

A recessão instalou-se e rapidamente se estendeu aos denominados "países ricos", de onde parece não pretender sair tão cedo. Países como a França, Inglaterra e Alemanha, que até há bem pouco tempo eram tidos como mercados sólidos, e portanto privilegiados dos industriais de Pero Pinheiro, deixaram de oferecer a mesma segurança do passado. Os entraves às importações começaram e nem os mármores escaparam às novas medidas proteccionistas.

Quebra de 30 por cento

Segundo cálculos que nos foram adiantados por um responsável da Irmãos Baptista, uma empresa exportadora que opera em Pero Pinheiro, apenas no último ano, aquela indústria terá registado uma quebra de aproximadamente 30 por cento do seu volume de negócios. O que, caso se verifique estarem correctas as estimativas que apontam para bastante perto (senão mesmo acima) dos 15 milhões de contos anuais... e líquidos os resultados obtidos em anos anteriores, equivale a dizer que, desde Abril de 1992 e até ao mesmo mês do presente ano, as empresas de Pero Pinheiro terão visto fugir-lhes das mãos qualquer coisa como 4,5 milhões de contos. Apenas.

De acordo com a explicação que nos foi adiantada pela fonte de Irmãos Baptista, esta quebra de rendimentos deve-se essencialmente ao facto de os mercados considerados tradicionais (Bélgica, Suécia, Espanha, França, Itália, Inglaterra e Alemanha) estarem a importar "muito menos do que anteriormente". Mas também, e conforme salientou, "porque os importadores cada vez retardam mais os seus pagamentos às empresas fornecedoras".

"Como vendem bastante menos, têm maiores dificuldades em pagar a quem lhes fornece, pelo que vão pedindo prazos cada vez maiores para saldarem as suas dívidas", esclareceu.

Esta atitude, segundo nos adiantaram diversos empresários por nós contactados, coloca sérias dificuldades às empresas nacionais, sobre-

E.N.

A crise já chegou às empresas dos mármores de Pero Pinheiro. 25 trabalhadores foram "despedidos" pela Pardal Monteiro

Figura 63- "Mármoremoto", Jornal A Pena, nº 8, p.3, 8 abril 1993.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
8-Abril 1993	A Pena	N-8	3

tudo àquelas que fazem da exportação a sua principal actividade. Porque obriga estas, face à inexistência de pagamentos, a recorrer ao crédito bancário como única forma de conseguirem manter os seus níveis de produção.

Trata-se de uma medida de último recurso que em nada agrada aos industriais dos mármores uma vez que, conforme se queixaram, os bancos nacionais cobram juros que, no seu entender, são "extremamente elevados, apenas contribuindo para o endividamento das empresas".

25 para o olho da rua

Face à inexistência de pagamentos e ao acumular de dívidas constantes, muitas são as grandes empresas que se vêm já na iminência de recorrer à dispensa de funcionários como forma de tentar equilibrar a balança.

E há já mesmo quem tenha optado por essa solução. A administração da Pardal Monteiro, uma das maiores empresas do concelho e uma das maiores do País no sector dos mármores, não esteve com meias medidas e colocou recentemente vinte e cinco dos seus trabalhadores no olho da rua. A PENA tentou, por diversas vezes, contactar a administração da empresa com vista a recolher algumas declarações sobre esta medida, mas todos os esforços efectuados nesse sentido revelaram-se infrutíferos.

Mas este não é o único caso de empresas com dificuldades na indústria dos mármores. Segundo revelou a A PENA fonte da delegação de Pero Pinheiro do Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Mármores e Madeiras do Distrito de Lisboa, pelo menos três outras empresas que laboram naquela freguesia têm salários por pagar aos seus funcionários.

No entanto, e apesar de todos os sinais apontarem nessa direcção, esta mesma fonte considera não existir uma verdadeira crise nas indústrias de Pero Pinheiro. Para aquele sindicalista, os despedimentos e os casos de atrasos no pagamento de salários são apenas "situações provocadas pelos próprios empresários".

Conforme explicou, "apesar de as empresas afirmarem que sim, que existe crise no sector, nós (sindicato) temos alguma dificuldade em acreditar nisso, pois sabemos que essas mesmas empresas amealharam em anos anteriores verbas com vista a fazerem face a uma crise que já previam". E adianta: "a verdade, é que aos industriais interessa-lhes que se acredite que existe crise, para assim poderem justificar com maior facilidade os despedimentos e os atrasos no pagamento de salários, que acabam por ser mera economia de gastos".

"Crise é real"

Em total desacordo com esta opinião está uma responsável pela Nunes & Filho, empresa sediada na Morelena. Instada a comentar estas declarações, prontificou-se a afirmar não acreditar que possam ter algum fundo de verdade, embora não se arrisque a falar por todos. Na opinião desta fonte, o que realmente se passou foi que as grandes empresas investiram os lucros obtidos nos anos que lhes foram favoráveis na actualização e modernização das suas instalações e maquinaria, pelo que, quando a crise despoletou, se encontraram sem meios financeiros para lhe fazer frente.

E em pior situação terão ficado as empresas que, tendo acumulado menos lucros, ou mesmo nenhuns, adoptaram a mesma política de modernização, para o que recorreram a empréstimos bancários. Como em vez dos lucros esperados obtiveram prejuízos, veem-se agora a mãos com dívidas bancárias de todo o tamanho e sem saber como as irão saldar. Daí que, segundo esta mesma fonte, "é bem provável que nos próximos tempos ocorram falências".

Aliás, esta foi uma previsão que mereceu a concordância da maioria das fontes por nós contactadas. Houve mesmo quem garantisse que, caso a actual conjuntura internacional não sofra alterações de vulto nos próximos meses, é mais que certo que haverá empresas em Pero Pinheiro que se verão obrigadas a encerrar as suas portas. E serão as "grandes" as primeiras a cair, segundo essa mesma fonte.

Marrocos pode ser solução

Uma medida que, no entender da fonte por nós contactada na Nunes & Filhos, poderá contribuir para aliviar o espectro que se abate actualmente sobre a indústria dos mármores de Pero Pinheiro é o, ainda por assinar, Acordo Luso-Marroquino. Trata-se de um acordo que está a ser negociado entre Portugal e Marrocos que, caso venha a ser concretizado, garantirá aos empresários portugueses o pagamento de taxas mais baixas nas exportações para aquele país do Norte de África. E que, por permitir o transporte directo dos produtos exportados, porá fim à necessidade de recorrer a países como a Itália para servirem de entreposto com o Continente africano.

Contudo, para que este acordo venha ainda a tempo de evitar as primeiras falências de empresas exportadoras, é urgente que seja concluído o mais brevemente possível. Daí, que seja com grande expectativa que os industriais de Pero Pinheiro têm acompanhado todo o processo. Porque o tempo urge.

Pequenas empresas também com problemas

Em situação algo mais desafogada, parecem estar as pequenas empresas, de cariz familiar. Com menos encargos, tanto em pessoal como em maquinaria, e menos ambições (apenas trabalham para o mercado nacional), estão em melhores condições para fazer frente à crise que se vive actualmente naquela indústria.

No entanto, nem tudo são rosas e também aqui as dificuldades existem. Conforme referiu Carlos Duarte, da empresa Amadeu Duarte e Carlos Fernando Duarte, localizada na Pedra Furada, "o facto de existir uma crise no sector da construção civil e de cada vez ser mais difícil o acesso à habitação, faz com que as pequenas e médias empresas dos mármores, que produzem exclusivamente para esse sector e apenas funcionam a nível nacional, tenham cada vez maiores dificuldades em escoar o seu produto".

Além disso, acrescenta, "a crise que se verifica actualmente entre as grandes empresas exportadoras levou a que os seus responsáveis se virassem em força para o mercado nacional, o que veio aumentar de forma significativa a concorrência nesse sector, colocando algumas dificuldades acrescidas às pequenas empresas".

Por estas e por outras é que Carlos Duarte afirma que "apesar de não se poder dizer que as pequenas e médias empresas estão propriamente em crise, também é certo que esta não é a altura mais indicada para surgirem novas empresas no mercado. As que surgirem agora vão ter muitas dificuldades para se conseguirem impôr e para arranjar compradores para os seus produtos", garantiu.

No último ano, os empresários de Pero Pinheiro viram fugir-lhes das mãos qualquer coisa como 4,5 milhões de contos

Figura 64- "Falências à vista", Jornal A Pena, nº (?), p.3, 14 outubro1993.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
14 - Outubro 1993	A Pena	N-8	3

cluindo, de um total de quarenta e dois funcionários da Tesouraria da Fazenda Pública actualmente existentes no concelho, apenas vinte irão conservar os seus postos de trabalho. Isto, num concelho com largas dezenas de milhares de contribuintes.

De volta à escravatura

Entrevistado pelo jornal A Pena, um tesoureiro-gerente, que solicitou o anonimato, afirmou-nos, revoltado, que "vamos voltar ao tempo da escravatura, e das longas filas nas nossas repartições". E explicou porquê: "Quando em 1986 se falava no Imposto Único, no IVA e noutros, todos pensávamos que o serviço iria diminuir e que a nossa tarefa, bem como a dos contribuintes, iria ser facilitada".

No entanto, refere, nada disso aconteceu. Antes pelo contrário. A pouco e pouco, os serviços foram sentindo um acréscimo do movimento de papéis e de contribuintes. Conforme esclareceu a mesma fonte, tal deveu-se ao facto de os serviços centrais do IVA nunca terem funcionado bem, pelo que agora "temos de ser nós a fazer cobranças dos erros detectados".

O mesmo, acrescentou, se passa em relação ao Imposto sobre o Rendimento e à Contribuição Autárquica, "onde os relaxes vêm parar todos às nossas mãos". Tudo porque o Estado decidiu entrar em acordos de cobrança com outros serviços, como seja o caso dos CTT e de alguns bancos, sem que no entanto estes estivessem aptos a efectuar essas cobranças, pois, conforme referiu aquele responsável, "existem muitas irregularidades na aceitação de documentos. E depois nós é que pagamos com todos esses erros. Nós, e os pobres dos contribuintes, que por vezes pagam duas vezes o mesmo imposto".

"É certo que trabalhamos de uma forma arcaica, mas aquilo que fazemos é de total confiança. Mas parece que o nosso Governo não vê isso, e actualmente está a perder milhões com esses acordos, pois enquanto que aqui o dinheiro recebido vai logo para a conta do Tesouro, nos CTT e nos Bancos vai quinze dias depois", acusa ainda.

Milhões de contos perdidos por mês

De facto, só em juros e pagamento de comissões a esses serviços, são vários milhões de contos que o Estado português lança todos os meses pela janela fora. E isto sem qualquer necessidade, já que, conforme salientou a mesma fonte, "nós (Tesouraria) somos o cofre público do Estado. Sempre o fomos". Pelo que, no entender daquele responsável, não serão somente os funcionários das tesourarias que irão ser prejudicados pelos cortes agora decretados, mas também os contribuintes e as próprias autarquias. "Com menos funcionários, as entregas das receitas autárquicas às câmaras vão demorar muito mais tempo. Vão existir grandes deficiências e grandes dificuldades no atendimento ao público, e vão começar novamente as grandes filas", antevê.

E se até há bem pouco tempo existiu um Decreto-Lei, o 44/83, de 26 de Janeiro, que salvaguardava o contribuinte, permitindo o pagamento de várias contribuições e impostos em diferentes tesourarias, que não a da área de residência, daqui por diante tudo será diferente. Pelo que os funcionários que "sobrevivem" à Lei dos Disponíveis irão ter de enfrentar "ainda mais trabalho e maiores dificuldades".

Contactada por A Pena, a Direcção-Geral do Tesouro confirmou tudo. Que realmente o pessoal das tesourarias irá ser reduzido, e que, para o efeito, até já existia uma lista de disponíveis, que irá ser afixada muito em breve. E adiantou ainda que, num futuro muito próximo, irão ser encerrados diversos serviços, tanto na província como em concelhos que disponham de mais de uma tesouraria, mantendo-se apenas a tesouraria da sede do concelho.

Quanto aos funcionários das repartições de Sintra, resta-lhes apenas esperar que as reuniões actualmente em curso entre responsáveis governamentais e as organizações sindicais cheguem a bom porto. O que passaria por uma redução do número de efectivos que o Estado pretende inserir na lista de disponíveis. No entanto, as esperanças são poucas, e o ambiente que se vivia nos últimos dias nas tesourarias do concelho era de grande ansiedade e mesmo de algum pânico. Uma decisão definitiva era aguardada até ao final desta semana, mas o sentimento que prevalecia entre os funcionários era a de que o processo é já irreversível.

Crise agudiza-se no sector dos mármores

Falências à vista

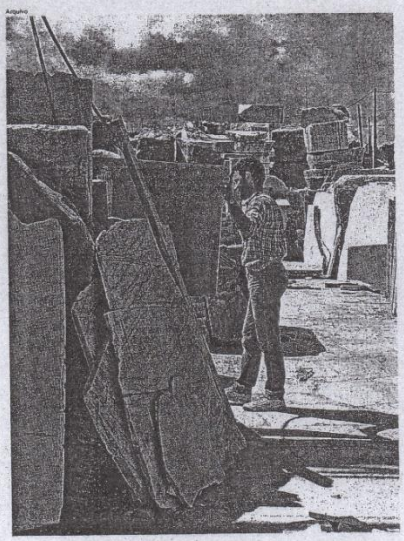
Rui Moreira

A indústria dos mármores vai de mal a pior. Depois dos despedimentos, dos salários em atraso e da extinção das horas extraordinárias, são agora as falências que ameaçam as empresas que operam no concelho. Um "presente envenenado" que poderá entrar pela chaminé de muitos industriais e trabalhadores já neste Natal.

A Pena lançara já o alerta na sua edição de 8 de Abril do corrente. Em Pero Pinheiro, viviam-se tempos de crise. A Pardal Monteiro, uma das maiores empresas do ramo dos mármores, despedira recentemente vários dos seus trabalhadores, e muitas outras havia com salários em atraso. A situação era tal, que a ocorrência de falências era já encarada por muitos como inevitável a médio prazo.

Afinal, A Pena não exagerara. Hoje, seis meses volvidos sobre a publicação desse texto - intitulado "Mármoremoto" -, são ainda mais visíveis os sinais da crise, numa indústria que, ainda há bem pouco tempo e apenas no concelho de Sintra, movimentava qualquer coisa como 15 milhões de contos por ano, englobando actualmente cerca de cinco mil trabalhadores.

Segundo garantiu a A Pena fonte do Sindicato dos Trabalhadores dos Mármores de Pero Pinheiro (STMPP), são já várias as empresas que se encontram com "a corda na garganta", sendo apenas uma questão de meses até que surjam as primeiras situações de falência. O Natal é mesmo a data limite apontada por aquela fonte para que sejam conhecidos os primeiros casos de empresas obrigadas a fechar as suas portas.



Arquivo

As falências ameaçam já algumas das maiores empresas do sector dos mármores

Juros proibitivos

Nesta situação estão já, segundo garantiu, algumas das grandes exportadoras que operam no concelho, mais precisamente na freguesia de Pero Pinheiro. O momento de recessão que se vive actualmente nos mercados internacionais e o facto de muitas destas empresas terem contraído largos empréstimos em anos de maior movimento, são as principais causas apontadas para justificar as dificuldades com que esta poderosa indústria se debate actualmente.

"Houve muitas empresas que, quando o mercado estava em alta, contraíram grandes empréstimos junto dos bancos com vista à modernização da sua maquinaria e instalações, e que agora, com esse mesmo mercado em período de recessão, não conseguem exportar os seus produtos e, consequentemente, obter lucros que lhes permitam saldar as suas dívidas", explicou.

O facto de os juros bancários serem "extremamente proibitivos", terá contribuído igualmente, no entender daquela fonte, para acelerar a actual situação de crise que aquela indústria atravessa, pelo que, para os responsáveis do STMPP, "cabe igualmente ao Governo e aos bancos uma grande quota de responsabilidade pelo ponto a que se chegou".

Idêntica posição é a assumida pelos dirigentes da ASSIMAGRA (Associação dos Industriais dos Mármores, Granitos e Afins), que representa o sector, apesar de uma notória tentativa de desdramatizar a actual situação.

Em vão, pois os sinais da crise são já bem visíveis, com os casos de empresas com salários em atraso e sem poderem pagar horas extraordinárias a multiplicarem-se, e as falências a ameaçarem aparecer já no Natal.

Figura 65- "Mármores vão escapar à crise", Jornal A Pena, nº 44, p.14, 21 janeiro 1994.

B

SINTRA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
21.1.94	Pena	44	(Continua) 14,15

Mármores vão escapar à crise

Pedro Alves

A indústria de mármores possui um peso significativo na economia portuguesa. No entanto, a quebra progressiva da procura atormentou este sub-sector das Rochas Ornamentais com o espectro da crise.

EXTRACÇÃO DE MÁRMORES (1991)

Alto Alentejo 72.0%

Outras Regiões 28.0%

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES ROCHAS ORNAMENTAIS

4.05%

3.64%

1990-1991

1991-1992

Longe vão os tempos do
e da extracção de mármore
ubsolo da Região Oeste do
rito de Lisboa. Agora, prati-
ente exploradas as jazidas
nármores existentes, o Alto
ntejo passou a ser responsá-
pela extracção de mais de
dos mármores nacionais.
oncelho de Sintra, as em-
as do sector dedicam-se à
sformação da pedra para
icações em pavimentos
icação responsável por 1/3
consumo de Rochas Orna-
tais), revestimentos exte-
os, entre outras de menor
ortância. São aplicações a
tante do sector da Constru-
Civil, que já gozou de me-
es dias.

A lenta recessão

A crise de que padece a
ústria dos mármores, embo-
latente, não parece grave
hando pela sua posição a
el internacional: Portugal é
ono produtor mundial e o
mo exportador de Rochas
amentais, responsável por
% da produção mundial.
s maiores clientes desta-
-se a Itália, a Espanha, a
nça e o Japão. Relativamen-
os três primeiros, a recessão
nómica que atravessam é o
ncipal motivo da "crise im-
tada" que já se tinha vindo
nunciar há algum tempo,
ada pelos consumos que
ntos como o da Expo 92 de
ilha e os Jogos Olímpicos
Barcelona originaram.

Perspectivas

Num recente relatório pu-
cado pelas empresas *Oficina Economia* e *Sismet*, admite-
que o subsector dos mármo-
experimentará nos próxi-
s dois a três anos uma ligei-
retracção, mas a partir de 1996
derá crescer anualmente en-
tre os 3 e os 6%.

A juzante, no mercado in-
terno, a Construção Civil não
resiste à crise do ramo imobi-
liário. No entanto, o futuro pa-
rece sorrir às empresas de
Construção Civil e Obras Pú-
blicas com a futura aplicação
dos pacotes governamentais
anunciados para o sector da
habitação. Também a continua-
ção da política de investimentos
em Obras Públicas, das quais
se destaca a Expo 98, garantirá
mercado, até ao final do século,
para a indústria de mármores e
outras Rochas Ornamentais,
como fornecedora de *inputs*.

O mercado externo de Ro-
chas Ornamentais encontra-se
numa fase de estagnação: as
exportações valiam em 1992
cerca de 33.1 milhões de contos
tendo representado um acrésci-
mo de 3.64% face ao ano de
1991. Numa análise da evolu-
ção recente das exportações,
verifica-se o abrandamento das
taxas de crescimento.

Estratégias

Desde 1987 que as expor-
tações de artefactos em már-
more ultrapassaram, em volu-
me de vendas, as de blocos.
Este facto não está dissociado
da preocupação dos empresá-
rios do sector em acrescentar
valor ao processo de produção.
Há, na realidade, uma tendên-
cia muito forte para o reforço
do valor acrescentado nacional
que deverá continuar na mira
das preocupações futuras. Na
generalidade dos casos, as Pe-
quenas e Médias Empresas
(PME's) industriais portugue-
sas tendem a não acrescentar
valor aos seus produtos dada a
sua reduzida dimensão compa-
rativamente a empresas inter-
nacionais concorrentes, ficando-
-se pela mera produção no
início da cadeia de valor (que
conduz ao consumidor final).
A preocupação crescente sobre
os aspectos relacionados com
o *marketing industrial* têm por
finalidade acrescentar valor
ao produto: são disso exemplo
o lançamento de uma gama de
produtos em detrimento do pro-
duto homogéneo (logo, com
maior valor no mercado); a
diferenciação de produtos tor-
nando-os únicos e consequen-
temente mais procurados, a or-
ganização de redes de distribui-
ção e exploração de formas de
comunicar o produto aos clien-
tes-alvo. É neste contexto que
a indústria do mármore deve
encarar o futuro no sentido de
não ser apenas uma produtora
de matéria-prima mas, mais
importante, uma transforma-
dora.

A principal fragilidade do
sector das Rochas Ornamen-
tais é precisamente a pulveriza-
ção da actividade por empresas
de pequena e média dimensão
de características essencial-
mente familiares. A fusão de
algumas empresas através de
agrupamentos ou de aquisições
é fundamental. A modernização
passará por:

- Organização e Internacionalização
- Exploração de Novos Mercados
- Apoio de Grupos Económicos Fortes
- Aplicação de Técnicas de Gestão
- Criação de Valor Acrescentado ☐

PRÓXIMA EDIÇÃO:
Os Bancos
nos quais confiamos

Figura 66- "Mármores vão escapar à crise", Jornal A Pena, nº 44, p.15, 21 janeiro 1994.

ECONOMIA & GESTÃO

Sexta-feira, 21 de Janeiro de 1994

A Chave é a Diversidade

"Penso que 1994 não vai ser ainda um ano muito famoso"

Fátima Henriques

Com cerca de 40 anos de existência, chefiada por uma família experiente em mármores, desde sempre, é assim que se apresenta a empresa Eduardo Galrão Jorge & Filhos, Lda., que se conta como a maior do sector no concelho. Dispondo de cerca de 40 mil metros quadrados, só em Pero Pinheiro, possui uma capacidade de transformação na ordem dos 150 mil metros quadrados por ano. A facturação, essa, cifra-se pelos 800 mil contos/ano, e não ressentiu a crise, embora 1993 tenha significado um tímido crescimento de 50 mil contos em relação ao ano anterior. Quem o diz é Joaquim Rebelo, director financeiro em exercício.

A PENA: Como é que comenta a "crise no sector dos mármores"?

Joaquim Rebelo: Em termos gerais, ouvi falar de algumas empresas, que há alguns meses atrás haviam registado dificuldades que tinham a ver com a crise em geral, essencialmente nas que estavam ligadas mais ao mercado de exportação. Do que propriamente no mercado interno.

A PENA: Qual é a vossa quota de exportação?

JR: A exportação tem na nossa empresa um peso na ordem dos 60 a 70 por cento, mas felizmente não estamos em crise.

A PENA: Porquê?

JR: Porque temos um mercado de exportação cujos clientes estão em mercados que não estão em crise. Penso que a crise aqui na área de Pero Pinheiro se deva talvez a existirem empresas que estão orientadas só para determinados mercados e, esses sim, em crise lá fora e que se tenham repercutido nas empresas aqui.

A PENA: E vocês não?

JR: Não. Talvez porque temos uma diversidade de mercados de exportação e não só. Talvez pela própria estrutura de clientes, serviço de distribuição, e pelo bom nome que a empresa tem, que está associado a uma determinada qualidade... tudo isso pesa.

A PENA: Quais são os mercados para onde exportam?

JR: São sobretudo França, Alemanha, Estados Unidos da América e Espanha. Depois temos outros sem tanto peso, como Singapura.

A PENA: Recorrem só ao estrangeiro para exportarem ou também importam?

JR: Também vamos lá fora comprar, mas não a esses países. De resto nós temos as nossas pedreiras, que são de boa qualidade. Por vezes, para algumas encomendas há necessidade de recorrer a compras nacionais, de outras pedreiras, ou, muito raramente, compramos nos mercados externos, nomeadamente no brasileiro.

A PENA: Como é que caracteriza a vossa empresa?

JR: Nós temos à volta de 100 empregados entre trabalhadores das pedreiras (cerca de 30), pessoal do armazém, que temos no Porto (3), e o resto é o pessoal da fábrica e administrativos, que estão aqui em Pero Pinheiro.

A PENA: Qual é o vosso nível de facturação?

JR: O volume de negócios por ano anda à volta dos 800 mil contos. Em termos de Pero Pinheiro, pensamos que somos a maior empresa. Além disso, os investimentos que temos feito podem dar uma ideia da capacidade produtiva e da inovação tecnológica que vamos ter. Compramos agora uma máquina de transformação de mármore, uma máquina de controle numérico que faz desenhos e permite fazer toda uma série de trabalhos que em Portugal só existe mais uma. Pensamos estar bem situados dentro do sector e em termos nacionais.

A PENA: Planos para 1994?

JR: Adquirimos há pouco tempo máquinas que vão dar um valor acrescentado ao que é usual no mármore, ainda há muito produto semi-acabado. Pensamos que o ano de 1994 será de uma ligeira subida no volume de negócios, ligado a este investimento, pois alguns mercados serão propensos a dar-nos tipos de encomenda que nós não podíamos fazer. Tendencialmente os anos a seguir serão melhores.

A PENA: Há ou não lugar para as pequenas empresas no mármore?

JR: Penso que essas empresas se "safam" melhor do que as grandes, porque quando as últimas começam a trabalhar nos grandes sectores, deixam de trabalhar no sector quase manual que essas empresas realizam - pequenas empreitadas que não são rentáveis para as grandes empresas. Acabam por ter um trabalho acrescentado porque só elas é que fazem esse trabalho.

A PENA: 1994 vai ser ainda um ano difícil?

JR: Penso que é capaz de haver alguma melhoria, especialmente para as empresas que trabalham muito para o mercado nacional, embora isso também acarrete outras dificuldades que são as dificuldades financeiras ou de obtenção de maior crédito.

A PENA: Pesam as dificuldades a nível da Banca?

JR: O grande problema da maior parte das empresas deste país é o crédito continuar a ser muito caro, para as possibilidades das empresas. As empresas não têm fundos próprios para poderem dar mais crédito aos clientes para fazer face à crise. □

Ernesto Neves

1993 registou um tímido crescimento no sector dos mármores

Perfil da empresa

Nascida com o apoio do IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas) em cerca de 50 mil contos, num orçamento global de 300 mil contos, a LC-Granitos conta já com quatro anos de actividade no sector dos granitos. Nascida com uma vocação para a exportação dos produtos nacionais, da África do Sul, Índia e Escandinávia, que após transformação, iriam para mercados como França, Inglaterra, Alemanha, E.U.A. e Japão, a crise do Golfo veio trocar-lhe as voltas, ficando a empresa voltada para o mercado da grande Lisboa. Os seus dois sócios, Carlos Portela e Luciano Amaro, vão tentando gradualmente atingir os seus objectivos. Com uma produção anual de cerca de 35 mil metros cúbicos em chapas de várias espessuras, o que dá uma facturação na ordem dos 160 mil contos/ano. Em 1993 atingiram já a totalidade da sua capacidade de produção, e apostam na pouca concorrência que ainda existe. Mesmo assim o aumento da oferta tem vindo a complicar a vida de empresas como esta. A nível de preços os granitos estrangeiros levam a dianteira, até porque o valor do transporte é muito significativo. Pode encontrar-se granito nacional entre os 60 e 100 contos o m³, ao passo que o granito estrangeiro chega atingir 300 contos o m³.

F.H.

a pena 15

Figura 67- "Os granitos, as rochas ornamentais e os mármores de Sintra", Jornal Sintra Ilustrado, p.5, 27 julho 1994.

B

SINTRA
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
27-7-94	Sintra Ilustrado		5

OS GRANITOS, AS ROCHAS ORNAMENTAIS E OS MÁRMORES DE SINTRA

O Concelho de Sintra exibe uma indismentivel riqueza económica, a qual se destaca em diversos dominios da actividade agrícola, comercial e industrial.

A indústria de Granitos, Rochas Ornamentais e Mármores evidencia uma enorme importância, a nivel regional, nacional e internacional pelo que, à mesma, importa continuar a dar a merecida atenção.

Devido a isso, a convite de industriais do sector no concelho de Sintra, os deputados Cardoso Martins, Costa e Oliveira e o brigadeiro Viegas Palma, vereador da Câmara Municipal de Sintra, efecturam no dia 22 do corrente uma visita às fábricas de Granitos de Maceira, Mármores Urmal e Pardal Monteiro.

Sobre esta visita, Cardoso Martins acrescentou já haver antecedentes que foi a «visita à Assembleia da República por um grupo de industriais de mármores e granitos que ali foram expôr as suas questões».

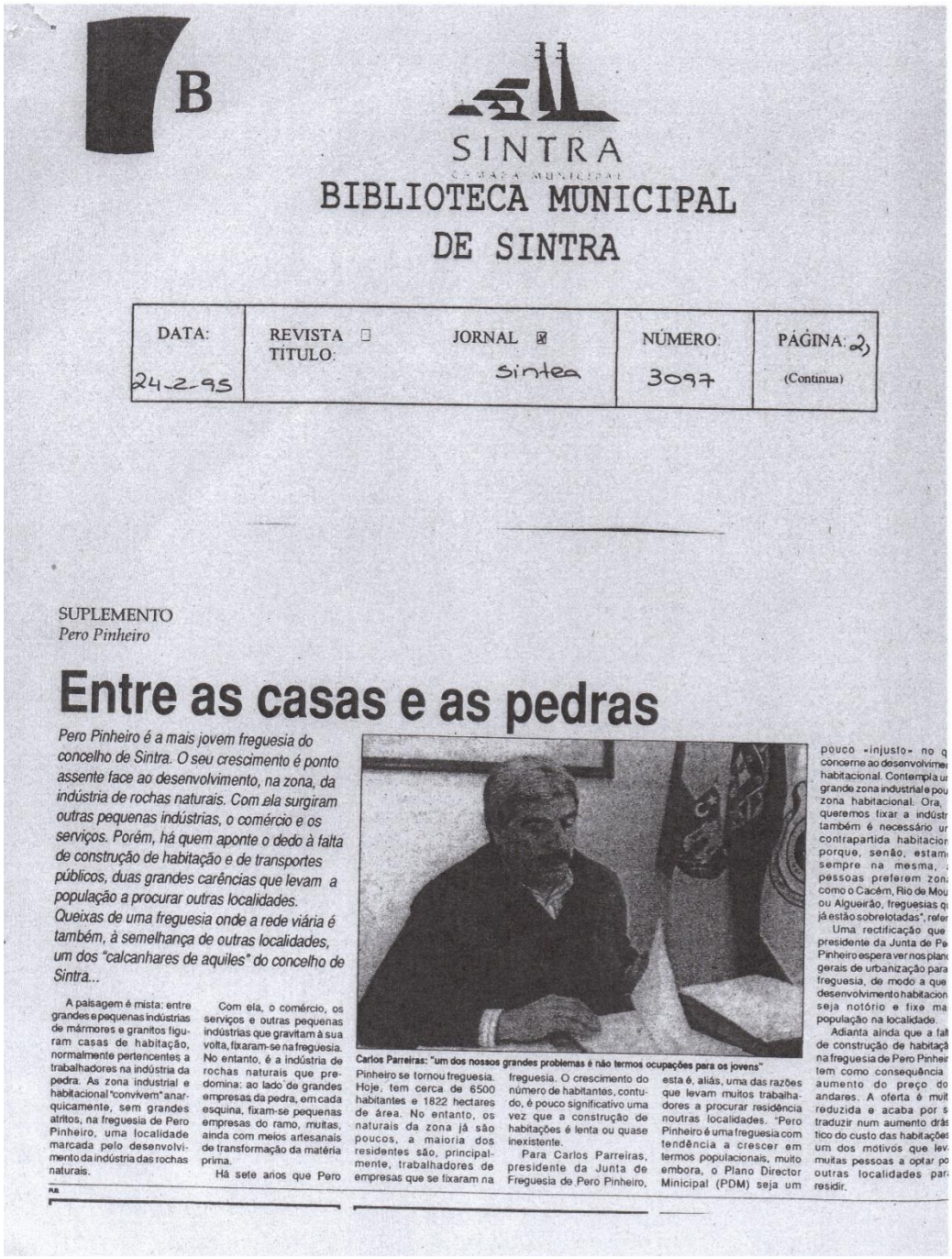
Na sequência disso, foi-nos adiantado por Cardoso Martins e Costa e Oliveira que «esta visita foi uma possibilidade de contactarmos com a realidade que no dia a todos diz respeito. Por sabermos a importância que os mármores e os granitos têm para o concelho, resolvemos aceitar o convite que serve de incentivo aos industriais e também nos serve de aprendizagem».

Costa e Oliveira, deputado pelo Algarve, mas morador no concelho de Sintra, acerca de um futuro terminal de carga e descarga, a construir na área, acrescentou que, «existe um projecto que está a ser analisado e que achamos válido. Se recolhermos a sensibilidade da Câmara de Sintra, que aponta no sentido da validade do projecto e depois de ouvirmos os empresários do mesmo, que fizeram a apresentação, dizerem que a própria CP o defende e de que é economicamente viável, enquanto deputados da Nação, podemos ajudar a juntar todas estas sensibilidades para que tudo isto seja uma realidade. Trata-se de uma iniciativa que não servirá apenas a indústria dos granitos e mármores mas também toda uma região. Tudo isto tem a ver com custos, mercados e oportunidades comerciais a que não nos escusaremos». Sobre o sector em si, Costa e Oliveira diz que «há problemas com custos, com comercialização, importação- exportação, e tem muito para dar em termos nacionais e internacionais. A crise dos mármores de 1991/1992 teve, segundo percebi, a ver com custos, e noto que os empresários têm consciência da competetividade do sector. É uma área que tem fortes possibilidades e que irá gerar grandes riquezas para o concelho de Sintra».

Cardoso Martins diz que «a Câmara tem um papel fundamental nesta matéria e vive mais perto da realidade, do que a própria Administração Central.

Julgo que terá um papel decisivo no que diz respeito à captação de apoios para o projecto. Concerteza que os industriais não temem em investir mas esperam que haja por parte da Câmara um apoio claro e concreto. É necessário um aterro na velha pedreira e a Câmara pode ter um papel importante bem como na questão de fundos da Comunidade Europeia, dado que é uma obra importante no apoio à indústria no concelho de Sintra». ●

Figura 68- "Entre as casas e as pedras", Jornal de Sintra, nº 3097, p.2, 24 fevereiro 1995.



B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ TÍTULO:	JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA: 2
24-2-95		Sintra	3097	(Continua)

SUPLEMENTO
Pero Pinheiro

Entre as casas e as pedras

Pero Pinheiro é a mais jovem freguesia do concelho de Sintra. O seu crescimento é ponto assente face ao desenvolvimento, na zona, da indústria de rochas naturais. Com ela surgiram outras pequenas indústrias, o comércio e os serviços. Porém, há quem aponte o dedo à falta de construção de habitação e de transportes públicos, duas grandes carências que levam a população a procurar outras localidades. Queixas de uma freguesia onde a rede viária é também, à semelhança de outras localidades, um dos "calcanhares de aquiles" do concelho de Sintra...

A paisagem é mista: entre grandes e pequenas indústrias de mármores e granitos figuram casas de habitação, normalmente pertencentes a trabalhadores na indústria da pedra. As zona industrial e habitacional "convivem" anarquicamente, sem grandes atritos, na freguesia de Pero Pinheiro, uma localidade marcada pelo desenvolvimento da indústria das rochas naturais.

Com ela, o comércio, os serviços e outras pequenas indústrias que gravitam à sua volta, fixaram-se na freguesia. No entanto, é a indústria de rochas naturais que predomina: ao lado de grandes empresas da pedra, em cada esquina, fixam-se pequenas empresas do ramo, muitas, ainda com meios artesanais de transformação da matéria prima.

Há sete anos que Pero Pinheiro se tornou freguesia. Hoje, tem cerca de 6500 habitantes e 1822 hectares de área. No entanto, os naturais da zona já são poucos, a maioria dos residentes são, principalmente, trabalhadores de empresas que se fixaram na freguesia. O crescimento do número de habitantes, contudo, é pouco significativo uma vez que a construção de habitações é lenta ou quase inexistente.

Para Carlos Parreiras, presidente da Junta de Freguesia de Pero Pinheiro, esta é, aliás, uma das razões que levam muitos trabalhadores a procurar residência noutras localidades. "Pero Pinheiro é uma freguesia com tendência a crescer em termos populacionais, muito embora, o Plano Director Minicipal (PDM) seja um pouco «injusto» no q concerne ao desenvolvime habitacional. Contempla u grande zona industrial e pou zona habitacional. Ora, queremos fixar a indústr também é necessário u contrapartida habitacion porque, senão, estam sempre na mesma, pessoas preferem zon como o Cacém, Rio de Mou ou Algueirão, freguesias q já estão sobrelotadas", refer

Uma rectificação que presidente da Junta de Pe Pinheiro espera ver nos plan gerais de urbanização para freguesia, de modo a que desenvolvimento habitacion seja notório e fixe ma população na localidade.

Adianta ainda que a fal de construção de habitaçã na freguesia de Pero Pinhei tem como consequência aumento do preço do andares. A oferta é mui reduzida e acaba por s traduzir num aumento drás tico do custo das habitações um dos motivos que lev muitas pessoas a optar po outras localidades par residir.

Carlos Parreiras: "um dos nossos grandes problemas é não termos ocupações para os jovens"

Figura 69- "Retalhos de Pedra", Jornal A Pena, nº 110, p.11, 12 maio 1995.

B

SINTRA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO: Pena	NÚMERO:	PÁGINA:
12-5-95		110	11

Oitenta e quatro anos e um trabalho único

RETALHOS DE PEDRA

PATRÍCIA CASCÃO

Não há mais quem faça, lamenta-se com certo orgulho. É Amílcar Salomé, um alentejano em Pero Pinheiro. Embutidor de mármore e músico. Um artista com um problema, conseguir levar as pesadas peças para onde o convidam.

Foi uma igreja em Águas de Moura, que deu origem à sua arte. É verdade que já antes era canteiro, mas este trabalho minucioso, com pequenos embutidos de mármore colorido, foi assim que o apurou. O dono da igreja havia-a enchido de azeitonas em salmoura, o que destruíra os embutidos italianos. Foi um herdeiro que pensou em a restaurar. Contactou a empresa onde Amílcar Damião trabalhava nessa altura, em Pero Pinheiro, e este foi o escolhido.

Conta como, quando lá chegaram, só um dos pilares é que tinha os embutidos, que os outros tinham caído todos. Foi o suficiente para tirarem o modelo. E muitas das formas que agora utiliza, confessa, foram copiadas dessas de então.

Agora, nos seus jogos de xadrez, nas suas mesas de pé, com tampos alusivos a clubes desportivos, ou simplesmente com réplicas da Rosa dos Ventos de Belém, joga com as mais de vinte cores de mármore que existem nas vinte e sete pedreiras do país. Consegue enumerá-las. Começam em Bragança, com um belo verde, depois "em Chaves há um pretinho que apanha uns veios brancos", na região de Fátima muitas, mas de calcário. Em Monchique há o granito escuro, e aqui, na região de Pero Pinheiro há-o de muitas cores. Ele é amarelo, ele é o escasso Liós, o vidraço creme, o encarnado, de Morelena e o dos Negrais. O antigo azul de Sintra, muito bonito, que já não se extrai, para preservar a paisagem. Direitos ao Alentejo, em Setúbal existia a brecha da Arrábida, também muito bonita, mas que, pelo mesmo motivo, já está fechada. Chegando a Vila Viçosa - onde nasceu - Estremoz, Alandroal e toda aquela zona, é que se encontra o verdadeiro mármore. Branco, cinzento, claro e escuro, o cor-de-rosa de Borba, o verde de Viana do Alentejo. Gosta de todos. Tem razão, é na sua conjugação que consegue obter a beleza das suas peças. "O que tenho feito de melhor não está cá nada", observa à laia de reclamação. Retratou, através de pequenos pedaços de mármore, Jorge VI e ofereceu a peça a Isabel II, em memória do pai. Fez uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e vendeu-a para Espanha. Um toureiro foi para o México.

A Rosa dos Ventos é a que tem despertado mais interesse. Já vendeu três e não está cá nenhuma em Portugal. Uma está no Japão, outra na França e a terceira na Alemanha. "Se calhar os estrangeiros dão mais apreço a isto. Os portugueses olham e pensam que isto se derrete, que é cola". Se calhar também têm mais poder de compra, remeti. Concordou e a voz perdeu grande parte do entusiasmo. "Infelizmente nós... a começar por mim, com trinta e sete contos por mês, já pode ver. Se não tivesse a habilidade que tenho nas mãos!" Mas também insiste em afirmar que *quando se fôr* esta arte morre. Haviam de criar uma escola, sugere. E não se importava nada de ensinar. Em casa é que não pode ser, que quando não pode trabalhar na rua, só tem uma minúscula oficina como abrigo. De maçeta e escopro na mão lá foi demonstrando a sua arte, abrindo um sulco na pedra já preparada. Parou. Fazia de questão de me mostrar o seu *tira-teimas*. Belo instrumento, esta manivela de mão. Um ar rústico, mas eficiente. A furar aquele bloco polido de mármore branca, de peso descomunal. Queixou-se. Como era difícil para si, transportar as peças até às muitas feiras e exposições para que o convidam. Pois, pudera.

E este homem palrador e cheio de vida, que ainda há dois ou três anos tocava na banda de Pero Pinheiro - e qualquer instrumento! - podia conversar todo o dia. Passava bem por Saloio.●

Figura 70- "Pedras semi-preciosas", Jornal A Pena, nº 183, p.18, 15 novembro 1996.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
15-11-96	Pena	183	18

Evolução histórica da exploração de "mármores" na região de Sintra

Pedras semi-preciosas

A pesquisa dos chamados "mármores" das Lameiras e Pero Pinheiro e a granadas do Suímo, intensa durante a Época Romana, não sobreviveu para além dos finais da Idade Média. Porém, a lavra e afeiçoamento dos "mármores" permaneceu até aos nossos dias, convertendo-se mesmo, a partir do século XVIII, numa das principais actividades económicas do concelho.

JOSÉ CARDIM RIBEIRO e TERESA SIMÕES

O subsolo da região de Sintra tem sido explorado desde a Antiguidade. Tais trabalhos incidiram sobretudo em duas áreas distintas: a dos chamados "mármores" das Lameiras e Pero Pinheiro; e a das granadas do Suímo (Belas) - aliás explicitamente referidas por Plínio, o Velho.

A pesquisa destas pedras semi-preciosas, intensa durante a Época Romana, não sobreviveu para além dos finais da Idade Média. Porém, a lavra e afeiçoamento dos "mármores" permaneceu até aos nossos dias, convertendo-se mesmo, a partir do século XVIII, numa das principais actividades económicas do concelho.

Ao longo deste texto limitar-nos-emos, pois, a historiar resumidamente esta última indústria extractiva.

As matérias-primas

As formações geológicas e sedimentares vulgar e tradicionalmente designadas como "Mármores" das Lameiras ou Pero-Pinheiro, são, na realidade, simples calcários duros e compactos do Cenomaniano.

Esta camada geológica caracteriza-se pela existência de formações cristalinas, de tonalidades diversas, destacando-se o róseo nas deposições mais profundas e o branco-amarelo nas restantes.

A sua excelente qualidade e inequívoca beleza proporcionaram múltiplas utilizações, salientando-se a construção de monumentos de evidente importância social e política, desde os imponentes mausoléus de magistrados romanos ao emblemático Convento de Mafra. A abundância deste material proporcionou ainda o seu intenso uso regional em singelas estruturas e objectos do quotidiano, tais como lagares, salgadeiras, mós entre outros; vem a propósito recordar a denominação popular e tradicional de "encarnadão", atribuída ao "mármore das Lameiras".

A época romana

Atendendo à magnitude atingida pela exploração dos calcários em análise durante a romanidade, poderá parecer estranho que tais pedreiras não constem nas Fontes Clássicas. Todavia, não podemos esquecer o célebre livro de Cornélio Bocho sobre a *Lusitania*, actualmente perdido - e do qual se conhecem apenas alguns raros trechos coligidos na "História Natural" de Plínio -, onde não será inviável supormos ter existido qualquer referência a tão rico material construtivo, cuja utilização parece ter excedido, largamente, o território do município olisiponense. Para o estudo da extracção e aperfeiçoamento destes "mármores" nos seus primórdios temos, pois, de nos circunscrever aos documentos arqueológicos. (...) Podemos pois supor, com alguma legitimidade, que a exploração em pedreira dos célebres "mármores" sintrenses se iniciou com Augusto. Devemos, assim, incluí-la no programa de dinamização dos recursos económicos existentes no *ager olisiponensis* que, intencionalmente, se seguiu à atribuição do estatuto de *municipium civium romanorum* à *civitas* de *Olisipo* - cujo território abrangia a região de Sintra -, facto que ocorreu cerca de 30 a.C..

As pedreiras, sobretudo as de calcário rosa nas Lameiras, funcionaram intensamente durante todo o século I e até meados do século II d.C., conhecendo-se algumas centenas de monólitos desta época espalhados não só pelo termo de Sintra, mas ainda um pouco por todo o município olisiponense - cidade de Olisipo inclusive -, havendo casos esporádicos de sua utilização noutras zonas da *Lusitania e mesmo - ao que parece - noutras províncias do Império.*

O seu transporte para fora da região seria forçosamente efectuado por via fluvial e marítima, única forma de tornar rendível o uso longínquo de materiais tão pesados, no âmbito de uma sociedade pré-industrial. A linha da costa, na época romana, apresentava sensíveis alterações morfológicas relativamente à actualidade, entrecortada por profundos esteiros navegáveis, entre eles - e na região em causa - os de Cheleiros e Colares. Pelo primeiro, utilizável a uma distância não superior a oito a 10 quilómetros a partir das pedreiras, se escoariam os blocos de calcário, muitos dos quais já aparelhados. Para Olisipo e para zonas próximas, podemos supor um abastecimento regular e intencional; para mais longe, porém, é provável que o transporte fosse esporádico, como simples lastro.

A actividade em estudo não se circunscrevia, no entanto, à extracção. Existiam perto das pedreiras várias oficinas, nas quais os monólitos eram desbastados e, conforme os casos, esculpidos ou epigrafados. Ainda que esteja por fazer uma análise exaustiva deste trabalho artesanal, podemos desde já adiantar que é reconhecível um estilo epigráfico característico da área de Sintra, embora apresentando variantes.

Sabe-se que a Lei Romana colocava geralmente as explorações mineiras e similares sob dependência directa da Administração Imperial. No caso de simples pedreiras, era muitas vezes permitida a posse e exploração particular; mas, quando justificado pela relevância da extracção, elas próprias ficavam, muitas vezes, sujeitas ao poder público, por exemplo à administração municipal. Deve ter sido este o caso da lavra nas jazidas das Lameiras, até porque, muito próximo - sob a aldeia do Faião -, nos surge um *vicus* (pequeno aglomerado urbano dependente da *civitas* que, de algum modo, auxilia o controlo administrativo da área), designado na "Geografia" de Cláudio Ptolomeu por *Chretina*.

O apogeu do trabalho da pedra, nesta época e na região, terá sido atingido entre os Flávios e Adriano, ou seja, entre o último quartel do século I d.C. e o primeiro do século II. Logo após sente-se uma quebra acentuada, cuja recuperação nunca chega a ser evidente.

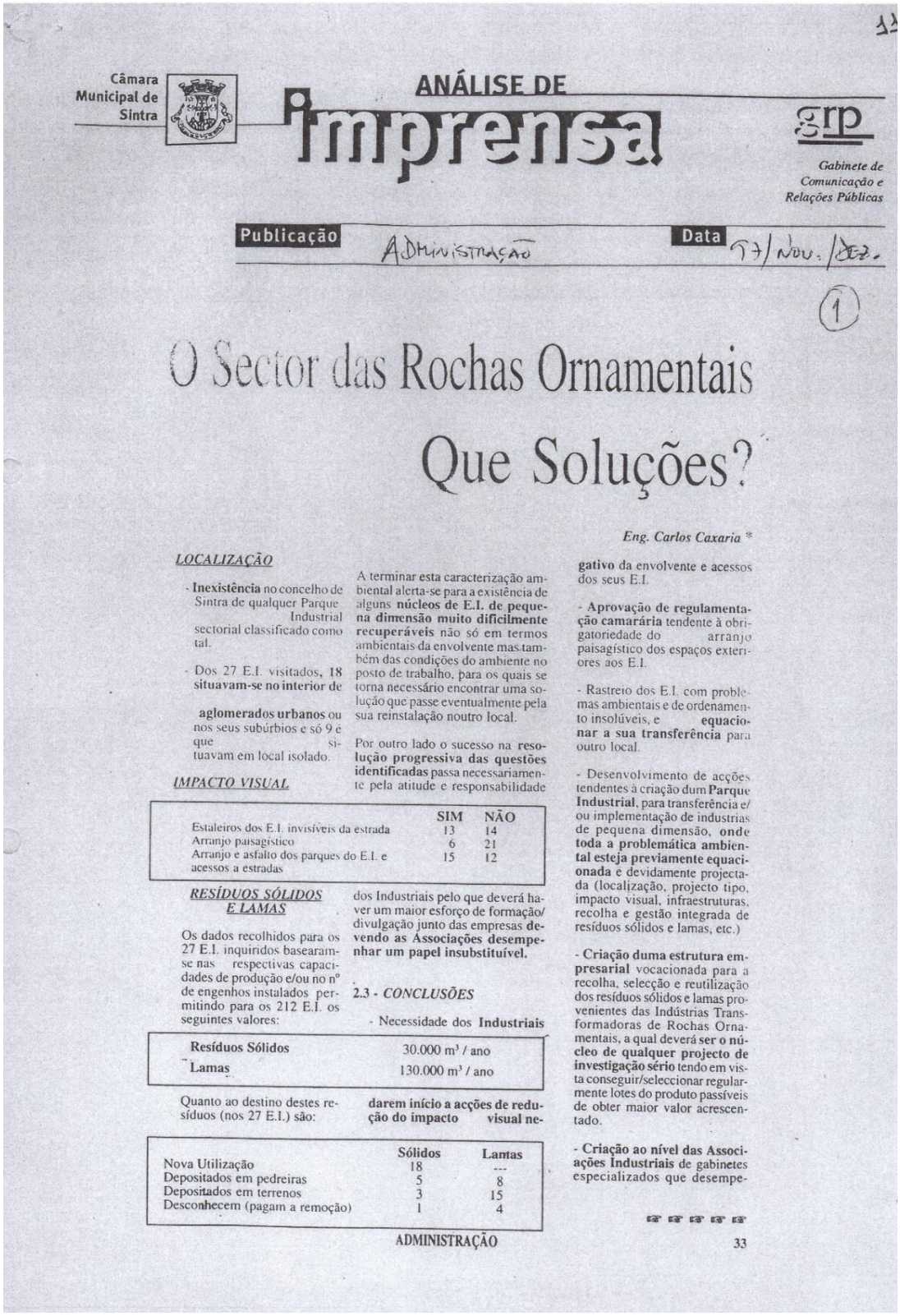
Curiosamente, a maioria das cantarias visigóticas conhecidas na região, quase todas datáveis do século VII, apenas reaproveitam antigos monólitos romanos, parecendo então estarem as pedreiras quase desactivadas.●

Há muitas pedreiras abandonadas na região

Monumento ao canteiro, em Pero Pinheiro, exibe uma antiga coluna de mármore

Na próxima edição será divulgado o resultado do inquérito à população do concelho de Sintra, da responsabilidade dos autores deste artigo.

Figura 71- "O sector das rochas ornamentais, que soluções?", Câmara Municipal de Sintra, p.33, 10 novembro 1997.



Câmara Municipal de Sintra

ANÁLISE DE Imprensa

grp Gabinete de Comunicação e Relações Públicas

Publicação ADMINISTRAÇÃO Data 17/NOV./1997

(1)

O Sector das Rochas Ornamentais

Que Soluções?

Eng. Carlos Caxaria *

LOCALIZAÇÃO

- **Inexistência** no concelho de Sintra de qualquer Parque Industrial sectorial classificado como tal.

- Dos 27 E.I. visitados, **18 situavam-se no interior de aglomerados urbanos** ou nos seus subúrbios e só 9 é que situavam em local isolado.

IMPACTO VISUAL

A terminar esta caracterização ambiental alerta-se para a existência de alguns **núcleos de E.I. de pequena dimensão muito dificilmente recuperáveis** não só em termos ambientais da envolvente mas também das condições do ambiente no posto de trabalho, para os quais se torna necessário encontrar uma solução que passe eventualmente pela sua reinstalação noutro local.

Por outro lado o sucesso na **resolução progressiva das questões identificadas** passa necessariamente pela atitude e responsabilidade

	SIM	NÃO
Estaleiros dos E.I. invisíveis da estrada	13	14
Arranjo paisagístico	6	21
Arranjo e asfalto dos parques do E.I. e acessos a estradas	15	12

RESÍDUOS SÓLIDOS E LAMAS

Os dados recolhidos para os 27 E.I. inquiridos basearam-se nas respectivas capacidades de produção e/ou no nº de engenhos instalados permitindo para os 212 E.I. os seguintes valores:

dos Industriais pelo que deverá haver um maior esforço de formação/divulgação junto das empresas **devendo as Associações desempenhar um papel insubstituível.**

2.3 - *CONCLUSÕES*

- Necessidade dos **Industriais**

Resíduos Sólidos	30.000 m³ / ano
Lamas	130.000 m³ / ano

Quanto ao destino destes resíduos (nos 27 E.I.) são:

darem início a acções de redução do impacto visual ne-

	Sólidos	Lamas
Nova Utilização	18	---
Depositados em pedreiras	5	8
Depositados em terrenos	3	15
Desconhecem (pagam a remoção)	1	4

gativo da envolvente e acessos dos seus E.I.

- **Aprovação de regulamentação camarária** tendente à obrigatoriedade do arranjo paisagístico dos espaços exteriores aos E.I.

- Rastreio dos E.I. com problemas ambientais e de ordenamento insolúveis, e **equacionar a sua transferência** para outro local.

- Desenvolvimento de acções tendentes à criação dum **Parque Industrial**, para transferência e/ou implementação de industrias de pequena dimensão, **onde toda a problemática ambiental esteja previamente equacionada** e devidamente projectada (localização, projecto tipo, impacto visual, infraestruturas, recolha e gestão integrada de resíduos sólidos e lamas, etc.)

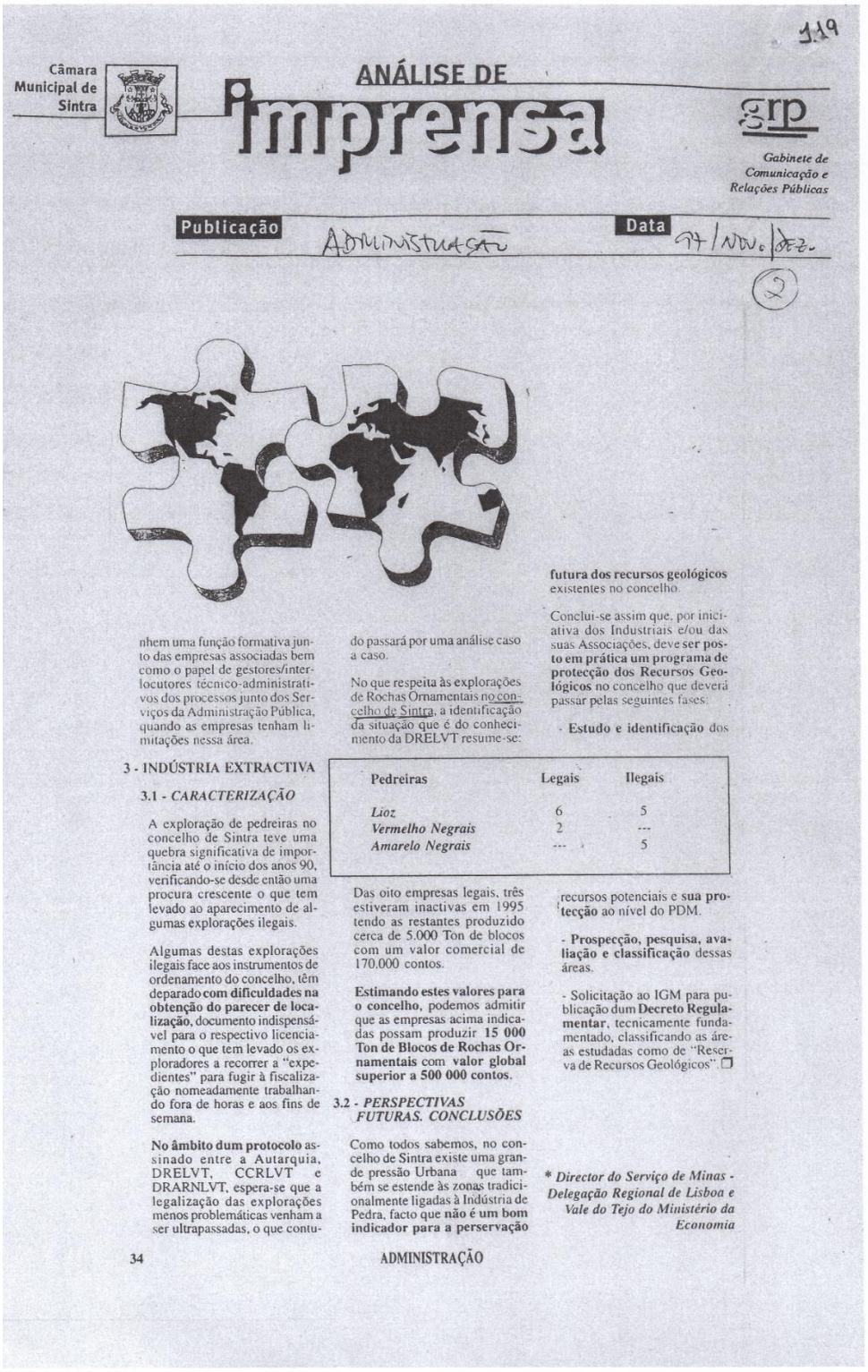
- **Criação duma estrutura empresarial** vocacionada para a recolha, selecção e reutilização dos resíduos sólidos e lamas provenientes das Indústrias Transformadoras de Rochas Ornamentais, a qual deverá **ser o núcleo de qualquer projecto de investigação sério** tendo em vista conseguir/seleccionar regularmente lotes do produto passíveis de obter maior valor acrescentado.

- **Criação ao nível das Associações Industriais** de gabinetes especializados que desempe-

☞ ☞ ☞ ☞ ☞

ADMINISTRAÇÃO 33

Figura 72- "O sector das rochas ornamentais, que soluções?", Câmara Municipal de Sintra, p.34, 10 novembro 1997.



Câmara Municipal de Sintra

ANÁLISE DE Imprensa

erp Gabinete de Comunicação e Relações Públicas

Publicação ADMINISTRAÇÃO Data 27/NOV./98

119

(2)

nhem uma função formativa junto das empresas associadas bem como o papel de gestores/interlocutores técnico-administrativos dos processos junto dos Serviços da Administração Pública, quando as empresas tenham limitações nessa área.

3 - INDÚSTRIA EXTRACTIVA

3.1 - *CARACTERIZAÇÃO*

A exploração de pedreiras no concelho de Sintra teve uma quebra significativa de importância até o início dos anos 90, verificando-se desde então uma procura crescente o que tem levado ao aparecimento de algumas explorações ilegais.

Algumas destas explorações ilegais face aos instrumentos de ordenamento do concelho, têm deparado **com dificuldades na obtenção do parecer de localização**, documento indispensável para o respectivo licenciamento o que tem levado os exploradores a recorrer a "expedientes" para fugir à fiscalização nomeadamente trabalhando fora de horas e aos fins de semana.

No âmbito dum protocolo assinado entre a Autarquia, DRELVT, CCRLVT e DRARNLVT, espera-se que a legalização das explorações menos problemáticas venham a ser ultrapassadas, o que contudo passará por uma análise caso a caso.

No que respeita às explorações de Rochas Ornamentais no concelho de Sintra, a identificação da situação que é do conhecimento da DRELVT resume-se:

Pedreiras	Legais	Ilegais
Lioz	6	5
Vermelho Negrais	2	---
Amarelo Negrais	---	5

Das oito empresas legais, três estiveram inactivas em 1995 tendo as restantes produzido cerca de 5.000 Ton de blocos com um valor comercial de 170.000 contos.

Estimando estes valores para o concelho, podemos admitir que as empresas acima indicadas possam produzir **15 000 Ton de Blocos de Rochas Ornamentais** com **valor global superior a 500 000 contos**.

3.2 - *PERSPECTIVAS FUTURAS. CONCLUSÕES*

Como todos sabemos, no concelho de Sintra existe uma grande pressão Urbana que também se estende às zonas tradicionalmente ligadas à Indústria de Pedra, facto que **não é um bom indicador para a perservação futura dos recursos geológicos** existentes no concelho.

Conclui-se assim que, por iniciativa dos Industriais e/ou das suas Associações, deve **ser posto em prática um programa de protecção dos Recursos Geológicos** no concelho que deverá passar pelas seguintes fases:

- **Estudo e identificação** dos recursos potenciais e **sua protecção** ao nível do PDM.

- **Prospecção, pesquisa, avaliação e classificação** dessas áreas.

- Solicitação ao IGM para publicação dum **Decreto Regulamentar**, tecnicamente fundamentado, classificando as áreas estudadas como de "Reserva de Recursos Geológicos". ❐

** Director do Serviço de Minas - Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo do Ministério da Economia*

34 ADMINISTRAÇÃO

Figura 73- "À espera do futuro", Jornal A Pena, nº 253, p.12, 16 abril 1998.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
16-4-98	Pena	253	12

Sector das Rochas Ornamentais na Grande Região de Pero Pinheir

À espera do futuro

Pero Pinheiro é o maior centro de transformação de rochas do país. Trabalha rochas de todo o mundo. Alimenta, neste momento, grande parte das obras da Expo'98 e do Metro e questiona-s sobre o que fará depois. A Associação dos Industriais de Mármores e Granitos lamenta a falta d espírito associativista e procura promover a formação profissional.

Quando se fala na Grande Região das Rochas Ornamentais de Pero Pinheiro, inclui-se as freguesias de Montelavar e Almargem. Aqui trabalham cerca de 5 mil pessoas no sector, distribuídas por mais de 350 indústrias. "Um sector muito importante no concelho, a que não se tem dado a devida importância", queixa-se Eduardo Galrão, industrial e delegado em Pero Pinheiro da ASSIMAGRA - Associação dos Industriais de Mármores e Granitos. São geralmente pequenas indústrias, muitas de estrutura familiar, a conviver com outras de alguma dimensão.

E se antigamente, o mármore era a pedra mais trabalhada na zona, de há 15 anos para cá, o granito começou também a ganhar terreno. "São tendências", refere Eduardo Galrão.

Já houve pior dias no sector, no entanto, actualmente a grande interrogação passa por saber o que vai acontecer depois da Expo e de terminadas as estações do Metro. Não se trata de pessimismo, refere Eduardo Galrão, mas de "um alerta". É que, pela sua proximidade de Lisboa, Pero Pinheiro tem sido origem de muita rocha utilizada nas obras da capital. Este é, aliás, o maior centro de transformação de rochas do país, utilizando rochas nacional e estrangeira, conforme as cores, os padrões e as modas. A resposta ao mercado. Neste momento, a pedra tem utilizações muito diversificadas, desde exteriores a interiores, passando por pavimentos e bancadas.

Apoio e associativismo

Os apoios prestados ao sector não ultrapassam os que habitualmente são postos à disposição de outras indústrias: "PEDIP's e outros programas de ajuda", refere o delegado da ASSIMAGRA, bem como "algumas ajudas para exposições de feiras no estrangeiro". A realização da ExpoSintra, em Pero Pinheiro, com um Salão de Rochas Ornamentais, tem "dado algum alento" ao sector, pois "tem mostrado a muita gente, mesmo aqui da região, coisas que as pessoas não pensavam que se fizessem aqui".

A ASSIMAGRA, que tem uma delegação em Pero Pinheiro há três anos, tem procurado apoiar os sócios em diversas vertentes: formação profissional, representação junto da administração central, apoio logístico, com gabinetes técnico-jurídicos. "Pena é que não se tenha ainda conseguido transmitir a todos os industriais da zona as vantagens que têm em ser associados". Com efeito, apenas cerca de um terço é sócio da Associação.

Neste momento, a grande aposta de futuro passa pelo Projecto Reval, que pretende minimizar o impacto negativo provocado pelos resíduos e as natas da indústria. O projecto de construção de uma Escola Profissional das Rochas Ornamentais na zona, uma aspiração que tem já cerca de 40 anos, "não tem sido fácil de pôr em prática". Mas a ASSIMAGRA está a colaborar com o Instituto de Emprego e Formação Profissional e com a Escola de Montelavar, na preparação de alguns jovens que procuram o primeiro empreg Estamos a ministrar, e colaboração com alguma firmas, uma formação mi ta, na escola e nas fábrica Na delegação existem cu sos em horário pós-labora para diversas actividade que têm estado a funcion com algum êxito".

A aptência dos jovens a sector, no entanto, não é desejada. "Acontece que indústria foi considera rud durante muito tempo. Ond as pessoas se sacrifican muito, onde existe pó e es forço... É uma ideia que fi cou enraizada desde o prin cípio, mas são problema que têm estado a se minimizados. Pelo menos as indústrias com alguma envergadura estão dotadas de aparelhos que minimizam o esforço dispendido". Também a segurança tem vindo a tornar-se uma realidade, devido a "ações promovidas pela ASSIMAGRA, de formação de técnicos de segurança" e a uma maior sensibilidades dos próprios operários e das entidades patronais.

PC

Figura 74- "História que a rocha conta", Jornal A Pena, 1 outubro 1998.

Câmara Municipal de Sintra

ANÁLISE DE imprensa

grp
Gabinete de Comunicação e Relações Públicas

Publicação A PENA Data 98/10/01

"Geologia no Verão" em Sintra

História que a rocha conta

O programa "Geologia no Verão" teve em Sintra duas iniciativas este fim-de-semana. Um passeio guiado entre a serra, a zona rural e o litoral, e uma visita às pegadas de dinossáurio da Praia Grande.

No âmbito do programa "Geologia no Verão", do Ministério da Ciência e da Tecnologia, decorreram em Sintra, no passado sábado, duas visitas guiadas a locais de interesse geológico.

O Instituto Superior Técnico, através de um dos seus professores, Mouraz Miranda, organizou um passeio pela serra de Sintra, com passagem pela zona saloia e pelo litoral.

Para Mouraz Miranda, um dos maiores especialistas portugueses em engenharia de minas, no concelho de Sintra existem dois motivos principais de visita. Por um lado, o maciço sub-vulcânico que constitui a própria serra e é o acidente geomorfológico mais importante da península de Lisboa; por outro, a zona já sedimentada do cretácio, onde são exploradas, há séculos, as rochas ornamentais, e que corresponde à área de Pero Pinheiro.

A visita iniciada às 9.00 horas de dia 26 de Setembro, passou por materiais e locais como um pedreira de rochas com granadas, na Quinta da Penha Longa; cortes graníticos na estrada da Lagoa Azul; diorito biotitico na Malveira da Serra; calcário cristalino, chamado Azul de Cintra, a caminho da Biscaia; pedreira de gabro na Biscaia; mafraito na Azóia; núcleo sienítico do maciço no Cabo da Roca; Lameiras, Maceira, Granja dos Serões, Pedra Furada e Negrais; passando por Colares e pelas dunas da Praia das Maçãs.

SÉRGIO SANTOS

Pegadas de dinossáurio

Pelas 10.00 horas do mesmo dia, o encontro estava marcado também para a Praia Grande. Desta feita, a visita era organizada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Dois elementos do Departamento de Geologia serviram de cicerones a meia centena de interessados em conhecer as características geológicas da área e as pegadas de dinossáurios existentes no extremo sul da praia.

Segundo Mário Cachão, as pegadas estão visíveis graças a terem sido impressas em lamas carbonatadas. Agora, é fundamental preservá-las. Já foram apresentadas propostas pelo Museu Nacional de História Natural, com vista a minimizar as fracturas, tentanto consolidar nos sítios onde há derrocada eminente. Um trabalho que exige um estudo prévio e verbas de que a Faculdade não dispõe. Por isso, Mário Machão fala na necessidade de haver "vontade política de preservar". •

PC

Figura 75- "Canteiros do mármore em pero Pinheiro em vias de extinção", Jornal de Sintra, nº 3267, p.7, 31 julho 1999.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

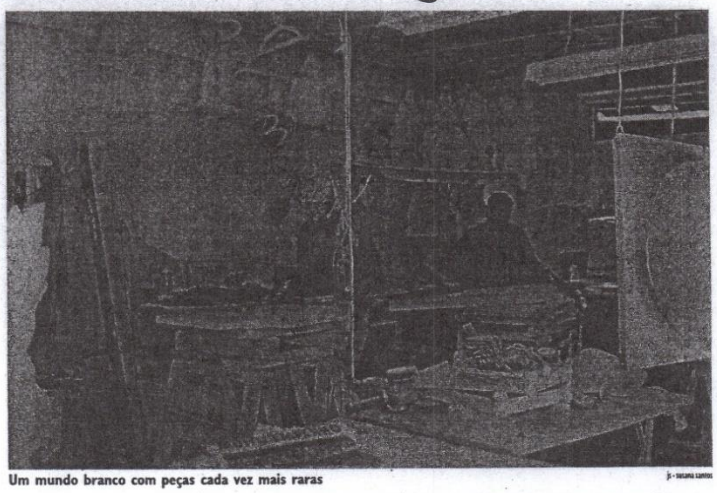
DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☑ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA: 7
31-7-99	Sintra	3267	(Continua)

HABITAÇÃO

Canteiros do mármore em Pero Pinheiro

Em vias de extinção

Filho és, canteiro serás. Pedro não quis estudar mais e apaixonou-se pela arte de trabalhar o mármore com o escopro e a maceta. Agostinho, o pai, "oficial" da pedra desde os 20 anos, prossegue na teimosia de fazer à mão aquilo que outros entregam às máquinas. E defende, tal como o filho, que o homem é insubstituível.



Um mundo branco com peças cada vez mais raras

"Antigamente, quase todos os homens aqui de Pero Pinheiro eram canteiros. Depois, com o passar dos anos... Sabe, isto faz um bocado de pó, puxa muito pelo corpo e as cadeiras dos escritórios são bastante mais màcias, 'né?" Agostinho Tomás ri-se, nós rimo-nos com ele e damos-lhe razão. No "escritório" improvisado da oficina, entre moldes de gesso e lascas de pedra, tudo é branco, e dez minutos bastam para que também os visitantes fiquem "enfarinhados". Nada a que um profissional do ofício não esteja habituado.

Agostinho, 60 anos, trabalha desde os 11 e lembra-se bem dos percalços que sofreu quando ainda era "verde" na profissão. As cinzeladas nos dedos eram o prato do dia. "Falhava a pontaria, fazia uma ferida, levava uma macetada... Ainda tinha algum receio e olhava muito para o escopro, o que não é nada aconselhável", ensina, sorridente. Entre muitas marteladas no vazio fez o primeiro trabalho, a prova de fogo dos novatos: "uma cagadeira. Chamava-se mesmo assim, cagadeira! Arranjava-se uma pedra quadrada, adaptava-se a pia, em redondo, e fazia-se um buraco no fundo. Também fazíamos pias de despejos, que já levavam cinco buracos, e andávamos nisto para aí durante um ano". Findo o período de "estágio", a patente subia. "Fazíamos coisas cada vez mais difíceis e, quando chegávamos aos 20 anos, dizíamos que éramos oficiais! Só que não era da Marinha nem do Exército, era da pedra", recorda, esboçando um sorriso modesto.

Cinquenta anos passados, o título de general assentar-lhe-ia como uma luva. Mas a dureza do trabalho não lhe deixa tempo para gabarolices ou incrementos de currículo. Pelo contrário, admite que hoje não imprime ao trabalho o mesmo ritmo que o caracterizava na juventude. "Sim, que aquilo era tudo a bater, não havia cá máquinas de mão! Se eu tentasse trabalhar como antigamente, se calhar não era capaz! Agora há muitos instrumentos que nos facilitam o trabalho", observa. Apesar de se valerem da tecnologia para acelerarem a feitura das peças, os Tomás são "canteiros propriamente ditos", como há poucos. "Há 40 anos, talvez existissem uns cem aqui na zona. Hoje há dois ou três", contabiliza o chefe da família. "Estamos em vias de extinção, agora faz-se quase tudo em série, nas fábricas". Alternativa? Marcar a diferença e deixar peitoris, ombreiras e ladrilhos para os empregados fabris. "Nós fazemos praticamente aquilo que os outros não fazem– esculturas, ornatos com flores, e essas coisas..."

A mão humana

"Essas coisas" deixam-nos curiosos e vamos em excursão até à sala principal. De fora para dentro pouco se vê, e o barulho dos berbequins– que são das poucas máquinas da casa– é ensurdecedor. Os antitriões destapam a cara para dizer bom dia, o ruído abran- ▶

Figura 76- "Canteiros do mármore em Pero Pinheiro em vias de extinção", Jornal de Sintra, nº 3267, p.8, 31 julho 1999.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☐ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA: 8

HABITAÇÃO

Pedro arranca lascas a uma águia trabalhosa

da, o "nevoeiro" baixa... E eis que surge, não D. Sebastião, mas Santo António. É um pequeno molde, que será clonado em breve. Ou não exactamente, uma vez que os acabamentos são feitos à mão, o que confere particularidades a cada peça. "As máquinas que temos são todas conduzidas pelas nossas mãos, não há uma máquina que a gente vire costas e ela fique a trabalhar", esclarece Pedro Tomás, de 35 anos. E especifica: "existem máquinas que copiam, se lhes dermos o molde, mas não acabam a peça. Fica aí 50 por cento", estima, adiantando que a mão humana é, e sempre será, insubstituível neste género de coisas. "Recentemente fizemos uns baixos relevos para a Casa Pia, um Cristo com dois metros, para uma igreja em Castelo Branco, uns painéis com uma rosa embutida para a sede do PS no Rato, em Lisboa... Os arquitectos estão a reconsiderar, a voltar às origens. Encomendam cantaria cada vez mais trabalhada, imitações de ombreiras antigas e outras peças..."

Nada que se compare, exemplifica, às janelas manuelinas. "Ui, ui, uma janela daquelas feita hoje... Sei lá, custaria uns milhares largos de contos", calcula. Aliás, nenhuma peça de mármore– principalmente se for feita à mão e com mármore "lioz"– se compra por uma bagatela. "Aqueles vasos pequenos custam 70 contos cada", aponta Agostinho, conduzindo-nos depois por entre fontanários, taças, cortimãos, painéis, brasões e anjos, destinados a casas, quintas e jazigos. Vizinhos de duas águias de metro e meio, encomendadas por um antiquário. "Vamo-las interrompendo, à medida que chegam outros trabalhos, mas mesmo que assim não fosse demoraríam uns seis meses a concluir", diz Agostinho, enquanto um empregado lhes arranca mais umas lascas, com pancadas fortes.

O custo e o esforço

O custo das peças é proporcional ao esforço. "Há pouco quem faça disto. Às vezes fica um bocado caro e as pessoas fogem para outras vias mais industriais. Outras até se prontificam a investir, mas como nem sempre encontram quem faça, desistem". As encomendas "saem" ao sabor do mercado e da mudança de tempos e vontades, daí que os canteiros não estabeleçam médias. "Não sei... Mais vale não pôr nada", aconselha-nos, deixando adivinhar os altos e baixos da profissão, que talvez inviabilizem, opina, a criação de uma escola de canteiros na zona, apresentada há anos como uma aspiração. "Seria bom, os miúdos aprendiam, mas... E depois, quem é que lhes dava emprego?"

"Antigamente é que até as molduras se faziam à mão, o que era dificílimo, pois as arestas tinham de bater umas com as outras", lembra, remontando ao tempo em que havia dezenas de canteiros na firma onde trabalhou durante vários anos. "Agora precisam é de pessoas para controlar as máquinas, por isso não sei se o mercado daria resposta à procura gerada pela escola. Que trabalhos é que eles fariam? O mais vantajoso seria talvez estabelecerem-se por conta própria...", refere, numa indecisão compatível com as flutuações do mercado.

De qualquer forma, adianta, o trabalho nunca fez mal a ninguém, sendo uma via possível para reabilitar e poupar à fome adolescentes em apuros. "Agora fala-se muito de exploração infantil... Mas por vezes é a própria sociedade que atira para a droga miúdos com menos de 16 anos e poucos recursos, que não dão para a escola! Antigamente é que os trabalhos eram duros! Agora uma criança não morre se trabalhar nos mármores, até porque isto é uma coisa que tem de se aprender de pequeno!", sugere Agostinho. "Com 10 anos, o meu filho já gravava letras! Saía da escola, em Lourenço Marques, e à tarde ia trabalhar, com a macetazinha".

Uma herança que já poucos filhos aceitam. "Lidei com a pedra desde pequeno, fui-me habituando, e na escola também não dava por aí além. Não é que tivesse chumbado algum ano, mas... preferi optar por isto", diz Pedro. "Está bem que cada vez menos pessoas se dediquem à cantaria em grandes explorações. Mas as oficinas mais pequenas, como a nossa, sempre existirão, mesmo que poucas". Agostinho, o outro bravo resistente, acena com a cabeça, e esboça um sorriso paternal, ciente de que tem ali o seu braço direito.

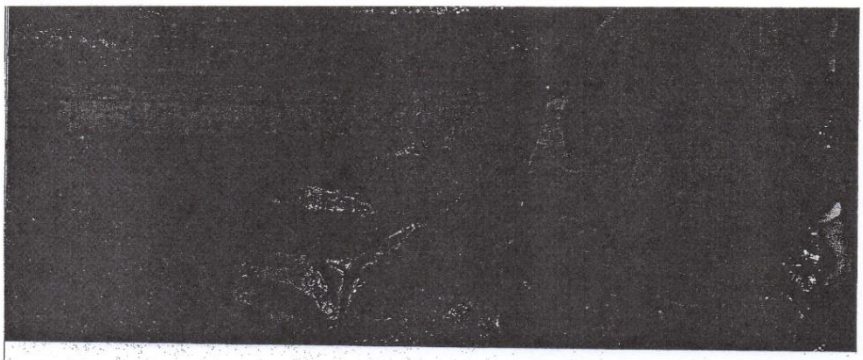
De pequenino é que se aprende, diz Agostinho

Figura 77- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.26, 19 fevereiro 2000.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☒ JORNAL ☐ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
19-Fevereiro 2000	DN 2	N-159	26



«O Padrão fez-se em dois anos, duas casas a trabalhar, da nossa parte foram 50 homens, sem parar. Toda a orientação, desde estar modelado, às peças em gesso e o assentamento, até chegar ao calcário – um semi-rijo –, foi um ver se te avias. A cabeça do Vasco da Gama que lá está pesava 36 toneladas; depois de trabalhada ficou a pesar 16. Isto é uma coisa bonita que dá orgulho»

REPORTAGEM DE TERESA MAIA E CARMO
FOTOGRAFIA DE AUGUSTO BRÁZIO

Até há poucos anos atrás, a coluna era a primeira coisa que se via. Gigantesca, maciça e prostrada por terra, mesmo às portas de Pêro Pinheiro, em frente ao café homónimo. Hoje esse sítio é um parque de estacionamento e a coluna foi reciclada para ex-libris: é a base do monumento ao «canteiro ornatista», bem no centro da vila. Quando, em 1988, a localidade passou a junta de freguesia, a «comissão de melhoramentos» comprou a velha coluna por 91$00. Certezas em papel não há, mas reza a lenda que a coluna era destinada ao convento de Mafra, pois existem por lá muitas exactamente iguais àquela. Ou por ter defeito ou por já não ser necessária, há-de ter caído e por ali ficado, centenas de anos, à boa portuguesa.

Quem por ali passa, pouco dá pela coisa. Não é bonita a vila, não se vêem grandes esculturas e o trabalho da pedra faz-se em fábricas e fabriquetas fechadas ao olhar do passante – as maiores – ou com ar de oficina mexicana - as mais pequenas. Poeirada e barulho de serras, atravessada pelo passar constante de um parque automóvel inusitadamente caro. É o primeiro sinal de que há ali algo mais que a desolação estética das localidades de beira de estrada. A importância da vilória é só esta: é dali que nasceu toda a Lisboa monumental. António Quina, escultor ali instalado há 12 anos, é peremptório: «o Manuelino veio daqui! A Torre de Belém veio daqui! O Marquês de Pombal veio daqui! Tal como as esculturas da Avenida da Liberdade, do Campo Grande, o Monumento aos Descobrimentos. Só aqui é que há canteiros de lioz, e Lisboa é toda lioz.» O lioz é um calcário rijo e estruturado, aquela pedra esbranquiçada que tem grandes culpas no cartório da luz ímpar que Lisboa tem.

Essa arte de fazer falar a pedra, em vez de lhe chamar nomes por ser dura, encontra ali pergaminhos importantes. Humberto Raimundo, 64 anos, mestre-canteiro especializado em escultura decorativa, filosofa sobre a importância deste trabalho, em vias de se perder para a frieza das máquinas. Não desvaloriza o trabalho do escultor: apenas exalta o amor à matéria e o saber feito de fazer do homem que mete mãos à pedra, o canteiro. «O conjunto do Marquês de Pombal é um bocadinho em diagonal, as pedras são todas diferentes. Depois de feito, parece tudo muito simples, mas é preciso saber. O meu avô trabalhou nessas pedras.».Do avô para o pai, agora para ele e os filhos, é uma linha directa e antiga que assim vai passando de gerações em Pêro Pinheiro. O mestre Raimundo entusiasma-se a falar de todas as obras de arte que saíram da «José Raimundo e Filhos, Lda». «Há trabalhos nossos por todas as partes do mundo, com 50 homens aqui a fazer escultura. O Pero Escobar, em Macau, do escultor Euclides Vaz, a «Soberania», em Moçambique, do escultor Simões de Almeida sobrinho – que fez a peça em metade do tamanho e quando viu o que fizémos benzeu-se! –, o Infante Santo em Santarém, imensas figuras em Fátima, e até capitéis para a primeira Basílica, muita coisa em Coimbra, os baixos relevos dos Palácios da Justiça do Porto e Santa Comba Dão, e em Lisboa nem se fala. Andámos 40 e tal anos a mandar material para os Jerónimos, fizemos o monumento da Praça da Figueira, o S. Cristovão que está agora perto do aeroporto. Para se conseguir aquele bloco foi preciso esperarmos 36 meses da pedreira... Antigamente, era circuito obrigatório do ministro das Obras Públicas passar pelo Raimundo a ver o que se estava a fazer, para que a arte não acabasse. Era tudo controlado ao tostão. Agora não. Nem há artífices.» Vai-se-lhe instalando a mágoa na voz, do desgosto de ver uma arte – a sua – a desaparecer sem deixar rasto.

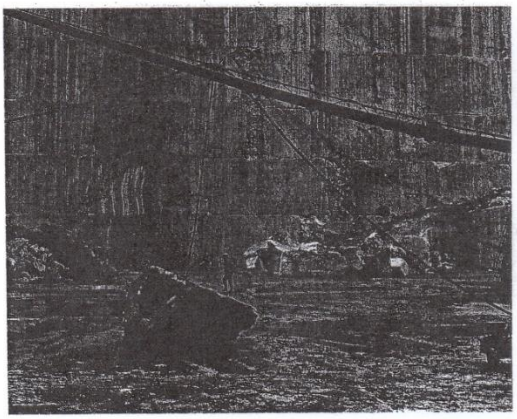
Vale a pena levar olhos de ver, depois da descrição dos trabalhos envolvidos. A cúpula da Igreja da Memória, por exemplo. «Foi atingida por um raio. Teve de se desmanchar tudo e voltar a fazer. Foi há meia dúzia de anos, mas é um trabalho que nos dá muita honra. Há ali técnicas de construção muito boas, repare. As obras antigas é raro caí-

Figura 78- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.28, 19 fevereiro 2000.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☒ JORNAL ☐ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
19-Fevereiro 2000	DN 2	N-159	28



«O Manuelino veio daqui! A Torre de Belém veio daqui! O Marquês de Pombal veio daqui! Tal como as esculturas da Avenida da Liberdade, do Campo Grande, o Monumento aos Descobrimentos. Só aqui é que há canteiros de lioz, e Lisboa é toda lioz.» O lioz é um calcário rijo e estruturado, aquela pedra esbranquiçada que tem grandes culpas no cartório da luz ímpar que a cidade tem

rem. Eles sabiam fazer fundações, cruzar as pedras, fazer parede.» Têm de se subir muito os olhos para avaliar o luxo de frisos, arcos e curvas que fazem a pedra parecer plasticina. Da base da Igreja da Memória, a vista não podia ser mais significativa. Descendo o olhar pela fiada de árvores da encantadora Calçada do Galvão, dá-se com o cimo altivo do Padrão dos Descobrimentos, saído das mãos dos mesmos homens. Recortada contra o rio quieto e a silhueta da outra margem, a pedra assume um sentido enigmático à luz alaranjada deste fim de tarde de um Dezembro gélido. Existem harmonias assim.

Cá em baixo, na Praça do Império, a escala humana dá a medida do empreendimento. Um jovem que acaba de marinhar pelas figuras acima exibindo-se para a câmara de vídeo dos amigos, nem lhes chega aos joelhos, fica-se pela canela! Na bainha das três vagas cinzeladas em grande, acotovelam-se as figuras atrás do Infante, cheias de credos na boca e gestos largos. De quê? De graças aos céus, de «vamo-nos a eles»? Mesmo sabendo que cada uma das personagens foi desenhada e executada com uma ideia precisa, é mais divertido não ir aos livros e embarcar na interpretação selvagem. É para isso que a pedra se oferece assim à ventania e a todos os olhares, há 40 anos a embasbacar nacionais e turistas. É fácil pormo-nos a magicar perante o simbolismo saturado do local. Atrás, o rendilhado da Torre de Belém, à esquerda a fachada a um tempo grave e ligeira dos Jerónimos, amparada pelo moderno CCB, além uma nesga do Palácio da Ajuda, acolá a cúpula do Panteão. Do outro lado do rio, o Cristo-Rei sobre uma base agora iluminada por uma espécie de néon japonês. Fica um retrato do País, para quem queira desenvolver. Diz Chillida, o basco prodigioso que sabe do que fala, que «o limite é o real protagonista do espaço, tal como o presente, outro limite, é o real protagonista do tempo». Mesmo independentemente das intenções cabisbaixas do «botas», dá o cenário que pasmar. E os vincos das botas, as malhas das cotas, as contas dos terços, tanto trabalho e tão bem feito. Além da inscrição obrigatória («Ao Infante D. Henrique e aos portugueses que descobriram os caminhos do mar 1460-1960»), os créditos ficaram inscritos. A negro, «arquitecto Cottinelli Telmo, escultor Leopoldo de Almeida, M.O.P». Menos nobre, em discreto relevo, branco sobre branco: «construtor Manuel Nunes Tiago, canteiros Pardal Monteiro Lda e José Raimundo».

«Fez-se em dois anos, duas casas a trabalhar, da nossa parte foram 50 homens, sem parar. As peças bateram certas para não se faltar ao respeito à obra. Toda a orientação, desde estar modelado, às peças em gesso e o assentamento, até chegar ao calcário – um semi-rijo –, foi um ver se te avias. Mas o meu pai, que coordenava o trabalho, devia ser o melhor mestre-canteiro do país. A cabeça do Vasco da Gama que lá está pesava 36 toneladas; depois de trabalhada ficou a pesar 16. Isto é uma coisa bonita, que dá orgulho», conta Mestre Raimundo filho. Estas e muitas outras histórias acumula-as ele com gosto, desde que começou a trabalhar aos 11 anos, porque o pai não o podia pôr a estudar. «Quando digo trabalhar, era sem fins-de-semana, às vezes 24 horas. Mesmo assim, antes era melhor: as pessoas trabalhavam com gosto, ficavam contentes de se lhes dar trabalho, agora só querem um emprego.» Ainda assim, Humberto Raimundo quis estudar, e estudou. À noite, depois de fazer o curso de admissão aos liceus. «Nesse ano houve 80% de chumbos. Nunca me usei das faltas que podia dar, tinha aulas até à meia-noite, depois ia a correr apanhar o comboio até ao Algueirão. Daí até Pêro Pinheiro ainda são 8 km, que fiz muitas vezes a pé, até comprar a lambreta. Como já era casado, chegava a casa e ainda tinha de andar com pés descalços para não acordar os miúdos.» Hoje a vida mudou-se-lhe muito. Tem uma pedreira em Beja, um dos filhos é engenheiro e comanda o serviço da casa, que factura «entre 50 a 200 mil contos por ano». Já pouco faz desses trabalhos preciosos de outrora, a empresa dedica-se sobretudo à habitação, na quase totalidade para fora - «sabe onde fica a Islândia?».

É uma indústria e um negócio bem rentáveis. «Hoje já pouca extracção se faz, mas tudo na região gravita em torno da indústria das rochas ornamentais. É a indústria metalomecânica, a dos abrasivos, todo o comércio. Aqui, felizmente, não há desemprego. Há, pelo contrário, carência de mão-de- obra.» A introdução é de Carlos Parreira, que ele é que é o presidente da Junta, quase a fazer 10 anos desta vida. Para uma freguesia de 1 822 1536 hectares de área e cerca de 6500 habitantes, tem um orçamento de 40 mil contos por ano. «É magro, mas é o possível. Costumo dizer «chamem-me porteiro e dêem-me dinheiro».» É um grisalho pachola, de farto bigode e cigarro sempre na mão, nado e criado na terra que agora ajuda a comandar. «Estou aqui num estado de paixão», sublinha. E percebe-se que tem gosto no trabalho autárquico, feito nas sobras do tempo da gerência de uma empresa «ligada a pneus e lubrificantes», aos fins-de-semana e à noite. Enumera prontamente os maiores problema de Pêro Pinheiro: uma população envelhecida, falta de habitação, o que obriga a um movimento pendular diário dos trabalhadores, e uma filha no associativismo dos industriais da região. «Somos saloios. E já Gil Vicente falava «dessa estranha gente para lá das serras» que é, por natureza, individualista. Existe um problema ambiental de lodos e lamas que tem de ser resolvido em conjunto. É preciso ver que a indústria de mármores é a única genuína deste concelho! As pessoas vivem aqui, como podiam viver na linha da Azambuja ou de Cascais, sem saberem da importância da pedra. E se, de hoje a amanhã, a indústria perde importância, é um problema. Quem imaginaria que até os chineses iam competir connosco!»

Eduardo Miranda Cairão, um dos mais respeitados industriais da região, completa o quadro. «A indústria emprega aqui cerca de três mil pessoas. São mais de 300 fábricas, há preponderância das pequenas unidades, com uma média de 10 empregados. Factura-se, no geral, à roda de 30 milhões de contos.» E, pelo menos, desde a construção do Convento de Mafra que vem a tradição da pedra em Pêro Pinheiro. O maior problema actualmente é a «falta de quadros». Luta-se pela fundação de uma escola técnico-profissional, para colmatar o facto de a maior parte dos responsáveis

DNA

Figura 79- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.30, 19 fevereiro 2000.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA X JORNAL ☐ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
19-Fevereiro 2000	DN 2	N-159	30

«A pedra é um material de luxo, a extracção é muito cara, nós somos profissionais, portanto tem de se pagar por isso. Esta arquitectura que está na moda acha que a escultura é um ramo de flores»

pelas fábricas das redondezas terem fracas qualificações, sendo maioritariamente herdeiros de negócios de família. «Eu, por exemplo, tenho a 4ª classe. Era empregado de escritório e casei com a filha de um industrial - dos Granitos de Maceira. Depois houve uma cisão e nasceu a Granisintra, que é minha, da mulher e dos dois filhos. As coisas começam a mudar porque vão aparecendo os filhos dessa geração. Os meus trabalham ambos aqui, e ele já tem formação em gestão de empresas», acrescenta nos seus modos reservados. Hoje, a Granisintra tem 40 empregados, 32 dos quais operários. A Granitos de Maceira tem um «site» catita, onde mostra as suas obras espalhadas pela Terra inteira: o Centro Comercial Las Lomas, em Madrid, o edifício IBM em Paris, a St. Anne's Cathedral Square, na Irlanda do Norte, a Sony City, em Amesterdão, ou as Etisalat Towers, nos Emiratos Árabes Unidos.

Que longe que estão das marretas, guilhos, pistolos, dos bicos, macetas, ponteiros, alavancas, pinchotes, da pólvora, do rastilho e dinamite com que dantes se amanhava a pedra! Dos tempos em que imaginamos a Blimunda e o Sete-Sóis a calcorrear os barracões de artesania de que se ia fazendo o convento que dava sustento a todos os dali. Há muito menos tempo, em 1965, ganhava um trabalhador de pedreira de sol a sol... 38$00. A robustez e sumptuosidade da pedra mantiveram-se, mas a modernização das indústrias extractiva e transformadora, com a adopção de novos métodos de desmonte e serragem e a utilização das mais recentes técnicas de polimento, tem contribuído decisivamente para o crescimento da procura que, tradicionalmente, distingue as rochas portuguesas. Da construção civil ao trabalho de arte funerária, a evolução da produção de «mármores e outras rochas carbonatadas» evoluiu de forma significativa. Segundo o Instituto de Geologia e Minas, de 1986 a 1998, a produção nacional de rochas ornamentais disparou de umas 509 837 milhares de toneladas para 959 492, representando um salto de 7 018 229 para 25 047 024 milhões de contos. Os números traduzem-se numa taxa de exportação interessante que cresceu, no mesmo período, de 10 para mais de 30 milhões de contos ao ano.

A indústria extractiva foi sempre muito importante até há 40 anos atrás. O que se passou, entretanto? Eduardo Calrão, que é também delegado para Pêro Pinheiro da Associação Nacional das Indústrias de Mármores, Granitos e Rochas Afins (ASIMAGRA), explica que «a pedra aqui da zona, bonita e nobre pela sua formação, em camadas que vão variando de cores conforme a profundidade, precisa no entanto de ser tapada com colas e betumes. Por isso, os industriais daqui viraram-se para o triângulo Estremoz-Borba-Vila Viçosa e começaram a abrir lá pedreiras. Isso, aliado à corrida ao calcário de Porto de Mós e a começar-se a usar o granito, modificou a situação».

Hoje, da região extrai-se sobretudo o lioz, o abancado, o vermelho e o amarelo de Negrais. O aparecimento de novas cores e padrões veio, em todo o caso, desenvolver a indústria local. Em Pêro Pinheiro, hoje, trabalham-se pedras de todo o lado, que vão para todo o lado. A Granisintra, única empresa certificada da região, factura cerca de «meio milhão de contos ao ano» para clientes de toda a proveniência. Tem dois trunfos na manga: a «pedra envelhecida, graças a uma tecnologia de que vamos na vanguarda» (para nós, leigos, é aquela pedra bonita de ar rústico que se começa a ver por todo o lado), e o granito com 1 cm de espessura, dois produtos quase únicos na região. Fez recentemente cinco das mais recentes estações do Metropolitano de Lisboa, e trabalha muito com escultores holandeses, «porque têm tendência fazer coisas fora do normal, e porque gostamos de desafios – não me dá gozo nenhum fazer trabalho standardizado». Todavia, é este que agora mais abunda, mercê da inesperada concorrência mundial. «Países que eram compradores e não tinham tradição de extracção, como a China, Índia, Brasil ou Argentina, estão a distribuir pedra pelo mundo inteiro. Já não falando da cerâmica, que nos substitui e imita. Mas, felizmente, existe cada vez mais apetência de pedra no mundo e, felizmente também, Portugal é um dos países que mais pedra consome per capita.»

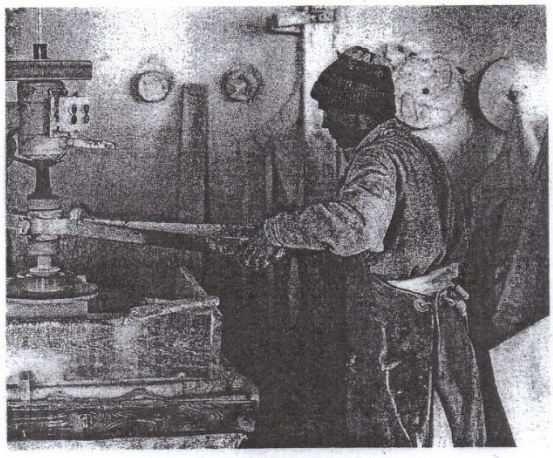
Pois, a pedra está na moda. Na construção, pelas cidades fora, finalmente vêem-se esculturas. Pêro Pinheiro já foi atracção para inumeráveis escultores, que se instalavam numa ou noutra fábrica (como a dos irmãos Urmal) graças à simpatia e carinho dos patrões. Hoje, por incrível que pareça, só conseguimos encontrar dois escultores que trabalham ali em permanência: António Quina e Rui Matos, ambos artistas pres-

Figura 80- Titulo desconhecido, DNA, nº 159, p.30, 19 fevereiro 2000.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☒ JORNAL ☐ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
19-Fevereiro 2000	DN 2	N-159	32



«A indústria emprega aqui cerca de três mil pessoas. São mais de 300 fábricas, há preponderância das pequenas unidades, com uma média de 10 empregados. Factura-se, no geral, à roda de 30 milhões de contos». É, pelo menos, desde a construção do Convento de Mafra que vem a tradição da pedra em Pêro Pinheiro

tigiados e com trabalho regularmente exposto. Fomos encontrar o primeiro por entre uma poalha branca que o cobria da cabeça aos pés, na figura (ir)reconhecível de um escultor em pleno trabalho. Os óculos e os auscultadores escondem praticamente todo o rosto, os braços estão tensos do peso da máquina. Esta não é uma arte para meninos, percebe-se quando se assiste. Está atrasado com um trabalho – uma enorme intervenção para Silves, a partir de um poema de Almutami, tendo como referente a presença árabe na região. Antes da montagem final, o atelier de um escultor tem sempre algo de macabro, no aspecto decepado e incompleto das peças. Aqui uma cabeça, ainda a sair do bloco de pedra, ali um tronco. Três possantes cilindros hão-de ser árvores. Que chatice, agora, interromper para jogar conversa fora, é a primeira impressão. Depois desfaz-se, a secura da abordagem é um estilo, feito de convicções sólidas como os materiais com que lida. São dele as figuras de Algés, foi organizado por ele o 1º (e único) simpósio de pedra dos escultores de Pêro Pinheiro (quando o espelho de água em Belém foi invadido por uma série de massas enigmáticas aqui há uns anos, lembram-se?), o espectacular painel policromo da Portugal Previdente, tal como o do recente Saldanha Residence.

No meio da barulheira das máquinas, «começa pelo paradoxo: «A escultura é a arte do silêncio.» Ou: «um escultor é apenas uma pessoa que tem uma memória tridimensional invulgar». Tem o atelier alugado a meias com Rui Matos há 12 anos, foram colegas nas Belas-Artes. Não podiam ser mais diferentes, no aspecto é na obra. António, de constituição musculada, faz peças em que a força é o primeiro valor (diz a leiga, entenda-se). Rui é alto e franzino e além de ser classificado pelo amigo – na sua ausência - como «o melhor escultor português da actualidade», tira da pedra uma suavidade sem limites, uma doçura impensável se considerarmos a brutalidade de um bloco de pedra. É irresistível lembrar o que Picasso dizia, estupefacto, acerca do mármore. «Compreendo que possamos ver alguma coisa na raiz de uma árvore, mas o mármore? Tira-se em bloco, não propõe nenhuma imagem. Não inspira. Como é que Miguel Ângelo pôde ver o seu David num bloco de mármore? Se o Homem veio a fixar imagens, é porque as descobria à sua volta quase formadas, já ao alcance da mão. Via-as num osso, na entrada de uma caverna, num bocado de madeira. Uma forma sugeria-lhe uma mulher, outra um bisonte, outra ainda a cabeça de um monstro.»

Ambos são peremptórios: escolheram a pedra por ser um material directo. Rui Matos: «Faço pedra porque é o único material definitivo que me permite uma escultura de modelação e volume. A escultura tradicional, do Estado Novo, era muito morosa e cara (barro, gesso, molde e só depois a pedra), passava por artesãos e canteiros. Hoje isso não é comportável: quase não há artesãos, e os que há são muito caros.» Estão ainda de acordo em atribuir os louros do «boom» da escultura em Portugal a João Cutileiro. O escultor de Évora terá aberto o apetite a uma «burguesia informada que se prendeu de amores por aquelas bonecas, fáceis de vender», mas também foi o primeiro a fazer o talhe directo (sem molde), aproveitando as características que a pedra dá. «Temos de lhe fazer as honras: ele é que fez as pessoas quererem coisas em pedra.» Abriu o mercado e criou interesse numa série de artistas que na altura foram trabalhar com ele ou vieram para Pêro Pinheiro. Deixam cair nomes como José Pedro Croft, Graça Costa Cabral, que, entretanto, deixaram de aparecer. «Foi uma moda», acreditam.

Mas ficou o mercado, que é algum, feito de câmaras, empresas, hospitais e naturalmente coleccionadores «que se foram qualificando culturalmente e investindo nas pessoas que trabalharam». O tema ainda dá uma dicussão acesa, mas os pontos de vista acabam por se fundir quando chegamos ao valor da escultura. Como se calcula o preço de uma peça? «Pelo tempo que me levou a fazer, essencialmente.» (RM) «A pedra é um material de luxo, a extracção é muito cara, nós somos profissionais, portanto tem de se pagar por isso.» (AQ) Recordam os tempos do modernismo, em que escultura e arquitectura andavam juntas, apontam o Ritz como um exemplo lapidar de integração plástica. «Esta arquitectura que está na moda acha que a escultura é um ramo de flores.» Segue a pista, com as provocações da praxe: «A moda é fruta da época. É uma coisa natural estar consonante com o espírito do tempo. A Arte é a relação entre o pensamento colectivo e a individualidade. Só que há uns que só têm pensamento colectivo.» (RM) «A Arte é a expressão da liberdade. Nessa medida, o artista faz aquilo que lhe apetecer optimamente. Eu sou o palácio das minhas esculturas. Da minha diferença, das minhas misérias.» (AQ)

E, no entanto, além destes dois escultores, há apenas o Centro Internacional de Escultura, onde, por três vezes, não conseguimos encontrar ninguém. Já o presidente da Junta nos dissera que entre canteiros e artistas «há um choque de sensibilidades, estes têm mais aceitação lá fora do que aqui». Para Rui Matos, a situação é bizarra. «Em Carrare há muitos centros de escultura e milhares de escultores de todo o mundo. Aquela pedreira existe há muito tempo. Para dar só dois grandes exemplos, deu a tradição estatuária de Roma e a Renascença.» «As relações dos artistas com os donos das empresas aqui são distantes. São meios muito diferentes. O deles é também de alto risco, e não têm tempo a perder. Na melhor das hipóteses, ambos gostamos de pedra.» (AQ) Andarão os nossos escultores a dormir na forma? Serão os industriais que não os acolhem? Um mistério de estranha resposta, quando pensamos que todas as grandes civilizações trabalharam a pedra. Incas, Maias, Aztecas, Egípcios, Indianos; Persas, Romanos, deixaram a sua impressão digital mais perene talhada na rocha. Um material com uma dignidade insubstituível, feito dos lentos caprichos do tempo e da terra.

Entre o povo Inuit, que o nosso eurocentrismo baptizou de forma degradante como «esquimó» em geral, existe a noção de que a pedra contém em si a virtualidade do que dela vai nascer. Trabalhada por escultores ou canteiros, os que lhe conhecem o encanto sabem que o que conta é a energia orgânica, impetuosa, uma espécie de pressão interior da matéria que se expande à medida do olhar criativo de quem a imagina. Docemente, apesar das serras eléctricas. Pacientemente, com trabalho árduo, apesar da dureza essencial. Para, depois, se deixar mexer e olhar com o respeito que merece. Chillida, outra vez: «não vi o vento, vi as nuvens moverem-se. Não vi o tempo, vi as folhas cairem». ■

Figura 81- "Industriais dos mármores querem aterro para lodos", Jornal de Sintra, nº 3343, p.11, 25 fevereiro 2000.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☑ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
25-2-2000	Sintra	3343	11

Câmara pede "propostas concretas"

Industriais dos mármores querem aterro para lodos

Ana Sofia Delfim

Os industriais dos mármores e granitos da zona de Pero Pinheiro querem um aterro para descarregar as natas e lodos resultantes da sua actividade.

Por ano são mais de 200 mil toneladas de resíduos

Muitos deles, porque não têm terrenos próprios onde depositar os resíduos, recorrem a empresas que os depositam noutro local, o que constitui um prejuízo considerável, dizem. "Através de estudos que já foram feitos, fabricamos mais de 200 mil toneladas de resíduos por ano, em toda esta zona", diz Eduardo Galrão, dirigente da Assimagra – Associação dos Industriais de Mármores e Granitos.

A Câmara de Sintra diz-se interessada na resolução do problema, mas pede aos industriais que façam uma estimativa futura da produção de resíduos, bem como dos lodos e natas acumulados ao longo dos últimos anos, o que pode ser conseguido através, por exemplo, de fotografia aérea.

"Tem de ser a Assimagra a dar o pontapé de saída e a apresentar-nos uma proposta e levantamento concretos, dizendo-nos também que materiais podem ser reutilizados. Essa responsabilidade não é nossa", afirma o vereador da Câmara de Sintra, Paiva Nunes.

No que toca aos resíduos acumulados, os industriais dizem que esta é uma tarefa difícil. "Trata-se de quantidades incalculáveis, porque são detritos acumulados ao longo de 50, 60 anos", considera Eduardo Galrão. Além disso, opina, "há vazadouros que estão inoperantes porque pertenciam a firmas que faliram, e cujos industriais não vão mexer mais no terreno. Não nos sentimos responsáveis por aquilo que outros fizeram e já deixaram de fazer", defende também o industrial.

Pedreira desactivada

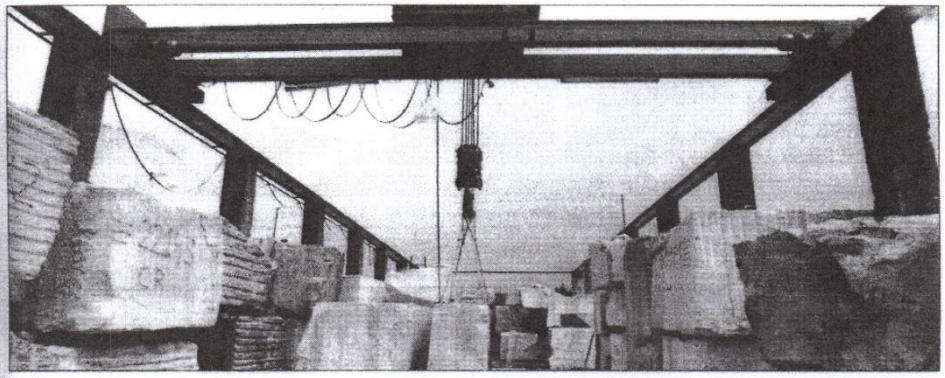
Para conseguirem os seus propósitos, os industriais constituíram-se em comissão instaladora, que reuniu já com a Câmara de Sintra, e sugeriram o depósito dos materiais numa pedreira desactivada, em Pedra Furada, cujo terreno pertence à CP. Nesse terreno, pretendem instalar também uma estação de recolha e tratamento "de forma a que só se deposite na pedreira uma pequena quantidade de resíduos", explica Eduardo Galrão. Segundo Paiva Nunes, utilizar o terreno da Pedra Furada como depósito de lamas e lodos não é uma solução concretizável a curto prazo. Durante os próximos dois anos, e até à conclusão das obras da "CREL da água", os SMAS utilizarão o referido terreno para "captação de água em situações de ponta", sobretudo no Verão, tal como já acontece.

De qualquer forma, a Câmara diz-se parte interessada no processo e está disposta a associar-se a industriais, CP, Cimpor e restantes interessados. Não só pela vertente ambiental do projecto, mas também porque dos terrenos agora utilizados como vazadouro, "e que há 15 ou 20 anos valiam pouco, podem agora ser utilizados para habitação ou indústria", observa Paiva Nunes. A autarquia considera possível criar na Pedra Furada, a curto prazo, um entreposto que inclua uma estação de compressão dos desperdícios resultantes da transformação, que serão transportados pela CP e posteriormente reutilizados pela Cimpor.

Figura 82- "Canteiros e Cantarias", Jornal da Região Sintra, p.5, 25 março 2003.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
Biblioteca Municipal de Sintra

PERO *Pinheiro*



Canteiros e Cantarias

Pero Pinheiro é terra de cabouqueiros e canteiros. Daqui saíram trabalhos para a construção do Convento de Mafra e para a reconstrução do terramoto de Lisboa de 1755. Graças ao aperfeiçoamento técnico, esta indústria tem-se desenvolvido a um ritmo crescente nos últimos anos.

Mais antigo no tempo e tradição, o trabalho do "cabouqueiro", ou seja, aquele que explora as pedreiras e mais recente, a preparação de peças de cantaria, ou seja, o trabalho do "canteiro", ambos deram à localidade grande prestígio.

Há cerca de cem anos atrás, as peças de cantaria lavravam-se no próprio local das obras, para onde eram carretados os blocos de pedraria extraídos, desbastados e fornecidos pelos cabouqueiros.

É também de crer que, na região de Pero Pinheiro, a fase de trabalho de cabouqueiro e a de canteiro – que hoje constituem um todo industrial – tenham surgido em épocas diferentes. Não temos, no entanto, elementos precisos que nos habilitem a precisar a época em que, pelo menos o cabouqueiro, se tenha fixado nesta localidade, embora, segundo estudos da região, sejamos levados a admitir que, com carácter permanente, não deverá ser anterior ao século XVIII.

Em termos históricos, é do conhecimento geral que, na época medieval, se aproveitava a pedra no próprio local onde se edificava, sendo muito raros os casos em que se fizesse transportar a pedra de pedreiras distantes.

Só na Antiguidade Clássica, e depois na Renascença, os arquitectos, influenciados pela tradição italiana, deram particular importância à qualidade da pedra a aplicar nas suas obras e ao seu aspecto e cor.

Na região de Pero Pinheiro encontramos dois pequenos monumentos que atestam, por um lado, os costumes tradicionais dos construtores da Idade Média e, por outro, que em tal época se não teria ainda aqui feito qualquer exploração sistemática de pedreiras. Trata-se da abóbada da abside da igreja paroquial de Montelavar, construída com "tijolo" moldado, à maneira da arquitectura mudéjar, e a abóbada da igreja paroquial de Cheleiros.

▶ Monumento ao canteiro

Os obras do Convento

No século XVIII, aquando da construção do Convento de Mafra, a região de Pero Pinheiro foi a principal fornecedora da pedra necessária para a edificação daquela grandiosa obra.

Tudo isto aconteceu porque o autor de tão ousado projecto ambicionado por D. João V, o arquitecto João Francisco Ludwig ou Ludovice, procurou nas proximidades de Mafra, os locais de onde pudesse extrair as grandes quantidades de pedra necessária para tal obra.

O lioz branco e o abancado rosa-avermelhado de Pero Pinheiro, o vidraço negro de Mem Martins, o mármore cinzento-azulado de S. Pedro foram as variedades que o arquitecto Ludovice mais utilizou na sua obra. Há também a versão de ter sido esta obra de Ludovice que provocou a abertura das primeiras pedreiras de Pero Pinheiro, e que a esta se deve o primeiro grande impulso dado à sua exploração.

Cabouqueiros e canteiros

Bastará dizer, para se fazer uma ideia, que só no ano de 1729 havia em Mafra, ao todo, cerca de 50.000 operários de diversas profissões. Em Pero Pinheiro devem ter vivido apenas os que se empregavam nos trabalhos da extracção da pedra que, depois de desbastada, era transportada sobre enormes carros puxados por numerosas juntas de bois ao longo da velha estrada que ligava Pero Pinheiro a Mafra, através do vale de Cheleiros.

É lícito admitir-se que, após a conclusão das obras de Mafra, alguns cabouqueiros e canteiros se tenham instalado pelos lugares de Pero Pinheiro, procurando aqui ganhar a vida, dedicando-se a esta exploração.

Precárias deveriam ter sido as condições de vida dessa incipiente indústria, dada a penúria das vias de comunicação e as dificuldades de transporte da cantaria para o único centro consumidor de certa importância, que era a cidade de Lisboa.

Obviamente que a reconstrução de Lisboa, após o terramoto de 1755 pode, por sua vez, ter tido alguma influência no desenvolvimento desta indústria. A reconstrução da capital deverá, talvez, ter dado ocasião ao aparecimento em Lisboa, dos primeiros industriais intitulados "fornecedores" de cantarias, os quais, de facto, passaram a fornecê-las prontas a serem colocadas nos locais previstos pelos arquitectos.

O arquitecto Eugénio dos Santos concebera para a rápida reedificação de Lisboa o sistema de "préfabricação" do maior número de elementos necessários à construção, e as consequências das novas condições de trabalho criadas por esse sistema devem ter favorecido o aparecimento daqueles empreiteiros ou fornecedores de peças já devidamente aparelhadas, evitando-se, deste modo, a excessiva acumulação de operários junto das obras, como até então era uso.

Segundo alguns autores, talvez seja esta a origem das oficinas de canteiros de Lisboa, cujos proprietários, mais tarde, com a abertura de melhores vias de comunicação e o esgotamento das pedreiras do "bastardo" de Alcântara, passaram a encomendar aos "cabouqueiros" de Pero Pinheiro a pedra para a cantaria que essas oficinas forneciam às obras. Só posteriormente devem ter surgido as primeiras oficinas independentes nesta região.

No início do século XX não havia uma única serração em Pero Pinheiro. Era frequente ver, de sol a sol, numa luta titânica, modestos mestres e operários, extraírem do seio da terra material que Lisboa consumia depois de manufacturado, uma parte nos pequenos e toscos "telheiros" locais e a outra parte nas oficinas de canteiros de Lisboa.

A alguns industriais de hoje se deve um incontestável progresso na técnica da exploração das pedreiras e no trabalho mecânico de aproveitamento da pedra, tanto nas numerosas serrações, como em grande quantidade de oficinas.

O canteiro, aquele operário-artista que de uma pedra já serrada, ou simplesmente devastada, consegue, pelo seu trabalho manual, dar formas exactas que outros possam ter concebido e lançado no papel ou no barro, será sempre objecto de primeira categoria no conjunto da indústria de Pero Pinheiro.

Luciano Reis

▶ Das oficinas de Pero Pinheiro saiu, e ainda sai, muito produto acabado

Figura 83- "As pedras voadoras", p. 27, datado á mão 12 junho 2003, PCP/GES - Gabinete de Estudos Sociais do Partido Comunista (?). Cópia cedida pela União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero-Pinheiro e Montelavar. Montelavar.

27

Datas da História

J. M. Costa Feijão

As pedras voadoras

Abrir a pedra a escopro e maço ou trabalhá-la a cinzel e maceta ocupou milhares de gerações de canteiros que, de pedras toscas, brutas e informes, criaram monumentos e formas belas imperecíveis.

Entre nós, os importantíssimos jazigos de rochas calcárias no concelho de Sintra foram objecto de secular exploração, quer na Pedra Furada ou nas Lameiras, em Montelavar e Pêro Pinheiro, em Anços ou nos Negrais. Os operários das pedreiras e das serrações derreteram suores e marmorizaram os pulmões com o pó fino e secante do seu ambiente de trabalho. Alvos duma longa exploração salarial e horária, cedo foram conquistados para as lutas reivindicativas do movimento operário e, em Montelavar - Pêro Pinheiro, ergueram o seu protesto em múltiplas greves de que são exemplo as de Maio de 1896 ou de Abril de 1916. Durante o regime fascista, os cabouqueiros e canteiros voltam a fazer ouvir-se: nas grandes greves de 8 e 9 de Maio - 1944; na denúncia das burlas nos descontos sociais - 1948; nos protestos contra a redução dos salários - 1951; na falta ao trabalho, como forma de comemorar o 1.º de Maio - 1954; na greve às horas extraordinárias na Empresa Pardal Monteiro - 1956; nas paralisações de 1959, 1961 e 1963, exigindo melhores condições de trabalho.

Contudo, neste longo percurso, 1965 ficará na memória como um momento alto na luta de classes em todo o Oeste e Ribatejo. À época reclamava-se um aumento de 10$00, e as movimentações das comissões operárias junto dos sindicatos nacionais, entre Janeiro e Abril desse ano, denotavam um crescente descontentamento. O custo de vida tornara-se insustentável para a maioria dos trabalhadores do mármore que, a 29 de Abril, se reúnem em Pêro Pinheiro, impondo um prazo de resposta aos dirigentes sindicais fantoches. Estes, ao sentirem-se acossados, tentaram ganhar tempo mas, em 7 de Maio, na iminência duma grande manifestação, apelaram à GNR. Nesse dia, quando cerca de 2000 operários rumaram ao sindicato, foram acolhidos por uma força militarizada que, de arma aperrada, os aguardava para um *«diálogo»*. Sucederam-se então, as conhecidas acções de concertação social das coronhadas, a que responderam

12.06.2003

Figura 84- "Lamas com solução provisória", Jornal da Região Sintra, nº 404, Ano IX, p.1, 24 maio 2005.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
24-Maio 2005	Jornal da Região	404 Ano IX	1

Lamas com solução provisória

HÁ MAIS DE DEZ ANOS que os industriais dos mármores, granitos e rochas ornamentais de Pêro Pinheiro procuram uma solução para a deposição de lamas e inertes resultantes da transformação daquelas rochas. Falhada a criação de um entreposto na Pedra Furada, destinado a encaminhar as lamas para cimenteiras, a alternativa pode passar pelo licenciamento de um vazadouro.

NAS FREGUESIAS de Pêro Pinheiro, Montelavar, Terrugem e Almargem do Bispo proliferam vazadouros clandestinos de inertes provenientes da indústria de transformação da pedra, composta por mais de três centenas de empresas, a maioria das quais de pequena e média dimensão. O fim de tal situação poderá estar no licenciamento de um vazadouro próprio, tal como propõe a Gestilamas, associação formada pelos industriais para resolver a questão. "Apresentámos à câmara um projecto para a criação de um aterro, na Terrugem, com capacidade para receber estas lamas durante dez anos. Os investimentos serão inteiramente suportados por nós, como forma de resolver um problema ambiental que se arrasta há muito", refere João Carlos Romão, dirigente da Gestilamas. A proposta foi discutida pelo executivo municipal na sua última reunião pública mas, apesar de aprovada por maioria, não ficou isenta de críticas, em especial por parte da vereadora de Ambiente, Guadalupe Gonçalves, e da bancada socialista. "A criação de um aterro não resolve a questão e poderá criar outros problemas, como a contaminação de linhas de água. Não há estudos sobre o local, nem de terrenos alternativos", sublinha a autarca da CDU, enquanto Rui Pereira (PS) considera que "esta proposta pretende apenas fazer folclore político". "Apenas estamos a dar o pontapé de saída para resolver o problema. Há várias entidades que terão de se pronunciar e aprovar o aterro, nós só aprovamos a localização", esclareceu por seu lado, Luís Duque, vereador das Obras Municipais. Os industriais garantem que "apesar de catalogadas como resíduos, estas lamas não causam contaminação dos solos e até podem ser utilizadas pelas cimenteiras como matéria-prima". "Esta indústria não pode continuar a trabalhar nos actuais moldes. Somos constantemente autuados, porque não há onde vazar estas lamas. O aterro é a solução possível, embora provisória", acrescenta José Carlos Romão.

▶ *Até agora sem destino, as lamas têm sido depositadas onde calha*

Figura 85- "Os mármores da zona de Pêro Pinheiro", Jornal de Sintra, nº 3649, Ano 73, p.6, 26 maio 2006.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA: 26-Maio 2006	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO: Jornal de Sintra	NÚMERO: 3649 Ano 73	PÁGINA: (Continua) 6

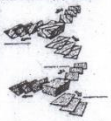
Os Mármores da Zona de Pêro Pinheiro

O nome de Pêro Pinheiro está associado à indústria dos mármores há vários séculos.

Levantamento Geológico da Área de Pêro Pinheiro (inédito Ernst Henry – esc. 1/20.000)

Excerto da Carta Geológica 1/50.000 do IGM (Folha 34 A)

Vila Viçosa: Calcários do Maciço Calcário Estremenho) as empresas transformadoras de Pêro Pinheiro, serram o bloco, produzindo chapa. As chapas são polidas e cortadas com outros equipamentos.



Actualmente abrange cerca de quatro centenas de empresas e é responsável por mais de 6 mil postos de trabalho. Os destinatários da produção são a exportação estimada em cerca de 50 milhões euros/ano (10 milhões de contos), e o mercado interno, cuja facturação ronda 100 milhões de euros (20 milhões de contos). A indústria da construção, por si só, absorve 80% da produção de acordo com as estatísticas A restante produção é utilizada em obras funerárias, na escultura e em peças de decoração.

A actividade de extracção de rocha para a construção e decoração assenta, sobretudo, no famoso LIOZ. Trata-se de um calcário sedimentar. A carta geológica indica a formação como CIII– Cretácico – Cenomaniano – Calcário com rudistas.

O Convento de Mafra foi construído com esta pedra oriunda da zona de Pêro Pinheiro. Ao longo da história grandes mestres da Arquitectura utilizaram-na, nomeadamente, os mestre Porfírio Pardal Monteiro e Torquato Pardal Monteiro – estes proprietários de antigas grandes fábricas de cantaria em Pêro Pinheiro, e da contigua exploração da pedra da Carrasqueira.

De relevar que foram também os mestres e trabalhadores de pedreira (cabouqueiros) e os das oficinas que talham a pedra (canteiros) que tornaram a zona de Pêro Pinheiro num marco industrial e de referência internacional.

António Gedeão imortalizou a Pedra de LIOZ no seu conhecido poema "A Pedra de LIOZ".

Esboço do conhecimento da geologia de Pêro Pinheiro

O grande geólogo Paul Choffat foi o primeiro a dedicar-se ao estudo da Geologia de Sintra. Foi autor da Cartografia Geológica do Mesozoico e do Cenozoico.

No final do século XIX o Tenente de Engenharia Pereira de Sousa inventariou os materiais de construção para fins militares e fez a caracterização das explorações, das oficinas de serração, polimento, corte e cantaria, e descreveu obras onde os materiais foram utilizados. Nesses trabalhos aparecem já resultados de ensaios físico-mecânicos dos materiais.

Os estudos continuaram, na geologia, com Georges Zbyszewski, Veiga Ferreira e na Arqueologia com F. Moutinho de Almeida que, pacientemente foi recolhendo todos os estudos geotécnicos e geohidrológicos existentes.

Nos anos 60 do século passado, o Serviço de Fomento Mineiro avalia, com sondagens, a área dos calcários de Pêro Pinheiro, com vista a exploração para Rocha Ornamental. O trabalho é acompanhado pelos Eng. Octávio Rabaçal Martins e Dr. Manupella. Diversos trabalhos incluem dados importantes sobre a área. A mais recente Carta Geológica 1/50.000 inclui já uma visão moderna da área.

A descrição das principais Rochas Ornamentais está no Catálogo das Rochas Ornamentais Portuguesas.

Pedreira de Amareio de Negrais

A Exploração de Rocha Ornamental na Área de Pêro Pinheiro

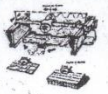
As explorações de Rocha Ornamental estendam-se desde a Fervença até aos Negrais.

A actividade extractiva está fisicamente condicionada pela ocupação de superfície e pelas disponibilidades materiais de empresas socialmente dependentes dos recursos humanos disponíveis para o trabalho em pedreira.

Como actividade extractiva (mineira) associa-lhe o impacto ambiental negativo da extracção, dos materiais não aproveitados (rejeitados) e das antigas explorações que se tornam em reservatórios de água.

Como actividade industrial produtora de uma matéria prima, as pedreiras foram dirigidas por mestres cabouqueiros. A evolução técnica e económica tem imposto novas exigências às empresas e à actividade.

A quantidade de Rocha Ornamental produzida é hoje muito superior ao passado.



O Trabalho da Pedra em Pêro Pinheiro

Tomando como matéria prima blocos de Rocha Ornamental, com diversas origens (Mármore de Estremoz - Borba - Vila Viçosa; Calcários do Maciço Calcário Estremenho) as empresas transformadoras de Pêro Pinheiro, serram o bloco, produzindo chapa. As chapas são polidas e cortadas com outros equipamentos.

Frente de Desmonte (Pedra Furada)

O trabalho manual de acabamento e cantaria é hoje reduzido e muito limitado.

A Indústria das Rochas Ornamentais e a Geologia

A indústria da Pedra Natural depende do conhecimento das Reservas Geológicas

Chapas de Lioz (A. Moucheira, Lda.)

de Rocha Ornamental para abrir uma pedreira.

Os técnicos das fábricas e oficinas serram os blocos aproveitando planos estruturais naturais. Os acabamentos das pedras a aplicar em construção dependem do tipo de material e das estruturas geológicas naturais.

Sendo as Pedras Naturais um material destinado à Construção e à Decoração,o produto final destina-se ao conforto e uso de todos.

BIBLIOGRAFIA – Fleury, E. (1917) "Notes sur l'Aptien en Portugal – II – Les Lépins des Calcaires au Nord du Tage" – Com. Comis. Serv. Portugal, t. XII, Lisboa, p. 127 –274

– Almeida, Moitinho de; Kulberg, M. C.; Manupella, G.; Ramalho, M. (1990) Carta Geológica de Portugal Folha 34 A – Sintra – LGM.

– Corbella, E.; Zai, R. – Materiais del Marmi Fiatu Grandi – ed. Villardi

– Martins, O. R. (1991) "Estudo dos Calcários Ornamentais da Região de Pero Pinheiro"

–Estudos Notas e Trabalhos, D.G.G.M. Tomo 33 pag. 105 – 163.

Poema – Estudo coordenado pelo professor António Moreira Miranda (Geologia de Verão - Cidade Viva)

Poema da Pedra Lioz

Álvaro Gois,
Raí Plumede,
filhos de António Brandão,
naturais de Camarinde,
pedreiros de profissão,
de sombrias catadupas
como bisontes bendivos,
modelam tortas figuras
na bertélia dos calcários.

Ali, no escuro recanto,
só o tilintar, e mais nada,
suspenso no meio-pranto
de uma frusta gemiada.
Mas no silêncio da noite,
como um cinzel que batuca
na insistência satânica:
tnuca, tnuca, tnuca, tnuca,
tnuca, tnuca, tnuca, tnuca.

Álvaro Gois,
Raí Plumede,
filhos de António Brandão,
naturais de Camarinde,
ambos vivos ali estão,
tnuca, tnuca, tnuca, tnuca,
vertidos de sumidoca
e acocorados no chão,
tnuca, tnuca, tnuca, tnuca.

No friúra, largo de um palmo,
que dá volta a toda a barca,
um cristo, de gesto calmo,
assim se chegar da barca.
Homens de vária feição,
barrigudos e constantes,
mostram, no riso dos dentes
a graça da salvação.
Anjinhos de longos restos,
a cabelo ao caracrito,
tocam pífaro calcário,
entre cometas e vilo.
Mulheres e homens, sem paz,
esgotados de remorsos,
decidem de fazer colarejo,
entregam-se a Satanás.

Fixando a pedra, mirando-a,
quanto mais a olhar se educa,
mais se estende o tnuca... tnuca...
que enche a nave, transbordando-a,
tnuca, tnuca, tnuca, tnuca –
tnuca, tnuca, tnuca, tnuca.

No desmedido caixão,
grande senhor ali jaz.
Pupilo de Santarém!
Alma pura, de eleição!
Dom Afonso ou Dom João!
Para o caso tanto faz.

António Gedeão

Figura 86- "Os mármores da zona de Pêro Pinheiro", Jornal de Sintra, nº 3649, Ano 73, p.7, 26 maio 2006.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
26-Maio 2006	Jornal de Sintra	3649 Ano 73	7

Alexandrino Pais Leitão

Apostar no mercado ibérico

Marmoristas da zona de Pêro Pinheiro estiveram presentes em Madrid na Feira Internacional PIEDRA 2006.

Para sabermos mais sobre este importante evento e repercussões futuras, contactámos o Dr. Pedro Luís, administrador da empresa Alexandrino Pais Leitão, presente neste Certame.

Industrial com perspectiva e gosto pelo desenvolvimento e pela qualidade, aposta na mão de obra qualificada, na paridade entre trabalhadores portugueses e ucranianos, e na formação profissional *in loco*. Aposta também na abertura e adaptação às novas tecnologias de produção e na diversificação de mercados.

Em seu entender, a crise económica que atravessa a sociedade portuguesa, tem de ser encarada com prudência mas sem medo, – «As crises vão e vêm». A Alexandrino

Pedro Luís e Vanessa Silvestre

sas portuguesas do ramo. Defende com convicção que o vasto mercado espanhol deve merecer um tratamento especial e prioritário, pois representa uma área de importantes negócios que tem que ser ganha numa visão Ibérica e sem quaisquer preconceitos, embora sem prejuízo de outros mercados internacionais, nomeadamente, a China, a França, Singapura, entre outros.

Em seu entender, a concorrência internacional continua a concentrar-se, principalmente, na Itália. A China, embora país importador, começa a conquistar mercados pela reexportação de rochas ornamentais. Situação aliás semelhante a outras áreas da economia europeia e mundial.

A finalizar o Dr. Pedro Luís referiu a excelente qualidade das rochas extraídas da zona de Pêro Pinheiro, tendo referido que o Lioz, pedra nobre de características próprias (de acordo com o local da sua extracção), poderá ter boas saídas para o mercado internacional.

Referindo-se à construção do Tribunal da Comarca mostrou alguma incompreensão e até estranheza , em relação à pedra utilizada. Interroga "Com pedra de tanta qualidade na zona de Sintra por que se fez a construção do próprio Tribunal de Sintra com pedra vinda tão longe?», a qual diz-nos, «dada as suas características em

Olhar em frente sem medo da crise

Pais Leitão tem conseguido expandir a actividade mesmo em contra ciclo económico, o que é de relevar.

Quanto à realização da Feira PIEDRA 2006 considera Pedro Luís bastante proveitosa a divulgação da região de Pêro Pinheiro nesse certame, porque a Espanha está a atravessar uma excelente fase de expansão económica com bastante abertura às empresas portuguesas, pois existe muito boa vontade em receber bem o produto português.

poucos anos vai escurecer». Salientou ainda que o convento de Mafra foi totalmente construído com pedras da região de Pêro Pinheiro e somente foi restaurado uma vez ao sua longa vida secular.

Vanessa Silvestre
(estagiária do curso de Comunicação Empresarial)
Idalina Grácio
(Coordenadora do estágio)

Piedra 2006

Pêro Pinheiro representado em Madrid

A feira *Piedra* de Madrid é o maior certame Ibérico de Rochas Ornamentais, reunindo bienalmente as forças vivas do sector, de toda a Península Ibérica.

Entre 10 e 13 de Maio de 2006 decorreu a 6ª edição desta feira – Feira de Madrid dirigida a profissionais e onde se concentraram grande número de empresas e empresários portugueses tanto na qualidade de expositores como na qualidade de visitantes.

Aspecto do certame

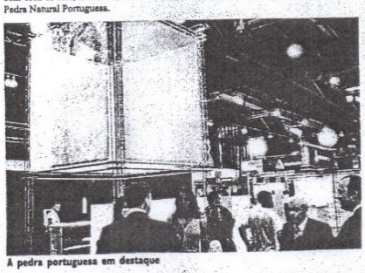
De entre os expositores portugueses merece especial destaque o Pavilhão de Portugal, uma participação colectiva de empresas portuguesas organizada pela ASSIMAGRA, Associação Portuguesa dos Industriais de Mármores Granitos e Ramos Afins, que contou com a presença de várias empresas que ocuparam no conjunto mais de 230 m2, de entre as quais uma empresa fabricante de máquinas e equipamentos para o sector das Rochas Naturais e duas empresas produtoras e instaladoras da típica Calçada à Portuguesa, o que constitui uma novidade neste tipo de participação em feira que a ASSIMAGRA vem organizando.

A *Piedra*, foi demonstrativa da saúde e do crescimento de que goza mercado da Construção Civil em Espanha, da repercussão deste crescimento no sector das Rochas Ornamentais, e caracterizada sobretudo pela qualidade dos contactos efectuados durante a feira e pela vontade confirmada em alguns caso de promover o negócio.

Exposição de rochas

A Pedra Portuguesa continua a ser o elo comum à participação de todas as empresas portuguesas nesta como em todas as feiras internacionais, Branco de Estremoz, Rosa Aurora, Moleanos, Moca Creme, Amarelo de Negrais, Lioz, entre tantas outras, foram de facto as estrelas da feira notando-se a sua notoriedade neste mercado bem como a abertura e vontade do público em conhecer melhor a Pedra Portuguesa, estas a que nos referimos mas também outras de igual qualidade ainda não tão divulgadas e reconhecidas lá fora.

A *Piedra* foi de facto a prova que a solução para a crise do mercado nacional pode muito bem estar lá fora, na busca de mercados que reconheçam a qualidade e excelência da Pedra Natural Portuguesa.



A pedra portuguesa em destaque

Figura 87- "Inaugurado aterro de lamas no Alto dos Peniscos", Jornal de Sintra, nº 3656, Ano 73, p.6, 14 julho 2006.

B

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE SINTRA

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TÍTULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
14-Julho 2006	Jornal de Sintra	3656 Ano 73	6

Na Terrugem

Inaugurado aterro de lamas no Alto dos Peniscos

No passado dia foi inaugurado, na freguesia da Terrugem, pelo Vereador das Obras Municipais Luís Duque o aterro da Gestilamas-Associação de Industriais para Gestão de Subprodutos da Pedra Natural, sédiada em Pêro Pinheiro, com capacidade de 400.000 m3 de lamas provenientes da actividade transformadora de rochas ornamentais.
Esta inauguração tem um grande significado para os industriais da região e responde também a uma legítima preocupação das populações na defesa do ambiente.

Aspecto do aterro e sistema de lavagem de rodados

Estiveram também presentes na inauguração toda a direcção da Gestilamas – uma associação sem fins lucrativos, criada há sete anos – constituída por Domingos Janota (presidente), Eduardo Galrão (vice-presidente), João Romão, Jorge Fonseca, Carlos Portela e Lúcio Cruz (vogais) a quem se deve a concretização deste importante e modelar melhoramento, único no país. O presidente da mesa da assembleia geral da associação, Américo Ulmar, assim como outros industriais do sector, representantes das Assimagra também estiveram presentes.
Estamos perante um assinalável melhoramento porquanto a actividade transformadora de Rochas Ornamentais tem uma presença secular na região de Pêro Pinheiro, deixando marcas que constituem a história de povos que dependem, economicamente e quase em absoluto, desta actividade. A elevada produção de lamas é uma característica da transformação de rochas ornamentais. As lamas ou lodos, na prática, são resíduos resultantes da combinação de água e pó liberto na sequência de operações de serragem, corte e polimento das rochas ornamentais. A água é utilizada como forma de arrefecimento dos engenhos de serragem e corte e também no sentido de diminuir a dispersão do pó liberto. Estes resíduos inertes são, na maior parte dos casos, acumulados em aterros de superfície não controlados, vulgarmente designados por "vazadouros", localizando-se normalmente junto, ou nas proximidades, das unidades de produção respectivas.
Apesar de serem produtos sem toxicidade e de frequentemente serem considerados subprodutos, a deposição das lamas pela indústria do sector da pedra natural nos concelhos de Sintra e Mafra é conhecida nacionalmente como sendo das mais gravosas, resultante dos inúmeros aterros de lamas, volumosos e anarquicamente dispersos pela região, bem como outros aspectos ambientais e de segurança existentes.
A entrada em funcionamento do aterro da Terrugem é um grande marco no sector, já que permitirá uma solução imediata, técnica e economicamente viável para a deposição de lamas produzidas na região. Desta forma, a Gestilamas procura com este projecto criar as condições necessárias para a correcta deposição pelas empresas deste tipo de resíduos, evitando a acumulação das lamas nas unidades industriais ou em aterros externos, minimizar os problemas relacionados com o passivo ambiental da região de Pêro Pinheiro e resolver os problemas actuais de ilegalidade dos aterros e o pagamento de coimas por falta de licença de construção e exploração dos mesmos aterros.
Este aterro implicou um investimento das Gestilamas de 250 mil euros para uma previsão de 7 anos. A organização e gestão dos espaços de deposição observam a minimização dos impactes ambientais e paisagísticos; a recuperação paisagística faseada da área, reabilitando inicialmente os locais mais expostos; a protecção de linhas de água e a adequada vedação e sinalização do local.
De uma forma muito sucinta, o processo de funcionamento do aterro é o seguinte: As lamas são transportadas até ao aterro acompanhadas pelas guias de transporte de resíduos, não podendo estar contaminadas com qualquer outro resíduo que possa pôr em causa a sua aceitação. Após esta fase, as lamas, que devem ser apresentadas em estado seco ou semi-seco, são pesadas numa báscula, ao mesmo tempo que se processa o controle das mesmas e é indicado o local a descarregar. Findo esta etapa, os camiões passam por um sistema de lavagem de rodados, a fim de se apresentarem limpos aquando a entrada na via pública. A Gestilamas promete prosseguir a sua investigação e trabalho na defesa dos industriais da região. A seu lado com empenho e entusiasmo continuará a engenheira Célia Marques.

Idalina Grácio

Vereador Luís Duque, Célia Marques e Domingos Janota, presidente da Gestilamas

Um cenário em vias de extinção

Um projecto para Pedra Furada

É urgente a intervenção da REFER, segundo o vereador Luís Duque, na duplicação e electrificação da linha férrea no sentido da criação de infraestruturas modernas e de eficaz resposta aos problemas específicos da região.
Pelo lado camarário, a promessa de que até 2009 se tentarão desenvolver parcerias para dar melhoria e maior visibilidade a uma das principais indústrias do concelho de Sintra.

Figura 88- "Uma arte em vias de extinção", Jornal da Região Sintra, nº 97, Ano XI, p.8, 25 setembro a 1 outubro 2007.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
25-Setembro a 1 Outubro 2007	TITULO: Jornal da Região	97 Ano XI	8

P. PINHEIRO/MONTELAVAR

Uma arte em vias de extinção

A profissão de canteiro tem os dias contados

A arte de trabalhar a pedra, na zona de Pero Pinheiro/Montelavar, está em crise. "Crise total", não hesita em afirmar Joaquim Pechilga, um dos mais antigos canteiros da região, que aparece em primeiro plano na exposição "Mármores de Sintra-A Pedra e a Arte de a Bem Talhar". Uma mostra que esteve patente nas instalações da Sociedade Filarmónica Boa União Montelavarense, no âmbito das Festas de São Mateus, entre quinta-feira e domingo. Além de uma retrospectiva histórica da evolução da indústria transformadora de mármores, a exposição revela o trabalho desenvolvido por Joaquim Pechilga na criação de uma réplica da pedra de armas da Fonte dos Ladrões, na Estrada de Monserrate. Joaquim Pechilga foi o canteiro convidado para restituir à fonte um elemento alvo dos amigos do alheio.

"Eu tinha restaurado aquelas fontes todas e possuía umas fotografias, por sorte, e a Câmara de Sintra perguntou-me se eu estava disposto a fazer o brasão", recorda o canteiro, que começou por fazer um modelo em barro e de seguida um molde em gesso e só, então, trabalhou a pedra. Um bloco de 120 quilos, extraído numa pedreira em Cortegaça (freguesia de Pero Pinheiro), localidade onde Pechilga tem a sua oficina. "Podia fazer, directamente, na pedra, mas fiz em barro e em gesso para mostrar como se deve fazer", sublinha este artesão.

A exposição "Mármores de Sintra-A Pedra e a Arte de a Bem Talhar" esteve patente nas instalações da Sociedade Filarmónica Boa União Montelavarense

Câmara prevê a criação de um curso na área da cantaria

A obra demorou cerca de um mês e meio e foi retratada numa edição dos Cadernos do Património da Câmara de Sintra, através de Joaquim Leite, técnico da Divisão de Património Histórico-Cultural. E serviu, agora, de base à exposição que arrancou a itinerância em Pero Pinheiro, por ocasião dos festejos do patrono do concelho e da freguesia, e prosseguiu em Montelavar. O objectivo da autarquia é levar esta mostra a estabelecimentos de ensino e a outros palcos, no sentido de "relembrar às pessoas que existe esta arte, típica de Sintra, e, ao reavivar esta tradição, podermos servir de atractivo para as novas gerações", sublinha o vereador Luís Patrício.

Nesta exposição foi possível, por exemplo, observar peças de Fernando Silva, que está a concluir o curso de Escultura, "que poderá ser um bom exemplo de que um escultor pode manter esta tradição de trabalhar a pedra". Para o titular do pelouro da Cultura, a autarquia pode ajudar esta tradição através da criação de um curso na Escola Profissional de Recuperação do Património (EPRP), sedeada em Odrinhas. "Estamos a estudar a hipótese de abrir uma área de estudos ligada à cantaria e à arte de trabalhar a pedra, até porque muitas vezes, na recuperação do património, é necessário efectuar a reparação de esculturas antigas", acentua o eleito. Para ultrapassar uma crise anunciada. "Dizem-me os canteiros e os escultores, assim como as pessoas da região, que há cada vez menos gente a trabalhar a pedra".

"Um primeiro passo". É assim que Lina Andrés reage à intenção de criação de um curso na EPRP na arte de trabalhar a pedra. Mas a presidente da Junta de Freguesia de Montelavar, que colaborou na realização da exposição, é mais ambiciosa e defende mesmo a criação de uma escola profissional para o sector. "Era fundamental para a zona norte do concelho de Sintra. Uma escola profissional ligada ao mármore, não só para ensinar a trabalhar a pedra, mas também ao nível da gestão de uma empresa", enuncia a autarca, que tem apresentado a proposta em diversos fóruns, mas que, "apesar das pessoas ficarem sensibilizadas para a questão", não se tem traduzido em termos práticos.

O papel dos órgãos autárquicas é essencial em diferentes níveis, salienta a presidente da junta de freguesia, como seja "mostrar esta tradição à comunidade e despertar consciências para o que existe e tem de ser preservado". A autarca reconhece que "os canteiros estão a acabar. É um drama que estamos a viver porque o trabalho manual é muito demorado e duro e as exigências de hoje em dia não se coadunam com esse trabalho meticuloso". As máquinas foram substituindo esse trabalho, "mas há peças que não podem ser feitas de outra maneira senão com o escopro, a maceta e a mão do canteiro ou do escultor". Lina Andrés realça que, apesar da redução do número de canteiros, "há alguns exemplos de artistas emergentes na arte de trabalhar a pedra".

João Carlos Sebastião

Joaquim Pechilga, um canteiro de mão-cheia

Canteiro há mais de meio século, Joaquim Pechilga concretiza que tudo começou em 15 de Setembro de 1953, aos 12 anos de idade. "Fiz o exame da 4.ª classe, entrei para a universidade e por cá ando e não consegui ainda o canudo", brinca, enquanto faz uma retrospectiva das andanças antes de instalar oficina própria. Joaquim Pechilga já perdeu a conta aos trabalhos que realizou, "desde estátuas com três metros até pequenas esculturas", e também não consegue identificar aqueles que mais o marcaram. Mas, sente-os como se fossem família. "Temos que ter muito carinho ao fazer uma peça, como se se tratasse de um filho".

Questionado sobre a actual realidade do sector, denuncia "uma crise total quer na arte, quer na indústria da pedra". E, como principal culpado, o canteiro não tem dúvidas: "O Estado, após o 25 de Abril, é o responsável pelo estado de crise da arte da pedra. Poucos trabalhos são agora efectuados. O Estado era o melhor patrão, o que mais trabalho dava, mas deixou de fazer investimento porque Cultura não interessa".

Com a evolução dos tempos, os jovens também privilegiaram outras actividades, "porque esta área exige muito gosto e sacrifício". Se os canteiros tendem a acabar com as antigas gerações, os jovens tomam o seu lugar no mundo da escultura, mas Joaquim Pechilga adverte que a qualidade pode estar ameaçada. "Se as imagens têm boca ou não têm boca, pouco importa", lamenta. A arte antiga ligava mais aos pormenores? "Não há comparação possível", assegura. E, adverte que a qualidade começa na formação. "Não podem sair bons alunos quando não há bons professores", sublinha Joaquim Pechilga.

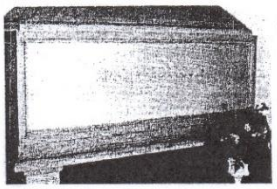
Com 66 anos de idade, este canteiro está disponível para ensinar a sua arte aos mais jovens. Mas não encontra eco nesta sua disponibilidade. E poucos interessados também em seguir as suas pisadas. "Tenho uma oficina há 30 e tal e anos e só me apareceu lá um moço. E eu perguntei-lhe: "Gostas desta profissão". Ele disse-me "Eu, não" e eu respondi-lhe: "Então, o teu pai que te ature", conta, com um sorriso no rosto.

Figura 89- «"O meu trabalho é dar beleza ao mármore da nossa região"», Jornal de Sintra, nº 3766, Ano 75, p.2, 14 novembro 2008.

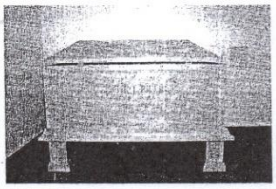
SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA: 14-Novembro 2008	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO: Jornal de Sintra	NÚMERO: 3766 Ano 75	PÁGINA: CONTINUA: 2



Amália Rodrigues



Aquilino Ribeiro

Humberto Delgado

Adolfo Leal: um artista sintrense da arte funerária:

"O meu trabalho é dar beleza ao mármore da nossa região"

Jorge Telles de Menezes

Adolfo Leal é um artista de Sintra que utiliza mármore e lioz para inscrever e esculpir seus retratos, desenhos e mensagens evocativos de grandes personagens da vida portuguesa contemporânea: Amália Rodrigues, Aquilino Ribeiro, Humberto Delgado, Manuel de Arriaga são apenas alguns dos mais ilustres portugueses que este artista de Vale de Lobos, freguesia de Almargem do Bispo, eternizou na pedra com suas mãos. Herdeiro de uma tradição familiar, Adolfo Leal gostaria de ver esta actividade continuada por seus descendentes.

Manuel de Arriaga

JS – Fazemos-lhe esta entrevista enquanto o artista que é, o escultor, o homem que trabalha na arte funerária, nas lápidas comemorativas, que deixou o seu testemunho na arte pública portuguesa dos últimos tempos. Enquanto sintrense, também é um homem empenhado civicamente, por exemplo como dirigente da associação desportiva «Os Lobinhos», de Almargem do Bispo. Mas gostaríamos primeiro de saber onde é que no nosso concelho poderemos encontrar exemplos da sua obra artística?

AL – Há uma obra minha marcante na freguesia de Almargem. Abordaram-me no sentido de fazer uma placa de homenagem aos 250 anos do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, e levaram-me fotografias. Ora, eu não gosto de copiar, dá-me mais prazer fazer algo de diferente. A placa com o nome iria ser descerrada pelo Patriarca de Lisboa, numa igreja que tem um profundo significado para mim. Foi aí que fui baptizado, que casei, que os meus filhos foram baptizados, que acompanhei vários casamentos, e senti-me também no dever de fazer algo pelo Santuário. Ofereci então o que lá está, um obelisco em lioz onde estão gravadas as letras, assente em três degraus, que eleva Nossa Senhora da Piedade que se pretende homenagear. Ficou uma obra muito digna que foi reconhecida. Também fiz a imagem de Nossa Senhora que está no exterior, e que ficou dentro de uma redoma para a proteger do desgaste da chuva e das poeiras. Considero-me modesto, mas temos de ser aquilo que interiorizamos ao longo da vida e o que somos pela genética para exteriorizarmos essa construção que no fundo somos. Tenho-me dedicado a esta área da arte funerária desde a infância, e as minhas obras têm obtido reconhecimento.

JS – E fora do concelho, onde podemos encontrar obras suas?

AL – Na Sé de Lisboa tenho feito trabalhos, recuperação de pedras antigas, reconstituição de uns pés trabalhados, reconstrução de um piso onde irão ser celebradas as missas. Também homenageei pessoas ilustres, como foi o caso de Amália Rodrigues. Esculpi as letras do epitáfio no túmulo de Amália, que está no Panteão Nacional. Também fiz o Aquilino Ribeiro, mas neste caso fiz todo o túmulo, toda a arca tumular em pedra de lioz da região de Pêro Pinheiro, um túmulo de seis toneladas. Toda a construção foi realizada nas minhas instalações de Vale de Lobos, e depois esculpi os caracteres já no Panteão Nacional. Além dessas individualidades, também fiz a gravação das letras e recuperação do túmulo do primeiro presidente da República, Dr. Manuel de Arriaga, que foi para mim um momento sublime. Para o cardeal D. António Ribeiro, que está no Mosteiro de S. Vicente de Fora, também fiz a gravação das letras do túmulo, há dez anos quando ele faleceu. Também fiz a placa de homenagem ao general Humberto Delgado que está na estação de Santa Apolónia. A presidência da Câmara de Lisboa incumbiu-me da tarefa, que era escolher o tipo de letra, o tipo de placa, e disseram-me ainda que queriam a figura do general na placa, tudo para estar pronto em quinze dias. Gravei a cara do general Humberto Delgado na pedra, o que teve um resultado estrondoso, pois toda a família do general me deu os parabéns, era o seu familiar que estava ali representado. A arte funerária tem a ver comigo, celebrar as pessoas que nos deixam, tudo isto tem a ver com a morte, lembrar as pessoas que merecem o nosso reconhecimento. É uma área que é uma herança do meu pai, que já trabalhava nesta arte. Também tenho feito obras de famílias ilustres, como o jazigo da família de Marcelo Rebelo de Sousa, o da família do Dr. Sousa Franco, da família de Mário Soares, ou o jazigo da filha do futebolista Marco Caneira, que é um desportista do nosso concelho, e que é considerada uma das melhores obras do país

JS – Esta é uma herança do seu pai? Foi ele que o iniciou?

AL – O meu pai iniciou esta actividade com treze ou catorze anos, foi quando nasceu a indústria de transformação dos mármores de Pêro Pinheiro, há cerca de sessenta anos. Eu aprendi muito com ele, e foi essa a herança que ele me deixou. Tenho dois filhos, mas é preciso gostar desta actividade, que é um bocadinho dura, não é fácil de aprender. Vamos ver. É uma actividade que não está em extinção, haverá sempre necessidade deste tipo de serviço.

JS – A presença da Escola Profissional de Recuperação do Património, em Odrinhas, tem formado muitos jovens na recuperação de materiais do nosso património nas áreas dos azulejos, das madeiras, etc. Considera que nesse alforge de jovens formados poderemos encontrar alguns que possam no futuro prosseguir a sua arte? Como vê a situação no concelho da formação de jovens para poderem intervir nessas áreas, principalmente na área da pedra?

AL – Eu considero isso com algum pessimismo. Porque é um facto que a pedra memoriza e tem muita história, nela é assinalada o registo de uma época, é nela que estão os registos que nos dão os hábitos e os costumes, e através dela conseguimos obter o retrato do que foi uma sociedade e do seu modo de vida. Ora, com as dificuldades que o país atravessa em termos económicos, não é fácil canalizar verbas para a recuperação do património construído que se está a degradar. Aposta-se mais na construção adaptada aos hábitos actuais, e a história, ▶

Figura 90- «"O meu trabalho é dar beleza ao mármore da nossa região"», Jornal de Sintra, nº 3766, Ano 75, p.3, 14 novembro 2008.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒	NÚMERO:	PÁGINA:
14-Novembro 2008	TITULO: Jornal de Sintra	3766 Ano 75	3

o património está a ser esquecido. É pena, porque é a partir do passado que conseguimos traçar o presente e construir o futuro. A engenharia actual assenta na engenharia rudimentar das pontes antigas, vejo assim a situação com algum pessimismo. Eu julgo que era necessário apostar na recuperação pelos particulares, eu tenho feito trabalhos nessa área, como a recuperação de brasões de família. Mas no sector público é difícil destinar verbas para a renovação da pedra, não se aposta muito nessa recuperação. A Sé de Lisboa, o Panteão Nacional apostam na recuperação, mas são poucos os exemplos. A necessidade de formar pessoas depende do mercado. Se houver mercado aparece o pessoal especializado, mas formar um jovem, que é um processo moroso, para quê, se não há mercado?

«Somos um concelho com uma tradição fabulosa que se está a perder»

JS – Gostaria que comentasse a situação que vemos no nosso concelho, em que as denominadas "casas tradicionais" das zonas rurais estão quase todas degradadas. Muitas vezes vemos habitações novas contíguas às casas antigas arruinadas, ou as casas antigas ficam simplesmente para ali a apodrecer. Este património edificado nas zonas rurais que conta a história de um povo que vivia essencialmente da agricultura está em ruína. Não deveria haver um esforço de recuperação dessas construções para adaptá-las ao turismo rural?

AL – Eu julgo que todas essas construções estão a ficar um bocadinho esquecidas. Na sociedade actual estamos a perder muitos valores, devido à nova forma de vida que levamos. Valorizamos outras formas de construção, e eu debato-me com alguns arquitectos na minha área profissional porque temos oportunidade de falar sobre as novas construções onde há influências de arquitectos estrangeiros, alemães e americanos sobretudo, porque estes simbolizam valores monetários muito elevados. Mas julgo que se devia fazer um esforço, que se devia contactar com os arquitectos antigos, porque os modernos usam materiais novos, e até se esquecem dos materiais que são portugueses, como a pedra e a cortiça, nós que somos tão ricos em pedra! Gosto de ir a feiras em toda a Europa, em todos os países os arquitectos gostam de usar materiais do seu país, mas aqui esquecem-se dos materiais portugueses que sendo bem utilizados têm um impacto que pode ajudar a elevar os projectos. As casas antigas deviam ser mantidas, existem materiais muito bons para a recuperação das fachadas, e mesmo as pedras antigas se estiverem muito deterioradas podem se recuperadas, que é o que acontece no Mosteiro da Batalha. Isto vai ao encontro da sua pergunta anterior. Sintra tem um património riquíssimo, mas perguntamo-nos onde estão os projectos para recuperação do património. Sintra vive do turismo, e as pedras precisam de ser recuperadas, nalguns casos podem até perder-se as figuras gravadas na pedra. É com essas obras antigas que temos de viver.

JS – Muitas das casas que vemos no mundo rural são incaracterísticas, com materiais estrangeiros, é tristíssimo ver as casas tradicionais em ruína.

AL – Nós hoje estamos a comprar uma arquitectura estrangeira. Eu gosto muito de desenhar as peças que faço, na arte funerária faço os desenhos adaptados à família em questão, também desenho móveis para os meus filhos. Desenhei a minha casa, trabalhei muito em desenho, no desenho de máquinas complemento a construção em mármore, por isso sei do que falo. Esta arquitectura que usamos em Portugal é revolucionária, mas não está adaptada ao concelho. Eu aprendi a gostar da arquitectura moderna e da tradicional, mas em Sintra vemos casas antigas ao lado de "caixotes" tipo peça de lego, de que os arquitectos novos gostam. Tenho pena que assim seja, porque somos um concelho com uma tradição fabulosa que se está a perder. Alguém incentiva essa perda. Se nós formos disciplinados poderemos continuar a respeitar a cultura dos nossos antepassados, senão teremos uma miscelânea que não será fácil de gerir. Está-se a perder as tradições e a escolha dos materiais, como é o caso das pedras que continuam a dar boas provas, que são milenares e que dão provas de boa funcionalidade e de boa harmonia, e que são substituídos por materiais frios, que não são naturais, que se degradam com facilidade e que exigem um esforço de manutenção superior ao dos materiais antigos.

Santuário de N.ª Sr.ª da Piedade - Almargem do Bispo

Figura 91- "Crise acentua-se no sector dos mármores", Jornal da Região Sintra, nº 162, Ano XIII, p.6, 17 a 23 fevereiro 2009.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA: 17 a 23 Fevereiro 2009 | REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO: Jornal da Região | NÚMERO: 162 Ano XIII | PÁGINA: 6

Crise acentua-se no sector dos mármores

Pequenas empresas familiares estão condenadas a desaparecer

A redução do número de trabalhadores nas grandes empresas e o desaparecimento de pequenas unidades de carácter familiar é a triste realidade do sector das rochas ornamentais, que domina a zona norte do concelho, com especial enfoque nas freguesias de Pero Pinheiro, Montelavar e Terrugem.

À semelhança do que sucede em vários sectores da economia, a crise bateu à porta e está a provocar graves consequências no tecido social da região. Se os tempos áureos do sector, que emprega actualmente cerca de dois mil trabalhadores, há muito ficaram para trás, o novo ano veio trazer ainda mais preocupações aos empresários e, por arrasto, aos trabalhadores. Em causa, a quebra acentuada do mercado interno, decorrente da paralisação da construção de habitação, a par de constrangimentos na área da exportação. Com o mercado árabe a fechar fronteiras, as empresas portuguesas deparam-se com uma feroz concorrência dos países asiáticos.

Face à diminuição do volume de negócios, as pequenas empresas, que gravitam à volta das grandes unidades, estão condenadas a desaparecer. "As empresas que vivem exclusivamente com o mercado interno, unidades até dez trabalhadores, não vão ter hipótese de sobreviver", acentua José Raúl Amaro, vogal da ASSIMAGRA (Associação Portuguesa dos Industriais de Mármore, Granitos e Ramos Afins), que critica de uma delegação em Pero Pinheiro.

"As empresas maiores, que trabalham com o mercado externo, também vão ter de reduzir o seu pessoal", sentencia este responsável. Mesmo o mercado externo já não representa o filão de outros tempos. "O mercado árabe fechou, cancelou tudo o que eram encomendas". Na Europa, apesar da redução estimada em cerca de 50 por cento, "o mercado ainda mexe: algumas coisas" e, mais do que isso, "há uma calendarização de pagamentos, não tem nada a ver com o nosso mercado em que, nesta altura, ninguém paga a ninguém". "Portugal já não conta para esta estatística, porque praticamente não há encomendas, não há obras", lamenta José Raúl Amaro, apontando o dedo à crise do imobiliário.

"Até ao final de 2008, algumas empresas fizeram um esforço para se manterem. No início do ano, algumas estão a encerrar e outras estão a despedir", refere o vogal da ASSIMAGRA, que, à semelhança de outros protagonistas do sector das rochas ornamentais, não consegue vislumbrar uma luz ao fundo do túnel. Com empresa instalada em Pero Pinheiro há meio século, José Raúl Amaro reconhece que tem trabalho até Março. "Depois disso, é a incógnita total, é a procura do mercado", sublinha este empresário. Com aproximadamente 25 trabalhadores, considera-a como uma empresa de média dimensão. A José Joaquim Amaro & Filhos exporta para França, Bélgica, Alemanha e Inglaterra.

"Já houve tempos em que a nossa empresa, tal como muitas outras, tinha trabalho para um ano inteiro e havia uma programação para um ano. Hoje em dia, os trabalhos são pontuais e, quando aparecem, têm de ser para ontem". Um futuro que não se afigura fácil para quem vive da arte de trabalhar a pedra. Carlos Parreiras, presidente da Junta de Freguesia de Pero Pinheiro, vai sentindo o pulsar da sua população. "A situação começa a agudizar-se de forma acentuada. As pessoas sentem a situação agudizar-se mês a mês, semana a semana, dia a dia", sublinha o autarca, consciente do encerramento de muitas empresas de cariz familiar, mas também das dificuldades em geral. "Havia empresas que exportavam 20 contentores/mês e, agora, exportam zero".

Carlos Parreiras recorda outros cenários de crise, como o encerramento de empresas de referência do sector, a última das quais os Irmãos Baptista, mas alerta que os testemunhos de quem exerce a actividade, já com 60 e 70 anos de idade, dão conta de "nunca se lembrarem de uma situação como esta". Quando algumas empresas fecharam portas, o sector ainda vivia tempos áureos e os trabalhadores despedidos eram facilmente integrados no mercado de trabalho.

Há solução para esta situação? "Não tenho resposta", argumenta Carlos Parreiras, preocupado com o estado de espírito das pessoas ligadas ao sector. "Não é fácil transmitir ânimo quando não são dadas perspectivas". Quanto a apoios às empresas, o autarca enuncia que "o maior incentivo seria o aparecimento de trabalho". Outros incentivos são indispensáveis, entende, por sua vez, a ASSIMAGRA que já apresentou ao Governo um caderno reivindicativo, "em que se pretende a adopção de medidas para evitar mais falências". No fundo, são medidas transversais a vários sectores económicos, "como a abolição do pagamento especial por conta, o IVA só ser pago quando é recebido e uma conta-corrente fiscal".

A utilização de gasóleo verde nas máquinas industriais é outra reivindicação dos responsáveis do sector, enuncia José Raúl Amaro, que defende que "o Estado, no domínio do apoio à exportação, poderia abrir canais noutros países, para que fosse mais fácil o contacto com as empresas estrangeiras". Ao Governo deveria competir ainda "subsidiar algumas empresas para a produção de 'stocks'" e desburocratizar procedimentos ao nível do licenciamento industrial.

Quebra na construção e redução das exportações são as causas

O mercado externo é o único a garantir a sobrevivência das empresas do sector

João Carlos Sebastião

Crise chega ao Parlamento Europeu

A crise da indústria dos mármores vai chegar ao Parlamento Europeu (PE), através do eurodeputado Pedro Guerreiro (PCP), que, na passada sexta-feira, visitou algumas unidades fabris da zona de Pero Pinheiro. O parlamentar europeu reuniu, ainda, com os representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Madeira, Mármores e Cortiças do Sul, para dar nota de que levará os problemas do sector às instâncias europeias. Aliás, o PCP já levantou o assunto no PE em 2006, na ocasião na sequência de uma visita à região do Alentejo.

Com o diagnóstico do sector já identificado, Pedro Guerreiro apontou alguns caminhos a seguir. "É fundamental apostar no mercado interno. Não há outra saída se não defendermos a produção nacional e a promovermos, em primeiro lugar, no mercado interno", sublinhou Pedro Guerreiro, mas sem fechar a porta à exportação, "através da valorização e promoção dos produtos". Torna-se indispensável ainda a concessão de apoios por parte do Governo "no sentido de sanear a situação das empresas, nomeadamente tendo em conta o endividamento e o investimento que realizaram", até para "não deixar à sua sorte a produção nacional e à mercê da feroz concorrência estrangeira".

Pedro Guerreiro alertou também para o perigo de, a médio-longo prazo, desaparecer a mão-de-obra especializada, assente na passagem de conhecimentos de gerações da mesma família pela indústria. "Como acontece na agricultura, em que daqui a duas décadas poucos saberão trabalhar a terra, também neste sector, há perigo de se perder este factor de experiência", advertiu o parlamentar do PCP, que atribuiu responsabilidades pela crise no sector à falta de apoios governamentais.

'Esta situação exige uma política activa por parte do Governo', alerta o eurodeputado Pedro Guerreiro

"Esta situação exige uma política activa por parte do Governo de intervenção, de promoção e de salvaguarda desta indústria", reforçou Pedro Guerreiro, que citou como exemplo outros países, nomeadamente a Espanha, "que criaram centros de investigação de apoio a este sector, para criação de novas tecnologias e produtos". Um exemplo já visível em solo nacional, com uma empresa espanhola instalada em Santarém em franca expansão, com cerca de 200 trabalhadores, que produz produtos concorrentes das rochas ornamentais.

Figura 92- "Crise acentua-se no sector dos mármores", Jornal da Região Sintra, nº 162, Ano XIII, p.7, 17 a 23 fevereiro 2009.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA: 17 a 23 Fevereiro 2009	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO: Jornal da Região	NÚMERO: 162 Ano XIII	PÁGINA: 7

Desemprego vai aumentar

Se a situação de crise não se alterar, as empresas vão reduzir pessoal

Cerca de 500 pessoas no desemprego é a estimativa dos responsáveis sindicais em relação à crise que afecta o sector dos mármores. Uma situação de desemprego que se acentuou na última década, a partir do encerramento de empresas de referência, e que assume maior gravidade na actualidade. Se, noutros tempos, muitos trabalhadores despedidos eram absorvidos pela indústria, tal o volume de negócios, os tempos mudaram e agora ninguém admite pessoal. Pelo contrário, os responsáveis do sector reconhecem que, se a crise continuar nos mesmos moldes, vão ter de redimensionar a estrutura das empresas. José Raúl Amaro, dirigente da ASSIMAGRA, não esconde este cenário. "Se a crise se mantiver mais meia dúzia de meses, as grandes empresas vão ter de reduzir cerca de 50 por cento do pessoal", sublinha este responsável, dando conta de que este cenário, de redimensionamento da estrutura das empresas, já aconteceu em Itália.

Um cenário de aumento do desemprego, a juntar ao encerramento das pequenas empresas familiares, que preocupa os representantes dos trabalhadores. João Serpa, coordenador do sindicato do sector, está consciente e preocupado com essa possibilidade. "Se não houver uma evolução no sector da construção, quer habitação, quer obras públicas, e o mercado da exportação acentuar a concorrência, evidentemente que estamos preocupados com a situação e isso pode conduzir, a curto ou médio prazo, a uma redução ainda mais drástica do número de trabalhadores e, consequentemente, aumento do desemprego", reconhece João Serpa, que tem conhecimento que "algumas empresas já estão a tentar reduzir o quadro de pessoal através de mútuo acordo com os trabalhadores".

Foto: Gonçalo Pinheiro

Além do encerramento das pequenas unidades de cariz familiar, também as grandes empresas vão ser obrigadas a reduzir pessoal

Longe vão os tempos em que o sector estava em expansão, "trabalhava-se para além do horário normal de trabalho, incluindo dias de descanso semanal e suplementar". No período áureo, como não faltava trabalho às grandes unidades, surgiram pequenas empresas, com carácter familiar, que foram alimentando muitas bocas. Mas, na última década, a realidade mudou e começaram a fechar empresas como os Mármores do Condado (400 trabalhadores), Possant D'Almeida (80), Manuel Esteves Victor (55), Marmóvonel (120), J. Duarte & Filhos (100), Monumar (80), Pardal Monteiro (120) e Irmãos Baptista (45). Para o sindicato do sector, além dos factores que desencadearam a crise, também os sucessivos governos ignoraram a "importância estratégica deste sector para a economia nacional, quer no plano económico, quer no plano social, considerando os postos de trabalho que garante e a mão-de-obra especializada que tem passado de pais para filhos".

"A continuar a onda de desemprego, que vai atingir famílias inteiras, vão surgir problemas de ordem social", vaticina Carlos Parreiras, presidente da Junta de Freguesia de Pero Pinheiro, confrontado diariamente com as queixas de trabalhadores e empresários relativamente aos problemas do sector. Os próprios imigrantes que encontraram emprego na indústria dos mármores, em especial oriundos do leste europeu, já viveram melhores dias. "Já temos imigrantes no fundo de desemprego", frisa o autarca, que viu aumentar o número de desempregados, obrigados a apresentarem-se nas instalações da Junta de Freguesia, no âmbito de um acordo com o centro de emprego, de 200 para 300 pessoas.

Para os que mantém o seu posto de trabalho, os últimos anos também se têm traduzido em redução do poder de compra, já que, na maioria das empresas, os salários continuam inalterados em nome de uma crise... que tarda em passar.

João Carlos Sebastião

José Raúl Amaro, responsável da ASSIMAGRA, está preocupado com a realidade do sector

Sindicato estima a existência de cerca de 500 desempregados

Figura 93- "Pêro Pinheiro celebra aniversário com crise nos mármores", Jornal Correio de Sintra, nº 2, p.8, 16 março 2010.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☒ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
16- Março 2010	Correio de Sintra	2 Quinzenal	8

Pêro Pinheiro celebra aniversário com crise nos mármores

As empresas de mármores continuam a fechar e o desemprego a aumentar em Pêro Pinheiro

Pêro Pinheiro. A freguesia celebrou o seu aniversário 22º numa das épocas mais negras desde a sua constituição. A indústria do mármore da freguesia tem sido fortemente afectada pela crise a nível nacional e internacional, especialmente na área da construção imobiliária.

Segundo Carlos Parreiras, "a crise está cada vez mais acentuada" em Pêro Pinheiro. "Está muito complicado. Têm fechado muitas empresas e o desemprego continua a aumentar. Cada mês que passa tem sido pior. Face a um acordo que temos com o centro de emprego, os desempregados fazem as suas apresentações quinzenais aqui na junta e noto que cada vez há mais", garante o autarca.

Carlos Parreiras adianta que existem muitas famílias a passar necessidades, e que é difícil perceber se passam fome. "Como esta é uma área rural, onde todas as pessoas se conhecem, existe pobreza envergonhada porque as pessoas não dizem se precisam de ajuda. Mas por terceiros vamos ficando conhecedores de que há muitas a passar dificuldades. Quando detectamos que passam fome encaminhamo-las para o Centro Social", diz.

Segundo a Associação Portuguesa dos Industriais de Mármores, Granitos e Ramos Afins (ASSIMAGRA), em 2009 este sector empregava 20 mil trabalhadores, dos quais 3600 pertencem ao distrito de Lisboa. ■ Joaquim Reis

Festa económica no 22º aniversário

A Freguesia de Pêro Pinheiro assinalou o seu 22º aniversário a 11 de Março. Depois da alvorada assinalada às 8h, decorreu na Sociedade Filarmónica Recreativa de Pêro Pinheiro um espectáculo infantil. Na sexta-feira, às 21h, o grupo de música popular "Sons da terra", da Rinchoa, actuou na sede do Grupo Desportivo Recreativa de Quarteiras. Meia-hora depois teve início em Pêro Pinheiro o colóquio "A verdade desportiva", com a presença de diversas personalidades do desporto nacional. Para terminar as festividades, no domingo, na Cortegaça, actuou o Grupo Desportivo de Sacotes, na sede do campo polidesportivo de Cortegaça. Uma hora depois Joana Cardoso animou a multidão. Segundo o presidente da Junta de Freguesia de Pêro Pinheiro, Carlos Parreiras, "as festas correram muito bem". "Foram consentâneas com o estado da economia. Foram pequenas, gastou-se pouco dinheiro, mas tiveram muita gente. E isso é o mais importante", disse. ■

Figura 94- "Crise acentua-se no sector dos mármores", Jornal de Sintra, nº 3856, p.3, 1 outubro 2010.

SINTRA

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☑ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
2-10-2010	Sintra	3856	3

70% da capacidade de produção do sector das rochas está inactiva

Vanessa Sena Sousa

A crise no sector das rochas ornamentais, nas freguesias de Pêro Pinheiro, Montelavar, Terrugem e Almargem do Bispo traduz-se no fecho, nos últimos anos, de mais de 130 empresas e na inactividade de cerca de 70% da capacidade produtiva da região. Nesse sentido, um grupo de sintrenses estão empenhados na busca de soluções, tendo já lançado os alicerces para a criação de uma Comissão de Defesa da Indústria das Rochas Ornamentais.

Reuniram-se à mesa mais de 20 sintrenses. O assunto em discussão foi o que levou todos estes empresários ligados ao sector das rochas ornamentais a deslocarem-se ao salão paroquial da Igreja de São Pedro, em Pêro Pinheiro, no passado dia 24 de Setembro – a crise na indústria das rochas ornamentais, uma das mais antigas actividades produtivas do concelho que viu, nos últimos anos, 130 empresas fecharem as portas e 70% da sua capacidade produtiva desperdiçada.

Um dos precursores da iniciativa, Pedro Ventura, autarca da CDU, explicou que tudo começou com a necessidade de debater aquele que é "um problema grave do sector nestas freguesias", fomentando a busca de soluções no sentido de estruturar o sector.

O responsável, que teve oportunidade de participar num plano de gestão e organização no ramo da exploração de rochas na zona do Planalto de Santo António, na Serra de Aires e Candeeiros, explicou que este projecto reúne inclusive o apoio do próprio presidente da Câmara Municipal de Sintra, Fernando Seara e de outras pessoas relacionadas com o sector, como Domingos Pardal, também um dos precursores da iniciativa.

Pêro Pinheiro, Montelavar, Terrugem e Almargem do Bispo são as freguesias onde a crise é causa de preocupação para todos os que estiveram presentes na reunião informal, onde houve a oportunidade de subscrever um abaixo-assinado – "Pela Produção Nacional, Desenvolver a Indústria das Rochas Ornamentais".

A reunião esteve de portas abertas a todos os interessados

Formação e internacionalização na ordem do dia

Dois dos pontos-chave discutidos na reunião foram, para além da evidente crise, destacada pela maioria dos intervenientes que tomarão a palavra, a necessidade de mais mão-de-obra e de mais exportação.

"As empresas deixaram acabar a arte do canteiro. Os canteiros são poucos e velhos, a minha geração praticamente foi a última que aprendeu a trabalhar a pedra manualmente. Eu estou a ficar velho e novos não se vêem", sublinhou Domingos Pardal. O empresário, que está há 56 anos no ramo, ressalta também que há falta de apoios comunitários: "A região de Lisboa e Vale do Tejo é considerada uma zona rica, mas o sector dos mármores está pobre", salientou.

Além disso, a qualidade que é necessária à exportação, só é possível com a formação de jovens – o que implica a criação de uma escola de canteiros – "uma aspiração com mais de 60 anos nesta terra", revela.

Também o representante da Associação Portuguesa dos Industriais de Mármores, Granitos e Ramos e Afins (ASSIMAGRA), Daniel Rebelo, aponta que "a formação é o único caminho" e que é preciso "promover a pedra na arquitectura portuguesa", nomeadamente em Lisboa, através da requalificação de monumentos, bem como no estrangeiro, através da participação em feiras internacionais e da exportação. O sector, "que não vive sem empresas" e cujo trabalho "tem que chegar lá fora", precisa de uma solução urgente: "não há muito tempo para reflectir, é preciso decidir o caminho, assumi-lo e fazê-lo", sublinhou o responsável.

Travar o declínio mobiliza empresários e autarcas

Na reunião, em que estiveram presentes os presidentes das autarquias de Pêro Pinheiro e Terrugem, Carlos Parreiras e José António Paço, respectivamente, bem como Nuno Lobo, em representação de Fernando Seara, estabeleceu-se um primeiro conjunto de acções e cumpriu-se um dos objectivos: desenvolver o diálogo entre os interessados.

Entretanto, o projecto da Comissão de Defesa da Indústria das Rochas Ornamentais que, segundo Pedro Ventura, não tem ligação com nenhum partido político, deu mais um passo, com o contacto de todos os grupos parlamentares, no sentido de solicitar apoio e também "colocar a questão aos mármores na ordem do dia".

jornalsintra.redac@mail.telepac.pt

Principais linhas de acção

- Criação de uma Escola Pública Profissional de Marmoristas
- Participação em feiras internacionais
- Realização de estudos geológicos de prospecção de novas pedreiras e em particular na fileira da pedra lioz.
- Plano de recuperação e requalificação das instalações industriais e pedreiras desactivadas nesta região do mármore (criação de um parque industrial)
- Construção do terminal rodo e ferroviário da Pedra Furada e modernização da Linha Ferroviária do Oeste para suporte logístico das actividades económicas da região (para escoar mais facilmente as matérias-primas, evitando o trânsito de automóveis pesados nas localidades e desenvolver a própria linha de transportes).

Figura 95- "Urgente a criação de uma escola de canteiros", Jornal de Sintra, nº 3868, p.7, 24 dezembro 2010.

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL

Biblioteca Municipal de Sintra

DATA:	REVISTA ☐ JORNAL ☐ TITULO:	NÚMERO:	PÁGINA:
24-12-2010	Jornal Sintra	3868	7

Situação das indústrias extractivas e de transformação de rochas ornamentais debatida em Montelavar

Urgente a criação de uma escola de canteiros

Ventura Saraiva

As recentes 50 medidas aprovadas em Conselho de Ministros, com vista a estimular a economia e melhorar os apoios à exportação, foram algumas das razões que levaram três dezenas de empresários e autarcas, entre eles o presidente da Câmara Municipal de Sintra, Fernando Seara, a reunirem na Sociedade Filarmónica Boa-União Montelavarense no passado dia 16. A realização de uma reunião urgente com o Ministério da Economia e a criação de uma escola de canteiros, dominaram as intervenções dos participantes.

A primeira reunião para debater a crise no sector das rochas ornamentais nas freguesias de Pêro Pinheiro, Montelavar, Terrugem e Almargem do Bispo ocorreu no final do mês de Setembro, em Pêro Pinheiro e dela foi notícia publicada no Jornal de Sintra, na qual reuniu cerca de duas dezenas de industriais do sector. Em Montelavar, o número aumentou para trinta empresários ligados à actividade, o que agradou aos promotores da iniciativa que desta vez contaram com a presença do presidente da autarquia Fernando Seara. Este prometeu todo o empenho pessoal no sentido de conseguir uma reunião urgente com o Ministério da Economia. O edil adiantou a possibilidade da Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, situada em Odrinhas, acolher o tão desejado Curso para Canteiros, um desejo de décadas do sector para colmatar a falta de mão-de-obra qualificada.

Fernando Seara ladeado por Lina Andrês, José António do Paço, Pedro Ventura, Baptista Alves e Rui Maximiano

Estátuas em lioz do escultor sintrense Francisco Simões ornamentam a estação do Metro do Campo Pequeno

«A crise está cada vez mais acentuada»

Na mesa que conduziu os trabalhos, marcaram presença, para além do presidente Fernando Seara, o vereador da Câmara Municipal de Sintra, Batista Alves, os presidentes das juntas de freguesia de Pêro Pinheiro Carlos Parreiras, de Montelavar Lina Andrês, de Almargem do Bispo Rui Maximiano, e da Terrugem, José António do Paço. Este autarca sublinhou que "deve-se apostar na formação, porque a crise está cada vez mais acentuada e muitos empresários não viram bem o problema que por aí vem» alertou. «Por isso, é ainda possível recuperar algumas empresas em dificuldades de forma a evitar o seu encerramento, muito embora muitas pareçam estar definitivamente perdidas».

Aspecto da assistência

«É necessária uma coesão de esforços»

A freguesia de Almargem do Bispo não vive a mesma dimensão do problema, uma vez que a indústria dos mármores não tem o mesmo peso que em outras zonas do concelho de Sintra. Contudo o presidente da Junta, Rui Maximiano, mostra disponibilidade para ajudar na resolução do problema. «É urgente que a nível político haja uma coesão de esforços no sentido de recuperar as empresas em dificuldades, criando condições para uma maior especialização e formação, de forma a consolidar e desenvolver uma indústria de qualidade reconhecida em todo o Mundo».

«Há falta de gente jovem»

O empresário Domingos Pardal, com mais de meio século de actividade na indústria do mármore, foi o mais interventivo dos participantes, e repetiu algumas das preocupações que já tinha abordado na primeira reunião: «os velhos vão acabando e nota-se cada vez mais a falta de gente jovem que queira seguir esta actividade. Por isso, é indispensável a criação de uma escola de canteiros, para dar resposta aos mercados que nos procuram, porque um dos nossos grandes problemas é a baixa qualificação dos nossos operários».

Conclusão em seis pontos essenciais

O arqueólogo Pedro Ventura tem sido um dos elementos dinamizadores do movimento em torno da crise que afecta o sector dos mármores. Coube-lhe coordenar os trabalhos desta segunda reunião. No final, adiantou seis pontos essenciais:

1 – A criação do Conselho Executivo integrando as principais empresas do sector, e ainda a ASSIMAGRA (Associação Portuguesa dos Industriais de Mármores, Granitos) e Ramos Afins;
2 – Solicitar uma reunião com o Ministério da Economia;
3 – Criação de uma escola de canteiros/marmoristas;
4 – Revisão do PDM de Sintra;
5 – Obtenção de fundos estruturais;
6 – Organização de uma exposição sobre a história da indústria do mármore, e a realização de um plano estratégico das indústrias extractivas.

Recorde-se que nos últimos anos, a crise na indústria dos mármores já levou ao encerramento de mais de uma centena de empresas, reduzindo em cerca de 70% a capacidade produtiva da região.

ANEXO V- MODELO FICHA DE INVENTÁRIO

FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL[3]

ZONA DA FREGUESIA DE ALMARGEM DO BISPO, PERO-PINHEIRO E MONTELAVAR

1. IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

Designação_____

_____

_____

Designação

comercial_____

_____

2. DATAÇÃO

Fundação_____

3. LOCALIZAÇÃO/CONTATOS

País: Portugal

Distrito: Lisboa

Freguesia: União das Freguesias do Almargem do Bispo, Pêro-Pinheiro e Montelavar

Endereço:_____

_____

_____

Telefone:_____

Telemóvel:_____

E-mail:_____

[3] Ficha de inventário elaborada com base na ficha de inventário do património industrial da DGPC

Outros:_____

_____

_____

4. CARATERIZAÇÃO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL

Industria (C.A.E.) _____

Estruturas Industriais ou Associadas	Produção	☐	Refeitório	☐
	Casa das máquinas	☐	Bairros operários	☐
	Chaminé	☐	Escola/Creches	☐
	Pedreira	☐		☐
	Armazéns	☐	Lazer	☐
	Administração	☐	Jardins	☐
	Habitação Empresário/Administrador	☐	Igreja	☐
	Outras_____	☐	Refeitório	☐

_____

Tipologia Funcional	Oficina	☐	Manufatura	☐			
	Espaço aberto	☐	Maquinofatura	☐	Mecânica	☐	Automática ☐
	Galeria (subsolo)	☐					

Uso	Fabrico Completo	☐
	Fabrico Incompleto	☐
	Áreas Produtivas /Função	_____
		_____
		_____

5. ENTIDADES ASSOCIADAS Á HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

Empresários Fundadores

Outros

Arquitetos

Engenheiros

Construtores

6. DESCRIÇÃO DO EDIFICADO - PRODUÇÃO

Área Total | Área Construída | Nº Edifícios

Edifício | Data

Materiais de construção

Estrutura

Madeira ☐ Pedra ☐ Ferro ☐ Vidro ☐ Taipa ☐

Tijolo ☐ Betão ☐ Aço ☐ Telha ☐ Adobe ☐

Outros ☐

Revestimentos

Internos

Externos

Pavimentos

Elementos Decorativos

_____

_____

_____

7. DESCRIÇÃO PEDREIRA- EXPLORAÇÃO

Designação_____

_____

Endereço_____

_____

_____

Matéria-

prima_____

_____

Ativa ☐ Desativada ☐

Área Total		Área explorada		Profundidade	
Data		Data			

Tipo de extração	Galeria	☐	Talhada	☐	Outros	☐ _____
	Céu aberto	☐	Bloco	☐	_____	

Estruturas Industriais ou Associadas_____

8. TIPO DE ENERGIA

A sangue ☐

Eólica ☐

Hidráulica ☐

Combustão interna	☐	Gás	☐	*Diesel*	☐		
Eletricidade	☐	Central própria	☐	Distribuição de rede	☐		

Construções Hidráulicas Associadas	Açudes	☐	Levadas	☐	Tanques	☐	
	Condutas forçadas	☐	Depósitos	☐	Outras	☐	

_____

Motor

Roda Hidráulica ☐

Combustão Interna ☐

Marca_____

Tipo_____

Potência_____

Estruturas associadas_____

Turbina ☐

Marca_____

Tipo_____

Potência_____

Estruturas associadas_____

Gerador Elétrico ☐

Marca_____

Tipo_____

Potência_____

Estruturas associadas_____

9. EQUIPAMENTOS TÉCNICOS

Nome	Quantidade	Marca	Em Funcionamento	Desativados

10. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Nível de conservação	Bom		
	Razoável		(sem manutenção, mas sem perturbações estruturais)
	Mau		(perturbações ao nível da estrutura horizontal)
	Muito Mau		(perturbações ao nível horizontal e vertical)

Envolvente	Fábrica	Zona Natural	
		Zona Rural	
		Zona Urbana	
		Zona Industrial	
	Pedreira	Zona Natural	
		Zona Rural	
		Zona Urbana	
		Zona Industrial	

11. RECURSOS HUMANOS

Número de empregados			M	F
Total	_____	Administrativos	_____	_____
		Serviços	_____	_____
		Operários	_____	_____

12. MERCADO

Importações % _____

Exportações % _____

Perfil consumidor			
	Autor	☐	(ex: arquitetos; artistas)
	Empresas de construção	☐	
	Consumidor Final	☐	
	Nacionais	☐	
	Estrangeiros	☐	

Participação Feiras			
	Nacionais	☐	_____
	Internacionais	☐	_____

13. NOTAS HISTÓRICAS/ARQUITETÓNICAS

14. BIBLIOGRAFIA

15. OBSERVAÇÕES

16. DOCUMENTAÇÃO EXISTENTE

	Sim	Não
Fotografia		
Plantas		
Informação oral		

Outra _____

ANEXO VI- PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM "MUSEU DA PEDRA " NA REGIÃO DE MONTELAVAR-PERO PINHEIRO (Concelho de Sintra)" José Manuel Brandão: 1996

CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA Nº 8 - 1996 109

PROPOSTA PARA A CRIAÇÃO DE UM "MUSEU DA PEDRA " NA REGIÃO DE MONTELAVAR-PERO PINHEIRO (Concelho de Sintra) José Manuel Brandão

INTRODUÇÃO

Em vários países do mundo, tem-se assistido nos últimos anos ao desenvolvimento de projectos de valorização do património arqueológico-industrial constituído pelas explorações mineiras abandonadas ou ainda em lavras* . Tal como as minas, também algumas pedreiras têm vindo a ser objecto de atenção dos museólogos, pela riqueza que representam em termos do património científico, histórico, etnográfico e arqueológico industrial. Alguns destes projectos, têm sido levados a cabo como resultado de uma profícua colaboração entre os sectores público e o privado, diversificando deste modo as fontes de financiamento que garantem a prossecussão dos objectivos traçados. No que respeita concretamente a intervenções sobre o património mineiro, embora existam no nosso país algumas áreas sobre as quais se justifica plenamente uma intervenção a curto prazo como por exemplo de Aljustrel e as da Panasqueira, (actualmente quase desactivadas), ou as minas de carvão do Pejão, não foram ainda concretizadas quaisquer

acções globais de natureza museológica, quer focalizadas sobre as técnicas e os instrumentos de trabalho próprios desta importante indústria, quer sobre as comunidades que se estabeleceram e viveram em torno da exploração e transformação dos recursos minerais. A proposta que se apresenta, visa precisamente contemplar estes dois aspectos: por um lado entendemos que é necessário documentar a evolução tecnológica da exploração e da lavra das pedras ornamentais nesta região, por outro entendemos que tal estudo só tem significado se, paralelamente, se caracterizarem as profissões e a vida social dos operários desta indústria.

O estabelecimento na área de Montelavar, de um núcleo museológico sobre o trabalho da pedra, é um sonho acalentado por vários naturais da região e já há alguns anos falado ao nível da autarquia, onde em tempos foi proposto pelo etnólogo Carlos Lopes Cardoso (RIBEIRO, 1986).

* Consulte-se a este propósito o artigo de J. Custódio citado na bibliografia.

INDÚSTRIA DAS ROCHAS ORNAMENTAIS

1. AS ROCHAS DE PERO-PINHEIRO

Os extensos afloramentos rochosos de idade cretácica, que deram lugar à instalação da indústria extractiva nesta área, são, do ponto de vista petrográfico, calcários microcristalinos, com uma coloração que varia entre

o branco e o avermelhado. A sua grande beleza é em parte devida à presença de inúmeros fósseis de rudistas. As mais importantes variedades são o Lioz (largamente exportado para o Brasil nos séculos XVI-XVII), o Vielraço, o Bastardo (usado na época pombalina em larga escala, patenteia actualmente forte alteração pelos agentes atmosféricos e a poluição) e o Chanfana, apenas aplicado em cantaria de qualidade inferior.

2. BREVE PANORAMA DA INDÚSTRIA

Tendo em consideração os vestígios arqueológicos existentes nesta área, supõe-se que a exploração das rochas ornamentais tenha começado na época romana (RIBEIRO, et alia 1986), durante a qual os blocos extraídos terão sido difundidos por todo o Município Olisiponense, norte da Península Ibérica e margem sul do Tejo, tendo mesmo chegado a Itália (CAT. EXPO). As pedras exploradas nesta região foram, no século XVIII, intensamente utilizadas na cantaria de muitos edifícios na área da grande Lisboa (sobretudo na reconstrução da cidade após o terramoto

de 1755), bem como na construção do convento de Mafra, erigido sob a orientação do arquitecto alemão Francis Ludwig. A extracção e a lavra das rochas ornamentais, funcionou como pólo de atracção de gentes vindas de outras partes do país, que se terão fixado na zona para trabalhar como cabouqueiros e canteiros, embora na opinião de alguns investigadores, nomeadamente P. MONTEIRO (1950), dado o facto de os blocos serem então normalmente lavrados no próprio local das obras, estes últimos só se

deverão ter fixado na região numa época mais tardia, provavelmente apenas a partir do período pós-terramoto de Lisboa de 1755. A partir de meados dos anos 50 do nosso século, a indústria extractiva nesta região entrou em declínio face à forte competição dos calcários cristalinos do Alto Alentejo, mais procurados pelos mercados interno e externo. Tal facto, ocasionou além de um flagrante desinvestimento em termos de renovação e melhoria dos equipamentos existentes, o progressivo abandono das pedreiras existentes, passando as indústrias de transformação locais a laborar pedras vindas de outras zonas do país e do estrangeiro. Aliás, a tendência para o abandono progressivo das pedreiras locais mantem-se até à actualidade, de uma forma evidente, enquanto a tendência nacional é para uma expansão do sector (PDM D4, 1989 e MARTINS, 1990), não obstante as reservas certas de calcários ornamentais nesta região serem muito importantes, suficientes mesmo para fazerem ponderar uma reabilitação da indústria local (MARTINS, 1991). O estudo dos valores relativos à distribuição das várias indústrias ao nível concelhio, mostra que as rochas ornamentais geram actualmente, cerca de 17% do emprego global e cerca de 10% do produto total no concelho de Sintra (PDM, 1988), valores, no entanto, mais baixos do que há uma dezena de anos. Embora não tenhamos dados seguros, estima-se que existam na área cerca de 200 empresas ligadas ao sector (quase todas de pequena e média dimensão), onde laboram cerca de 3 000 trabalhadores. Pode dizer-se ainda que o trabalho artesanal em pedra, praticamente desapareceu da região nos últimos anos, face ao aparecimento dos modernos equipamentos eléctricos, que permitem

obter rapidamente e a preços mais baixos, todo o trabalho de cantaria, satisfazendo assim parte significativa da procura. Outra razão de peso é o manifesto desinteresse das faixas etárias mais baixas de trabalhadores. Subsistem ainda no entanto, alguns pequenos núcleos artesanais, virados sobretudo para a produção de estatuária e arte fúnebre.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Do nosso ponto de vista, são várias as razões que justificam plenamente, nesta área, a criação de um pólo museológico sobre o trabalho da pedra:

1. Esta região é actualmente, a nível nacional, um dos mais importantes centros de transformação de rochas ornamentais;

2. Do ponto de vista da extracção, se bem que a importância desta zona tenha diminuído substancialmente face à de outras zonas do país, durante muitos séculos a sua posição foi bastante relevante;

3. É necessário fixar e preservar os traços fundamentais de uma paisagem e um património industrial, revalorizando simultaneamente as zonas mais degradadas pelas explorações abandonadas;

4. Através da instalação deste pólo, poder-se-iam potenciar as possibilidades turístico-culturais da região, reforçando a identidade local.

Duas outros factores nos parecem ainda ser de ponderar: Montelavar, possui bons acessos, beneficiando de uma situação estratégica dentro do triângulo turístico Cascais - Sintra - Maira, o que a priori é uma garantia de um público regular, para além da

comunidade local. Por outro lado, graças à forte posição no mercado internacional que as rochas portuguesas têm sabido manter, um núcleo museológico nesta zona, focalizado nos trabalhos da exploração e lavra das pedras poderá servir como cartão de visita ou sala de acolhimento dos promitentes compradores internacionais bem como possível pólo de atracção de exposições de arte em pedra e das tecnologias específicas do sector. Em nossa opinião, este projecto deveria pautar-se pelos seguintes objectivos gerais:

• Contribuir para o desenvolvimento local, implementando actividades turístico-culturais e revalorizando as artes da pedra e da cantaria;

• Recolher e preservar os testemunhos materiais relativos aos trabalhos de extração e lavra das rochas ornamentais;

• Documentar estas actividades, estabelecendo a evolução dos materiais e técnicas utilizadas na região, ao longo do tempo;

• Documentar as principais transformações da vida social e económica da comunidade local, ocasionadas pela actividade do sector • Promover o

acolhimento e informação do público mediante a realização de actividades educativas e culturais; • Divulgar a investigação realizada através de exposições e da musealização in situ de peças do património arqueológico industrial e da realização de percursos de exploração do território.

O "Museu da Pedra" que idealizamos para a área de Montelavar, deveria ser um museu aberto e poli-nucleado, pois, pela

especifidade do seu tema, não se pode resumir a um espaço de exposição (de longa duração e/ou temporária) instalado num edifício ou numa das muitas pedreiras abandonadas, mas se projectar sobre o território, prolongando-se por um circuito de visita que englobasse os antigos "telheiros" ainda existentes, actuais oficinas de lavra, pedreiras e os campos de lapiás da Pedra Furada (sítio classificado), interessante pólo de conservação e observação do património natural. Parte integrante deste museu seria também o percurso Pero Pinheiro, Cheleiros, Mafra, imortalizado por Saramago no seu magistral "Memorial do Convento" Este "Museu da Pedra", seria também um espaço permanente de desenvolvimento de actividades de carácter cultural dinamizadas não apenas pelo "staff', mas também de acolhimento de iniciativas que partissem das indústrias do sector e dos restantes parceiros sociais directa ou indirectamente ligados ao sector. O núcleo museológico, poderia ainda acolher no seu seio os artesãos que ainda trabalham na região, mantendo desta forma um "atelier-escola" permanente, dedicado às artes da cantaria e estatuária, contribuindo assim de uma forma eficaz para o relançamento desta actividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDI0, J. (1993) — As minas abandonadas do ponto de vista da arqueologia mineira e industrial. Boletim de Minas, 30 (2) pp. 73-84, Lisboa.

Estudos prévios do Plano Director Municipal (PDM). Relatórios D3 — População e povoamento (1985), D6— Sistema urbano (1988) e D4 — Estudos económicos (1989).

Gab.do Plano Director Municipal, Câmara Municipal de Sintra.

MARTINS, R. (1990) — A indústria extractiva das rochas ornamentais. Boletim de Minas. Lisboa.

MARTINS, R. (1991) — Estudo dos calcários ornamentais da região de Pero-Pinheiro. Estudos Notas e Trabalhos do Serv. Fom. Min. 33, pp. 105-163. Porto.

MONTEIRO, Pardal (1950) — Canteiros e cantarias de Pero Pinheiro. Sintra turística, Comercial, Industrial e Agrícola, pp. 89-97. Sintra.

O Trabalho e as Tradições religiosas no Distrito de Lisboa. Catálogo da Exposição de Etnografia. Governo Civil de Lisboa, 1991.

RIBEIRO, C., CABRAL, M.E. & NUNES, M.L. (1986) — Contributos museológicos para uma abordagem antropológica da região saloia. Colóquio APOM/85. Cadernos de Museologia 3. APOM. Lisboa.

SARAMAGO. J. (1984) —Memorial do Convento. Editorial Caminho. Lisboa.

ANEXO VII: Ficha de Inventário: Alexandrino Pais Leitão Lda.. Preenchida pelos próprios.

FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

ZONA DA FREGUESIA DE ALMARGEM DO BISPO, PERO-PINHEIRO E MONTELAVAR

1. IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

Designação: **ALEXANDRINO PAIS LEITÃO, LDA**

Designação comercial: **ALEXANDRINO PAIS LEITÃO, LDA**

2. DATAÇÃO

Fundação: **1/1/1994 SOCIEDADE COMERCIAL POR QUOTAS/DESIGNAÇÃO ATUAL ORIGEM: 1962**

3. LOCALIZAÇÃO/CONTATOS

País: **Portugal**

Distrito: **Lisboa**

Freguesia: **União das Freguesias de S. João das Lampas e Terrugem**

Endereço: **AV. DA AVIAÇÃO PORTUGUESA, 84, LAMEIRAS, 2715-140 PÊRO PINHEIRO**

Telefone: **917582969**

Telemóvel:_____

E-mail: **GERAL@APLEITAO.COM**

Outros:_____

_____

_____

4. CARATERIZAÇÃO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL

Industria (C.A.E.): **23701**

Estruturas Industriais ou Associadas	Produção	X	Refeitório	X
	Casa das máquinas		Bairros operários	
	Chaminé		Escola/Creches	
	Pedreira	X		
	Armazéns	X	Lazer	
	Administração		Jardins	
	Habitação Empresário/Administrador		Igreja	
	Outras_____		Refeitório	

Tipologia Funcional	Oficina	X	Manufatura					
	Espaço aberto	X	Maquinofatura	X	Mecânica	X	Automática	X
	Galeria (subsolo)							

Uso	Fabrico Completo	
	Fabrico Incompleto	X
	Áreas Produtivas /Função	**EXTRAÇÃO/ SERRAGEM/POLIMENTO/RESINAGEM**

5. ENTIDADES ASSOCIADAS Á HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

Empresários	Fundadores	**JOAQUIM LEITÃO**
		ALEXANDRINO PAIS LEITÃO
	Outros	
Arquitetos		**JULIO VENTURA**

	LUÍS CURADO
Engenheiros	**ALBERTO SILVA**
Construtores	

6. DESCRIÇÃO DO EDIFICADO - PRODUÇÃO

Área Total	**49.500 M2**	Área Construída	**5.579,50 M2**	Nº Edifícios	**7**
Edifício		Data	**1962/80/94/96/98**		

Materiais de construção

Estrutura

Madeira		Pedra		X	Ferro		Vidro		Taipa		
Tijolo	X	Betão	X		Aço		Telha	X	Adobe		
Outros											

Revestimentos

Internos **REBOCO**

PINTADO

Externos **REBOCO**

PINTADO

PEDRA

Pavimentos **BETÃO AFAGADO,**

PEDRA

Elementos Decorativos

7. DESCRIÇÃO PEDREIRA- EXPLORAÇÃO

Designação: **LAMEIRAS Nº1**

Endereço:_**RUA 1º. DE DEZEMBRO, LAMEIRAS. (CONTÍGUA À FÁBRICA)**

Matéria-prima: **CALCÁRIO MICROCRISTALINO PARA FINS ORNAMENTAIS (LIOZ)**

Ativa	**X**	Desativada					
Área Total	**30.578 M2**	Área explorada		Profundidade	**116**		
Data		Data					
Tipo de extração	Galeria		Talhada		Outros		
	Céu aberto	**X**	Bloco	**X**			

Estruturas Industriais ou Associadas_____

8. TIPO DE ENERGIA

A sangue							
Eólica							
Hidráulica							
Combustão interna		Gás		*Diesel*	**X**		
Eletricidade	**X**	Central própria		Distribuição de rede			

Construções Hidráulicas Associadas	Açudes		Levadas		Tanques		
	Condutas forçadas		Depósitos		Outras		

_____

Motor	Roda Hidráulica		
	Combustão Interna		Marca_____
			Tipo_____
			Potência_____
			Estruturas associadas_____

Turbina	☐	Marca_____ Tipo_____ Potência_____ Estruturas associadas_____
Gerador Elétrico	☐	Marca_____ Tipo_____ Potência_____ Estruturas associadas_____

9. EQUIPAMENTOS TÉCNICOS - **PEDREIRA**

Nome	Quantidade	Marca	Em Funcionamento	Desativados
RETROESCAVADORA DE RASTOS	1		X	
PÁ CARREGADORA	1		X	
MÁQUINAS DE FIO	2		X	
COMPRESSOR	1		X	
BOMBAS	2			

10. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Nível de conservação	Bom	**X**	
	Razoável		(sem manutenção, mas sem perturbações estruturais)
	Mau		(perturbações ao nível da estrutura horizontal)
	Muito Mau		(perturbações ao nível horizontal e vertical)

Envolvente	Fábrica	Zona Natural	
		Zona Rural	
		Zona Urbana	**X**
		Zona Industrial	**X**
	Pedreira	Zona Natural	
		Zona Rural	
		Zona Urbana	**X**
		Zona Industrial	**X**

11. RECURSOS HUMANOS

Número de empregados			M	F
Total	**37**	Administrativos	**4**	**5**
		Serviços		
		Operários	**28**	

INCLUI 2 FUNCIONÁRIOS DA PEDREIRA

12. MERCADO

Importações **35%**

Exportações	**30%**

PEDREIRA IMPORTAÇÕES/EXPORTAÇÕES: 0%

Perfil consumidor	Autor		(ex: arquitetos; artistas)
	Empresas de construção		
	Consumidor Final		
	Nacionais	**X**	
	Estrangeiros	**X**	

Participação Feiras	Nacionais		
	Internacionais		

13. NOTAS HISTÓRICAS/ARQUITETÓNICAS

14. BIBLIOGRAFIA

15. OBSERVAÇÕES

CONFORME A EMPRESA FOI CRESCENDO FOI TENDO NECESSIDADE DE CONSTRUIR NOVOS
EDIFÍCIOS QUER PARA AUMENTAR A PRODUÇÃO QUER PARA DIVERSIFICAR E ALARGAR O SEU
LEQUE DE PRODUTOS. EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS DE ACORDO COM A ÉPOCA.
HÁ 50 ANOS ATRÁS EXISTIA UMA PEQUENA OFICINA TRADICIONAL COM TELHADOS
DE 2 ÁGUAS. HAVIA IGUALMENTE UMA CASA PARA CRIAÇÃO DE ANIMAIS, NOMEADAMENTE
OVELHAS E COELHOS.
RELATIVAMENTE Á PEDREIRA, AS CONSTRUÇÕES SÃO ANTERIORES A 1951.

16. DOCUMENTAÇÃO EXISTENTE

	Sim	Não
Fotografia		
Plantas		
Informação oral	**X**	

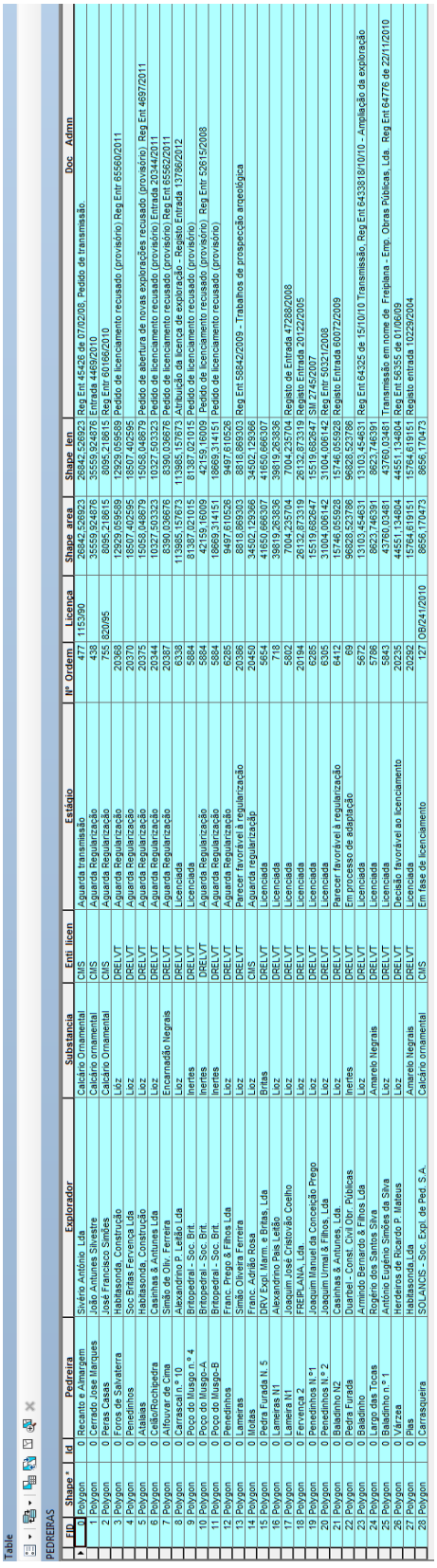
Outra _____

ANEXO VIII: RECURSOS GEOLÓGICOS

1- Área potencial de exploração de recursos geológicos

Figura 1- "Área potencial de exploração de recursos geológicos". Imagem cedida pelo técnico superior da Câmara Municipal de Sintra, geólogo Álvaro Terezo, 2017.

2- Tabela de atributos das pedreiras. Cedida pelo técnico superior da Câmara Municipal de Sintra, geólogo Álvaro Terezo, 2017.

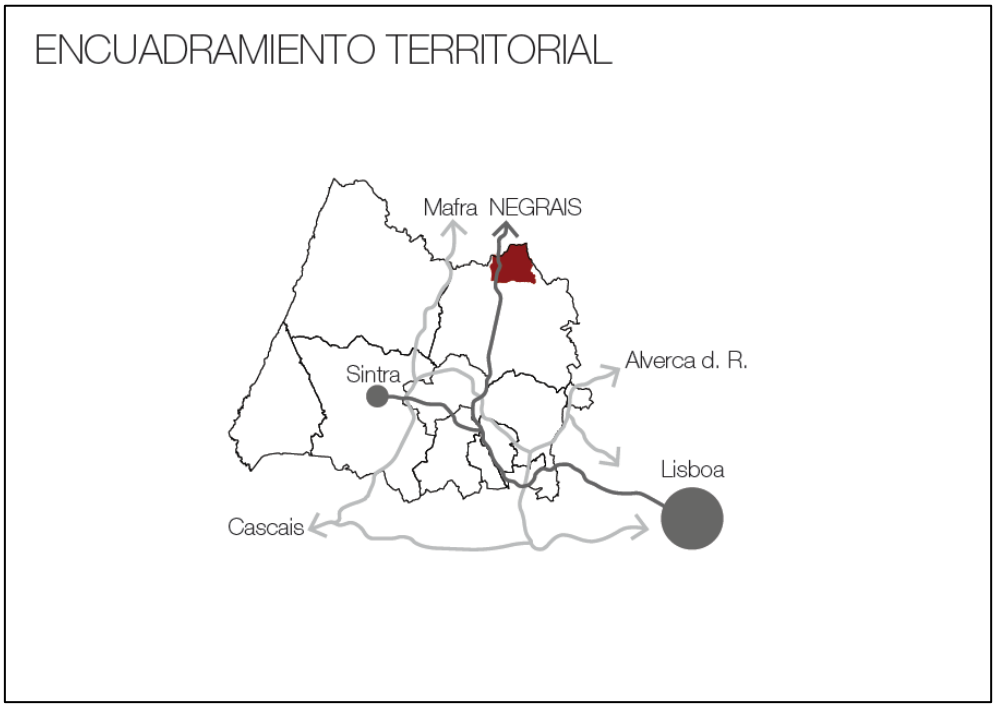


Table

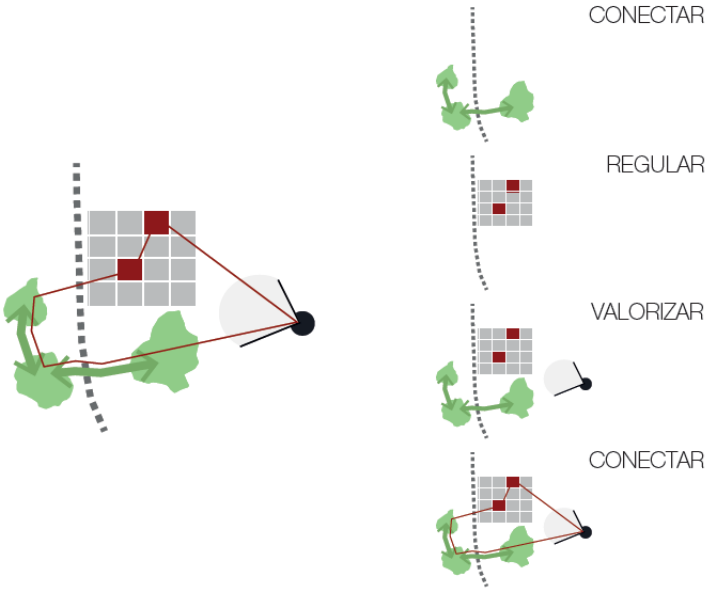
PEDREIRAS

FID	Shape *	Id	Pedreira	Explorador	Substancia	Entl. licen	Estágio	Nº Ordem	Licença	Shape_area	Shape_len	Doc. Admin
0	Polygon	0	Recanto e Almargem	Sivério António Lda	Calcário Ornamental	CMS	Aguarda transmissão	477	1153/90	26842,526923	26842,526923	Reg Ent 45426 de 07/02/08. Pedido de transmissão.
1	Polygon	0	Cerrado Jose Marques	João Antunes Silvestre	Calcário ornamental	CMS	Aguarda Regularização	438		35559,924876	35559,924876	Entrada 44692/2010
2	Polygon	0	Perais Casas	José Francisco Simões	Calcário Ornamental	CMS	Aguarda Regularização	755	820/95	8095,218615	8095,218615	Reg Entr 60166/2010
3	Polygon	0	Fonte de Salvaterra	Habilasonda, Construção	Lúz	DRELVT	Aguarda Regularização	20368		15929,685589	15929,685589	Pedido de licenciamento recusado (provisório) Reg Entr 65560/2011
4	Polygon	0	Fontainhas	Habilasonda, Construção	Lúz	DRELVT	Aguarda Regularização	20370		15929,677595	15929,677595	
5	Polygon	0	Abelheira	Hermínios Ferreira Lda	Lúz	DRELVT	Aguarda Regularização	20375		15958,048879	15958,048879	Pedido de abertura de novas explorações recusado (provisório). Reg Ent 46972/2011
6	Polygon	0	Cella/Rochipedra	Casinhas & Antunes Lda	Lúz	DRELVT	Aguarda Regularização	20344		10327,503323	10327,503323	Pedido de licenciamento recusado (provisório) Entrada 20344/2011
7	Polygon	0	Alfouvar de Cima	Simão da Oliv. Ferreira	Encarnadão Negrais	DRELVT	Aguarda Regularização	20387		8390,036676	8390,036676	Pedido de licenciamento recusado (provisório) Reg Ent 65562/2011
8	Polygon	0	Carrascal n.º 10	Alexandrino P. Leão Lda	Lúz	DRELVT	Licenciada	6338		113985,157673	113985,157673	Atribuição da licença de exploração - Registo Entrada 13786/2012
9	Polygon	0	Poço do Musgo n.º 4	Britopedral - Soc. Brit.	Inertes	DRELVT	Licenciada	5884		81387,021015	81387,021015	Pedido de licenciamento recusado (provisório)
10	Polygon	0	Poço do Musgo-A	Britopedral - Soc. Brit.	Inertes	DRELVT	Aguarda Regularização	5884		42159,16009	42159,16009	Pedido de licenciamento recusado (provisório). Reg Entr 52615/2008
11	Polygon	0	Poço do Musgo-B	Britopedral - Soc. Brit.	Inertes	DRELVT	Aguarda Regularização	5884		18669,3141 51	18669,3141 51	Pedido de licenciamento recusado (provisório)
12	Polygon	0	Penedinhos	Franc. Prego & Filhos Lda	Lúz	DRELVT	Aguarda Regularização	6285		9497,610526	9497,610526	
13	Polygon	0	Lameiras	Simão Oliveira Ferreira	Lúz	DRELVT	Parecer favorável à regularização	20386		8818,869303	8818,869303	Reg Ent 588422/2009 - Trabalhos de prospecção arqeológica
14	Polygon	0	Moitas	Franc. Adrião Rosa	Lúz	CMS	Aguarda regularização	20450		34502,129366	34502,129366	
15	Polygon	0	Pedra Furada N. 5	DRV Expl. Mármi. e Britas, Lda	Britas	DRELVT	Licenciada	5654		41650,666307	41650,666307	
16	Polygon	0	Lameiras N.1	Alexandrino P. Leão	Lúz	DRELVT	Licenciada	5716		39013,235704	39013,235704	Registo de Entrada 47288/2008
17	Polygon	0	Lameiras N.2	Joaquim José Castro Rio Coelho	Lúz	DRELVT	Licenciada	5802		39013,235704	39013,235704	Registo de Entrada 47288/2008
18	Polygon	0	Fervença 2	FREPLANA, Lda	Lúz	DRELVT	Licenciada	20194		26132,873319	26132,873319	Registo Entrada 28122/2005
19	Polygon	0	Penedinhos N.º1	Joaquim Manuel da Conceição Prego	Lúz	DRELVT	Licenciada	6285		15519,682647	15519,682647	SM 27452/2007
20	Polygon	0	Penedinhos N.º 2	Joaquim Urmal & Filhos, Lda	Lúz	DRELVT	Licenciada	6305		31004,006142	31004,006142	Reg Entr 50321/2008
21	Polygon	0	Baladinho N2.	Casinhas & Antunes, Lda.	Lúz	DRELVT	Parecer favorável à regularização	6412		15746,055928	15746,055928	Registo Entrada 60072/2009
22	Polygon	0	Pedra Furada	Duatiell - Const. Civil Obr. Públicas	Inertes	DRELVT	Em processo de adaptação	69		96828,523786	96828,523786	
23	Polygon	0	Baladinho	Armindo Bernardo & Filhos Lda	Lúz	DRELVT	Licenciada	5672		13103,454631	13103,454631	Reg Ent 64325 de 15/10/10 Transmissão, Reg Ent 64338/18/10/10 - Ampliação da exploração
24	Polygon	0	Largo das Tocas	Rogério dos Santos Silva	Amareló Negrais	DRELVT	Licenciada	5786		8623,746391	8623,746391	
25	Polygon	0	Baladinho n.º 1	António Eugénio Simões da Silva	Lúz	DRELVT	Licenciada	5843		43760,034811	43760,034811	Transmissão em nome de Freplana - Emp. Obras Públicas, Lda. Reg Ent 64776 de 22/11/2010
26	Polygon	0	Várzea	Herdeiros de Ricardo P. Mateus	Lúz	DRELVT	Decisão favorável ao licenciamento	20235		44551,134804	44551,134804	Reg Ent 56355 de 01/06/09
27	Polygon	0	Pias	Habilasonda Lda	Amareló Negrais	DRELVT	Licenciada	20292		15764,619151	15764,619151	Registo entrada 10229/2004
28	Polygon	0	Carrasqueira	SOLANCIS - Soc. Expl. de Ped. S.A.	Calcário ornamental	CMS	Em fase de licenciamento	127	08/24/12/2010	6656,170473	6656,170473	

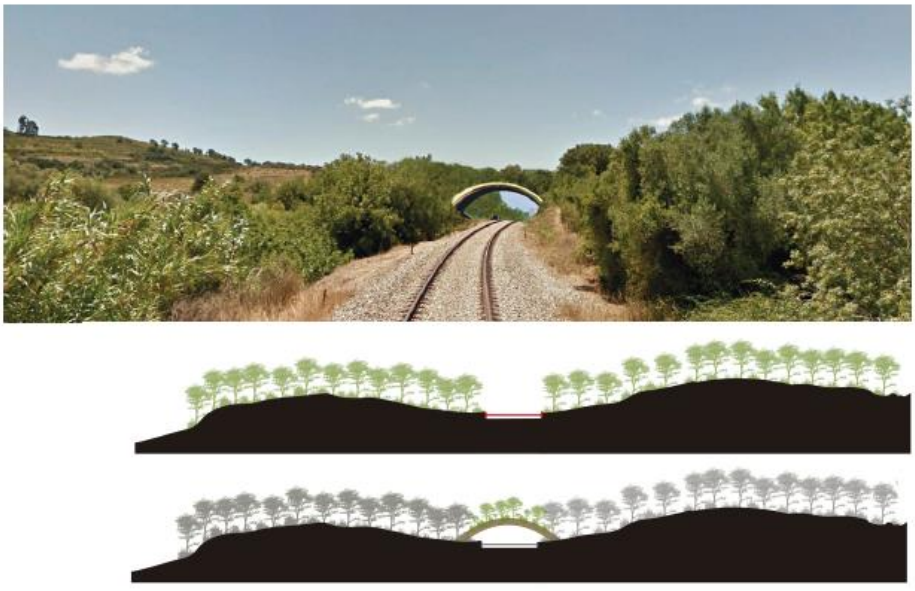
ANEXO IX: RECUPERAÇÃO PAISAGÍSTICA DA PEDREIRA DA CP, NA PEDRA FURADA. Câmara Municipal de Sintra em parceria com entidades acadêmicas nacionais e internacionais. Cedida pelo técnico superior da Câmara Municipal de Sintra, geólogo Álvaro Terezo, 2017 (reprodução parcial dos projetos).



CONCEPTO



SECCIÓN CON INFRAESTRUCTURA VERDE



ZONAS DE INTERVENCIÓN DEL PROYECTO SOBRE LO URBANIZADO

REGULAR

CENTRO HISTORICO

ZONAS URBANIZADAS

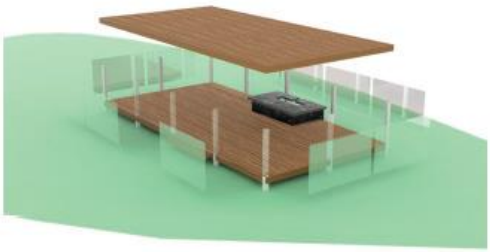
ZONA DE CAMPO

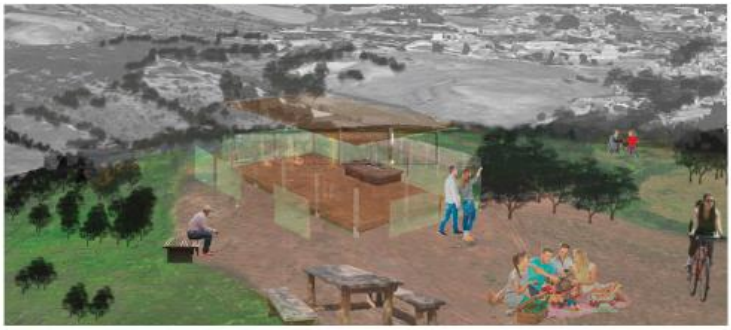
CENTRO HISTÓRICO

REGULAR

MIRADOR

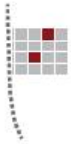
VALORIZAR

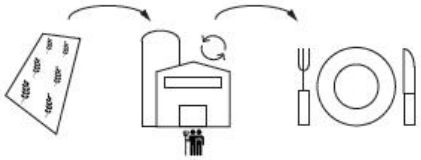




ZONA FORESTAL

REGULAR





CAMPING

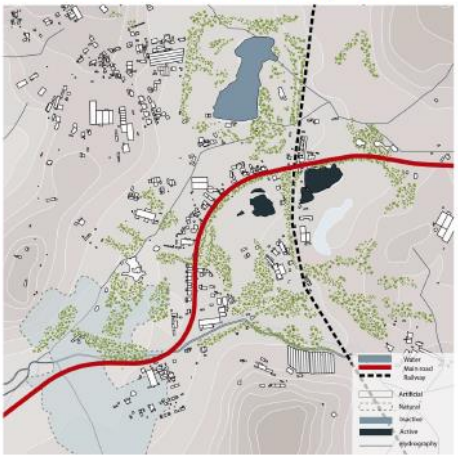
VALORIZAR

PEDRA FURADA

Quarry as a Catalyst

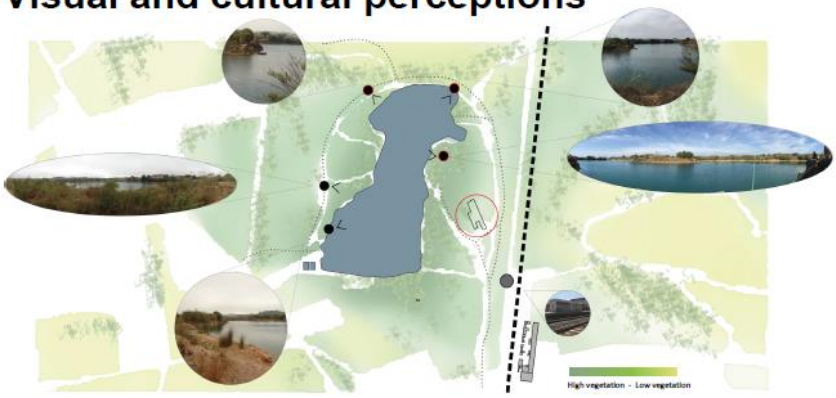
Anna Giusti I Cristina Infante Díaz I Gil Abreu I Ignacio Cimadevilla Arellano

Pedra Furada analysis



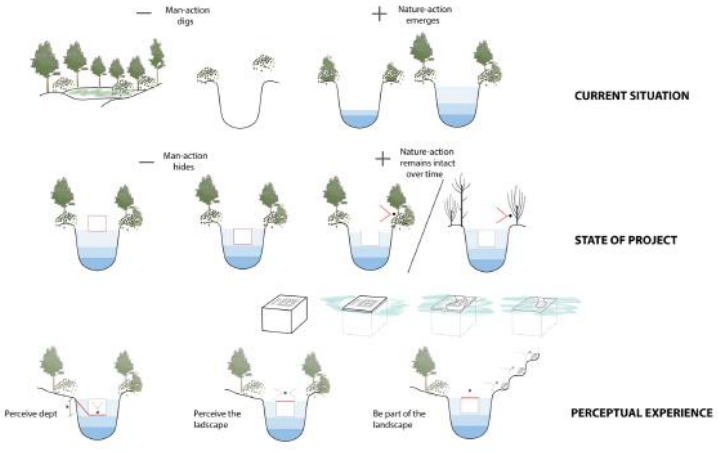
- Pedra Furada is a fragmented urban settlement. How can we consolidate it?
- Avenida de Roma is the main axe from which Pedra Furada develops
- Avenida dos Lapiás connects Pedra Furada with the surrounding urban settlements
- Linha do Oeste connects Pedra Furada with the rest of Sintra and neighbour

Visual and cultural perceptions

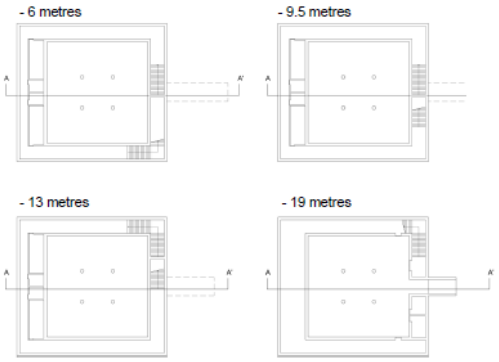


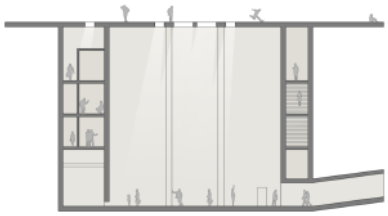
- How to highlight the human presence while respecting the natural system?
- How to explore the relation between stone, water and vegetation?

Building concept



Submerged building

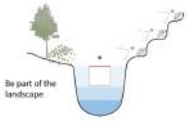




- The central space is empty and destined to have a perception of light and depth

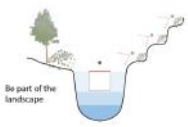
Amphitheater

- A gradual approach to the water
- The platform can be reached by boat and allows to have a different perspective of the lake



Amphitheater

- This space could be used for musical events



ORGANIZATION:

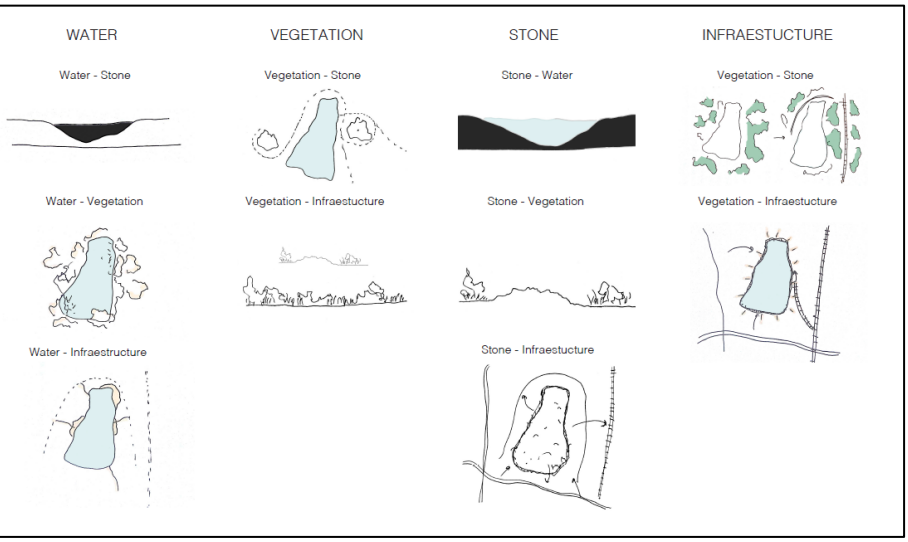
PARTNERS:

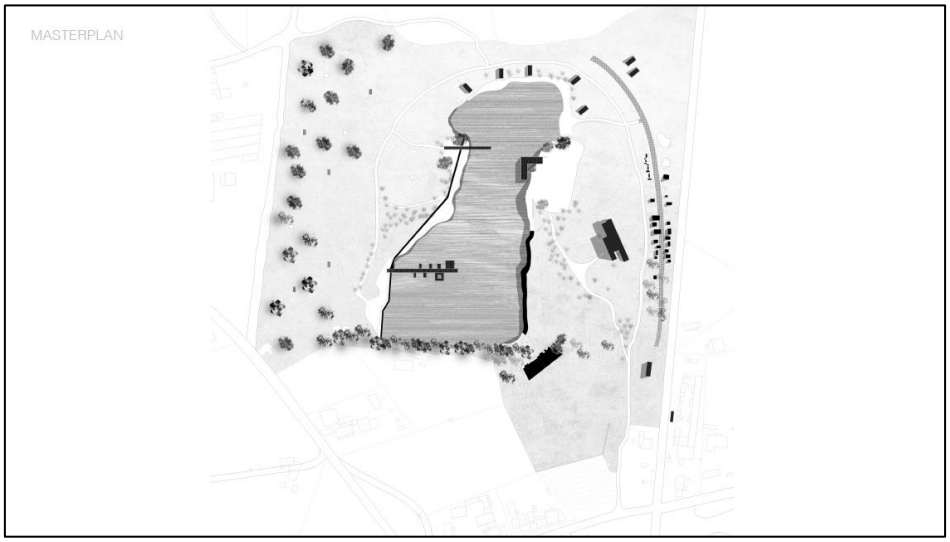
MOBILITY, ARCHITECTURE AND PLANNING

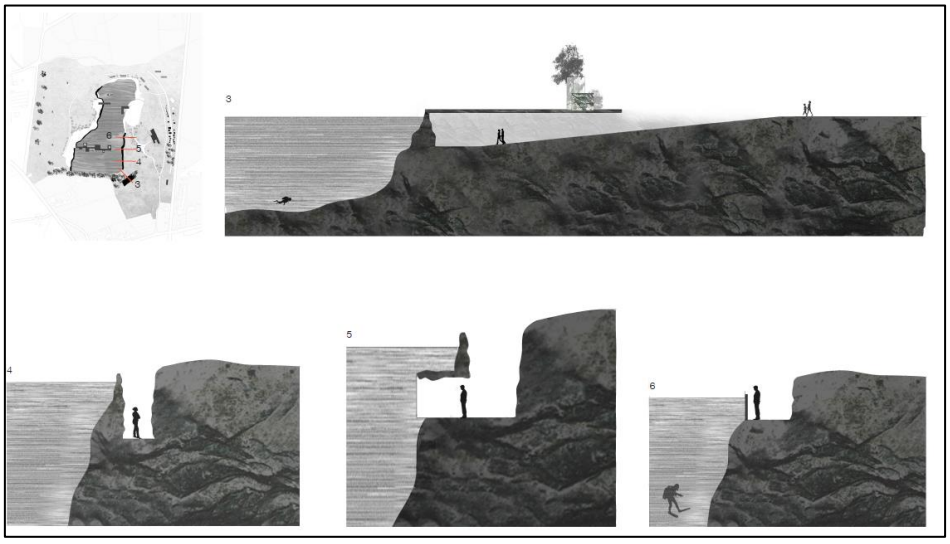
EUROPEAN MASTER COURSE
Sintra, Portugal
September 6-16

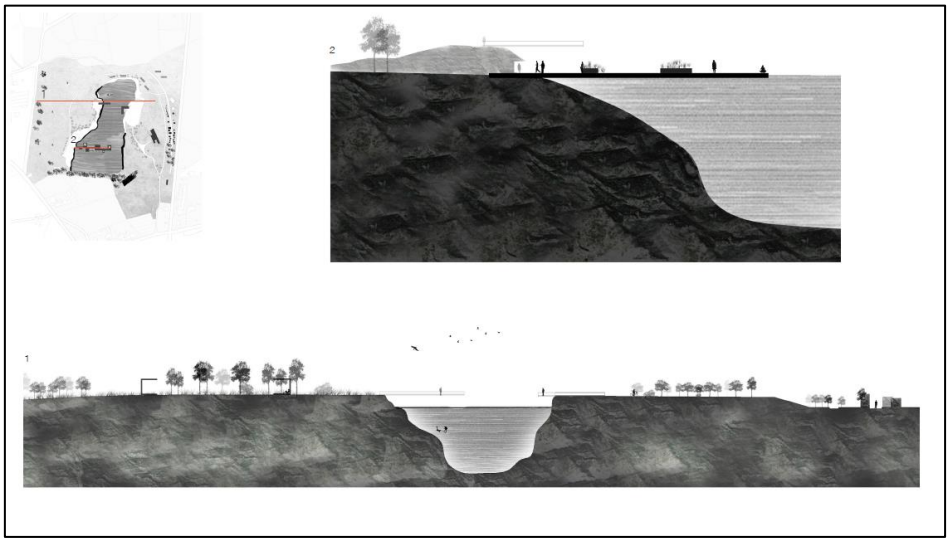
PEDRA FURADA

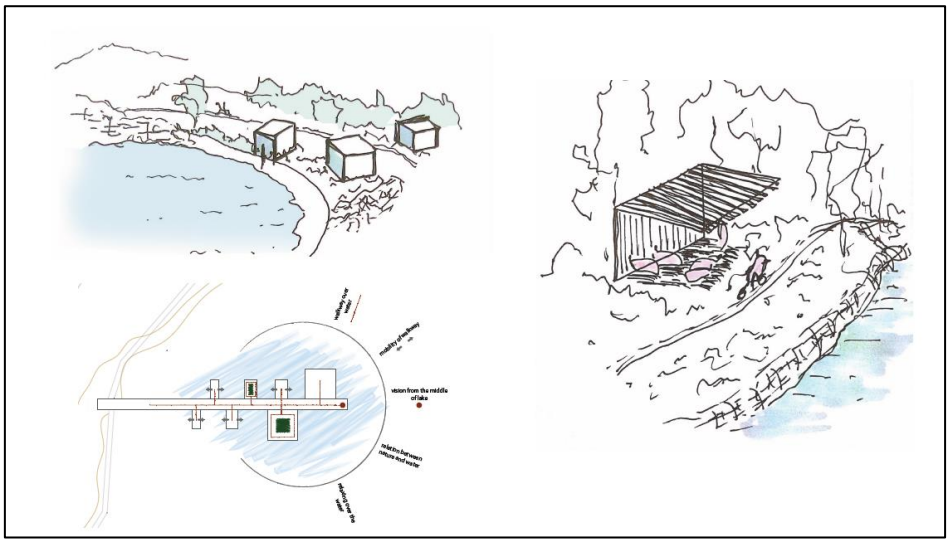
Students:
Federico Bortolot
Joaquim Fontseca
Andrea Martis
Klarissa Pica
Mario Romano
Patricia Sola Sancho




MASTERPLAN


3
4
5
6


2
1


vision from the middle of lake

ANEXO X: FICHA DE INVENTÁRIO: URMAL-JOAQUIM DUARTE URMAL & FILHOS LDA.. Preenchida pelos próprios.

FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL[1]

ZONA DA FREGUESIA DE ALMARGEM DO BISPO, PERO-PINHEIRO E MONTELAVAR

1. IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

Designação JOAQUIM DUARTE URMAL & FILHOS, LDA

Designação comercial

2. DATAÇÃO

Fundação

3. LOCALIZAÇÃO/CONTATOS

País: Portugal
Distrito: Lisboa
Freguesia: União das Freguesias do Almargem do Bispo, Pêro-Pinheiro e Montelavar
Endereço: RUA DAS PICARIAS, 73 2715-962 PERO PINHEIRO

Telefone: 21967580
Telemóvel:
E-mail:
Outros:

4. CARATERIZAÇÃO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL

Industria (C.A.E.) 23702

Estruturas Industriais ou Associadas					
	Produção	X	Refeitório		X
	Casa das máquinas		Bairros operários		
	Chaminé		Escola/Creches		
	Pedreira	X			
	Armazéns	X	Lazer		
	Administração		Jardins		
	Habitação Empresário/Administrador		Igreja		
	Outras		Refeitório		

Tipologia Funcional							
	Oficina		Manufatura				
	Espaço aberto		Maquinofatura	X	Mecânica		Automática
	Galeria (subsolo)						

Uso		
	Fabrico Completo	X
	Fabrico Incompleto	
	Áreas Produtivas /Função	Serragem - Embalamento - Corte - Polimento Flexibilidade Produtiva que permite apresentar uma infinita variedade de artigos, desde a chapa polida, Rodapés, até ao mais luxuoso projeto com cortes à medida para interiores ou exteriores nos mais variados tipos de mármore.

[1] Ficha de inventário elaborada com base na ficha de inventário do património industrial da DGPC

desde 1956 → António Vinhal
António do Vinhal Ferreira

5. ENTIDADES ASSOCIADAS Á HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

Empresários Fundadores em 95 João Américo Cantadeiro Vinhal
António dos Reis Duarte Vinhal Cantadeiro
Outros Luís Rafael Duarte Vinhal Cantadeiro
Olívia Duarte Vinhal da Silva Sousa

Arquitetos

Engenheiros

Construtores

6. DESCRIÇÃO DO EDIFICADO - PRODUÇÃO

Área Total 21 000m² Área Construída 4.724 m2 Nº Edifícios 2

Edifício Data

Materiais de construção

Estrutura
- Madeira ☐ Pedra ☐ Ferro ☐ Vidro ☐ Taipa
- Tijolo ☐ Betão ☐ Aço ☐ Telha ☐ Adobe
- Outros ☐

Revestimentos
- Internos
- Externos

Pavimentos

Elementos Decorativos

7. DESCRIÇÃO PEDREIRA- EXPLORAÇÃO

Designação Penedinhos

Endereço

Matéria-prima Lioz

Ativa ☒ Desativada ☐

Área Total 31440 M2 Área explorada 14900 M2 Profundidade 11 3

Data Data

Tipo de extração
- Galeria ☐ Talhada ☐ Outros ☐
- Céu aberto ☒ Bloco ☐

desde 1956 → António Unmal
António do Unmal Ferreira

5. ENTIDADES ASSOCIADAS Á HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

Empresários Fundadores em 95 João Américo Cantadeiro Unmal
António dos Reis Duarte Unmal Cantadeiro
Outros Luís Rafael Duarte Unmal Cantadeiro
Olívia Duarte Unmal da Silva Sousa

Arquitetos

Engenheiros

Construtores

6. DESCRIÇÃO DO EDIFICADO - PRODUÇÃO

Área Total 21 000m² Área Construída 4.724 m2 Nº Edifícios 2

Edifício Data

Materiais de construção

Estrutura — Madeira ☐ Pedra ☐ Ferro ☐ Vidro ☐ Taipa
Tijolo ☐ Betão ☐ Aço ☐ Telha ☐ Adobe
Outros ☐

Revestimentos — Internos

Externos

Pavimentos

Elementos Decorativos

7. DESCRIÇÃO PEDREIRA- EXPLORAÇÃO

Designação Penedinhos

Endereço

Matéria-prima Lioz

Ativa ☒ Desativada ☐

Área Total 31 440 M2 Área explorada 14900 M2 Profundidade 11 3

Data Data

Tipo de extração — Galeria ☐ Talhada ☐ Outros ☐
Céu aberto ☒ Bloco ☐

Estruturas Industriais ou Associadas_____

8. TIPO DE ENERGIA

A sangue ☐
Eólica ☐
Hidráulica ☐
Combustão interna ☐ Gás ☐ *Diesel* ☐
Eletricidade ☒ Central própria ☐ Distribuição de rede ☒

Construções Hidráulicas Associadas | Açudes ☐ Levadas ☐ Tanques ☐
Condutas forçadas ☐ Depósitos ☐ Outras ☐

_____

Motor | Roda Hidráulica ☐
Combustão Interna ☐
Marca_____
Tipo_____
Potência_____
Estruturas associadas_____

Turbina ☐
Marca_____
Tipo_____
Potência_____
Estruturas associadas_____

Gerador Elétrico ☐
Marca_____
Tipo_____
Potência_____
Estruturas associadas_____

9. EQUIPAMENTOS TÉCNICOS

Nome	Quantidade	Marca	Em Funcionamento	Desativados

10. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Nível de conservação | Bom ☐
Razoável ☐ (sem manutenção, mas sem perturbações estruturais)
Mau ☐ (perturbações ao nível da estrutura horizontal)
Muito Mau ☐ (perturbações ao nível horizontal e vertical)

Envolvente | Fábrica | Zona Natural ☐
Zona Rural ☐
Zona Urbana ☐
Zona Industrial ☐

Pedreira | Zona Natural ☐
Zona Rural ☐
Zona Urbana ☐
Zona Industrial ☐

11. RECURSOS HUMANOS

Número de empregados | Total 57

	M	F
Administrativos	5	4
Serviços		
Operários	42	6

12. MERCADO

Importações ____ %
Exportações 85 %

Perfil consumidor | Autor ☐ (ex: arquitetos; artistas)
Empresas de construção ☐
Consumidor Final ☒
Nacionais ☐
Estrangeiros ☒

Participação Feiras | Nacionais ☐
Internacionais ☐

13. NOTAS HISTÓRICAS/ARQUITETÓNICAS

Desde 1956 que a Unmal se destaca no mercado dos granitos graças à sua técnica de fabrico e à qualidade dos seus produtos.

Com um parque de equipamentos atualizado, onde pontificam algumas máquinas de última geração, a empresa possui uma flexibilidade produtiva que permite apresentar uma infinita variedade de artigos, desde as chapas serradas ou polidas, ladrilhos, até ao mais requintado projecto com corte por medida para interiores ou exteriores, nos mais variados tipos de mármores.

A Unmal segmenta os seus produtos em 3 grandes linhas:

Blocos
Chapa (serrada e polida)
Obra

A obra e em particular o corte por projecto constituem o principal tipo de produto vendido pela Empresa. Graças a mais meio século a trabalhar o mármore, a Unmal detém um total domínio sobre todos os aspectos do corte de pedra. Este conhecimento tem permitido à empresa apresentar um nível nos seus trabalhos que só está ao alcance de um restrito grupo de empresas a nível mundial.

15. OBSERVAÇÕES

16. DOCUMENTAÇÃO EXISTENTE

	Sim	Não
Fotografia		
Plantas		
Informação oral		

Outra _____

Nome	Quantidade	Em uncionamento	Desativados
Máq.Biseladora Breton	1	Sim	
Máq. Biseladora Pedrini	1		Sim
Máq. Corte Fio Diamantado	1	Sim	
Máq. Talha Blocos	1		Sim
Máq. Jacto Água	1	Sim	
Máq. Corte Zambon	1		Sim
Máq. Corte Gregori Impala	1	Sim	
Máq. Corte Gregori Impala	1	Sim	
Máq. Corte Gregori Impala	1	Sim	
Máq. Corte Gregori Impala	1		Sim
Máq. Corte Tecno Mar	1	Sim	
Máq. Corte A.J.Figueiredo	1	Sim	
Máq. Corte A.J.Figueiredo	1	Sim	
Máq. Corte Gregori Activa	1	Sim	
Máq. Corte Gregori New Star S1	1	Sim	
Máq. Corte Ponte Gregori New Star 10	1	Sim	
Máq. Corte Manual	1		Sim
Máq. Corte StoneCUT	1	Sim	
Máq. Corte StoneCUT	1	Sim	
Máq. Corte CNC	1	Sim	
Desengrossadeira	1		Sim
ENG 1	1	Sim	
ENG 2	1	Sim	
ENG 3	1	Sim	
ENG 4	1	Sim	
ENG 5	1	Sim	
ENG 6	1	Sim	
ENG 7	1	Sim	
Monolâmina	1	Sim	
Máq.Refiar Manual	1		Sim
Máq. Polir Arestas	1	Sim	
Máq. Polir Chapa Breton	1	Sim	
Máq. Polir Chapa Breton	1	Sim	
Máq. Polir Ladrilhos Breton	1	Sim	
Máq. Polir Ladrilhos Simec	1	Sim	
Máq. Polidora Pedrini	1		Sim
Máq. Polir Manual	1	Sim	
Ponte Rolante Mapor	1	Sim	

Nome	Quantidade	Em uncionamento	Desativados
Ponte Rolante Figueiredo	1	Sim	
Ponte Rolante Figueiredo 5T	1	Sim	
Ponte Rolante Figueiredo 5T	1	Sim	
Ponte Rolante Figueiredo	1	Sim	
Ponte Rolante Figueiredo	1	Sim	
Ponte Rolante 2T	1	Sim	
Ponte Rolante Eurofral 1,5T	1	Sim	
Ponte Rolante Eurofral 3,2T	1	Sim	
Ponte Rolante Ferrunilo 3,2T	1	Sim	
Ponte Rolante Eurofral	1	Sim	
Ponte Rolante Eurofral	1	Sim	
Pórtico Figueiredo	1	Sim	
Pórtico Mapor	1	Sim	
Pórtico Eurofral 20T	1	Sim	
Pórtico Mapor 20T	1	Sim	

ANEXO XI: A FÁBRICA PARDAL MONTEIRO

1- Localização

Figura 1- Localização. Disponível em : https://www.google.pt/maps/search/fabrica+pardal+monteiro/@38.7858121,-9.3125392,19372m/data=!3m1!1e3. Consultado em 23 fevereiro 2018.

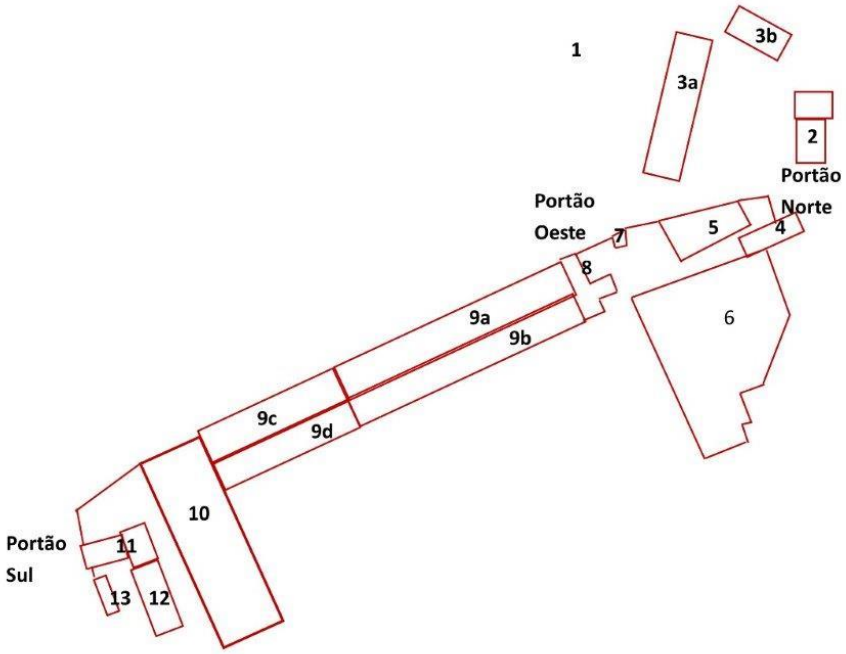


Figura 2- Conjunto fabril: 1- Vestígios da pedreira; 2- Casa do empresário; 3a) e b)- Bairro operário; 4- Escritório da administração; 5- Refeitório; 6- Edifício engenhos; 7- Casa do porteiro; 8- Escritório; 9 a) e c) Oficinas de canteiro: zona oeste; 9 b) e d)- Oficinas de canteiro: zona este; 10- Edifício "Máquinas de acabamento"; 11- Telheiro; 12- Carpintaria; 13- Casa de hóspedes.

2- Ficha de Inventário fábrica Pardal Monteiro

FICHA DE INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

ZONA DA FREGUESIA DE ALMARGEM DO BISPO, PERO-PINHEIRO E MONTELAVAR

1. IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

Designação: **PARDAL MONTEIRO- MÁRMORES S.A.**

Designação comercial: **PARDAL MONTEIRO**

2. DATAÇÃO

Fundação: **1888**

3. LOCALIZAÇÃO/CONTATOS

País: **Portugal**

Distrito: **Lisboa**

Freguesia: **União das Freguesias Almargem do Bispo, Pero Pinheiro e Montelavar**

Endereço: **AV. TORCATO PARDAL MONTEIRO 2715-122 PERO PINHEIRO**

Telefone: **219270018**

Telemóvel:_____

E-mail:

Outros:_____

_____

_____

4. CARATERIZAÇÃO TIPOLÓGICO-FUNCIONAL

Industria (C.A.E.): **23701**

Estruturas Industriais ou Associadas	Produção	X	Refeitório	X
	Casa das máquinas		Bairros operários	X
	Chaminé		Escola/Creches	
	Pedreira	X		
	Armazéns	X	Lazer	
	Administração	X	Jardins	
	Habitação Empresário/Administrador	X	Igreja	
	Outras_____			

_____

Tipologia Funcional	Oficina	X	Manufatura	X				
	Espaço aberto	X	Maquinofatura	X	Mecânica	X	Automática	X
	Galeria (subsolo)							

Uso	Fabrico Completo	X
	Fabrico Incompleto	
	Áreas Produtivas /Função	**EXTRAÇÃO/ SERRAGEM/ACABAMENTO**

5. ENTIDADES ASSOCIADAS Á HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

Empresários	Fundadores	**BAZILIO PARDAL MONTEIRO**
	Outros	
Arquitetos		
Engenheiros		**PEDRO PARDAL MONTEIRO**
Construtores		**TORCATO NERY TAFUL**

6. DESCRIÇÃO DO EDIFICADO - PRODUÇÃO

Área Total		Área Construída		Nº Edifícios	**13**
Edifício		Data			

Materiais de construção

Estrutura

Madeira	**X**	Pedra	**X**	X	Ferro	**X**	Vidro		Taipa		
Tijolo	X	Betão	X		Aço	**X**	Telha		Adobe		
Outros											

Revestimentos

Internos

REBOCO PINTADO

LADRILHOS DE CALCÁRIO

Externos **REBOCO PINTADO**

Pavimentos

BETÃO AFAGADO,

LADRILHOS DE CALCÁRIO

Elementos Decorativos

7. DESCRIÇÃO PEDREIRA- EXPLORAÇÃO

Designação:

Endereço:_**. (CONTÍGUA À FÁBRICA)**

Matéria-prima: **CALCÁRIO MICROCRISTALINO PARA FINS ORNAMENTAIS**

Ativa		Desativada	X

Área Total		Área explorada		Profundidade	
Data		Data			

Tipo de extração	Galeria		Talhada		Outros	
	Céu aberto	X	Bloco	X		

Estruturas Industriais ou Associadas_____

8. TIPO DE ENERGIA

A sangue	X				
Eólica					
Hidráulica					
Combustão interna		Gás		*Diesel*	X
Eletricidade	X	Central própria		Distribuição de rede	X

Construções Hidráulicas Associadas	Açudes		Levadas		Tanques	
	Condutas forçadas		Depósitos		Outras	

_____

Motor	Roda Hidráulica	
	Combustão Interna	

Marca_____

Tipo_____

Potência_____

Estruturas associadas_____

Turbina	☐	Marca_____ Tipo_____ Potência_____ Estruturas associadas_____
Gerador Elétrico	☐	Marca_____ Tipo_____ Potência_____ Estruturas associadas_____

9. EQUIPAMENTOS TÉCNICOS - **PEDREIRA**

Nome	Quantidade	Marca	Em Funcionamento	Desativados

10. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Nível de conservação	Bom	☐

Razoável		(sem manutenção, mas sem perturbações estruturais)
Mau	**X**	(perturbações ao nível da estrutura horizontal)
Muito Mau		(perturbações ao nível horizontal e vertical)

Envolvente	Fábrica	Zona Natural	
		Zona Rural	
		Zona Urbana	**X**
		Zona Industrial	
	Pedreira	Zona Natural	
		Zona Rural	
		Zona Urbana	**X**
		Zona Industrial	

11. RECURSOS HUMANOS

Número de empregados			M	F
Total	**120**	Administrativos		
		Serviços		
		Operários		

INCLUI 2 FUNCIONÁRIOS DA PEDREIRA

12. MERCADO

Importações _____

Exportações _____

PEDREIRA IMPORTAÇÕES/EXPORTAÇÕES:

Perfil consumidor	Autor	**X**	(ex: arquitetos; artistas)
	Empresas de construção	**X**	
	Consumidor Final		
	Nacionais	**X**	
	Estrangeiros	**X**	

Participação Feiras	Nacionais		
	Internacionais		

13. NOTAS HISTÓRICAS/ARQUITETÓNICAS

14. BIBLIOGRAFIA

15. OBSERVAÇÕES

16. DOCUMENTAÇÃO EXISTENTE

	Sim	Não
Fotografia	**X**	
Plantas	**X**	
Informação oral	**X**	

Outra _____

3- Fotografias de projetos de obras (fotografias da autora, 2018)

Figura 1- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Peças desenhadas: planta 1º piso (1921)

Figura 2- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Peças desenhadas: planta r/chão (1921)

Figura 3- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Peças desenhadas: alçado (1921)

Figura 4- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Cedência de licença para construção (1921)

Figura 5- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Pedido de construção (1921)

Figura 6- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Capa (1921)

Figura 7- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Contas da Câmara Municipal de Sintra (1928-1933)

Figura 8- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Auto de vistoria (1928-1933)

Figura 9- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Pedido (1928-1933)

Figura 10- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Pedido de vistoria (1928-1933)

Figura 11- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Peças desenhadas (1928-1933)

Figura 12- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Memória descritiva (1928-1933)

Figura 13- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Pedido de construção (1928-1933)

Figura 14- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Peças desenhadas (1946)

Figura 15- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Termo responsabilidade (1946)

Figura 16- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Memória Descritiva (1946)

Figura 16a- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Memória Descritiva (1946)

Figura 17- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Pedido de vistoria (1946)

Figura 18- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Auto vistoria (1946)

Figura 19- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação de oficinas: peças desenhadas: planta e alçado norte (1948)

Figura 20- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas:
Contas Câmara Municipal de Sintra (1948)

Figura 21- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Peças desenhadas: lintel e fundação (1948)

Figura 22- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Planta Topográfica (1948)

Figura 23- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas:
Memória Descritiva (1948)

Figura 23a- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas:
Memória Descritiva (1948)

Figura 23b- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas:
Memória Descritiva (1948)

Figura 24- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Termo de responsabilidade de engenharia (1948)

Figura 25- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Termo de responsabilidade de execução (1948)

Figura 26- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Pedido licença construção (1948)

Figura 27- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Pedido de vistoria (1948)

Figura 28- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Pedido vistoria a caboucos e lage (1948)

Figura 29- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido vistoria a lintéis (1948)

Figura 30- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido vistoria a estrutura metálica (1948)

Figura 31- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Auto de vistoria (1948)

Figura 32- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido licença de ocupação (1948)

Figura 32a- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido licença de ocupação (1948)

Figura 33- Projeto de obra particular nº 3318/56: Ampliação de oficinas- Memória descritiva (1953-1956)

Figura 33a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Memória descritiva (1953-1956)

Figura 33b- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Memória descritiva (1953-1956)

Figura 34- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Aditamento ao requerimento (1953-1956)

Figura 35- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Declaração de responsabilidade (1953-1956)

Figura 35a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Declaração de responsabilidade (1953-1956)

Figura 36- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Livro de obras (1953-1956)

Figura 36a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Livro de obras (1953-1956)

Figura 37- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido licença (1953-1956)

Figura 38- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Despesas Licença da Câmara Municipal de Sintra (1953-1956)

Figura 39- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Despesas Mais Valias da Câmara Municipal de Sintra (1953-1956)

Figura 40- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido de vistoria betonagem das fundações (1953-1956)

Figura 41- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido de vistoria betonagem dos lintéis de travamentos e dos vãos (1953-1956)

Figura 42- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)

Figura 42a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)

Figura 43- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido de vistoria para cedência da respetiva licença de ocupação (1953-1956)

Figura 44- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Auto de vistoria (1953-1956)

Figura 45- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: capa (1953-1956)

Figura 46- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: planta fundações (1953-1956)

Figura 47- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: alçados, planta, corte, planta topográfica (1953-1956)

Figura 48- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: corte e fundações (1953-1956)

Figura 49- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: corte (1953-1956)

Figura 50- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: planta, alçados e planta de localização (1953-1956)

Figura 51- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Cálculo fundações (1953-1956)

Figura 51a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Cálculo fundações (1953-1956)

Figura 52b- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Cálculo fundações (1953-1956)

Figura 53- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Avaliação das cargas transmitidas ao terreno (1953-1956)

Figura 54- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Memória Descritiva (1953-1956)

Figura 55- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido licença (1953-1956)

Figura 56- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Termo responsabilidade (1953-1956)

Figura 56a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Termo responsabilidade (1953-1956)

Figura 57- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Despesas Licença da Câmara Municipal de Sintra (1953-1956)

Figura 58- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Termo de responsabilidade(1953-1956)

Figura 59- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: pedido de inspeção de caboucos (1953-1956)

Figura 60- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: inspeção de betonagem de elementos de betão armado (1953-1956)

Figura 61- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)

Figura 61a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)

Figura 62- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: pedido de vistoria para cedência da respetiva licença de ocupação (1953-1956)

Figura 63- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Auto de vistoria (1953-1956)

Figura 64- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Capa (1953-1956)

Figura 65 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado posterior (1957)

Figura 66 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado lateral esquerdo (1957)

Figura 67 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado lateral direito (1957)

Figura 68 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado principal e corte (1957)

Figura 69 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: planta 1º piso (1957)

Figura 70 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: planta r/chão (1957)

Figura 71 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçados do existente (1957)

Figura 72 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: plantas do existente (1957)

Figura 73 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: planta topográfica (1957)

Figura 74 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)

Figura 74a - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)

Figura 74b - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)

Figura 74c - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)

Figura 74d - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)

Figura 75 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório-memória descritiva (1957)

Figura 76 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- memória descritiva e justificativa (1957)

Figura 77 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peça desenhada (1957)

Figura 78 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- pedido de licença (1957)

Figura 78a - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- pedido de licença (1957)

Figura 79 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- termo de responsabilidade (1957)

Figura 79a - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- termo responsabilidade (1957)

Figura 80 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Contas Câmara Municipal de Sintra (1957)

Figura 81 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Pedido de vistoria betonagem (1957)

Figura 82- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Boletim de responsabilidade e fiscalidade (1957)

Figura 83- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Pedido vistoria para cedência de licença de ocupação (1957)

Figura 84- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Auto de vistoria (1957)

Figura 85- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- capa (1957)

Figura 86 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de obras de alteração (1973-80)

Figura 87 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de desarquivo (1973-80)

Figura 88 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de pagamento de licença (1973-80)

Figura 89 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)

Figura 89a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)

Figura 90 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Declaração de responsabilidade (1973-80)

Figura 91 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido alterações (1973-80)

Figura 92 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturs (1973-80)

Figura 92a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)

Figura 92b - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)

Figura 92c - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)

Figura 92d- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)

Figura 93- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)

Figura 94- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Declaração de responsabilidade (1973-80)

Figura 95 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de junção de elementos (1973-80)

Figura 96 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Capa (1973-80)

Figura 97- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Mais valias (1973-80)

Figura 97a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Mais valias (1973-80)

Figura 98 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: informação (1973-80)

Figura 98a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: informação (1973-80)

Figura 98b - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: informação (1973-80)

Figura 99 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva alterações (1973-80)

Figura 100- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta (1973-80)

Figura 101 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: alçados norte e sul e corte (1973-80)

Figura 102 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: alçado poente (1973-80)

Figura 103 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: cobertura (1973-80)

Figura 104 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta (1973-80)

Figura 105 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: fundações (1973-80)

Figura 106 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: implantação (1973-80)

Figura 107 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Declaração responsabilidade (1973-80)

Figura 108 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: pedido de alterações (1973-80)

Figura 109 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta (1973-80)

Figura 110 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: parecer delegação de saúde (1973-80)

Figura 111 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta de localização (1973-80)

Figura 112 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de aplicações de cores (1973-80)

Figura 113 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Estimativa de custo de obras (1973-80)

Figura 114 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)

Figura 115 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: alçado nascente (1973-80)

Figura 116 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: pedido de licença (1973-80)

Figura 117 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: capa (1973-80)

Figura 118 - Projeto de obra particular nº 602/99- Construção de unidade industrial: Peças desenhadas: alçados (1999)

Figura 119 - Projeto de obra particular nº 602/99- Construção de unidade industrial: Peças desenhadas: alçados (1999)

Figura 120 - Projeto de obra particular nº 602/99- Construção de unidade industrial: Peças desenhadas: cortes (1999)

Figura 121 - Projeto de obra particular nº 602/99- Construção de unidade industrial: Peças desenhadas: planta de localização (1999)

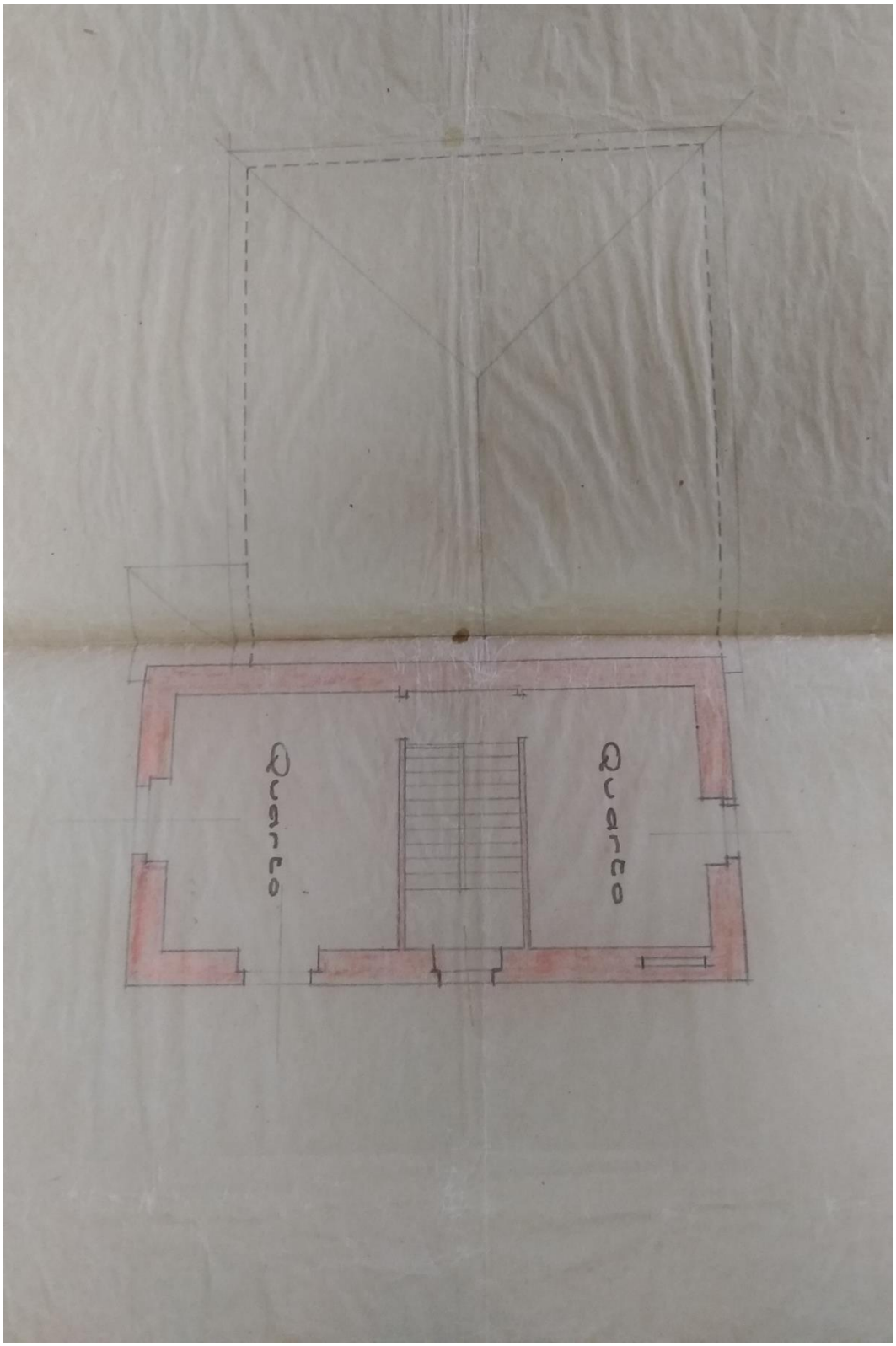


Figura 1- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Peças desenhadas: planta 1º piso (1921)

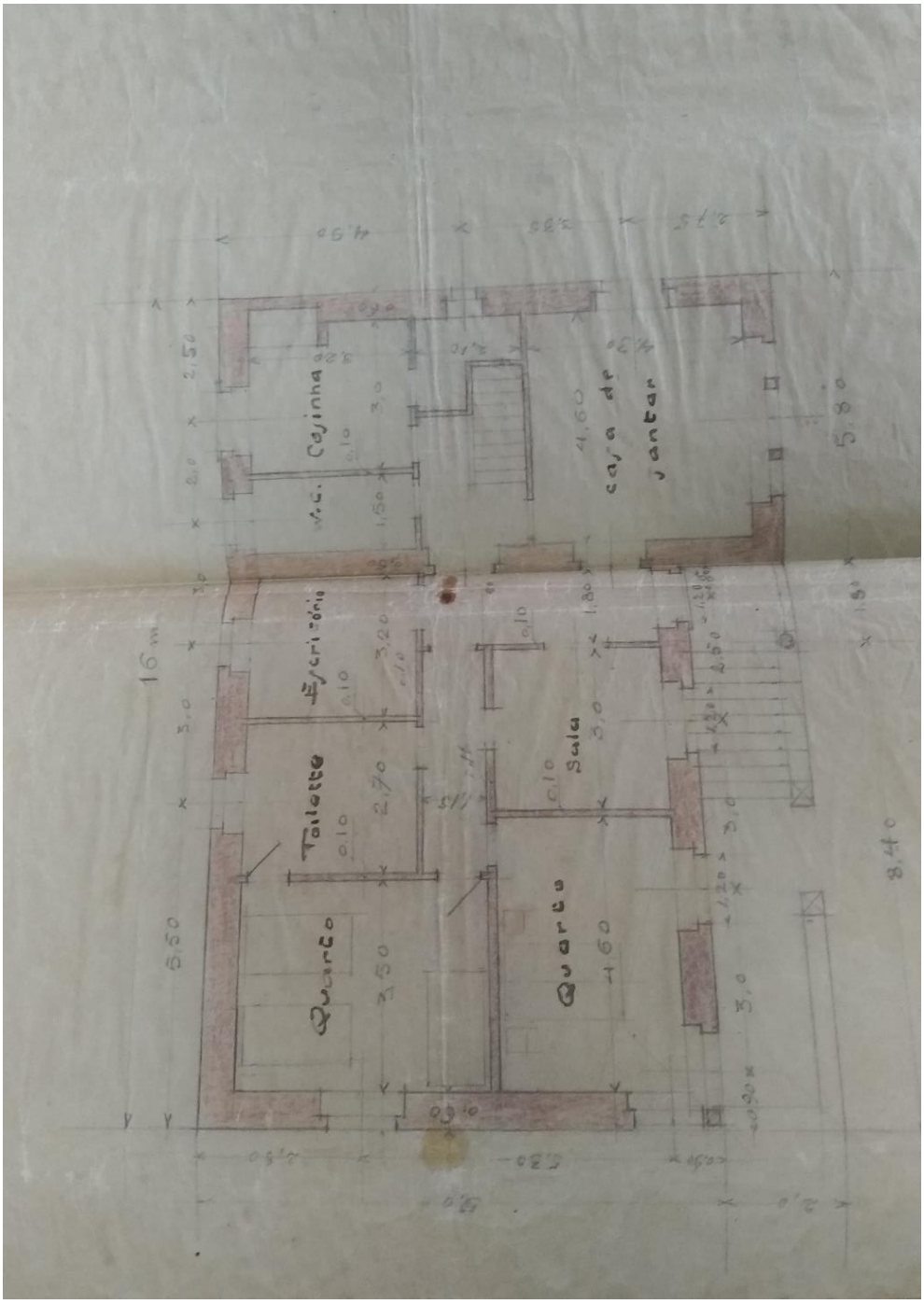


Figura 2- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Peças desenhadas: planta r/chão (1921)

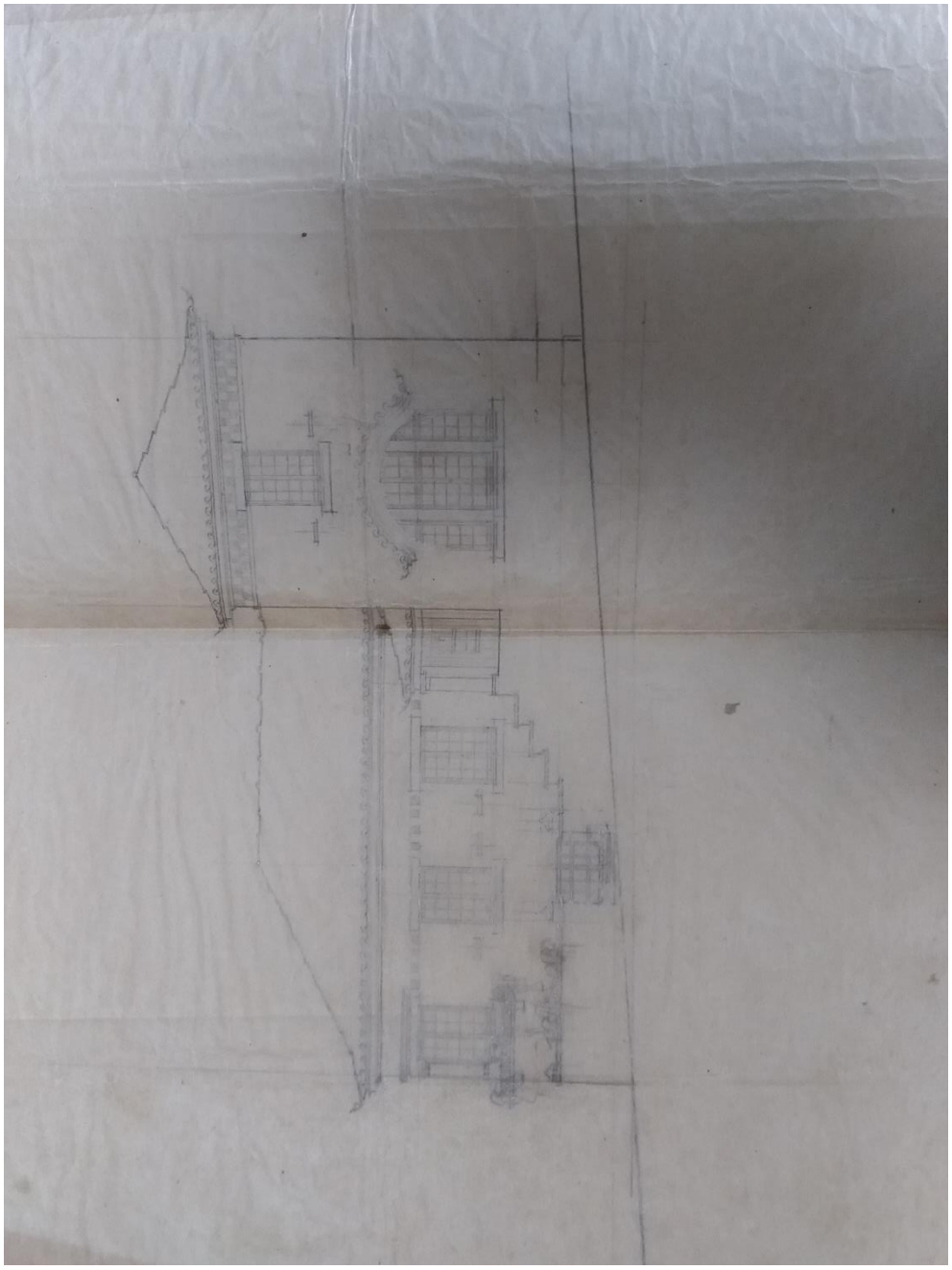
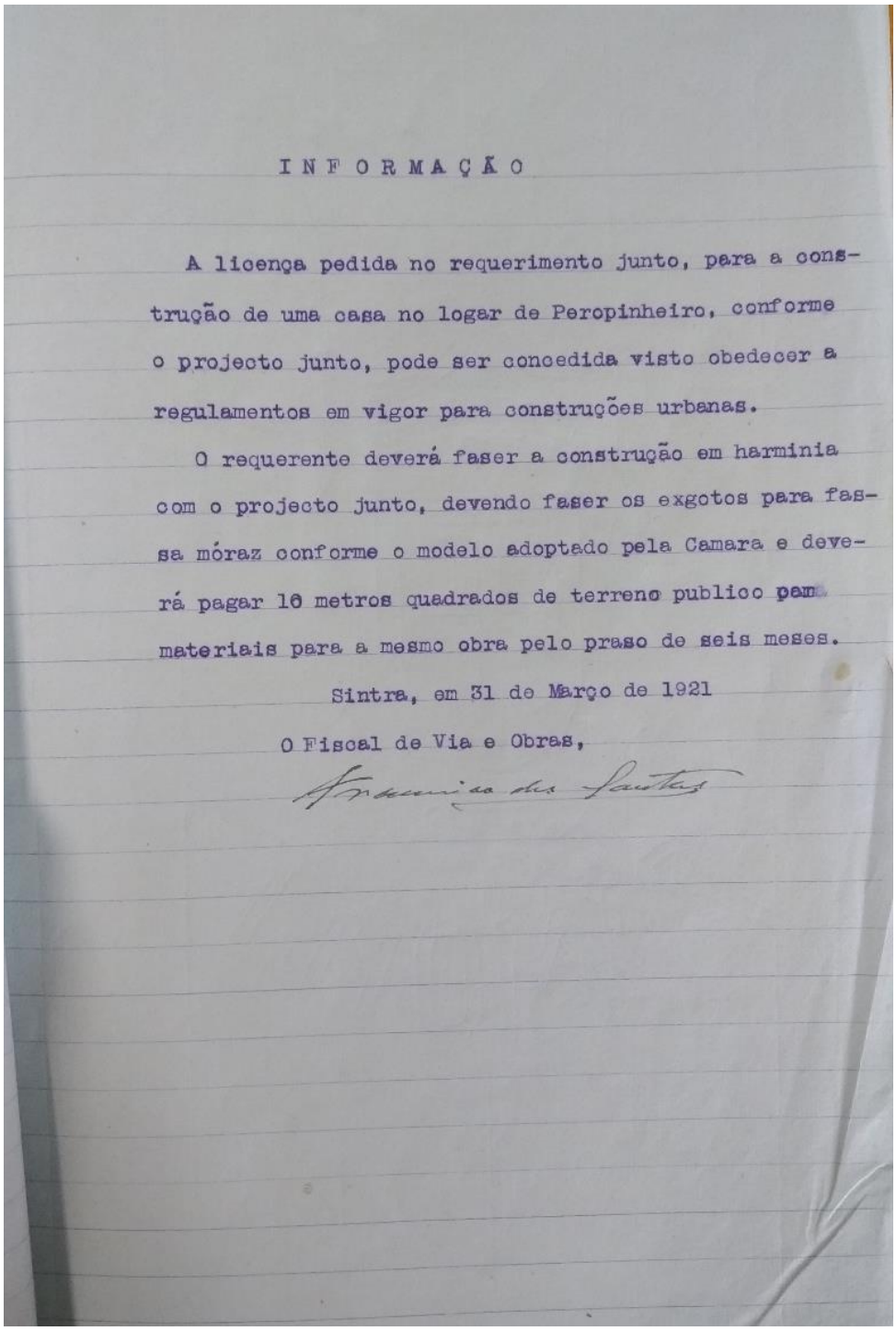


Figura 3- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Peças desenhadas: alçado (1921)



I N F O R M A Ç Ã O

A licença pedida no requerimento junto, para a construção de uma casa no logar de Peropinheiro, conforme o projecto junto, pode ser concedida visto obedecer a regulamentos em vigor para construções urbanas.

O requerente deverá faser a construção em harminia com o projecto junto, devendo faser os exgotos para fassa móraz conforme o modelo adoptado pela Camara e deverá pagar 10 metros quadrados de terreno publico para materiais para a mesmo obra pelo praso de seis meses.

Sintra, em 31 de Março de 1921

O Fiscal de Via e Obras,

Francisco dos Santos

Figura 4- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Cedência de licença para construção (1921)

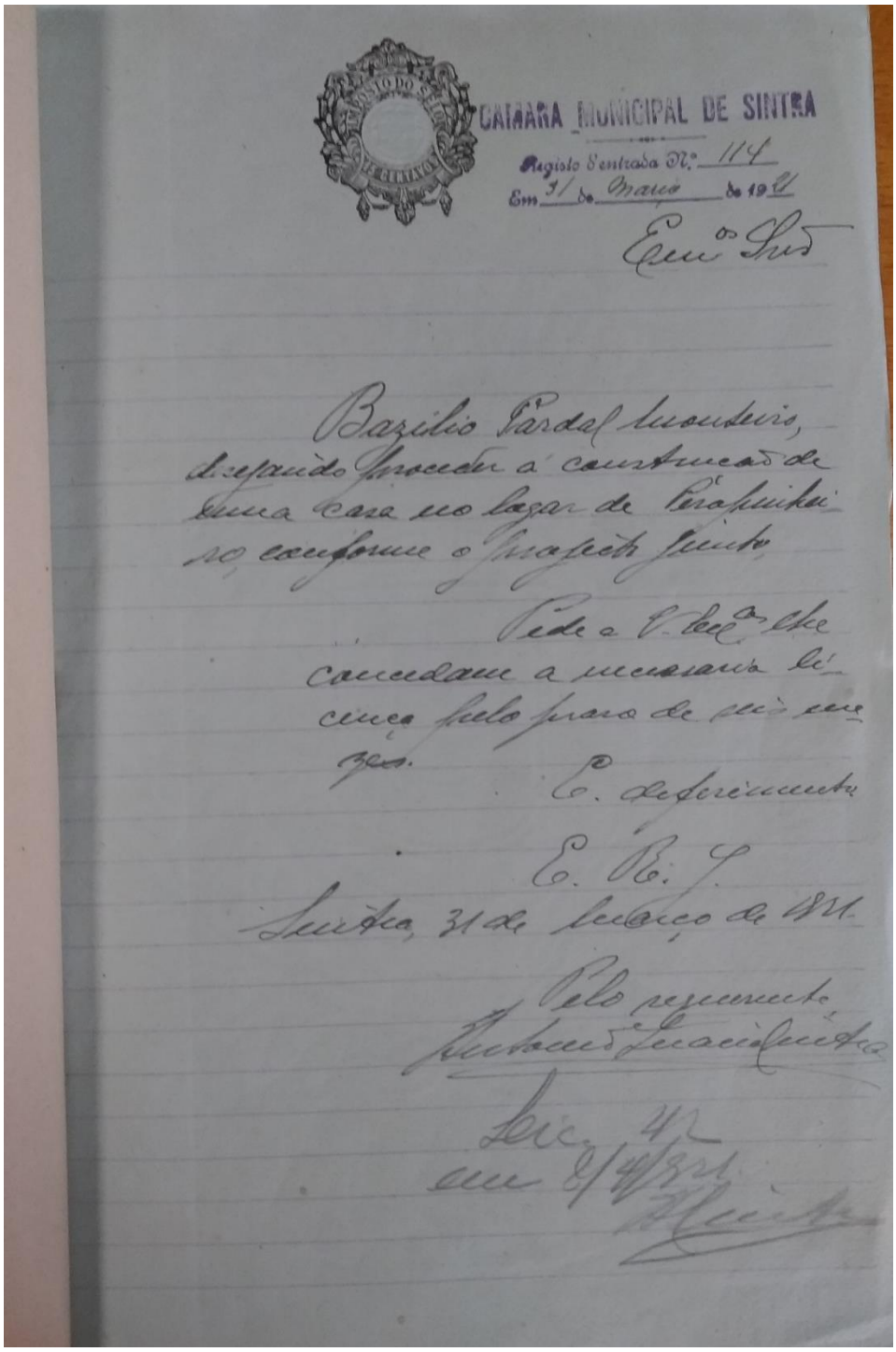
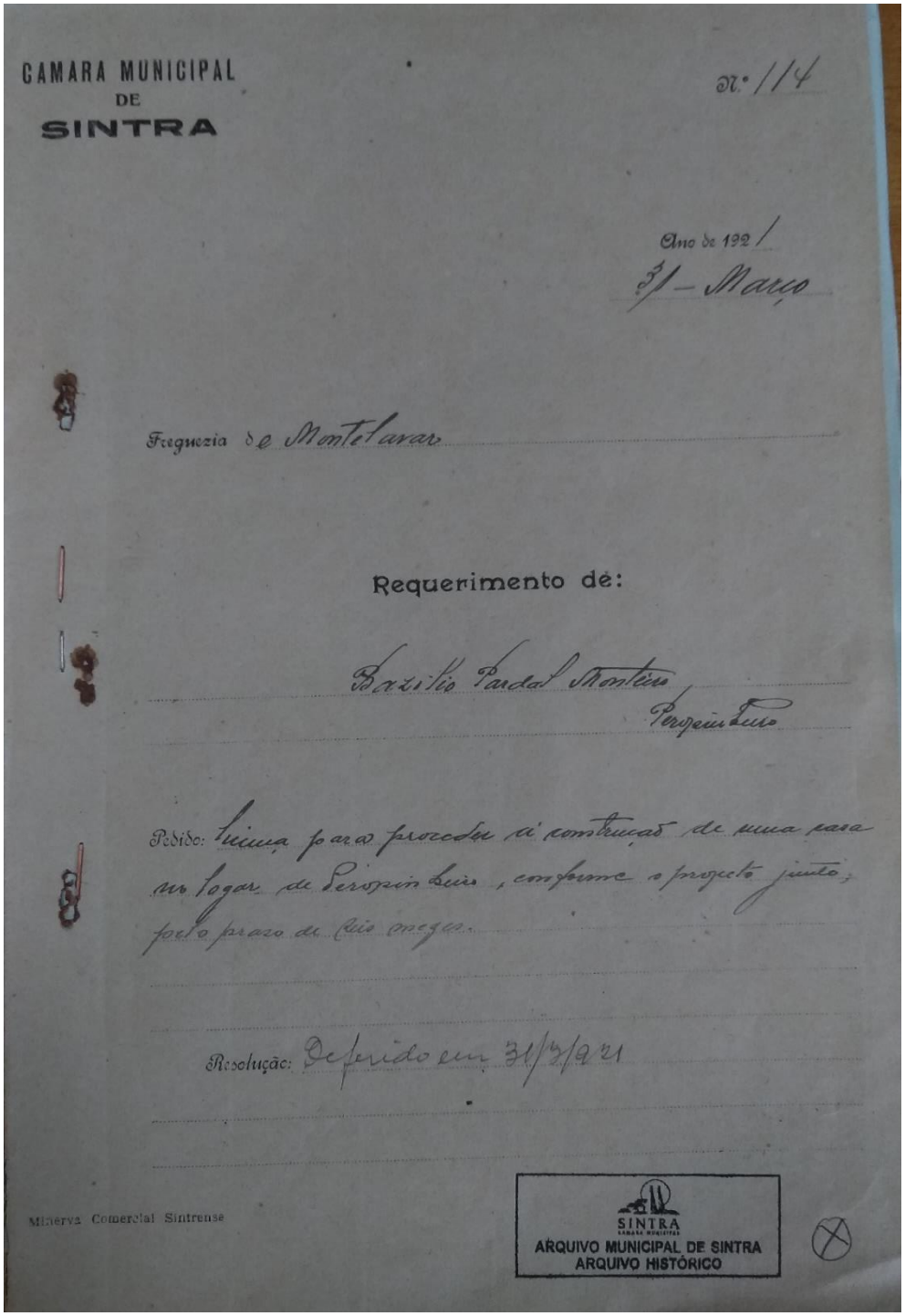


Figura 5- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Pedido de construção (1921)


CAMARA MUNICIPAL
DE
SINTRA

N.º 114

Ano de 192 1
31 – Março

Freguezia de Montelavar

Requerimento de:

Basilio Pardal Montes
Perspeiu Luis

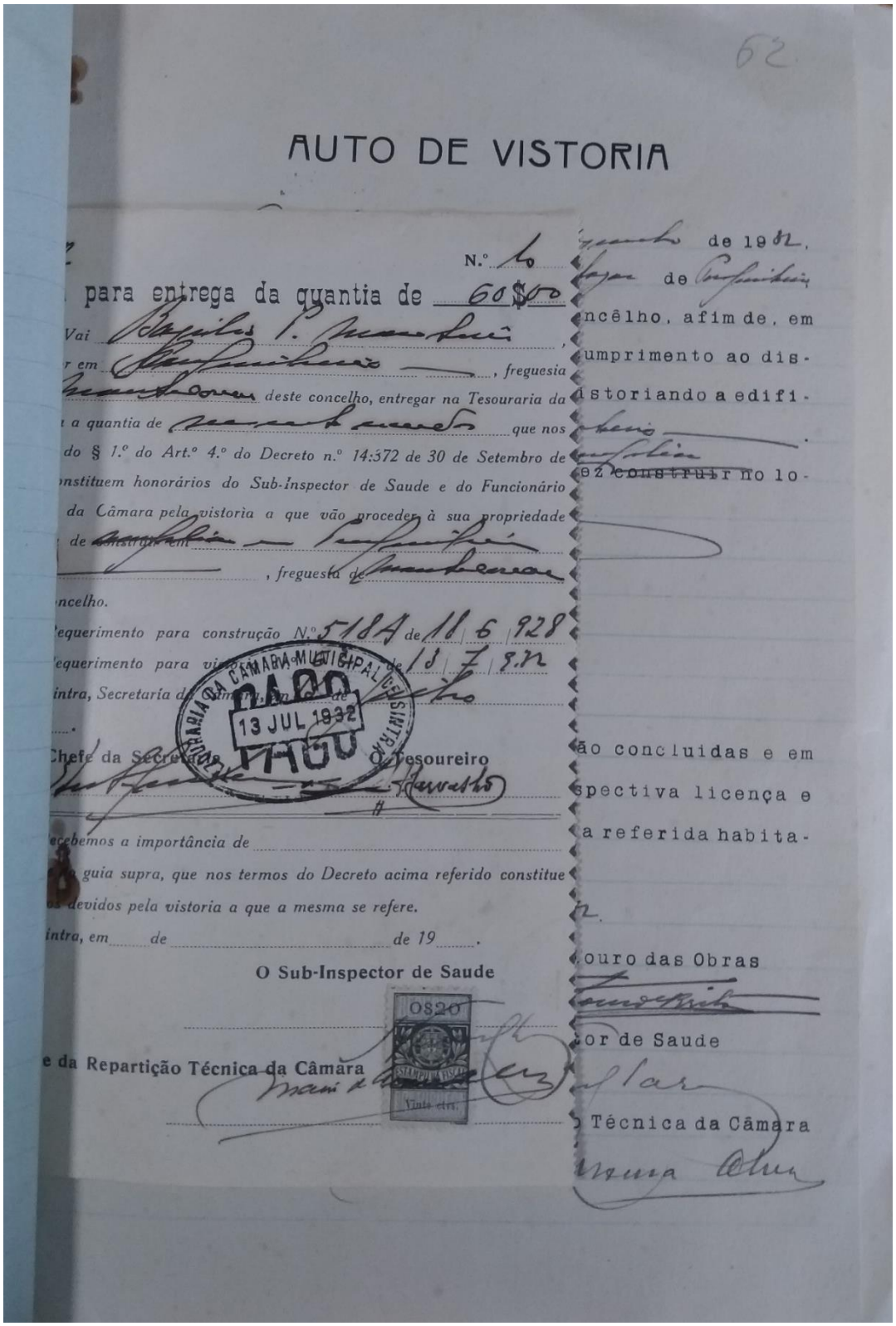
Pedido: Licença para proceder á construcção de uma casa no logar de Perspeiu Luis, conforme o projecto junto; pelo prazo de dois annos.

Resolução: Deferido em 31/3/921

Minerva Comercial Sintrense

SINTRA
CÂMARA MUNICIPAL
ARQUIVO MUNICIPAL DE SINTRA
ARQUIVO HISTÓRICO

Figura 6- Projeto de obra particular nº 114/1921- Construção de habitação: Capa (1921)



AUTO DE VISTORIA

62

N.º 6

para entrega da quantia de 60$00

Vai [illegible], freguesia deste concelho, entregar na Tesouraria da a quantia de [illegible] que nos do § 1.º do Art.º 4.º do Decreto n.º 14:372 de 30 de Setembro de nstituem honorários do Sub-Inspector de Saude e do Funcionário da Câmara pela vistoria a que vão proceder à sua propriedade de [illegible], freguesia de [illegible] ncelho.

equerimento para construção N.º 518A de 18/6/928

equerimento para vi... de 18/7/932

intra, Secretaria d... de ...

PAGO 13 JUL 1932 CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Chefe da Secretaria — O Tesoureiro

ecebemos a importância de ...

guia supra, que nos termos do Decreto acima referido constitue devidos pela vistoria a que a mesma se refere.

intra, em ... de ... de 19...

O Sub-Inspector de Saude

e da Repartição Técnica da Câmara

O$20

de 1932.

de [illegible]

ncêlho, afim de, em umprimento ao dis- istoriando a edifi- [illegible]. ez construir no lo-

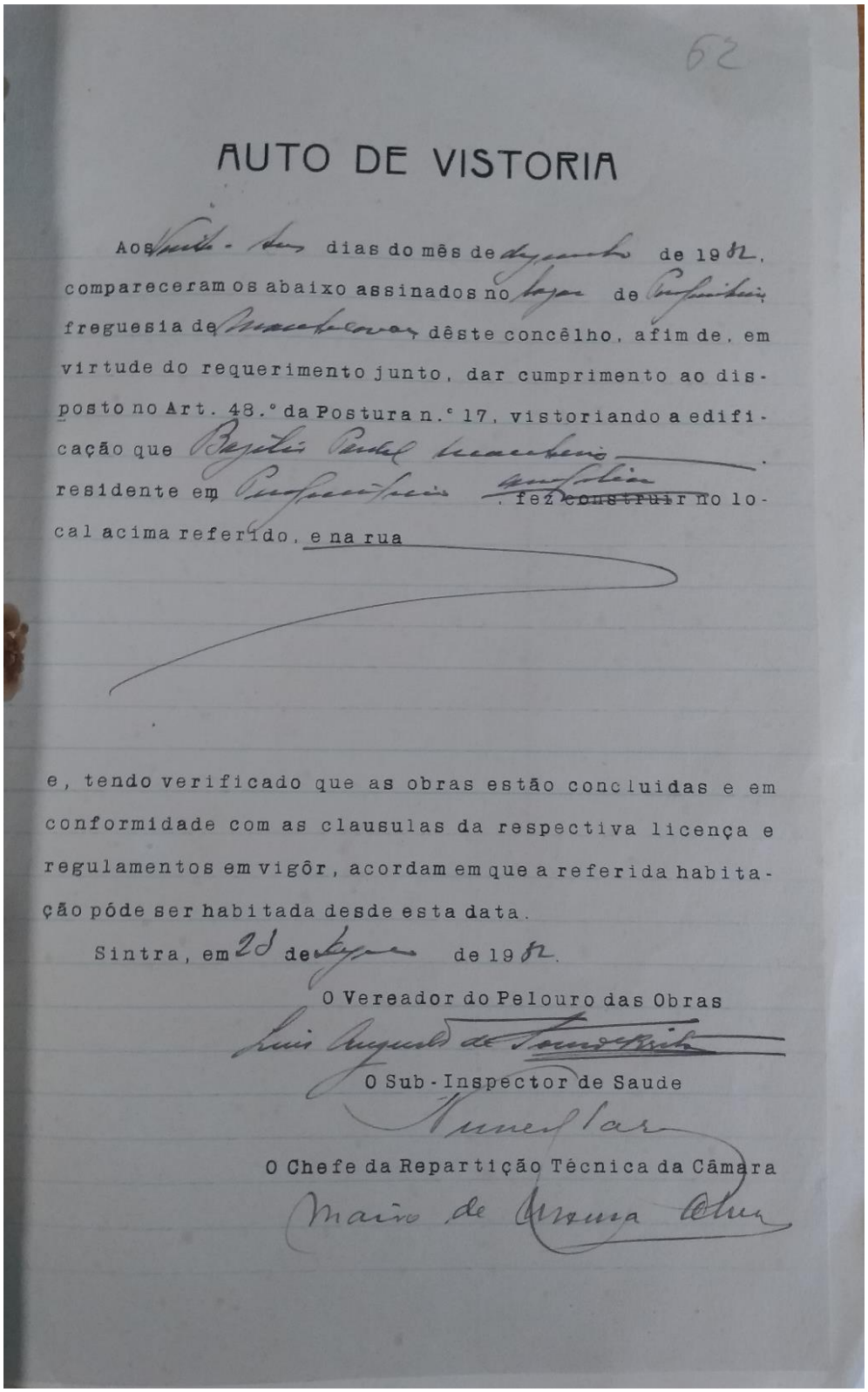
ão concluidas e em spectiva licença e a referida habita-

ouro das Obras

or de Saude

Técnica da Câmara

Figura 7- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Contas da Câmara Municipal de Sintra (1928-1933)



62

AUTO DE VISTORIA

Aos Vinte - dois dias do mês de Agosto de 1932, compareceram os abaixo assinados no Largo de Cruzeiro freguesia de Santa Maria, dêste concêlho, afim de, em virtude do requerimento junto, dar cumprimento ao disposto no Art. 48.º da Postura n.º 17, vistoriando a edificação que Baptista Paulo Guerreiro. residente em Cruzeiro em Colaria. fez ~~construir~~ no local acima referido, e na rua

e, tendo verificado que as obras estão concluidas e em conformidade com as clausulas da respectiva licença e regulamentos em vigôr, acordam em que a referida habitação póde ser habitada desde esta data.

Sintra, em 28 de Agosto de 1932.

O Vereador do Pelouro das Obras

Luiz Augusto de Sousa Brito

O Sub-Inspector de Saude

O Chefe da Repartição Técnica da Câmara

Mario de Moura Coutinho

Figura 8- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Auto de vistoria (1928-1933)

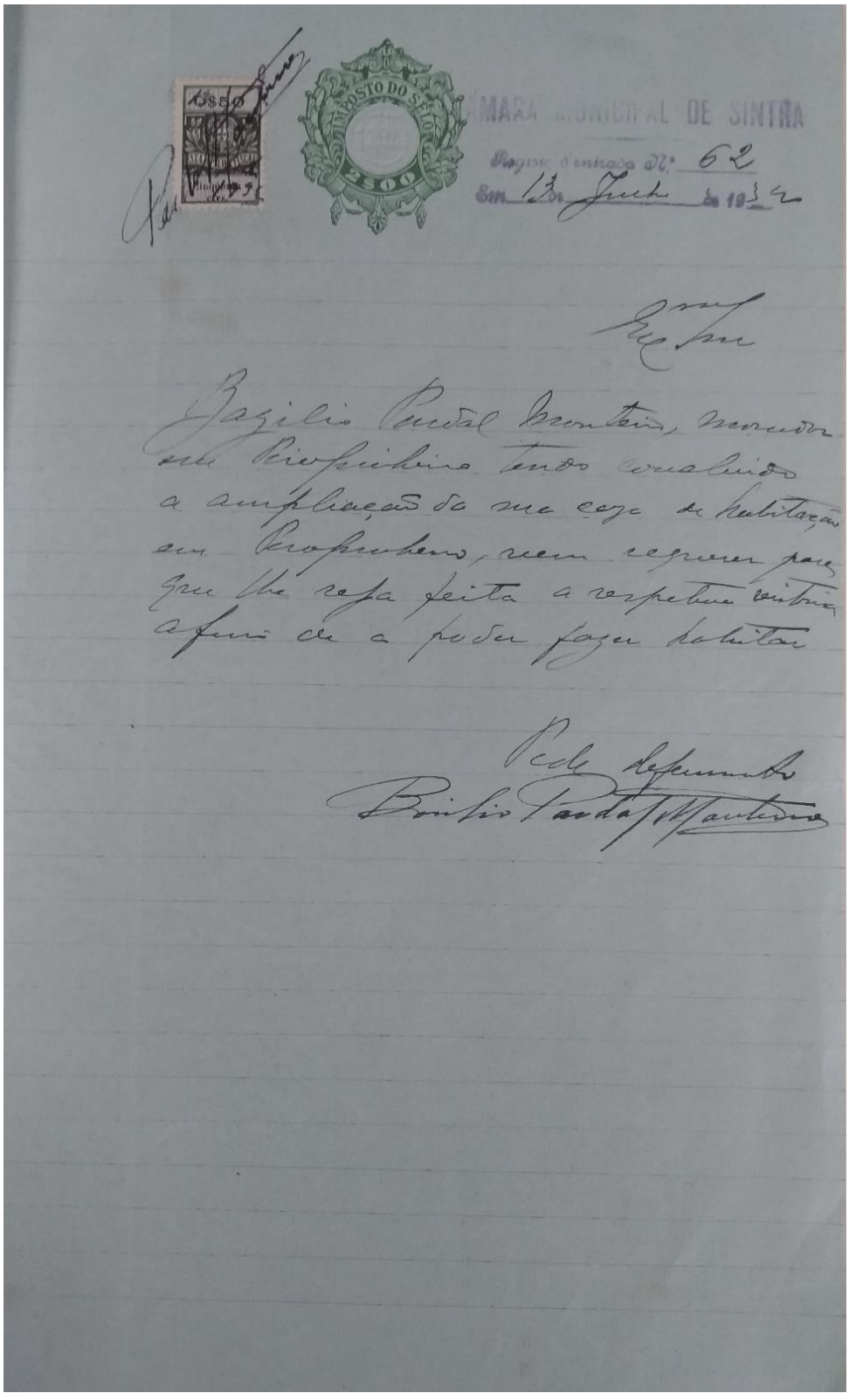
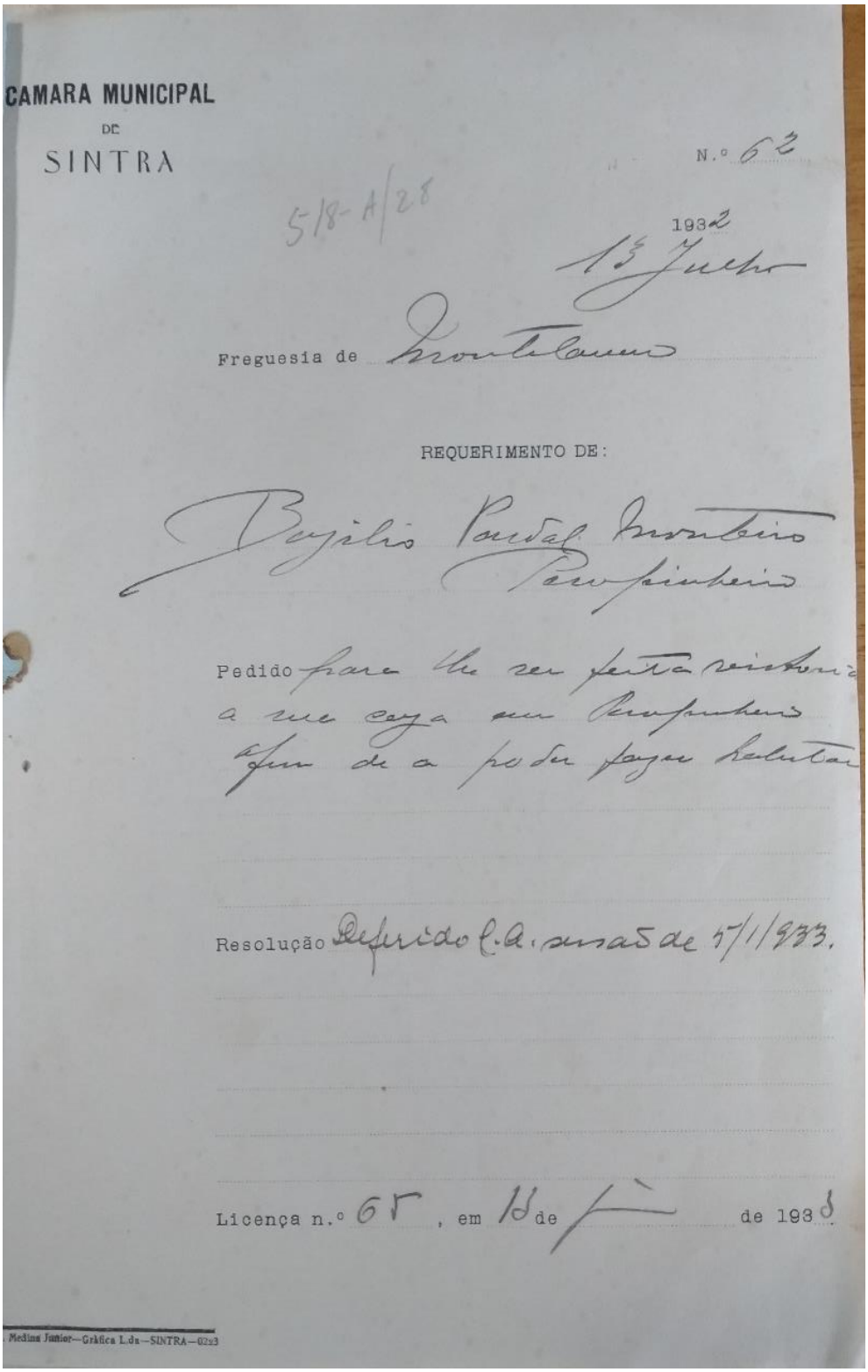


Figura 9- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Pedido (1928-1933)



CAMARA MUNICIPAL
DE
SINTRA

N.º 62

518-A/28

1932
13 Julho

Freguesia de Monte Lavar

REQUERIMENTO DE:

Basilio Pardal Monteiro
Pardal Monteiro

Pedido para lhe ser feita vistoria
a uma casa sua Pardal Monteiro
afim de a poder fazer habitar

Resolução Deferido C.A. sessão de 17/1/933.

Licença n.º 65, em 18 de Janeiro de 1933

Medina Junior—Gráfica Lda—SINTRA—02x3

Figura 10- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Pedido de vistoria (1928-1933)

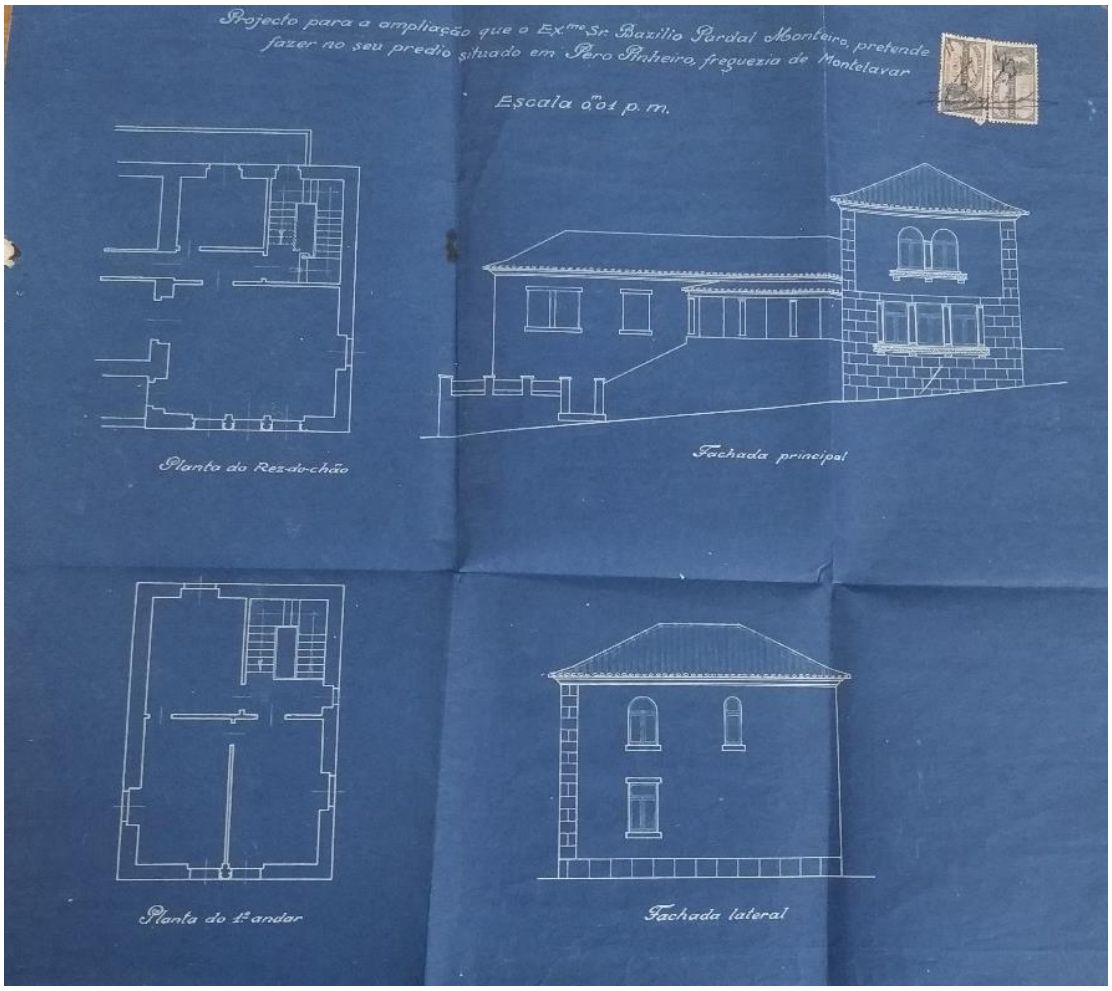


Figura 11- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Peças desenhadas (1928-1933)

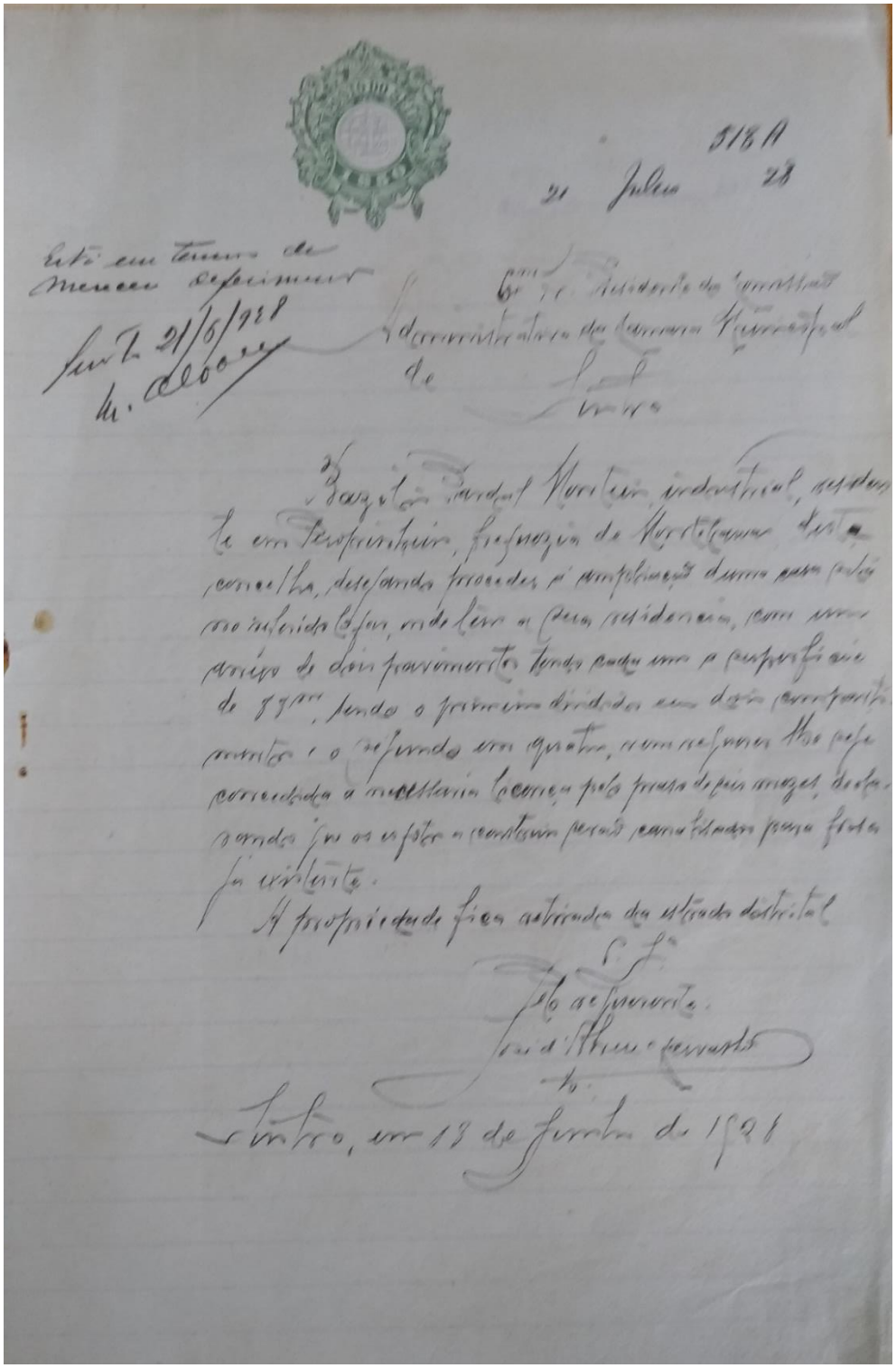
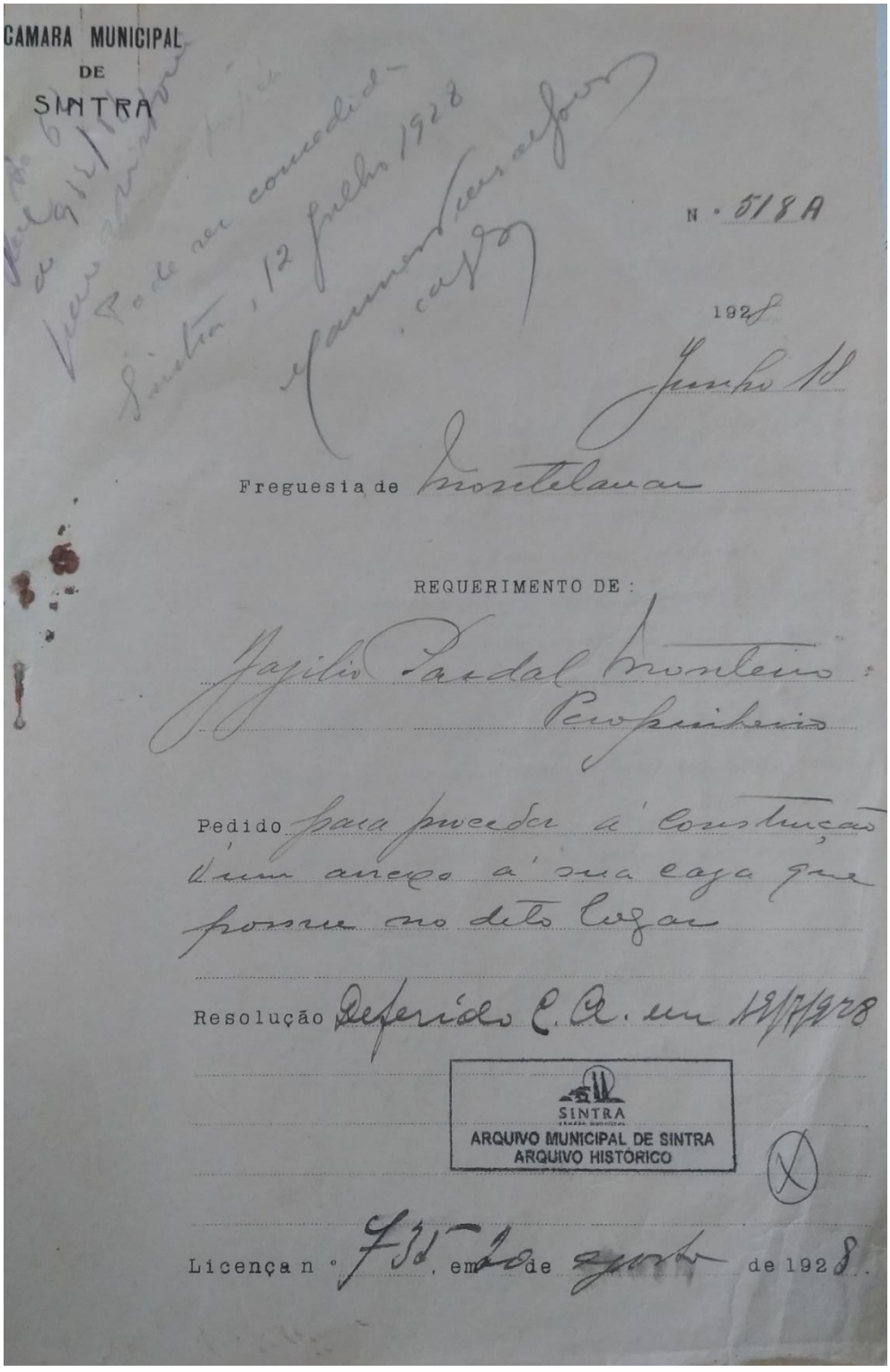


Figura 12- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Memória descritiva (1928-1933)


CAMARA MUNICIPAL
DE
SINTRA

N.º 518 A

1928

Freguesia de Montelavar

REQUERIMENTO DE:

Fazendeiro

Pedido para proceder á construção d'um anexo á sua casa que possue no dito logar

Resolução Deferido C. A. em 12/7/1928

SINTRA
ARQUIVO MUNICIPAL DE SINTRA
ARQUIVO HISTÓRICO

Licença n.º 535 em 20 de agosto de 1928.

Figura 13- Projeto de obra particular nº 518A/28- Ampliação de habitação: Pedido de construção (1928-1933)

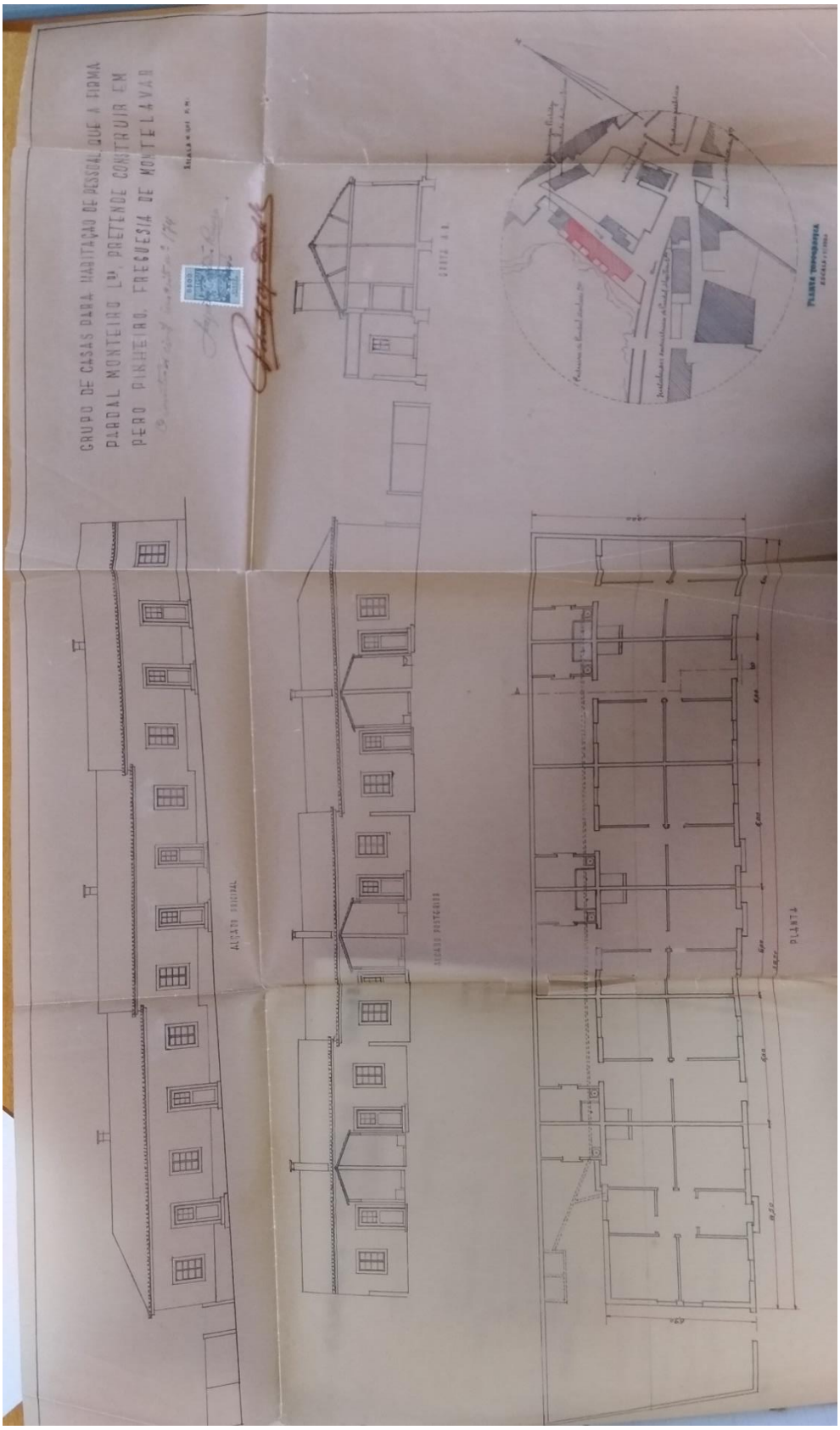
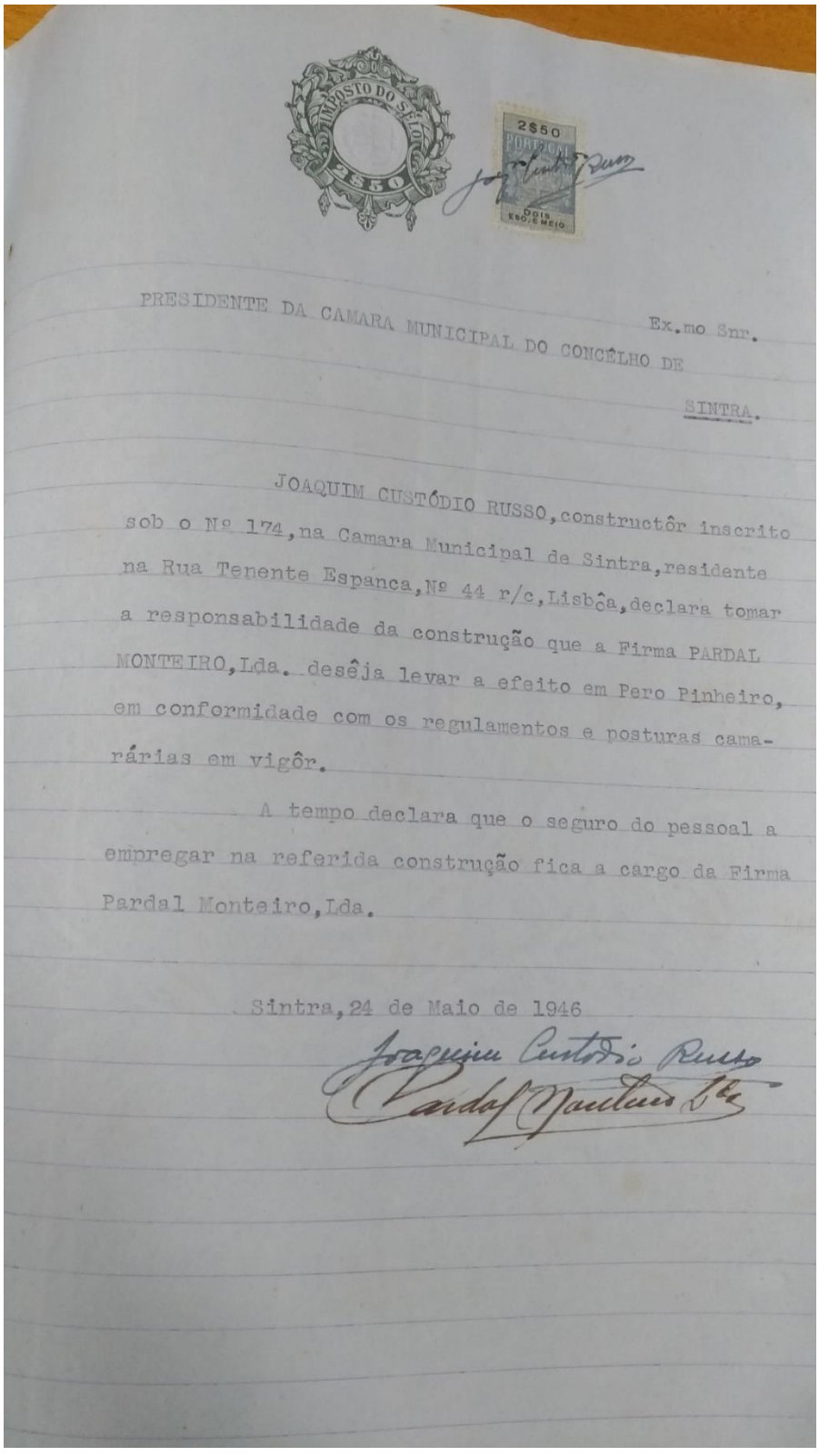


Figura 14- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Peças desenhadas (1946)



IMPOSTO DO SELO 2$50

2$50 PORTUGAL

Ex.mo Snr.

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DO CONCÊLHO DE

SINTRA.

JOAQUIM CUSTÓDIO RUSSO, constructôr inscrito sob o Nº 174, na Camara Municipal de Sintra, residente na Rua Tenente Espanca, Nº 44 r/c, Lisbôa, declara tomar a responsabilidade da construção que a Firma PARDAL MONTEIRO, Lda. desêja levar a efeito em Pero Pinheiro, em conformidade com os regulamentos e posturas camarárias em vigôr.

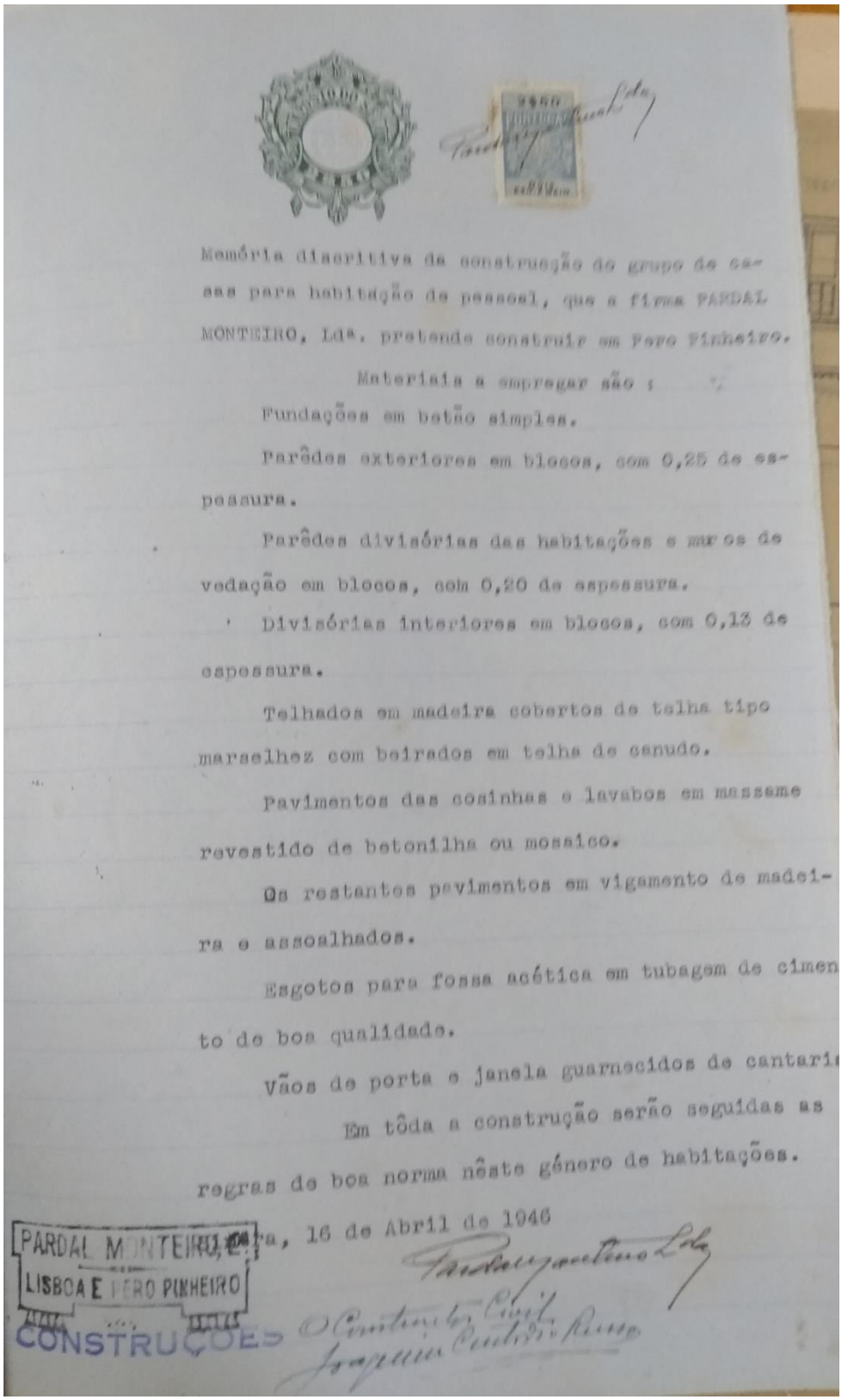
A tempo declara que o seguro do pessoal a empregar na referida construção fica a cargo da Firma Pardal Monteiro, Lda.

Sintra, 24 de Maio de 1946

Joaquim Custódio Russo

Pardal Monteiro Lda

Figura 15- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Termo responsabilidade (1946)



Memória discritiva da construção do grupo de casas para habitação de pessoal, que a firma PARDAL MONTEIRO, Ldª. pretende construir em Paço Pinheiro.

Materiais a empregar são :

Fundações em betão simples.

Paredes exteriores em blocos, com 0,25 de espessura.

Paredes divisórias das habitações e muros de vedação em blocos, com 0,20 de espessura.

Divisórias interiores em blocos, com 0,13 de espessura.

Telhados em madeira cobertos de telha tipo marselhez com beirados em telha de canudo.

Pavimentos das cosinhas e lavabos em massame revestido de betonilha ou mosaico.

Os restantes pavimentos em vigamento de madeira e assoalhados.

Esgotos para fossa acética em tubagem de cimento de boa qualidade.

Vãos de porta e janela guarnecidos de cantari

Em tôda a construção serão seguidas as regras de boa norma nêste género de habitações.

a, 16 de Abril de 1946

PARDAL MONTEIRO, L.da
LISBOA E PERO PINHEIRO
CONSTRUÇÕES

Figura 16- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Memória Descritiva (1946)

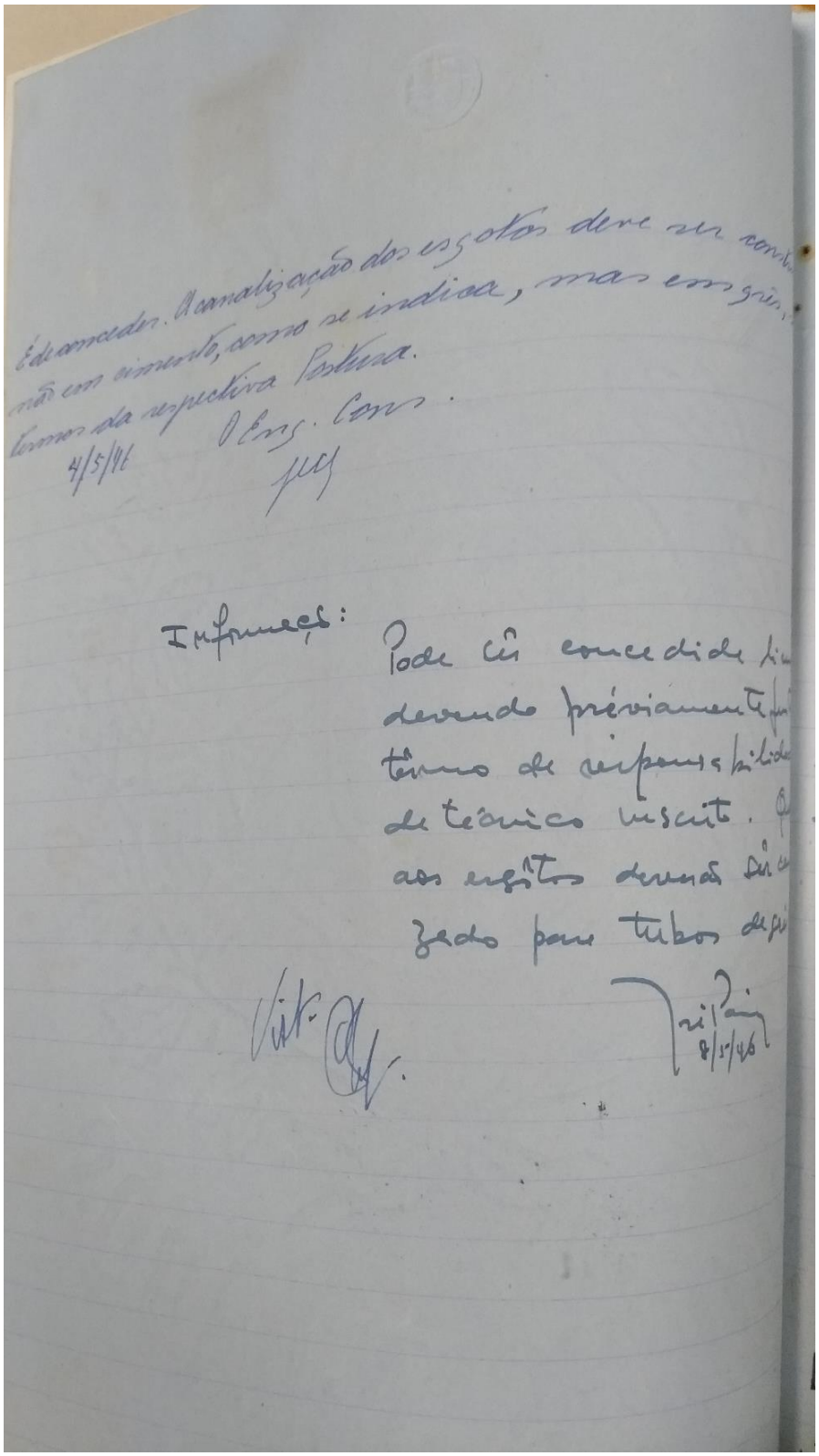
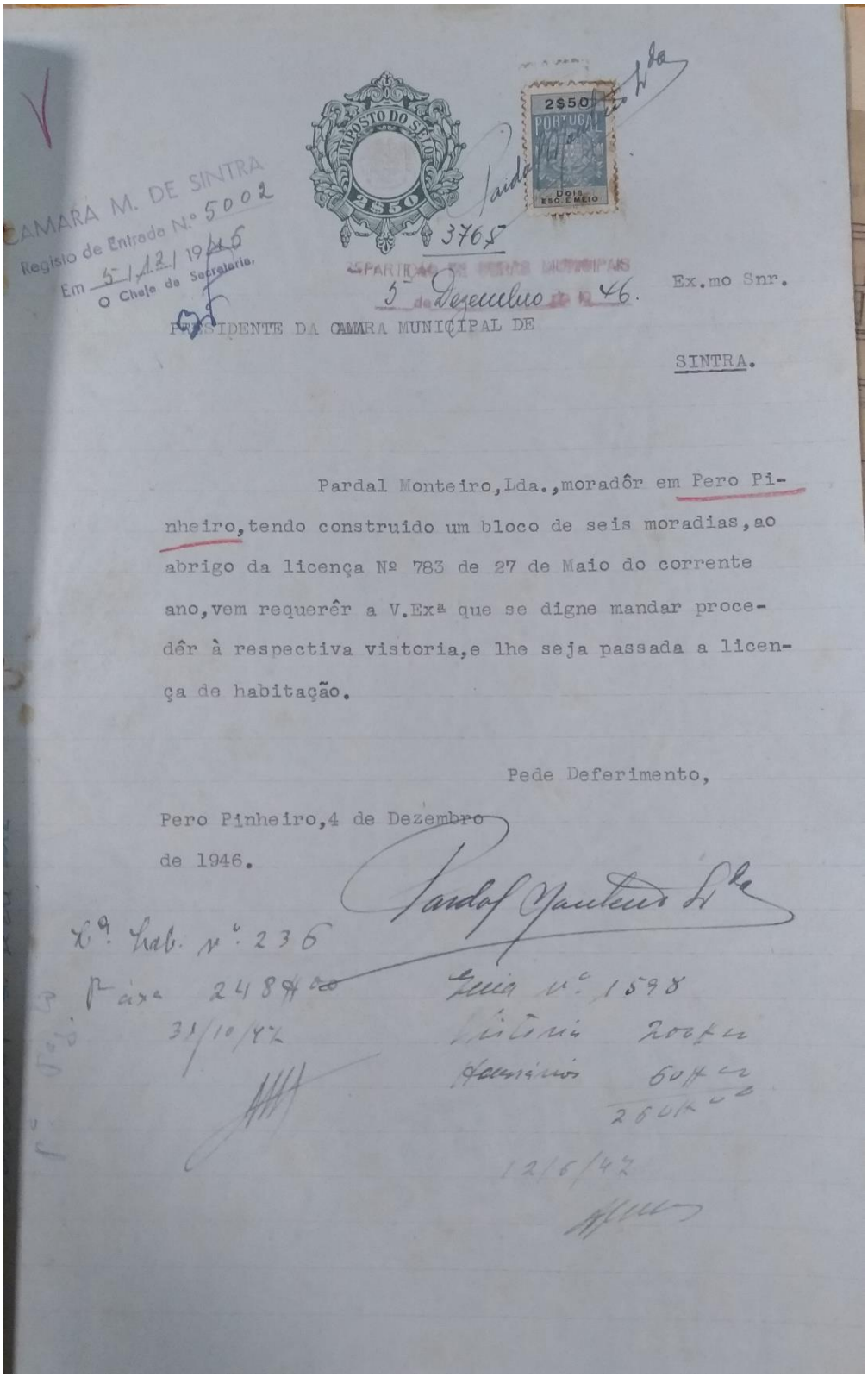


Figura 16a- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Memória Descritiva (1946)



CAMARA M. DE SINTRA
Registo de Entrada N.º 5002
Em 5/12/1946
O Chefe da Secretaria.

IMPOSTO DO SELO 2$50

2$50 PORTUGAL DOIS ESC. E MEIO

Pago 3765

5 de Dezembro de 46.

Ex.mo Snr.

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE

SINTRA.

Pardal Monteiro,Lda.,moradôr em Pero Pinheiro,tendo construido um bloco de seis moradias,ao abrigo da licença Nº 783 de 27 de Maio do corrente ano,vem requerêr a V.Exª que se digne mandar procedêr à respectiva vistoria,e lhe seja passada a licença de habitação.

Pede Deferimento,

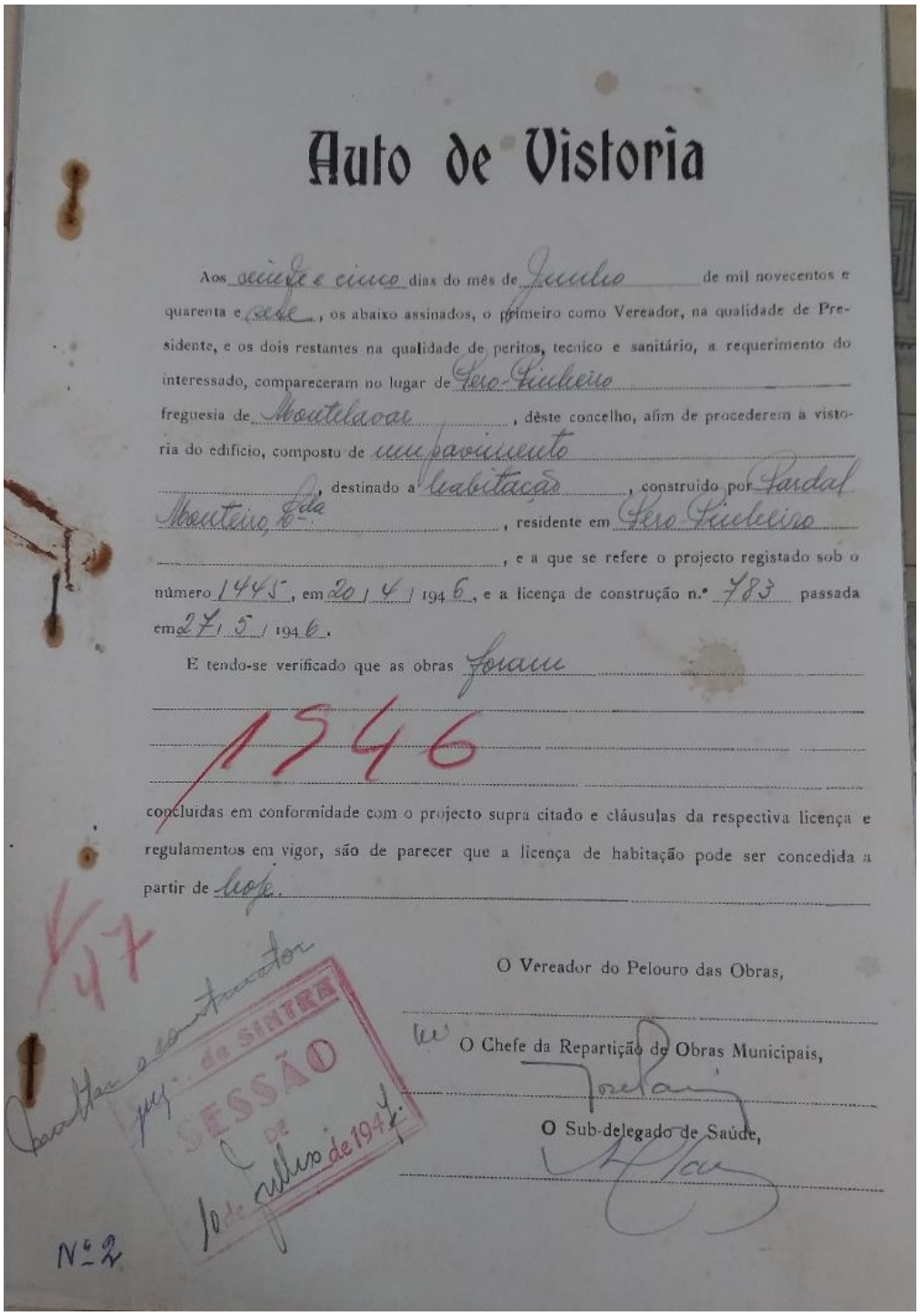
Pero Pinheiro,4 de Dezembro de 1946.

Pardal Monteiro Lda

Lic. Hab. nº 236
Para 24$00
31/10/47

Taxa nº 1598
Licença 200$00
Fiscal 60$00
260$00
12/6/47

Figura 17- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Pedido de vistoria (1946)



Auto de Vistoria

Aos vinte e cinco dias do mês de Junho de mil novecentos e quarenta e seis, os abaixo assinados, o primeiro como Vereador, na qualidade de Presidente, e os dois restantes na qualidade de peritos, tecnico e sanitário, a requerimento do interessado, compareceram no lugar de Vero-Freixeiro freguesia de Montelavar, dêste concelho, afim de procederem á vistoria do edificio, composto de um pavimento, destinado a habitação, construido por Jardal Monteiro & Cia, residente em Vero Freixeiro, e a que se refere o projecto registado sob o número 1445, em 20/4/1946, e a licença de construção n.º 783 passada em 27/5/1946.

E tendo-se verificado que as obras foram

1546

concluidas em conformidade com o projecto supra citado e cláusulas da respectiva licença e regulamentos em vigor, são de parecer que a licença de habitação pode ser concedida a partir de hoje.

O Vereador do Pelouro das Obras,

O Chefe da Repartição de Obras Municipais,

O Sub-delegado de Saúde,

47

Carateres e construtor

SESSÃO

Nº 2

Figura 18- Projeto de obra particular nº 1445/46- Construção de grupo de casas- Auto vistoria (1946)

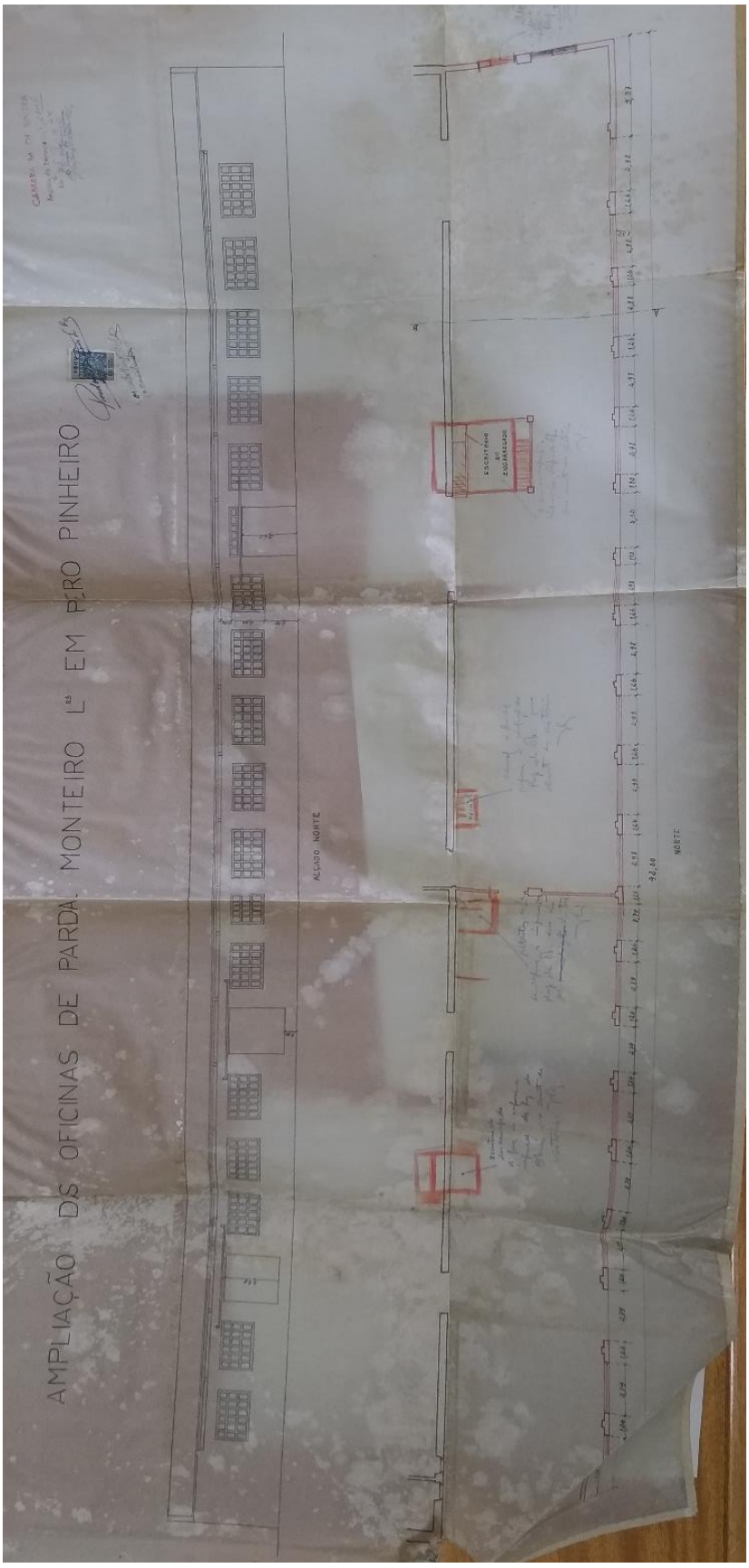
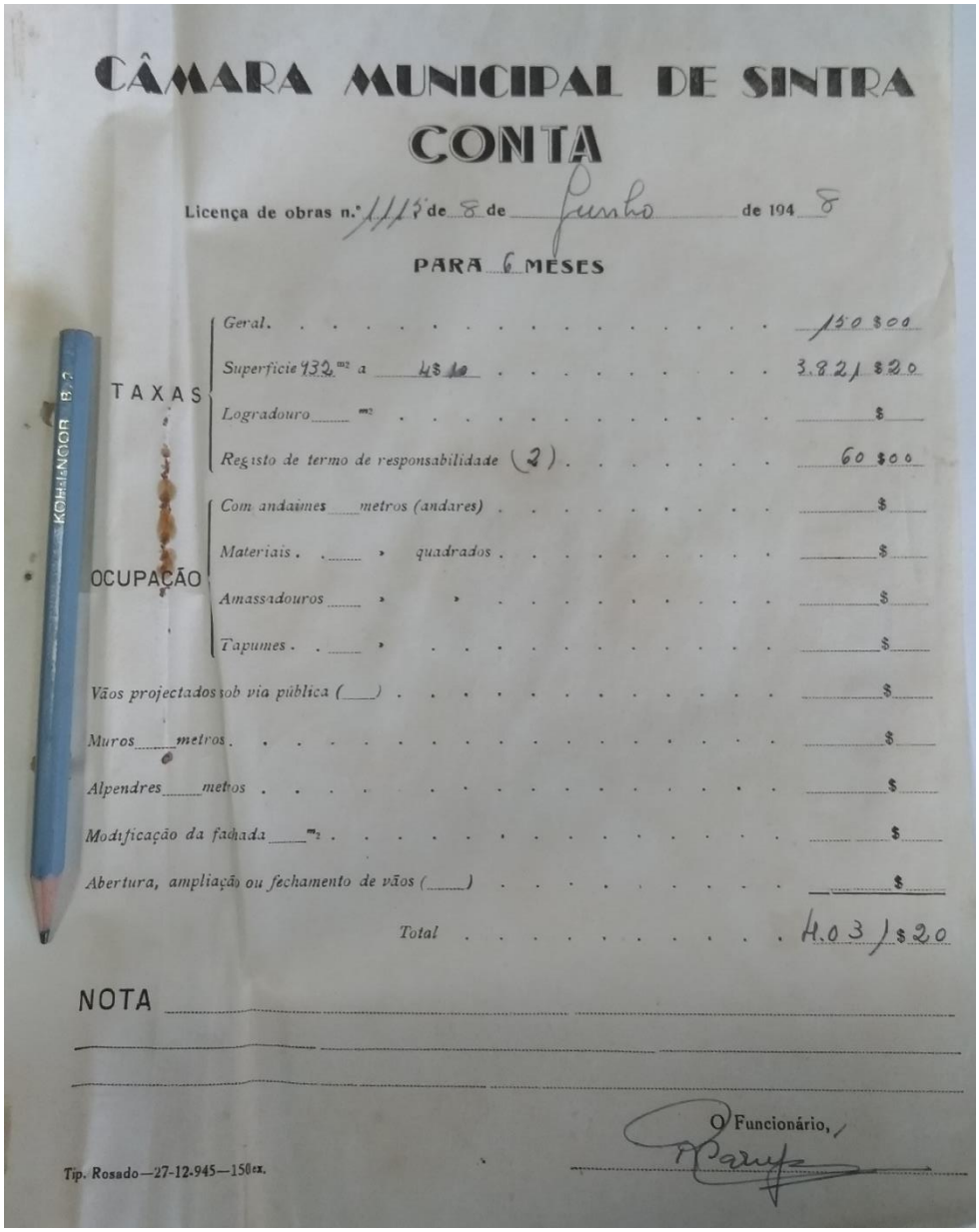


Figura 19- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação de oficinas: peças desenhadas: planta e alçado norte (1948)



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

CONTA

Licença de obras n.º 1115 de 8 de Junho de 1948

PARA 6 MESES

TAXAS

Geral . . . . . 150$00

Superficie 432 m² a 4$10 . . . . . 3.821$20

Logradouro ____ m² . . . . . $

Registo de termo de responsabilidade (2) . . . . . 60$00

OCUPAÇÃO

Com andaimes ____ metros (andares) . . . . . $

Materiais . . ____ » quadrados . . . . . $

Amassadouros ____ » » . . . . . $

Tapumes . . ____ » . . . . . $

Vãos projectados sob via pública (____) . . . . . $

Muros ____ metros . . . . . $

Alpendres ____ metros . . . . . $

Modificação da fachada ____ m² . . . . . $

Abertura, ampliação ou fechamento de vãos (____) . . . . . $

Total . . . . . 4.03 1$20

NOTA _____

O Funcionário,

Tip. Rosado—27-12-945—150ex.

Figura 20- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Contas Câmara Municipal de Sintra (1948)

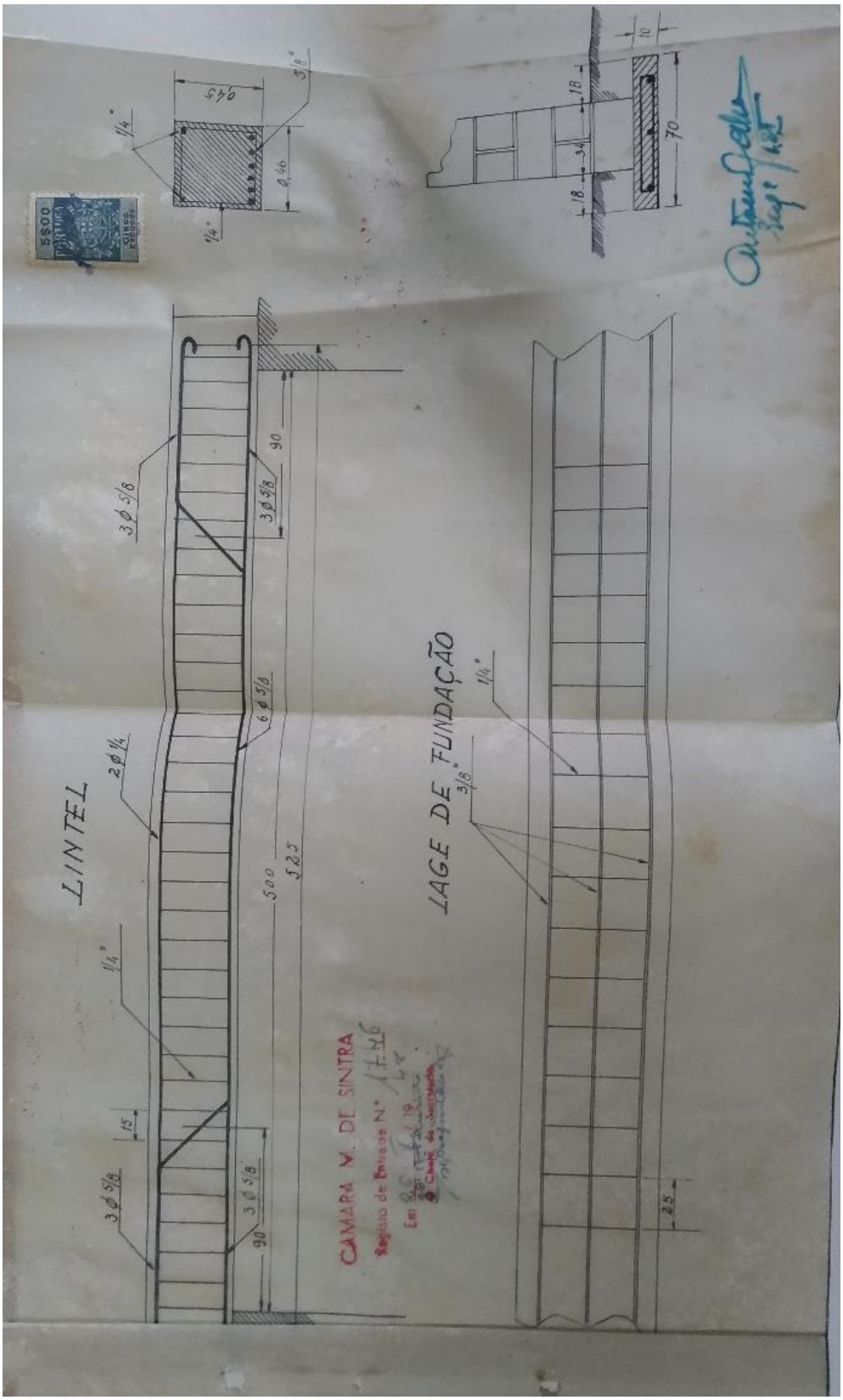


Figura 21- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Peças desenhadas: lintel e fundação (1948)

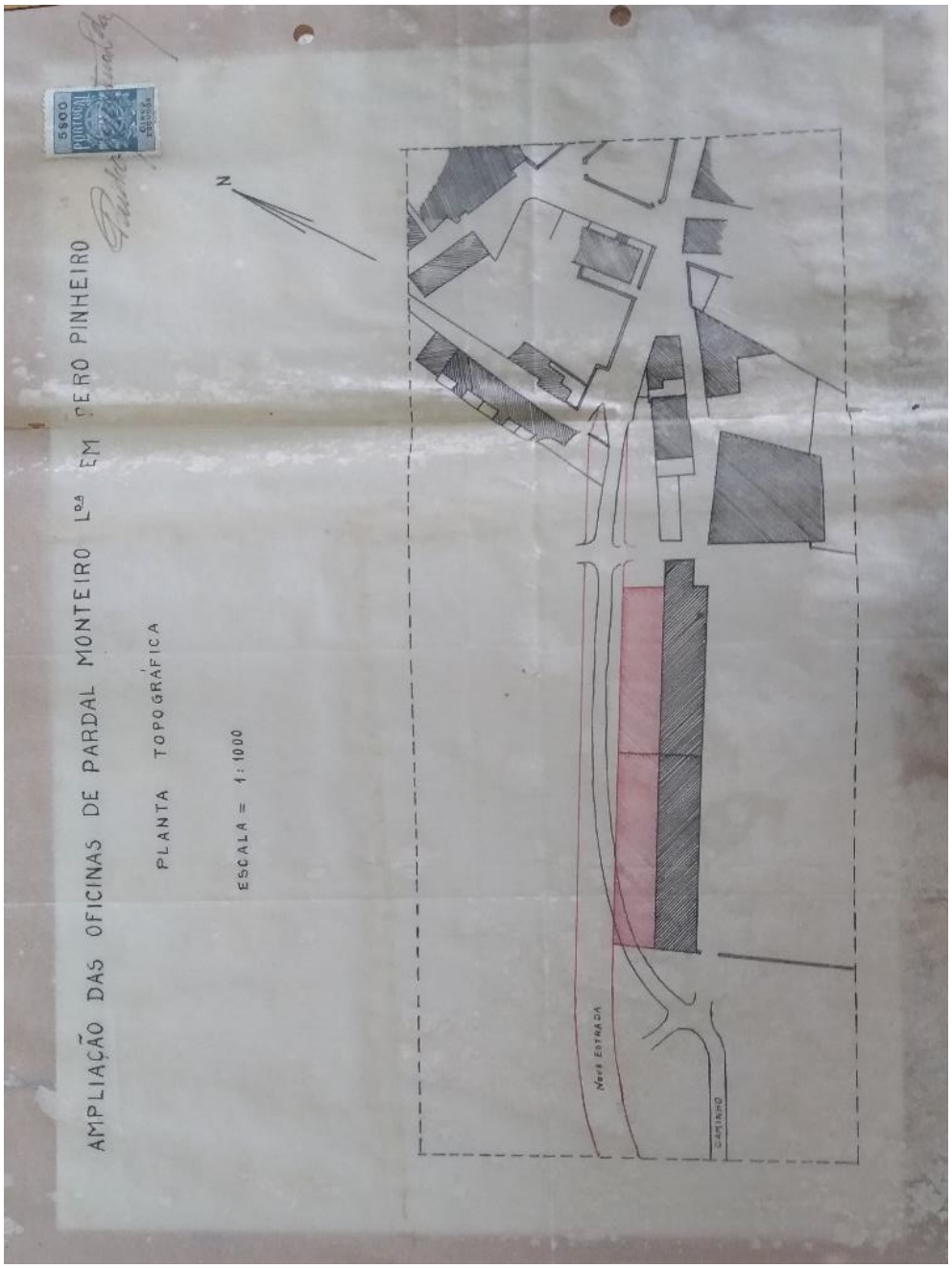
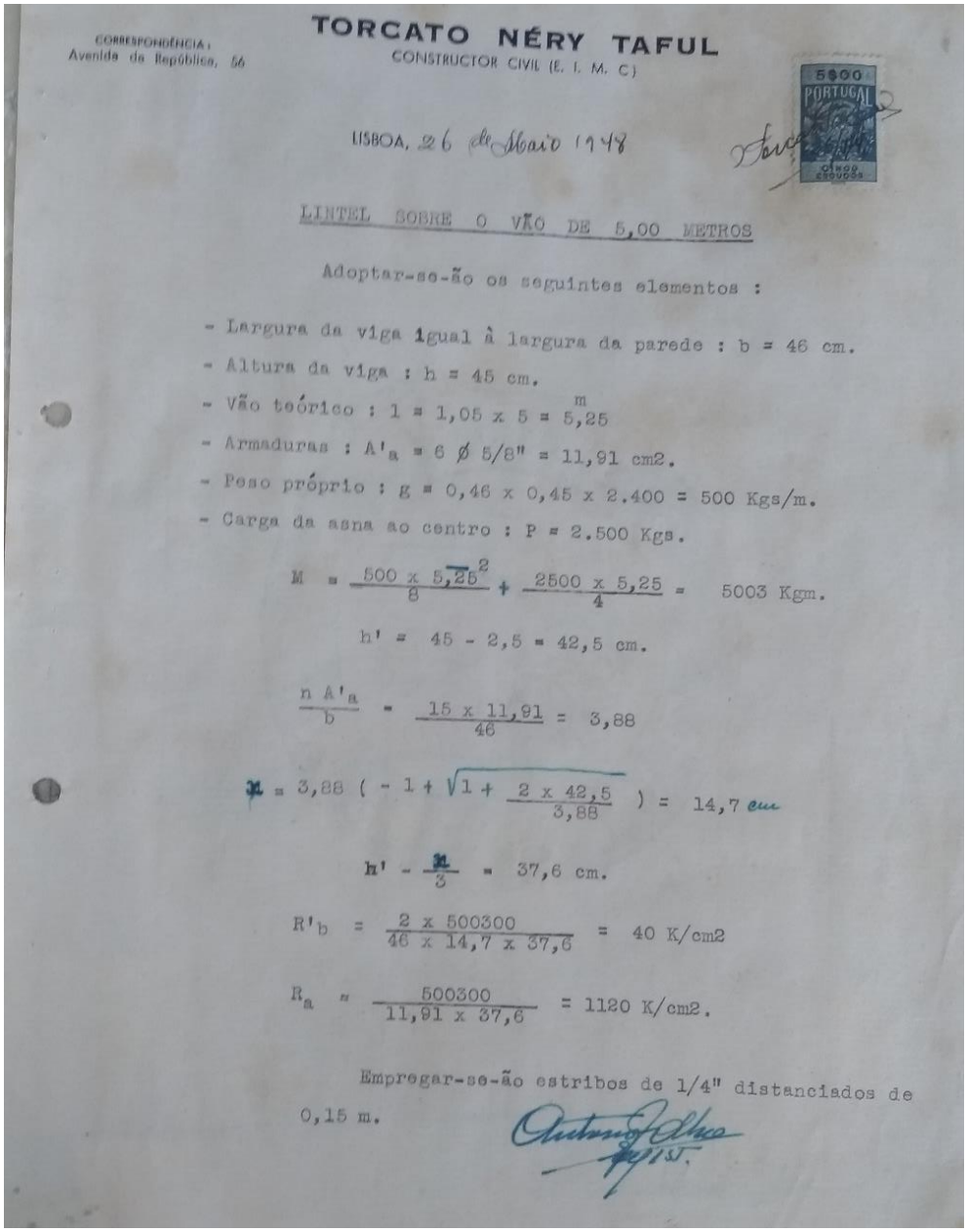


Figura 22- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Planta Topográfica (1948)



CORRESPONDÊNCIA:
Avenida da República, 56

TORCATO NÉRY TAFUL
CONSTRUCTOR CIVIL (E. I. M. C)

LISBOA, 26 de Maio 1948

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

LINTEL SOBRE O VÃO DE 5,00 METROS

Adoptar-se-ão os seguintes elementos :

- Largura da viga igual à largura da parede : b = 46 cm.
- Altura da viga : h = 45 cm.
- Vão teórico : l = 1,05 x 5 = 5,25 m
- Armaduras : A'_a = 6 Ø 5/8" = 11,91 cm2.
- Peso próprio : g = 0,46 x 0,45 x 2.400 = 500 Kgs/m.
- Carga da asna ao centro : P = 2.500 Kgs.

$$M = \frac{500 \times 5,25^2}{8} + \frac{2500 \times 5,25}{4} = 5003 \text{ Kgm.}$$

$$h' = 45 - 2,5 = 42,5 \text{ cm.}$$

$$\frac{n A'_a}{b} = \frac{15 \times 11,91}{46} = 3,88$$

$$x = 3,88 \left(-1 + \sqrt{1 + \frac{2 \times 42,5}{3,88}} \right) = 14,7 \text{ cm}$$

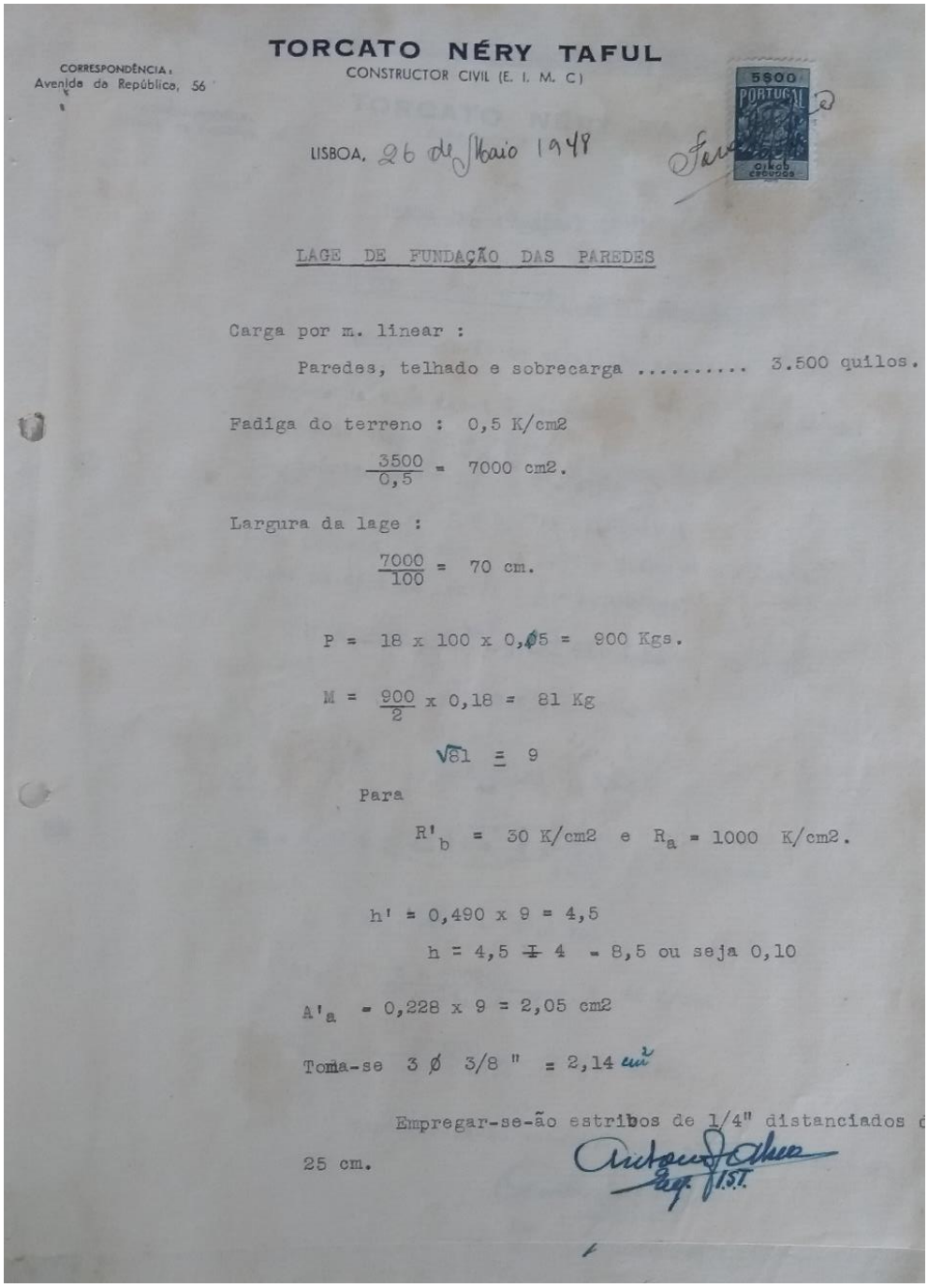
$$h' - \frac{x}{3} = 37,6 \text{ cm.}$$

$$R'_b = \frac{2 \times 500300}{46 \times 14,7 \times 37,6} = 40 \text{ K/cm2}$$

$$R_a = \frac{500300}{11,91 \times 37,6} = 1120 \text{ K/cm2.}$$

Empregar-se-ão estribos de 1/4" distanciados de 0,15 m.

Figura 23- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Memória Descritiva (1948)



TORCATO NÉRY TAFUL

CONSTRUCTOR CIVIL (E. I. M. C.)

CORRESPONDÊNCIA:
Avenida da República, 56

LISBOA, 26 de Maio 1948

LAGE DE FUNDAÇÃO DAS PAREDES

Carga por m. linear :

Paredes, telhado e sobrecarga ..... 3.500 quilos.

Fadiga do terreno : 0,5 K/cm2

$\frac{3500}{0,5}$ = 7000 cm2.

Largura da lage :

$\frac{7000}{100}$ = 70 cm.

P = 18 x 100 x 0,95 = 900 Kgs.

M = $\frac{900}{2}$ x 0,18 = 81 Kg

$\sqrt{81} = 9$

Para

R'_b = 30 K/cm2 e R_a = 1000 K/cm2.

h' = 0,490 x 9 = 4,5

h = 4,5 + 4 = 8,5 ou seja 0,10

A'_a = 0,228 x 9 = 2,05 cm2

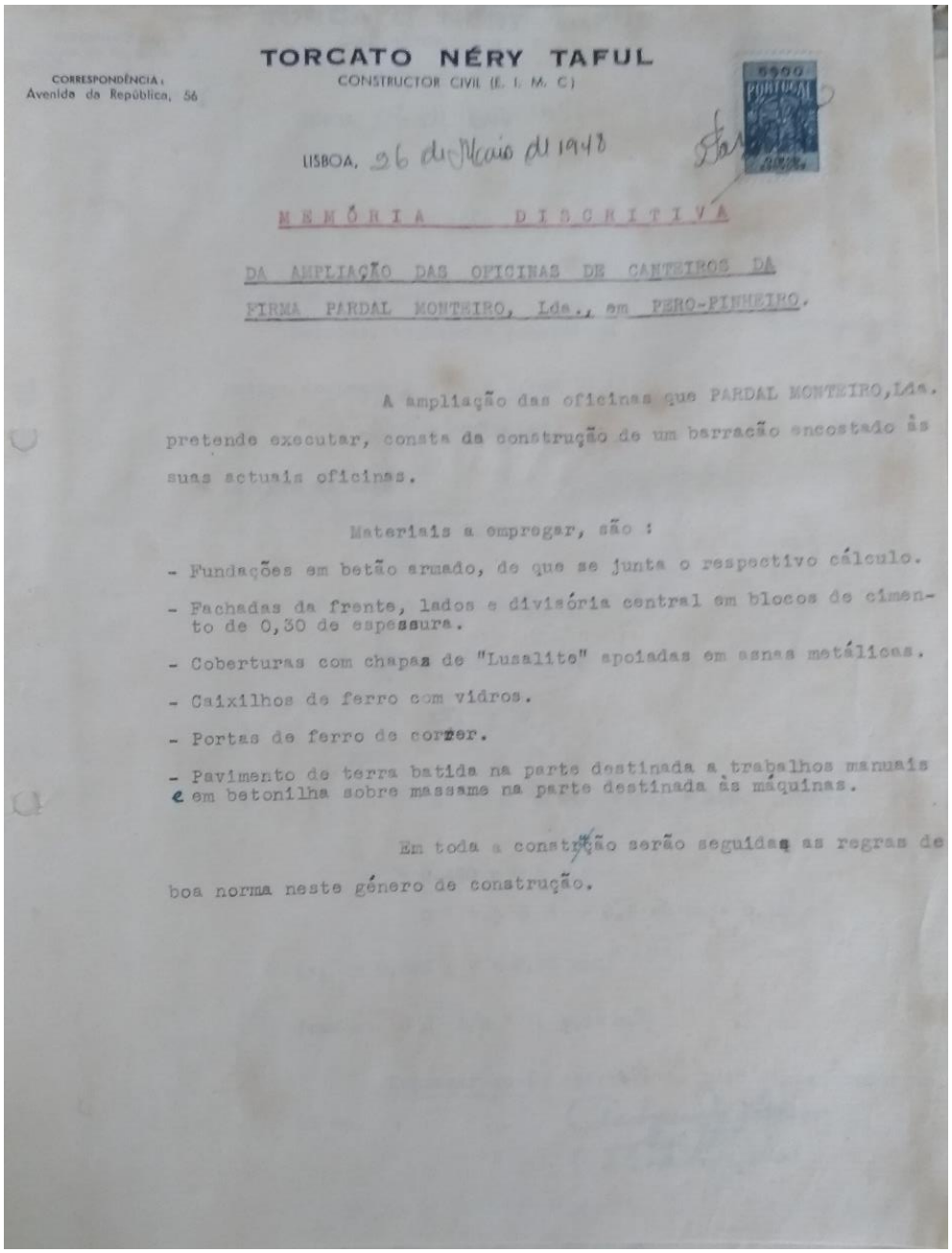
Toma-se 3 Ø 3/8 " = 2,14 cm²

Empregar-se-ão estribos de 1/4" distanciados d

25 cm.

Eng. I.S.T.

Figura 23a- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Memória Descritiva (1948)



TORCATO NÉRY TAFUL
CONSTRUCTOR CIVIL (E. I. M. C.)

CORRESPONDÊNCIA:
Avenida da República, 56

LISBOA, 26 de Maio de 1948

MEMÓRIA DESCRITIVA

DA AMPLIAÇÃO DAS OFICINAS DE CANTEIROS DA FIRMA PARDAL MONTEIRO, Lda., em PERO-PINHEIRO.

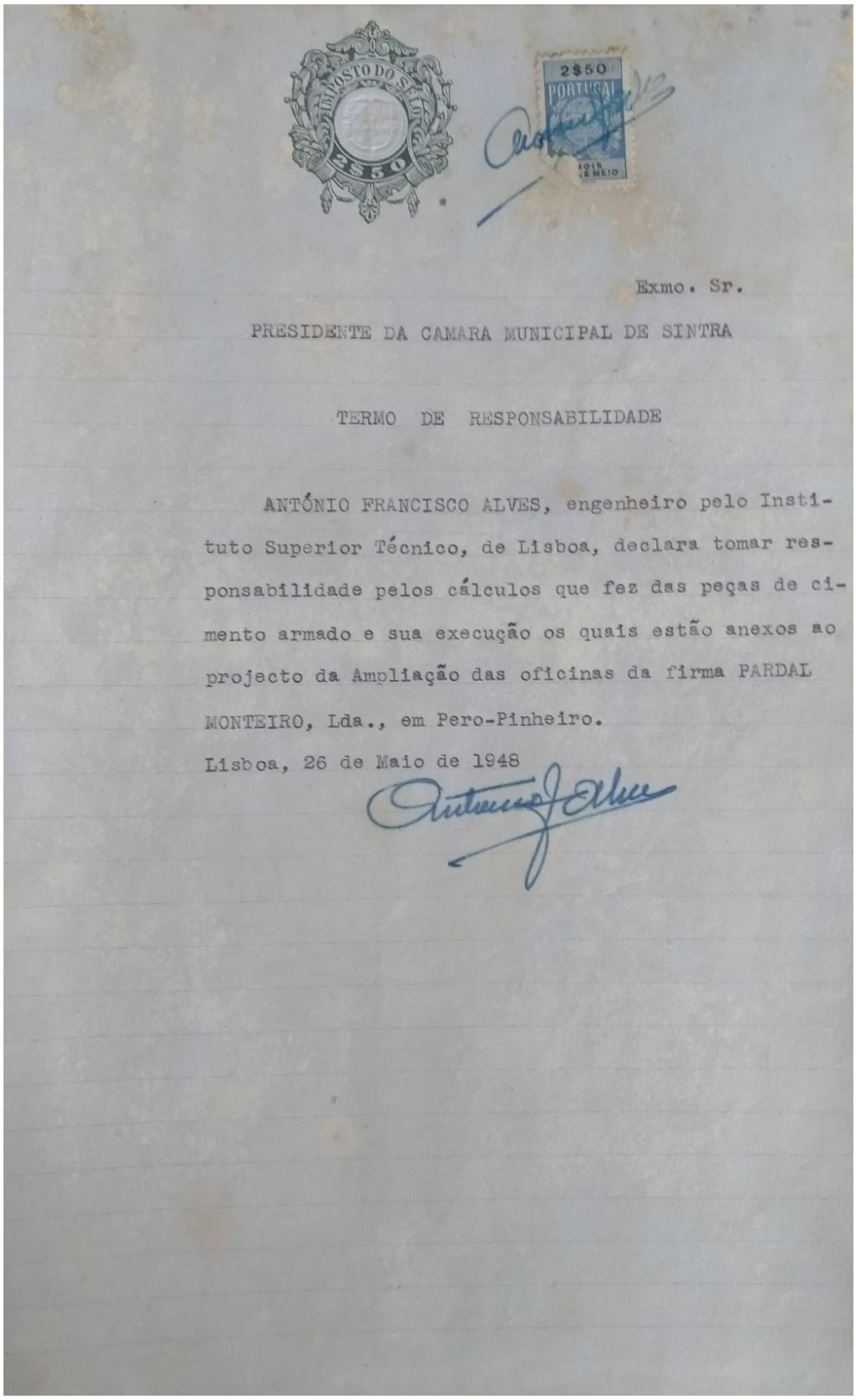
A ampliação das oficinas que PARDAL MONTEIRO, Lda. pretende executar, consta da construção de um barracão encostado às suas actuais oficinas.

Materiais a empregar, são :

- Fundações em betão armado, de que se junta o respectivo cálculo.
- Fachadas da frente, lados e divisória central em blocos de cimento de 0,30 de espessura.
- Coberturas com chapas de "Lusalite" apoiadas em asnas metálicas.
- Caixilhos de ferro com vidros.
- Portas de ferro de correr.
- Pavimento de terra batida na parte destinada a trabalhos manuais e em betonilha sobre massame na parte destinada às máquinas.

Em toda a construção serão seguidas as regras de boa norma neste género de construção.

Figura 23b- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Memória Descritiva (1948)



Exmo. Sr.

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

TERMO DE RESPONSABILIDADE

ANTÓNIO FRANCISCO ALVES, engenheiro pelo Instituto Superior Técnico, de Lisboa, declara tomar responsabilidade pelos cálculos que fez das peças de cimento armado e sua execução os quais estão anexos ao projecto da Ampliação das oficinas da firma PARDAL MONTEIRO, Lda., em Pero-Pinheiro.

Lisboa, 26 de Maio de 1948

Figura 24- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Termo de responsabilidade de engenharia (1948)

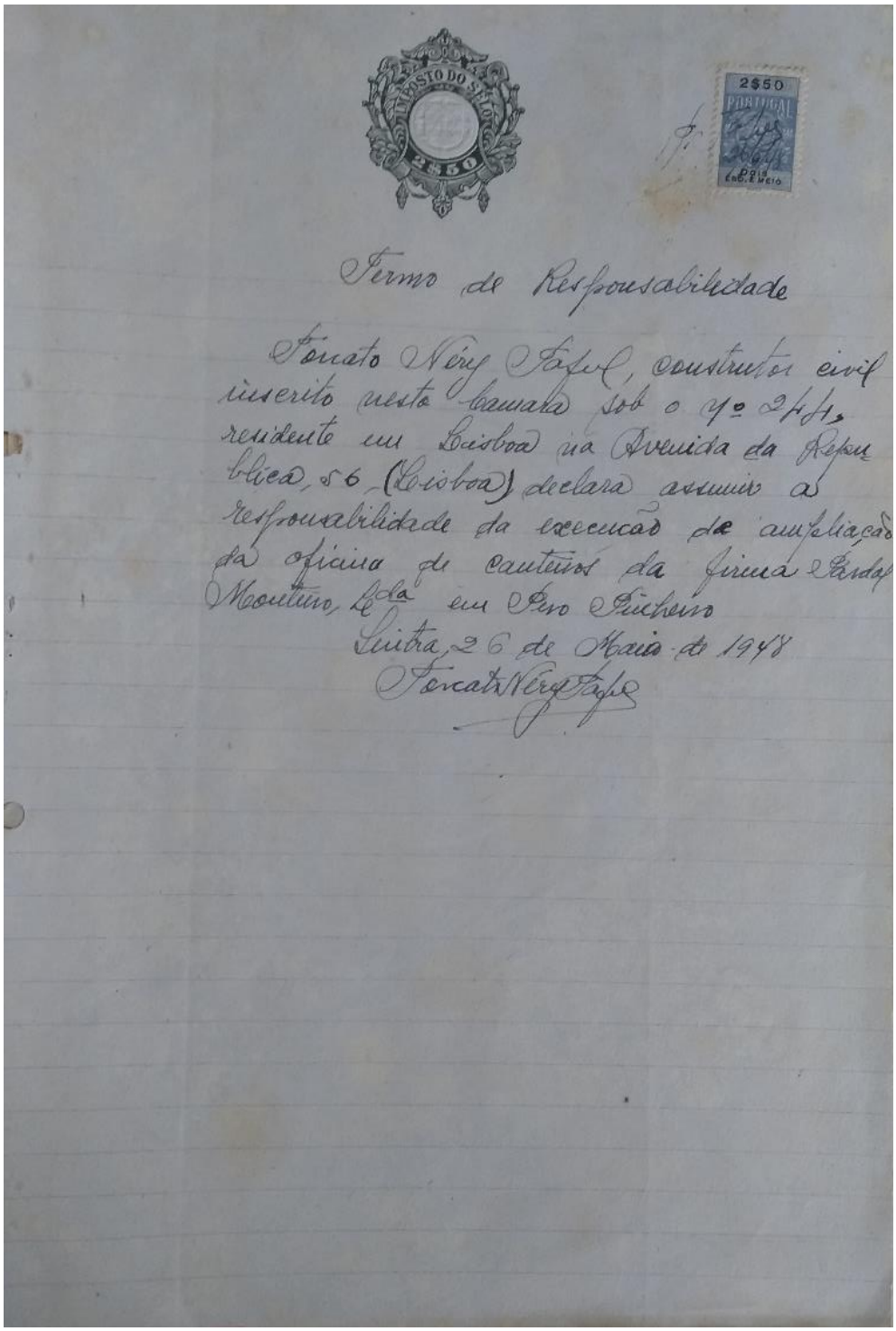


Figura 25- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Termo de responsabilidade de execução (1948)

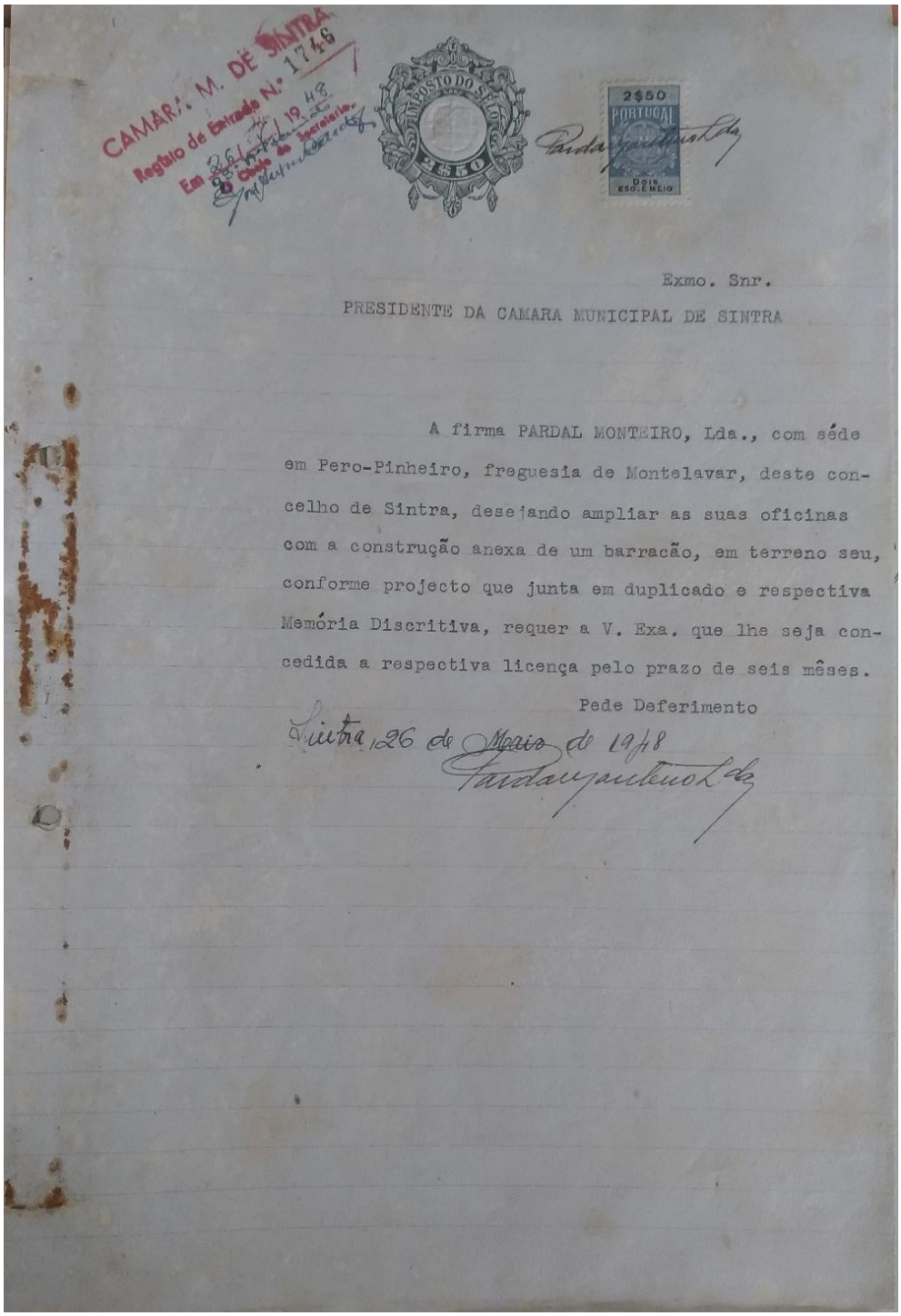


Figura 26- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Pedido licença construção (1948)

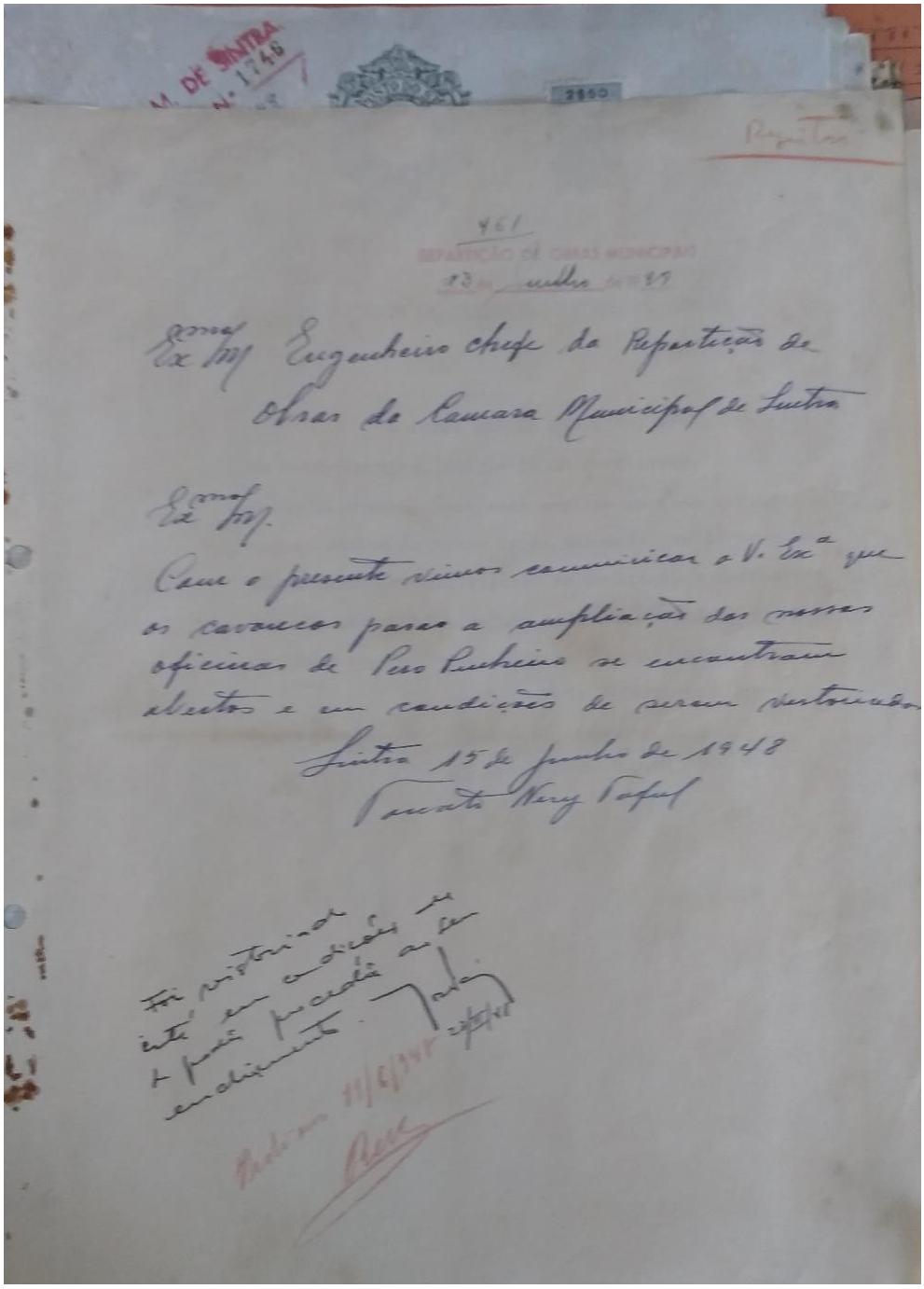
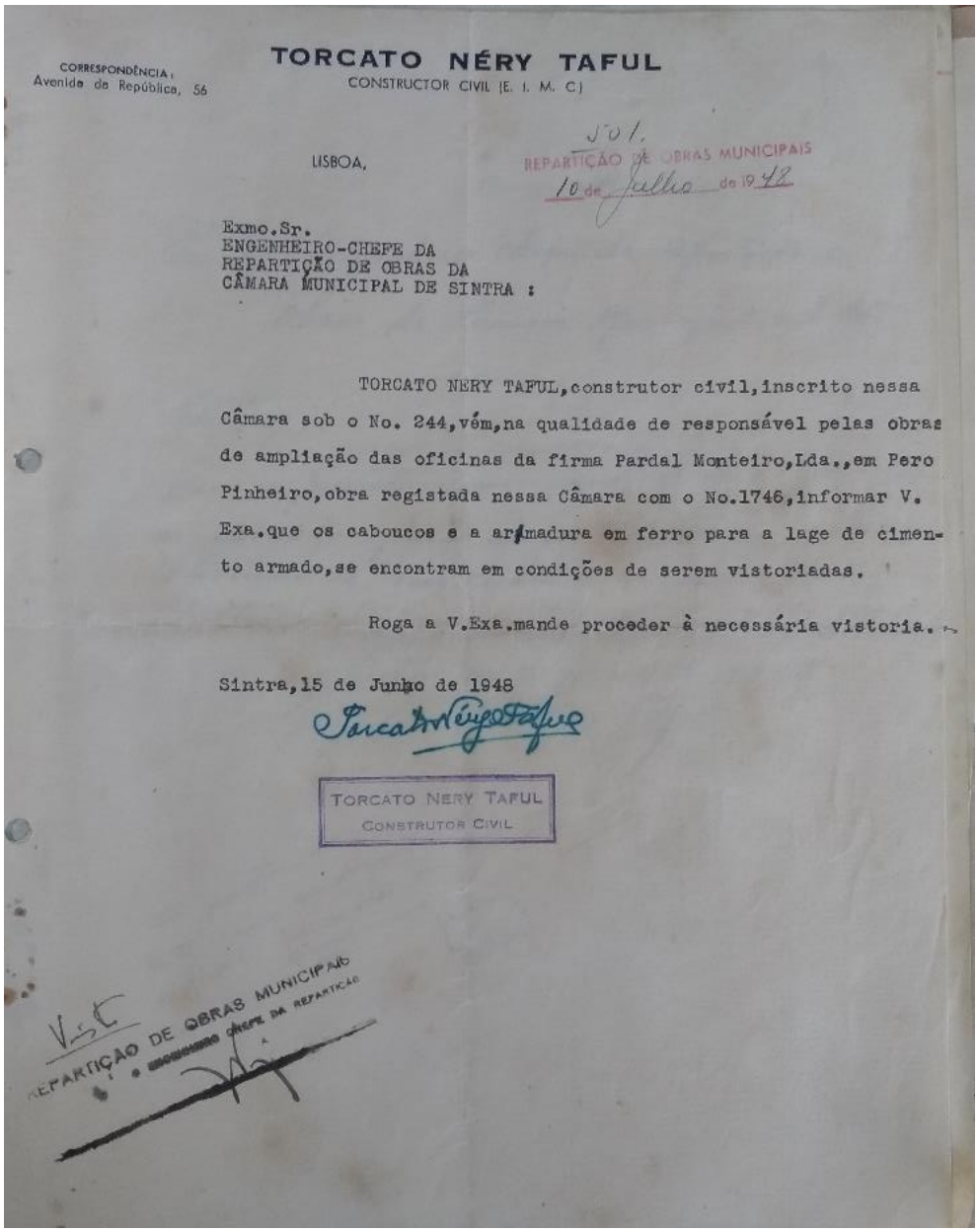


Figura 27- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Pedido de vistoria (1948)



TORCATO NÉRY TAFUL
CONSTRUCTOR CIVIL (E. I. M. C.)

CORRESPONDÊNCIA:
Avenida da República, 56

LISBOA,

501.
REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
10 de Julho de 1948

Exmo.Sr.
ENGENHEIRO-CHEFE DA
REPARTIÇÃO DE OBRAS DA
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA :

TORCATO NERY TAFUL, construtor civil, inscrito nessa Câmara sob o No. 244, vém, na qualidade de responsável pelas obras de ampliação das oficinas da firma Pardal Monteiro, Lda., em Pero Pinheiro, obra registada nessa Câmara com o No.1746, informar V. Exa. que os caboucos e a armadura em ferro para a lage de cimento armado, se encontram em condições de serem vistoriadas.

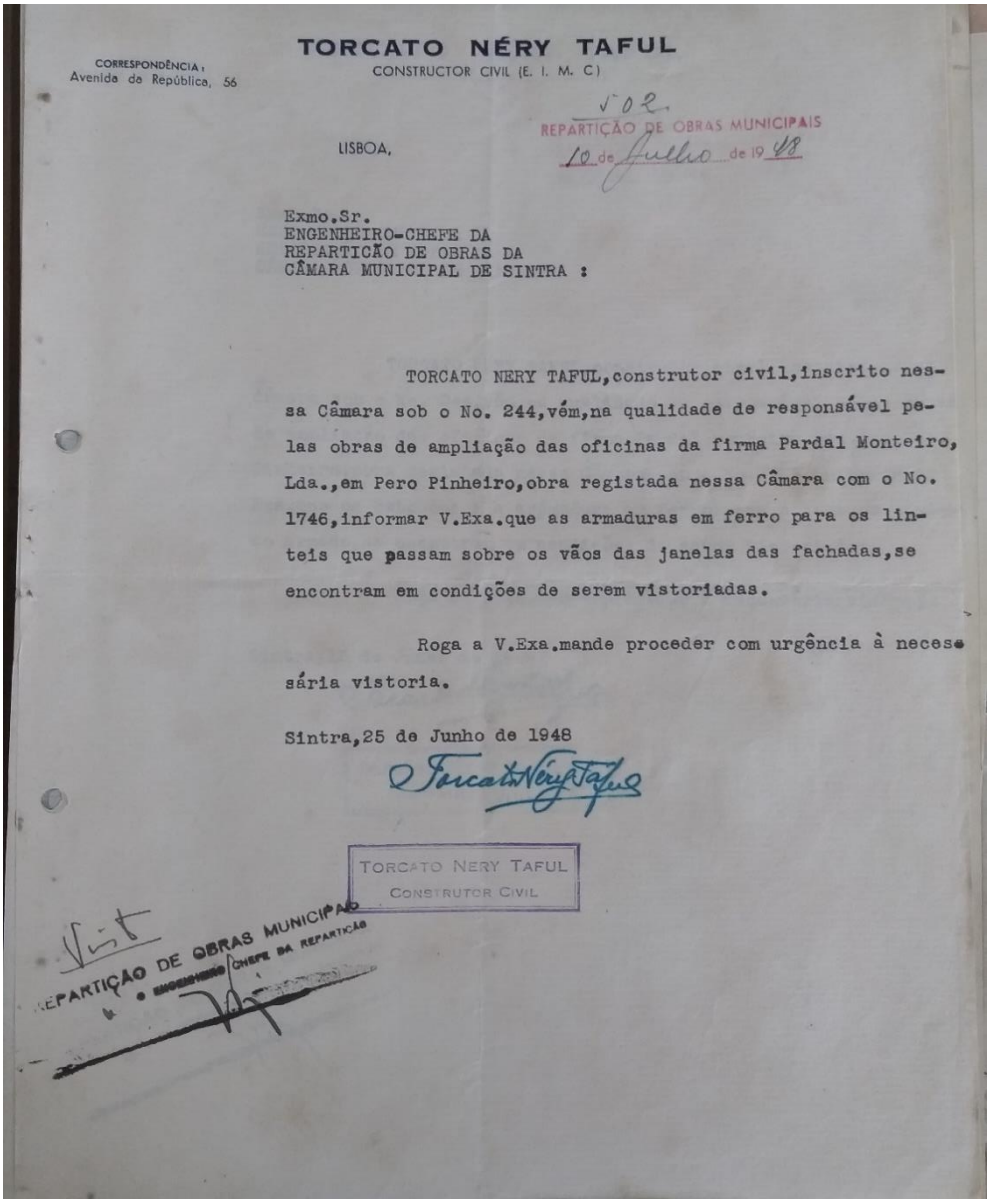
Roga a V.Exa. mande proceder à necessária vistoria.

Sintra, 15 de Junho de 1948

TORCATO NERY TAFUL
CONSTRUTOR CIVIL

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
O ENGENHEIRO CHEFE DA REPARTIÇÃO

Figura 28- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Pedido vistoria a caboucos e lage (1948)



TORCATO NÉRY TAFUL
CONSTRUCTOR CIVIL (E. I. M. C.)

CORRESPONDÊNCIA:
Avenida da República, 56

LISBOA,

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
10 de Julho de 1948

Exmo.Sr.
ENGENHEIRO-CHEFE DA
REPARTIÇÃO DE OBRAS DA
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA :

TORCATO NERY TAFUL, construtor civil, inscrito nessa Câmara sob o No. 244, vém, na qualidade de responsável pelas obras de ampliação das oficinas da firma Pardal Monteiro, Lda., em Pero Pinheiro, obra registada nessa Câmara com o No. 1746, informar V.Exa. que as armaduras em ferro para os linteis que passam sobre os vãos das janelas das fachadas, se encontram em condições de serem vistoriadas.

Roga a V.Exa. mande proceder com urgência à necessária vistoria.

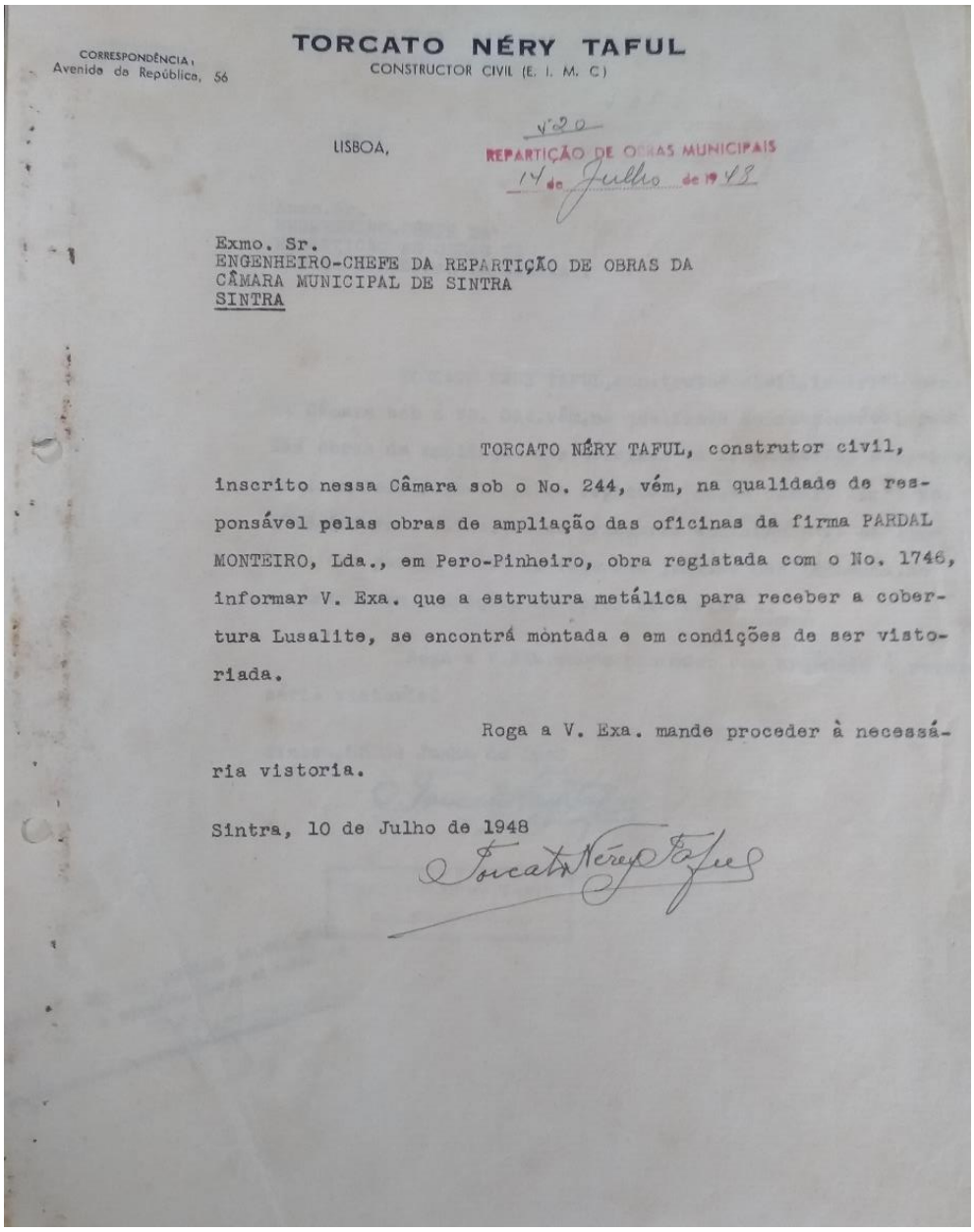
Sintra, 25 de Junho de 1948

Torcato Néry Taful

TORCATO NERY TAFUL
CONSTRUTOR CIVIL

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
O ENGENHEIRO CHEFE DA REPARTIÇÃO

Figura 29- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido vistoria a lintéis (1948)



TORCATO NÉRY TAFUL
CONSTRUCTOR CIVIL (E. I. M. C.)

CORRESPONDÊNCIA:
Avenida da República, 56

LISBOA,

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
14 de Julho de 1948

Exmo. Sr.
ENGENHEIRO-CHEFE DA REPARTIÇÃO DE OBRAS DA
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SINTRA

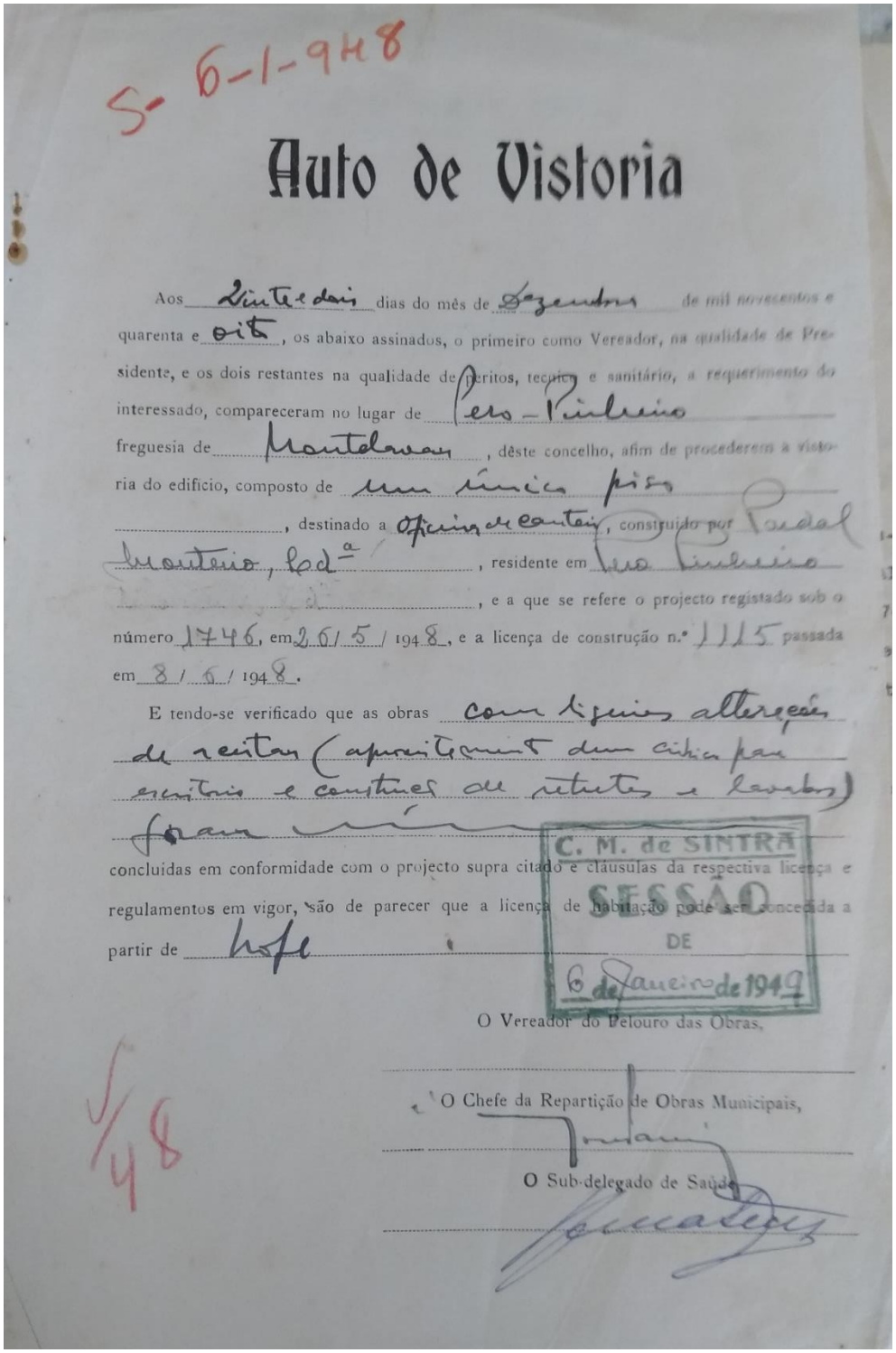
TORCATO NÉRY TAFUL, construtor civil, inscrito nessa Câmara sob o No. 244, vém, na qualidade de responsável pelas obras de ampliação das oficinas da firma PARDAL MONTEIRO, Lda., em Pero-Pinheiro, obra registada com o No. 1746, informar V. Exa. que a estrutura metálica para receber a cobertura Lusalite, se encontrá montada e em condições de ser vistoriada.

Roga a V. Exa. mande proceder à necessária vistoria.

Sintra, 10 de Julho de 1948

Torcato Néry Taful

Figura 30- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido vistoria a estrutura metálica (1948)



S- 6-1-948

Auto de Vistoria

Aos Vinte e dois dias do mês de Dezembro de mil novecentos e quarenta e oito, os abaixo assinados, o primeiro como Vereador, na qualidade de Presidente, e os dois restantes na qualidade de peritos, técnico e sanitário, a requerimento do interessado, compareceram no lugar de Pero Pinheiro freguesia de Montelavar, dêste concelho, afim de procederem à vistoria do edificio, composto de uma única piso, destinado a Oficina de canteiro, construido por Pedro Monteiro, Ld.ª, residente em Pero Pinheiro, e a que se refere o projecto registado sob o número 1746, em 26/5/1948, e a licença de construção n.º 1115 passada em 8/6/1948.

E tendo-se verificado que as obras com ligeiras alterações de rentas (aproveitamento duma cisterna para escritos e construção de retretes e lavabos) foram mandadas concluidas em conformidade com o projecto supra citado e cláusulas da respectiva licença e regulamentos em vigor, são de parecer que a licença de habitação pode ser concedida a partir de hoje.

C. M. de SINTRA
SESSÃO
DE
6 de Janeiro de 1949

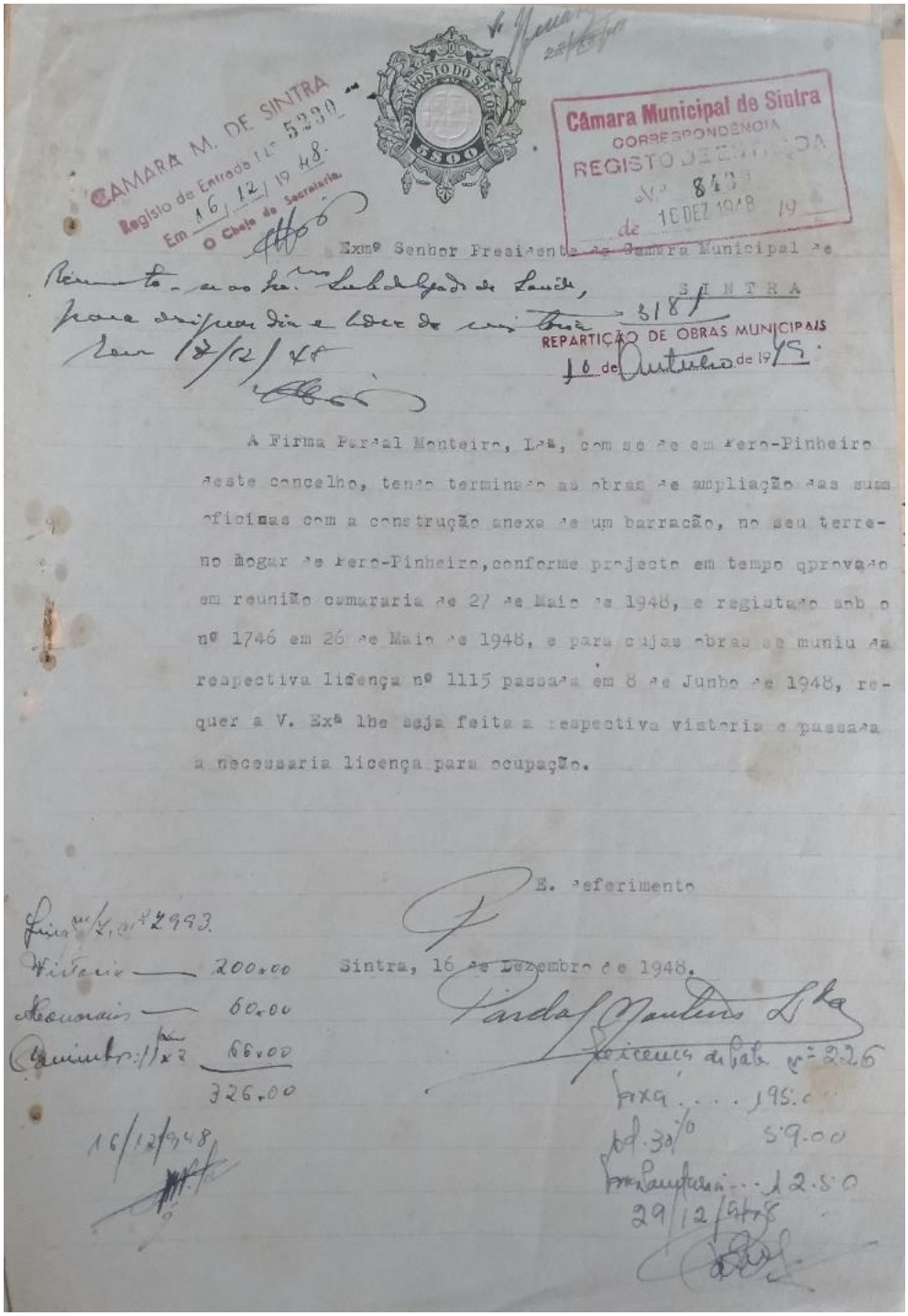
O Vereador do Pelouro das Obras,

O Chefe da Repartição de Obras Municipais,

O Sub-delegado de Saúde,

1/48

Figura 31- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: Auto de vistoria (1948)


CAMARA M. DE SINTRA
Registo de Entrada nº 5230
Em 16/12/1948
O Chefe da Secretaria

Câmara Municipal de Sintra
CORRESPONDÊNCIA
REGISTO DE ENTRADA
Nº 8438
de 16 DEZ 1948 19

Exmº Senhor Presidente da Camara Municipal de SINTRA

Requerimento - ao Sr. Subdelegado de Saude,
para vistoria dia e hora de uma casa
Sem 18/12/48

318

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
16 de Outubro de 1948

A Firma Parral Monteiro, Lda, com sede em Pero-Pinheiro deste concelho, tendo terminado as obras de ampliação das suas oficinas com a construção anexa de um barracão, no seu terreno sito em Pero-Pinheiro, conforme projecto em tempo aprovado em reunião camararia de 27 de Maio de 1948, e registado sob o nº 1746 em 26 de Maio de 1948, e para cujas obras se muniu da respectiva licença nº 1115 passada em 8 de Junho de 1948, requer a V. Exª lhe seja feita a respectiva vistoria e passada a necessaria licença para ocupação.

E. deferimento

Sintra, 16 de Dezembro de 1948.

Parral Monteiro Lda

Licença de Data nº 226
Taxa . . . 195.00
Ad. 30% 59.00
Fiscalização . . . 12.50
29/12/1948

Finanças nº 42993
Vistoria — 200.00
Anuais — 60.00
Quintos: 11 x 2 — 66.00
326.00
16/12/1948

Figura 32- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido licença de ocupação (1948)

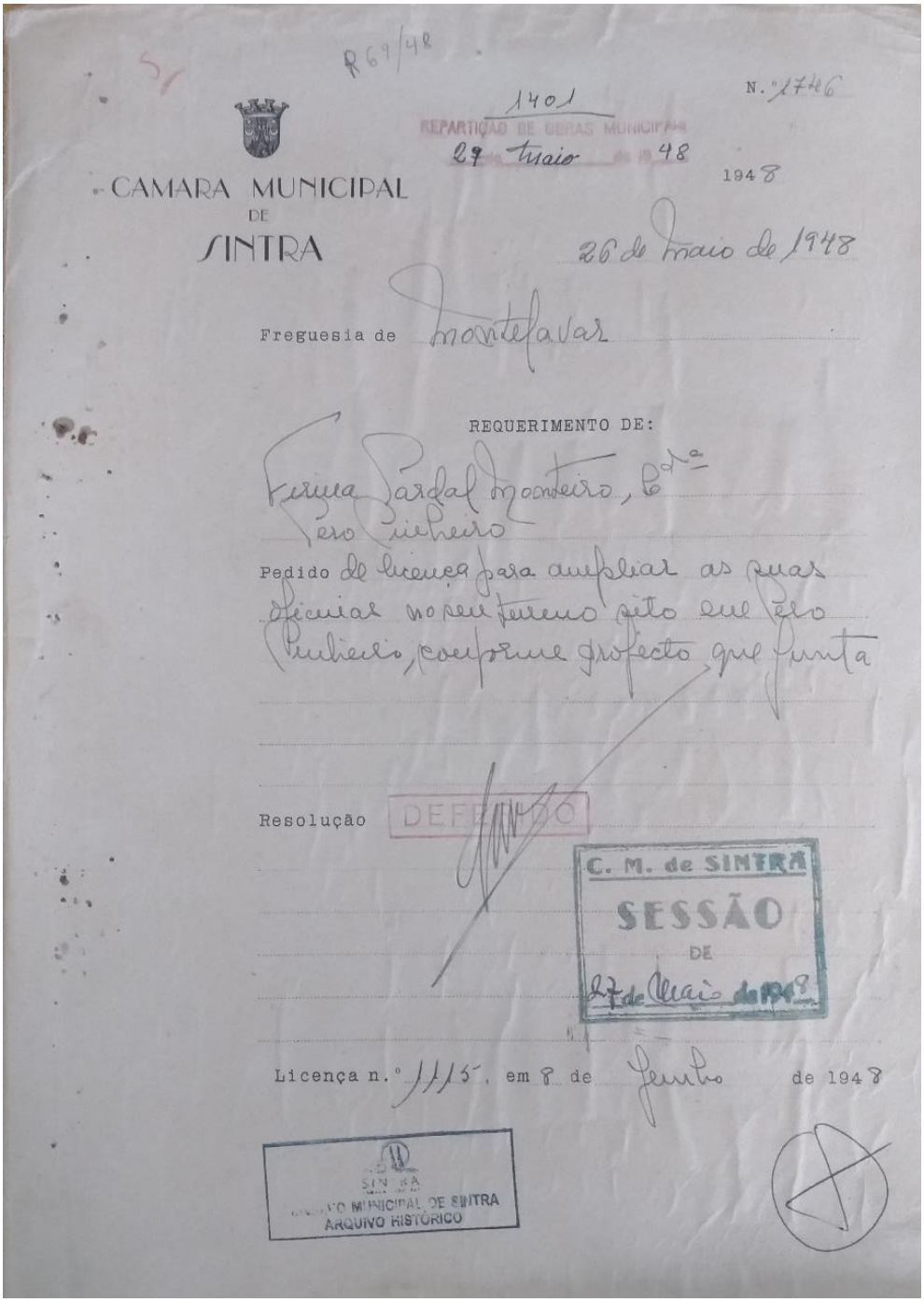
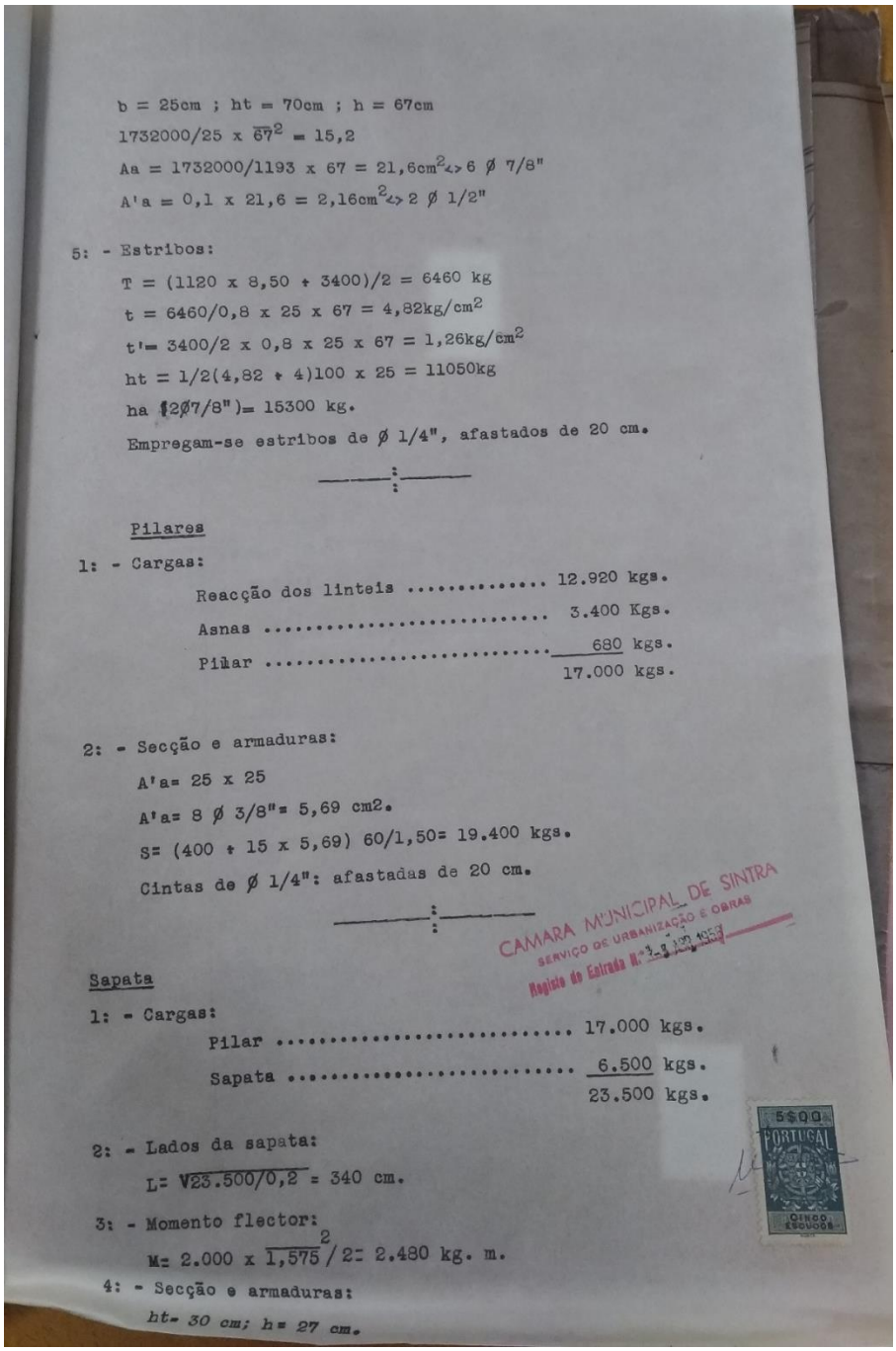

R69/48
1401
N.º 1746
REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
29 Maio 1948
1948
CAMARA MUNICIPAL
DE
SINTRA
26 de Maio de 1948
Freguesia de Montelavar
REQUERIMENTO DE:
Pedido de licença para ampliar as suas oficinas no seu terreno sito em Ferro Pinheiro, conforme projecto que junta
Resolução DEFERIDO
C. M. de SINTRA
SESSÃO
DE
27 de Maio de 1948
Licença n.º 1115, em 8 de Junho de 1948
ARQUIVO MUNICIPAL DE SINTRA
ARQUIVO HISTÓRICO

Figura 32a- Projeto de obra particular nº 1746/48- Ampliação das oficinas: pedido licença de ocupação (1948)



b = 25cm ; ht = 70cm ; h = 67cm

1732000/25 x 67^2 = 15,2

Aa = 1732000/1193 x 67 = 21,6cm^2 <> 6 Ø 7/8"

A'a = 0,1 x 21,6 = 2,16cm^2 <> 2 Ø 1/2"

5: - Estribos:

T = (1120 x 8,50 + 3400)/2 = 6460 kg

t = 6460/0,8 x 25 x 67 = 4,82kg/cm^2

t'= 3400/2 x 0,8 x 25 x 67 = 1,26kg/cm^2

ht = 1/2(4,82 + 4)100 x 25 = 11050kg

ha (2Ø7/8")= 15300 kg.

Empregam-se estribos de Ø 1/4", afastados de 20 cm.

Pilares

1: - Cargas:

Reacção dos linteis	12.920 kgs.
Asnas	3.400 Kgs.
Pilar	680 kgs.
	17.000 kgs.

2: - Secção e armaduras:

A'a= 25 x 25

A'a= 8 Ø 3/8"= 5,69 cm2.

S= (400 + 15 x 5,69) 60/1,50= 19.400 kgs.

Cintas de Ø 1/4": afastadas de 20 cm.

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º 3 9 JUN 1956

Sapata

1: - Cargas:

Pilar	17.000 kgs.
Sapata	6.500 kgs.
	23.500 kgs.

2: - Lados da sapata:

L= $\sqrt{23.500/0,2}$ = 340 cm.

3: - Momento flector:

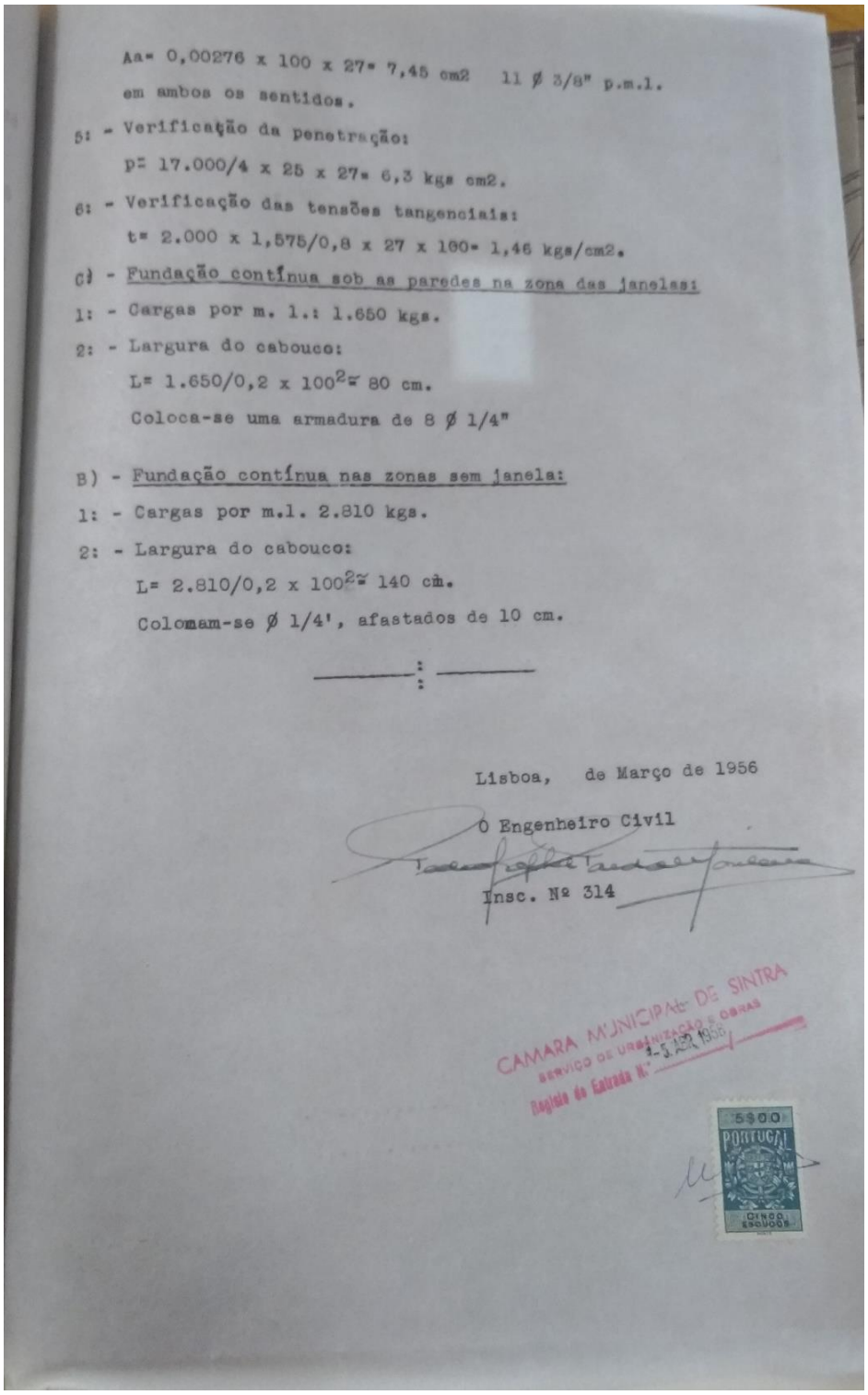
M= 2.000 x $1,575^2$ / 2= 2.480 kg. m.

4: - Secção e armaduras:

ht= 30 cm; h= 27 cm.

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

Figura 33- Projeto de obra particular nº 3318/56: Ampliação de oficinas- Memória descritiva (1953-1956)



Aa= 0,00276 x 100 x 27= 7,45 cm2 11 Ø 3/8" p.m.l.
em ambos os sentidos.

5: - Verificação da penetração:

p= 17.000/4 x 25 x 27= 6,3 kgs cm2.

6: - Verificação das tensões tangenciais:

t= 2.000 x 1,575/0,8 x 27 x 100= 1,46 kgs/cm2.

C) - Fundação contínua sob as paredes na zona das janelas:

1: - Cargas por m. l.: 1.650 kgs.

2: - Largura do cabouco:

L= 1.650/0,2 x 100^2= 80 cm.

Coloca-se uma armadura de 8 Ø 1/4"

B) - Fundação contínua nas zonas sem janela:

1: - Cargas por m.l. 2.810 kgs.

2: - Largura do cabouco:

L= 2.810/0,2 x 100^2= 140 cm.

Colomam-se Ø 1/4', afastados de 10 cm.

Lisboa, de Março de 1956

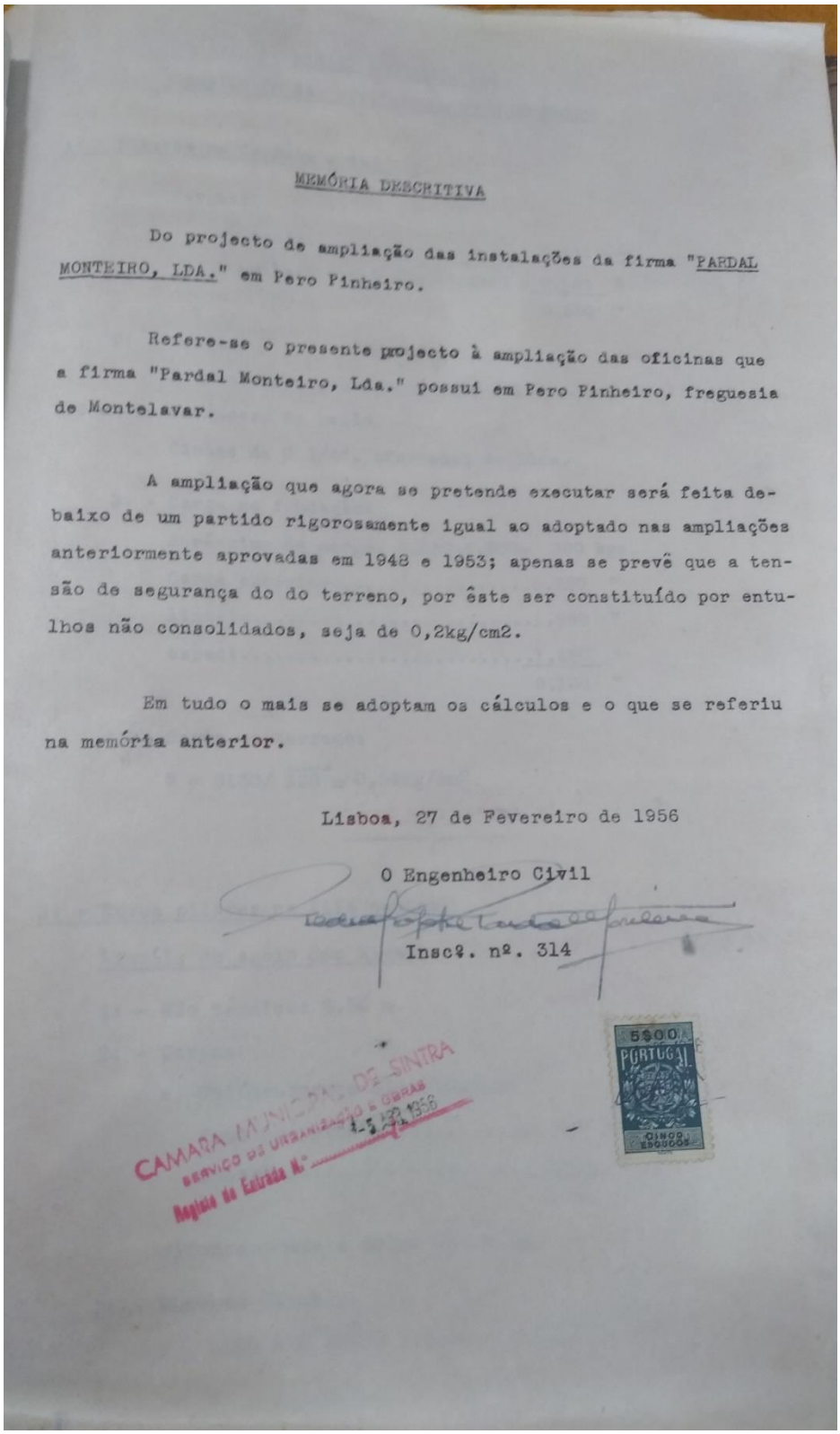
O Engenheiro Civil

Insc. Nº 314

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada Nº 1-5 ABR 1956

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

Figura 33a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Memória descritiva (1953-1956)



MEMÓRIA DESCRITIVA

Do projecto de ampliação das instalações da firma "PARDAL MONTEIRO, LDA." em Pero Pinheiro.

Refere-se o presente projecto à ampliação das oficinas que a firma "Pardal Monteiro, Lda." possui em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar.

A ampliação que agora se pretende executar será feita debaixo de um partido rigorosamente igual ao adoptado nas ampliações anteriormente aprovadas em 1948 e 1953; apenas se prevê que a tensão de segurança do do terreno, por êste ser constituído por entulhos não consolidados, seja de 0,2kg/cm2.

Em tudo o mais se adoptam os cálculos e o que se referiu na memória anterior.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1956

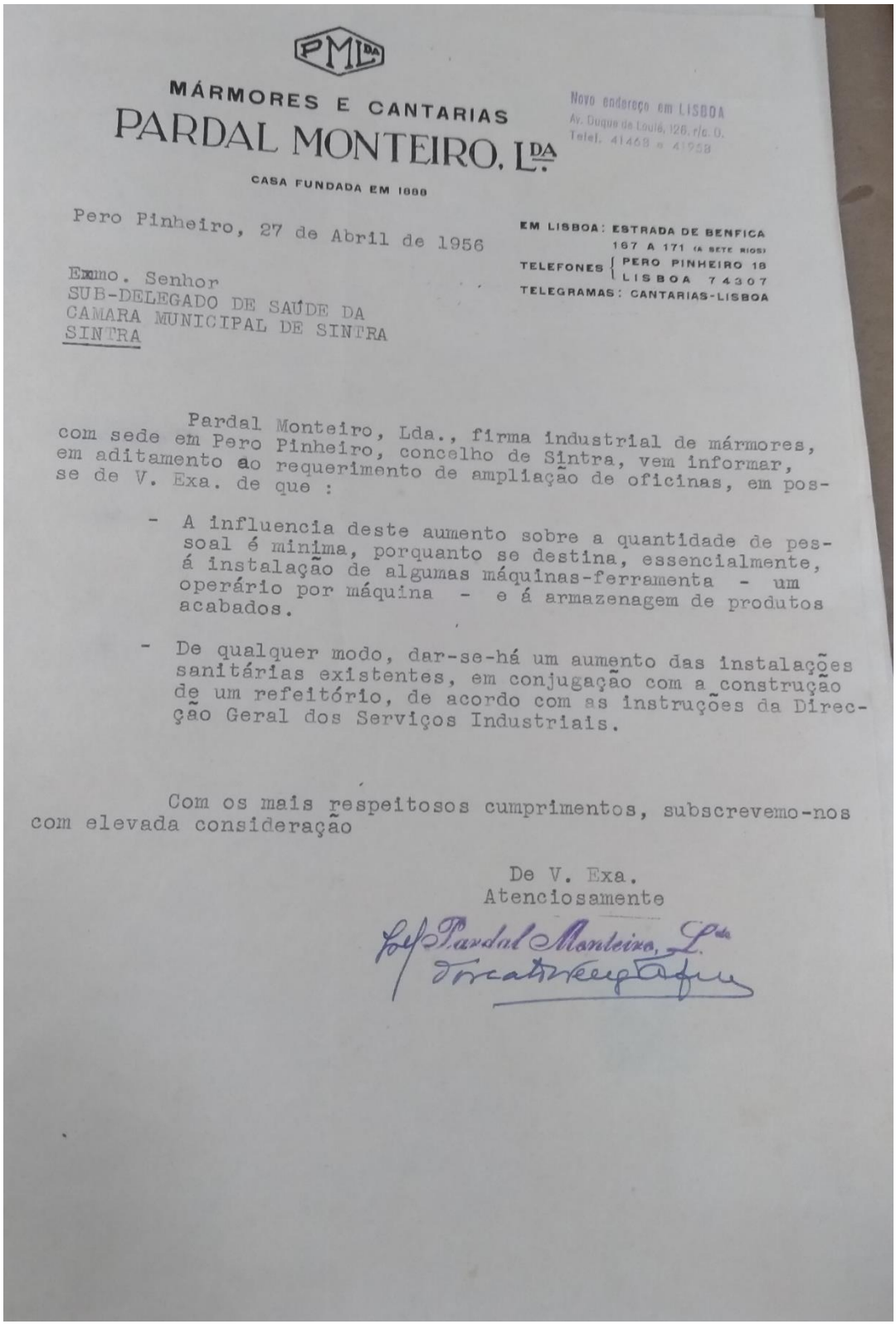
O Engenheiro Civil

Insc$. nº. 314

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS Registo de Entrada Nº 1-3-1956

Figura 33b- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Memória descritiva (1953-1956)



MÁRMORES E CANTARIAS

PARDAL MONTEIRO, LDA

CASA FUNDADA EM 1888

Novo endereço em LISBOA
Av. Duque de Loulé, 126, r/c. D.
Telef. 41468 e 41958

EM LISBOA: ESTRADA DE BENFICA
167 A 171 (A SETE RIOS)
TELEFONES { PERO PINHEIRO 18
LISBOA 74307
TELEGRAMAS: CANTARIAS-LISBOA

Pero Pinheiro, 27 de Abril de 1956

Exmo. Senhor
SUB-DELEGADO DE SAÚDE DA
CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SINTRA

Pardal Monteiro, Lda., firma industrial de mármores, com sede em Pero Pinheiro, concelho de Sintra, vem informar, em aditamento ao requerimento de ampliação de oficinas, em posse de V. Exa. de que :

- A influencia deste aumento sobre a quantidade de pessoal é minima, porquanto se destina, essencialmente, á instalação de algumas máquinas-ferramenta - um operário por máquina - e á armazenagem de produtos acabados.

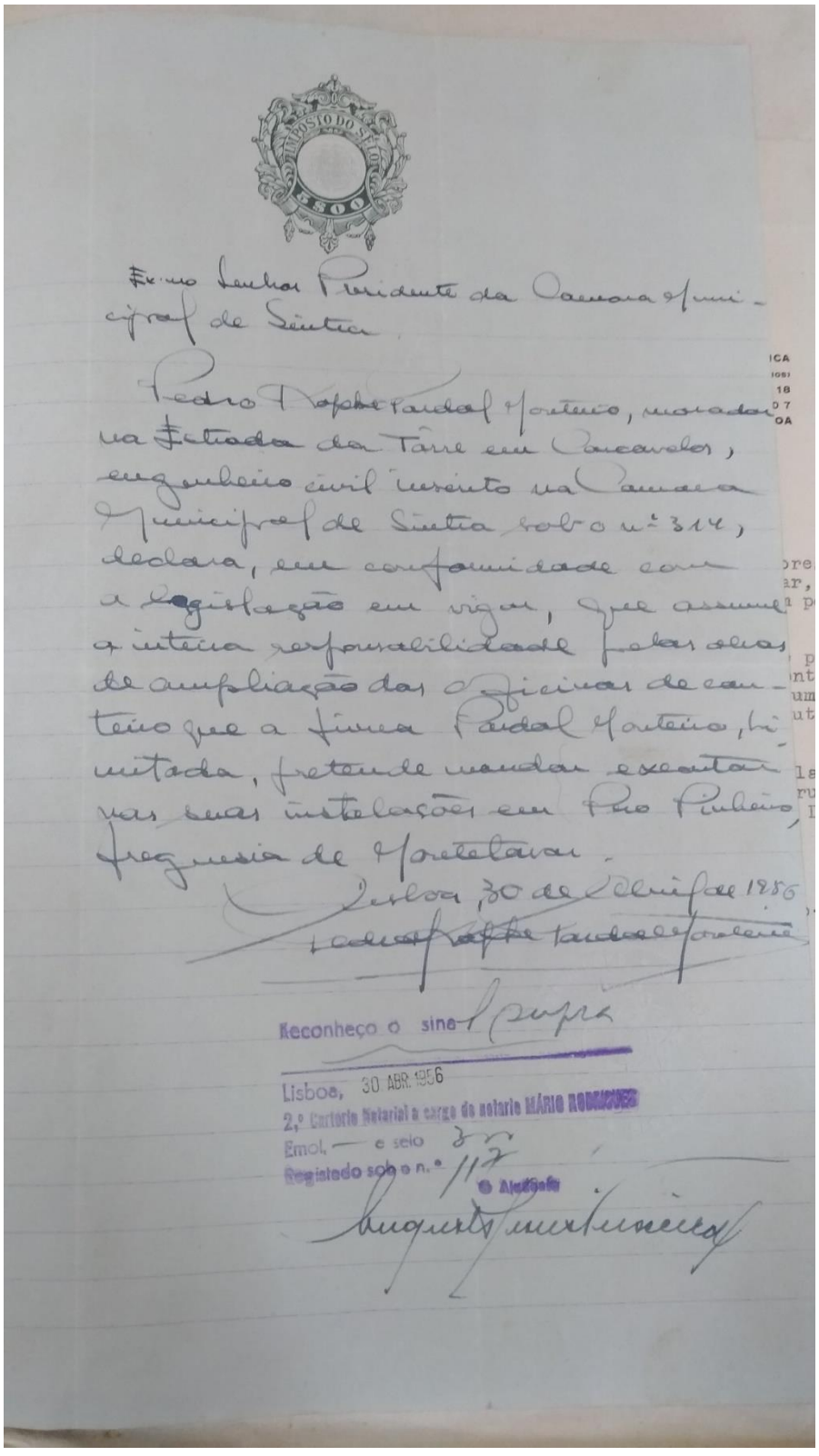
- De qualquer modo, dar-se-há um aumento das instalações sanitárias existentes, em conjugação com a construção de um refeitório, de acordo com as instruções da Direcção Geral dos Serviços Industriais.

Com os mais respeitosos cumprimentos, subscrevemo-nos com elevada consideração

De V. Exa.
Atenciosamente

José Pardal Monteiro, Lda

Figura 34- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Aditamento ao requerimento (1953-1956)



Exmo Senhor Presidente da Camara Municipal de Sintra

Pedro Rafael Pardal Monteiro, morador na Estrada da Torre em Cacavelos, engenheiro civil inscrito na Camara Municipal de Sintra sob o nº 314, declara, em conformidade com a legislação em vigor, que assume a inteira responsabilidade pelas obras de ampliação das oficinas de carpinteiro que a firma Pardal Monteiro, limitada, pretende mandar executar nas suas instalações em Rio Pinheiro, freguesia de Montelavar.

Lisboa, 30 de Abril de 1956

Pedro Rafael Pardal Monteiro

Reconheço o sinal supra

Lisboa, 30 ABR. 1956

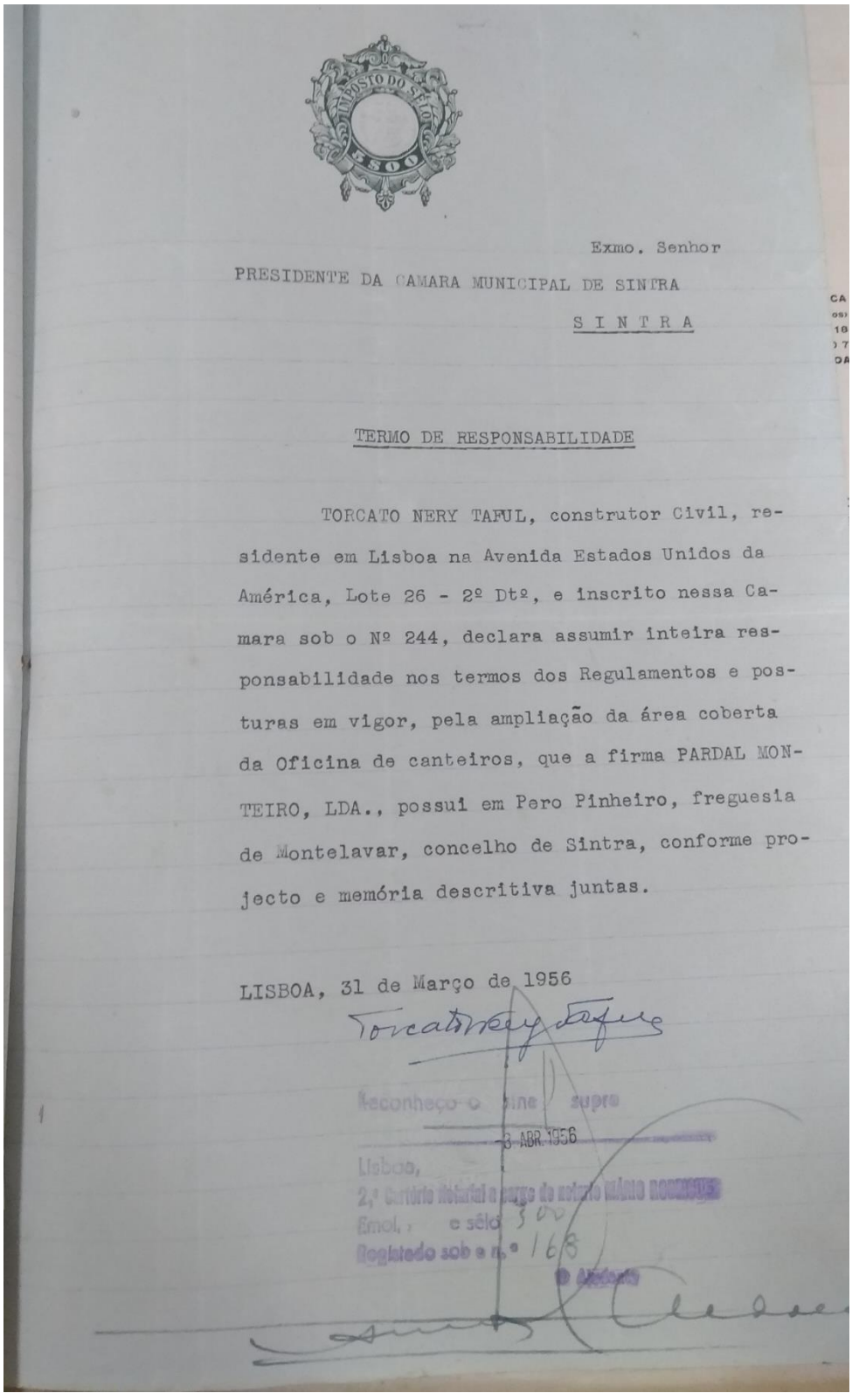
2.º Cartório Notarial a cargo do notario MÁRIO RODRIGUES

Emol. — e selo

Registado sob o n.º 117

O Ajudante

Figura 35- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Declaração de responsabilidade (1953-1956)



Exmo. Senhor

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

S I N T R A

TERMO DE RESPONSABILIDADE

TORCATO NERY TAFUL, construtor Civil, residente em Lisboa na Avenida Estados Unidos da América, Lote 26 - 2º Dtº, e inscrito nessa Camara sob o Nº 244, declara assumir inteira responsabilidade nos termos dos Regulamentos e posturas em vigor, pela ampliação da área coberta da Oficina de canteiros, que a firma PARDAL MONTEIRO, LDA., possui em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, conforme projecto e memória descritiva juntas.

LISBOA, 31 de Março de 1956

Torcato Nery Tafuls

Reconheço o sinal supra

3 ABR. 1956

Lisboa,

2.º Cartório Notarial a cargo do notário Mário Monteiro

Emol., e sêlo 30$

Registado sob o n.º 168

O Ajudante

Figura 35a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Declaração de responsabilidade (1953-1956)

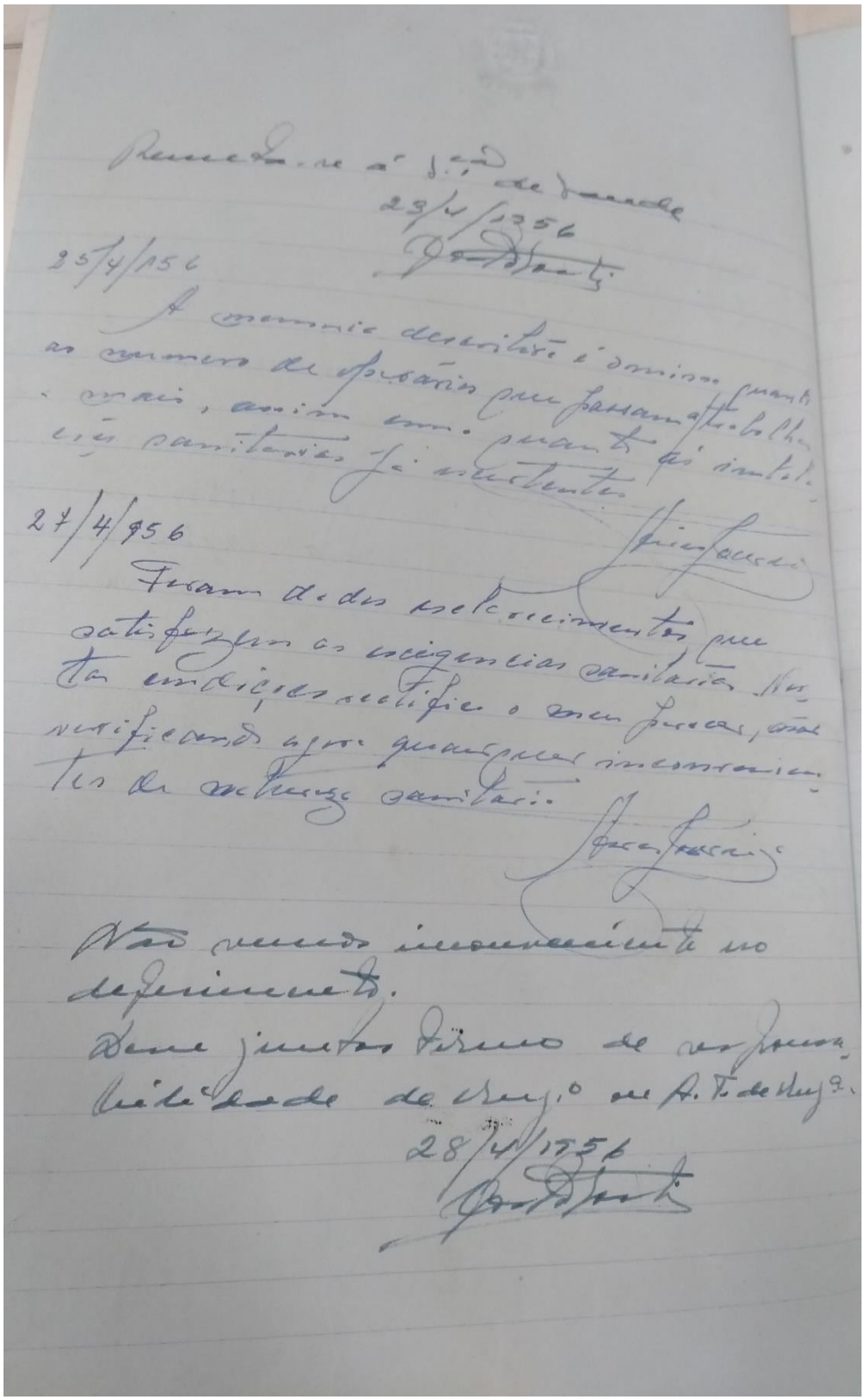


Figura 36- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Livro de obras (1953-1956)

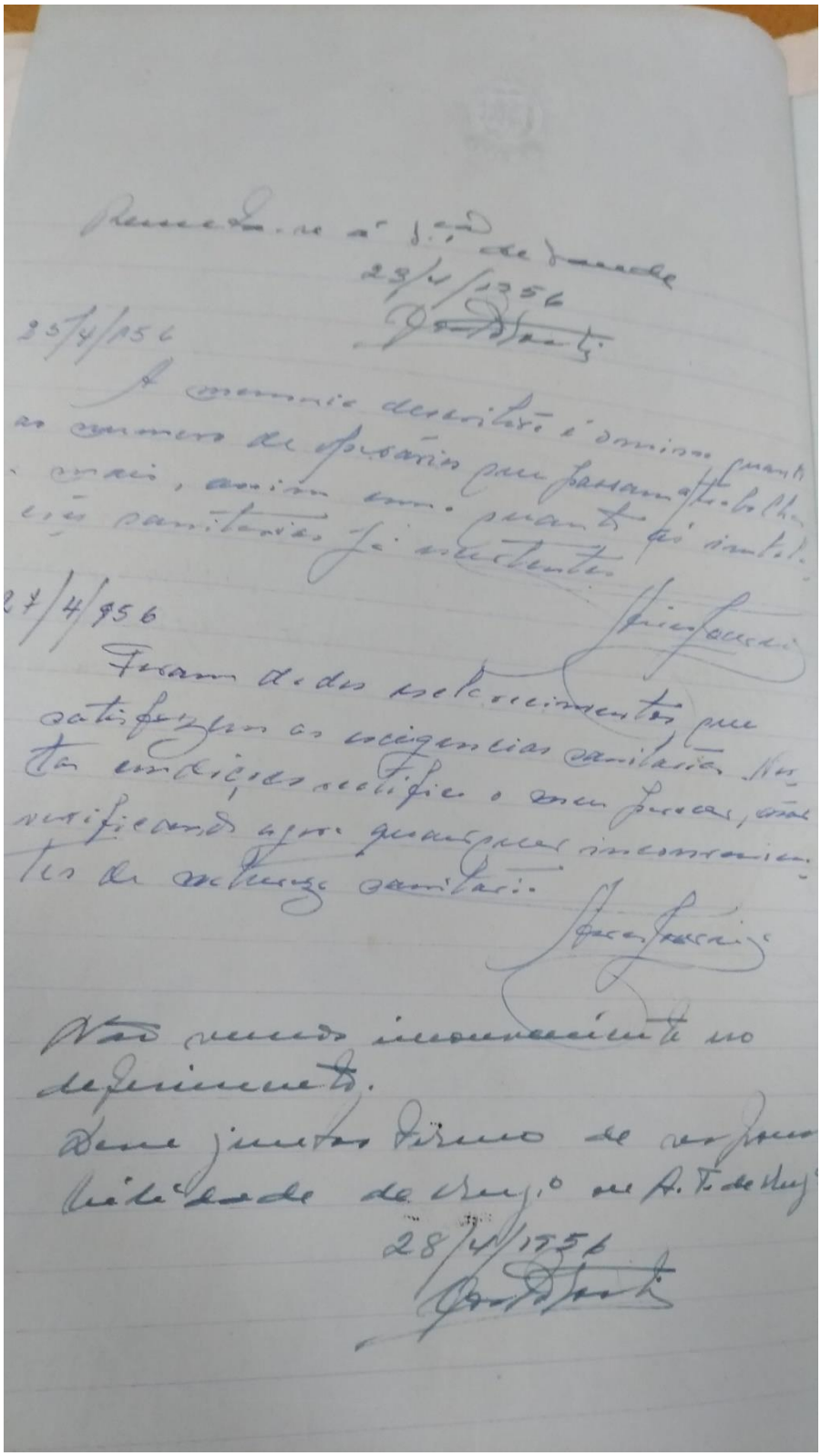


Figura 36a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Livro de obras (1953-1956)

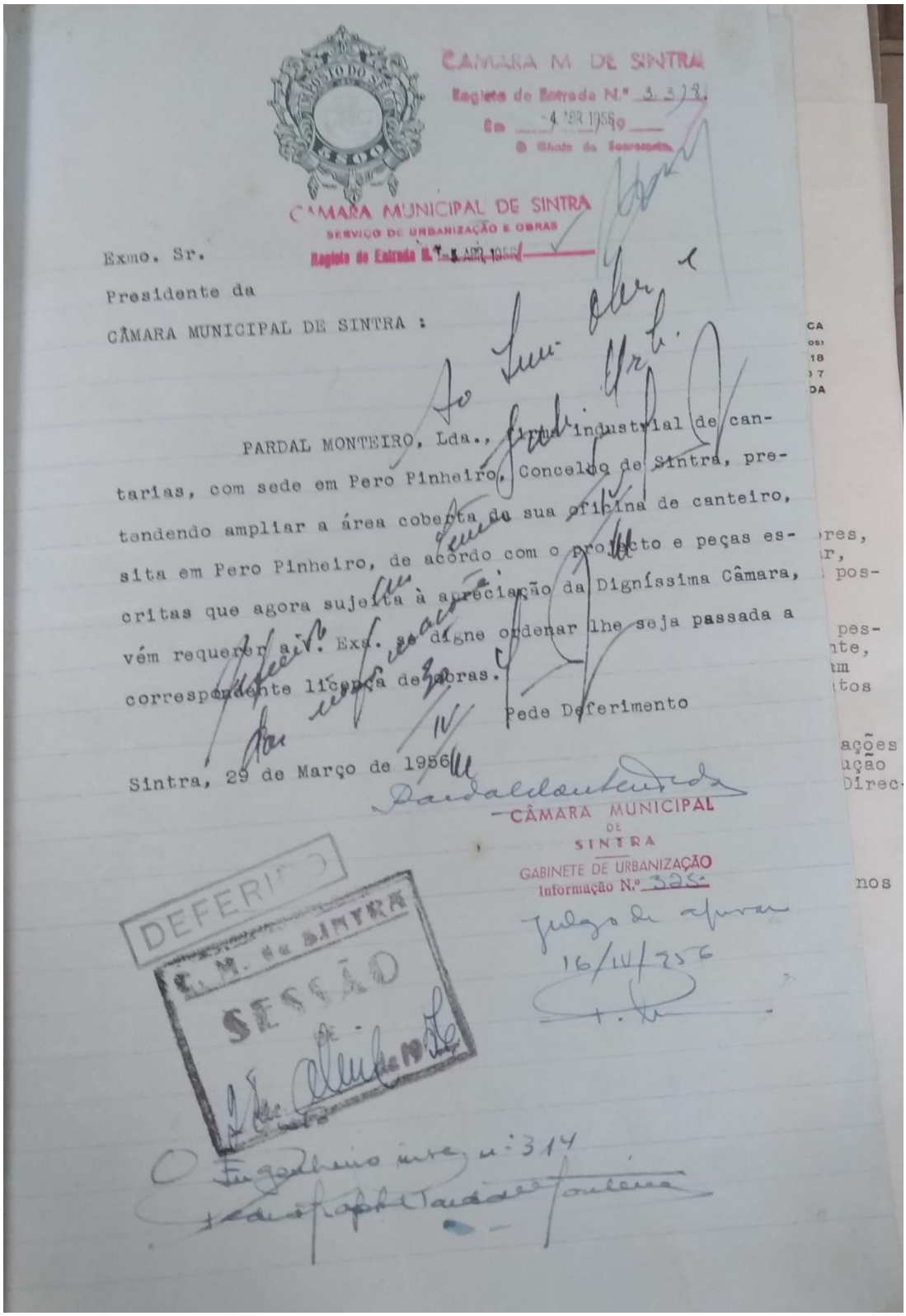
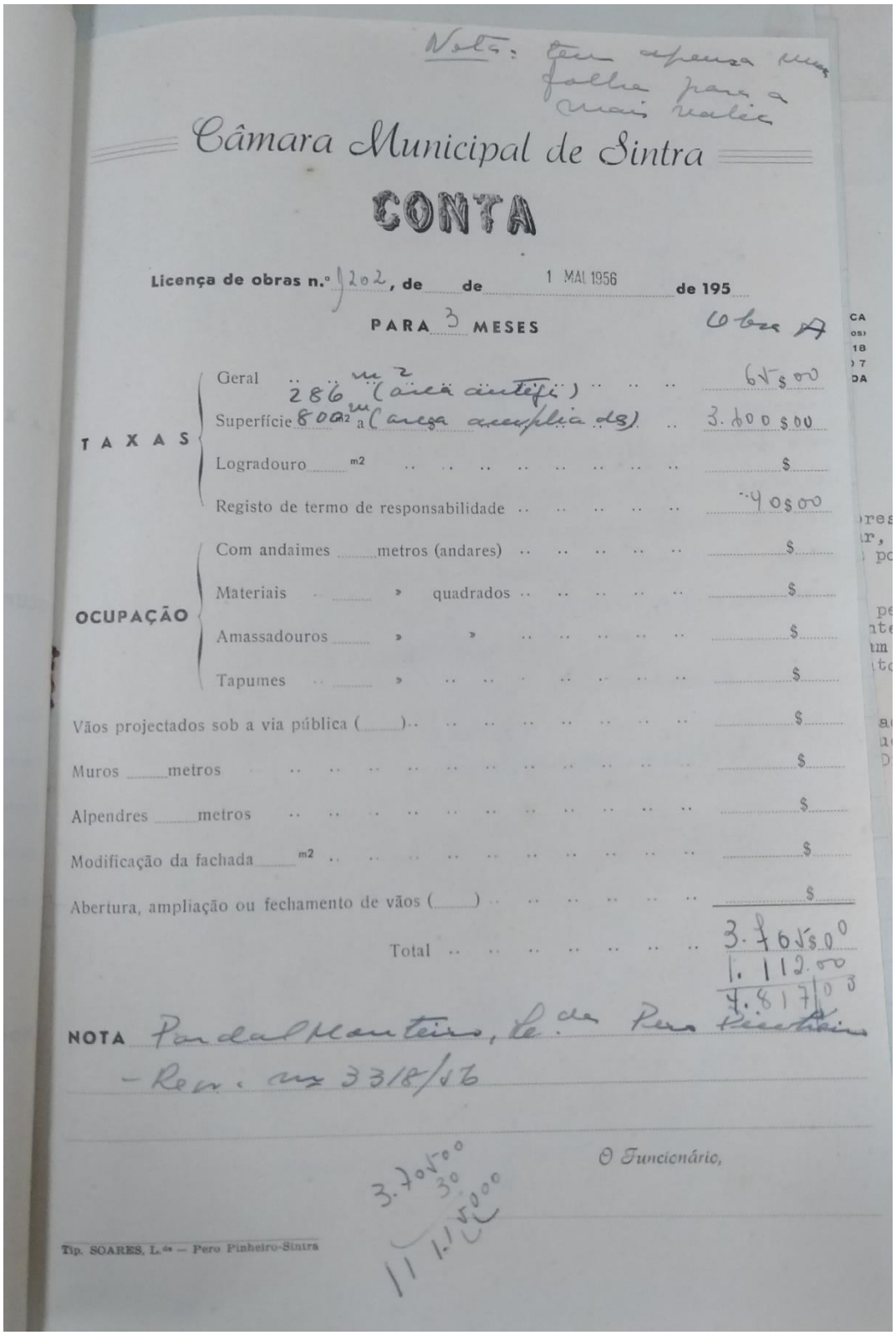


Figura 37- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido licença (1953-1956)



Nota: Com despesa mas falta para a mais valia

Câmara Municipal de Sintra

CONTA

Licença de obras n.º 1202, de de 1 MAI 1956 de 195

PARA 3 MESES

Obra A

TAXAS

Geral 286 m2 (área científ.) 6$00

Superfície 800 m2 a (área ampliada) 3.600$00

Logradouro m2 $

Registo de termo de responsabilidade 40$00

OCUPAÇÃO

Com andaimes metros (andares) $

Materiais » quadrados $

Amassadouros » » $

Tapumes » $

Vãos projectados sob a via pública ( ) $

Muros metros $

Alpendres metros $

Modificação da fachada m2 $

Abertura, ampliação ou fechamento de vãos ( ) $

Total 3.646$00
1.112.00
4.817$00

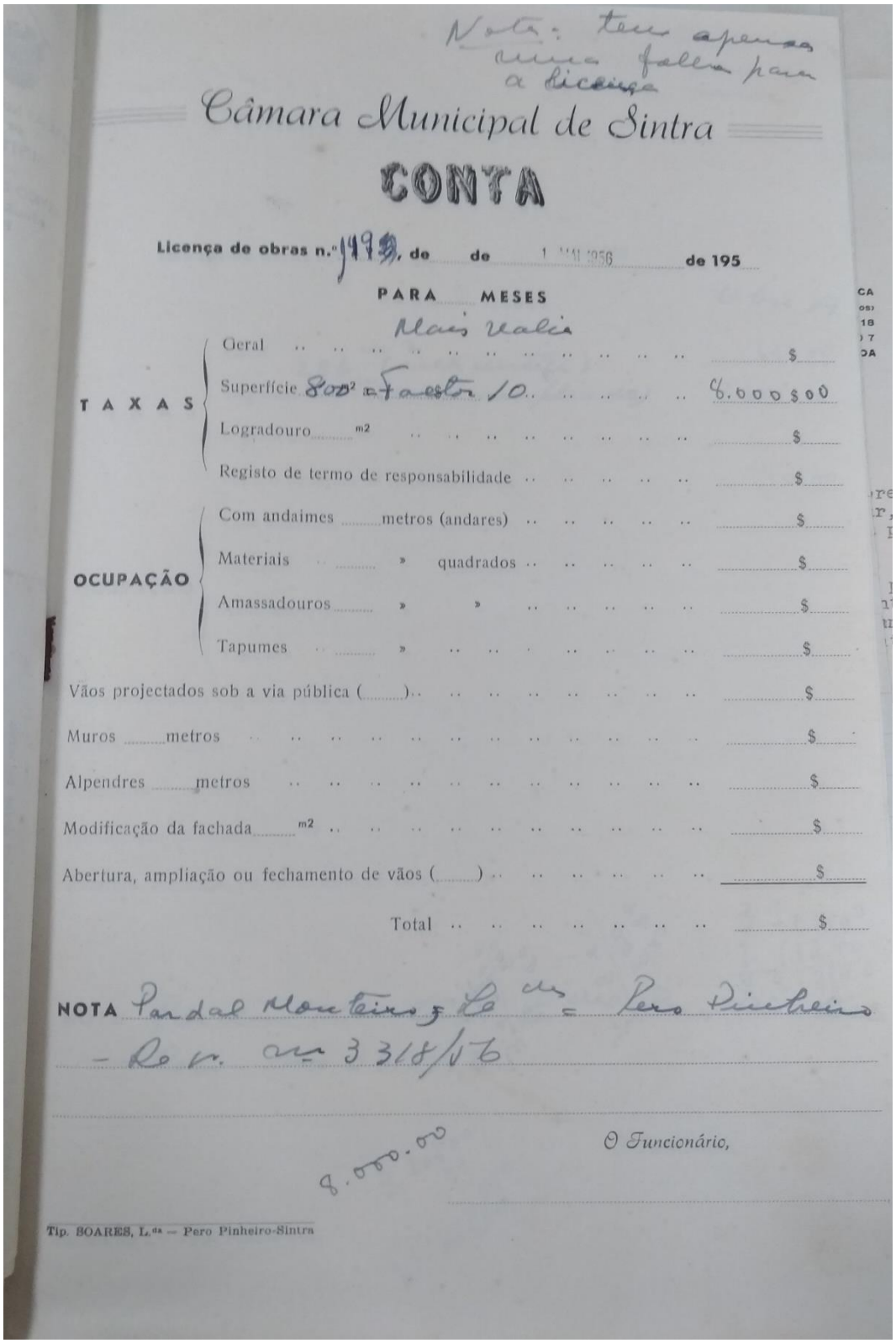
NOTA Pardal Monteiro, Lda Pero Pinheiro
- Rem. nº 3318/56

O Funcionário,

3.700$00
30$00
1.112$00

Tip. SOARES, L.da — Pero Pinheiro-Sintra

Figura 38- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Despesas Licença da Câmara Municipal de Sintra (1953-1956)



Nota: Tem apenas uma falta para a licença

Câmara Municipal de Sintra

CONTA

Licença de obras n.º 1193, de de 1 [illegible] 1956 de 195

PARA MESES

Mais valia

TAXAS
- Geral .. $
- Superfície 800m² - 5 a esta 10. .. 6.000$00
- Logradouro m² .. $
- Registo de termo de responsabilidade .. $

OCUPAÇÃO
- Com andaimes metros (andares) .. $
- Materiais » quadrados .. $
- Amassadouros » » .. $
- Tapumes » .. $

Vãos projectados sob a via pública (.....) .. $

Muros metros .. $

Alpendres metros .. $

Modificação da fachada m² .. $

Abertura, ampliação ou fechamento de vãos (.....) .. $

Total .. $

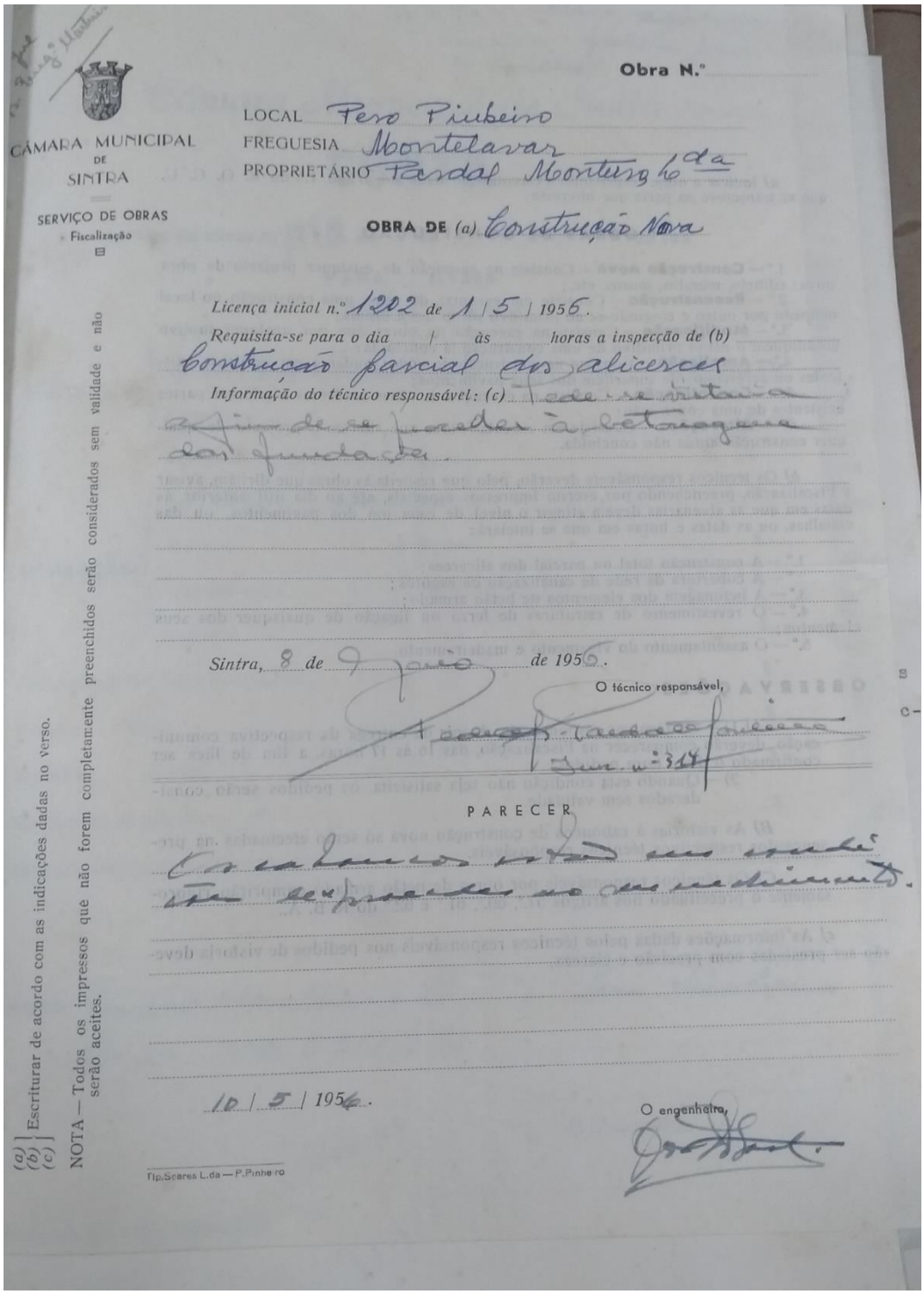
NOTA Pardal Monteiro & Lda = Pero Pinheiro - Ref. ao 3318/56

6.000.00

O Funcionário,

Tip. SOARES, L.da — Pero Pinheiro-Sintra

Figura 39- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Despesas Mais Valias da Câmara Municipal de Sintra (1953-1956)



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇO DE OBRAS
Fiscalização

Obra N.º

LOCAL Pero Pinheiro
FREGUESIA Montelavar
PROPRIETÁRIO Fardal Monteiro & da

OBRA DE (a) Construção Nova

Licença inicial n.º 1202 de 1 | 5 | 1956.
Requisita-se para o dia | às horas a inspecção de (b)
Construção parcial das alicerces
Informação do técnico responsável: (c) Pode-se vistoriar
a fim de se proceder à betonagem
das fundações.

Sintra, 8 de Junho de 1956.

O técnico responsável,

Tarefa de Fiscalização
Num. nº 3318

PARECER

Os alicerces estão em condições de serem betonados no seu melhoramento.

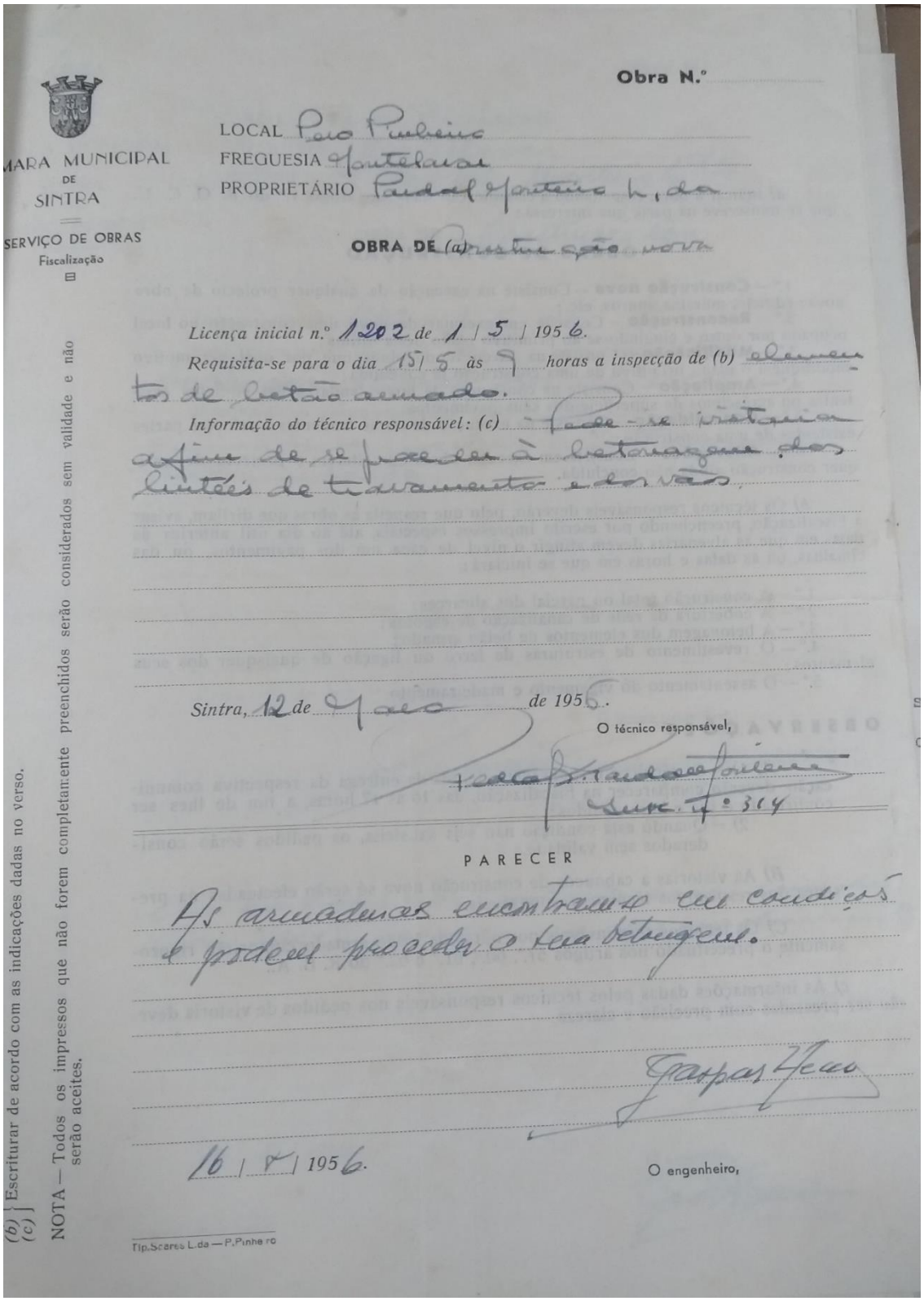
10 | 5 | 1956.

O engenheiro,

Tip. Soares L.da — P. Pinheiro

NOTA — Todos os impressos que não forem completamente preenchidos serão considerados sem validade e não serão aceites.
(a) (b) (c) Escriturar de acordo com as indicações dadas no verso.

Figura 40- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido de vistoria betonagem das fundações (1953-1956)



Obra N.º

MARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇO DE OBRAS
Fiscalização

LOCAL Paço Pinheiro
FREGUESIA Montelavar
PROPRIETÁRIO Paúl de Montelavar L.da

OBRA DE (a) Construção nova

Licença inicial n.º 1202 de 1 / 5 / 1956.
Requisita-se para o dia 15/5 às 9 horas a inspecção de (b) alvenarias de betão armado.
Informação do técnico responsável: (c) Pede-se vistoria afim de se proceder à betonagem dos lintéis de travamento e dos vãos.

Sintra, 12 de Maio de 1956.

O técnico responsável,

Eng.º Civil n.º 314

PARECER

As armaduras encontram-se em condições e podem proceder à sua betonagem.

16 / V / 1956.

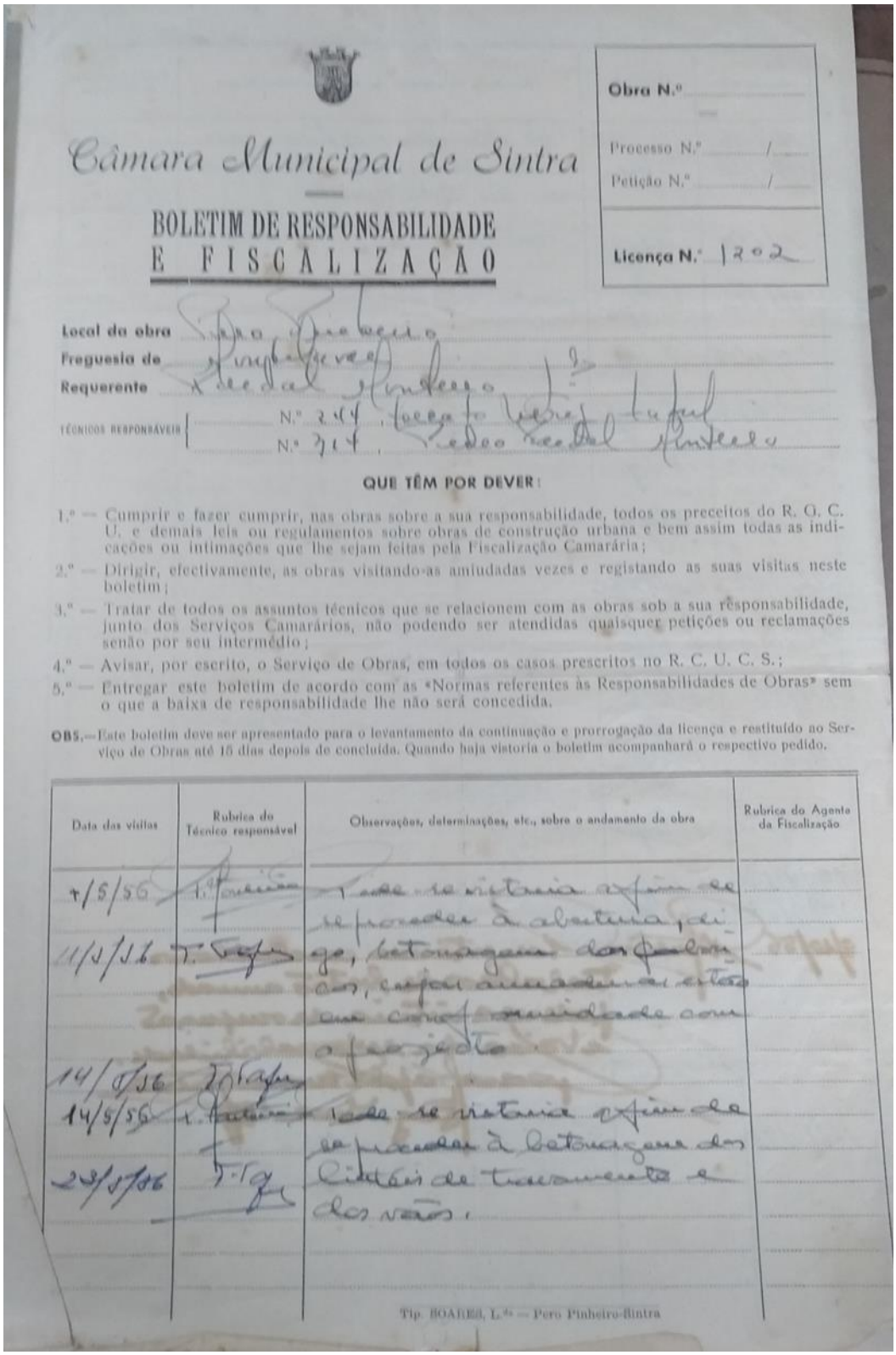
O engenheiro,

(b) } Escriturar de acordo com as indicações dadas no verso.
(c) }

NOTA — Todos os impressos que não forem completamente preenchidos serão considerados sem validade e não serão aceites.

Tip. Soares L.da — P. Pinheiro

Figura 41- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido de vistoria betonagem dos lintéis de travamentos e dos vãos (1953-1956)



Câmara Municipal de Sintra

BOLETIM DE RESPONSABILIDADE E FISCALIZAÇÃO

Obra N.º
Processo N.º /
Petição N.º /
Licença N.º 1202

Local da obra
Freguesia de
Requerente
TÉCNICOS RESPONSÁVEIS N.º
N.º

QUE TÊM POR DEVER:

1.º — Cumprir e fazer cumprir, nas obras sobre a sua responsabilidade, todos os preceitos do R. G. C. U. e demais leis ou regulamentos sobre obras de construção urbana e bem assim todas as indicações ou intimações que lhe sejam feitas pela Fiscalização Camarária;

2.º — Dirigir, efectivamente, as obras visitando-as amiudadas vezes e registando as suas visitas neste boletim;

3.º — Tratar de todos os assuntos técnicos que se relacionem com as obras sob a sua responsabilidade, junto dos Serviços Camarários, não podendo ser atendidas quaisquer petições ou reclamações senão por seu intermédio;

4.º — Avisar, por escrito, o Serviço de Obras, em todos os casos prescritos no R. C. U. C. S.;

5.º — Entregar este boletim de acordo com as «Normas referentes às Responsabilidades de Obras» sem o que a baixa de responsabilidade lhe não será concedida.

OBS.—Este boletim deve ser apresentado para o levantamento da continuação e prorrogação da licença e restituído ao Serviço de Obras até 15 dias depois de concluída. Quando haja vistoria o boletim acompanhará o respectivo pedido.

Data das visitas	Rubrica do Técnico responsável	Observações, determinações, etc., sobre o andamento da obra	Rubrica do Agente da Fiscalização
7/5/56		Pede-se vistoria afim de se proceder à abertura de	
11/5/56		go, betonagem dos pilares,	
		em conformidade com	
		o projecto.	
14/5/56			
14/5/56		Pede-se vistoria afim de	
		se proceder à betonagem dos	
22/5/56		Cintéis de travamento e	
		dos vãos.	

Tip. SOARES, L.da — Pero Pinheiro-Sintra

Figura 42- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)

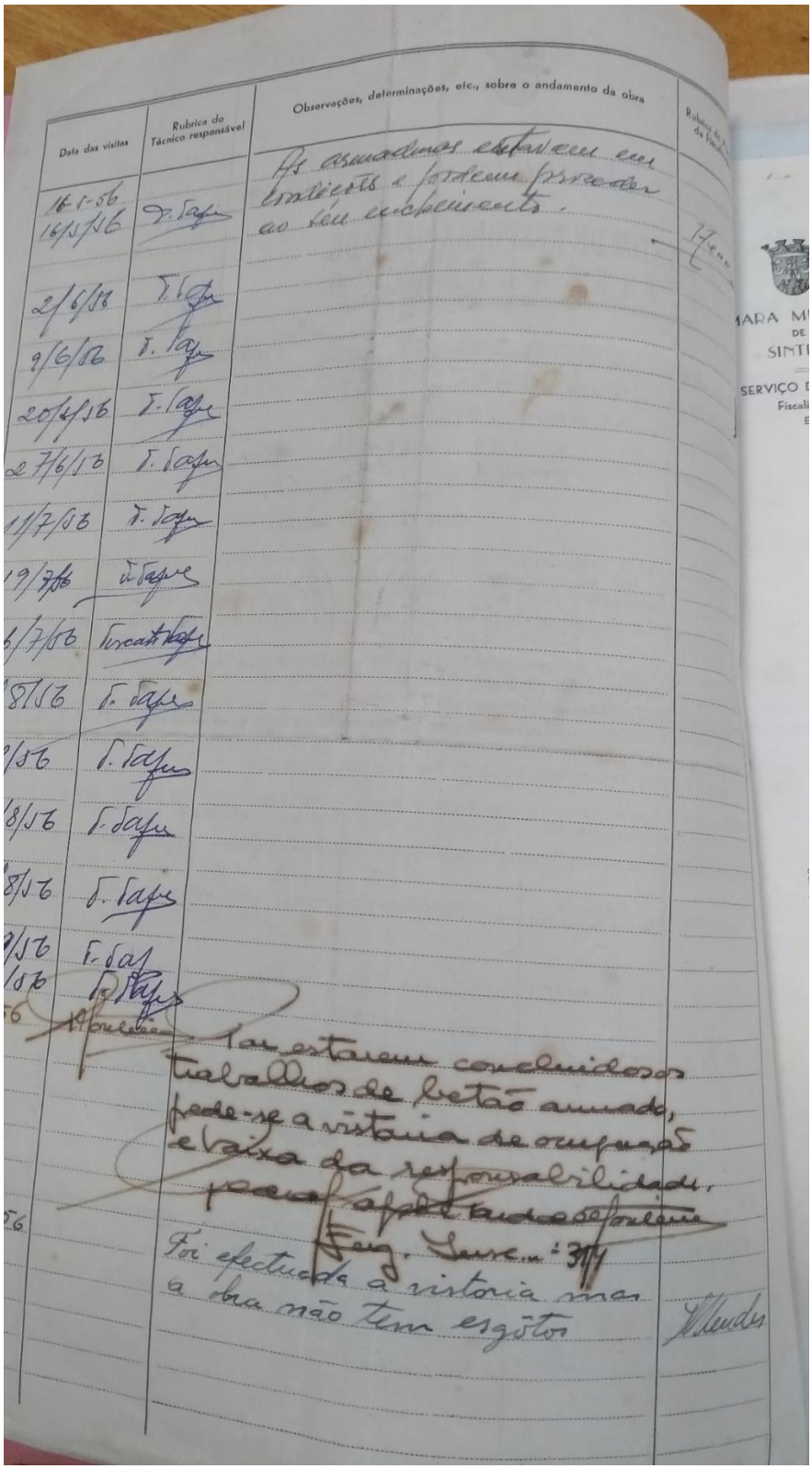
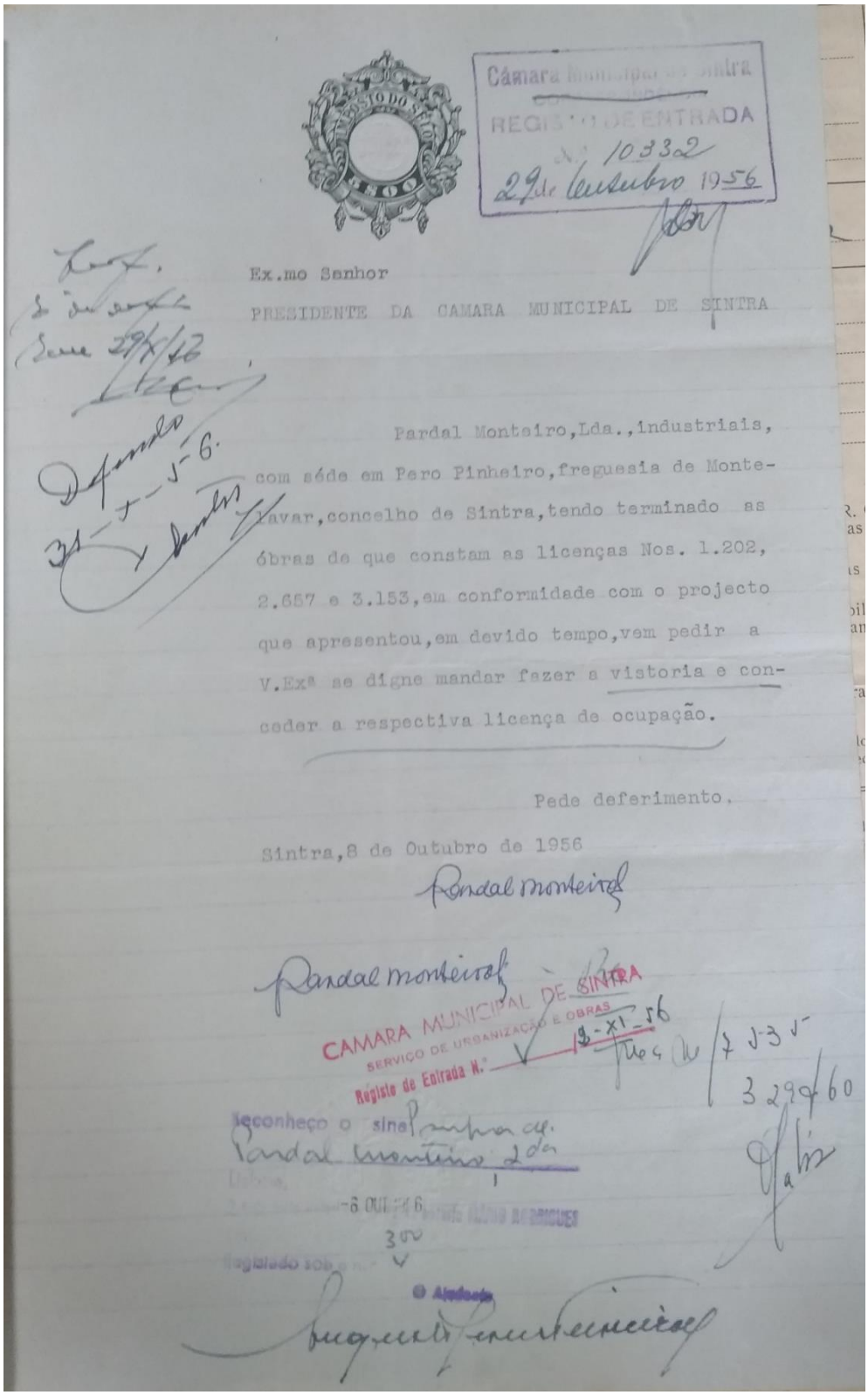


Figura 42a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)



Câmara Municipal de Sintra
REGISTO DE ENTRADA
Nº 10332
29 de Outubro 1956

Ex.mo Senhor
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Pardal Monteiro,Lda.,industriais, com séde em Pero Pinheiro,freguesia de Montelavar,concelho de Sintra,tendo terminado as óbras de que constam as licenças Nos. 1.202, 2.657 e 3.153,em conformidade com o projecto que apresentou,em devido tempo,vem pedir a V.Exª se digne mandar fazer a vistoria e conceder a respectiva licença de ocupação.

Pede deferimento.

Sintra,8 de Outubro de 1956

Pardal Monteiro

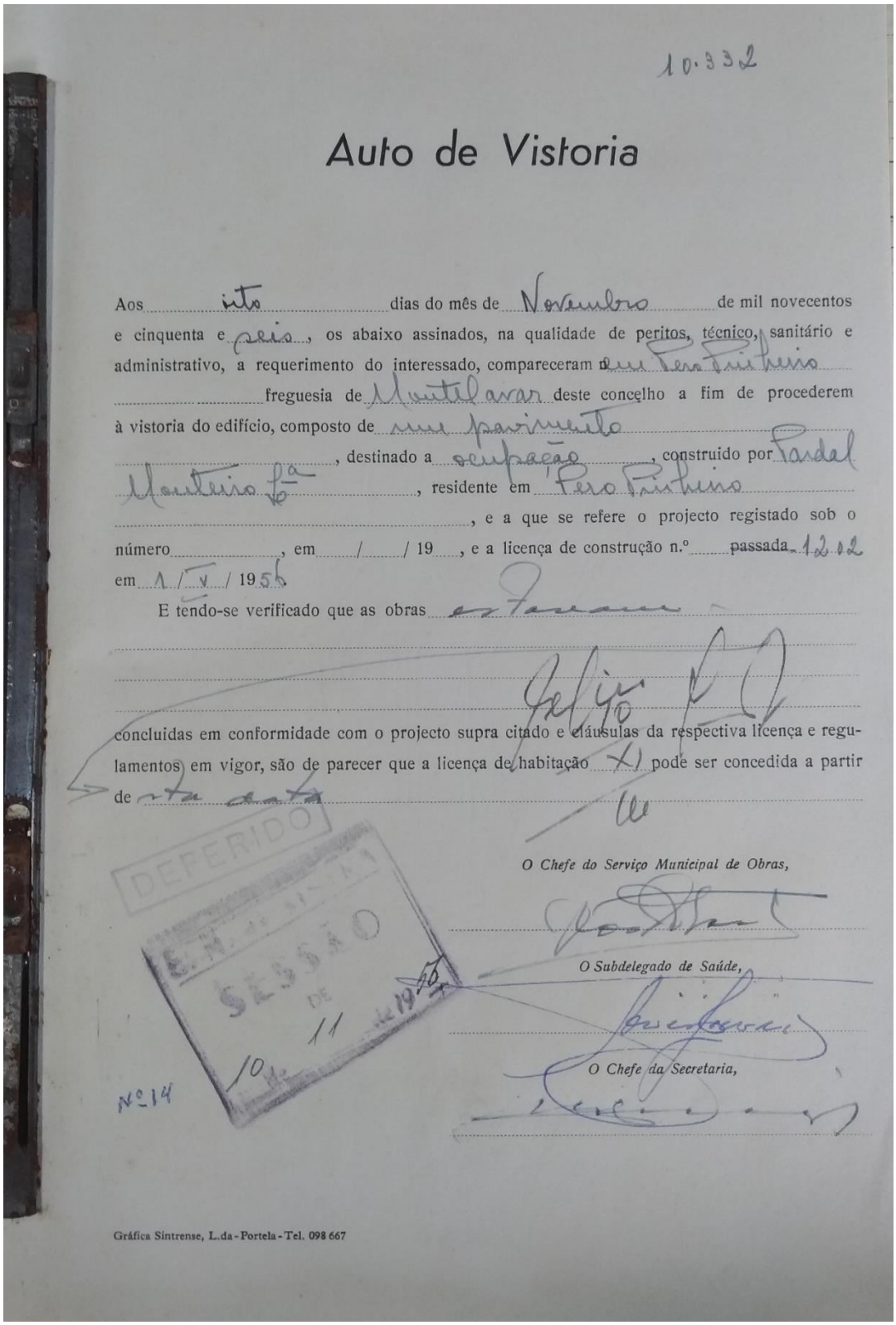
Pardal Monteiro

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º 9-XI-56

Reconheço o sinal Pardal Monteiro Lda

3299/60

Figura 43- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido de vistoria para cedência da respetiva licença de ocupação (1953-1956)



10.332

Auto de Vistoria

Aos oito dias do mês de Novembro de mil novecentos e cinquenta e seis, os abaixo assinados, na qualidade de peritos, técnico, sanitário e administrativo, a requerimento do interessado, compareceram no Pero Pinheiro freguesia de Montelavar deste concelho a fim de procederem à vistoria do edifício, composto de rés-do-chão, destinado a ocupação, construido por Fardel Monteiro & Fº, residente em Pero Pinheiro, e a que se refere o projecto registado sob o número , em / / 19 , e a licença de construção n.º passada 1202 em 1 / V / 1956.

E tendo-se verificado que as obras estão

concluidas em conformidade com o projecto supra citado e cláusulas da respectiva licença e regulamentos em vigor, são de parecer que a licença de habitação X) pode ser concedida a partir de esta data

DEFERIDO

E. M. de Sintra

SESSÃO DE 11 de 1956

10

Nº 14

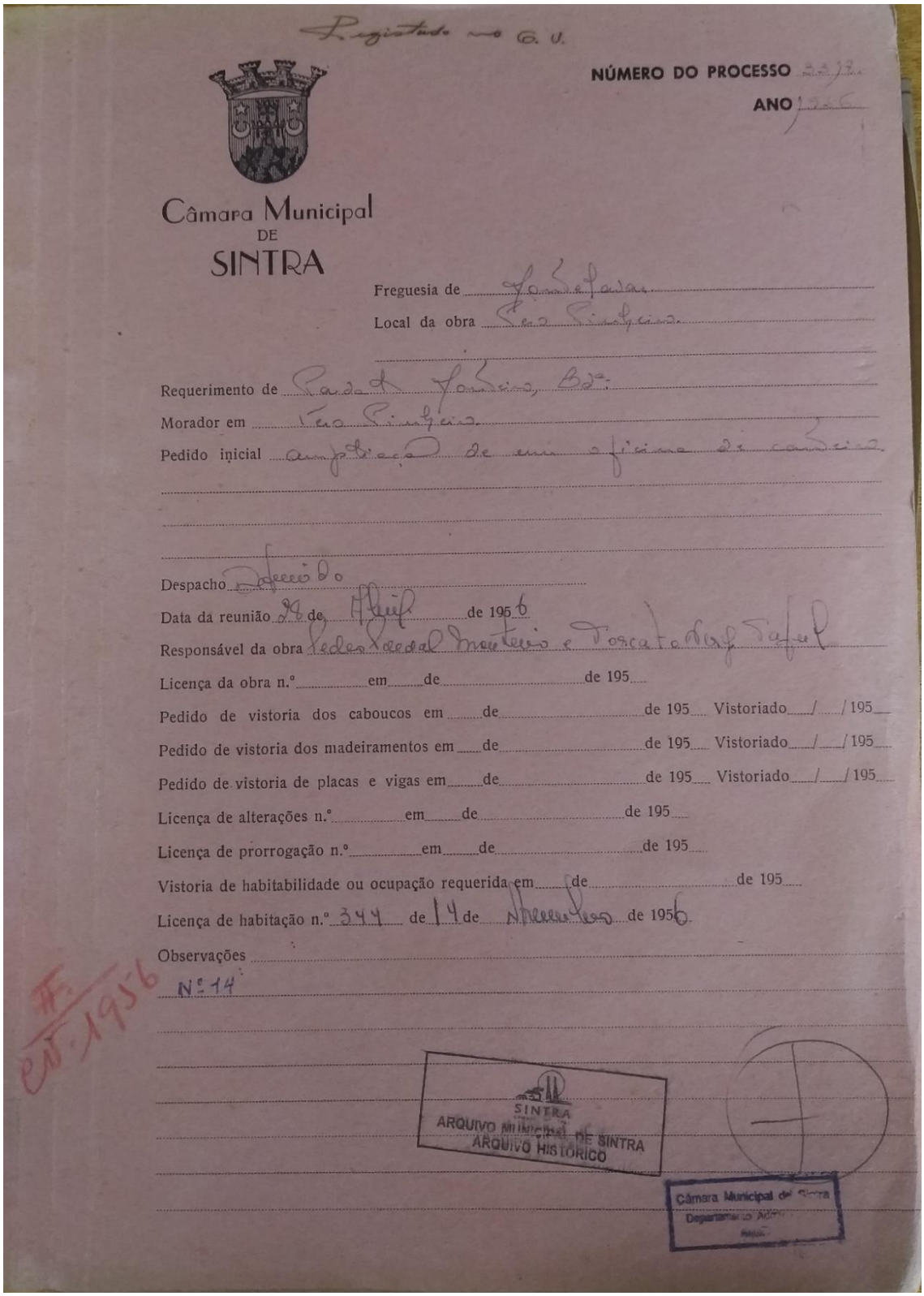
O Chefe do Serviço Municipal de Obras,

O Subdelegado de Saúde,

O Chefe da Secretaria,

Gráfica Sintrense, L.da - Portela - Tel. 098 667

Figura 44- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Auto de vistoria (1953-1956)


Registado no G. U.

NÚMERO DO PROCESSO 3318

ANO 1956

Câmara Municipal
DE
SINTRA

Freguesia de S. Pedro de Penaferrim

Local da obra Rua Dr. Alfredo Costa

Requerimento de Paula Fonseca, Bda.

Morador em Rua Dr. Alfredo Costa

Pedido inicial Ampliação de uma oficina de carpintaria.

Despacho Deferido

Data da reunião 29 de Março de 1956

Responsável da obra Pedro Pascoal Monteiro e Horácio Rafael

Licença da obra n.º ____ em ____ de ____ de 195__

Pedido de vistoria dos caboucos em ____ de ____ de 195__ Vistoriado ____/____/195__

Pedido de vistoria dos madeiramentos em ____ de ____ de 195__ Vistoriado ____/____/195__

Pedido de vistoria de placas e vigas em ____ de ____ de 195__ Vistoriado ____/____/195__

Licença de alterações n.º ____ em ____ de ____ de 195__

Licença de prorrogação n.º ____ em ____ de ____ de 195__

Vistoria de habitabilidade ou ocupação requerida em ____ de ____ de 195__

Licença de habitação n.º 344 de 14 de Novembro de 1956

Observações

Nº 14

F. Est. 1956

SINTRA
ARQUIVO MUNICIPAL DE SINTRA
ARQUIVO HISTÓRICO

Câmara Municipal de Sintra
Departamento de Administração Geral

Figura 45- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: capa (1953-1956)

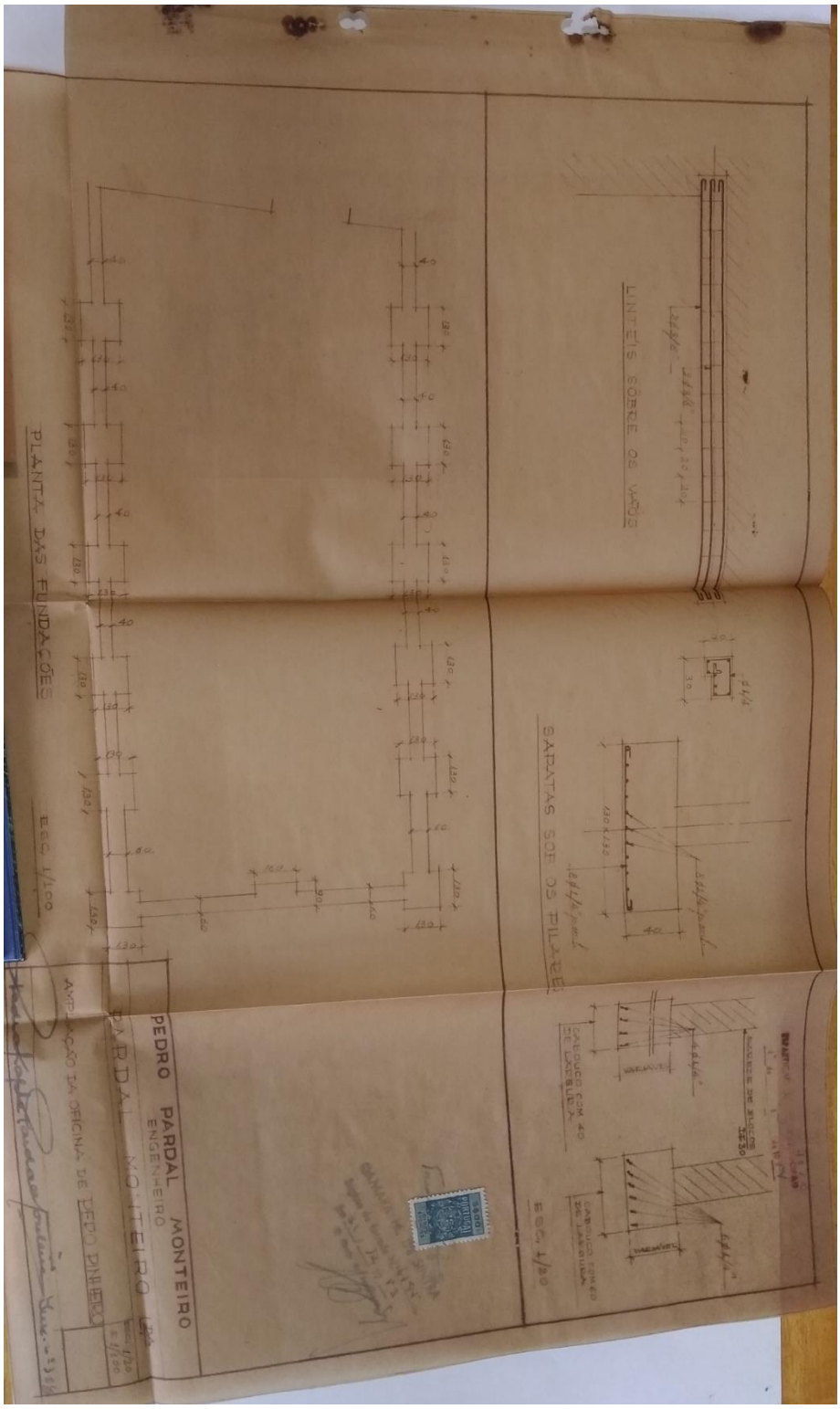


Figura 46- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: planta fundações (1953-1956)

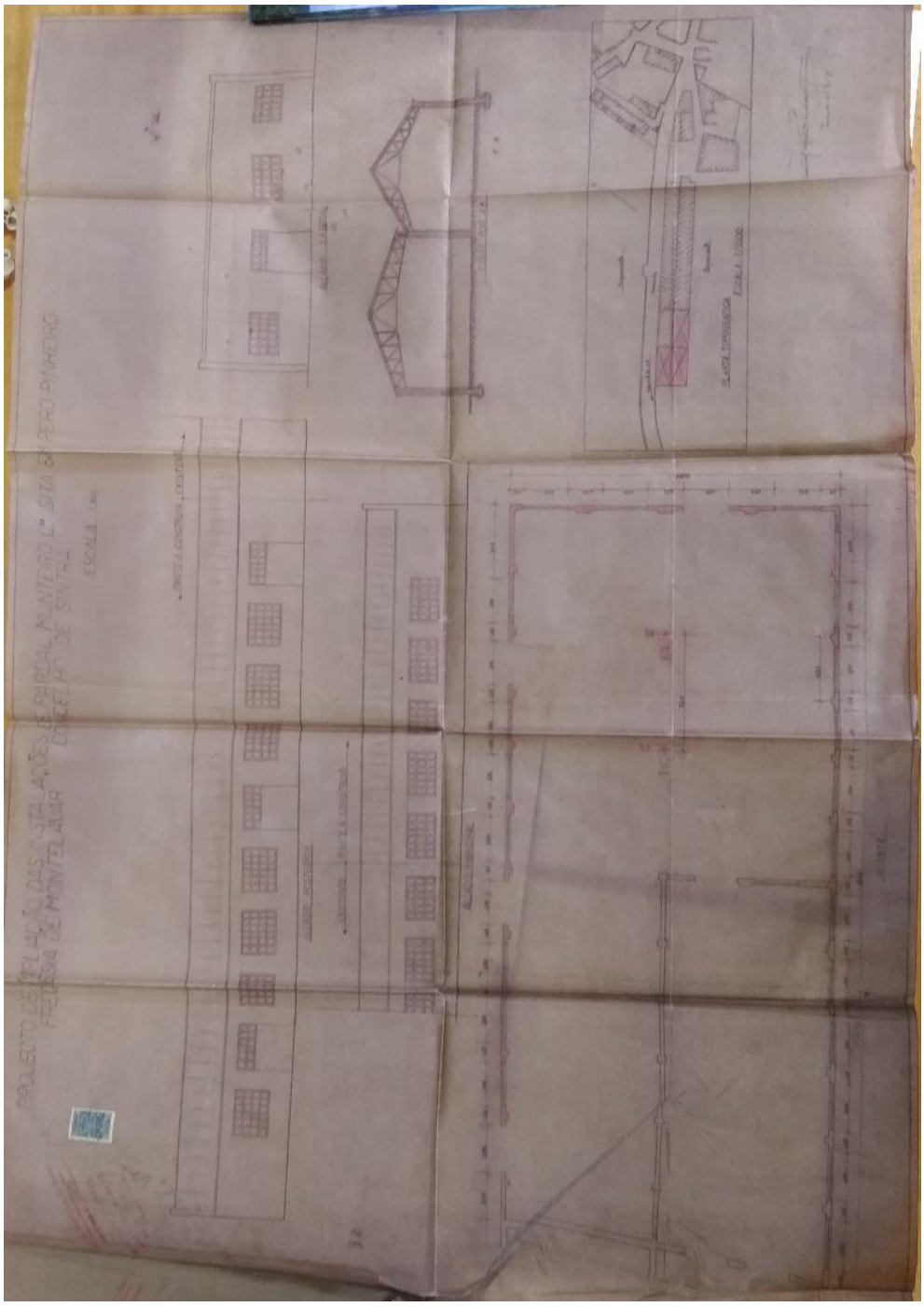


Figura 47- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: alçados, planta, corte, planta topográfica (1953-1956)

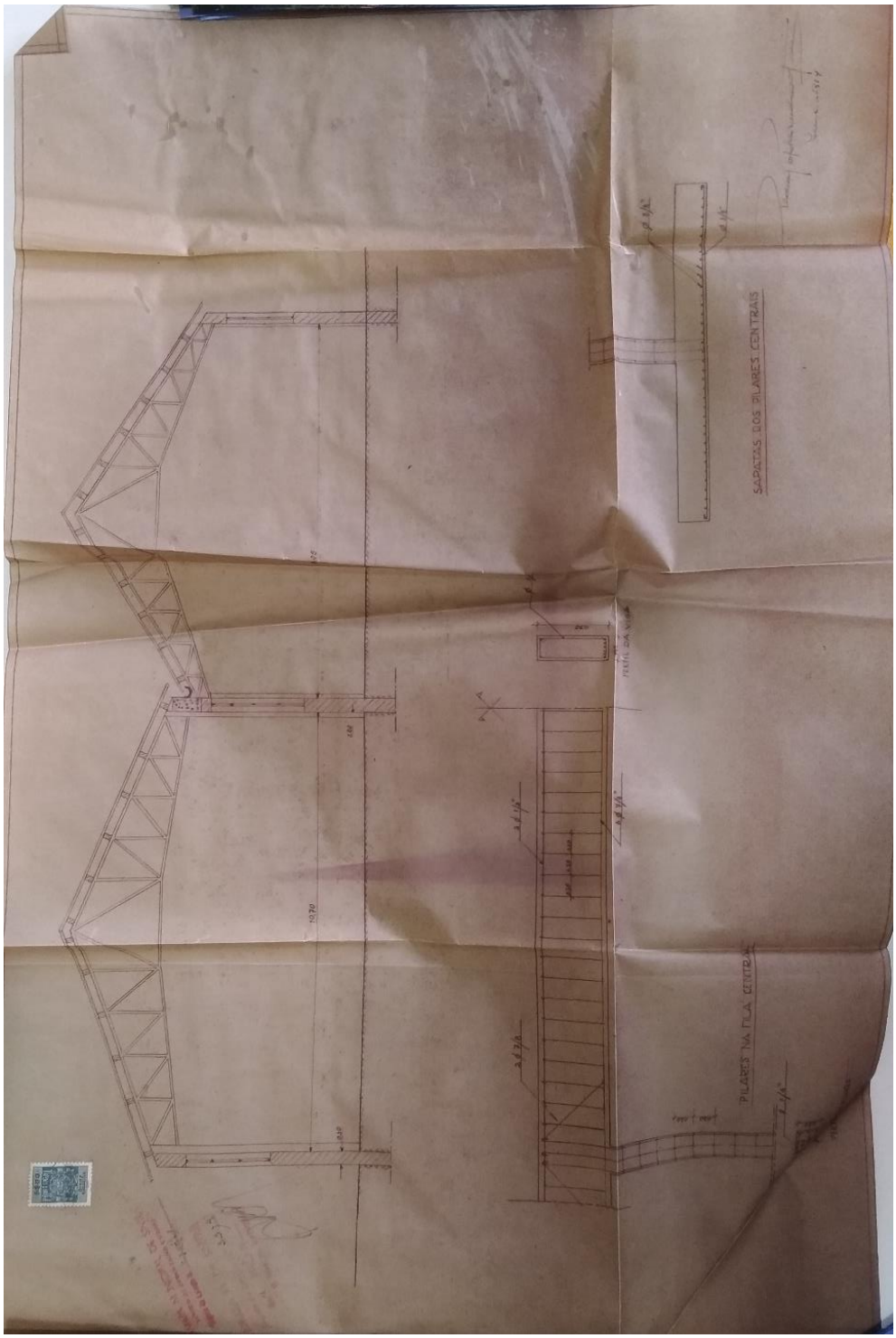


Figura 48- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: corte e fundações (1953-1956)

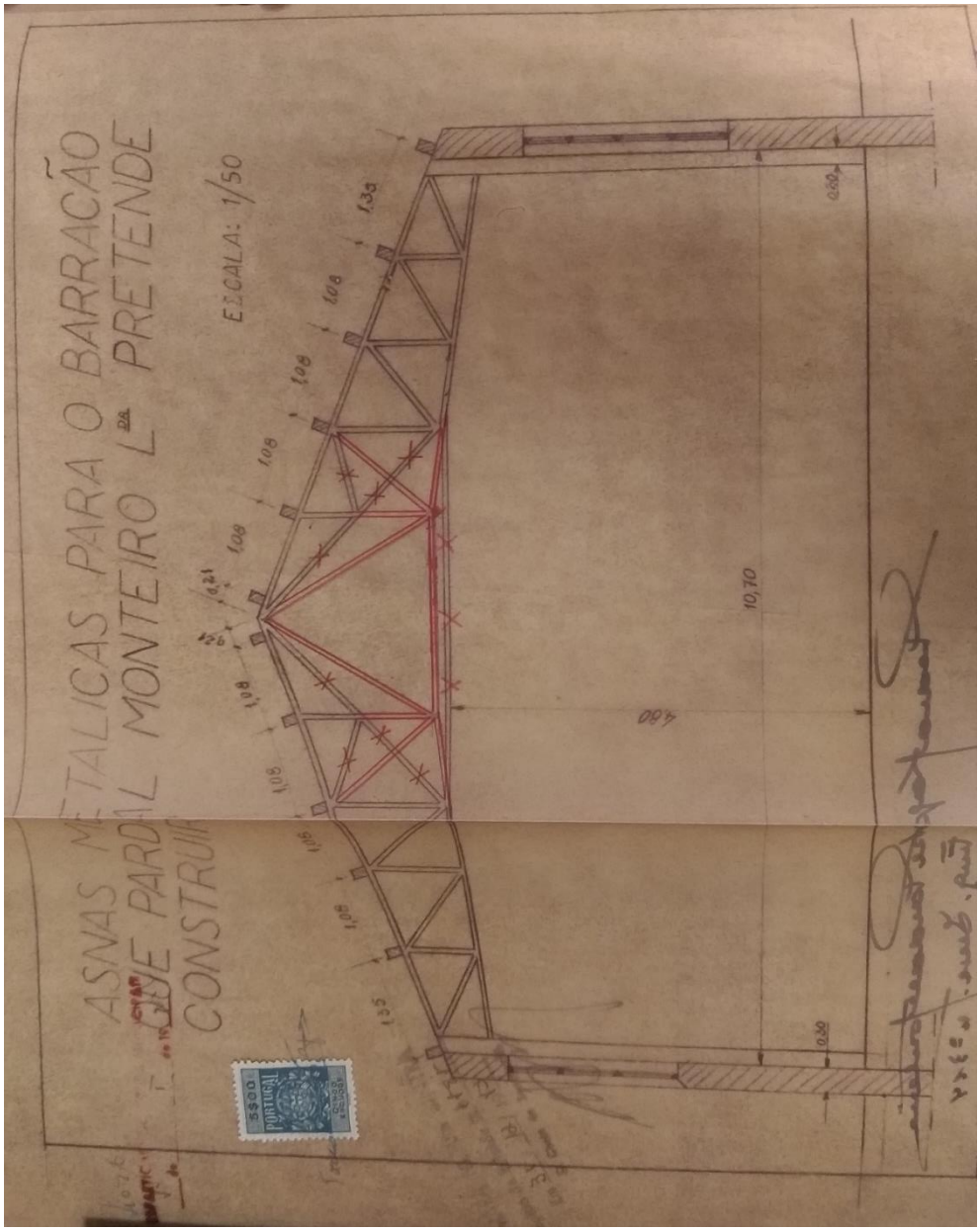


Figura 49- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: corte (1953-1956)

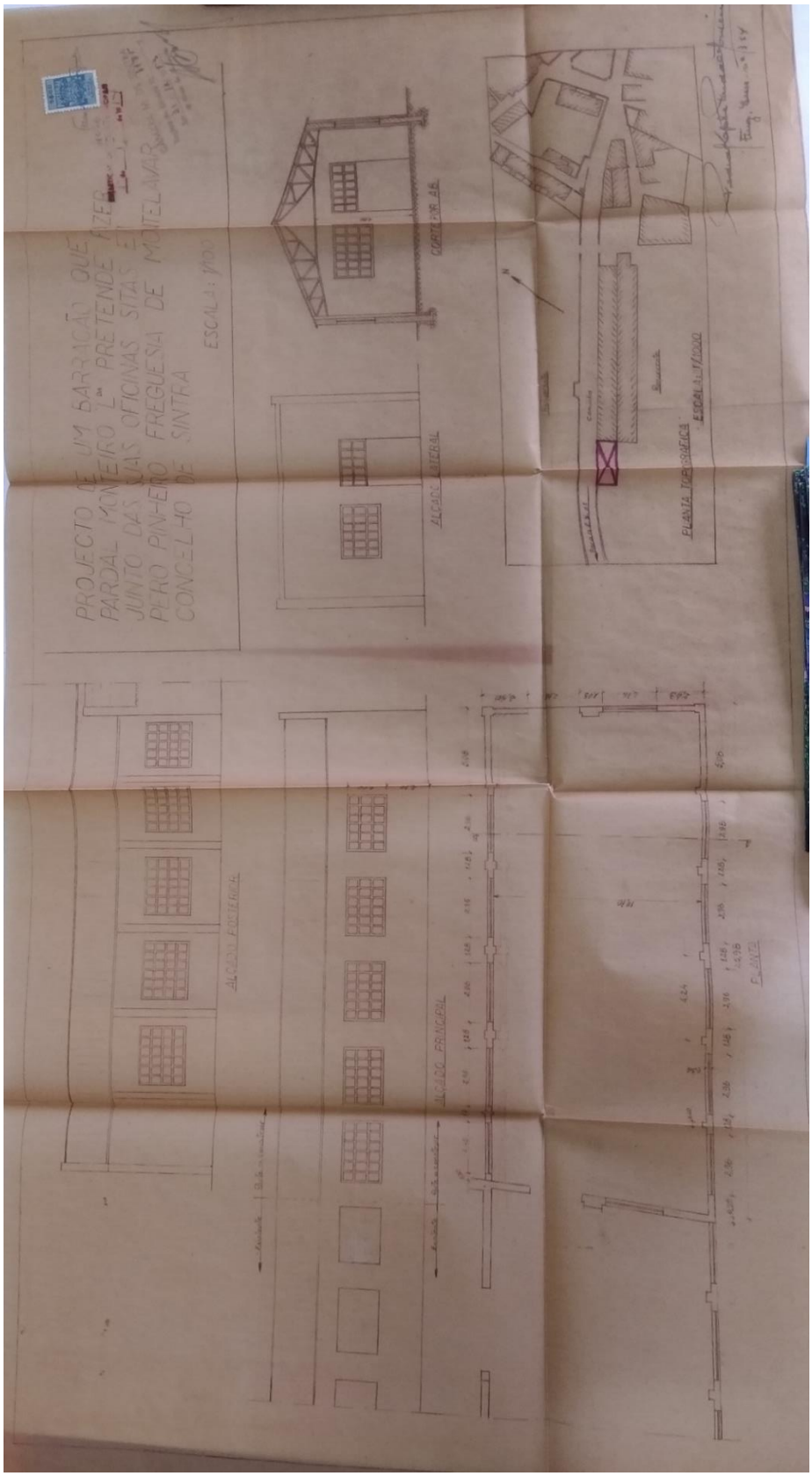
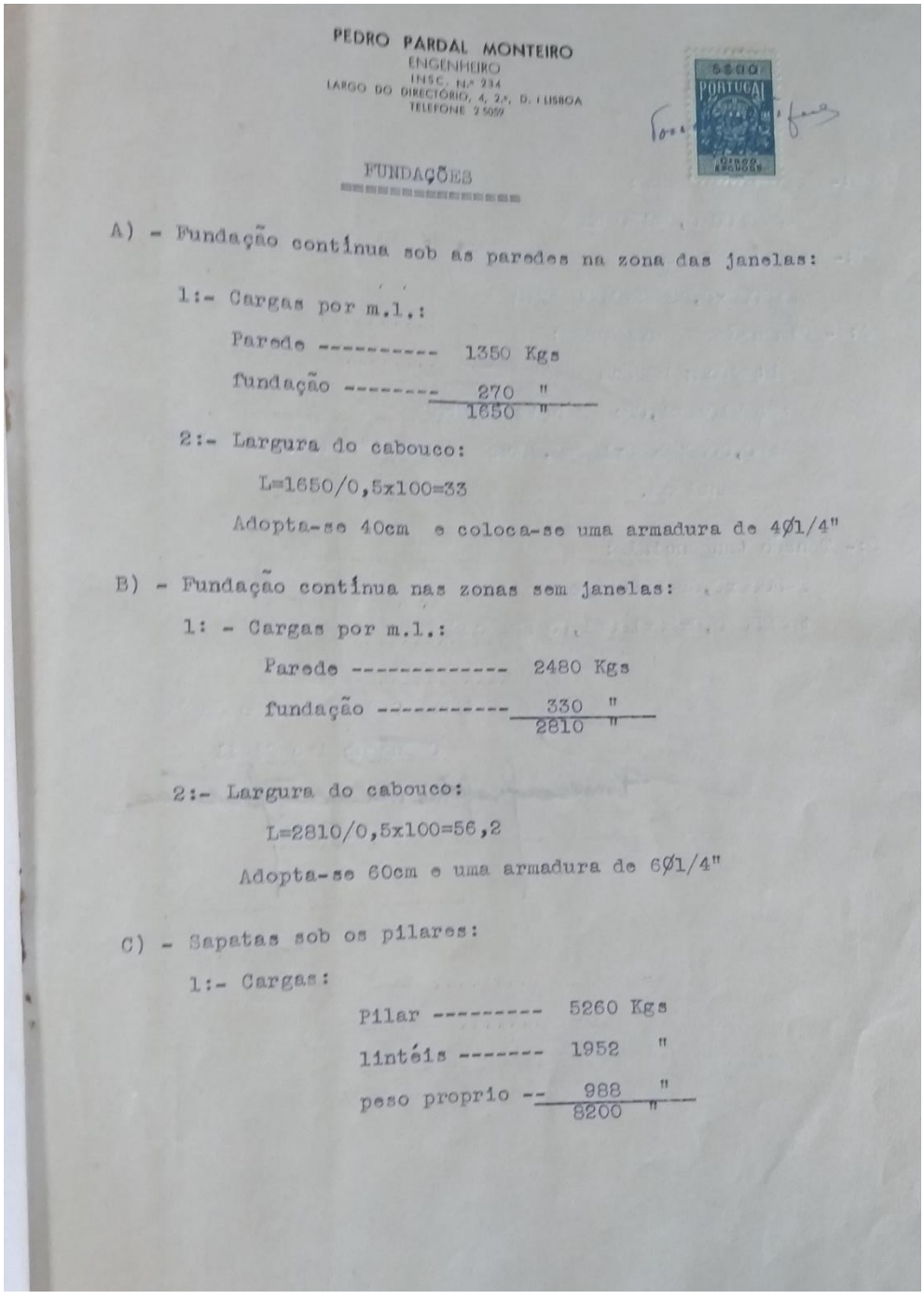


Figura 50- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Peças desenhadas: planta, alçados e planta de localização (1953-1956)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
INSC. N.º 234
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. LISBOA
TELEFONE 2 5059

FUNDAÇÕES

A) - Fundação contínua sob as paredes na zona das janelas:

1:- Cargas por m.l.:

Parede ---------- 1350 Kgs
fundação -------- 270 "
1650 "

2:- Largura do cabouco:

L=1650/0,5x100=33

Adopta-se 40cm e coloca-se uma armadura de 4Ø1/4"

B) - Fundação contínua nas zonas sem janelas:

1: - Cargas por m.l.:

Parede ---------- 2480 Kgs
fundação ---------- 330 "
2810 "

2:- Largura do cabouco:

L=2810/0,5x100=56,2

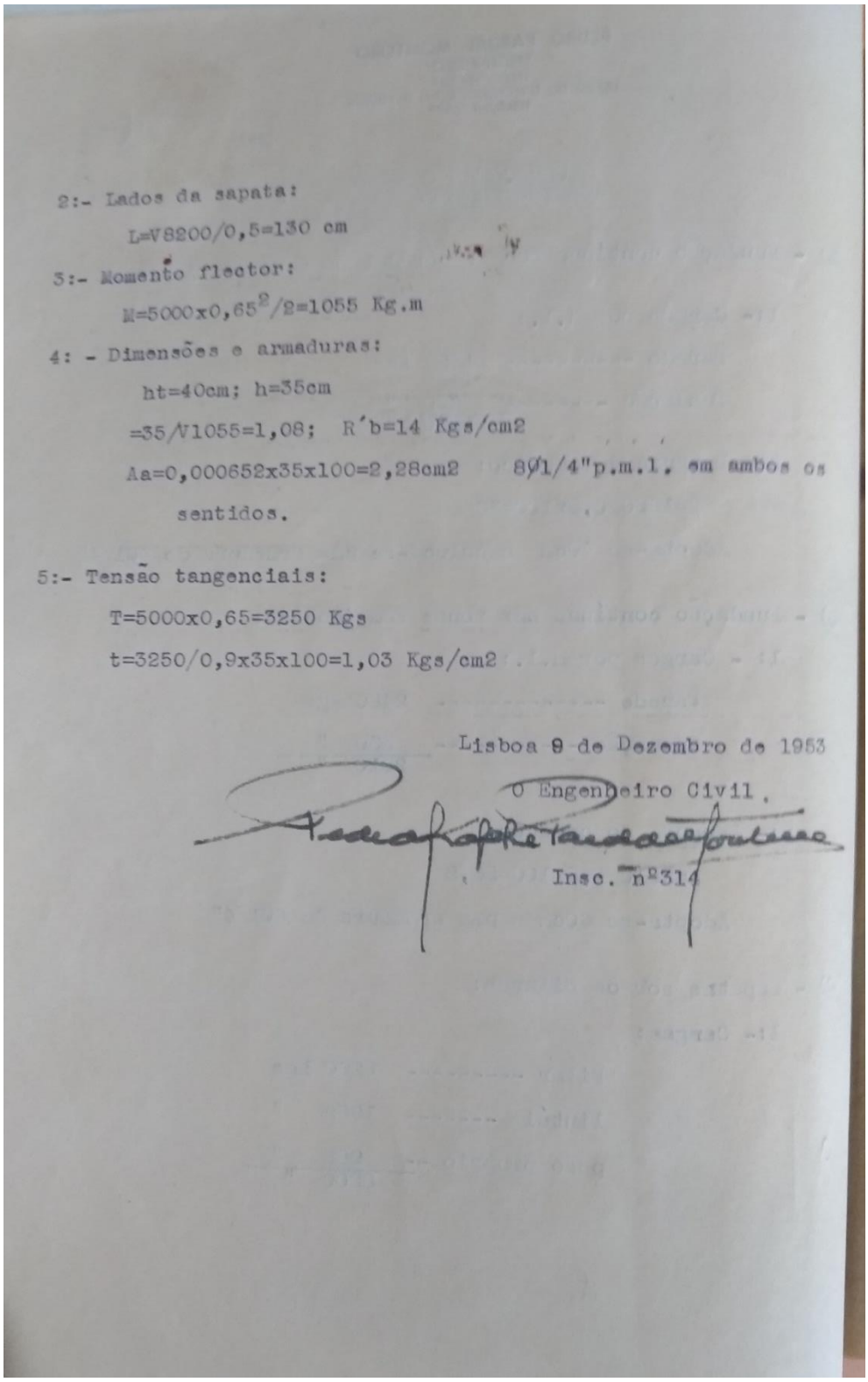
Adopta-se 60cm e uma armadura de 6Ø1/4"

C) - Sapatas sob os pilares:

1:- Cargas:

Pilar --------- 5260 Kgs
lintéis ------- 1952 "
peso proprio -- 988 "
8200 "

Figura 51- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Cálculo fundações (1953-1956)



2:- Lados da sapata:

L=V8200/0,5=130 cm

3:- Momento flector:

M=5000x0,65²/2=1055 Kg.m

4: - Dimensões e armaduras:

ht=40cm; h=35cm

=35/V1055=1,08; R'b=14 Kgs/cm2

Aa=0,000652x35x100=2,28cm2 8Ø1/4"p.m.l. em ambos os sentidos.

5:- Tensão tangenciais:

T=5000x0,65=3250 Kgs

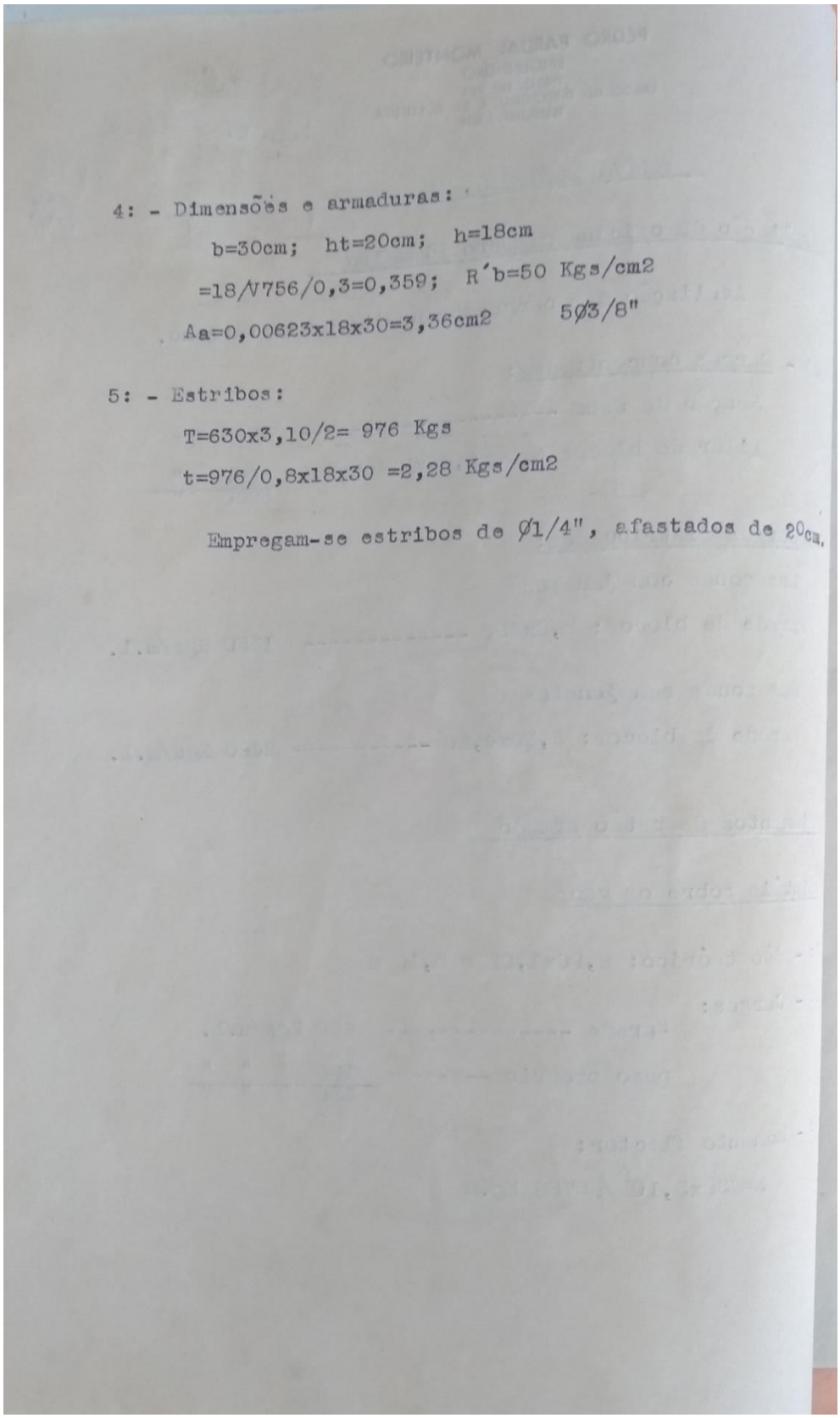
t=3250/0,9x35x100=1,03 Kgs/cm2

Lisboa 9 de Dezembro de 1953

O Engenheiro Civil,

Insc. nº314

Figura 51a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Cálculo fundações (1953-1956)



4: - Dimensões e armaduras:

b=30cm; ht=20cm; h=18cm

=18/√756/0,3=0,359; R'b=50 Kgs/cm2

Aa=0,00623x18x30=3,36cm2 5Ø3/8"

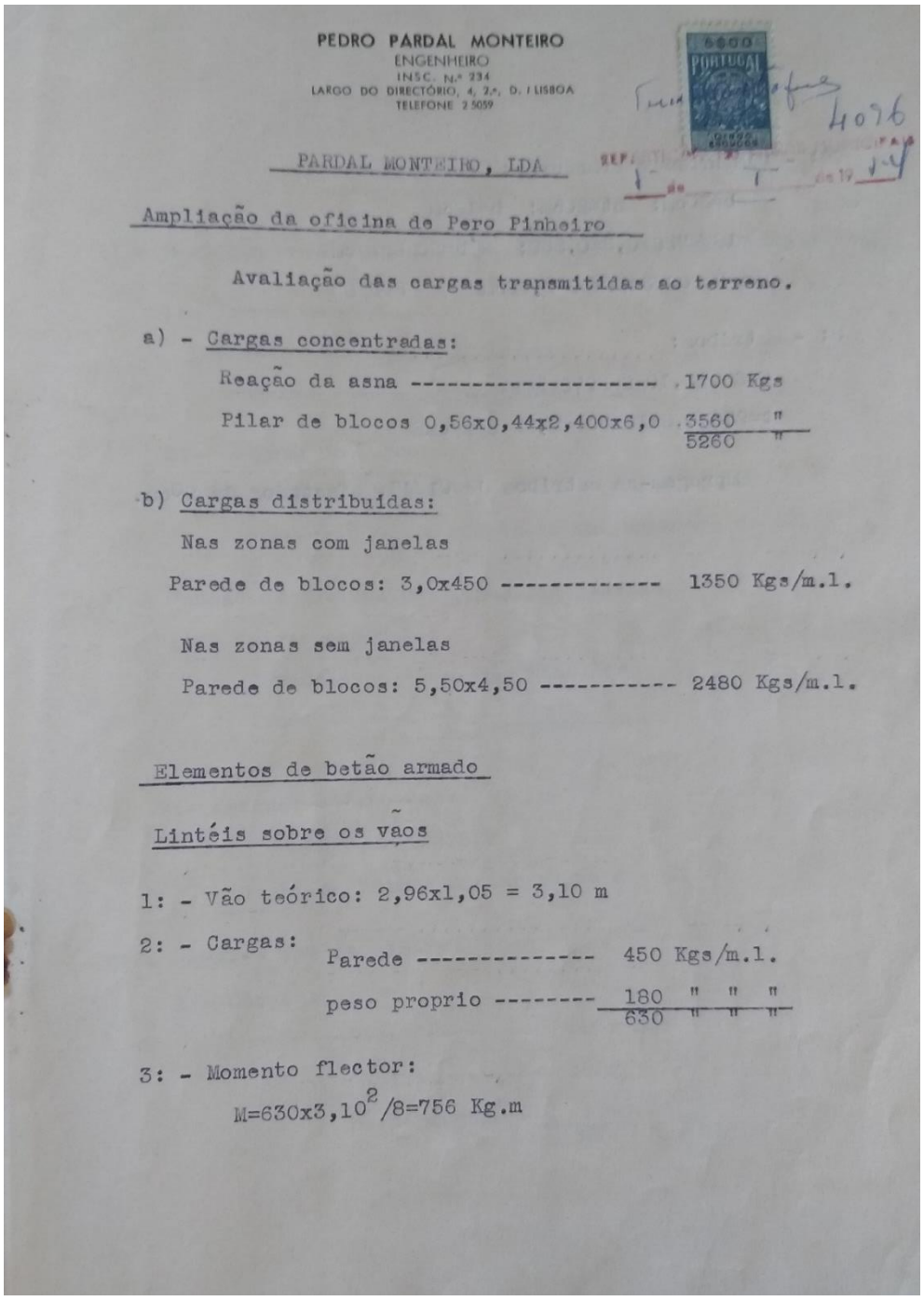
5: - Estribos:

T=630x3,10/2= 976 Kgs

t=976/0,8x18x30 =2,28 Kgs/cm2

Empregam-se estribos de Ø1/4", afastados de 20cm.

Figura 52b- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Cálculo fundações (1953-1956)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
INSC. N.º 234
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. | LISBOA
TELEFONE 2 5059

PARDAL MONTEIRO, LDA

Ampliação da oficina de Pero Pinheiro

Avaliação das cargas transmitidas ao terreno.

a) - Cargas concentradas:

Reação da asna ---------- 1700 Kgs
Pilar de blocos 0,56x0,44x2,400x6,0 3560 "
5260 "

b) Cargas distribuídas:

Nas zonas com janelas

Parede de blocos: 3,0x450 ---------- 1350 Kgs/m.l.

Nas zonas sem janelas

Parede de blocos: 5,50x4,50 ---------- 2480 Kgs/m.l.

Elementos de betão armado

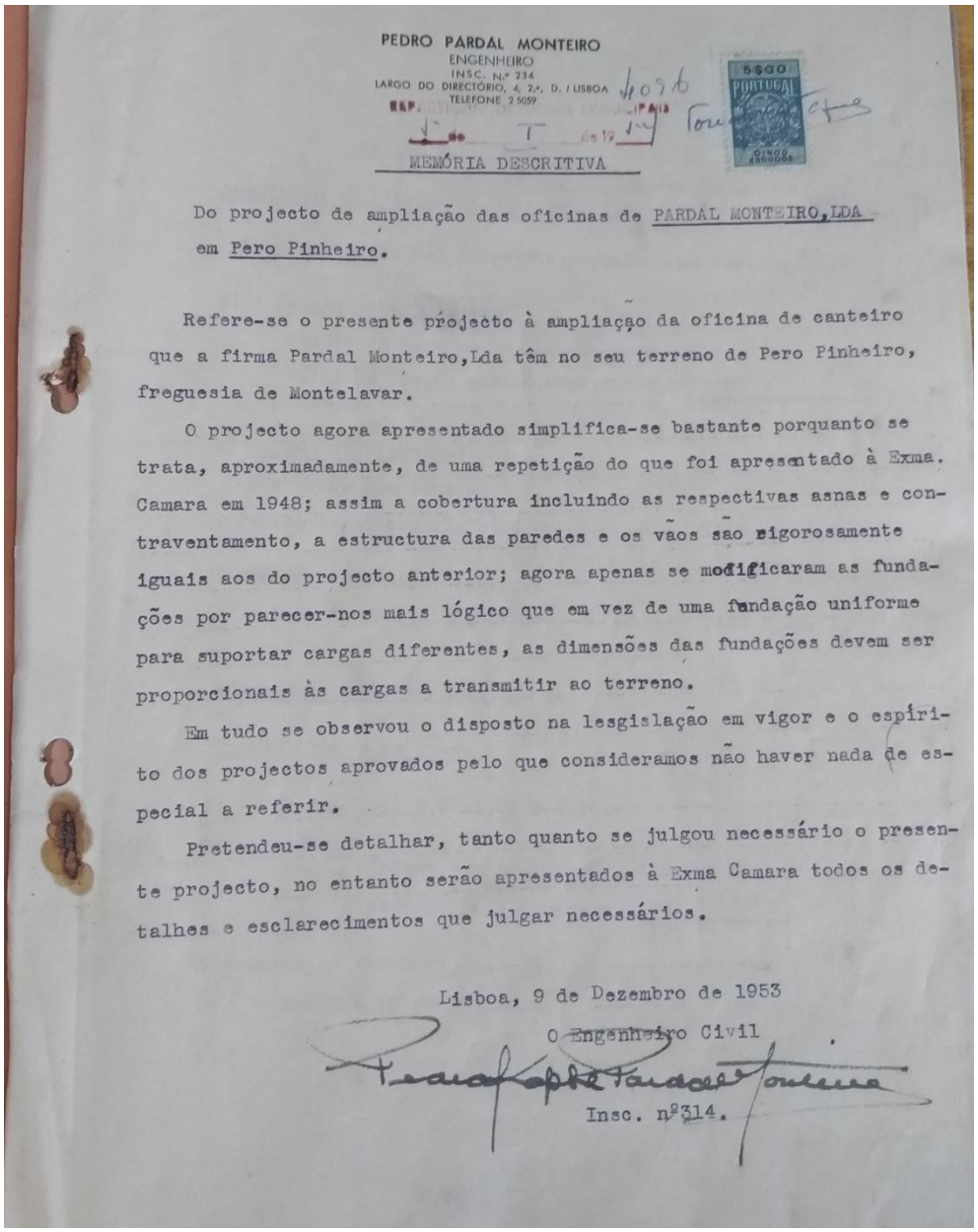
Lintéis sobre os vãos

1: - Vão teórico: 2,96x1,05 = 3,10 m

2: - Cargas:
Parede ---------- 450 Kgs/m.l.
peso proprio -------- 180 " " "
630 " " "

3: - Momento flector:
$M=630x3,10^2/8=756$ Kg.m

Figura 53- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Avaliação das cargas transmitidas ao terreno (1953-1956)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
INSC. N.º 234
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 5059

MEMÓRIA DESCRITIVA

Do projecto de ampliação das oficinas de PARDAL MONTEIRO, LDA em Pero Pinheiro.

Refere-se o presente projecto à ampliação da oficina de canteiro que a firma Pardal Monteiro, Lda têm no seu terreno de Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar.

O projecto agora apresentado simplifica-se bastante porquanto se trata, aproximadamente, de uma repetição do que foi apresentado à Exma. Camara em 1948; assim a cobertura incluindo as respectivas asnas e contraventamento, a estructura das paredes e os vãos são rigorosamente iguais aos do projecto anterior; agora apenas se modificaram as fundações por parecer-nos mais lógico que em vez de uma fundação uniforme para suportar cargas diferentes, as dimensões das fundações devem ser proporcionais às cargas a transmitir ao terreno.

Em tudo se observou o disposto na lesgislação em vigor e o espírito dos projectos aprovados pelo que consideramos não haver nada de especial a referir.

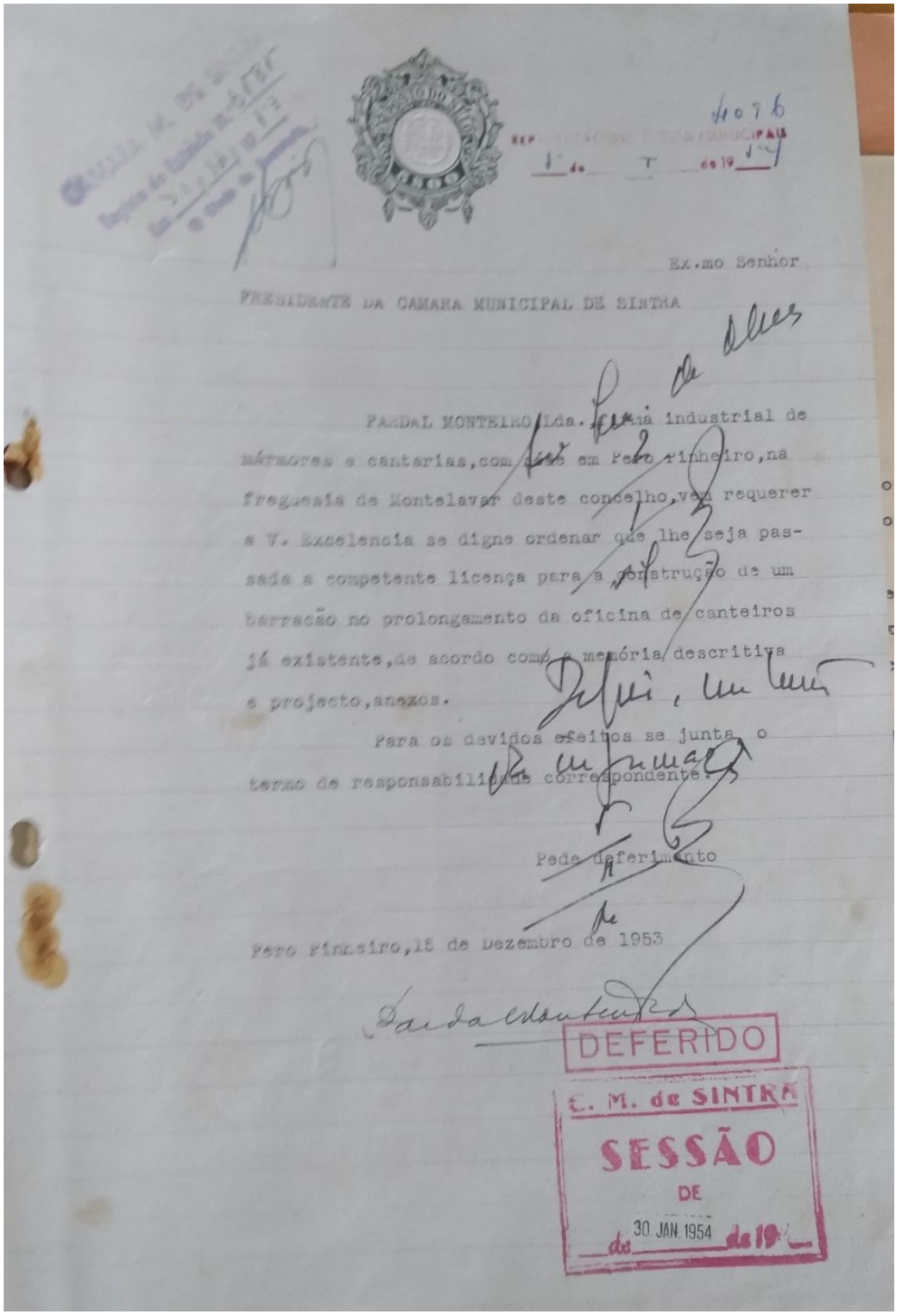
Pretendeu-se detalhar, tanto quanto se julgou necessário o presente projecto, no entanto serão apresentados à Exma Camara todos os detalhes e esclarecimentos que julgar necessários.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1953

O Engenheiro Civil

Insc. nº314.

Figura 54- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Memória Descritiva (1953-1956)



Ex.mo Senhor

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

PARDAL MONTEIRO, Lda. firma industrial de mármores e cantarias, com sede em Pero Pinheiro, na freguesia de Montelavar deste concelho, vem requerer a V. Excelencia se digne ordenar que lhe seja passada a competente licença para a construção de um barracão no prolongamento da oficina de canteiros já existente, de acordo com a memória descritiva e projecto, anexos.

Para os devidos efeitos se junta o termo de responsabilidade correspondente.

Pede deferimento

Pero Pinheiro, 18 de Dezembro de 1953

DEFERIDO

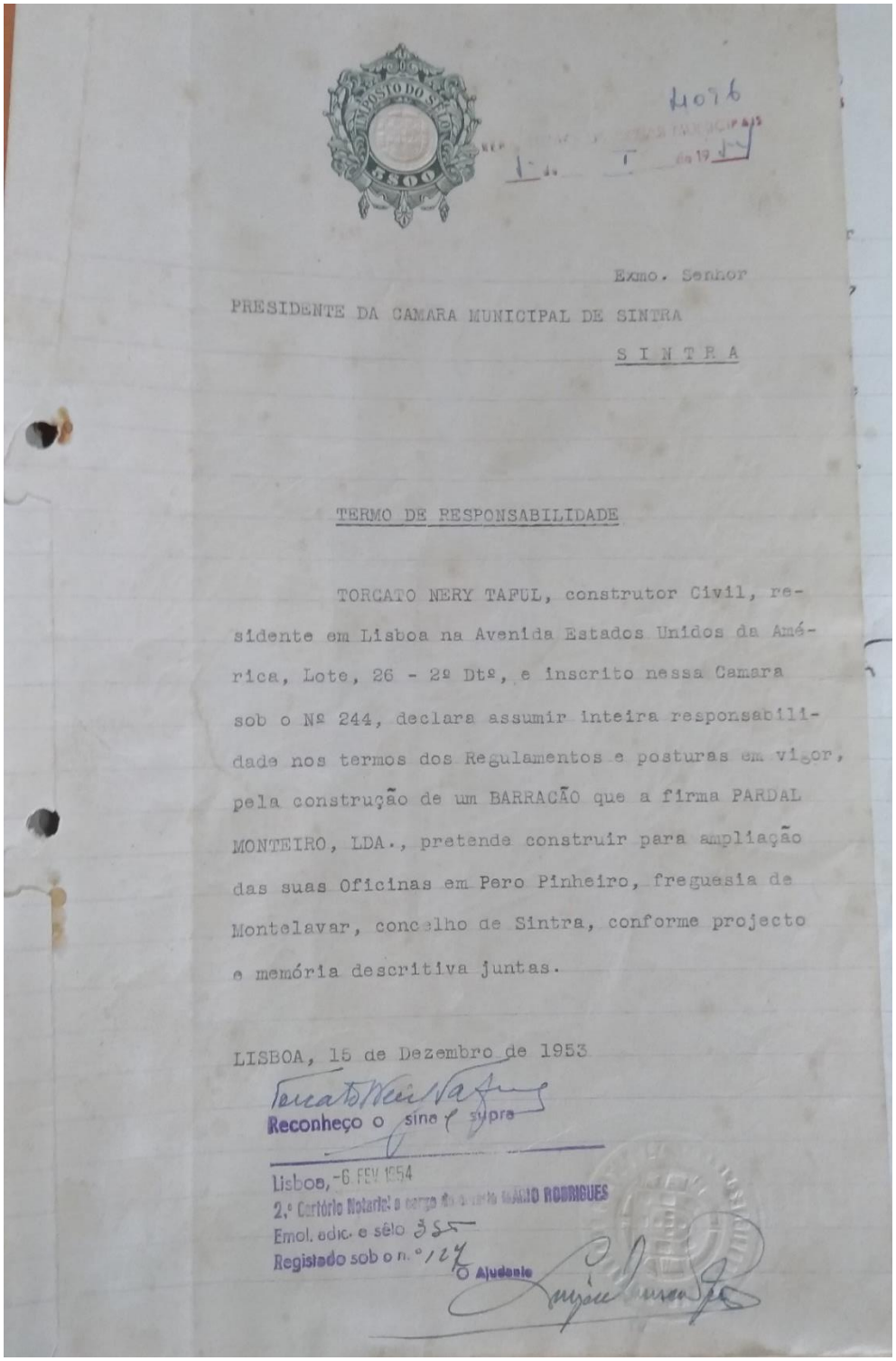
C. M. de SINTRA

SESSÃO

DE

30 JAN 1954

Figura 55- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Pedido licença (1953-1956)



Exmo. Senhor
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
S I N T R A

TERMO DE RESPONSABILIDADE

TORCATO NERY TAFUL, construtor Civil, residente em Lisboa na Avenida Estados Unidos da América, Lote, 26 - 2º Dtº, e inscrito nessa Camara sob o Nº 244, declara assumir inteira responsabilidade nos termos dos Regulamentos e posturas em vigor, pela construção de um BARRACÃO que a firma PARDAL MONTEIRO, LDA., pretende construir para ampliação das suas Oficinas em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, conforme projecto e memória descritiva juntas.

LISBOA, 15 de Dezembro de 1953

Reconheço o sinal supra
Lisboa, 6 FEV 1954
2.º Cartório Notarial a cargo do ajudante MARIO RODRIGUES
Emol. adic. e sêlo 3$5
Registado sob o n.º 127
O Ajudante

Figura 56- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Termo responsabilidade (1953-1956)

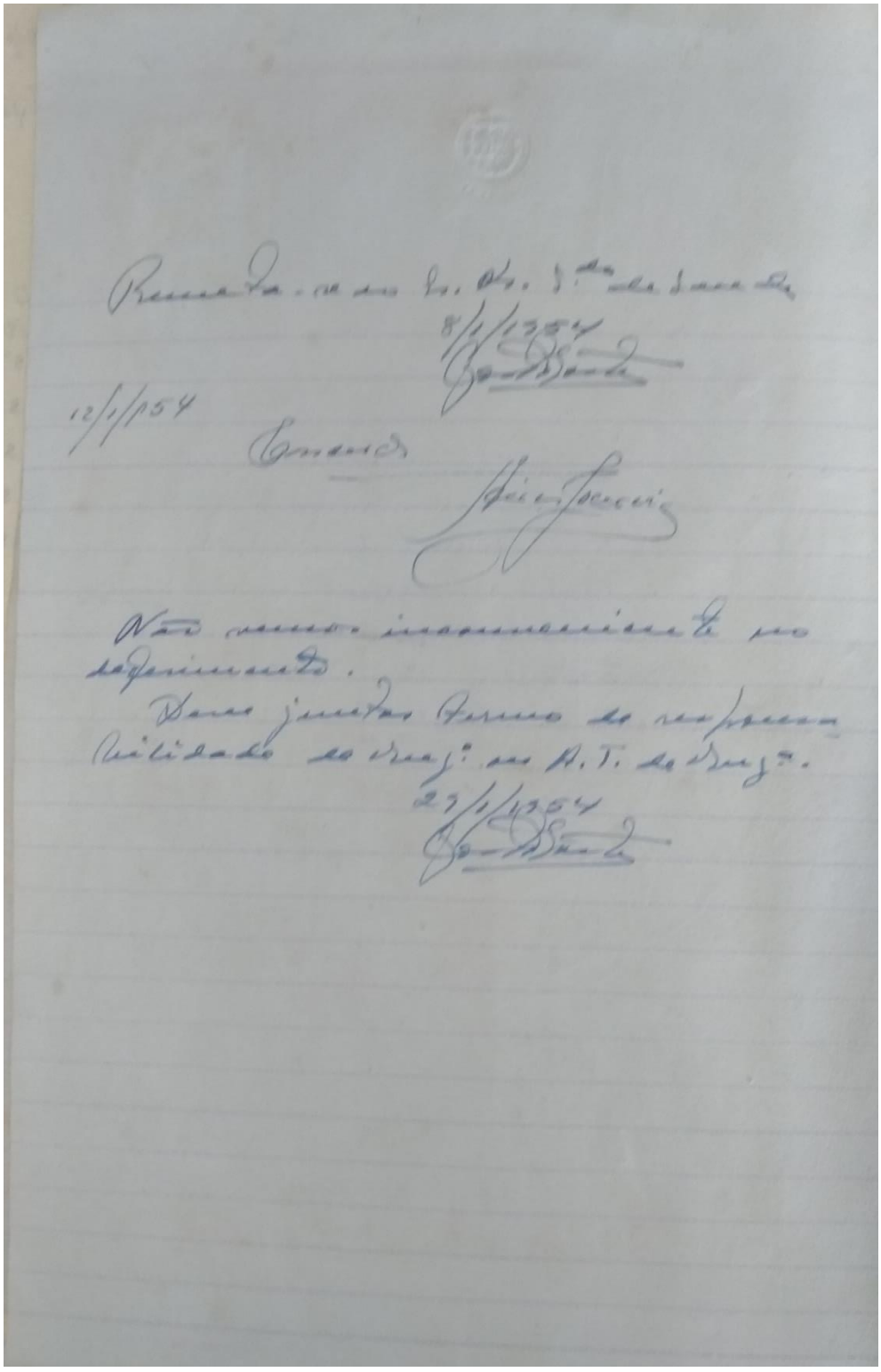
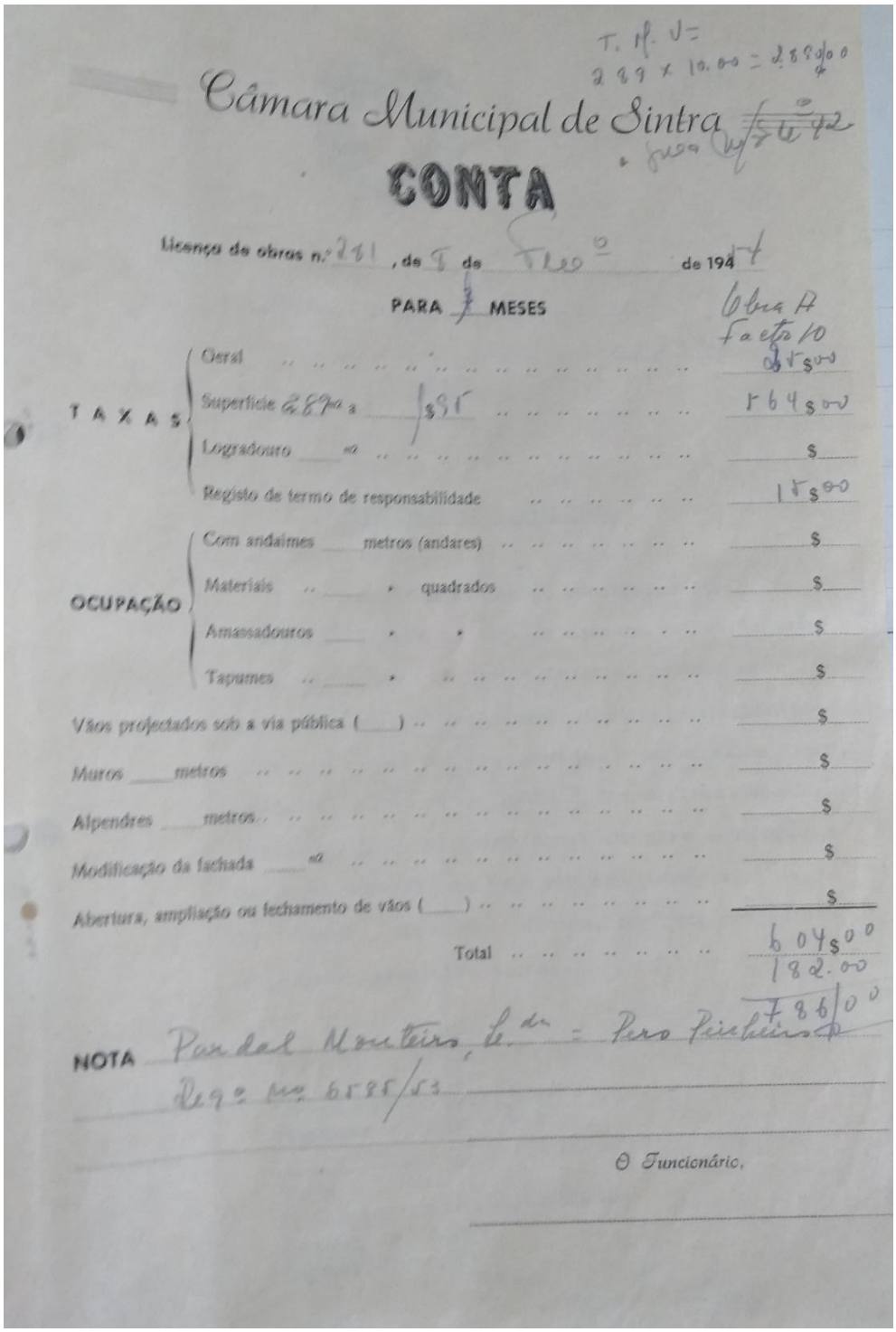


Figura 56a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Termo responsabilidade (1953-1956)



Câmara Municipal de Sintra

CONTA

Licença de obras n.º 281, de 1 de Fev.º de 194 4

PARA 3 MESES

Obra A

TAXAS
- Geral ..... 65$00
- Superfície 287m2 a $95 ..... 164$00
- Logradouro ___m2 ..... $
- Registo de termo de responsabilidade ..... 15$00

OCUPAÇÃO
- Com andaimes ___ metros (andares) ..... $
- Materiais .. ___ » quadrados ..... $
- Amassadouros ___ » » ..... $
- Tapumes .. ___ » ..... $

Vãos projectados sob a via pública (___) ..... $

Muros ___ metros ..... $

Alpendres ___ metros ..... $

Modificação da fachada ___m2 ..... $

Abertura, ampliação ou fechamento de vãos (___) ..... $

Total ..... 604$00

T. Pf. V= 2 89 x 10.00 = 2.890,00

182.00

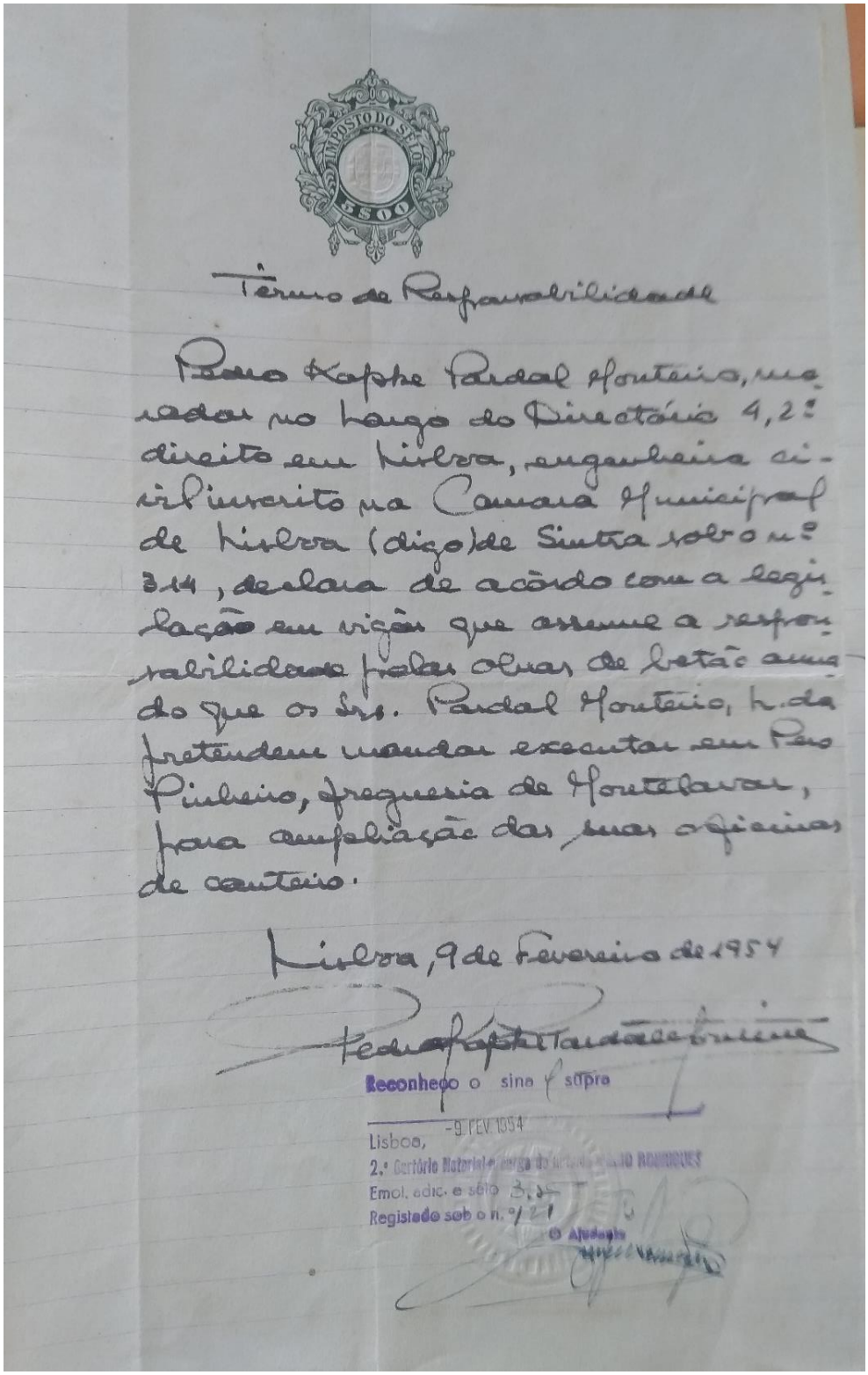
786$00

NOTA Pardal Monteiro, Lda = Pero Pinheiro

Req.º nº 6585/53

O Funcionário,

Figura 57- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Despesas Licença da Câmara Municipal de Sintra (1953-1956)



Termo de Responsabilidade

Pedro Kaphe Pardal Monteiro, residente no Largo do Directório 4,2º direito em Lisboa, engenheiro civil inscrito na Camara Municipal de Lisboa (digo) de Sintra sob o nº 314, declara de acôrdo com a legislação em vigôr que assume a responsabilidade pelas obras de betão armado que os Srs. Pardal Monteiro, L.da pretendem mandar executar em Paço Pinheiro, freguesia de Montelavar, para ampliação das suas oficinas de cantaria.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1954

Reconheço o sinal supra

Lisboa, -9 FEV. 1954

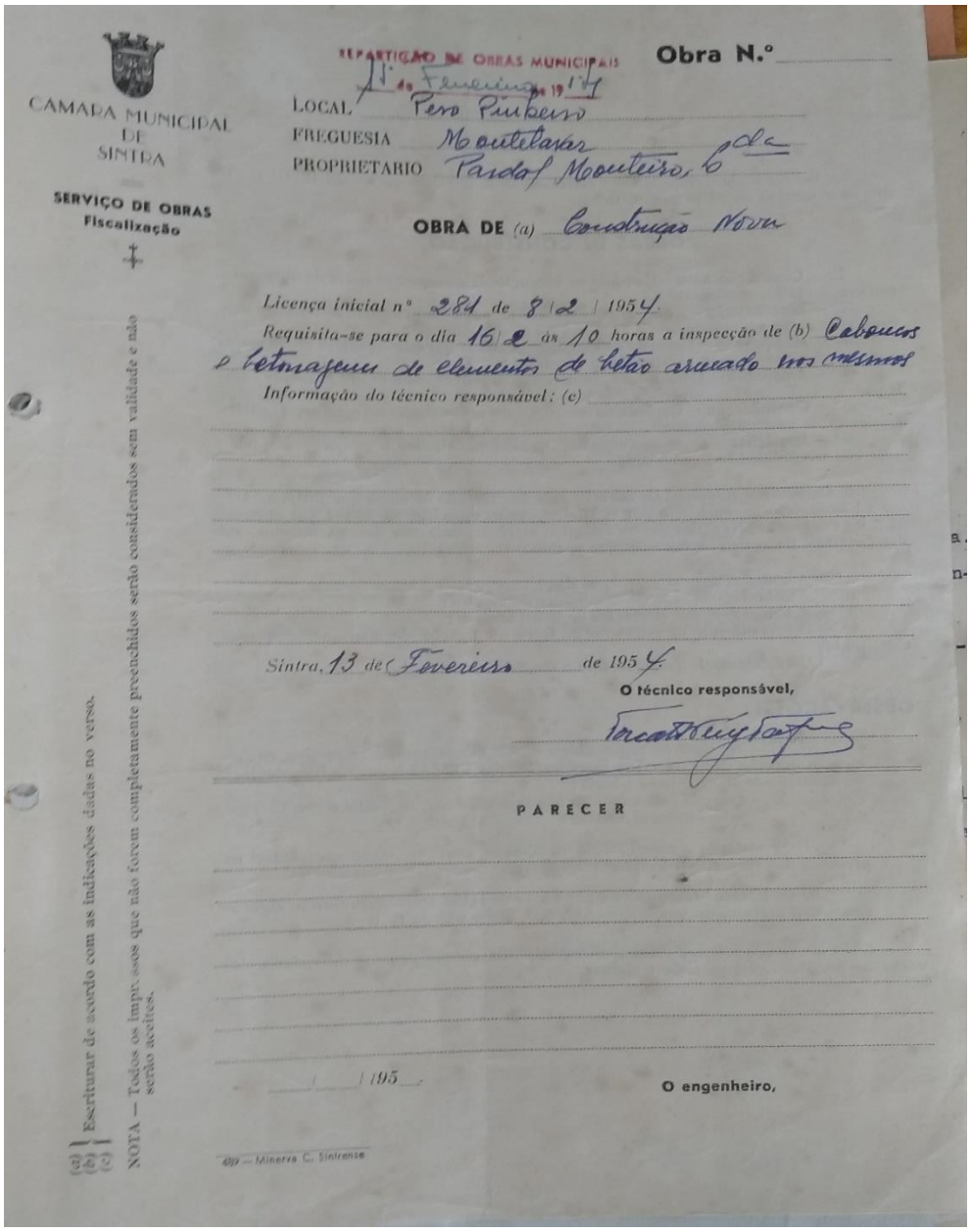
2.º Cartório Notarial

Emol. adic. e sêlo

Registado sob o n.º

O Ajudante

Figura 58- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Termo de responsabilidade(1953-1956)



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇO DE OBRAS
Fiscalização

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS — Obra N.º

LOCAL Pero Pinheiro

FREGUESIA Montelavar

PROPRIETÁRIO Pardal Monteiro, Sucr

OBRA DE (a) Construção Nova

Licença inicial nº 281 de 8/2/1954

Requisita-se para o dia 16/2 às 10 horas a inspecção de (b) Cabouços e betonagem de elementos de betão armado nos mesmos

Informação do técnico responsável: (c)

Sintra, 13 de Fevereiro de 1954

O técnico responsável,

PARECER

/ /195

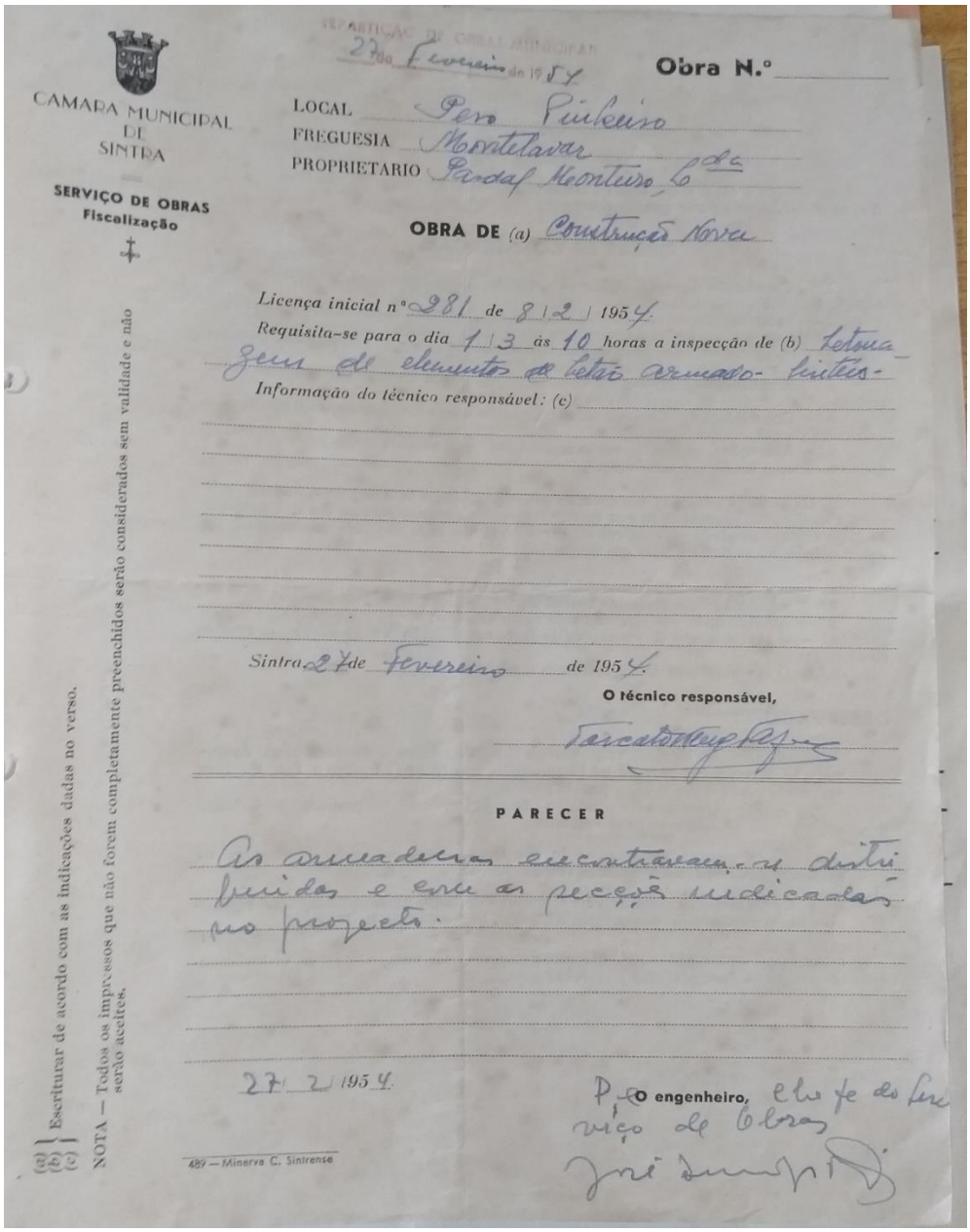
O engenheiro,

(a) (b) (c) Escrituar de acordo com as indicações dadas no verso.

NOTA — Todos os impressos que não forem completamente preenchidos serão considerados sem validade e não serão aceites.

487 — Minerva C. Sintrense

Figura 59- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: pedido de inspeção de caboucos (1953-1956)



CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇO DE OBRAS
Fiscalização

REPARTIÇÃO DE OBRAS MUNICIPAIS
27 de Fevereiro de 1954

Obra N.º

LOCAL Pero Pinheiro
FREGUESIA Montelavar
PROPRIETARIO Padaf Monteiro, Lda

OBRA DE (a) Construção Nova

Licença inicial nº 281 de 8 | 2 | 1954
Requisita-se para o dia 1 | 3 às 10 horas a inspecção de (b) betonagem de elementos de betão armado- lintéis-
Informação do técnico responsável: (c)

Sintra 27 de Fevereiro de 1954

O técnico responsável,

PARECER

As armaduras encontram-se distribuídas e com as secções indicadas no projecto.

27 | 2 | 1954

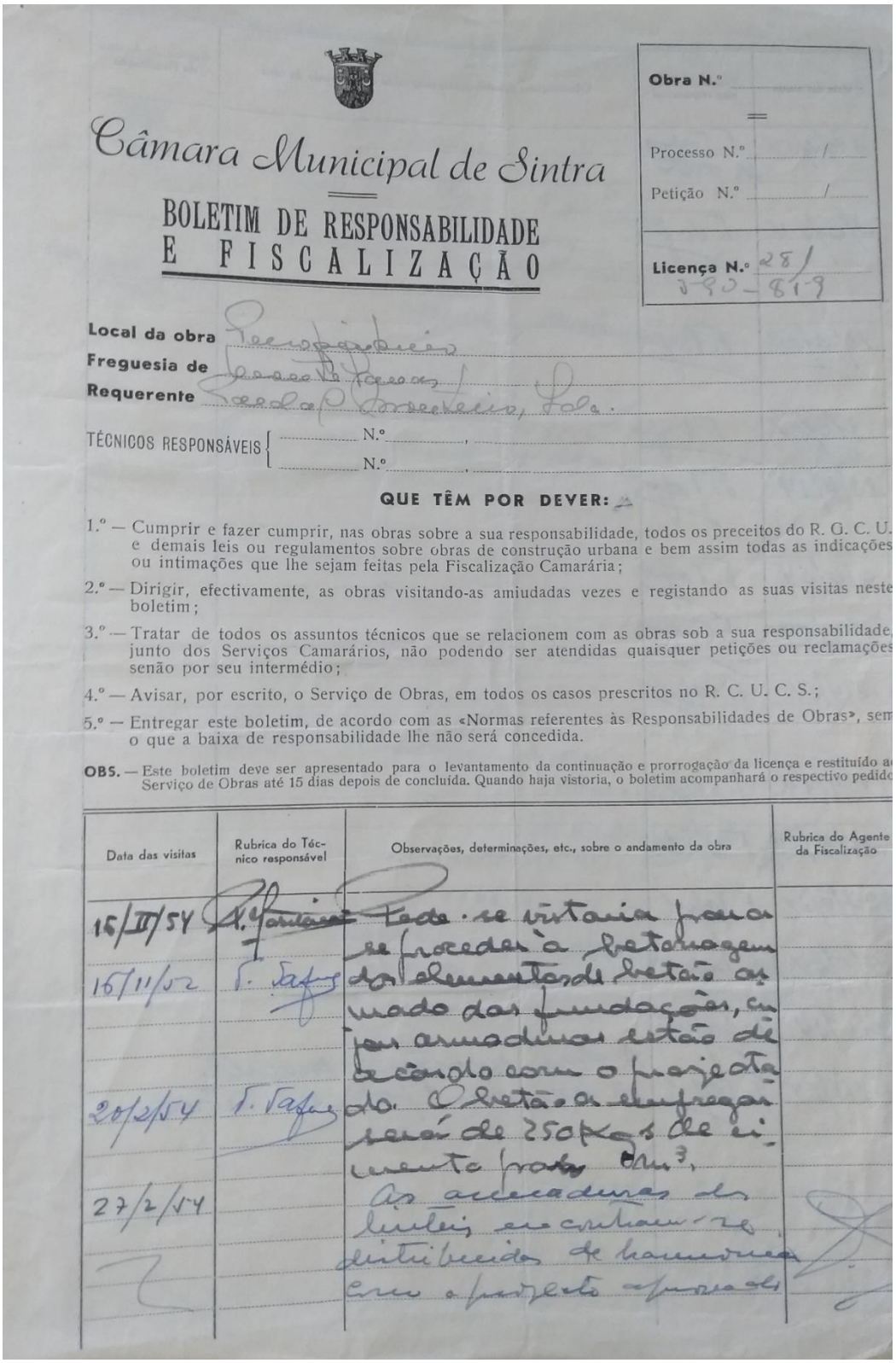
P. O engenheiro, chefe do Serviço de Obras

(a) (b) (c) Escriturar de acordo com as indicações dadas no verso.

NOTA — Todos os impressos que não forem completamente preenchidos serão considerados sem validade e não serão aceites.

489 — Minerva C. Sintrense

Figura 60- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: inspeção de betonagem de elementos de betão armado (1953-1956)



Câmara Municipal de Sintra

BOLETIM DE RESPONSABILIDADE E FISCALIZAÇÃO

Obra N.º

Processo N.º /

Petição N.º /

Licença N.º 281 / 980-81-9

Local da obra Pereiras

Freguesia de Santa Maria

Requerente Sociedade Portuguesa, Lda.

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS { N.º , N.º ,

QUE TÊM POR DEVER:

1.º — Cumprir e fazer cumprir, nas obras sobre a sua responsabilidade, todos os preceitos do R. G. C. U. e demais leis ou regulamentos sobre obras de construção urbana e bem assim todas as indicações ou intimações que lhe sejam feitas pela Fiscalização Camarária;

2.º — Dirigir, efectivamente, as obras visitando-as amiudadas vezes e registando as suas visitas neste boletim;

3.º — Tratar de todos os assuntos técnicos que se relacionem com as obras sob a sua responsabilidade, junto dos Serviços Camarários, não podendo ser atendidas quaisquer petições ou reclamações senão por seu intermédio;

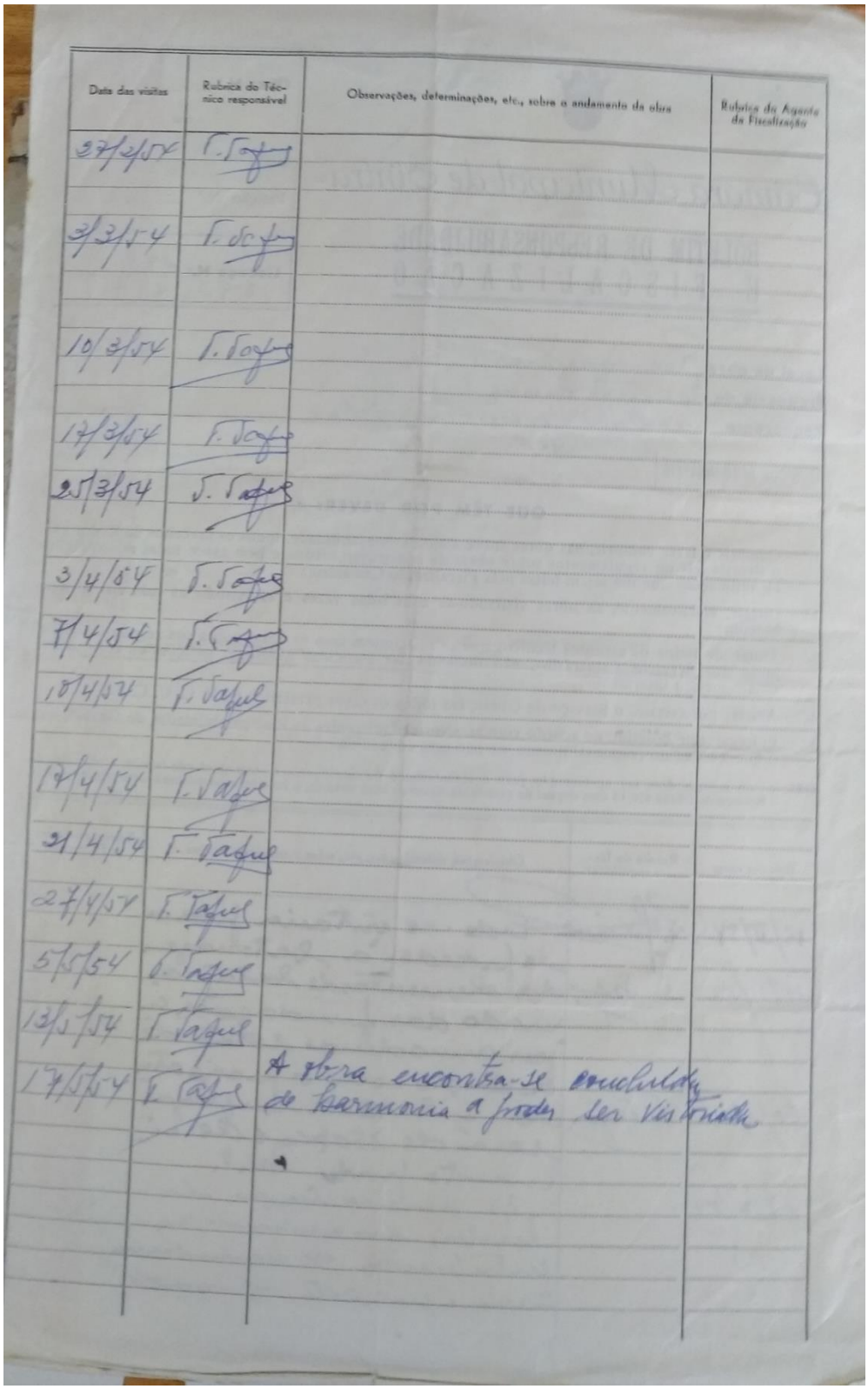
4.º — Avisar, por escrito, o Serviço de Obras, em todos os casos prescritos no R. C. U. C. S.;

5.º — Entregar este boletim, de acordo com as «Normas referentes às Responsabilidades de Obras», sem o que a baixa de responsabilidade lhe não será concedida.

OBS. — Este boletim deve ser apresentado para o levantamento da continuação e prorrogação da licença e restituído ao Serviço de Obras até 15 dias depois de concluída. Quando haja vistoria, o boletim acompanhará o respectivo pedido

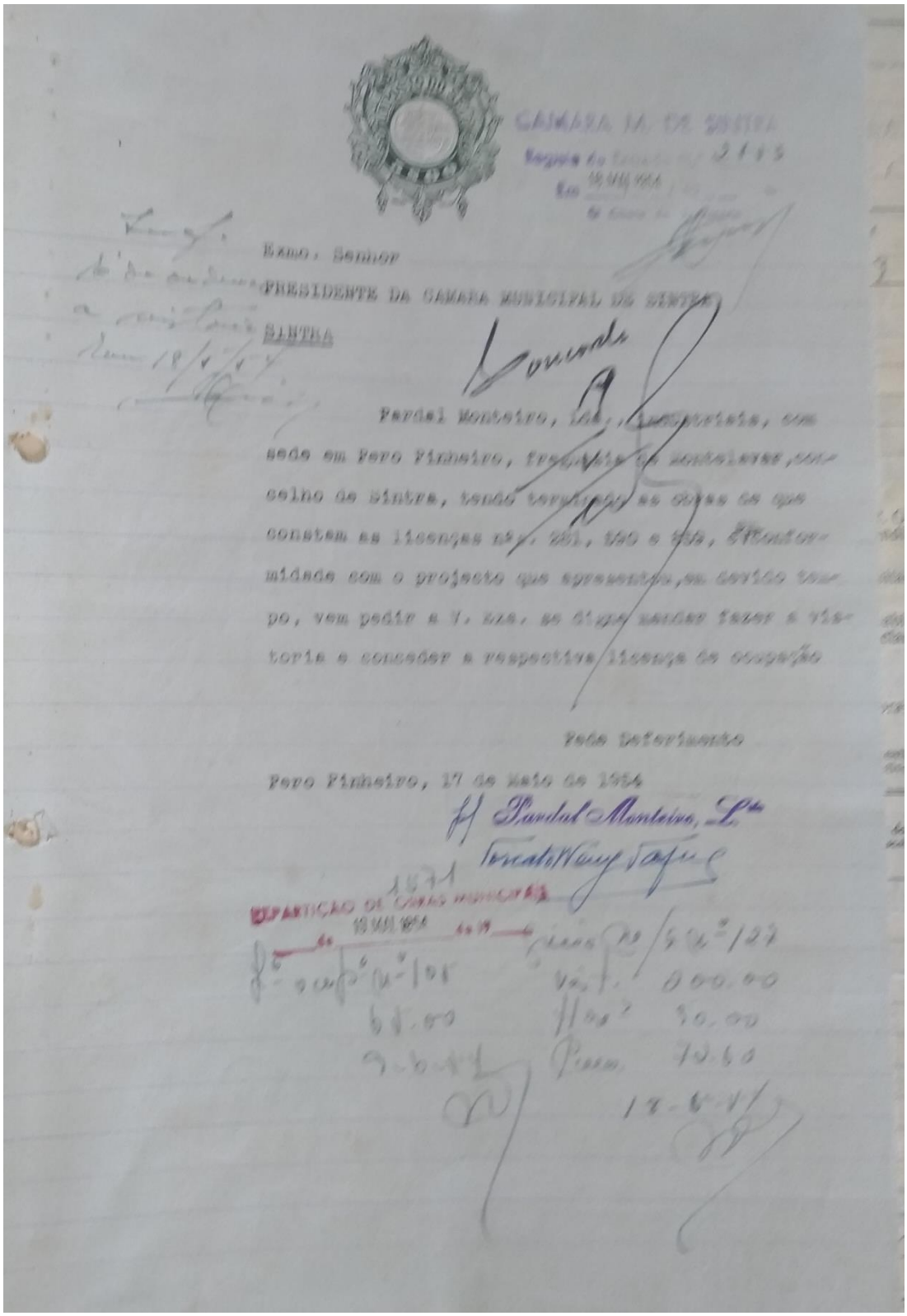
Data das visitas	Rubrica do Técnico responsável	Observações, determinações, etc., sobre o andamento da obra	Rubrica do Agente da Fiscalização
16/III/54	A. Fontainhas	Toda se vistoria para se proceder à betonagem dos alicerces de betão armado das fundações, cujas armaduras estão de acordo com o projecto. O betão a empregar será de 250 kgs de cimento por m³.	
16/11/52	J. Rafael		
20/2/54	J. Rafael		
27/2/54		As ancoradouras das linteis encontram-se distribuidas de harmonia com o projecto aprovado	

Figura 61- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)



Data das visitas	Rubrica do Técnico responsável	Observações, determinações, etc., sobre o andamento da obra	Rubrica do Agente da Fiscalização
27/2/54	
3/3/54	
10/3/54	
17/3/54	
25/3/54	
3/4/54	
7/4/54	
10/4/54	
14/4/54	
21/4/54	
27/4/54	
5/5/54	
12/5/54	
17/5/54		A obra encontra-se concluida e harmonia a poder ser Vistoriada	

Figura 61a- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: boletim de responsabilidade e fiscalização (1953-1956)



Exmo. Senhor
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SINTRA

Pardal Monteiro, Lda., Empreiteiros, com sede em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, tendo terminado as obras de que constam as licenças nºs. 281, 350 e 396, em conformidade com o projecto que apresentou, em devido tempo, vem pedir a V. Exa. se digne mandar fazer a vistoria e conceder a respectiva licença de ocupação

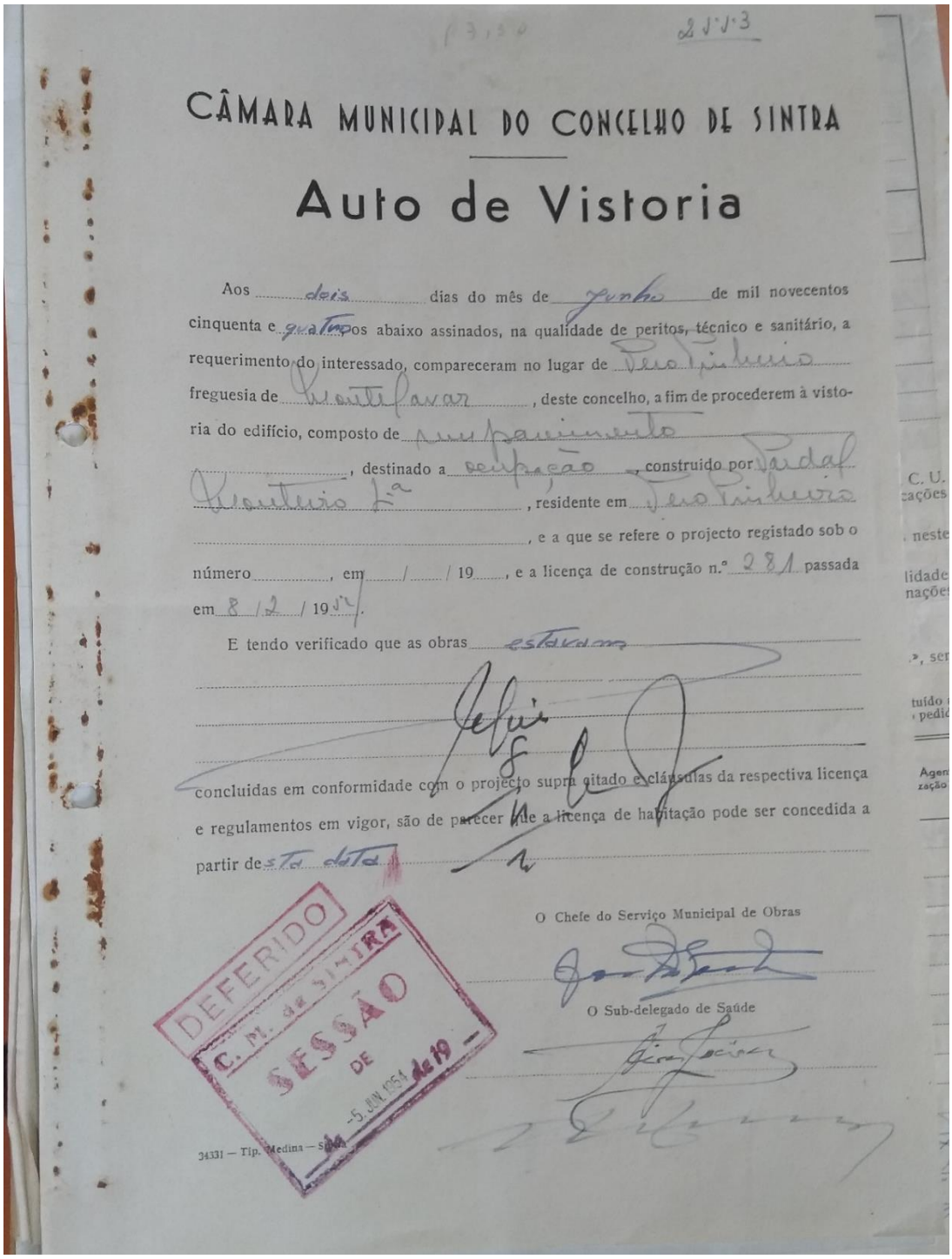
Pede deferimento

Pero Pinheiro, 17 de Maio de 1954

P/ Pardal Monteiro, Lda

Procurador

Figura 62- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: pedido de vistoria para cedência da respetiva licença de ocupação (1953-1956)



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SINTRA

Auto de Vistoria

Aos dois dias do mês de Junho de mil novecentos cinquenta e quatro os abaixo assinados, na qualidade de peritos, técnico e sanitário, a requerimento do interessado, compareceram no lugar de Pero Pinheiro freguesia de Montelavar, deste concelho, a fim de procederem à vistoria do edifício, composto de rés-do-chão, destinado a oficinas, construido por Vidal Monteiro L.da, residente em Pero Pinheiro, e a que se refere o projecto registado sob o número ..., em .../.../19..., e a licença de construção n.º 281 passada em 8/2/1952.

E tendo verificado que as obras estavam concluidas em conformidade com o projecto supra citado e cláusulas da respectiva licença e regulamentos em vigor, são de parecer que a licença de habitação pode ser concedida a partir de esta data.

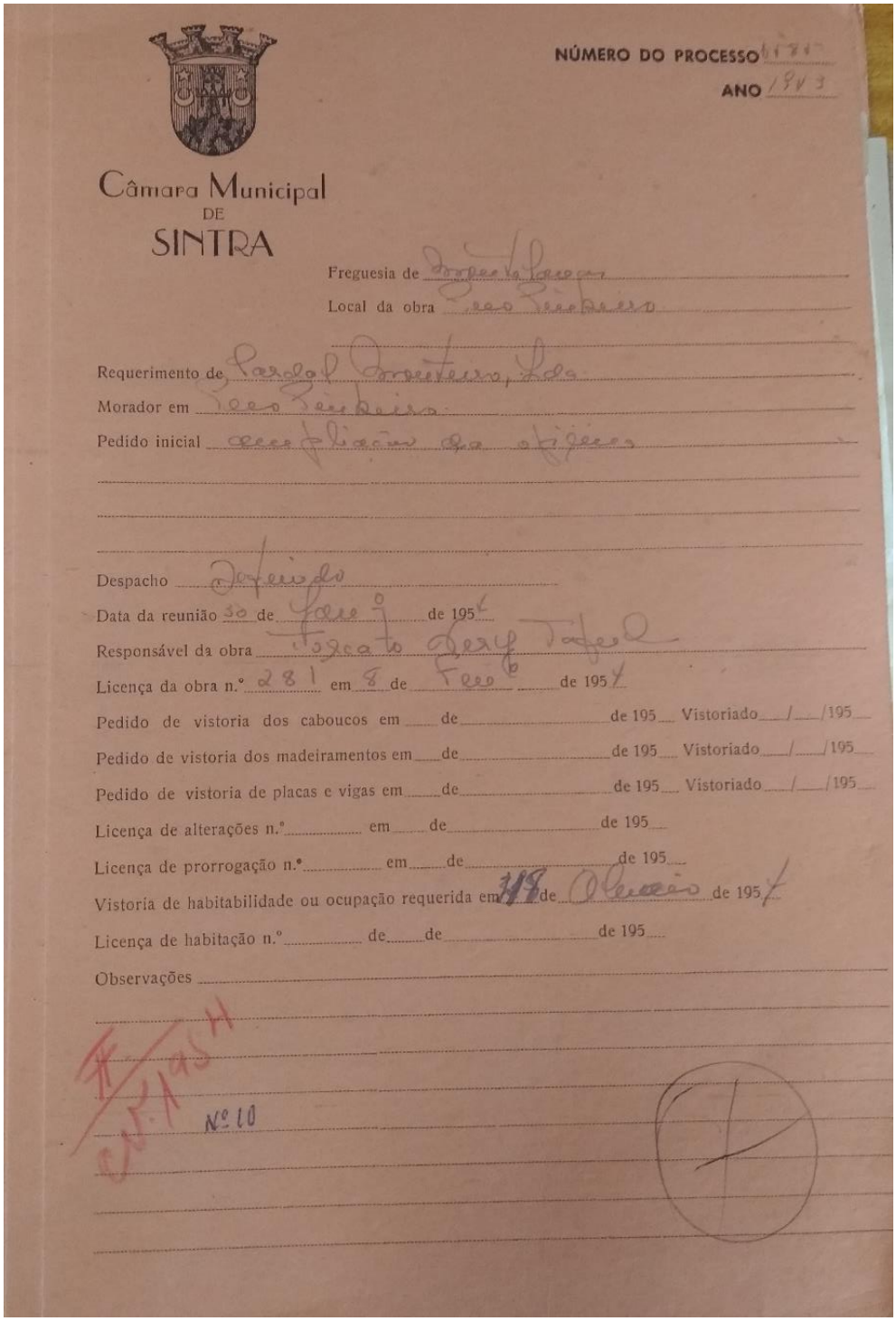
O Chefe do Serviço Municipal de Obras

O Sub-delegado de Saúde

DEFERIDO
C. M. de SINTRA
SESSÃO
DE
-5. JUN. 1954 de 19

34331 — Tip. Medina — Sintra

Figura 63- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Auto de vistoria (1953-1956)



NÚMERO DO PROCESSO 1184
ANO 1953

Câmara Municipal
DE
SINTRA

Freguesia de Arpoeira Cacem
Local da obra Casa Seabra
Requerimento de Parcial Arquitetura, Lda
Morador em Casa Seabra
Pedido inicial Ampliação de oficinas

Despacho Deferido
Data da reunião 30 de Fevereiro de 1954
Responsável da obra Horácio Jorge Tavares
Licença da obra n.º 281 em 8 de Fevereiro de 1954
Pedido de vistoria dos cabouços em ___ de ___ de 195__ Vistoriado ___/___/195__
Pedido de vistoria dos madeiramentos em ___ de ___ de 195__ Vistoriado ___/___/195__
Pedido de vistoria de placas e vigas em ___ de ___ de 195__ Vistoriado ___/___/195__
Licença de alterações n.º ___ em ___ de ___ de 195__
Licença de prorrogação n.º ___ em ___ de ___ de 195__
Vistoria de habitabilidade ou ocupação requerida em 11 de Dezembro de 1954
Licença de habitação n.º ___ de ___ de ___ de 195__
Observações

Nº 10

Figura 64- Projeto de obra particular nº 3318/56- Ampliação de oficinas: Capa (1953-1956)

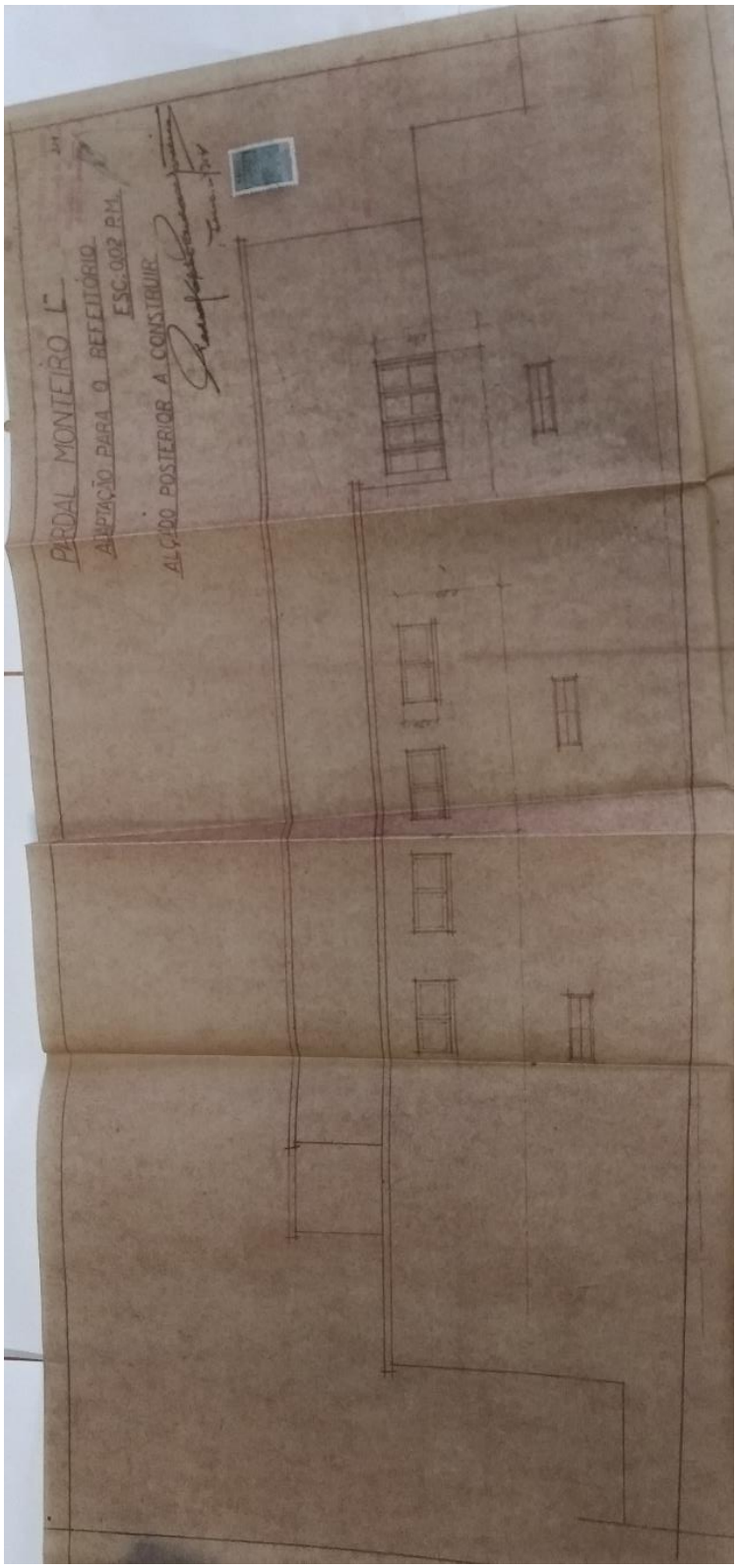


Figura 65 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado posterior (1957)

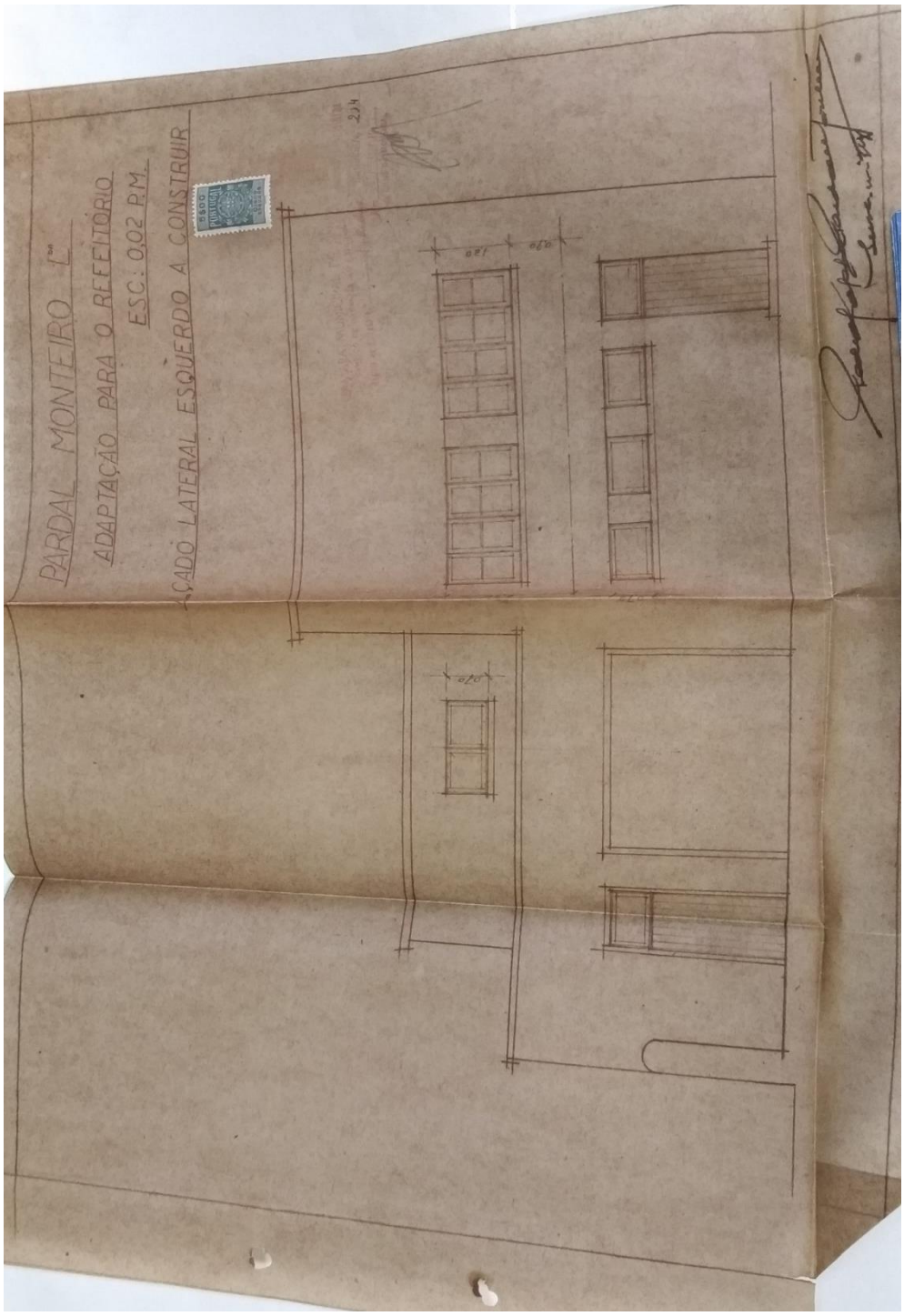


Figura 66 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado lateral esquerdo (1957)

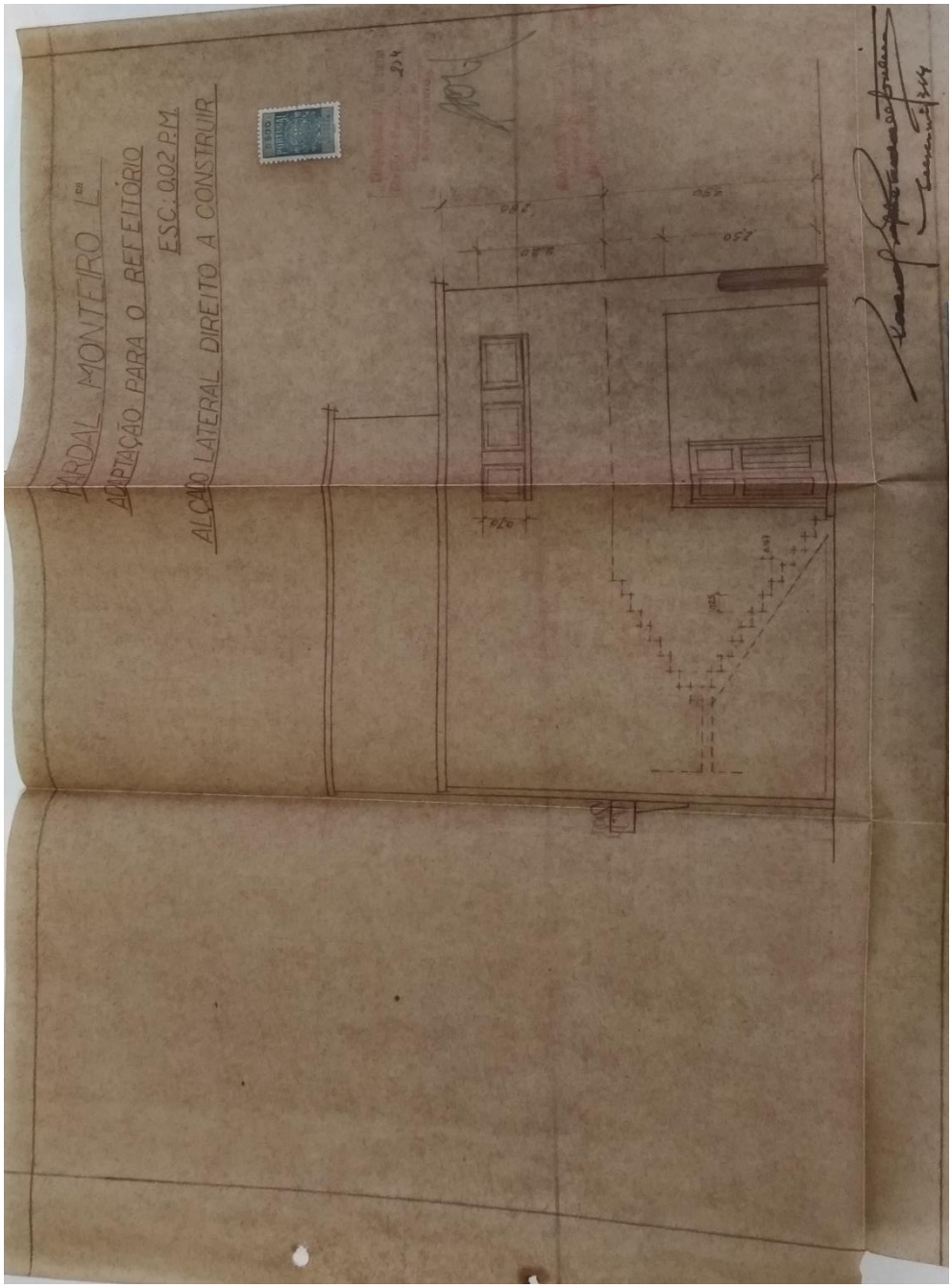


Figura 67 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado lateral direito (1957)

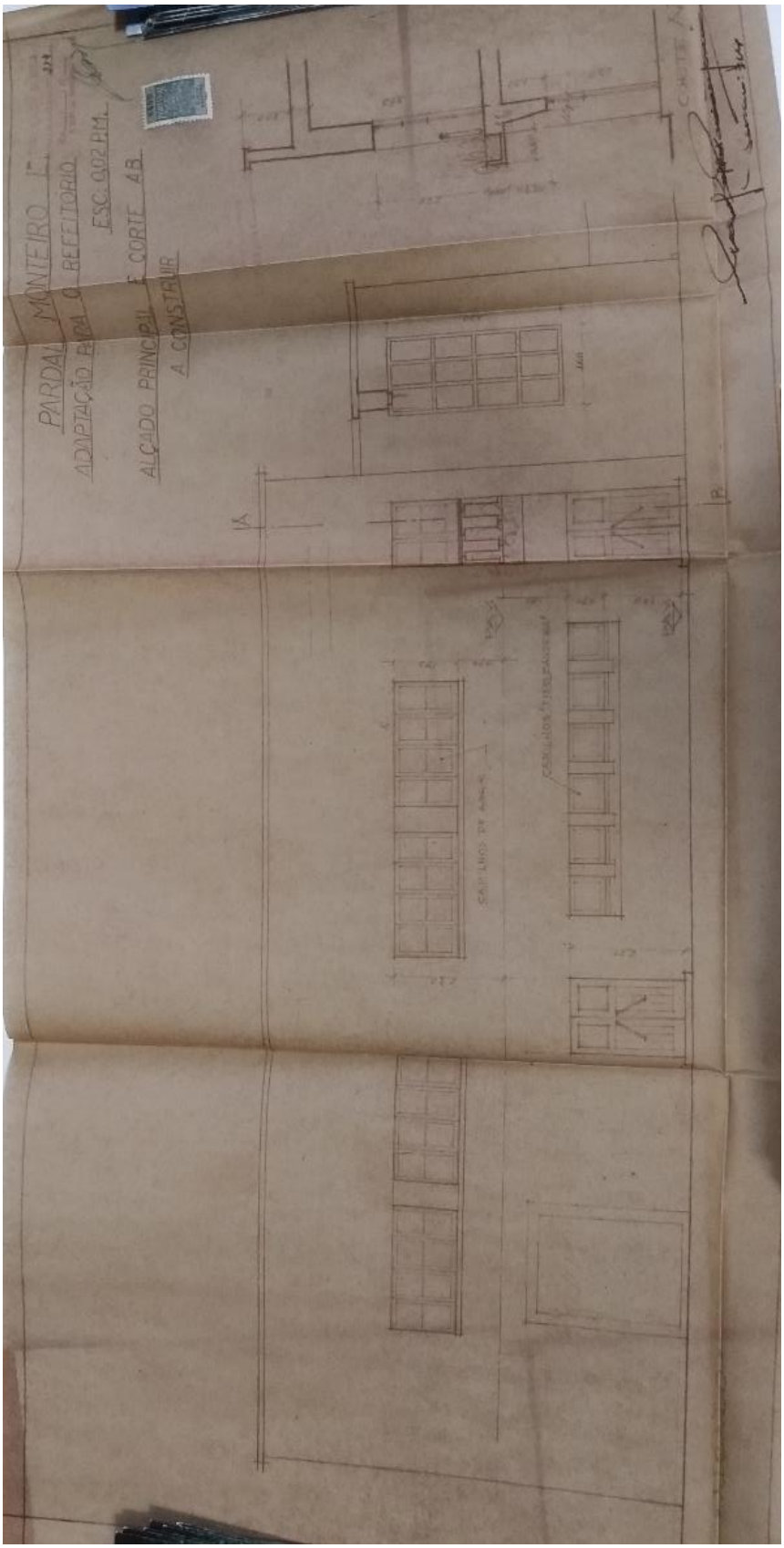


Figura 68 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçado principal e corte (1957)

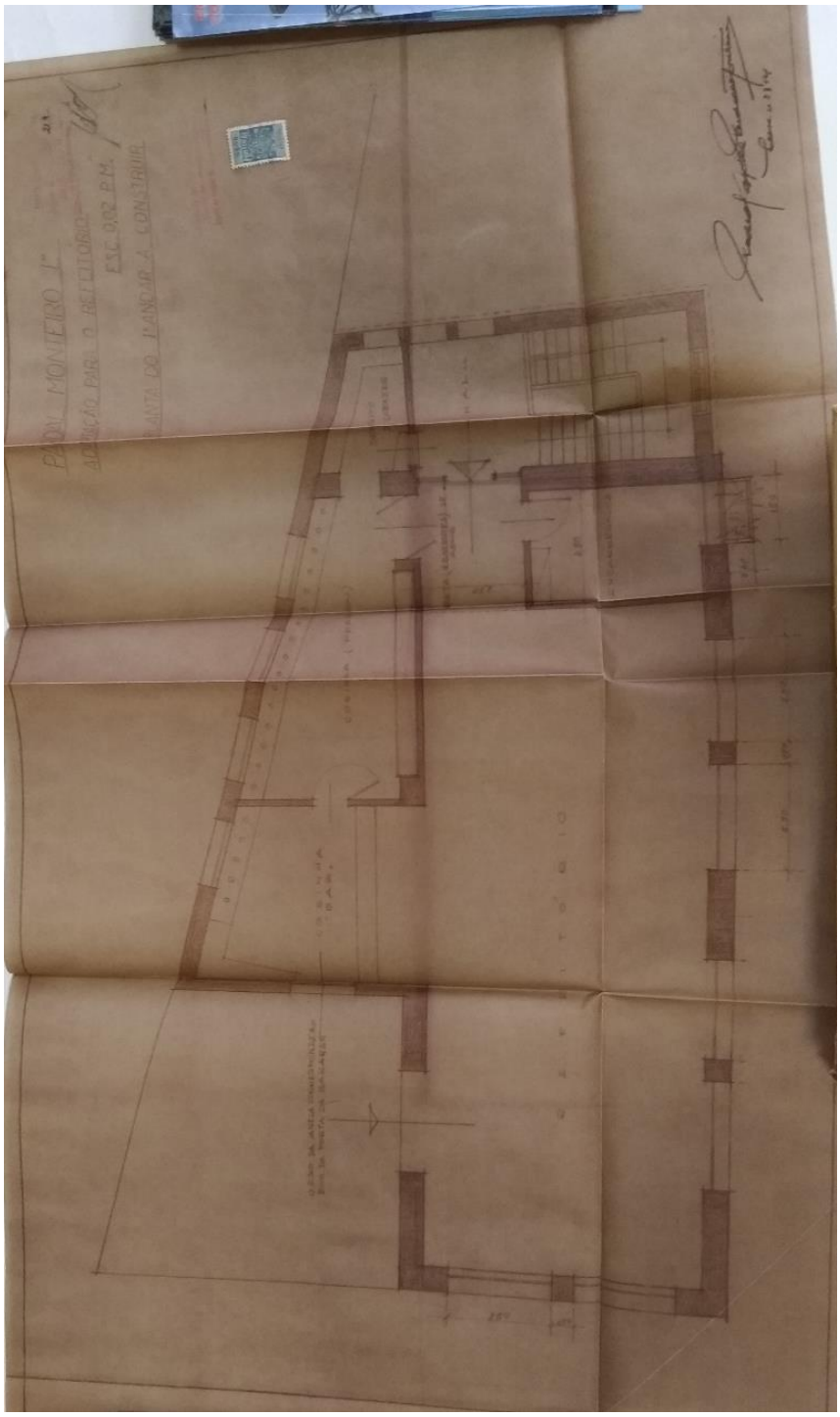


Figura 69 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: planta 1º piso (1957)

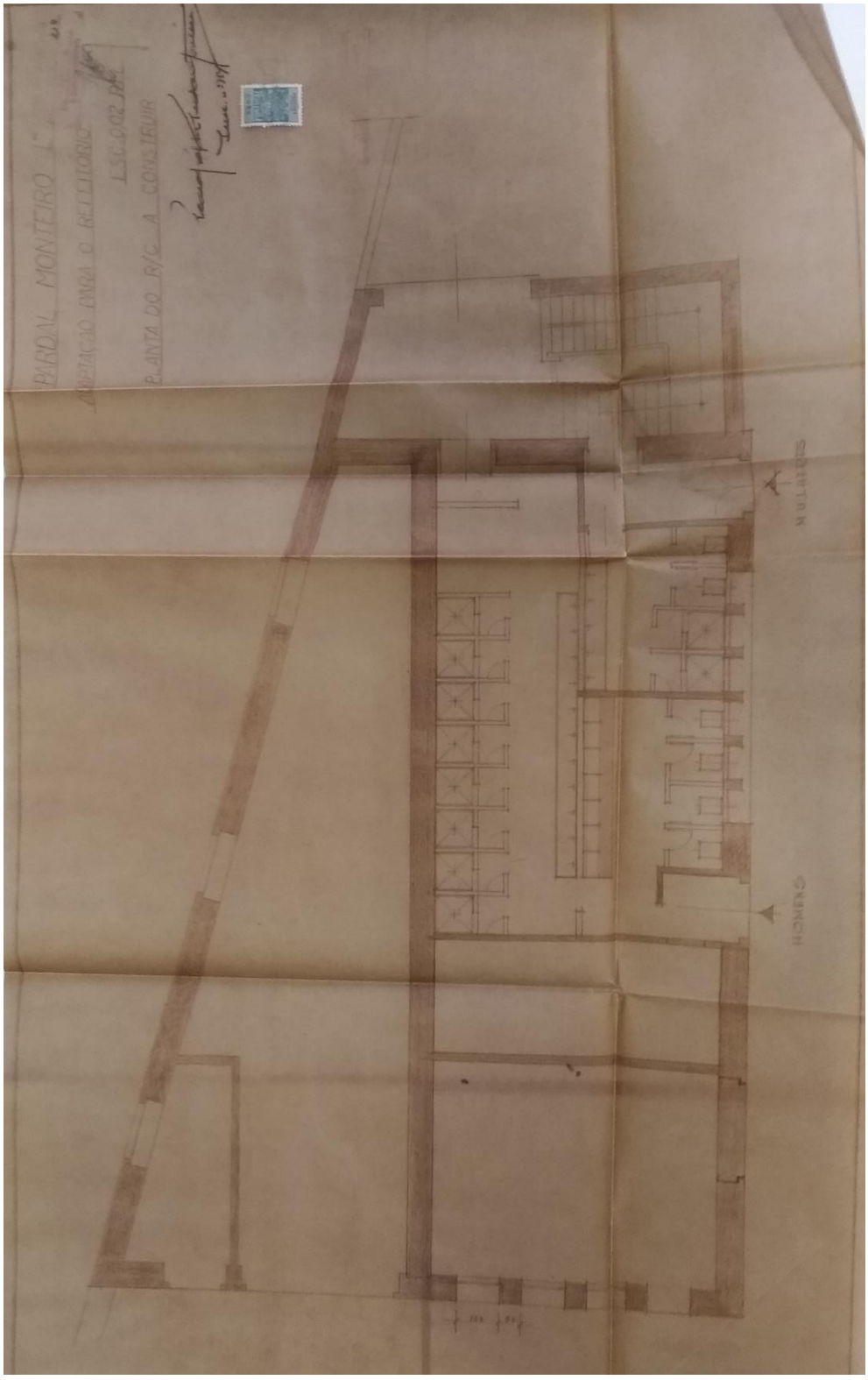


Figura 70 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: planta r/chão (1957)

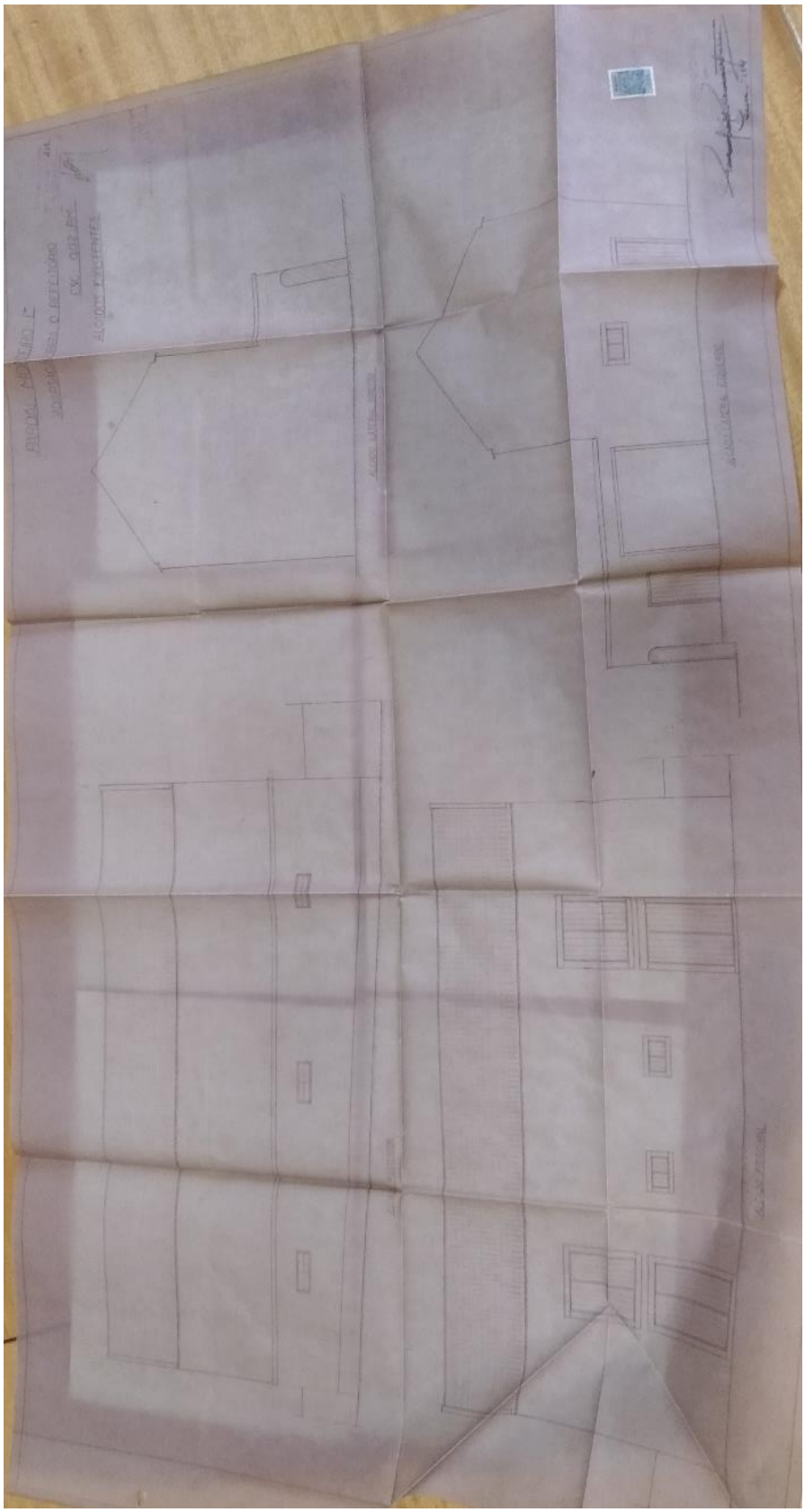


Figura 71 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: alçados do existente (1957)

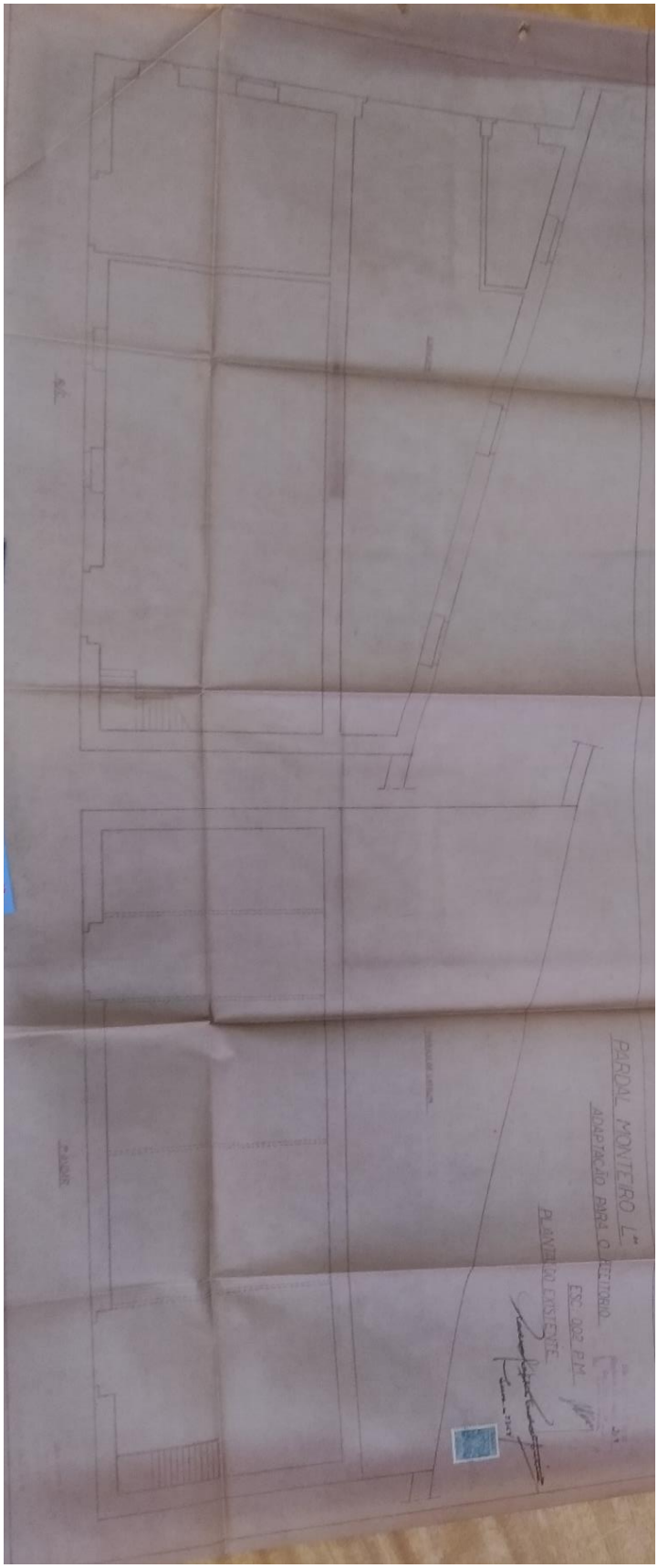


Figura 72 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: plantas do existente (1957)

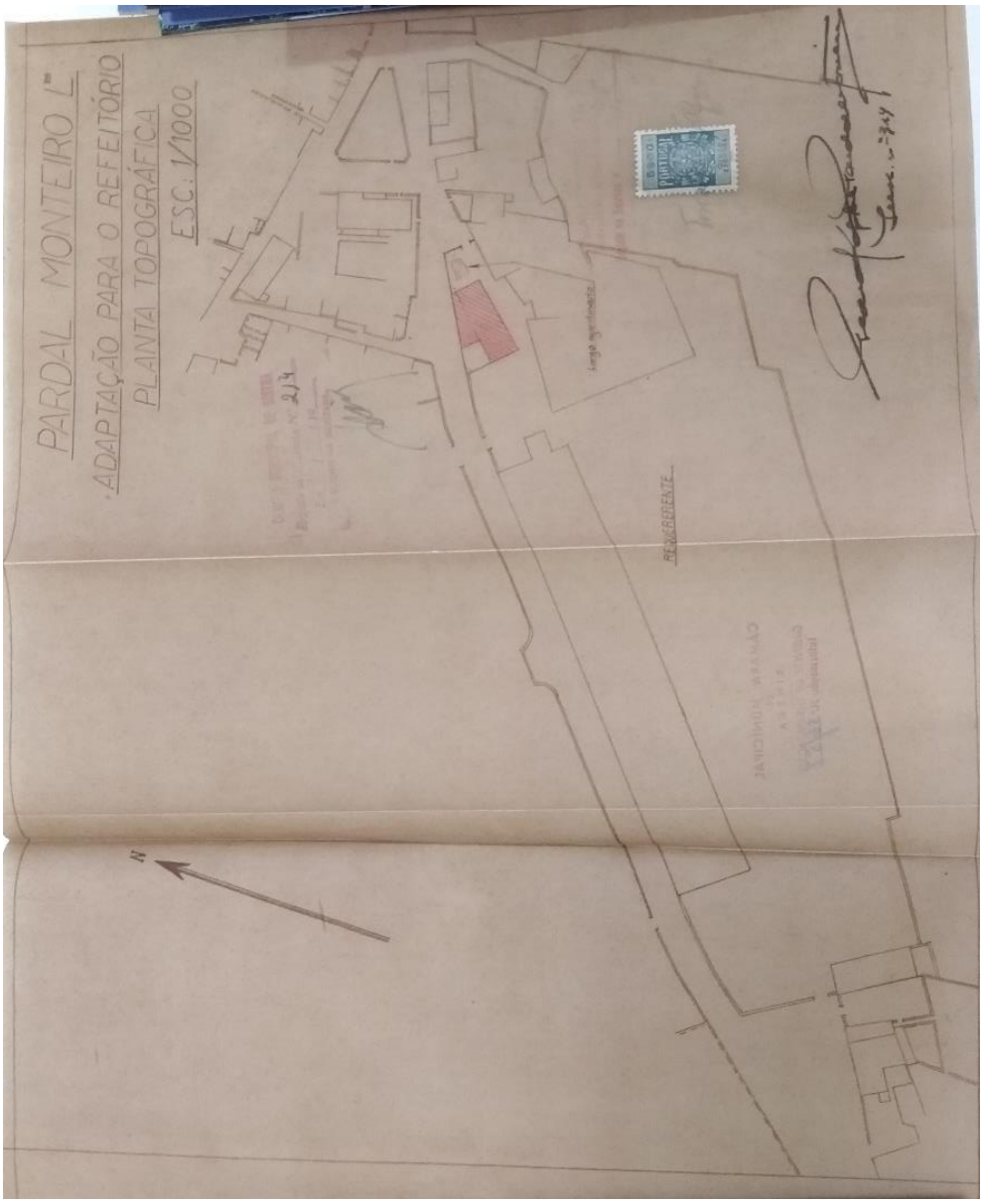
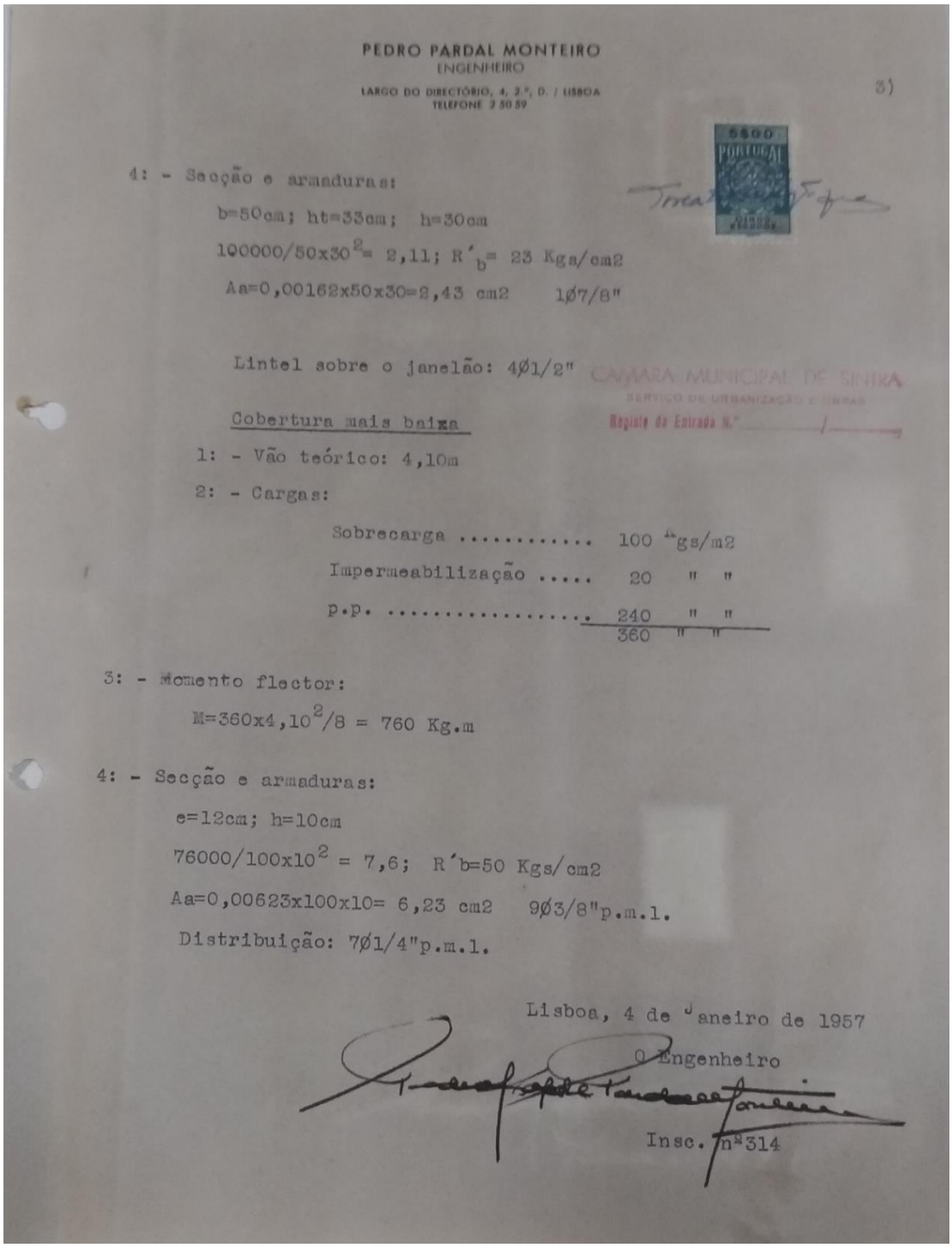


Figura 73 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peças desenhadas: planta topográfica (1957)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 50 59

3)

4: - Secção e armaduras:

b=50cm; ht=33cm; h=30cm

$100000/50x30^2$= 2,11; R´b= 23 Kgs/cm2

Aa=0,00162x50x30=2,43 cm2 1Ø7/8"

Lintel sobre o janelão: 4Ø1/2"

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º

Cobertura mais baixa

1: - Vão teórico: 4,10m

2: - Cargas:

Sobrecarga	100	Kgs/m2
Impermeabilização	20	" "
p.p.	240	" "
	360	" "

3: - Momento flector:

$M=360x4,10^2/8$ = 760 Kg.m

4: - Secção e armaduras:

e=12cm; h=10cm

$76000/100x10^2$ = 7,6; R´b=50 Kgs/cm2

Aa=0,00623x100x10= 6,23 cm2 9Ø3/8"p.m.l.

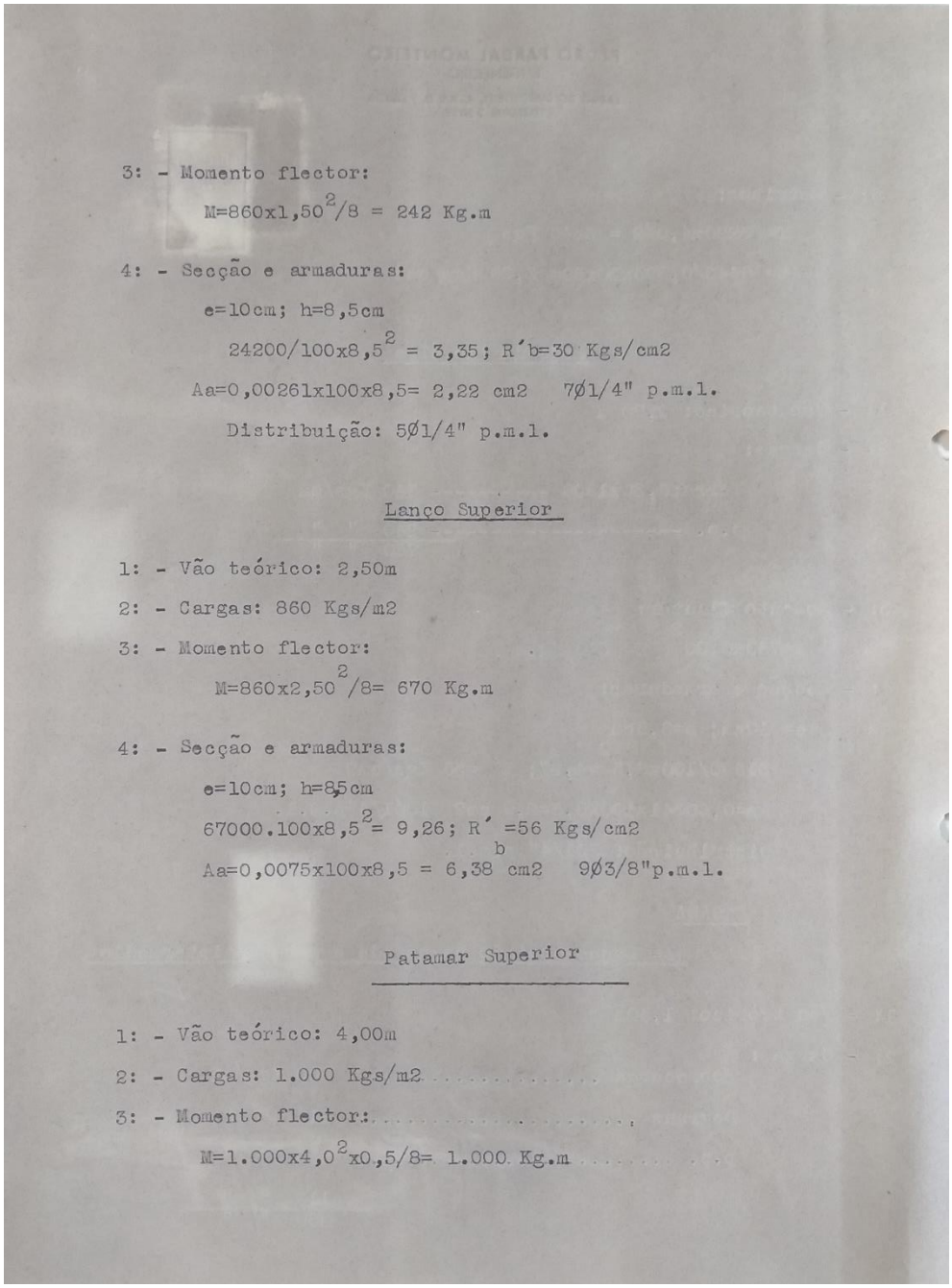
Distribuição: 7Ø1/4"p.m.l.

Lisboa, 4 de Janeiro de 1957

O Engenheiro

Insc. nº314

Figura 74 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)



3: - Momento flector:

M=860x1,50^2/8 = 242 Kg.m

4: - Secção e armaduras:

e=10cm; h=8,5cm

24200/100x8,5^2 = 3,35; R'b=30 Kgs/cm2

Aa=0,0026lx100x8,5= 2,22 cm2 7Ø1/4" p.m.l.

Distribuição: 5Ø1/4" p.m.l.

Lanço Superior

1: - Vão teórico: 2,50m

2: - Cargas: 860 Kgs/m2

3: - Momento flector:

M=860x2,50^2/8= 670 Kg.m

4: - Secção e armaduras:

e=10cm; h=8,5cm

67000.100x8,5^2= 9,26; R'$_b$ =56 Kgs/cm2

Aa=0,0075x100x8,5 = 6,38 cm2 9Ø3/8"p.m.l.

Patamar Superior

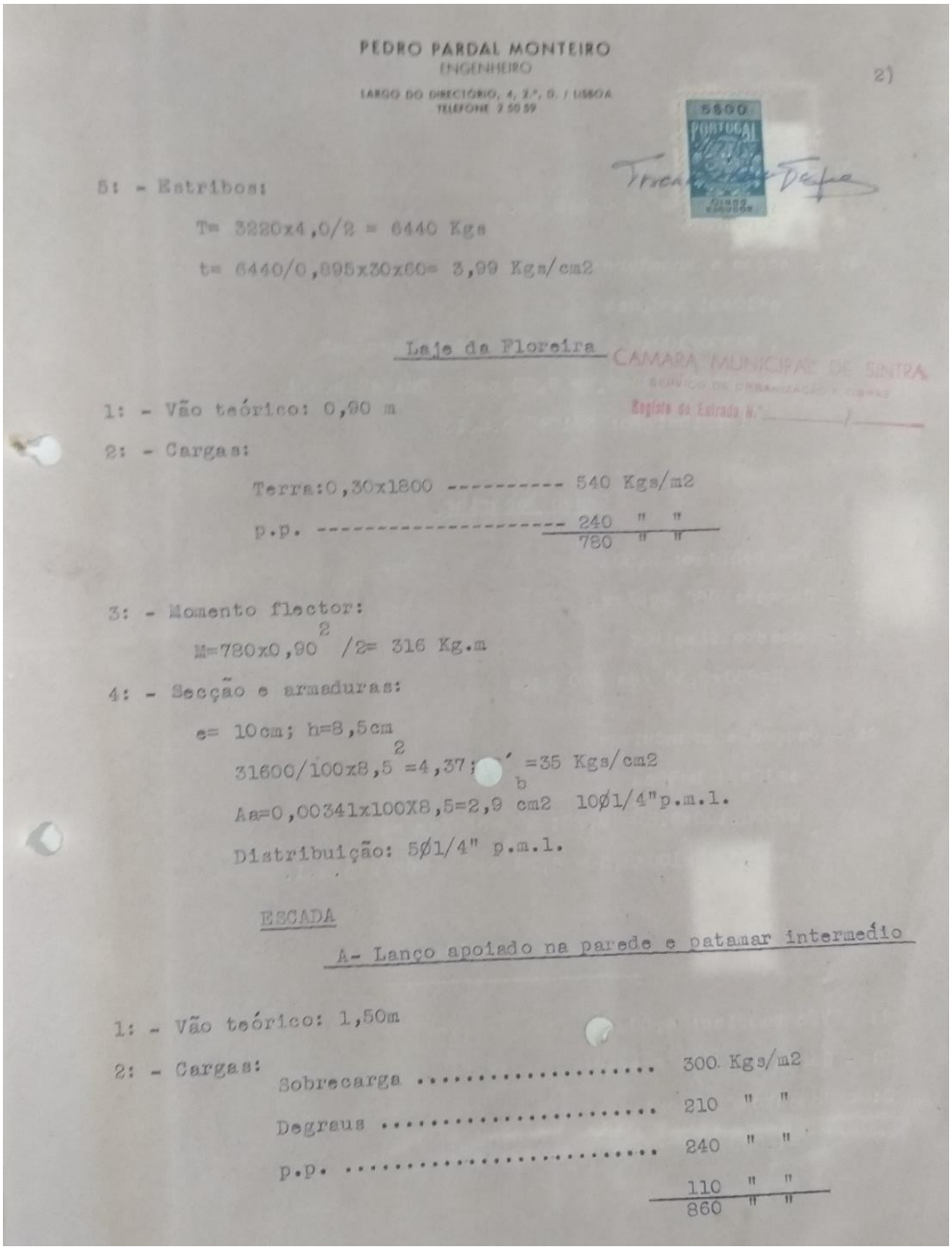
1: - Vão teórico: 4,00m

2: - Cargas: 1.000 Kgs/m2

3: - Momento flector:

M=1.000x4,0^{2}x0,5/8= 1.000 Kg.m

Figura 74a - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 50 59

2)

5$00 PORTUGAL

5: - Estribos:

T= 3220x4,0/2 = 6440 Kgs

t= 6440/0,895x30x60= 3,99 Kgs/cm2

Laje da Floreira

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE ORDENAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º ____/____

1: - Vão teórico: 0,90 m

2: - Cargas:

Terra:0,30x1800 ----------	540	Kgs/m2
p.p. ----------	240	" "
	780	" "

3: - Momento flector:

M=780x0,90^2 /2= 316 Kg.m

4: - Secção e armaduras:

e= 10cm; h=8,5cm

31600/100x8,5^2 =4,37; σ_b =35 Kgs/cm2

As=0,00341x100X8,5=2,9 cm2 10Ø1/4"p.m.l.

Distribuição: 5Ø1/4" p.m.l.

ESCADA

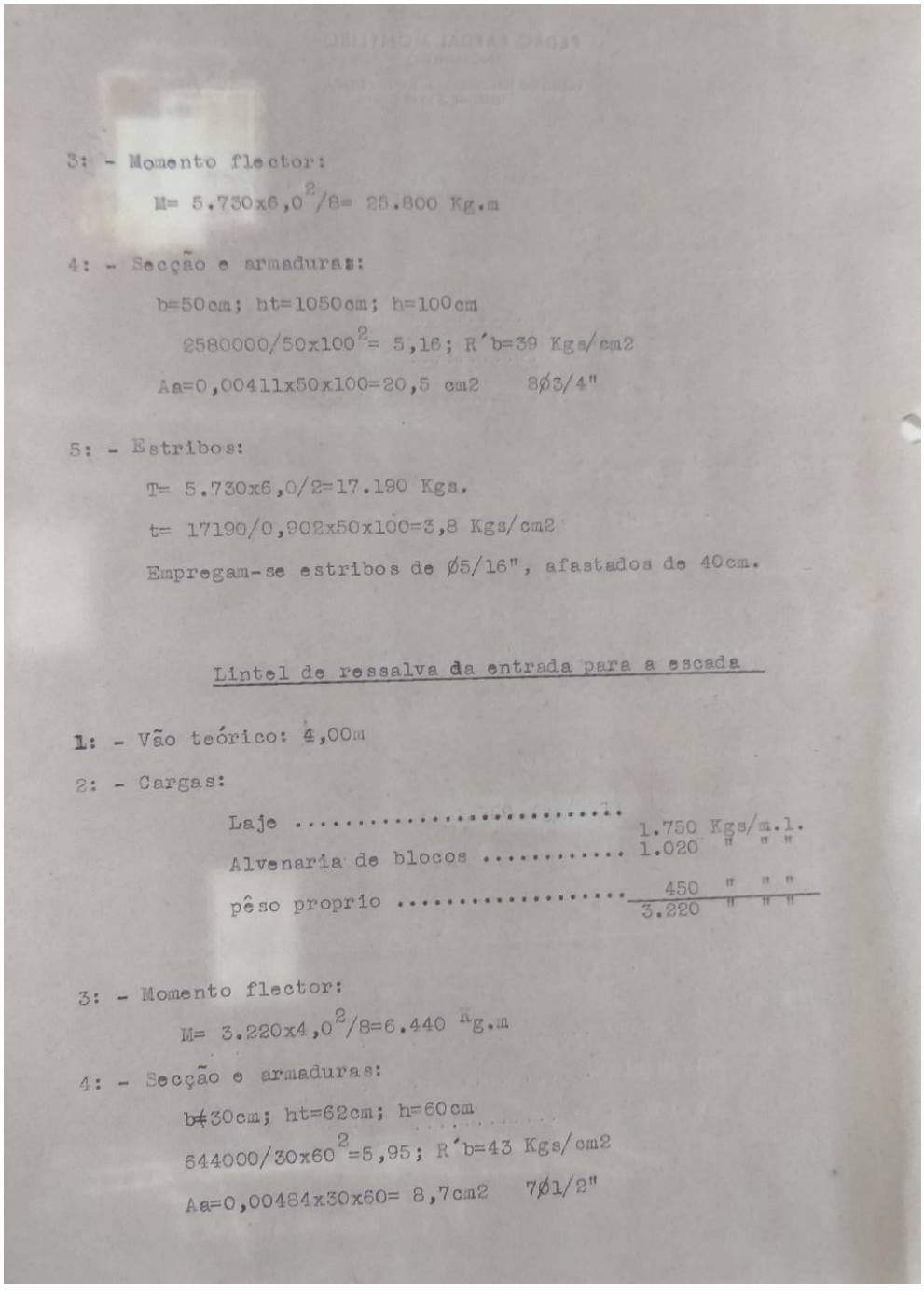
A- Lanço apoiado na parede e patamar intermédio

1: - Vão teórico: 1,50m

2: - Cargas:

Sobrecarga	300	Kgs/m2
Degraus	210	" "
p.p.	240	" "
	110	" "
	860	" "

Figura 74b - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)



3: - Momento flector:

M= 5.730x6,0^2/8= 25.800 Kg.m

4: - Secção e armaduras:

b=50cm; ht=1050cm; h=100cm

2580000/50x100^2= 5,16; R'b=39 Kgs/cm2

Aa=0,00411x50x100=20,5 cm2 8Ø3/4"

5: - Estribos:

T= 5.730x6,0/2=17.190 Kgs.

t= 17190/0,902x50x100=3,8 Kgs/cm2

Empregam-se estribos de Ø5/16", afastados de 40cm.

Lintel de ressalva da entrada para a escada

1: - Vão teórico: 4,00m

2: - Cargas:

Laje	1.750 Kgs/m.l.
Alvenaria de blocos	1.020 " " "
pêso proprio	450 " " "
	3.220 " " "

3: - Momento flector:

M= 3.220x4,0^2/8=6.440 Kg.m

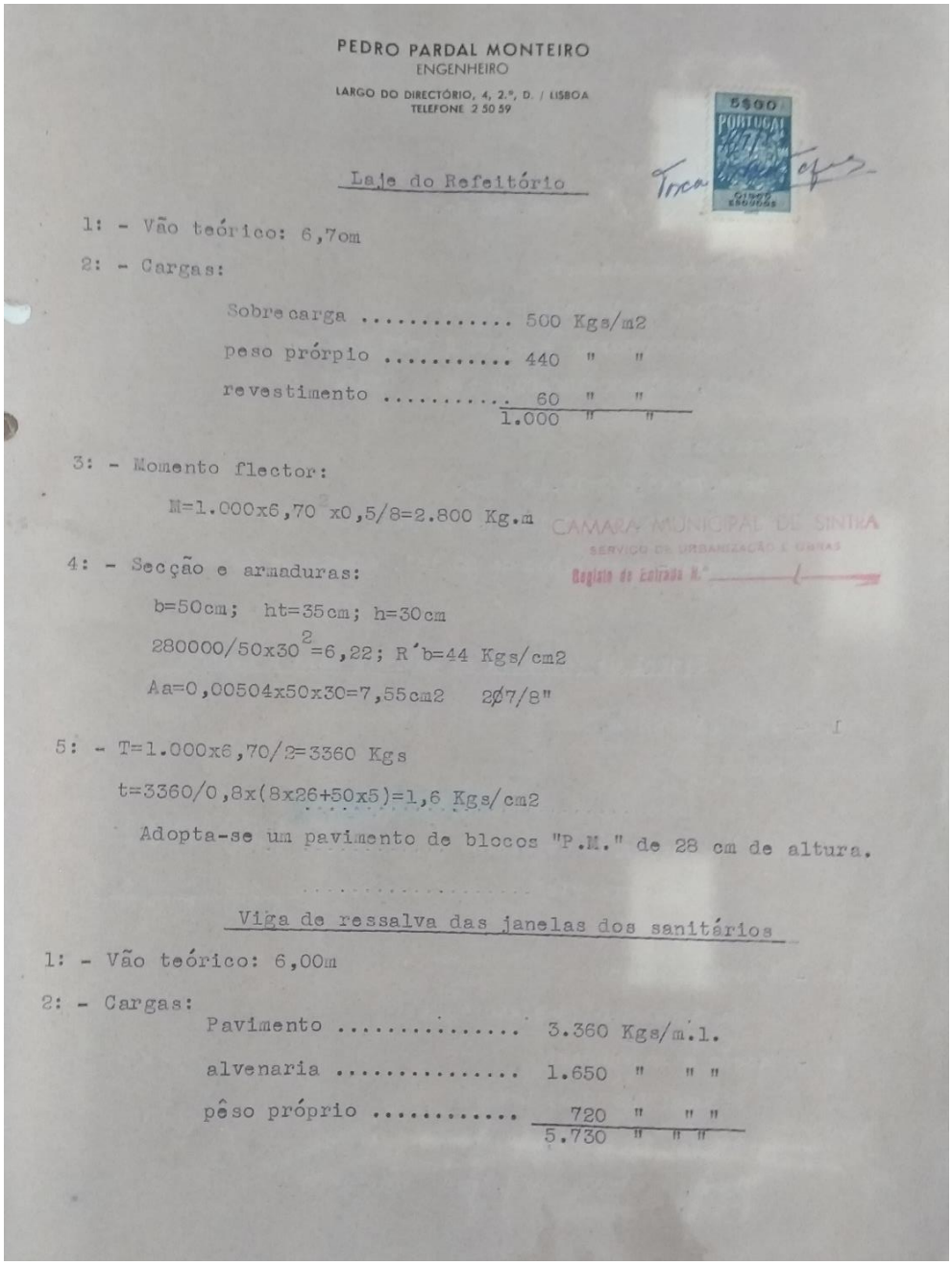
4: - Secção e armaduras:

b=30cm; ht=62cm; h=60cm

644000/30x60^2=5,95; R'b=43 Kgs/cm2

Aa=0,00484x30x60= 8,7cm2 7Ø1/2"

Figura 74c - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 50 59

Laje do Refeitório

1: - Vão teórico: 6,7om

2: - Cargas:

Sobrecarga	500	Kgs/m2
peso prórpio	440	" "
revestimento	60	" "
	1.000	" "

3: - Momento flector:

M=1.000x6,70 x0,5/8=2.800 Kg.m

4: - Secção e armaduras:

b=50cm; ht=35cm; h=30cm

$280000/50x30^{2}=6,22$; R'b=44 Kgs/cm2

Aa=0,00504x50x30=7,55cm2 2Ø7/8"

5: - T=1.000x6,70/2=3360 Kgs

t=3360/0,8x(8x26+50x5)=1,6 Kgs/cm2

Adopta-se um pavimento de blocos "P.M." de 28 cm de altura.

Viga de ressalva das janelas dos sanitários

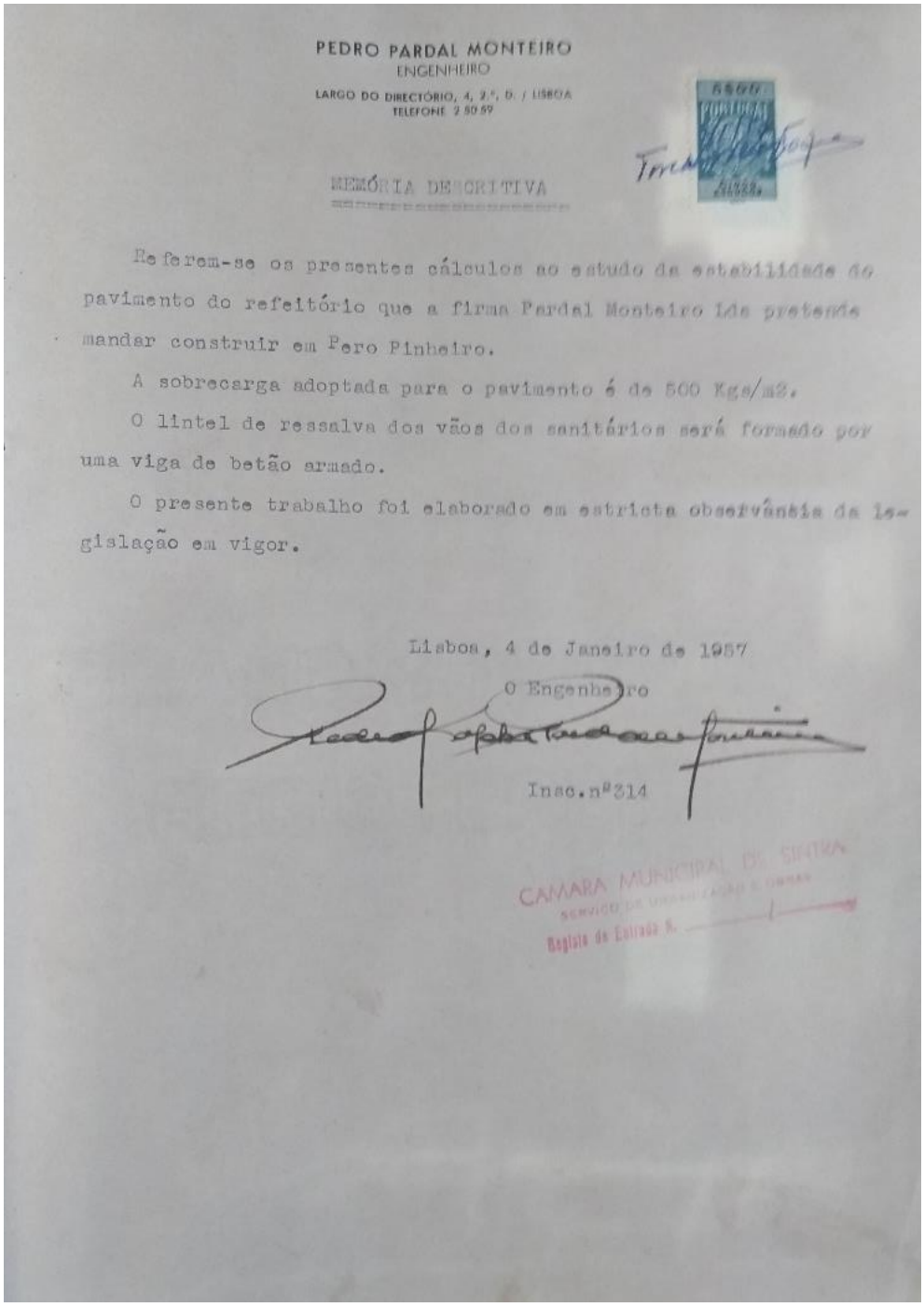
1: - Vão teórico: 6,00m

2: - Cargas:

Pavimento	3.360	Kgs/m.l.
alvenaria	1.650	" " "
pêso próprio	720	" " "
	5.730	" " "

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º

Figura 74d - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- cálculos estrutura (1957)



PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 50 59

MEMÓRIA DESCRITIVA

Referem-se os presentes cálculos ao estudo da estabilidade do pavimento do refeitório que a firma Pardal Monteiro Lda pretende mandar construir em Pero Pinheiro.

A sobrecarga adoptada para o pavimento é de 500 Kgs/m2.

O lintel de ressalva dos vãos dos sanitários será formado por uma viga de betão armado.

O presente trabalho foi elaborado em estricta observância da legislação em vigor.

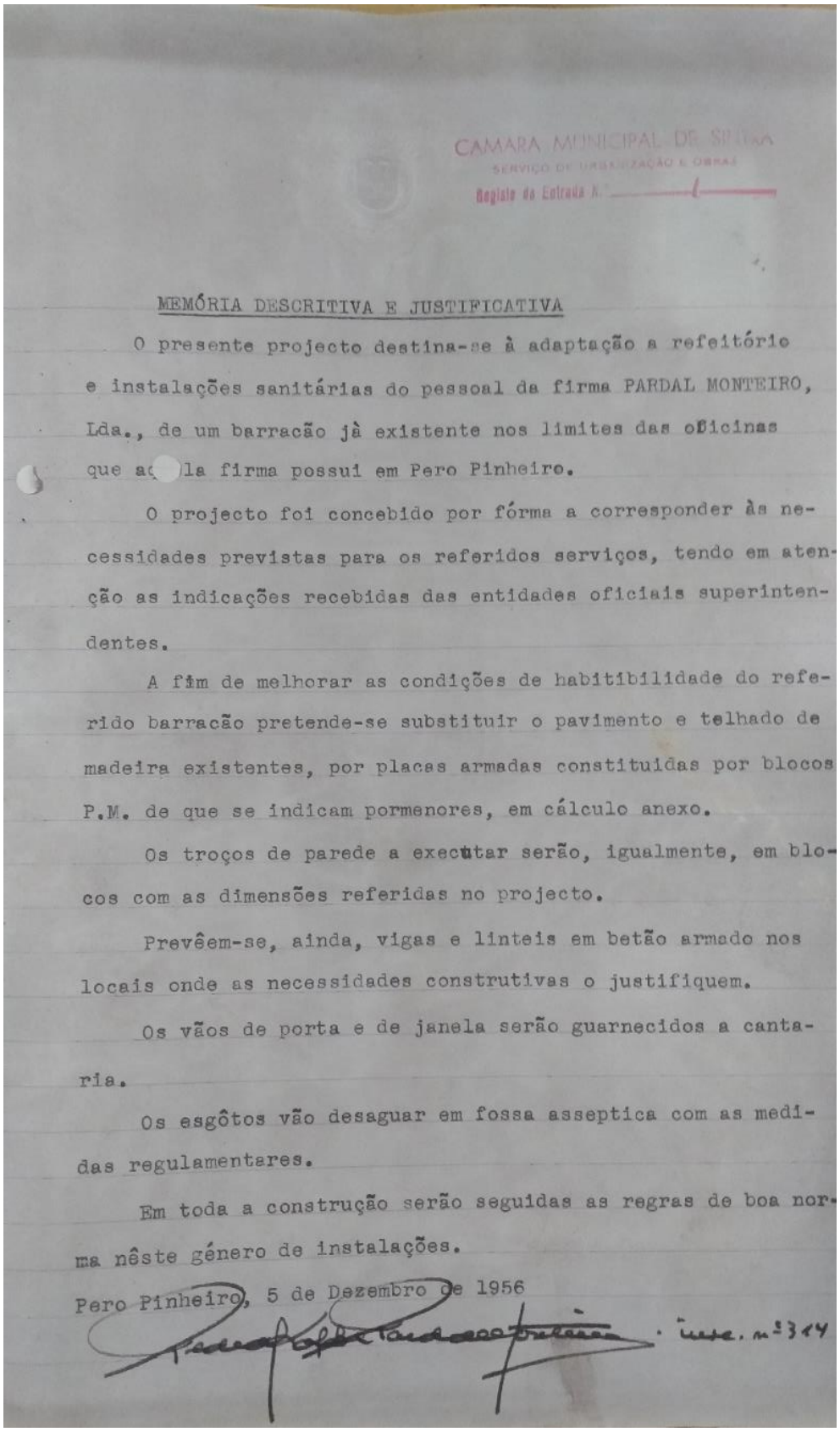
Lisboa, 4 de Janeiro de 1957

O Engenheiro

Insc.nº314

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.

Figura 75 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório-memória descritiva (1957)



CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º 1

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

O presente projecto destina-se à adaptação a refeitório e instalações sanitárias do pessoal da firma PARDAL MONTEIRO, Lda., de um barracão já existente nos limites das oficinas que aquela firma possui em Pero Pinheiro.

O projecto foi concebido por fórma a corresponder às necessidades previstas para os referidos serviços, tendo em atenção as indicações recebidas das entidades oficiais superintendentes.

A fim de melhorar as condições de habitibilidade do referido barracão pretende-se substituir o pavimento e telhado de madeira existentes, por placas armadas constituidas por blocos P.M. de que se indicam pormenores, em cálculo anexo.

Os troços de parede a executar serão, igualmente, em blocos com as dimensões referidas no projecto.

Prevêem-se, ainda, vigas e linteis em betão armado nos locais onde as necessidades construtivas o justifiquem.

Os vãos de porta e de janela serão guarnecidos a cantaria.

Os esgôtos vão desaguar em fossa asseptica com as medidas regulamentares.

Em toda a construção serão seguidas as regras de boa norma nêste género de instalações.

Pero Pinheiro, 5 de Dezembro de 1956

Insc. nº 314

Figura 76 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- memória descritiva e justificativa (1957)

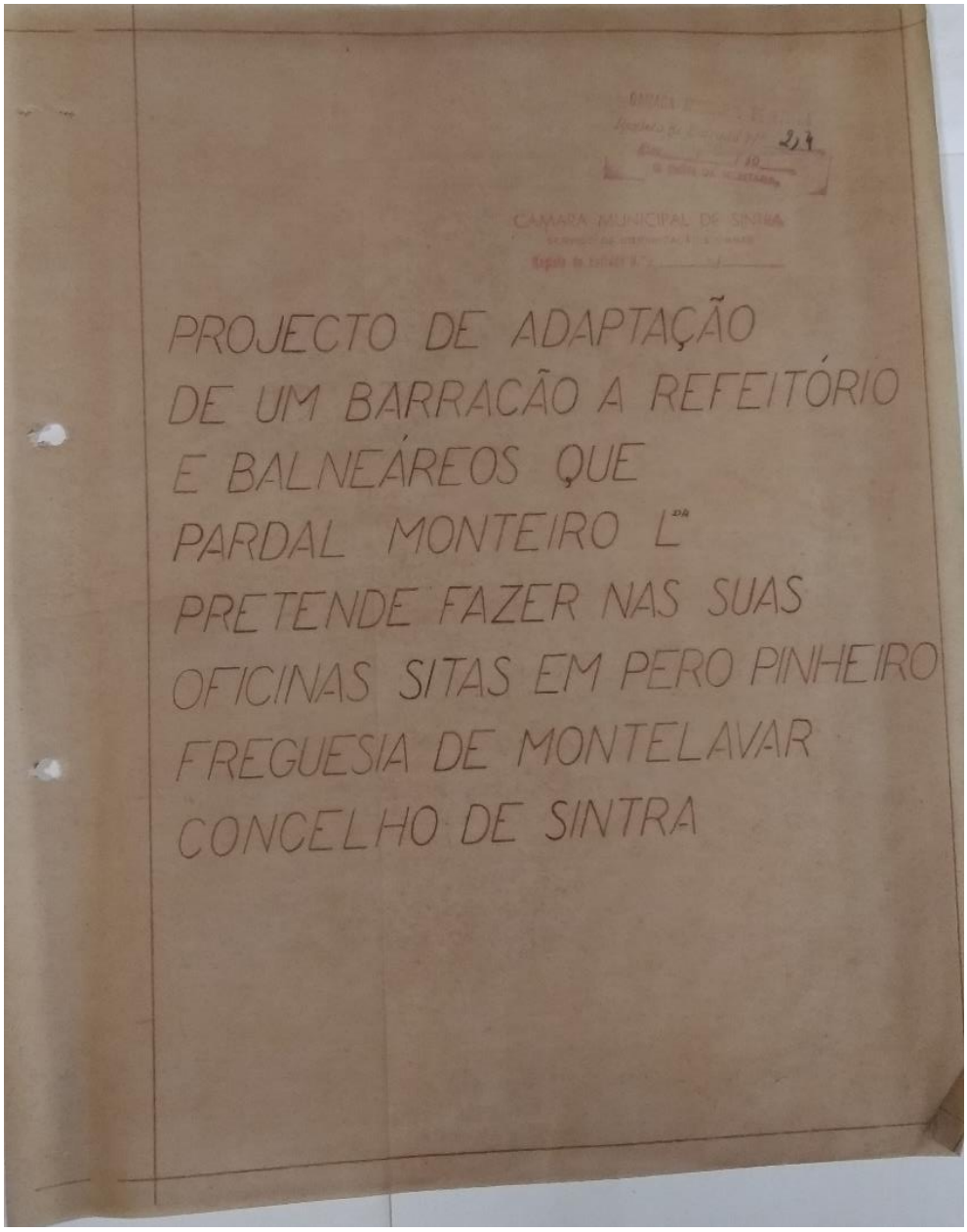


Figura 77 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Peça desenhada (1957)

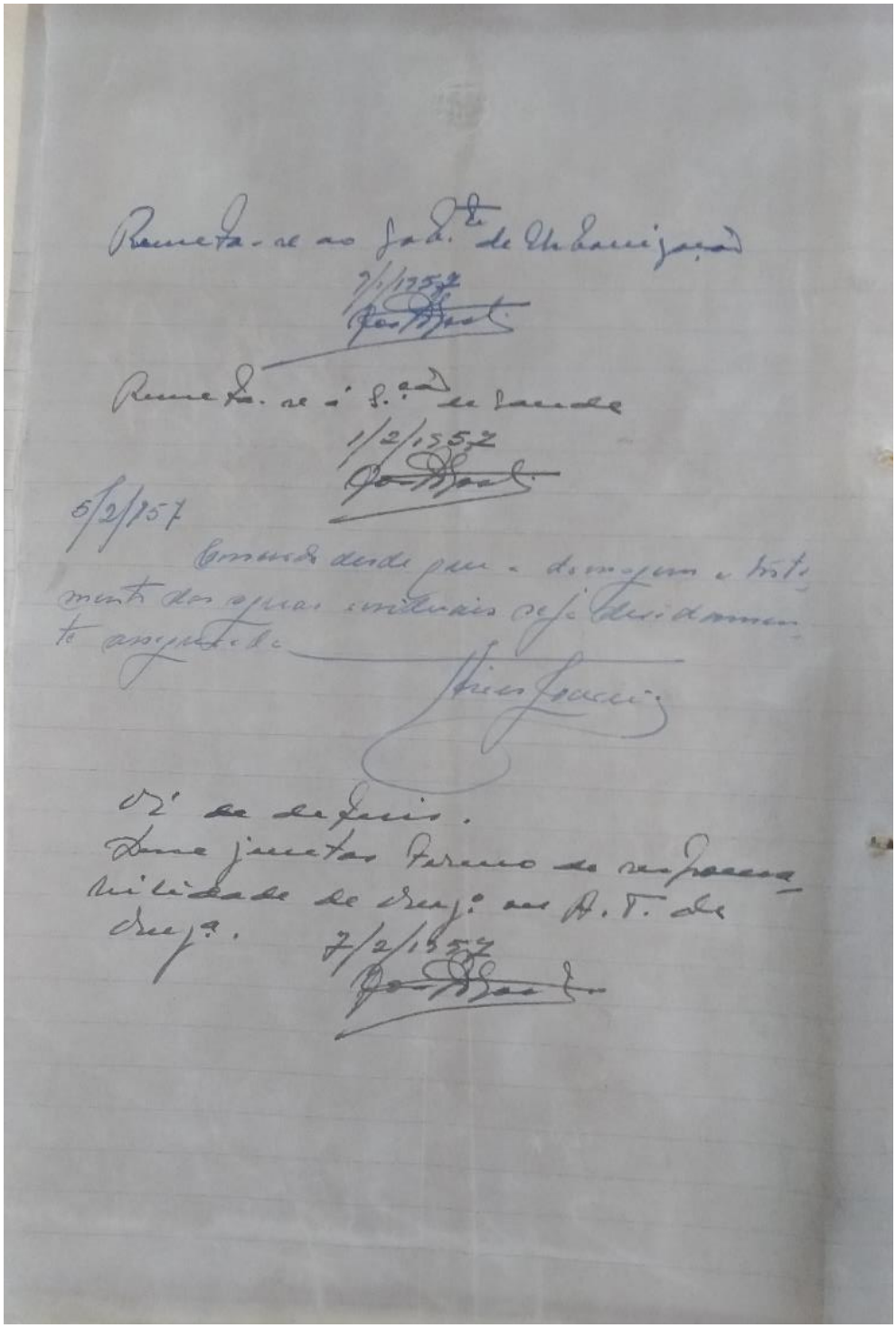
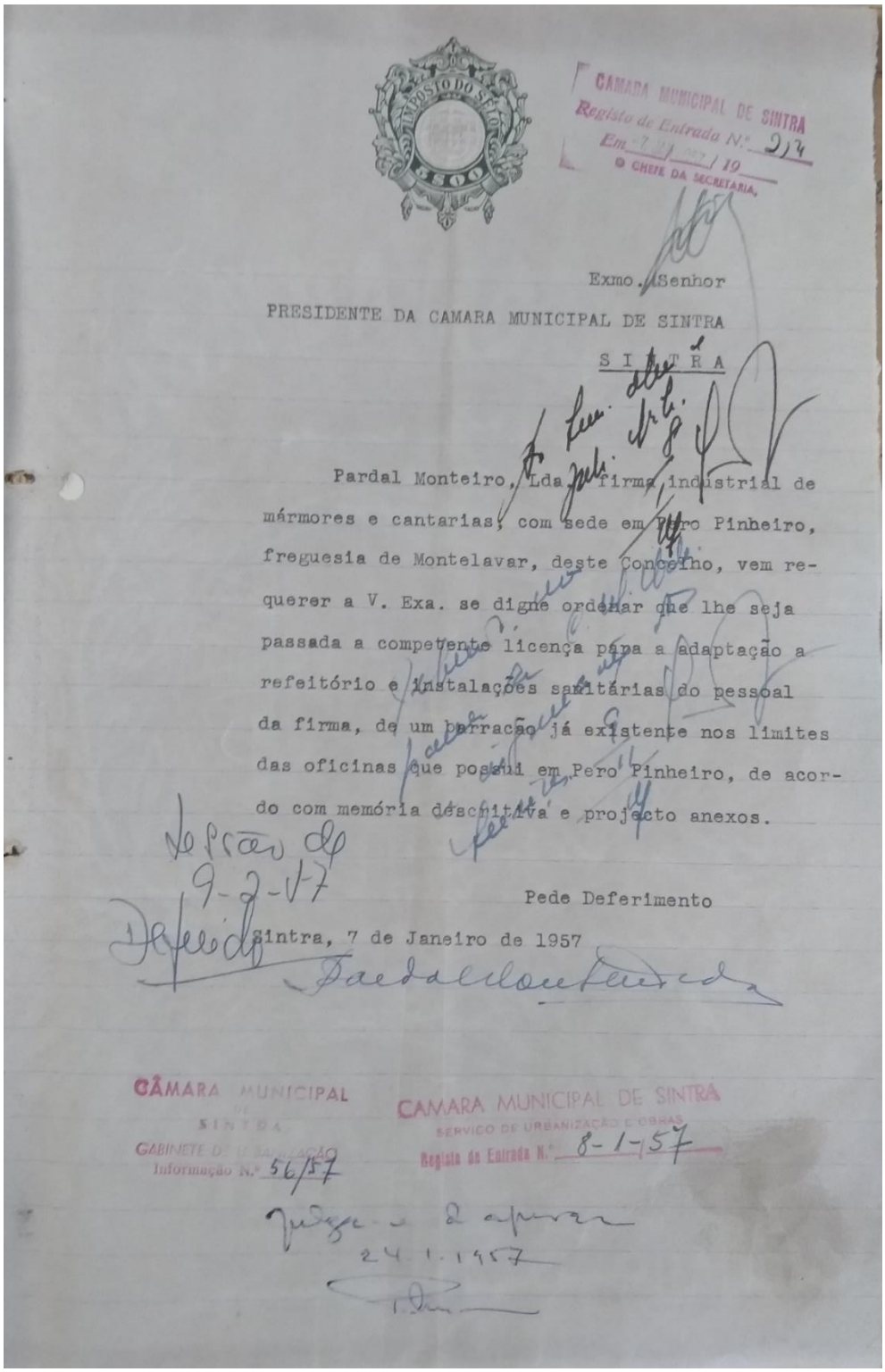


Figura 78 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- pedido de licença (1957)



CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
Registo de Entrada N.º 214
Em 7/1/1957 / 19
O CHEFE DA SECRETARIA,

Exmo. Senhor
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
S I N T R A

Pardal Monteiro, Lda, firma industrial de mármores e cantarias, com sede em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, deste Concelho, vem requerer a V. Exa. se digne ordenar que lhe seja passada a competente licença para a adaptação a refeitório e instalações sanitárias do pessoal da firma, de um barracão já existente nos limites das oficinas que possui em Pero Pinheiro, de acordo com memória descritiva e projecto anexos.

Pede Deferimento

Sintra, 7 de Janeiro de 1957

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
GABINETE DE URBANIZAÇÃO
Informação N.º 56/57

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º 8-1-57

24.1.1957

Figura 78a - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- pedido de licença (1957)

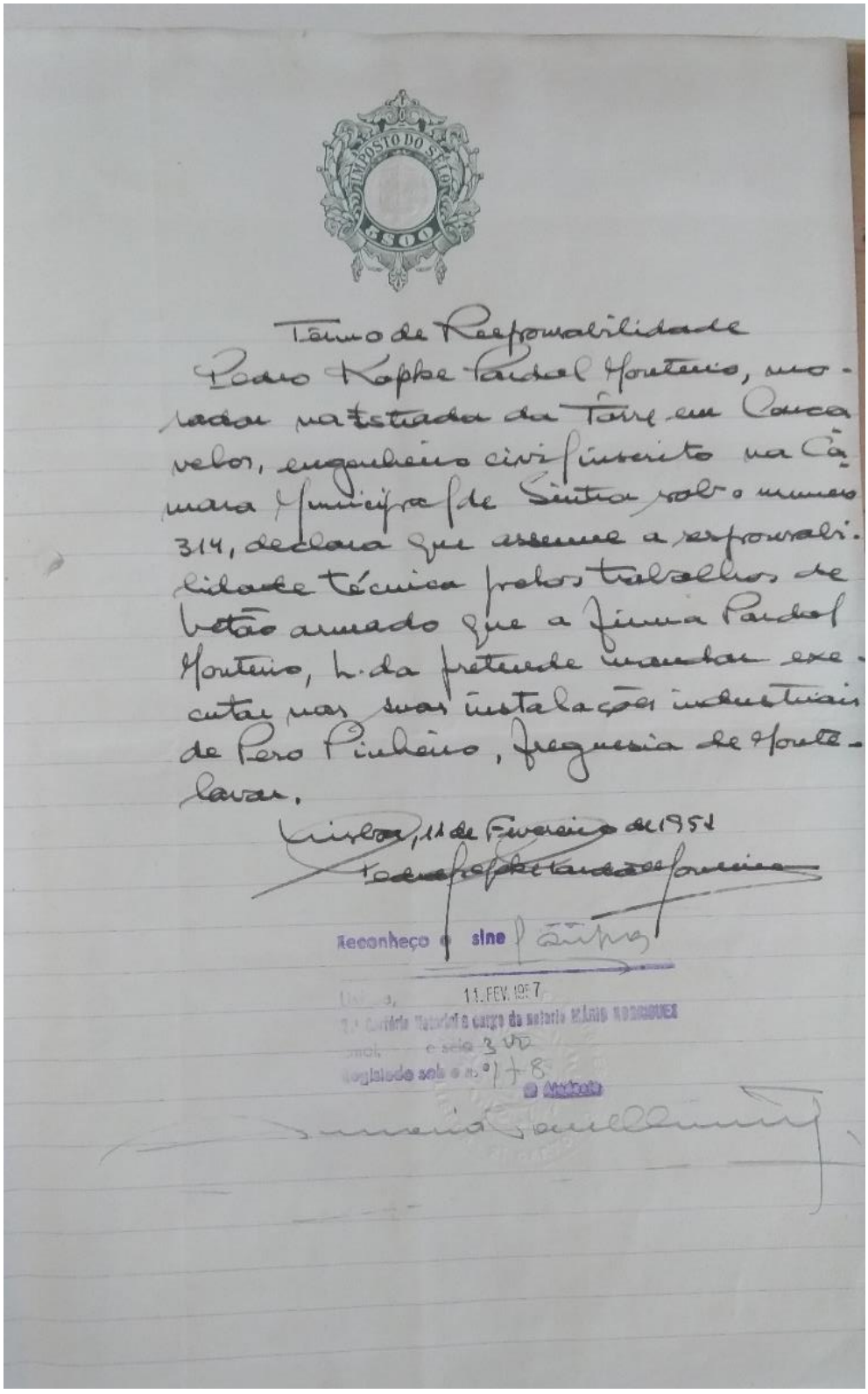
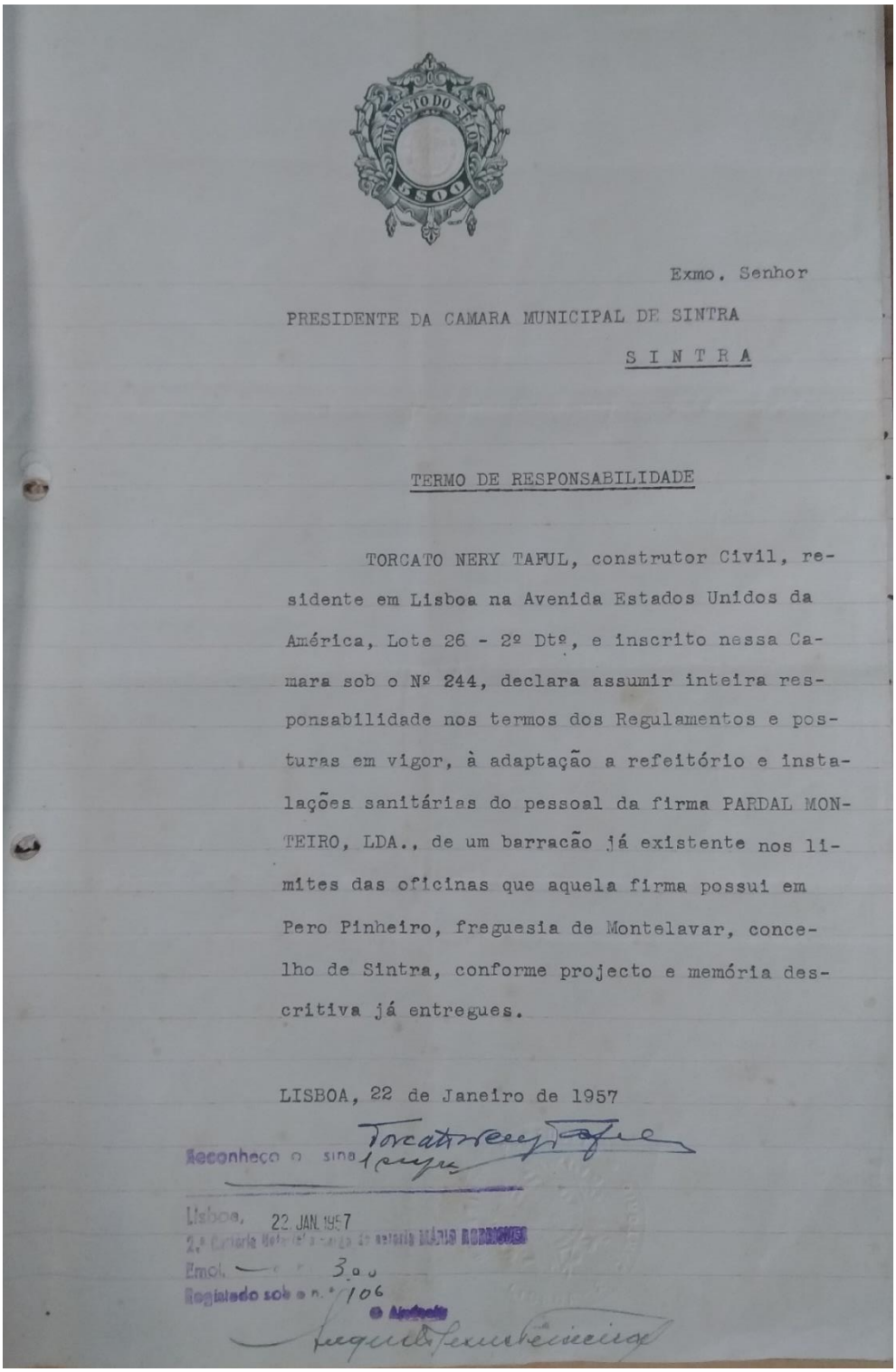


Figura 79 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- termo de responsabilidade (1957)



Exmo. Senhor

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

S I N T R A

TERMO DE RESPONSABILIDADE

TORCATO NERY TAFUL, construtor Civil, residente em Lisboa na Avenida Estados Unidos da América, Lote 26 - 2º Dtº, e inscrito nessa Camara sob o Nº 244, declara assumir inteira responsabilidade nos termos dos Regulamentos e posturas em vigor, à adaptação a refeitório e instalações sanitárias do pessoal da firma PARDAL MONTEIRO, LDA., de um barracão já existente nos limites das oficinas que aquela firma possui em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, conforme projecto e memória descritiva já entregues.

LISBOA, 22 de Janeiro de 1957

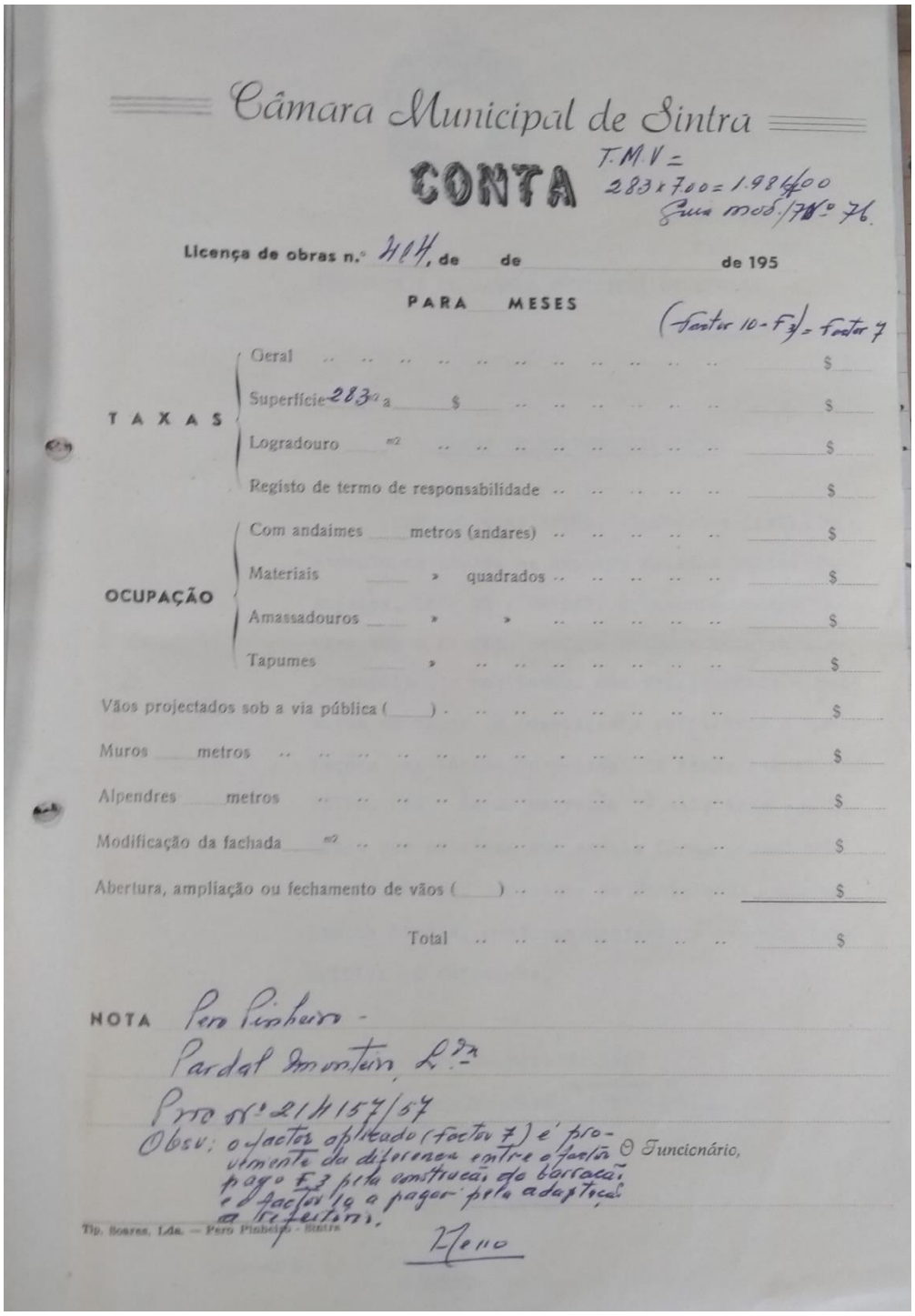
Reconheço o sinal

Lisboa, 22 JAN. 1957

Emol. 3.00

Registado sob o n.º 106

Figura 79a - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- termo responsabilidade (1957)



Câmara Municipal de Sintra

CONTA

T.M.V = 283 x 700 = 1.984$00
Guia mod 78 - 76.

Licença de obras n.º 214, de de de 195

PARA MESES

(Factor 10 - F3 = Factor 7

TAXAS
- Geral
- Superfície 283 m2 a $
- Logradouro m2
- Registo de termo de responsabilidade

OCUPAÇÃO
- Com andaimes metros (andares)
- Materiais » quadrados
- Amassadouros » »
- Tapumes »

Vãos projectados sob a via pública ( )

Muros metros

Alpendres metros

Modificação da fachada m2

Abertura, ampliação ou fechamento de vãos ( )

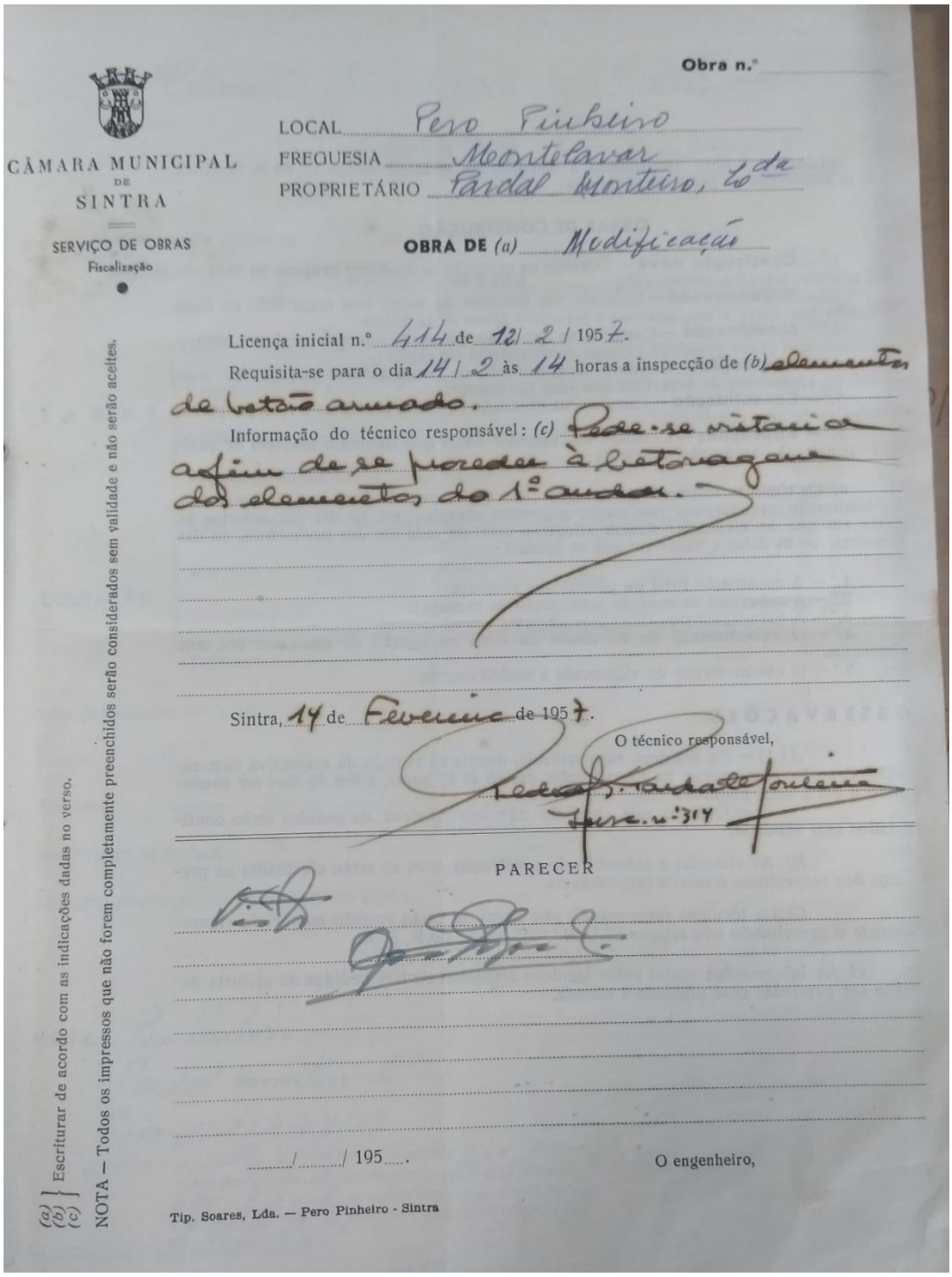
Total

NOTA Pero Pinheiro -
Pardal Monteiro, L.da
Proc nº 214/157/57
Obsv: o factor aplicado (factor 7) é proveniente da diferença entre o factor pago F3 pela construcção de barracão e o factor 10 a pagar pela adaptação a refeitório.

O Funcionário,

Tip. Soares, Lda. — Pero Pinheiro - Sintra

Figura 80 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Contas Câmara Municipal de Sintra (1957)



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇO DE OBRAS
Fiscalização

Obra n.º

LOCAL Pero Pinheiro
FREGUESIA Montelavar
PROPRIETÁRIO Pardal Monteiro, Lda

OBRA DE (a) Modificação

Licença inicial n.º 414 de 12 / 2 / 1957.
Requisita-se para o dia 14 / 2 às 14 horas a inspecção de (b) elementos de betão armado.
Informação do técnico responsável: (c) Pede-se vistoria a fim de se proceder à betonagem dos elementos do 1º andar.

Sintra, 14 de Fevereiro de 1957.

O técnico responsável,

Eduardo J. Cardoso Pereira
Insc. n.º 314

PARECER

..... / ..... / 195....

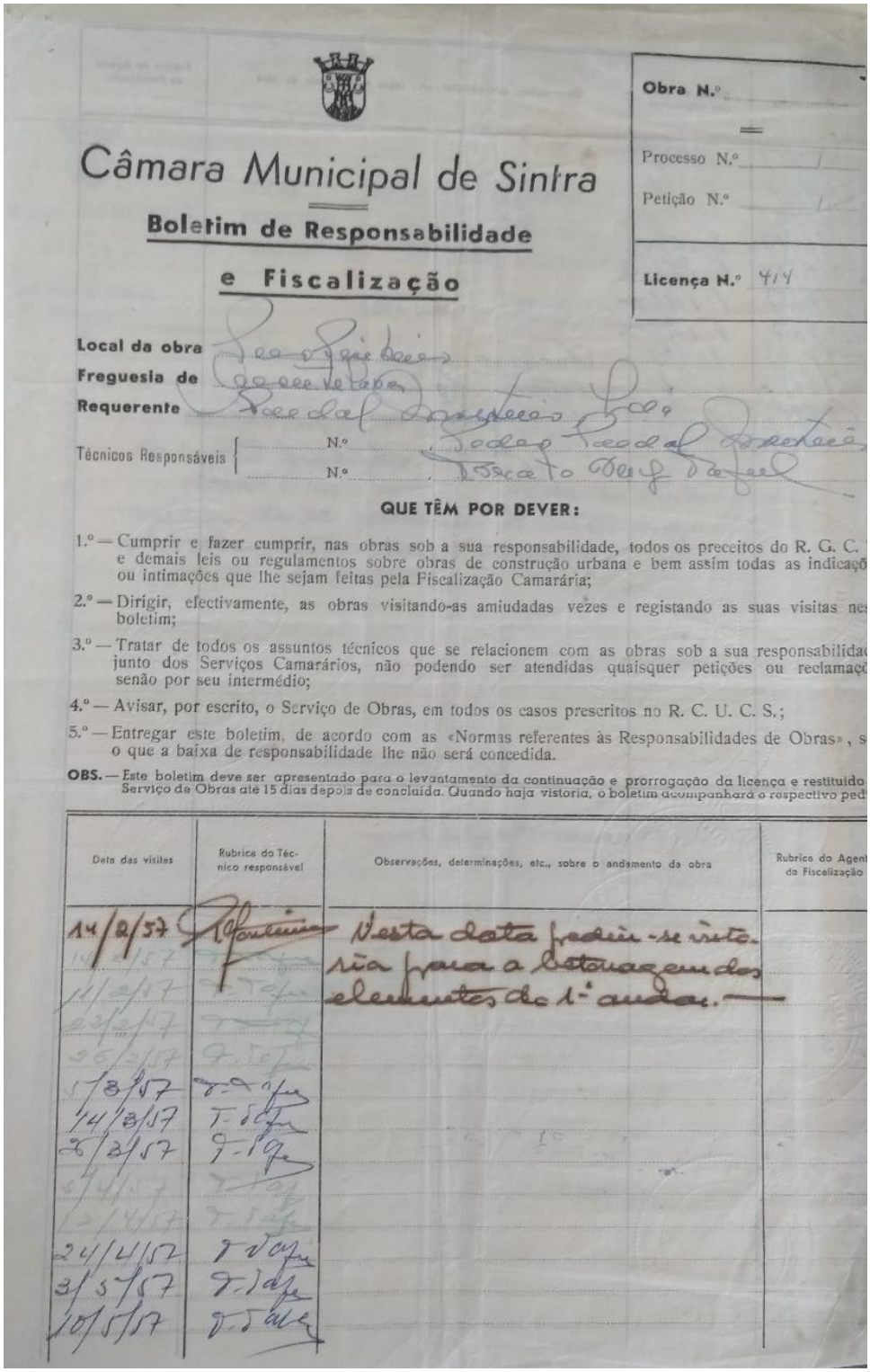
O engenheiro,

Tip. Soares, Lda. — Pero Pinheiro - Sintra

(a) (b) (c) } Escriturar de acordo com as indicações dadas no verso.

NOTA — Todos os impressos que não forem completamente preenchidos serão considerados sem validade e não serão aceites.

Figura 81 - Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Pedido de vistoria betonagem (1957)



Câmara Municipal de Sintra

Boletim de Responsabilidade e Fiscalização

Obra N.º

Processo N.º

Petição N.º

Licença N.º 414

Local da obra

Freguesia de

Requerente

Técnicos Responsáveis { N.º N.º

QUE TÊM POR DEVER:

1.º — Cumprir e fazer cumprir, nas obras sob a sua responsabilidade, todos os preceitos do R. G. C. e demais leis ou regulamentos sobre obras de construção urbana e bem assim todas as indicaçõ ou intimações que lhe sejam feitas pela Fiscalização Camarária;

2.º — Dirigir, efectivamente, as obras visitando-as amiudadas vezes e registando as suas visitas ne boletim;

3.º — Tratar de todos os assuntos técnicos que se relacionem com as obras sob a sua responsabilida junto dos Serviços Camarários, não podendo ser atendidas quaisquer petições ou reclamaçõ senão por seu intermédio;

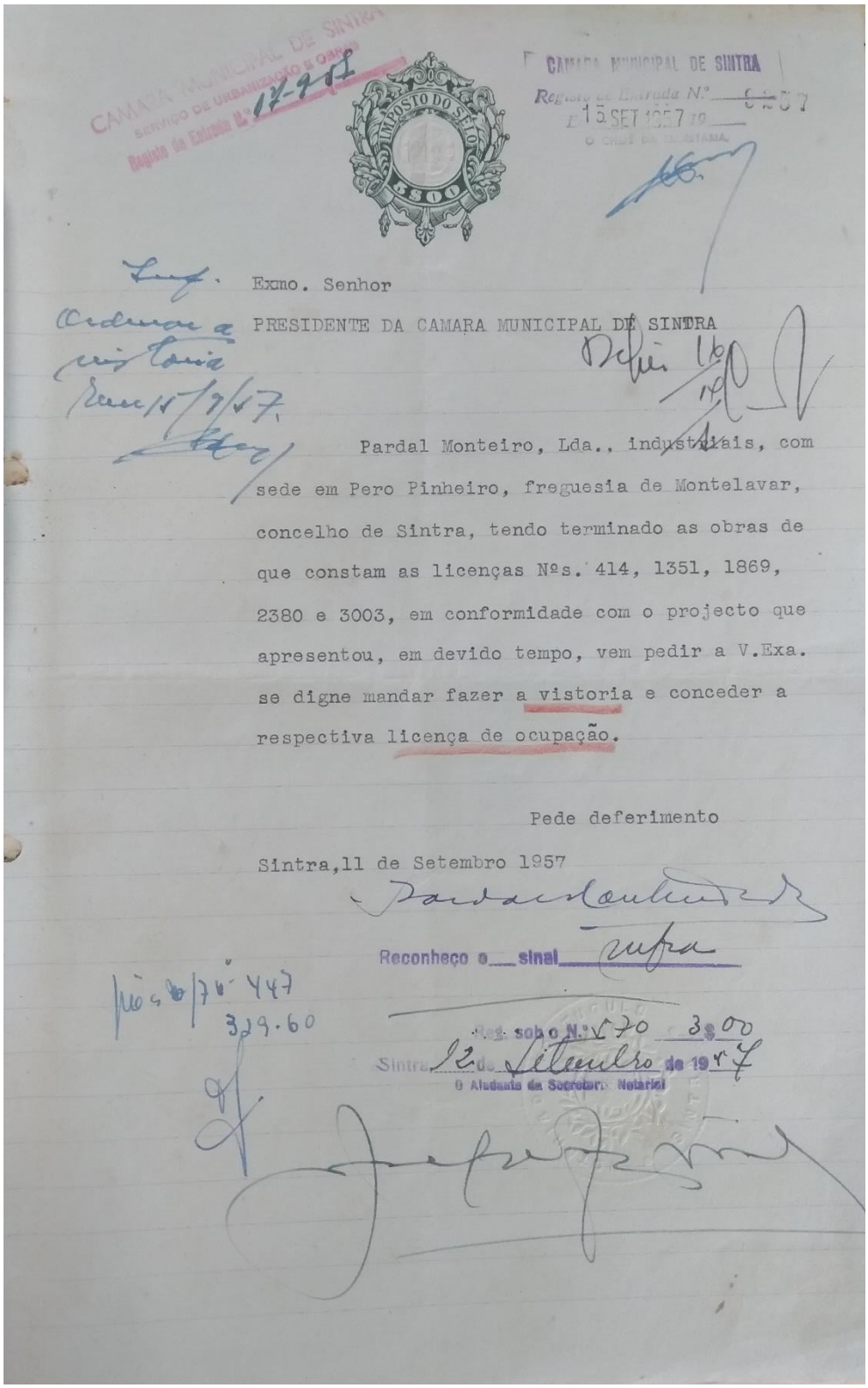
4.º — Avisar, por escrito, o Serviço de Obras, em todos os casos prescritos no R. C. U. C. S.;

5.º — Entregar este boletim, de acordo com as «Normas referentes às Responsabilidades de Obras», s o que a baixa de responsabilidade lhe não será concedida.

OBS. — Este boletim deve ser apresentado para o levantamento da continuação e prorrogação da licença e restituído Serviço de Obras até 15 dias depois de concluída. Quando haja vistoria, o boletim acompanhará o respectivo ped

Data das visitas	Rubrica do Técnico responsável	Observações, determinações, etc., sobre o andamento da obra	Rubrica do Agent da Fiscalização
14/2/57		Nesta data fez-se vistoria para a betonagem dos elementos do 1º andar.	
5/3/57			
14/3/57			
26/3/57			
24/4/57			
3/5/57			
10/5/57			

Figura 82- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Boletim de responsabilidade e fiscalidade (1957)



CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇO DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Registo de Entrada N.º 17-9-57

CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA
Registo de Entrada N.º 6357
15 SET 1957
O CHEFE DA SECRETARIA

1$ POSTO DO SELO 1$00

Exmo. Senhor
PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE SINTRA

Pardal Monteiro, Lda., industriais, com sede em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, tendo terminado as obras de que constam as licenças Nºs. 414, 1351, 1869, 2380 e 3003, em conformidade com o projecto que apresentou, em devido tempo, vem pedir a V.Exa. se digne mandar fazer a vistoria e conceder a respectiva licença de ocupação.

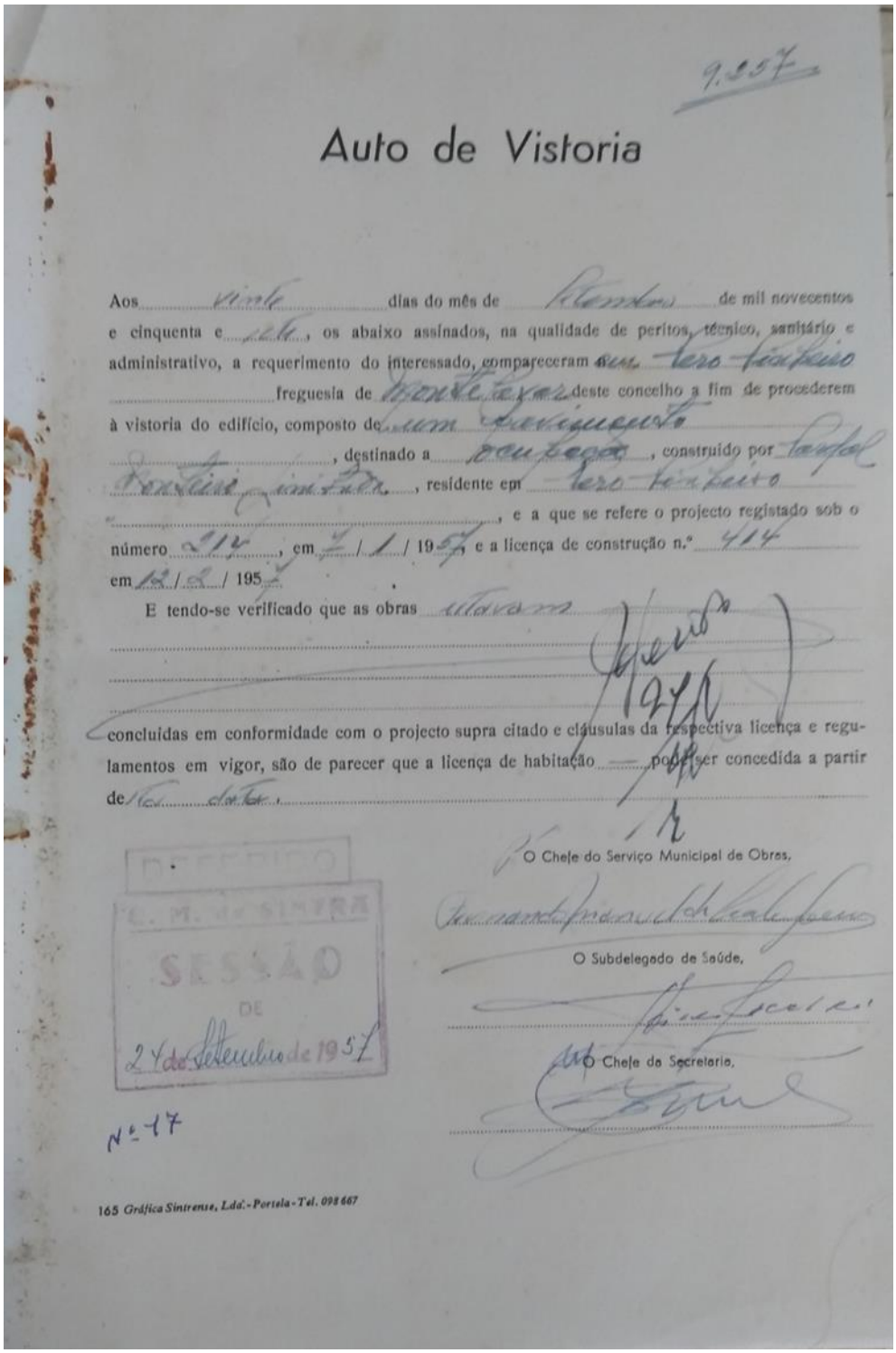
Pede deferimento

Sintra, 11 de Setembro 1957

Reconheço o sinal supra

Reg. sob o N.º 570 3$00
Sintra 12 de Setembro de 1957
O Ajudante de Secretário Notarial

Figura 83- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Pedido vistoria para cedência de licença de ocupação (1957)



9.957

Auto de Vistoria

Aos vinte dias do mês de Setembro de mil novecentos e cinquenta e sete, os abaixo assinados, na qualidade de peritos, técnico, sanitário e administrativo, a requerimento do interessado, compareceram no Tero Terceiro freguesia de Monte Lavar deste concelho a fim de procederem à vistoria do edifício, composto de um Rez-do-chão, destinado a Refeitório, construido por Serafim Martins Simões, residente em Tero Terceiro, e a que se refere o projecto registado sob o número 214, em 7 / 1 / 1957, e a licença de construção n.º 414 em 12 / 2 / 1957.

E tendo-se verificado que as obras estavam concluídas em conformidade com o projecto supra citado e cláusulas da respectiva licença e regulamentos em vigor, são de parecer que a licença de habitação pode ser concedida a partir de 16 do corr.

O Chefe do Serviço Municipal de Obras,

O Subdelegado de Saúde,

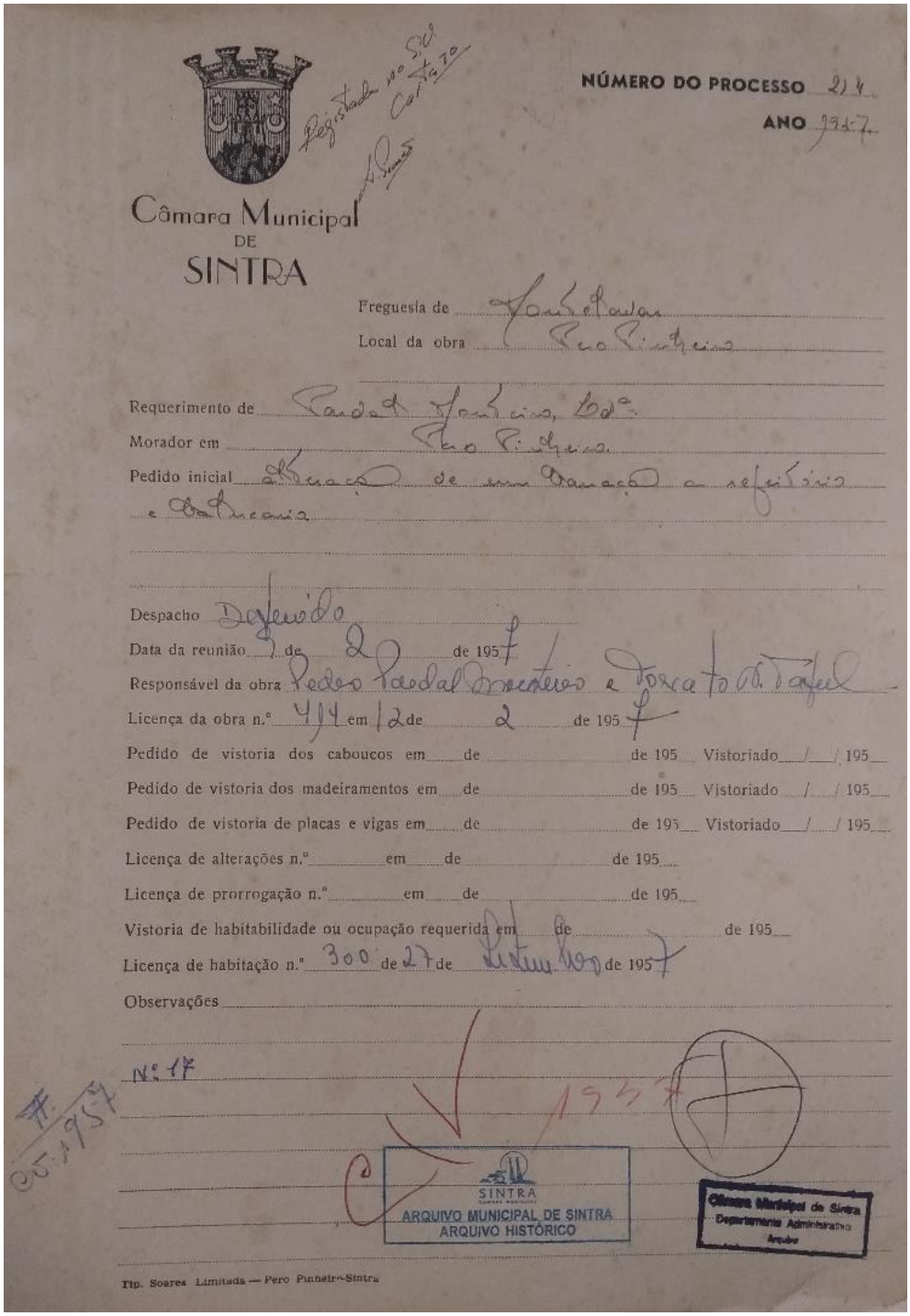
O Chefe da Secretaria,

REFEITÓRIO
C. M. de SINTRA
SESSÃO
DE
24 de Setembro de 1957

N.º 17

165 Gráfica Sintrense, Lda.-Portela-Tel. 098 667

Figura 84- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- Auto de vistoria (1957)



Câmara Municipal
DE
SINTRA

NÚMERO DO PROCESSO 214
ANO 1957

Freguesia de Santa Maria
Local da obra Rua Pinheiro

Requerimento de Paulo Martins, Sr.
Morador em Rua Pinheiro
Pedido inicial Licença de uma adaptação a refeitório
e Cafetaria

Despacho Deferido
Data da reunião 1 de 2 de 1957
Responsável da obra Pedro Paulo Martins e Horácio A. Tafula
Licença da obra n.º 414 em 12 de 2 de 1957
Pedido de vistoria dos cabouços em de de 195 Vistoriado / / 195
Pedido de vistoria dos madeiramentos em de de 195 Vistoriado / / 195
Pedido de vistoria de placas e vigas em de de 195 Vistoriado / / 195
Licença de alterações n.º em de de 195
Licença de prorrogação n.º em de de 195
Vistoria de habitabilidade ou ocupação requerida em de de 195
Licença de habitação n.º 300 de 27 de Outubro de 1957
Observações

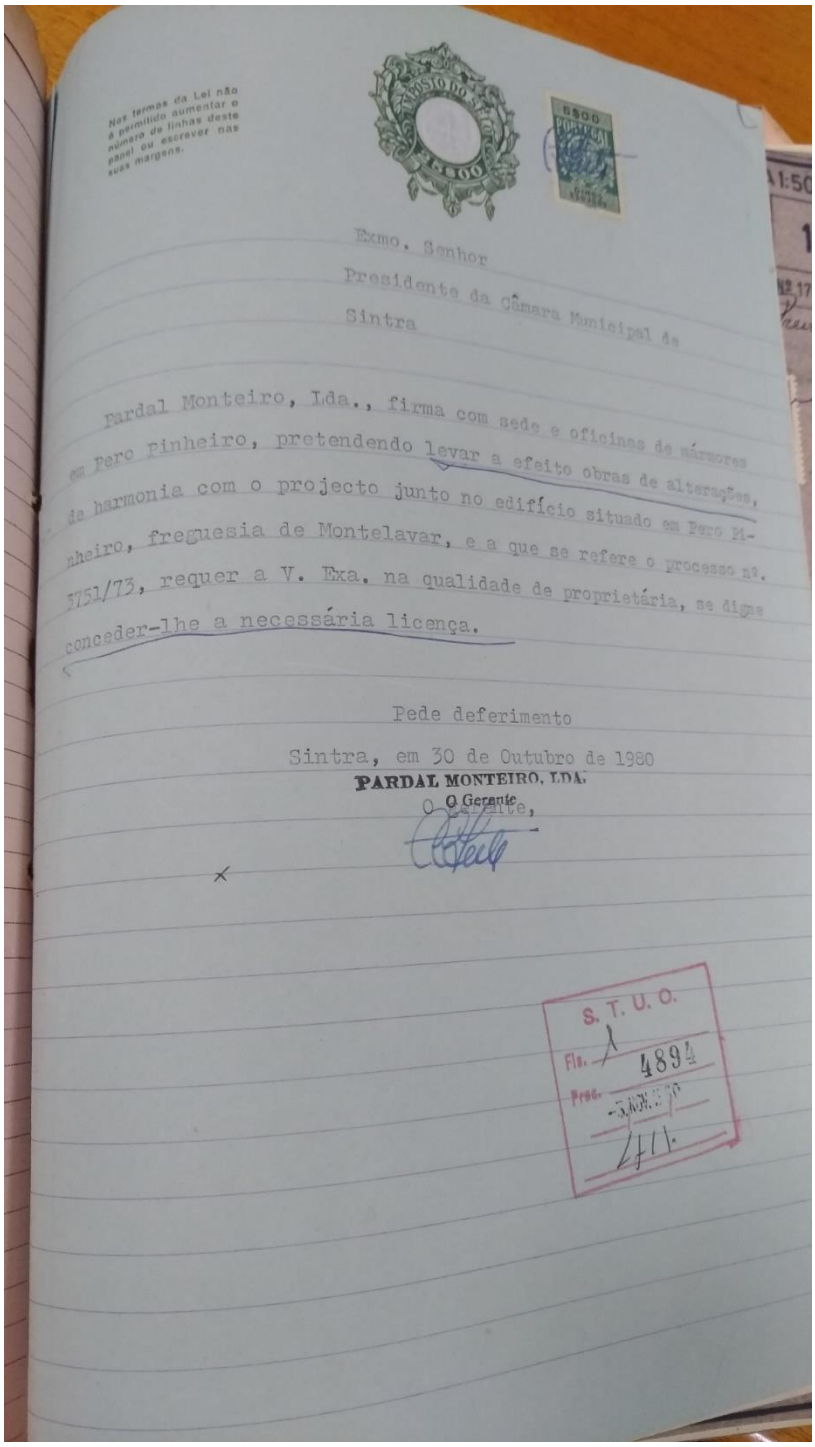
N.º 17

SINTRA
ARQUIVO MUNICIPAL DE SINTRA
ARQUIVO HISTÓRICO

Câmara Municipal de Sintra
Departamento Administrativo
Arquivo

Tip. Soares Limitada — Pero Pinheiro-Sintra

Figura 85- Projeto de obra particular nº 214/57- Adaptação a refeitório- capa (1957)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de
Sintra

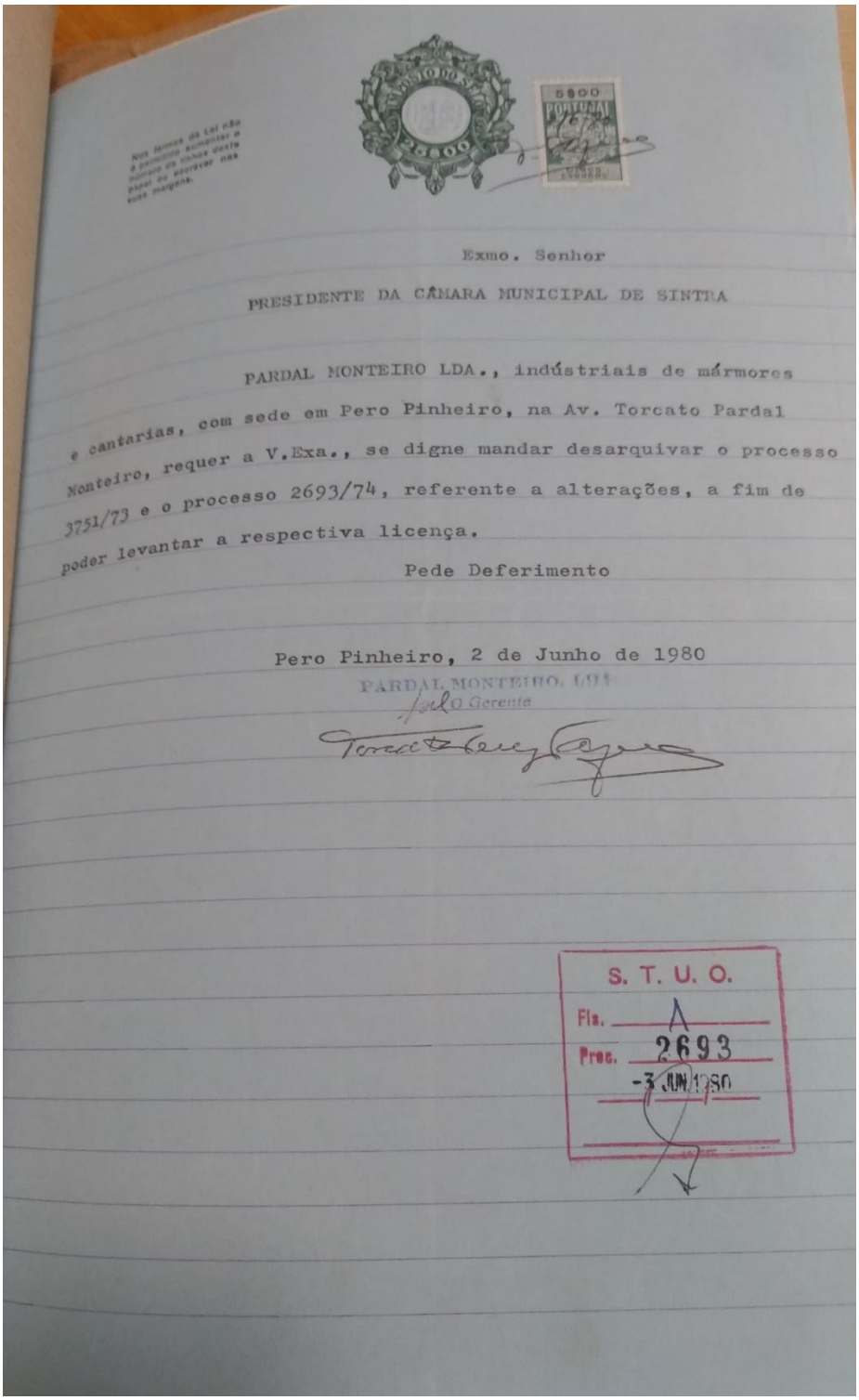
Pardal Monteiro, Lda., firma com sede e oficinas de mármores em Pero pinheiro, pretendendo levar a efeito obras de alterações, de harmonia com o projecto junto no edifício situado em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, e a que se refere o processo nº. 3751/73, requer a V. Exa. na qualidade de proprietária, se digne conceder-lhe a necessária licença.

Pede deferimento

Sintra, em 30 de Outubro de 1980
PARDAL MONTEIRO, LDA.
O Gerente,

S. T. U. O.
Fls. 1
Proc. 4894
411

Figura 86 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de obras de alteração (1973-80)



Exmo. Senhor

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

PARDAL MONTEIRO LDA., indústriais de mármores e cantarias, com sede em Pero Pinheiro, na Av. Torcato Pardal Monteiro, requer a V.Exa., se digne mandar desarquivar o processo 3751/73 e o processo 2693/74, referente a alterações, a fim de poder levantar a respectiva licença.

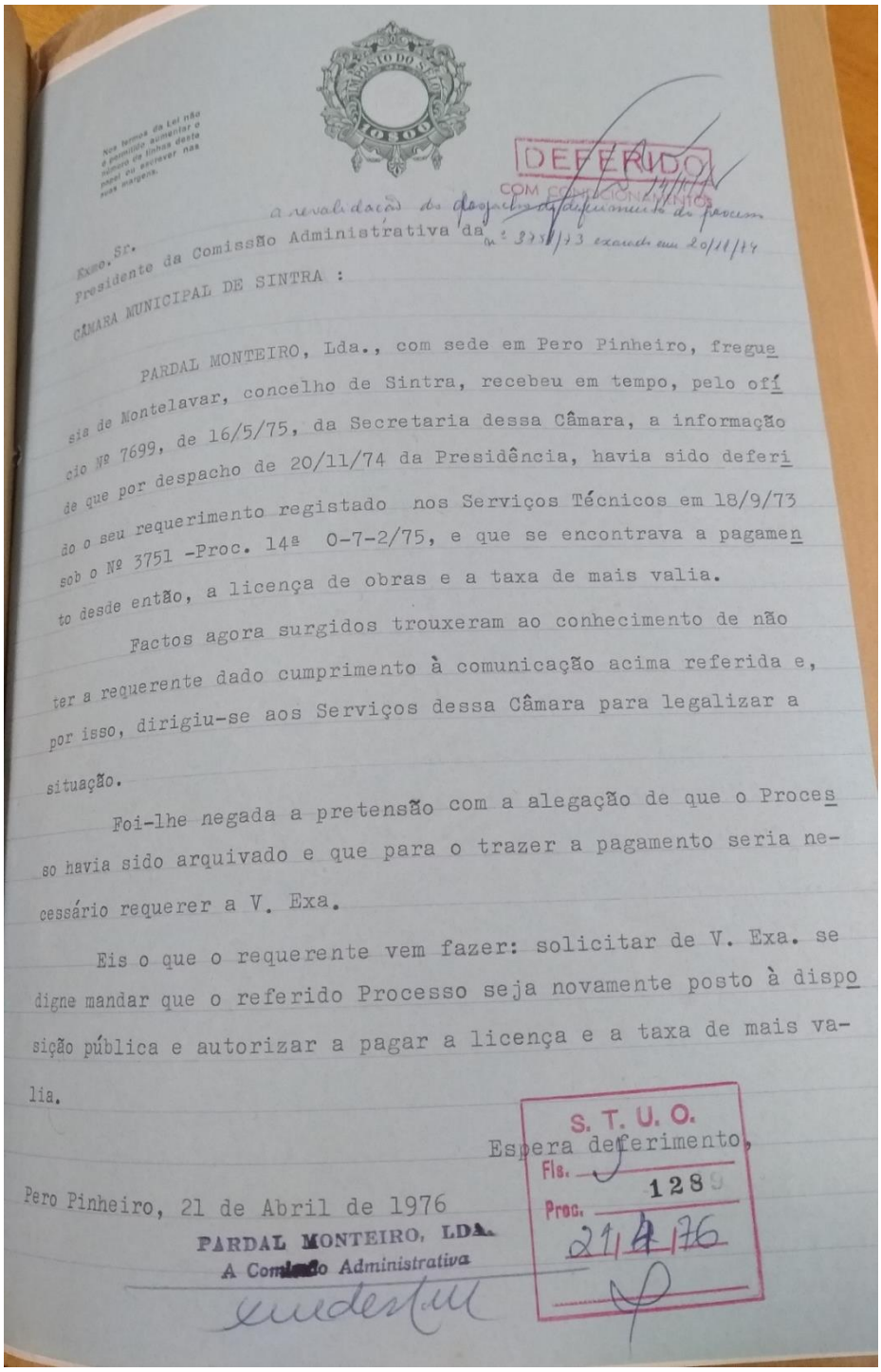
Pede Deferimento

Pero Pinheiro, 2 de Junho de 1980

PARDAL MONTEIRO, LDA
O Gerente

S. T. U. O.
Fls. A
Proc. 2693
-3 JUN 1980

Figura 87 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de desarquivo (1973-80)



DEFERIDO
COM ESTIPULADOS CONDICIONAMENTOS

a revalidação do despacho proferido no processo
nº 3751/73 exarado em 20/11/74

Exmo. Sr.
Presidente da Comissão Administrativa da
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA :

PARDAL MONTEIRO, Lda., com sede em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, recebeu em tempo, pelo ofício Nº 7699, de 16/5/75, da Secretaria dessa Câmara, a informação de que por despacho de 20/11/74 da Presidência, havia sido deferido o seu requerimento registado nos Serviços Técnicos em 18/9/73 sob o Nº 3751 -Proc. 14ª 0-7-2/75, e que se encontrava a pagamento desde então, a licença de obras e a taxa de mais valia.

Factos agora surgidos trouxeram ao conhecimento de não ter a requerente dado cumprimento à comunicação acima referida e, por isso, dirigiu-se aos Serviços dessa Câmara para legalizar a situação.

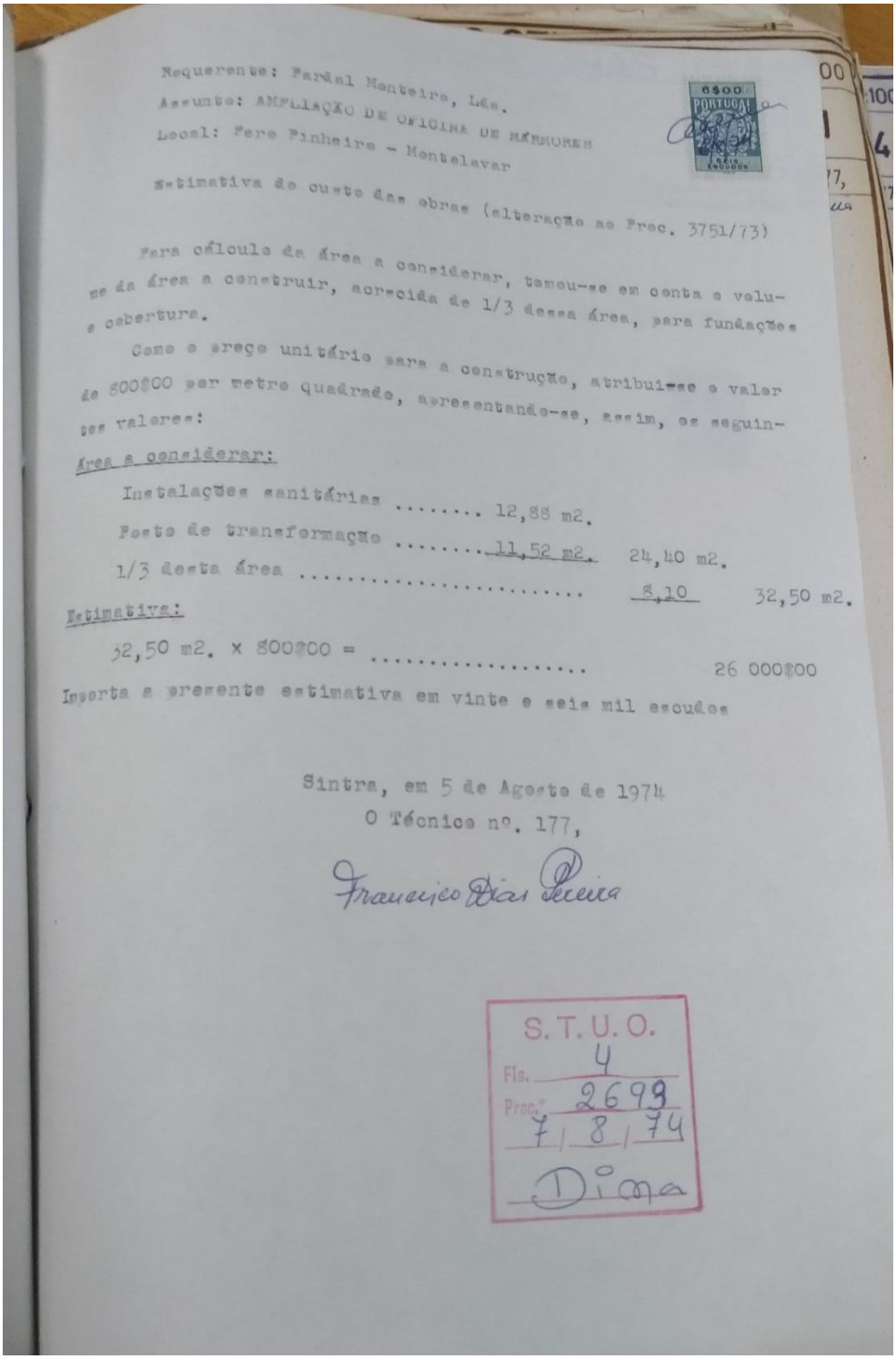
Foi-lhe negada a pretensão com a alegação de que o Processo havia sido arquivado e que para o trazer a pagamento seria necessário requerer a V. Exa.

Eis o que o requerente vem fazer: solicitar de V. Exa. se digne mandar que o referido Processo seja novamente posto à disposição pública e autorizar a pagar a licença e a taxa de mais valia.

S. T. U. O.
Espera deferimento,
Fls. 1289
Proc. 21/4/76

Pero Pinheiro, 21 de Abril de 1976
PARDAL MONTEIRO, LDA.
A Comissão Administrativa

Figura 88 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de pagamento de licença (1973-80)



Requerente: Fardal Monteiro, Lda.
Assunto: AMPLIAÇÃO DE OFICINA DE MÁRMORES
Local: Fere Pinheiro - Montelavar

Estimativa do custo das obras (alteração ao Proc. 3751/73)

Para cálculo da área a considerar, teveu-se em conta o valume da área a construir, acrescida de 1/3 dessa área, para fundações e cobertura.

Como o preço unitário para a construção, atribui-se o valor de 800$00 por metro quadrado, apresentando-se, assim, os seguintes valores:

Área a considerar:

Instalações sanitárias	12,88 m2.	
Posto de transformação	11,52 m2.	24,40 m2.
1/3 desta área	8,10	32,50 m2.

Estimativa:

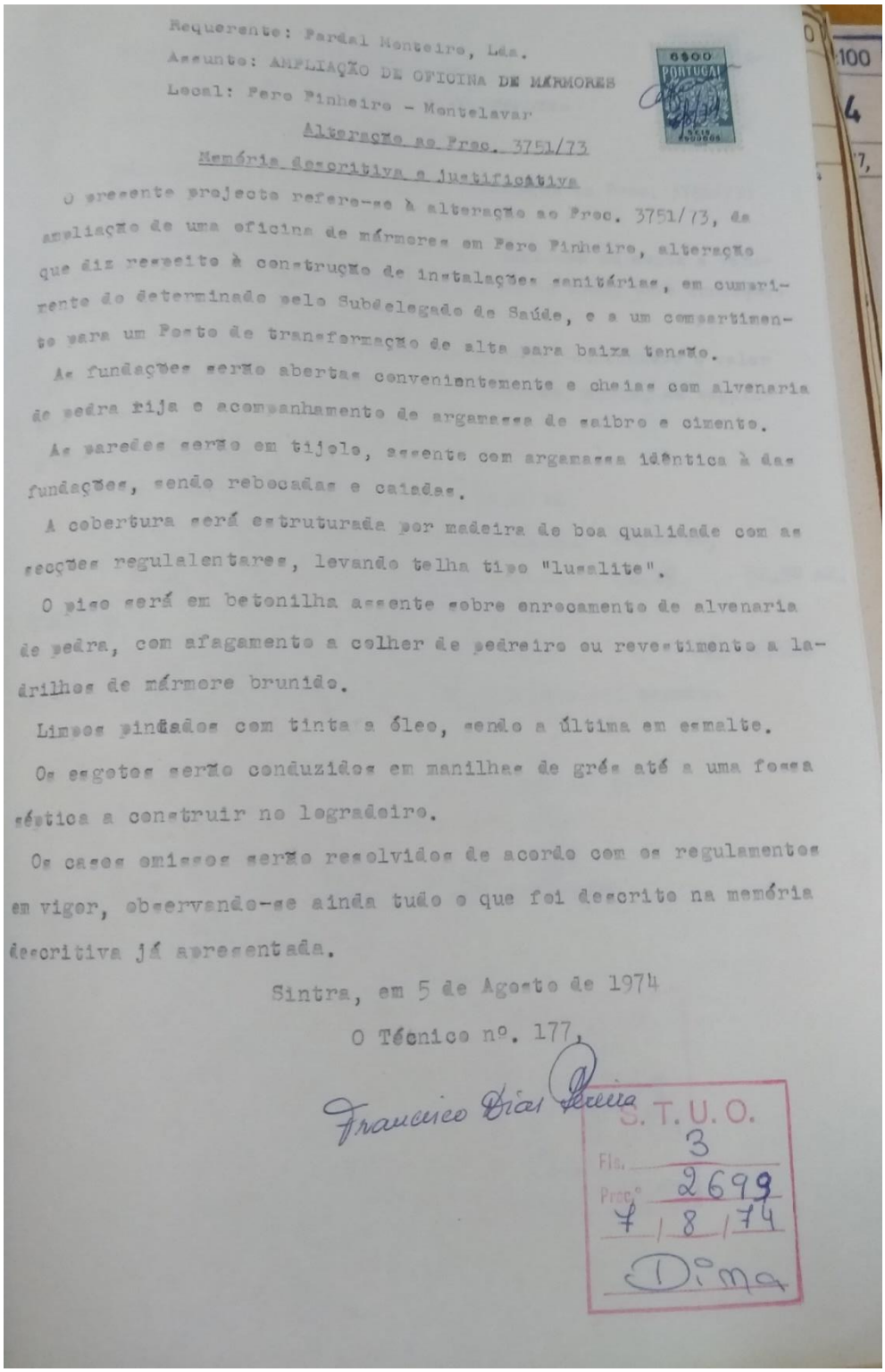
32,50 m2. x 800$00 = ... 26 000$00

Importa a presente estimativa em vinte e seis mil escudos

Sintra, em 5 de Agosto de 1974
O Técnico nº. 177,
Francisco Dias Pereira

S.T.U.O.
Fls. 4
Proc.º 2699
7/8/74
Dina

Figura 89 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)



Requerente: Pardal Monteiro, Lda.
Assunto: AMPLIAÇÃO DE OFICINA DE MÁRMORES
Local: Fero Pinheiro - Montelavar

Alteração ao Proc. 3751/73

Memória descritiva e justificativa

O presente projecto refere-se à alteração ao Proc. 3751/73, de ampliação de uma oficina de mármores em Fero Pinheiro, alteração que diz respeito à construção de instalações sanitárias, em cumprimento do determinado pelo Subdelegado de Saúde, e a um compartimento para um Posto de transformação de alta para baixa tensão.

As fundações serão abertas convenientemente e cheias com alvenaria de pedra rija e acompanhamento de argamassa de saibro e cimento.

As paredes serão em tijolo, assente com argamassa idêntica à das fundações, sendo rebocadas e caiadas.

A cobertura será estruturada por madeira de boa qualidade com as secções regulalentares, levando telha tipo "lusalite".

O piso será em betonilha assente sobre enrocamento de alvenaria de pedra, com afagamento a colher de pedreiro ou revestimento a ladrilhos de mármore brunido.

Limpos pintados com tinta a óleo, sendo a última em esmalte.

Os esgotos serão conduzidos em manilhas de grés até a uma fossa séptica a construir no logradoiro.

Os casos omissos serão resolvidos de acordo com os regulamentos em vigor, observando-se ainda tudo o que foi descrito na memória descritiva já apresentada.

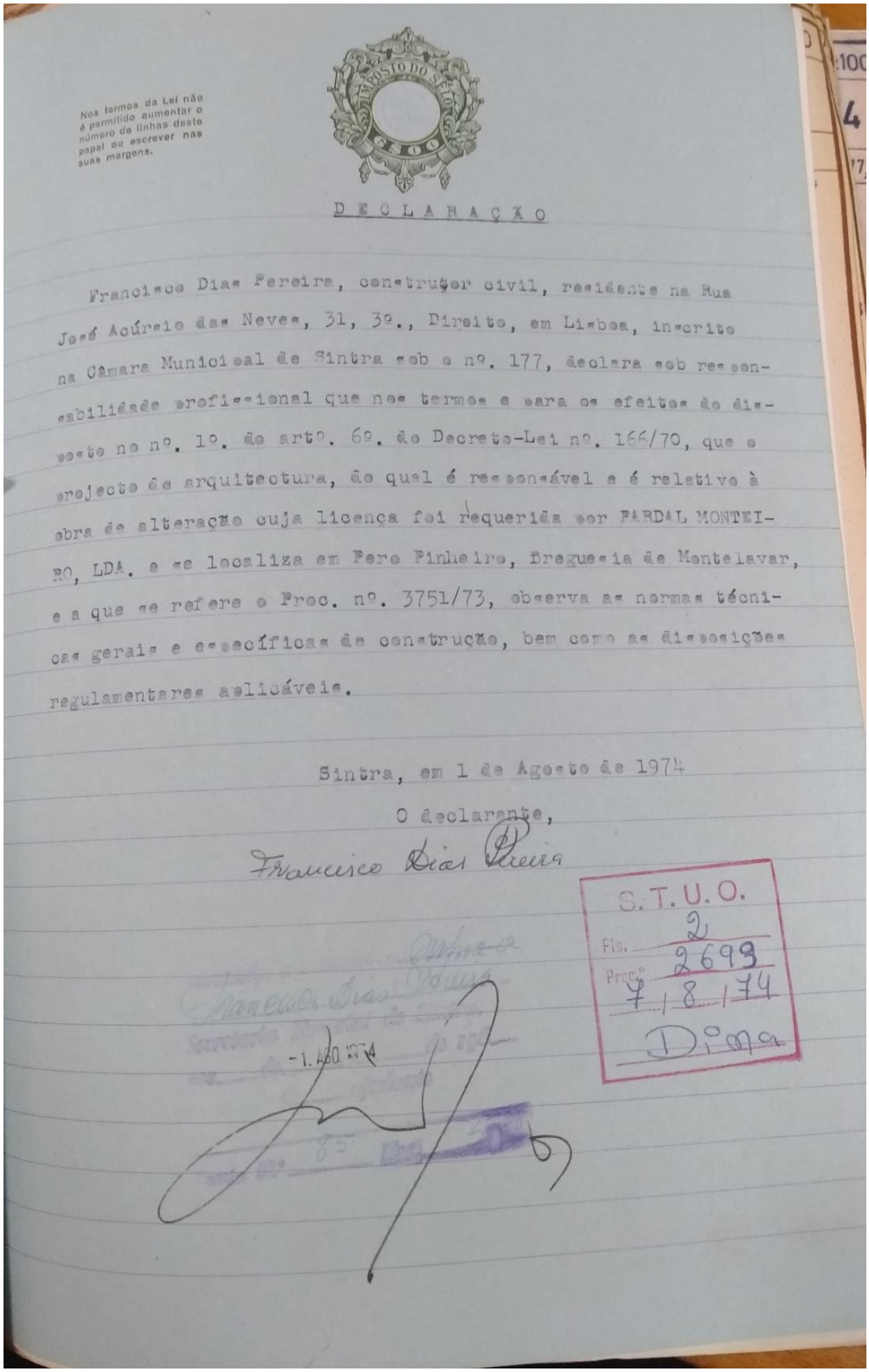
Sintra, em 5 de Agosto de 1974

O Técnico nº. 177,

Francisco Dias Pereira

S. T. U. O.
Fls. 3
Proc.º 2699
7 / 8 / 74
Dima

Figura 89a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

IMPOSTO DO SELO $10

D E C L A R A Ç Ã O

Francisco Dias Pereira, construtor civil, residente na Rua José Acúrsio das Neves, 31, 3º., Direito, em Lisboa, inscrito na Câmara Municipal de Sintra sob o nº. 177, declara sob responsabilidade profissional que nos termos e para os efeitos do disposto no nº. 1º. do artº. 6º. do Decreto-Lei nº. 166/70, que o projecto de arquitectura, do qual é responsável e é relativo à obra de alteração cuja licença foi requerida por FARDAL MONTEIRO, LDA. e se localiza em Fero Pinheiro, Freguesia de Montelavar, e a que se refere o Proc. nº. 3751/73, observa as normas técnicas gerais e específicas de construção, bem como as disposições regulamentares aplicáveis.

Sintra, em 1 de Agosto de 1974

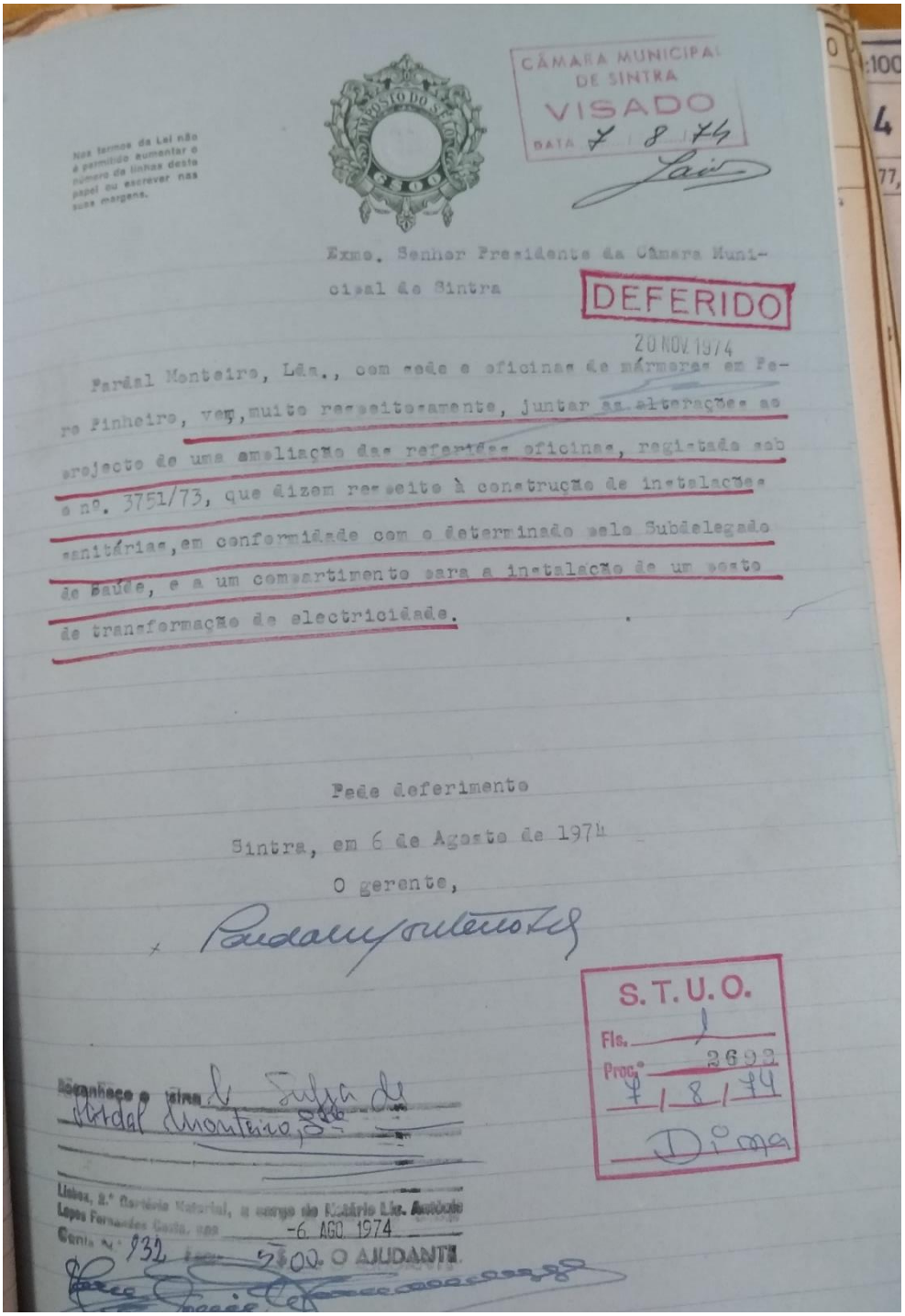
O declarante,

Francisco Dias Pereira

S.T.U.O.
Fls. 2
Proc.º 2699
7 / 8 / 74
Dina

-1 AGO 1974

Figura 90 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Declaração de responsabilidade (1973-80)



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
VISADO
DATA 7 / 8 / 74

Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sintra

DEFERIDO
20 NOV 1974

Fardal Monteiro, Lda., com sede e oficinas de mármores em Fe-
ro Pinheiro, vem, muito respeitosamente, juntar as alterações ao
projecto de uma ampliação das referidas oficinas, registado sob
o nº. 3751/73, que dizem respeito à construção de instalações
sanitárias, em conformidade com o determinado pelo Subdelegado
de Saúde, e a um compartimento para a instalação de um posto
de transformação de electricidade.

Pede deferimento

Sintra, em 6 de Agosto de 1974

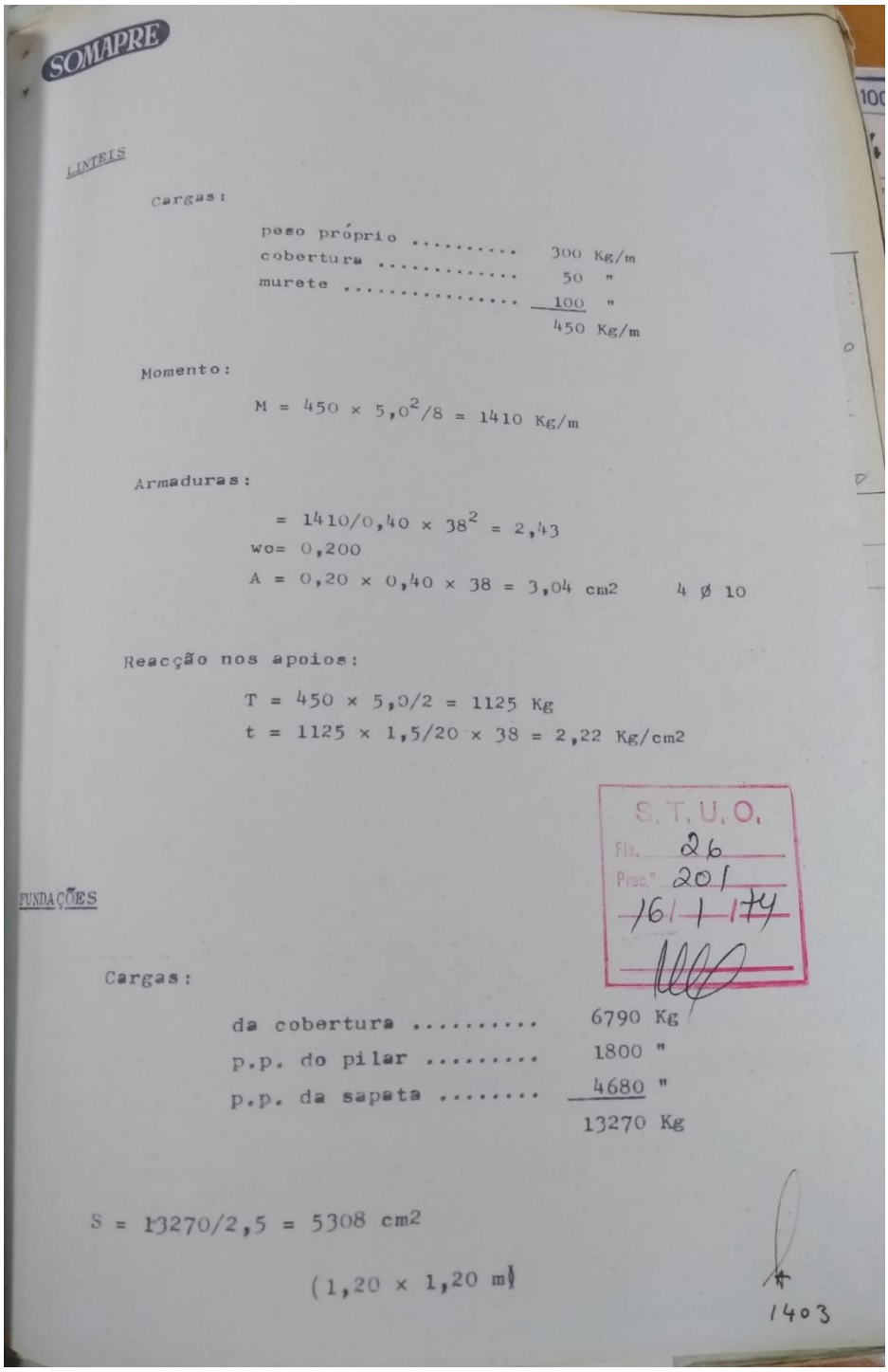
O gerente,

Reconheço a assinatura de Fardal Monteiro, Lda

Lisboa, 2.º Cartório Notarial, a cargo do Notário Lic. António Lopes Fernandes Costa, nos Conta nº 932 Imp. 5$00 -6. AGO. 1974 O AJUDANTE

S.T.U.O.
Fls. 1
Proc.º 2692
7/8/74
Dias

Figura 91 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido alterações (1973-80)



SOMAPRE

LINTEIS

Cargas:

peso próprio	300	Kg/m
cobertura	50	"
murete	100	"
	450	Kg/m

Momento:

$M = 450 \times 5{,}0^2/8 = 1410$ Kg/m

Armaduras:

$= 1410/0{,}40 \times 38^2 = 2{,}43$

wo= 0,200

A = 0,20 x 0,40 x 38 = 3,04 cm2 4 ø 10

Reacção nos apoios:

T = 450 x 5,0/2 = 1125 Kg

t = 1125 x 1,5/20 x 38 = 2,22 Kg/cm2

S.T.U.O.
Fls. 26
Proc.º 201
16/1/74

FUNDAÇÕES

Cargas:

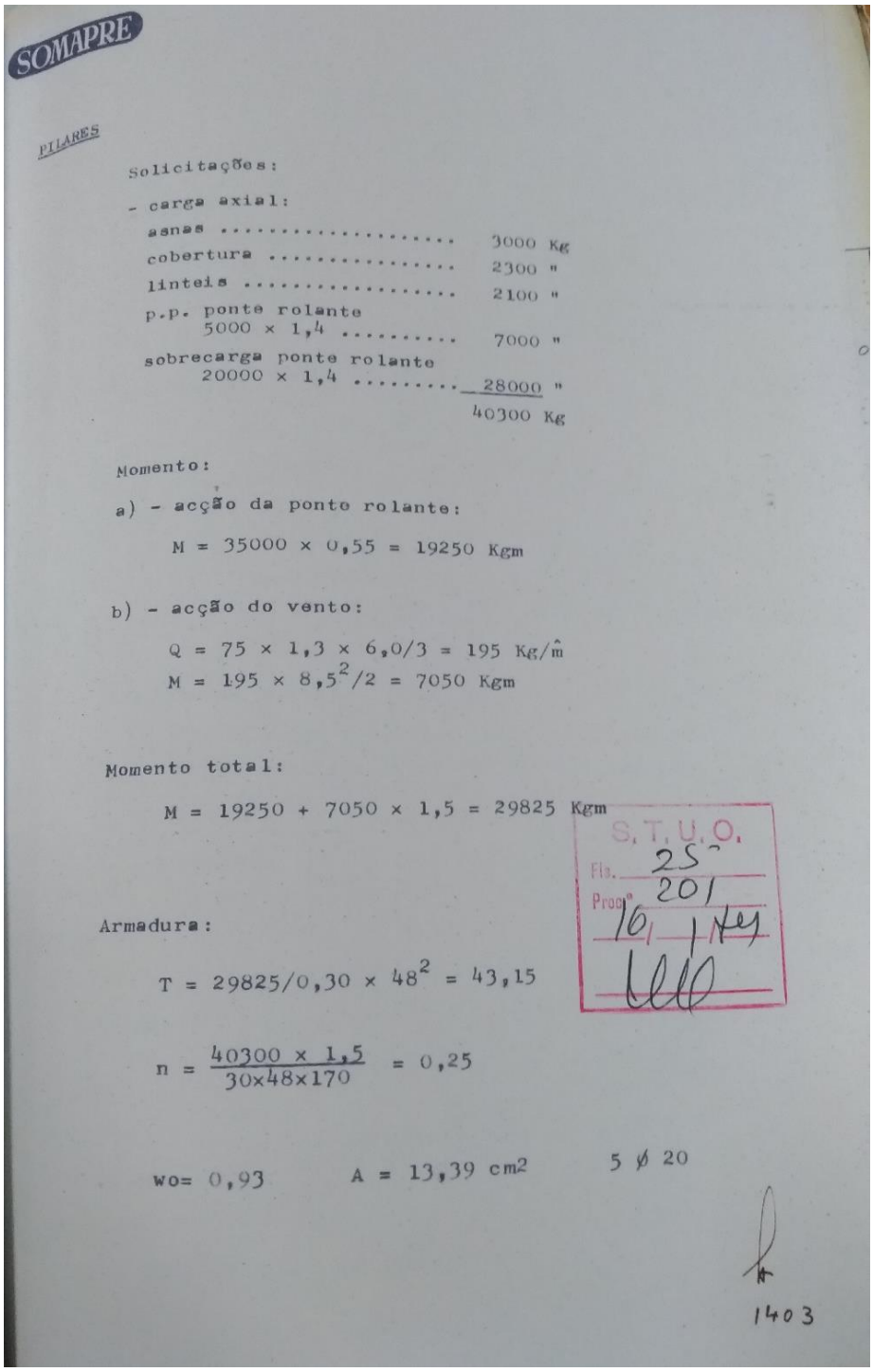
da cobertura	6790	Kg
p.p. do pilar	1800	"
p.p. da sapata	4680	"
	13270	Kg

S = 13270/2,5 = 5308 cm2

(1,20 x 1,20 m)

1403

Figura 92 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturs (1973-80)



SOMAPRE

PILARES

Solicitações:

- carga axial:

asnas	3000 Kg
cobertura	2300 "
linteis	2100 "
p.p. ponte rolante 5000 x 1,4	7000 "
sobrecarga ponte rolante 20000 x 1,4	28000 "
	40300 Kg

Momento:

a) - acção da ponte rolante:

$M = 35000 \times 0{,}55 = 19250$ Kgm

b) - acção do vento:

$Q = 75 \times 1{,}3 \times 6{,}0/3 = 195$ Kg/m

$M = 195 \times 8{,}5^2/2 = 7050$ Kgm

Momento total:

$M = 19250 + 7050 \times 1{,}5 = 29825$ Kgm

S.T.U.O.
Fls. 25
Proc.º 201

Armadura:

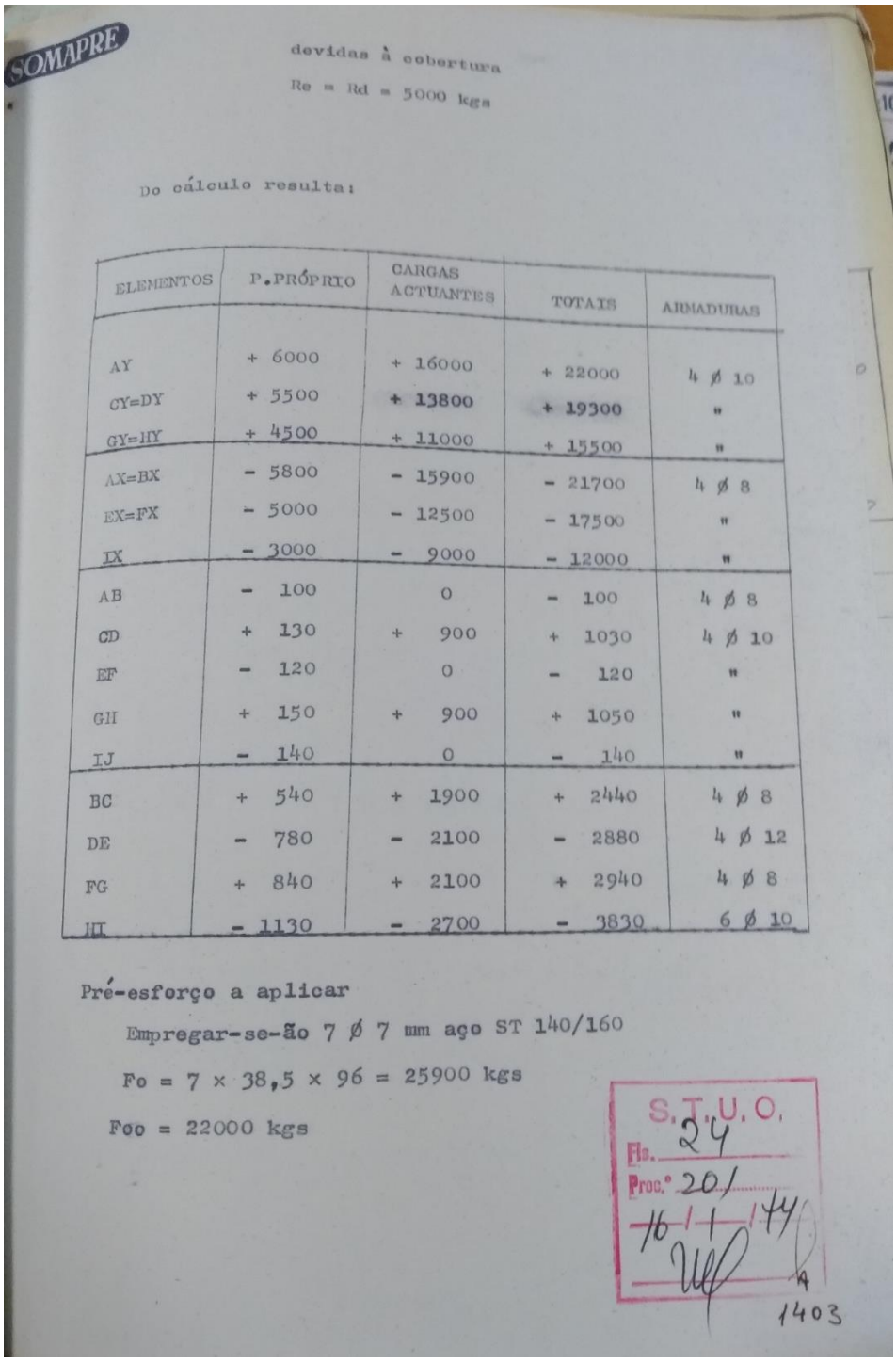
$T = 29825/0{,}30 \times 48^2 = 43{,}15$

$n = \frac{40300 \times 1{,}5}{30 \times 48 \times 170} = 0{,}25$

wo= 0,93 A = 13,39 cm² 5 ø 20

1403

Figura 92a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)



SOMAPRE

devidas à cobertura

Re = Rd = 5000 kgs

Do cálculo resulta:

ELEMENTOS	P.PRÓPRIO	CARGAS ACTUANTES	TOTAIS	ARMADURAS
AY	+ 6000	+ 16000	+ 22000	4 ø 10
CY=DY	+ 5500	+ 13800	+ 19300	"
GY=HY	+ 4500	+ 11000	+ 15500	"
AX=BX	- 5800	- 15900	- 21700	4 ø 8
EX=FX	- 5000	- 12500	- 17500	"
IX	- 3000	- 9000	- 12000	"
AB	- 100	0	- 100	4 ø 8
CD	+ 130	+ 900	+ 1030	4 ø 10
EF	- 120	0	- 120	"
GH	+ 150	+ 900	+ 1050	"
IJ	- 140	0	- 140	"
BC	+ 540	+ 1900	+ 2440	4 ø 8
DE	- 780	- 2100	- 2880	4 ø 12
FG	+ 840	+ 2100	+ 2940	4 ø 8
HI	- 1130	- 2700	- 3830	6 ø 10

Pré-esforço a aplicar

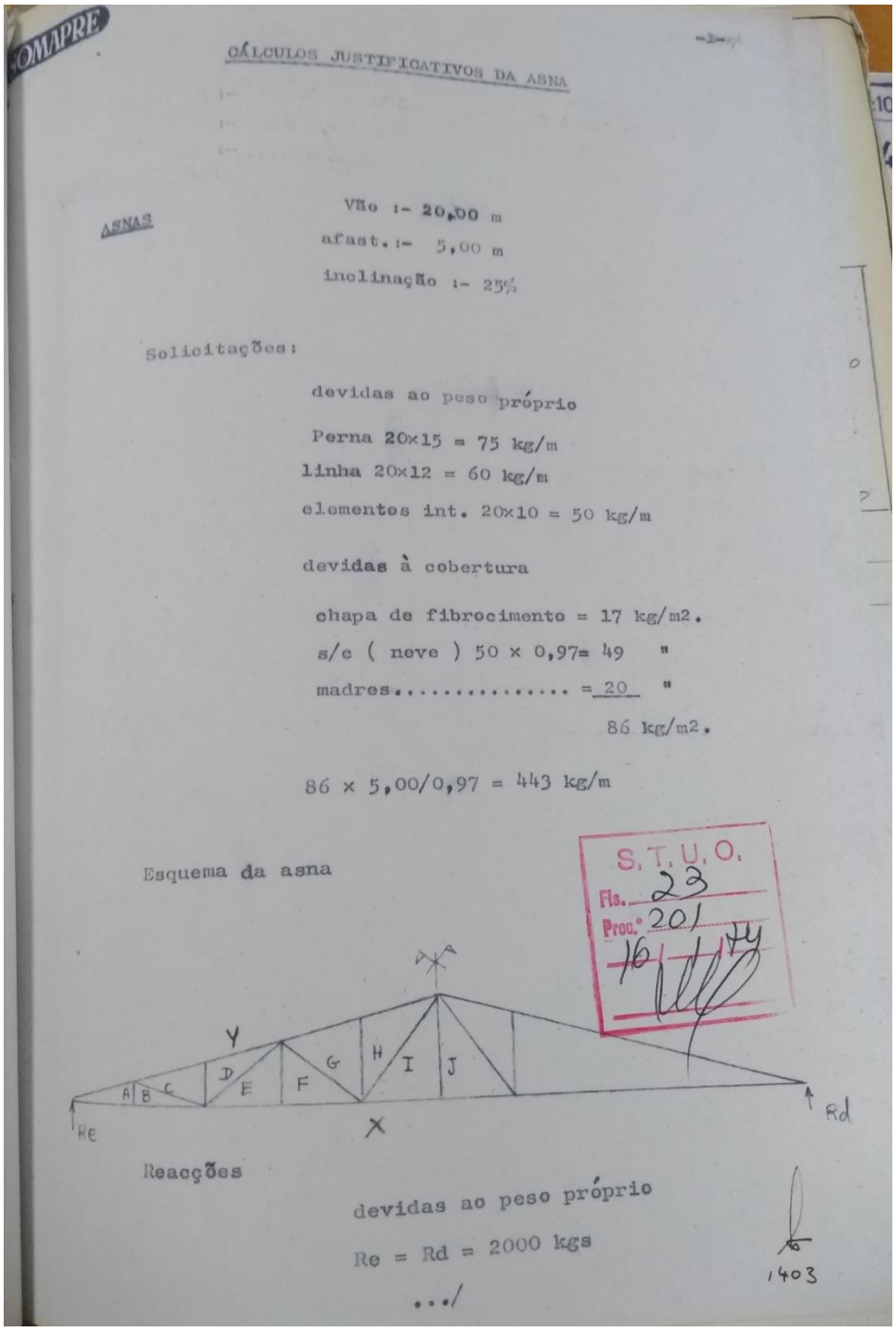
Empregar-se-ão 7 ø 7 mm aço ST 140/160

Fo = 7 × 38,5 × 96 = 25900 kgs

Foo = 22000 kgs

S.T.U.O.
Fls. 24
Proc.º 201
16/1/74
4
1403

Figura 92b - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)



CÁLCULOS JUSTIFICATIVOS DA ASNA

-1-

ASNAS

Vão :- 20,00 m
afast.:- 5,00 m
inclinação :- 25%

Solicitações:

devidas ao peso próprio

Perna 20×15 = 75 kg/m
linha 20×12 = 60 kg/m
elementos int. 20×10 = 50 kg/m

devidas à cobertura

chapa de fibrocimento = 17 kg/m2.
s/c (neve) 50 × 0,97= 49 "
madres..... = 20 "
86 kg/m2.

86 × 5,00/0,97 = 443 kg/m

Esquema da asna

S. T. U. O.
Fls. 23
Proc.º 201

Y A B C D E F G H I J Re X Rd

Reacções

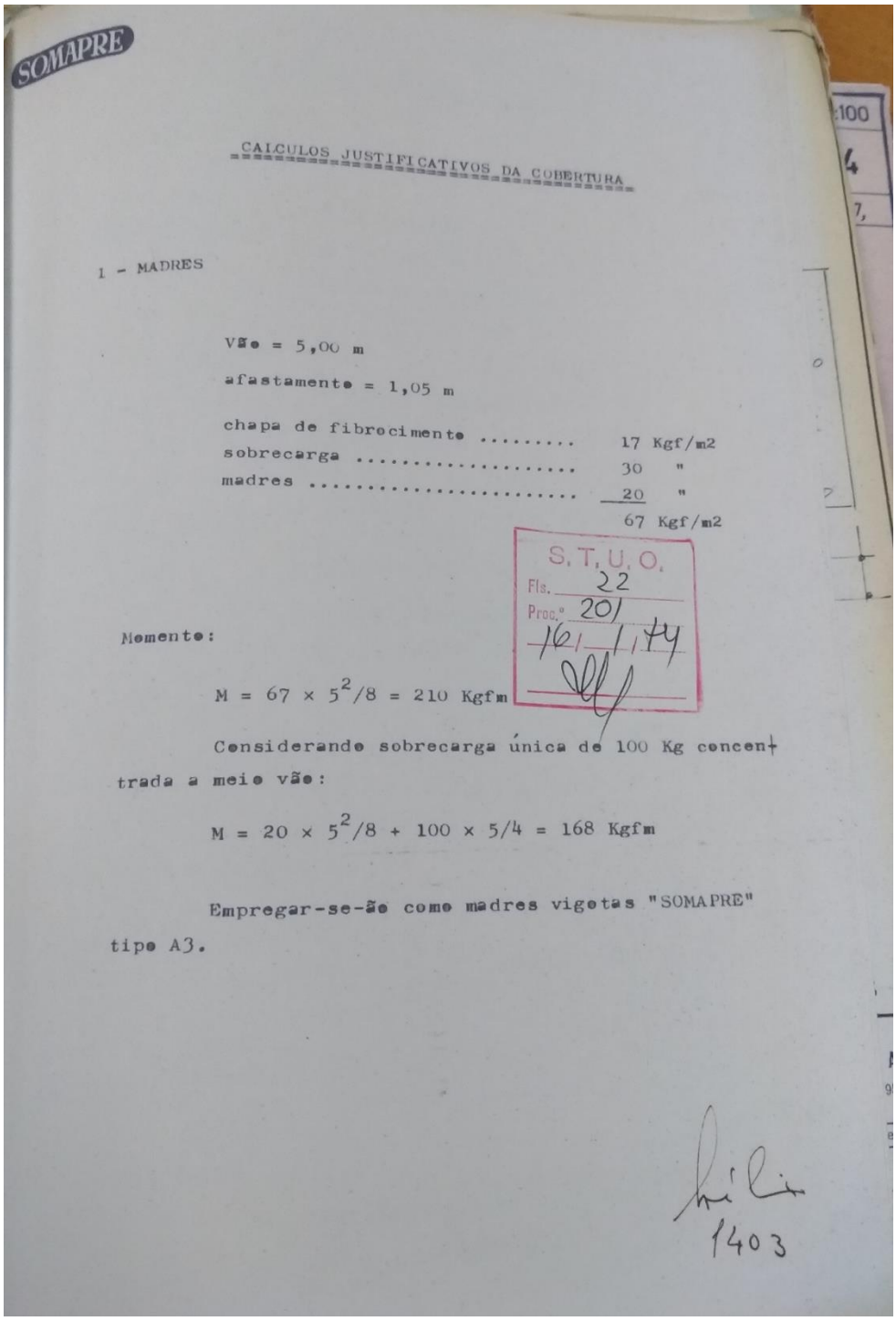
devidas ao peso próprio

Re = Rd = 2000 kgs

.../

1403

Figura 92c - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)



SOMAPRE

CALCULOS JUSTIFICATIVOS DA COBERTURA

1 - MADRES

Vão = 5,00 m

afastamento = 1,05 m

chapa de fibrocimento	17	Kgf/m2
sobrecarga	30	"
madres	20	"
	67	Kgf/m2

S.T.U.O.
Fls. 22
Proc.º 201
16/1/74

Momento:

$M = 67 \times 5^2/8 = 210$ Kgfm

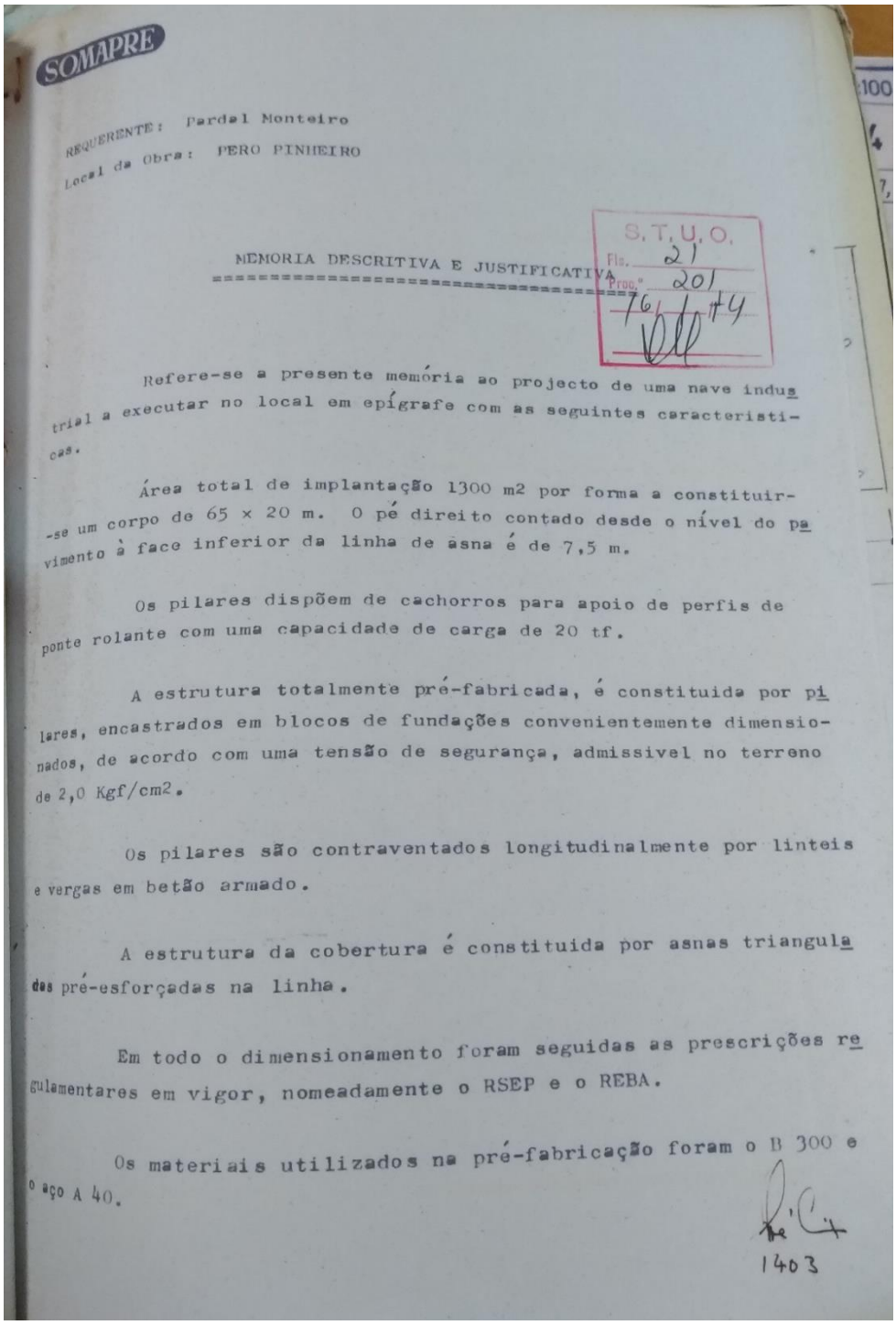
Considerando sobrecarga única de 100 Kg concentrada a meio vão:

$M = 20 \times 5^2/8 + 100 \times 5/4 = 168$ Kgfm

Empregar-se-ão como madres vigotas "SOMAPRE" tipo A3.

1403

Figura 92d- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Cálculo de estruturas (1973-80)



SOMAPRE

REQUERENTE: Pardal Monteiro

Local da Obra: PERO PINHEIRO

S.T.U.O. Fls. 21 Proc.º 201 76/74

MEMORIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Refere-se a presente memória ao projecto de uma nave industrial a executar no local em epígrafe com as seguintes caracteristicas.

Área total de implantação 1300 m2 por forma a constituir-se um corpo de 65 x 20 m. O pé direito contado desde o nível do pavimento à face inferior da linha de asna é de 7,5 m.

Os pilares dispõem de cachorros para apoio de perfis de ponte rolante com uma capacidade de carga de 20 tf.

A estrutura totalmente pré-fabricada, é constituida por pilares, encastrados em blocos de fundações convenientemente dimensionados, de acordo com uma tensão de segurança, admissivel no terreno de 2,0 Kgf/cm2.

Os pilares são contraventados longitudinalmente por linteis e vergas em betão armado.

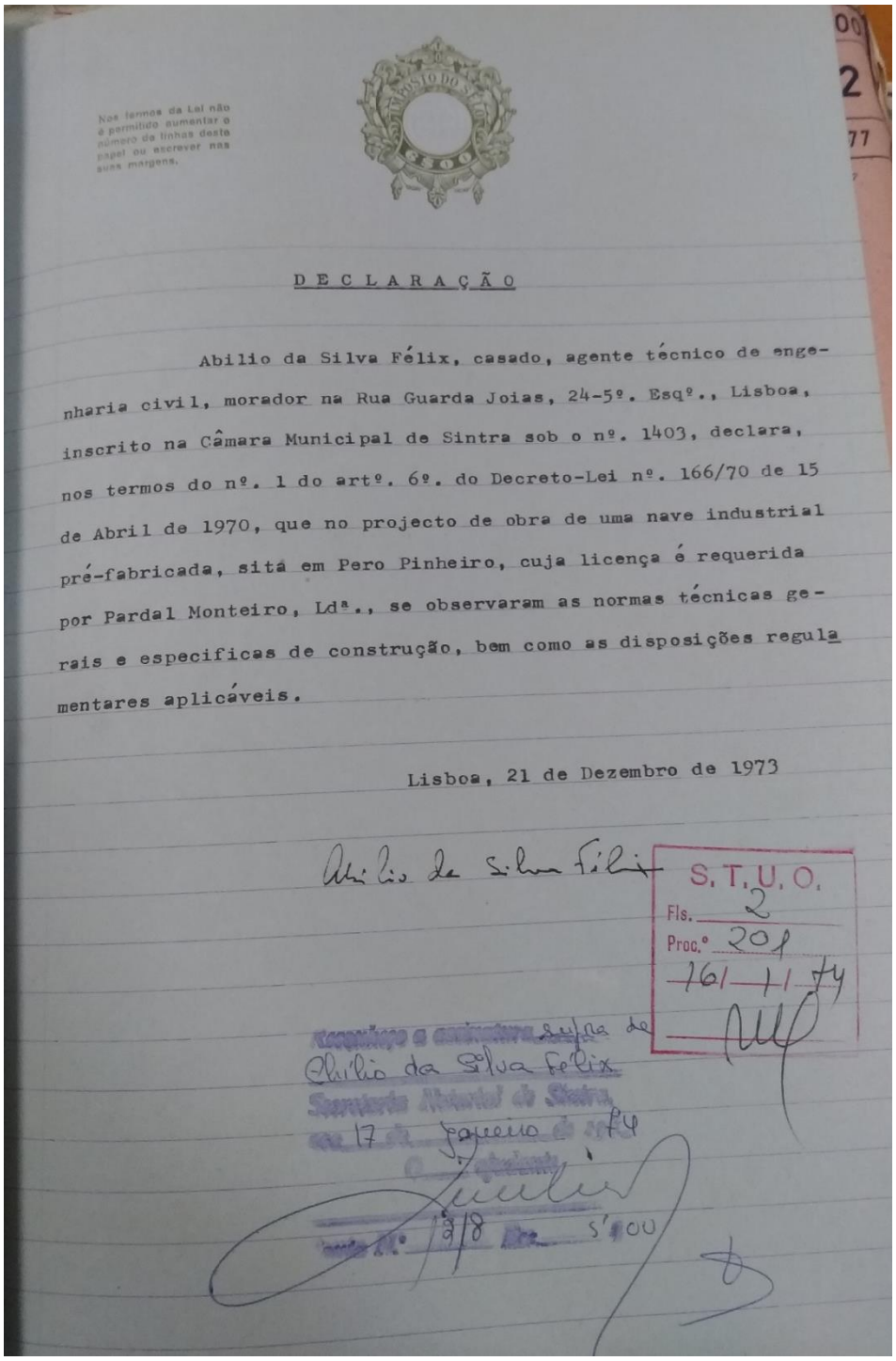
A estrutura da cobertura é constituida por asnas trianguladas pré-esforçadas na linha.

Em todo o dimensionamento foram seguidas as prescrições regulamentares em vigor, nomeadamente o RSEP e o REBA.

Os materiais utilizados na pré-fabricação foram o B 300 e o aço A 40.

1403

Figura 93- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

00
2
77

D E C L A R A Ç Ã O

Abilio da Silva Félix, casado, agente técnico de engenharia civil, morador na Rua Guarda Joias, 24-5º. Esqº., Lisboa, inscrito na Câmara Municipal de Sintra sob o nº. 1403, declara, nos termos do nº. 1 do artº. 6º. do Decreto-Lei nº. 166/70 de 15 de Abril de 1970, que no projecto de obra de uma nave industrial pré-fabricada, sita em Pero Pinheiro, cuja licença é requerida por Pardal Monteiro, Ldª., se observaram as normas técnicas gerais e especificas de construção, bem como as disposições regulamentares aplicáveis.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1973

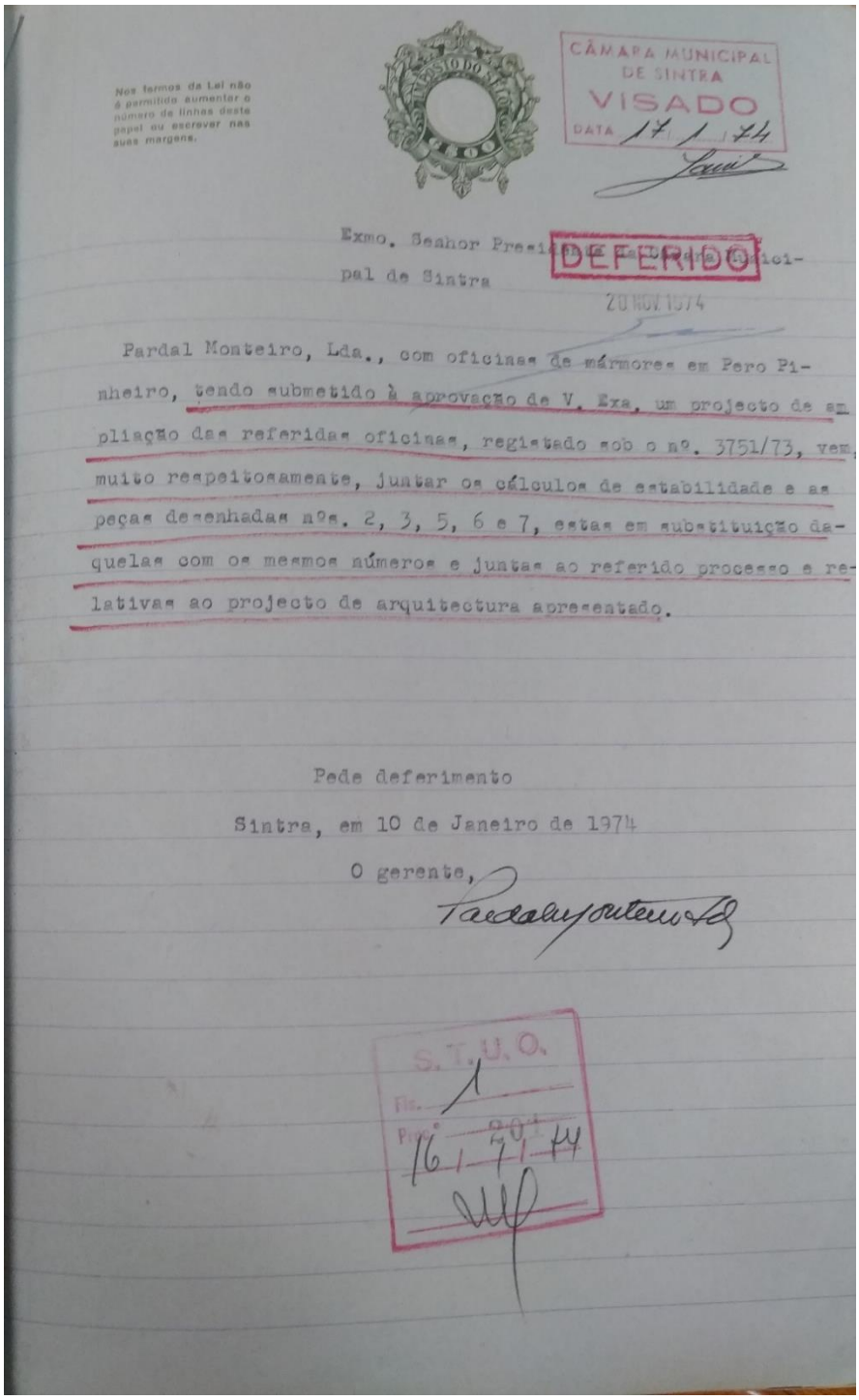
Abilio da Silva Félix

S. T. U. O.
Fls. 2
Proc.º 201
761 11 74

Reconheço a assinatura supra de
Abilio da Silva Félix
Secretaria Notarial de Sintra
em 17 de Janeiro de 74

1/8 $1,00

Figura 94- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Declaração de responsabilidade (1973-80)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
VISADO
DATA 17 / 1 / 74

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sintra

DEFERIDO
20 NOV 1974

Pardal Monteiro, Lda., com oficinas de mármores em Pero Pinheiro, tendo submetido à aprovação de V. Exa. um projecto de ampliação das referidas oficinas, registado sob o nº. 3751/73, vem, muito respeitosamente, juntar os cálculos de estabilidade e as peças desenhadas nºs. 2, 3, 5, 6 e 7, estas em substituição daquelas com os mesmos números e juntas ao referido processo e relativas ao projecto de arquitectura apresentado.

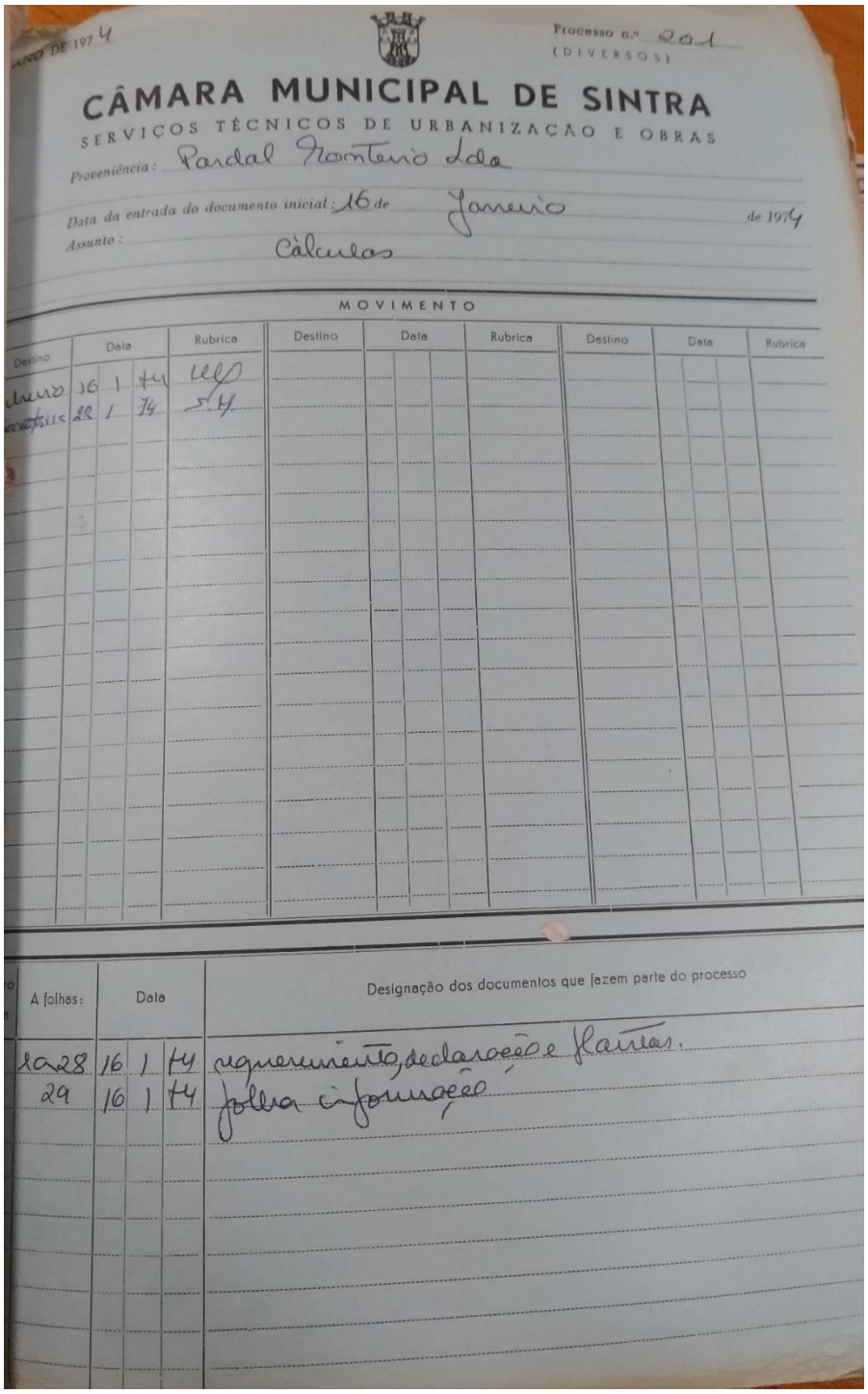
Pede deferimento

Sintra, em 10 de Janeiro de 1974

O gerente,

S.T.U.O.
Fls. 1
Proc. 3751
16-1-74

Figura 95 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de junção de elementos (1973-80)


ANO DE 1974

Processo n.º 201
(DIVERSOS)

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇOS TÉCNICOS DE URBANIZAÇÃO E OBRAS

Proveniência: Pardal Monteiro Lda

Data da entrada do documento inicial: 16 de Janeiro de 1974

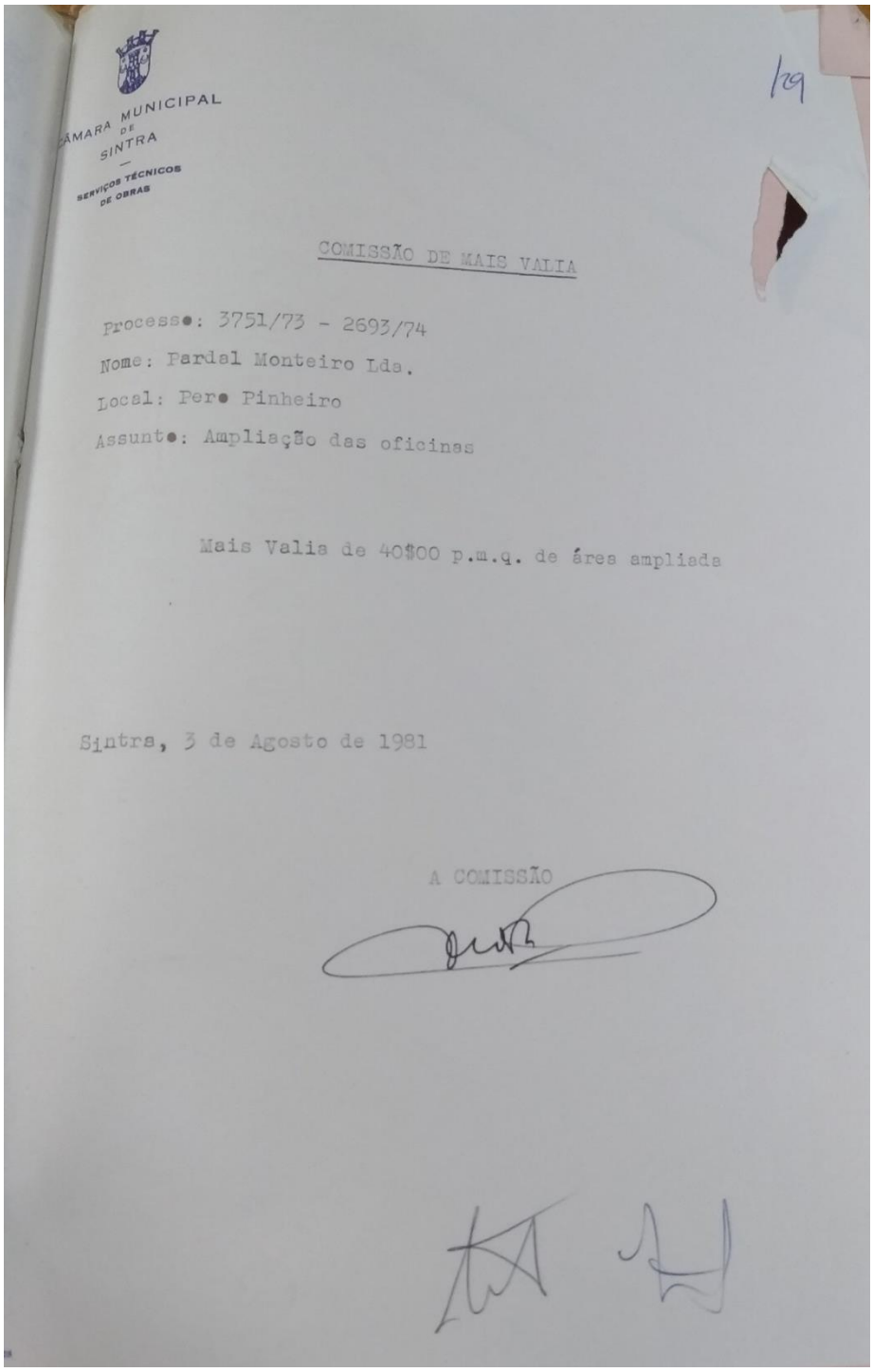
Assunto: Cálculos

MOVIMENTO

Destino	Data	Rubrica	Destino	Data	Rubrica	Destino	Data	Rubrica
[illegible]	16 1 74	[illegible]						
[illegible]	22 1 74	[illegible]						

A folhas:	Data	Designação dos documentos que fazem parte do processo
1 a 28	16 1 74	requerimento, declaração e plantas.
29	16 1 74	folha informação

Figura 96 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Capa (1973-80)



CÂMARA MUNICIPAL
DE
SINTRA
—
SERVIÇOS TÉCNICOS
DE OBRAS

129

COMISSÃO DE MAIS VALIA

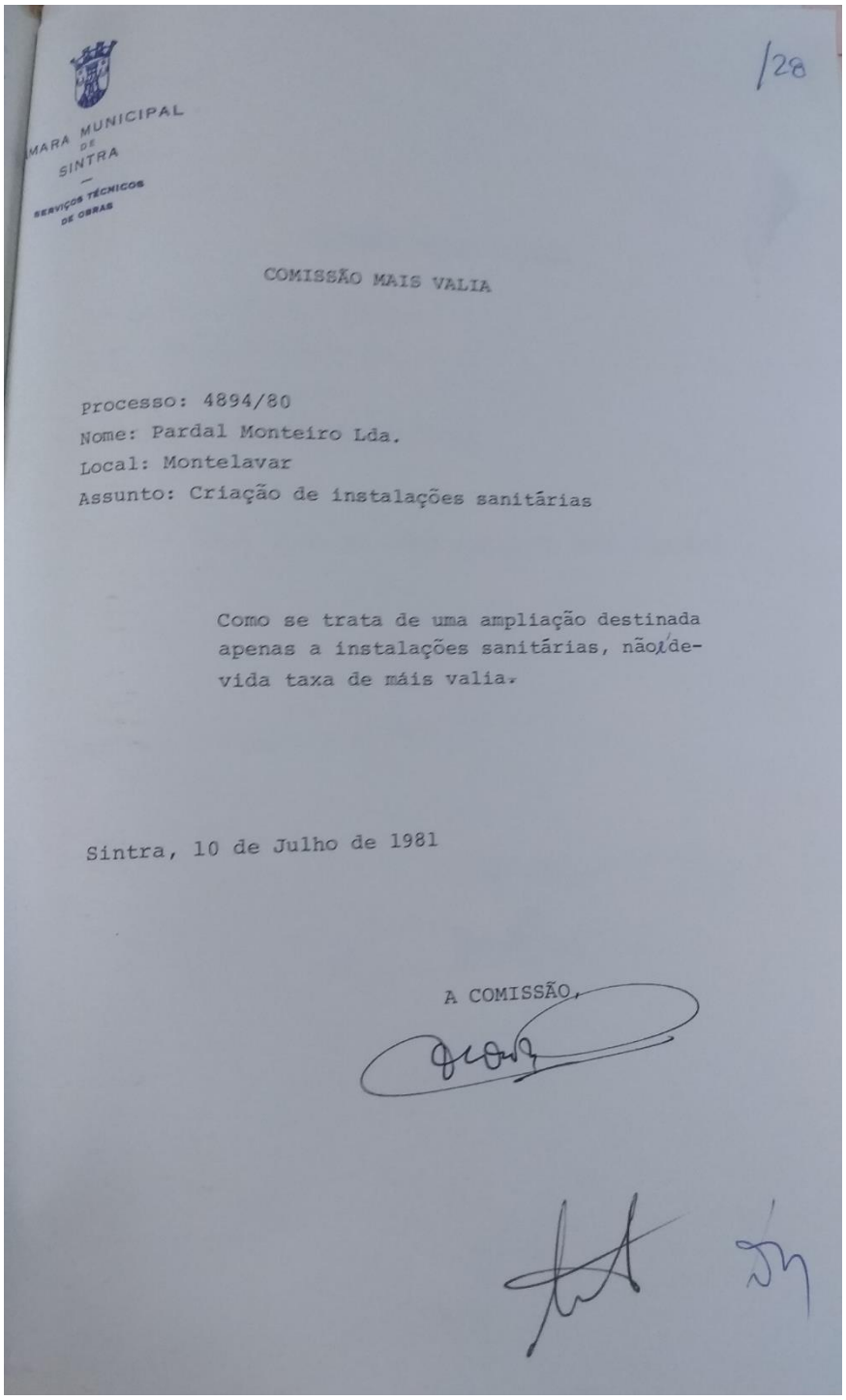
Processo: 3751/73 - 2693/74
Nome: Pardal Monteiro Lda.
Local: Pero Pinheiro
Assunto: Ampliação das oficinas

Mais Valia de 40$00 p.m.q. de áres ampliada

Sintra, 3 de Agosto de 1981

A COMISSÃO

Figura 97- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Mais valias (1973-80)



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇOS TÉCNICOS DE OBRAS

/28

COMISSÃO MAIS VALIA

Processo: 4894/80
Nome: Pardal Monteiro Lda.
Local: Montelavar
Assunto: Criação de instalações sanitárias

Como se trata de uma ampliação destinada apenas a instalações sanitárias, não é devida taxa de máis valia.

Sintra, 10 de Julho de 1981

A COMISSÃO,

Figura 97a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Mais valias (1973-80)

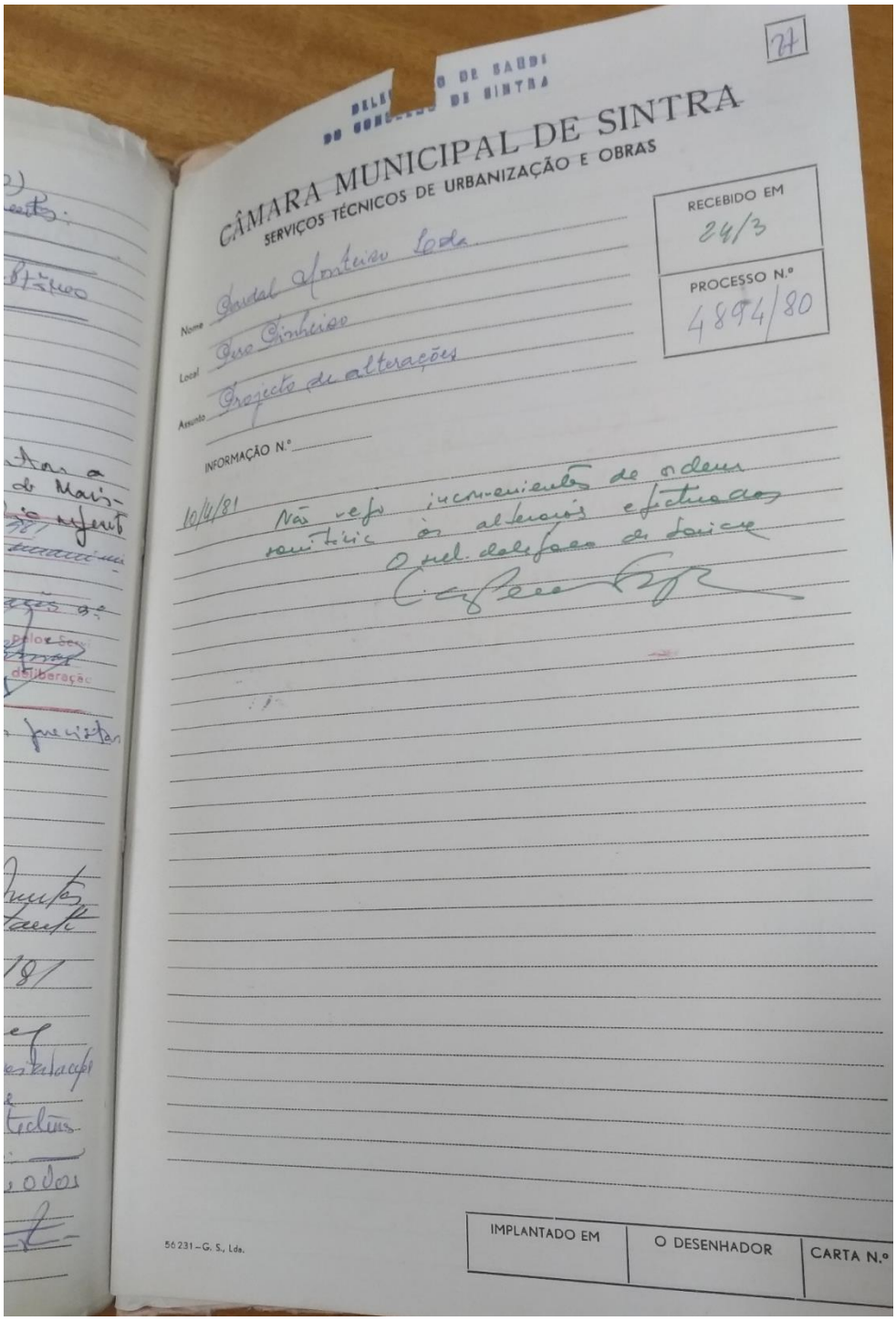


Figura 98 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: informação (1973-80)

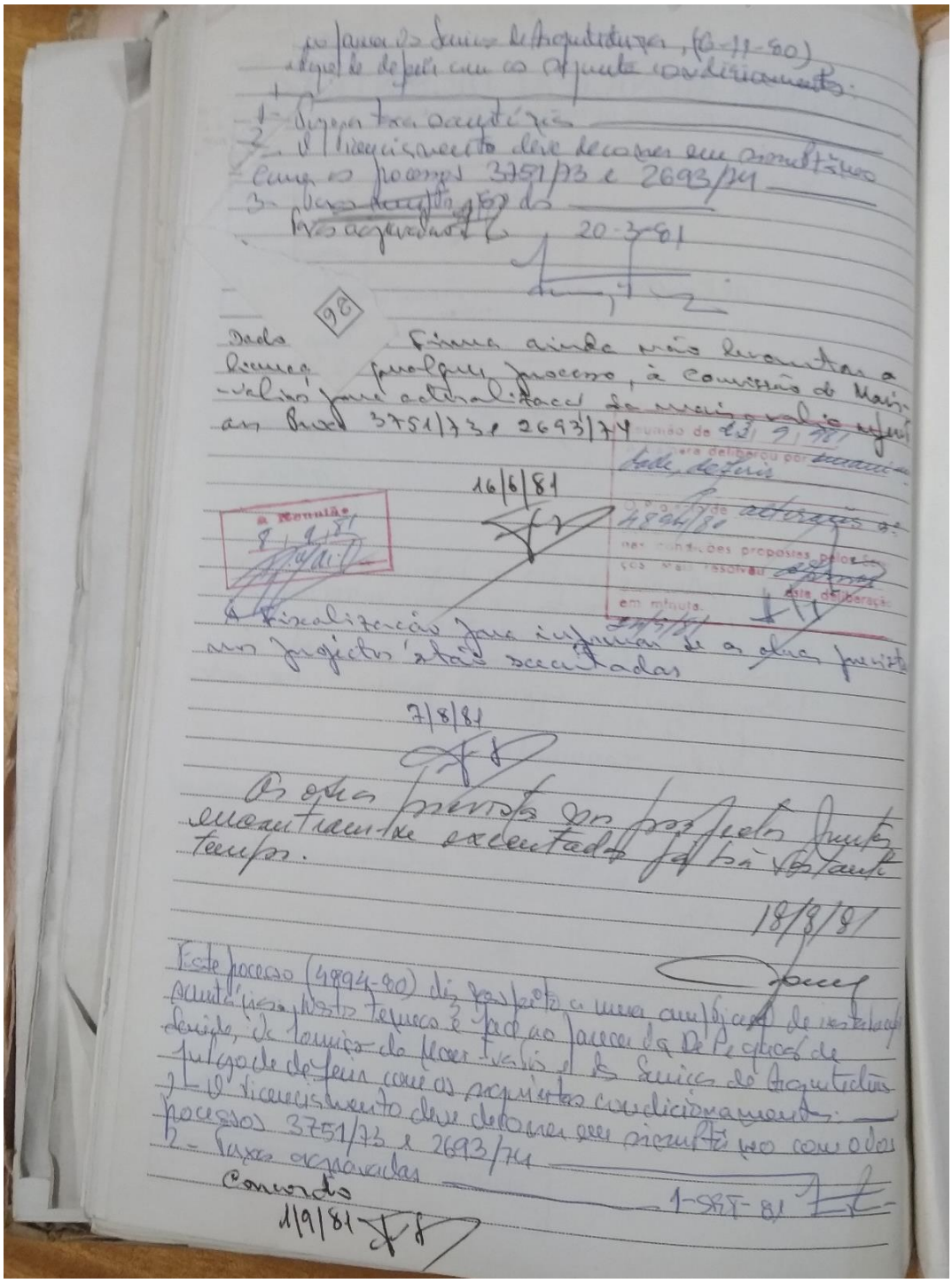


Figura 98a - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: informação (1973-80)

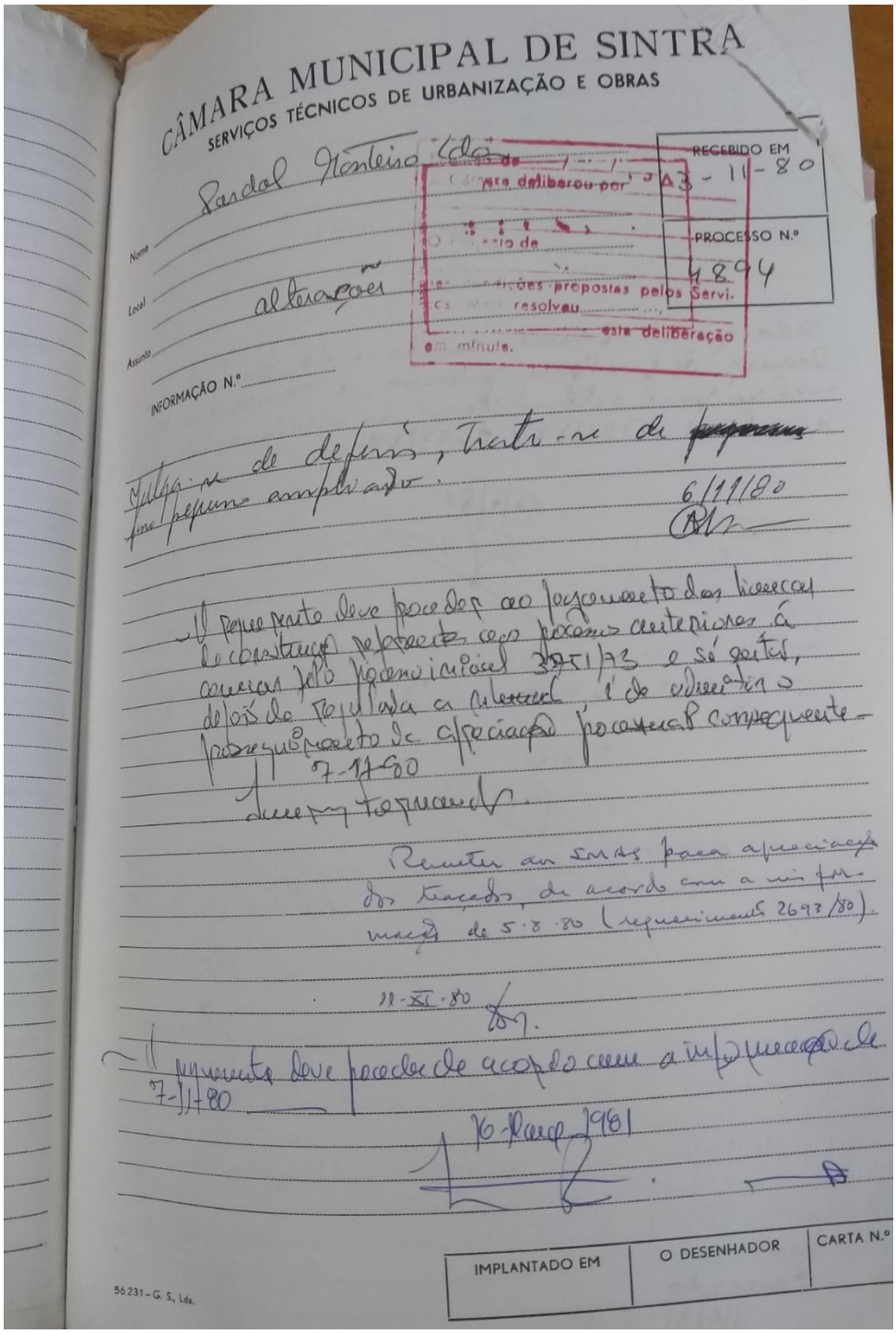
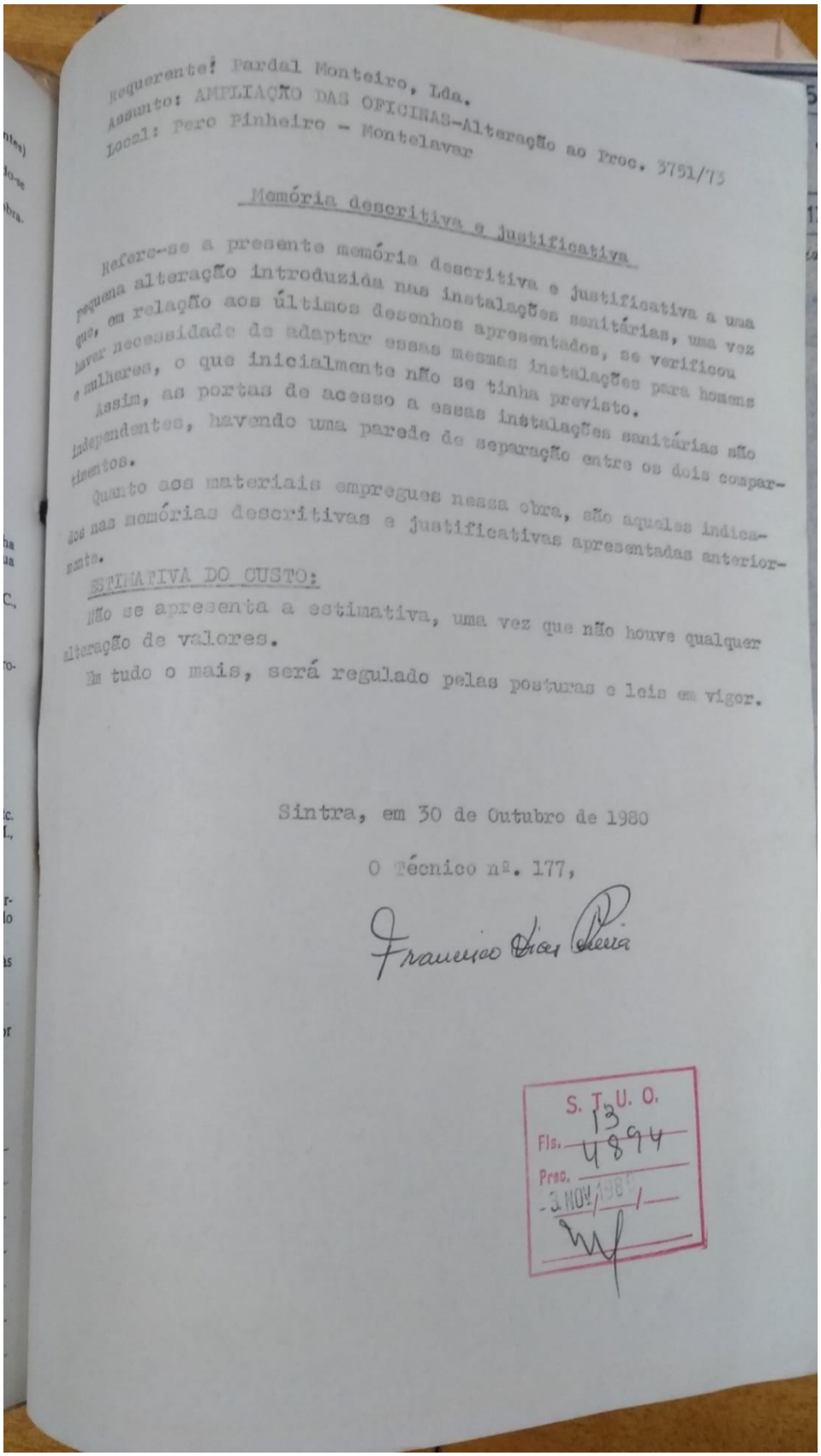

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
SERVIÇOS TÉCNICOS DE URBANIZAÇÃO E OBRAS
Nome Rosdal Monteiro Lda
Local
Assunto alterações
INFORMAÇÃO N.º
RECEBIDO EM 13-11-80
PROCESSO N.º 4894
Julga-se de deferir, tratando-se de pequena ampliação.
6/11/80
O requerente deve proceder ao pagamento das taxas e constituição referentes aos pisos anteriores à ampliação pelo processo inicial 3751/73 e só depois, depois de regulada a situação, é de oficiar-lhe o prosseguimento do respectivo processo.
7-11-80
Remeter ao autos para apreciação dos traçados, de acordo com a informação de 5-8-80 (requerimento 2693/80).
11-XI-80
O requerente deve proceder de acordo com a informação de 7-11-80
16 Março 1981
IMPLANTADO EM | O DESENHADOR | CARTA N.º
56231 - G. S., Lda.

Figura 98b - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: informação (1973-80)



Requerente: Pardal Monteiro, Lda.
Assunto: AMPLIAÇÃO DAS OFICINAS-Alteração ao Proc. 3751/73
Local: Pero Pinheiro - Montelavar

Memória descritiva e justificativa

Refere-se a presente memória descritiva e justificativa a uma pequena alteração introduzida nas instalações sanitárias, uma vez que, em relação aos últimos desenhos apresentados, se verificou haver necessidade de adaptar essas mesmas instalações para homens e mulheres, o que inicialmente não se tinha previsto.

Assim, as portas de acesso a essas instalações sanitárias são independentes, havendo uma parede de separação entre os dois compartimentos.

Quanto aos materiais empregues nessa obra, são aqueles indicados nas memórias descritivas e justificativas apresentadas anteriormente.

ESTIMATIVA DO CUSTO:

Não se apresenta a estimativa, uma vez que não houve qualquer alteração de valores.

Em tudo o mais, será regulado pelas posturas e leis em vigor.

Sintra, em 30 de Outubro de 1980

O Técnico nº. 177,

Francisco Dias Pereira

S. T. U. O.
Fls. 13 4894
Proc.
3 NOV. 1980

Figura 99 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva alterações (1973-80)

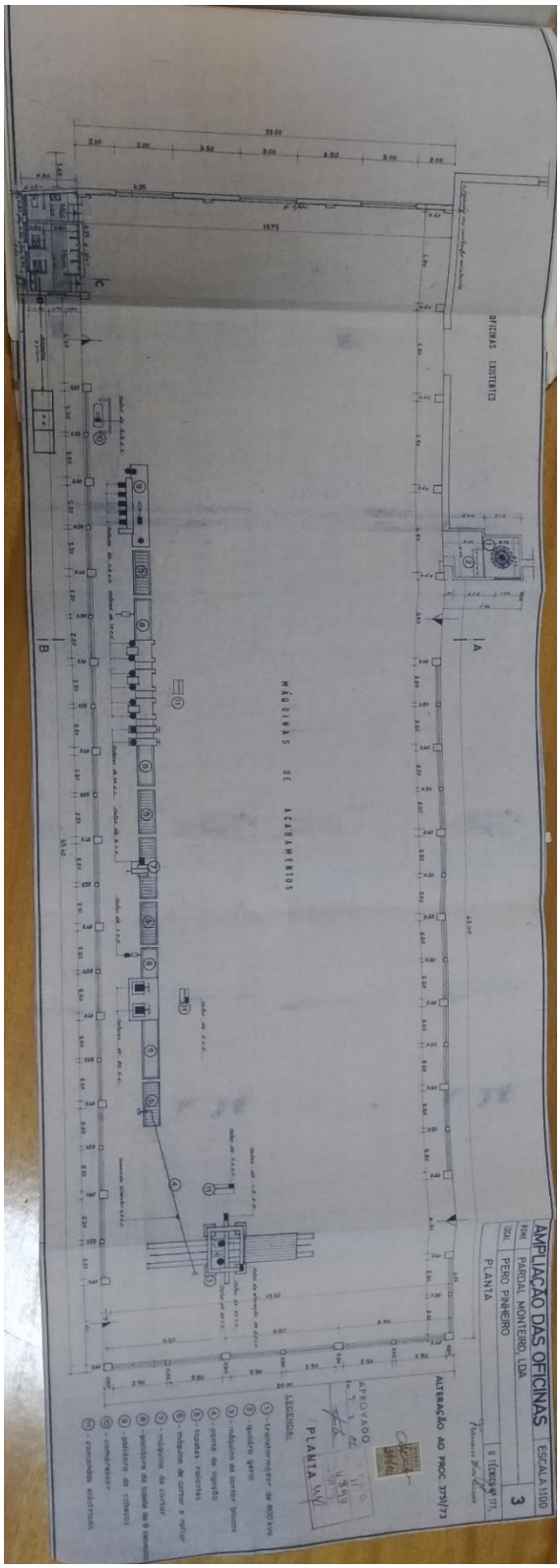


Figura 100- Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta (1973-80)

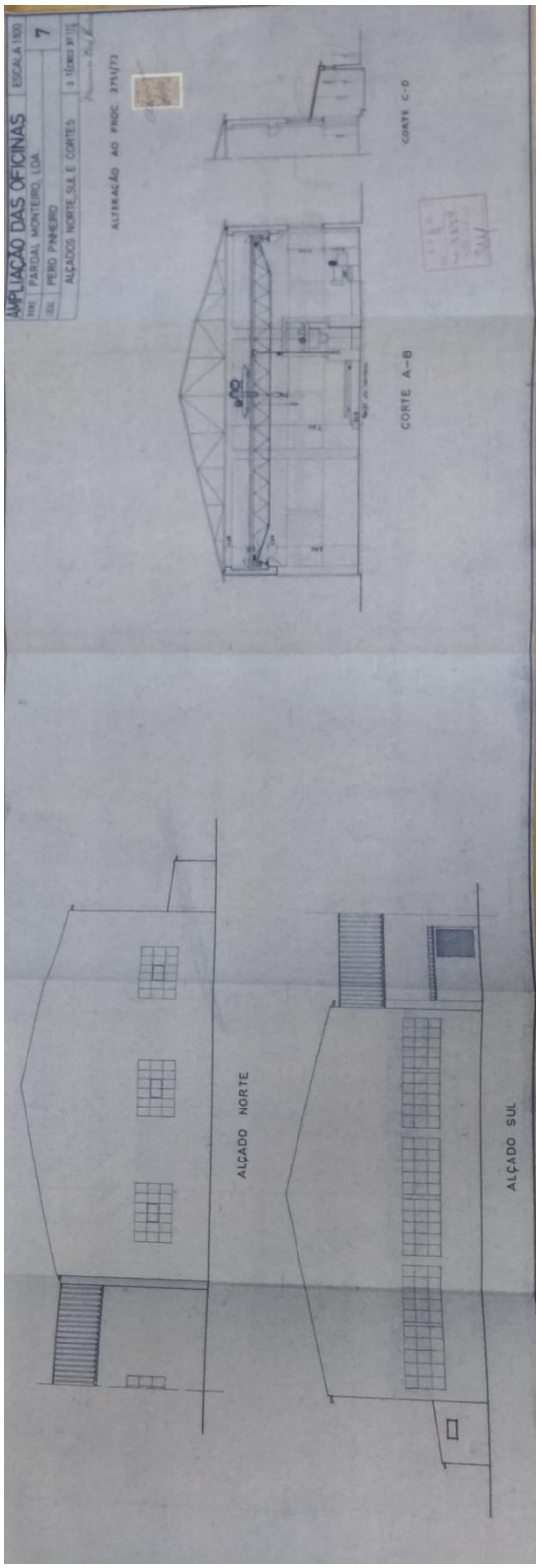


Figura 101 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: alçados norte e sul e corte (1973-80)

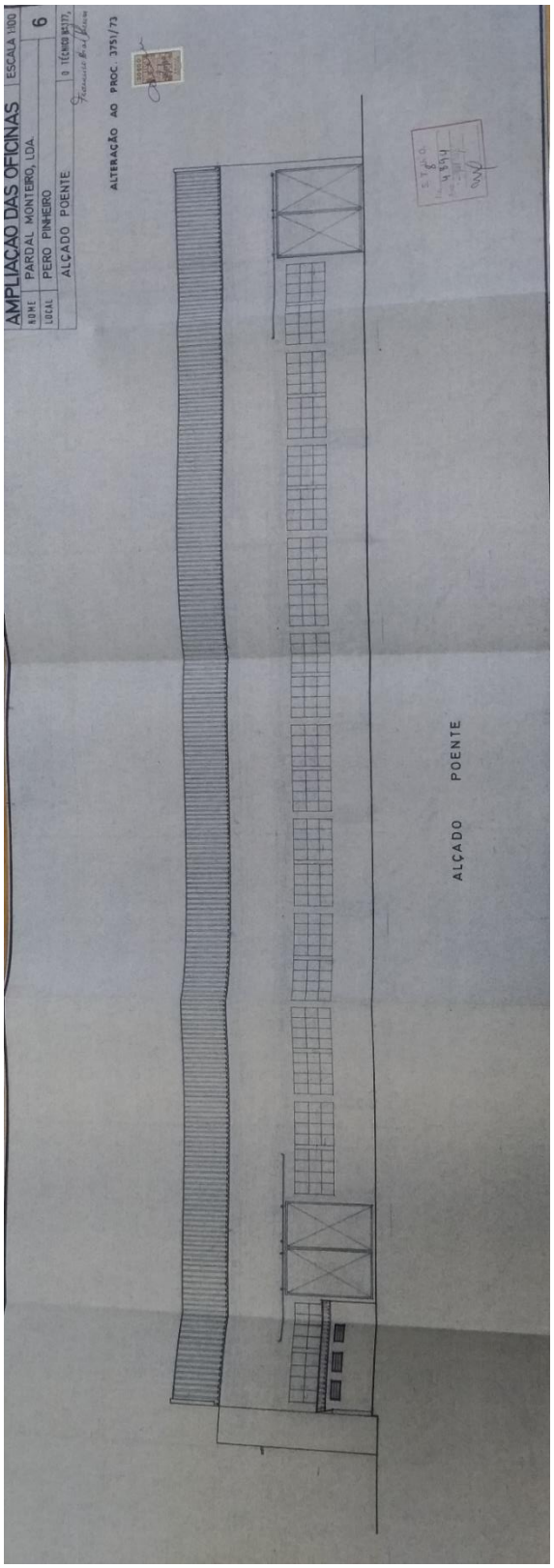


Figura 102 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: alçado poente (1973-80)

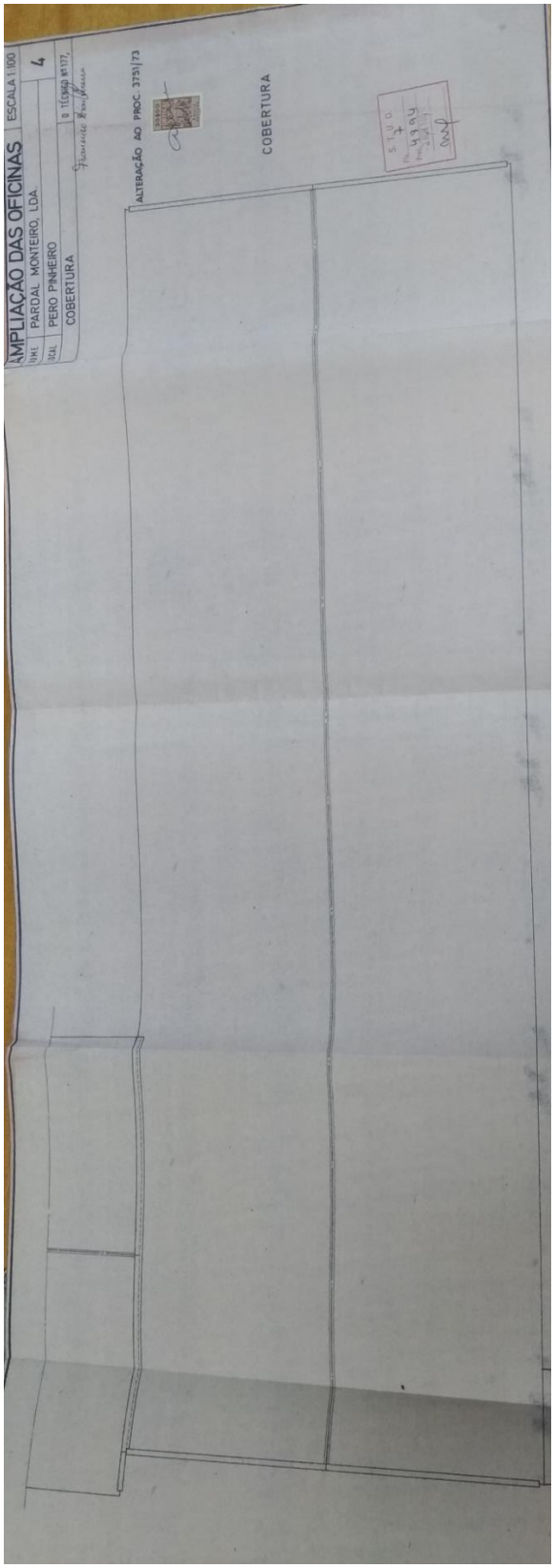


Figura 103 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: cobertura (1973-80)

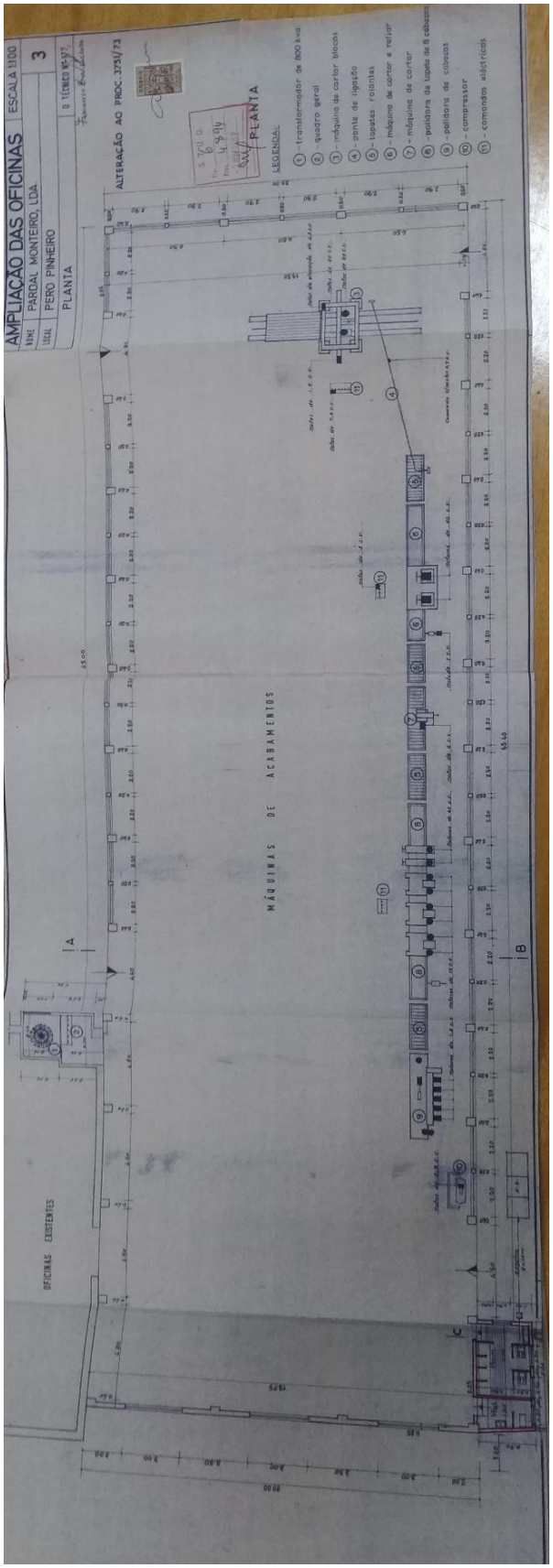


Figura 104 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta (1973-80)

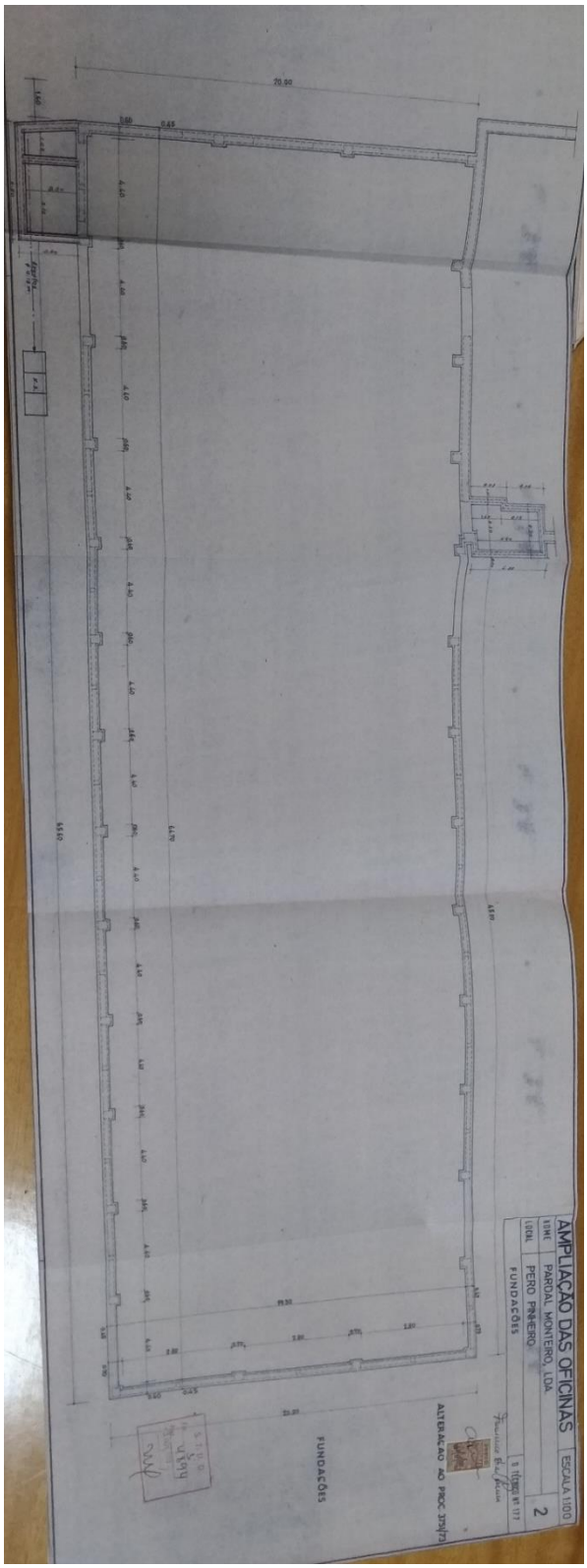


Figura 105 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: fundações (1973-80)

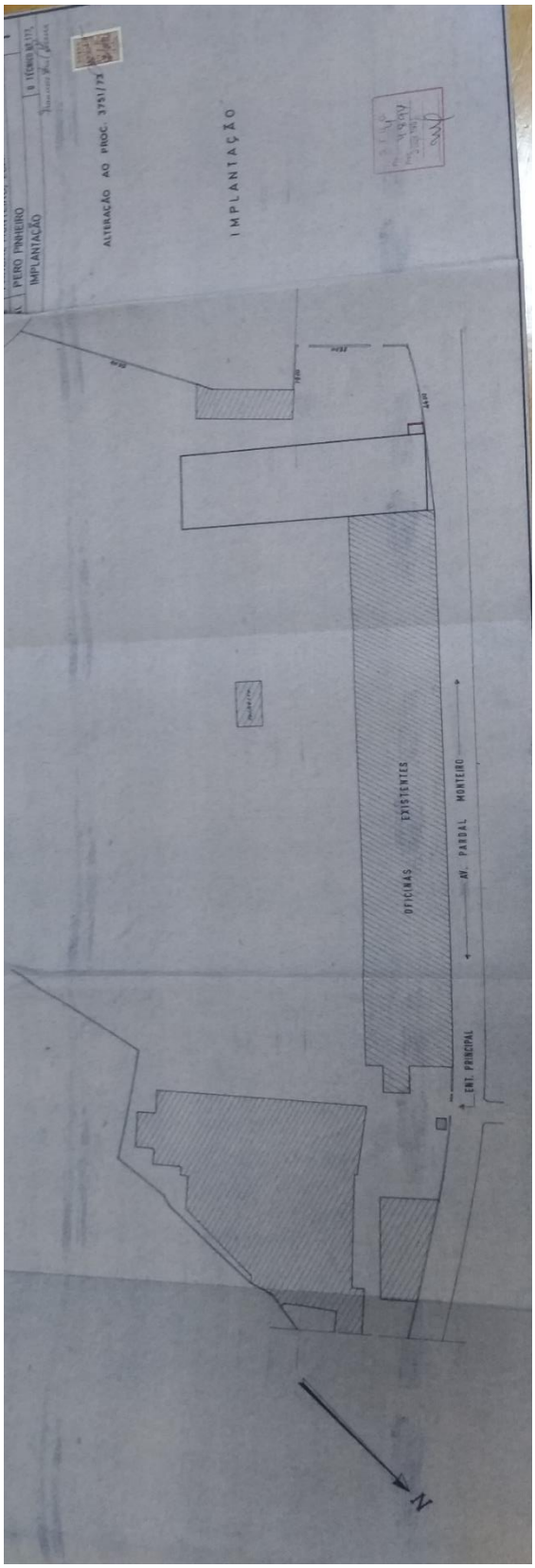
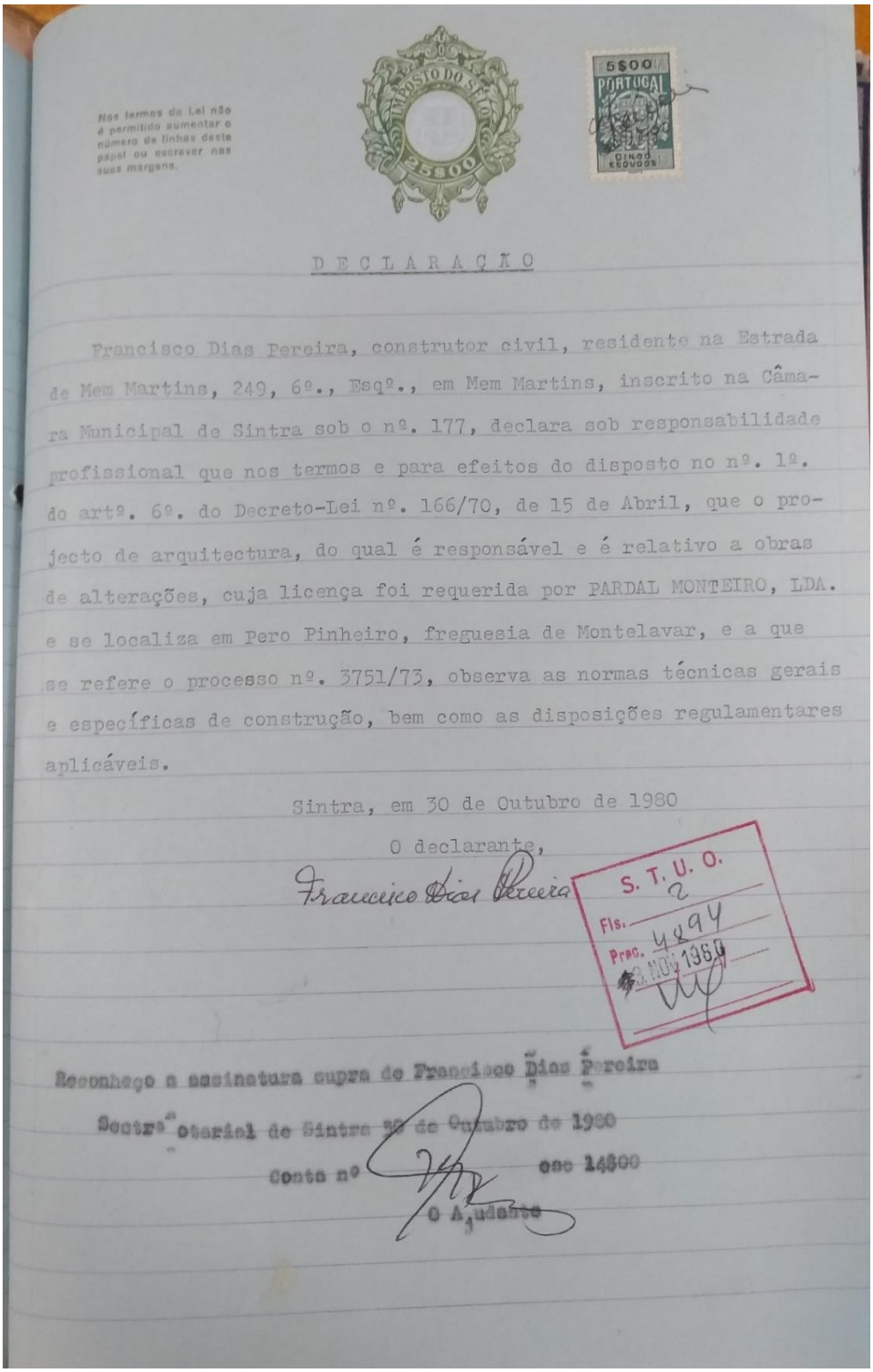


Figura 106 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: implantação (1973-80)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

IMPOSTO DO SELO 2$500

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

D E C L A R A Ç Ã O

Francisco Dias Pereira, construtor civil, residente na Estrada de Mem Martins, 249, 6º., Esqº., em Mem Martins, inscrito na Câmara Municipal de Sintra sob o nº. 177, declara sob responsabilidade profissional que nos termos e para efeitos do disposto no nº. 1º. do artº. 6º. do Decreto-Lei nº. 166/70, de 15 de Abril, que o projecto de arquitectura, do qual é responsável e é relativo a obras de alterações, cuja licença foi requerida por PARDAL MONTEIRO, LDA. e se localiza em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, e a que se refere o processo nº. 3751/73, observa as normas técnicas gerais e específicas de construção, bem como as disposições regulamentares aplicáveis.

Sintra, em 30 de Outubro de 1980

O declarante,

Francisco Dias Pereira

S. T. U. O.
Fls. 2
Proc. 4894
30 OUT 1980

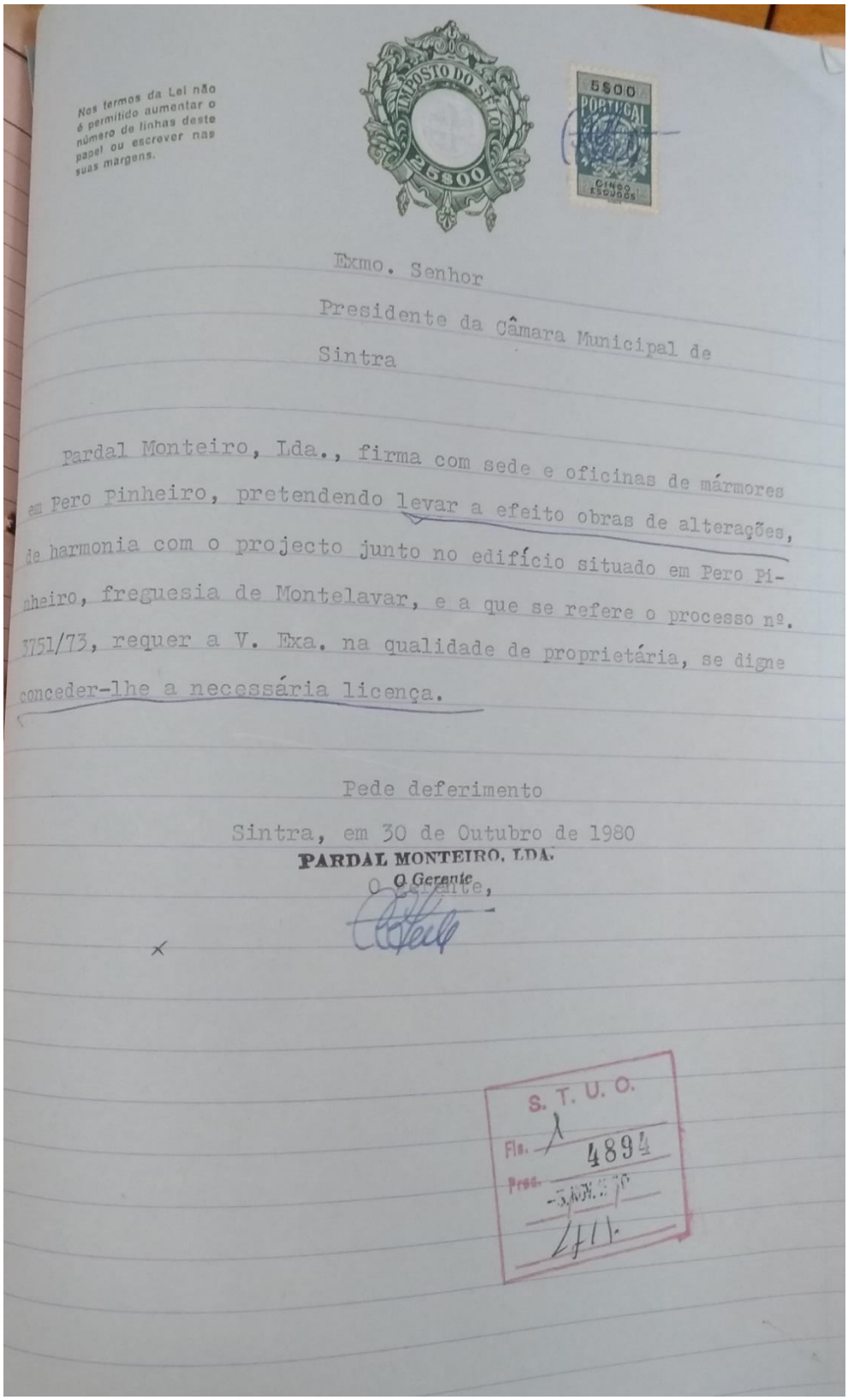
Reconheço a assinatura supra de Francisco Dias Pereira

Secr.ª Notarial de Sintra 30 de Outubro de 1980

Conta nº esc 14$00

O Ajudante

Figura 107 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Declaração responsabilidade (1973-80)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

IMPOSTO DO SELO 25$00

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de
Sintra

Pardal Monteiro, Lda., firma com sede e oficinas de mármores em Pero Pinheiro, pretendendo levar a efeito obras de alterações, de harmonia com o projecto junto no edifício situado em Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, e a que se refere o processo nº. 3751/73, requer a V. Exa. na qualidade de proprietária, se digne conceder-lhe a necessária licença.

Pede deferimento

Sintra, em 30 de Outubro de 1980

PARDAL MONTEIRO, LDA.
O Gerente,

O Requerente,

S. T. U. O.
Fls. 1
Proc. 4894

Figura 108 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: pedido de alterações (1973-80)

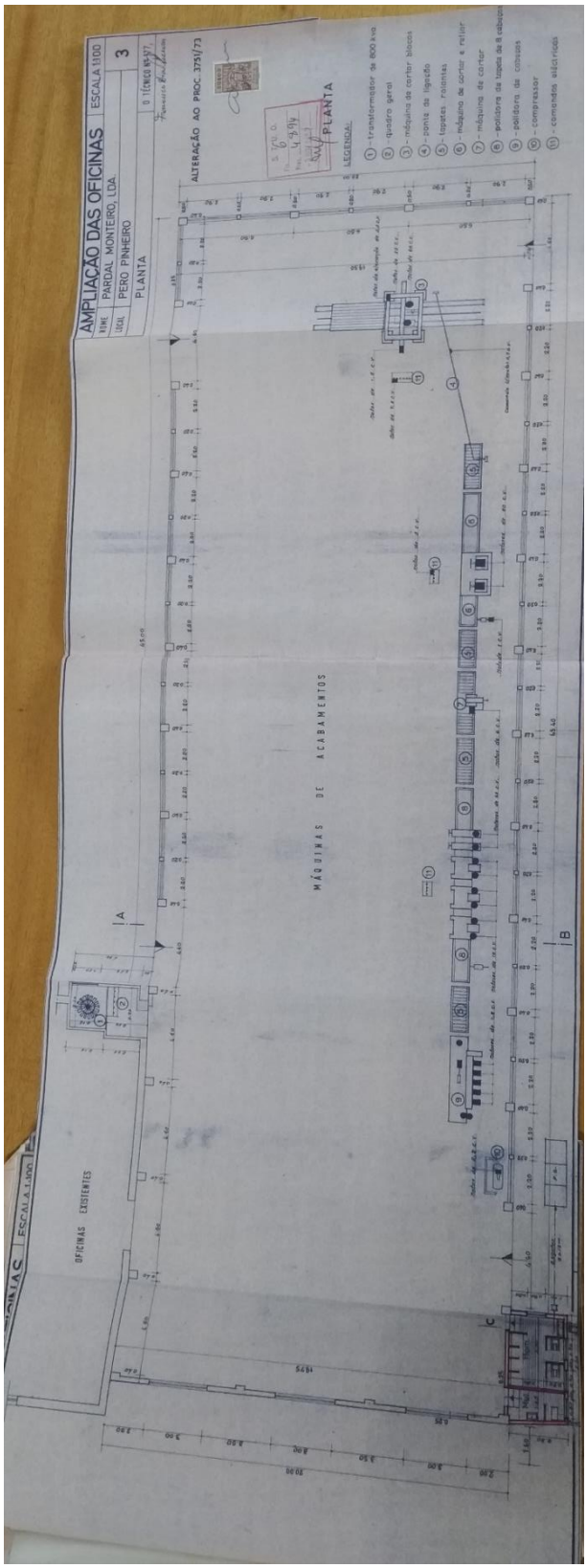
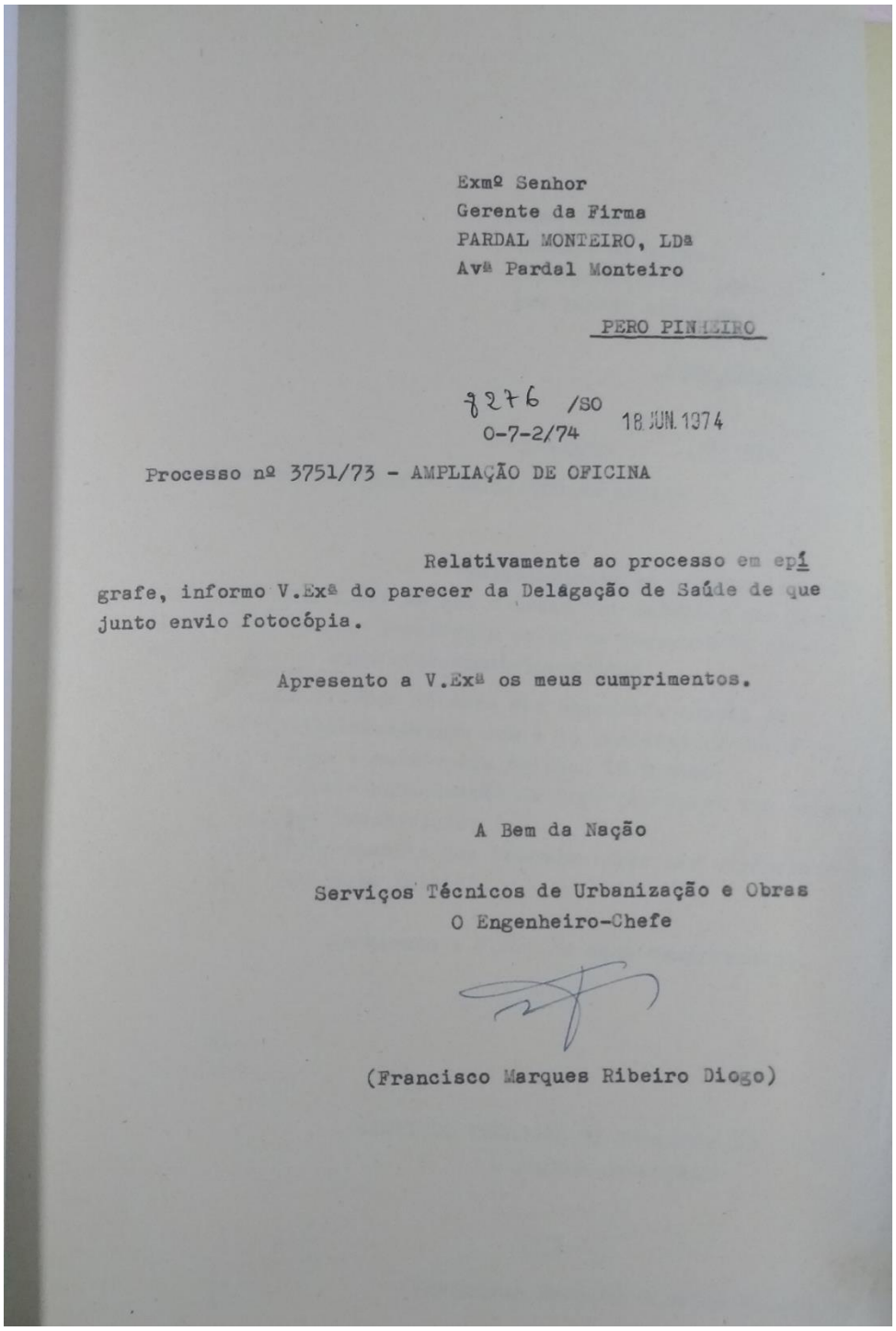


Figura 109 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta (1973-80)



Exmº Senhor
Gerente da Firma
PARDAL MONTEIRO, LDª
Avª Pardal Monteiro

PERO PINHEIRO

9276 /SO
0-7-2/74 18 JUN. 1974

Processo nº 3751/73 - AMPLIAÇÃO DE OFICINA

Relativamente ao processo em epígrafe, informo V.Exª do parecer da Delegação de Saúde de que junto envio fotocópia.

Apresento a V.Exª os meus cumprimentos.

A Bem da Nação

Serviços Técnicos de Urbanização e Obras
O Engenheiro-Chefe

(Francisco Marques Ribeiro Diogo)

Figura 110 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: parecer delegação de saúde (1973-80)

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

SERVIÇOS DE URBANIZAÇÃO E OBRAS

Requerente PARDAL MONTEIRA, LDA.

Morada PERO PINHEIRO Processo N.º

Local da obra PERO PINHEIRO Folha N.º

Freguesia de MONTELAVAR

CONFRONTAÇÕES Norte CAMINHO Sul REQUERENTE

Nascente REQUERENTE Poente "

PLANTA DO LOCAL CARTA N.º 70 ESCALA 1:2000

NORTE

Cota da soleira do edifício em relação ao lancil 0.13 m.

Cota da esteira em relação à soleira 2.50 m.

O TÉCNICO autor do projecto

Francisco Dias Pereira

C.C. N.º 174

Entidades a consultar

19
3751
18 9 73

Sujeito a plano de urbanização ou de expansão?

Faz parte do loteamento licenciado?

O DESENHADOR.

O ARQUITECTO.

COLECTORES	CONVENÇÃO	DIÂMETRO	PROFUNDIDADE	OBSERVAÇÕES
UNITÁRIO	— • — •			
DOMÉSTICO	———			
PLUVIAL	×—×—×—			

RAMAIS DE LIGAÇÃO	DIÂMETROS	INCLINAÇÕES
DOMÉSTICOS		
PLUVIAIS		

ÁGUAS			
REDE	— — —	ϕ 60	
ALTURA PIEZOMÉTRICA NA SOLEIRA			>20.00 m
OBS.			

Vistos dos S. M.,

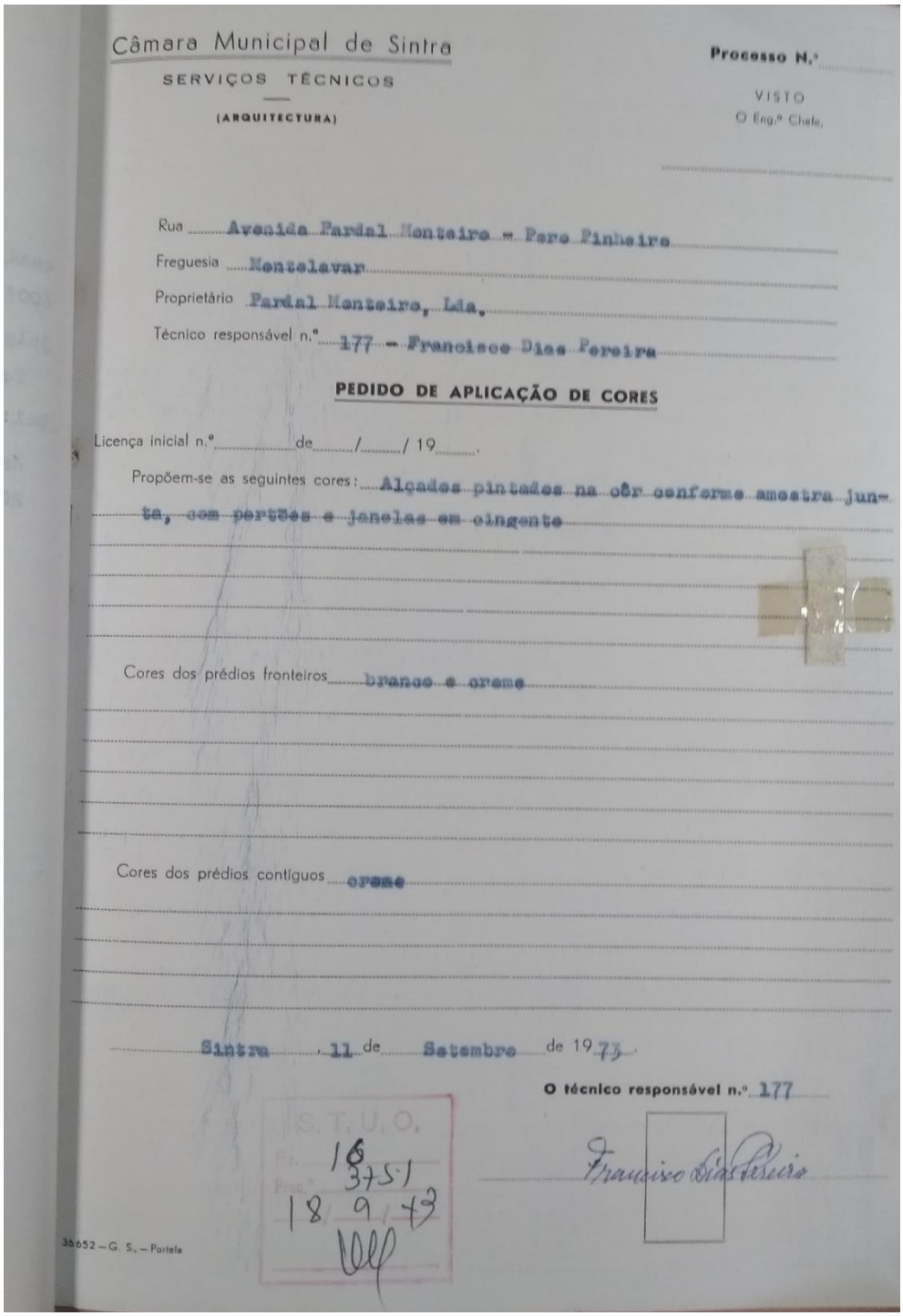
Talão N.º 6642 25/7/73 Guia N.º 1272 25/7/73

O FUNCIONÁRIO.

NOTA: Deve juntar este original ao projecto e 4 cópias.

Sintra-Gráfica (Tip. Medina) - Sintra — 5/970

Figura 111 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: planta de localização (1973-80)



Câmara Municipal de Sintra

SERVIÇOS TÉCNICOS

(ARQUITECTURA)

Processo N.º

VISTO
O Eng.º Chefe,

Rua Avenida Pardal Monteiro - Paro Pinheiro

Freguesia Montelavar

Proprietário Pardal Monteiro, Lda.

Técnico responsável n.º 177 - Francisco Dias Pereira

PEDIDO DE APLICAÇÃO DE CORES

Licença inicial n.º ____ de ____/____/ 19____.

Propõem-se as seguintes cores: Alçados pintados na côr conforme amostra junta, com portões e janelas em cinzento

Cores dos prédios fronteiros branco e creme

Cores dos prédios contíguos creme

Sintra, 11 de Setembro de 1973.

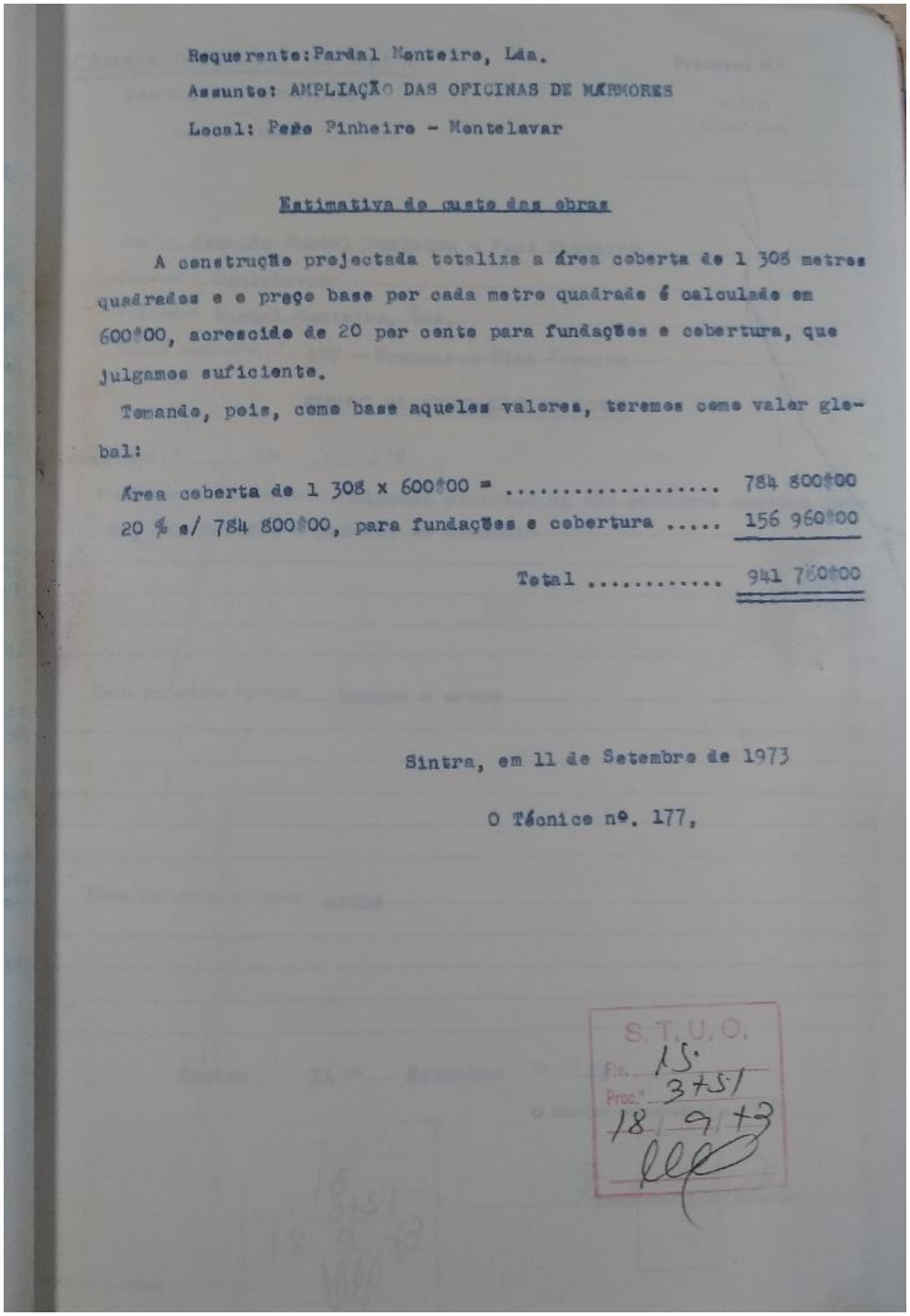
O técnico responsável n.º 177

Francisco Dias Pereira

S.T.U.O.
16
3751
18 9 73

35652 – G. S., – Portela

Figura 112 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Pedido de aplicações de cores (1973-80)



Requerente: Pardal Monteiro, Lda.

Assunto: AMPLIAÇÃO DAS OFICINAS DE MÁRMORES

Local: Peão Pinheiro - Montelavar

Estimativa do custo das obras

A construção projectada totaliza a área coberta de 1 308 metros quadrados e o preço base por cada metro quadrado é calculado em 600$00, acrescido de 20 por cento para fundações e cobertura, que julgamos suficiente.

Tomando, pois, como base aqueles valores, teremos como valor global:

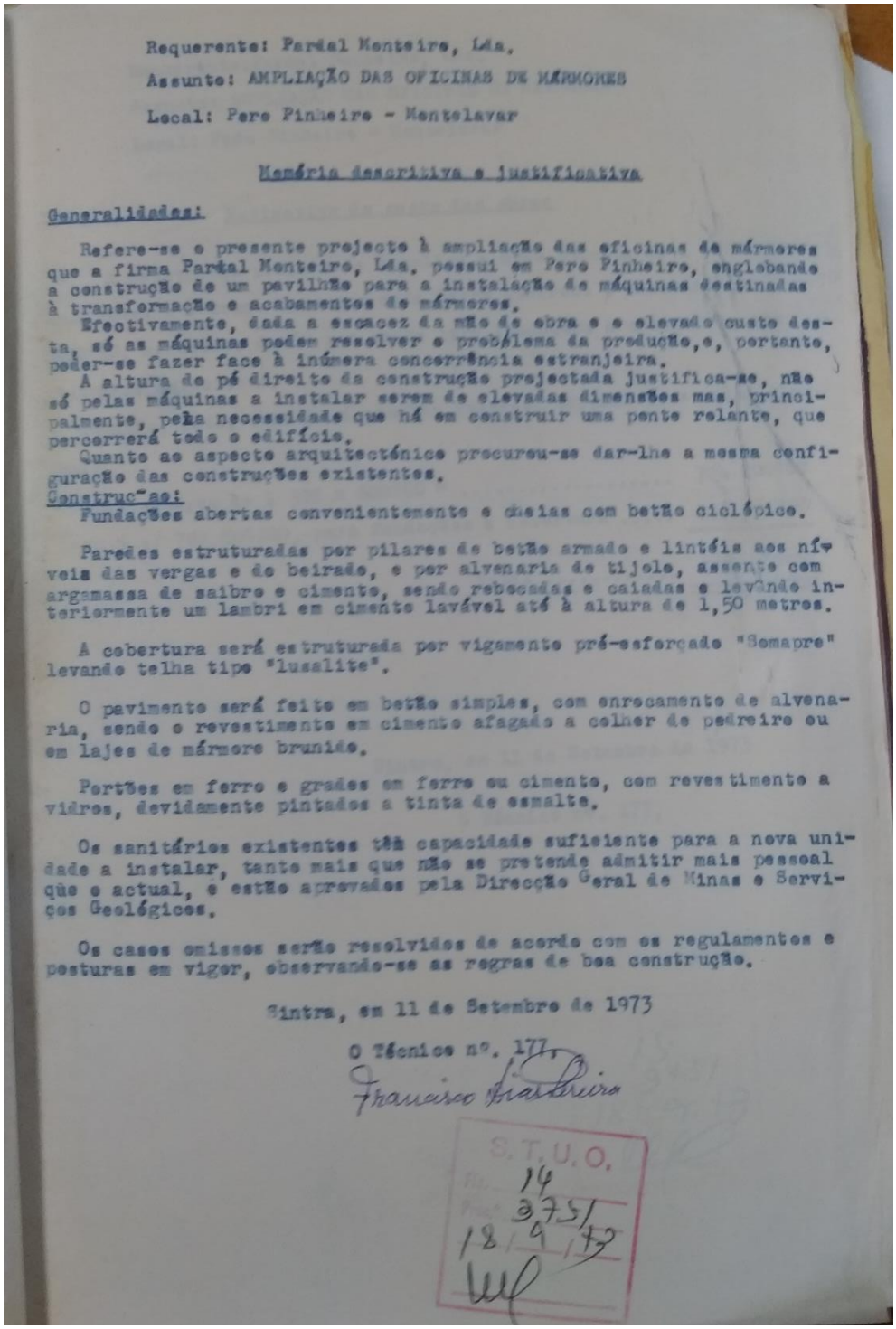
Área coberta de 1 308 x 600$00 = ...	784 800$00
20 % s/ 784 800$00, para fundações e cobertura	156 960$00
Total	941 760$00

Sintra, em 11 de Setembro de 1973

O Técnico nº. 177,

S.T.U.O.
Fls. 15
Proc.º 3751
18 9 73

Figura 113 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Estimativa de custo de obras (1973-80)



Requerente: Pardal Monteiro, Lda.

Assunto: AMPLIAÇÃO DAS OFICINAS DE MÁRMORES

Local: Pero Pinheiro - Montelavar

Memória descritiva e justificativa

Generalidades:

Refere-se o presente projecto à ampliação das oficinas de mármores que a firma Pardal Monteiro, Lda. possui em Pero Pinheiro, englobando a construção de um pavilhão para a instalação de máquinas destinadas à transformação e acabamentos de mármores.

Efectivamente, dada a escassez da mão de obra e o elevado custo desta, só as máquinas podem resolver o problema da produção, e, portanto, poder-se fazer face à inúmera concorrência estranjeira.

A altura do pé direito da construção projectada justifica-se, não só pelas máquinas a instalar serem de elevadas dimensões mas, principalmente, pela necessidade que há em construir uma ponte rolante, que percorrerá todo o edifício.

Quanto ao aspecto arquitectónico procurou-se dar-lhe a mesma configuração das construções existentes.

Construções:

Fundações abertas convenientemente e cheias com betão ciclópico.

Paredes estruturadas por pilares de betão armado e lintéis aos níveis das vergas e do beirado, e por alvenaria de tijolo, assente com argamassa de saibro e cimento, sendo rebocadas e caiadas e levando interiormente um lambri em cimento lavável até à altura de 1,50 metros.

A cobertura será estruturada por vigamento pré-esforçado "Somapre" levando telha tipo "lusalite".

O pavimento será feito em betão simples, com enrocamento de alvenaria, sendo o revestimento em cimento afagado a colher de pedreiro ou em lajes de mármore brunido.

Portões em ferro e grades em ferro ou cimento, com revestimento a vidros, devidamente pintados a tinta de esmalte.

Os sanitários existentes têm capacidade suficiente para a nova unidade a instalar, tanto mais que não se pretende admitir mais pessoal que o actual, e estão aprovados pela Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Os casos omissos serão resolvidos de acordo com os regulamentos e posturas em vigor, observando-se as regras de boa construção.

Sintra, em 11 de Setembro de 1973

O Técnico nº. 177

Francisco Barbeiro

S.T.U.O.
14
3751/
18/9/73

Figura 114 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Memória descritiva (1973-80)

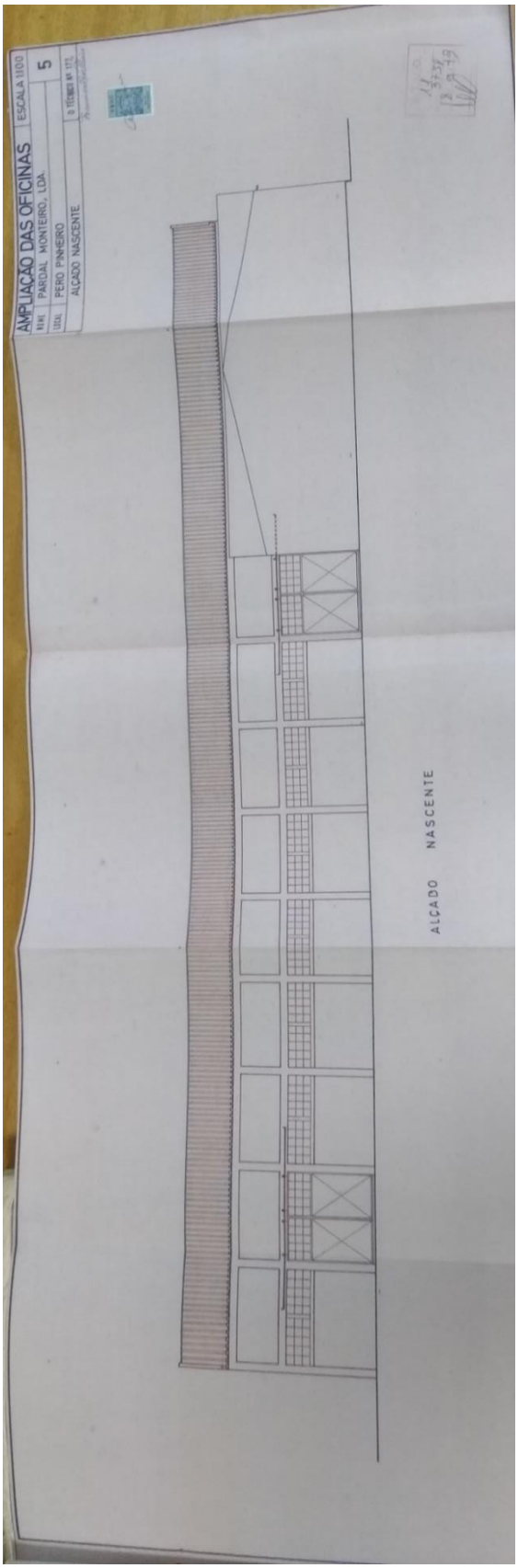
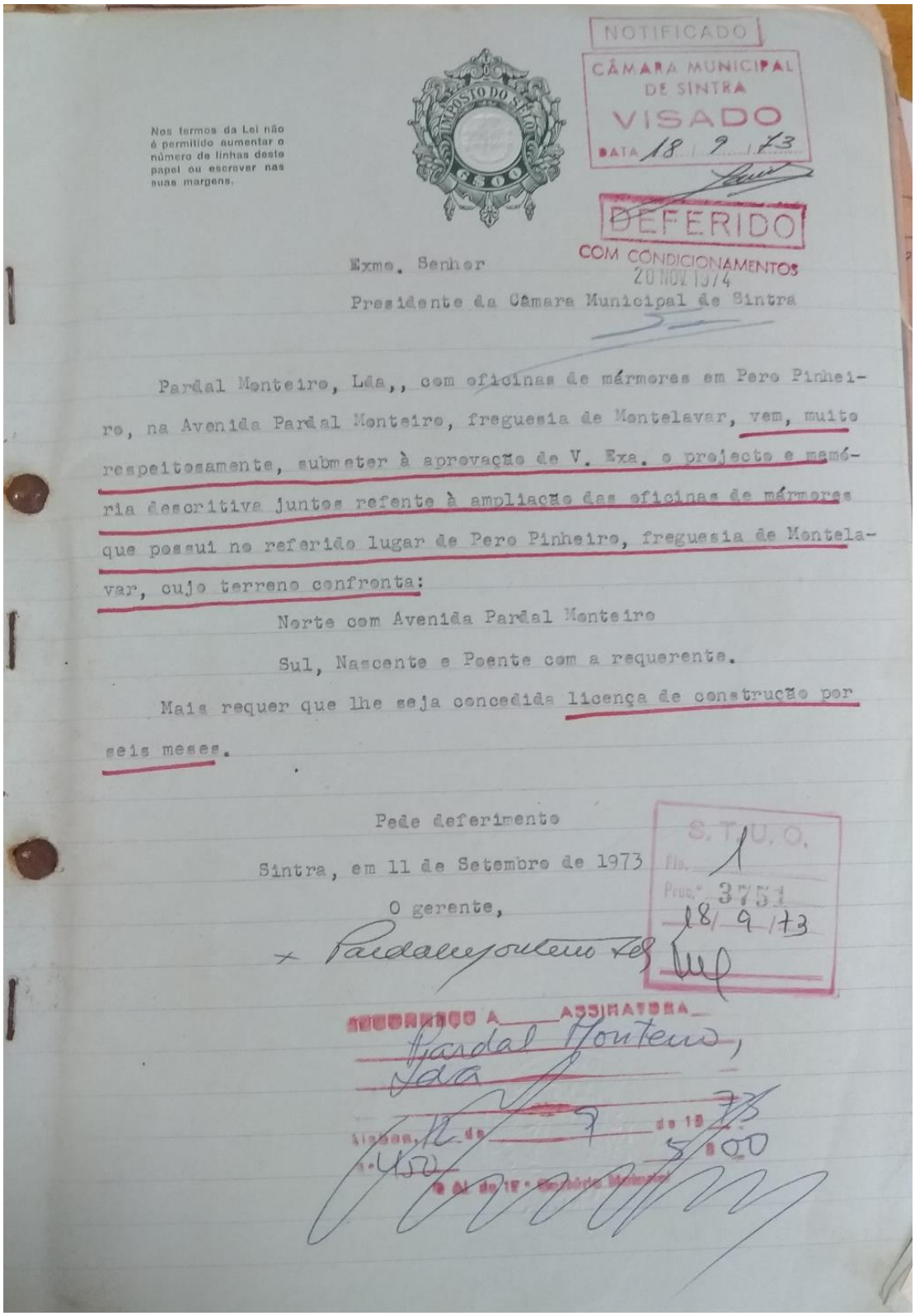


Figura 115 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: Peças desenhadas: alçado nascente (1973-80)



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

NOTIFICADO
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
VISADO
DATA 18 / 9 / 73

DEFERIDO
COM CONDICIONAMENTOS
20 NOV 1974

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal de Sintra

Pardal Monteiro, Lda,, com oficinas de mármores em Pero Pinheiro, na Avenida Pardal Monteiro, freguesia de Montelavar, vem, muito respeitosamente, submeter à aprovação de V. Exa. o projecto e memória descritiva juntos refente à ampliação das oficinas de mármores que possui no referido lugar de Pero Pinheiro, freguesia de Montelavar, cujo terreno confronta:

Norte com Avenida Pardal Monteiro

Sul, Nascente e Poente com a requerente.

Mais requer que lhe seja concedida licença de construção por seis meses.

Pede deferimento

Sintra, em 11 de Setembro de 1973

O gerente,

S.T.U.O.
Fls. 1
Proc.º 3751
18/9/73

RECONHECO A ASSINATURA
Pardal Monteiro, Lda

Lisboa, 17 de 7 de 19 73
5$00

Figura 116 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: pedido de licença (1973-80)

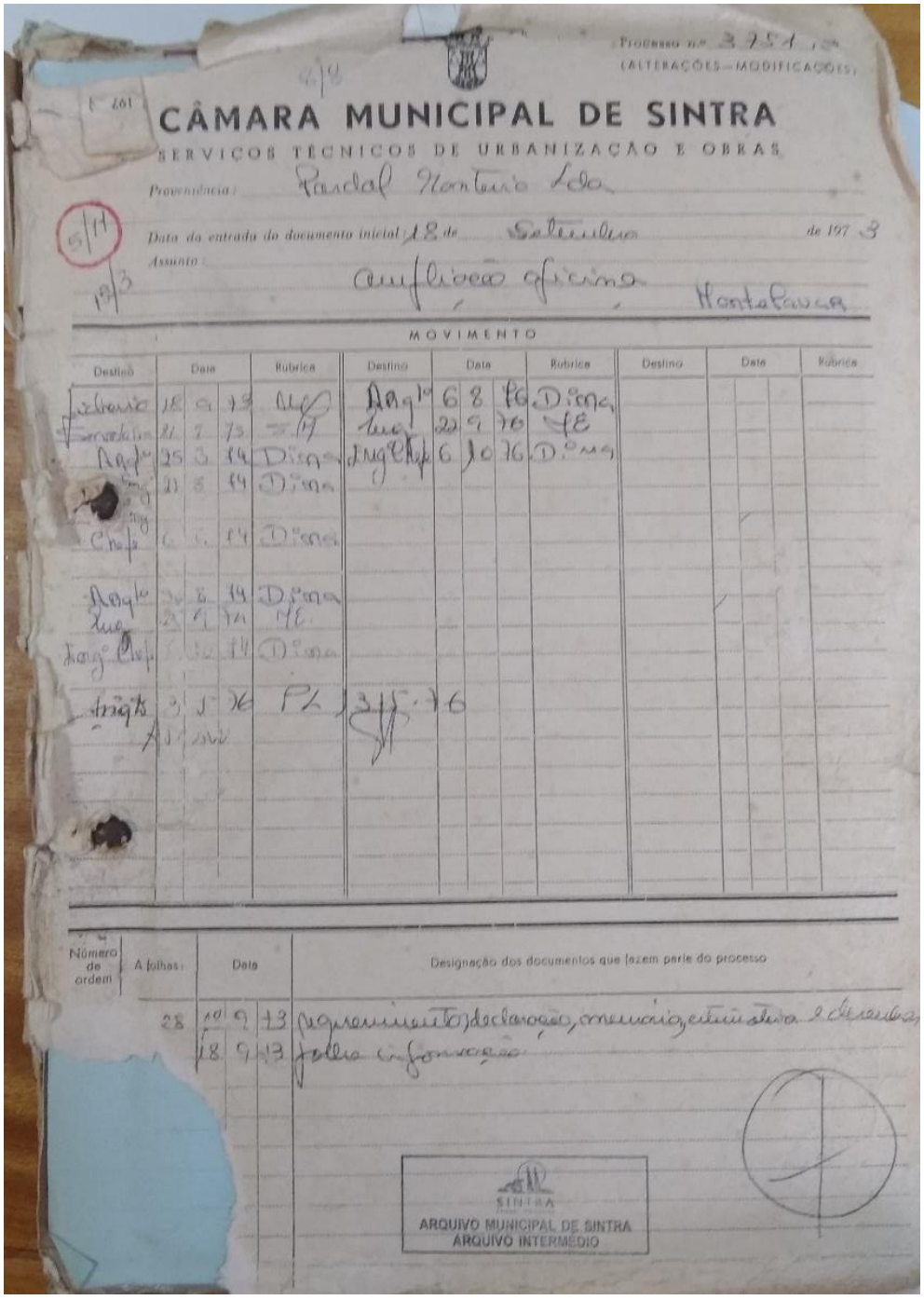


Figura 117 - Projeto de obra particular nº 3751/73- Ampliação de oficinas: Edifício Máquinas de acabamento: capa (1973-80)

4- Fotografias de exteriores e interiores, da fábrica Pardal Monteiro (fotografias da autora, 2017)

Figura 1- Edifício Refeitório: Terraço contíguo ao refeitório com escadas de acesso a terraço.

Figura 2- Entrada oeste (pátio). Vista para o edifício da serralharia e escritórios. Fotografia tirada do terraço contiguo ao refeitório.

Figura 3- Edifício refeitório: Piso 1- Dispensa de apoio á cozinha.

Figura 4- Edifício refeitório: Piso 1- cozinha.

Figura 5- Edifício refeitório: Piso 1- sala de almoço para trabalhadores.

Figura 6- Edifício refeitório: Piso 1- vista geral da sala de almoço para trabalhadores.

Figura 7- Edifício refeitório: Piso 1- sala de almoço para administração.

Figura 8- Edifício refeitório: escadas de acesso ao piso 1. Fotografia tirada do piso 1.

Figura 9- Edifício refeitório: Piso 1- Corredor de acesso (esquerda para a direita) à cozinha, sala de almoço trabalhadores e sala de almoço administração.

Figura 10- Edifício refeitório: piso 0 - balneários femininos.

Figura 11- Edifício refeitório: Piso 0- zona de cacifos partilhados femininos.

Figura 12- Edifício refeitório: Piso 0 – Entrada para o refeitório, para os balneários femininos e masculinos. Ao fundo existe uma placa onde se lê: Refeitório Prof. Dr. Augusto Salazar Leite (engenheiro de profissão).

Figura 13- Vista do pátio da entrada norte: Acesso direto ao edifício escritório administração (esquerda) e edifício refeitório (direita).

Figura 14- Vista geral do bairro operário.

Figura 15- Vista do alçado oeste. Fotografia tirada do bairro operário.

Figura 16- Portão entrada norte e edifício escritórios (esquerda)

Figura 17-Vista parcial do pátio sul.

Figura 18- Vista do terraço (por cima da sala de almoço- edifício refeitório) onde se observa ao fundo bairro operário (esquerda) e a casa do empresário (direita).

Figura 19- Vista do terraço (por cima da sala de almoço- edifício refeitório) onde se observa ao fundo, em frente, a casa do empresário.

Figura 20- Vista do terraço (por cima da sala de almoço- edifício refeitório). Entrada norte. Onde podemos observar parte do edifício dos escritórios administração e entrada exterior para os edifícios dos engenhos através da zona de serralharia.

Figura 21- Pátio da entrada oeste (entrada dos trabalhadores).

Figura 22- Edifícios Oficinas: zona máquinas de corte, ala este. Nesta zona existiam 3 máquinas de corte.

Figura 23- Edifícios Oficinas: zona máquinas de corte, ala este.

Figura 24- Vista para alçado este (zona exterior parque de blocos).

Figura 25- Edifício engenhos: zona serralharia.

Figura 26- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia. Aqui se arranjava todas as máquinas da fábrica.

Figura 27- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia- zona de armazém de máquinas de pequeno porte e afins.

Figura 28- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 29- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 30- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia (bancadas de trabalho).

Figura 31- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 32- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 33- Vista para o parque de blocos. Fotografia tirada dos edifícios dos engenhos.

Figura 34- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Existiam aqui 9 engenhos.

Figura 35- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Podemos observar carris por onde circulavam as zorras com os blocos de calcários ou de outras rochas que vinham do parque de blocos diretamente para os engenhos.

Figura 36- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Ao fundo (centro) observa-se suportes para a secagem de calços (para as máquinas de polimento de pequeno e grande porte).

Figura 37- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos.

Figura 38- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Suporte para engenho em betão armado.

Figura 39- Pátio da entrada oeste: vista para os edifícios de engenhos (janelas da zona serralharia)
Figura 40- Vista geral dos edifícios oficinas e parque de blocos, ao fundo edifício "talha blocos" (esquerda). Fotografia tirada da varanda do "edifício escritórios", piso 1.
Figura 41- Vista exterior para os pórticos dos edifícios dos engenhos (zona de engenhos) e parque de blocos. Fotografia tirada da varanda do "edifício escritórios", piso 1.
Figura 42- Edifício escritórios: gabinete, piso 1.
Figura 43- Edifício escritórios: zona de arquivo, piso 1.
Figura 44- Edifício escritórios: acesso piso 2.
Figura 45- Edifício escritórios: gabinete piso 2.
Figura 46- Edifício escritórios: sala piso 0.
Figura 47- Edifício escritórios: gabinete, piso 1.
Figura 48- Edifício escritórios, piso 2.
Figura 49- Edifício escritórios: zona de arquivo, piso 1.
Figura 50- Edifício escritórios: gabinete, piso 0.
Figura 51- Vista interior "Casa" do porteiro. Entrada oeste.
Figura 52- Vista interior "Casa" do porteiro, zona de "marcar o ponto" de trabalhadores. Entrada oeste.
Figura 53- Entrada oeste (pátio). Vista exterior para o "edifício refeitório" (frente).
Figura 54- Entrada oeste (pátio). Vista para o "edifício escritórios" (frente), "casa" do porteiro (direita) e parte dos "edifícios de engenhos" – zona de serralharia. Fotografia tirada do terraço contiguo ao refeitório.
Figura 55- Vista geral do bairro operário, zona norte.
Figura 56- Casa do empresário: Alçado lateral.
Figura 57- Casa do empresário: Alçado principal.
Figura 58- Edifício escritórios administração: corredor para gabinetes, piso 1.
Figura 59- Edifício escritórios administração: gabinete.
Figura 60- Edifício escritórios administração: gabinete.
Figura 61- Edifício escritórios administração: gabinete.
Figuras 62 e 63- Edifício escritórios administração: gabinete.
Figura 64- Edifício escritórios administração: pátio interior, piso 0.

Figura 65- Edifício escritórios administração: sala.

Figura 66- Edifício escritórios administração: entrada para o interior da fábrica.

Figura 67-Vista exterior (pátio norte) da entrada que liga interiormente o edifício de escritórios administração, com os "Edifícios engenhos" (zona serralharia).

Figura 68- Edifícios oficina: zona de corte, ala este.

Figura 69- Placa onde se pode observar parte do *slogan*: "A pedra – do Pardal Monteiro para o futuro". Encontrada nos edifícios oficinas, ala este.

Figura 70- Edifício oficinas: gabinete do encarregado da zona de canteiros, ala oeste.

Figura 71- Edifício oficina de canteiros, ala oeste: zona de canteiros onde existia bancadas de trabalho para os canteiros, em 2002, existia uma máquina de torna balaustres e uma CNC (ao fundo da imagem).

Figura 72- Edifício oficinas: vista interior do gabinete do encarregado da zona de canteiros, ala oeste.

Figura 73- Edifício oficinas: gabinete do encarregado da zona de corte, ala este.

Figura 74- Edifício oficinas: gabinete do encarregado da zona de corte, ala oeste.

Figura 75- Edifício oficinas: vista interior gabinete do encarregado da zona de corte, ala oeste.

Figura 76- Edifício oficinas: zona de corte, ala este.

Figura 77- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Nesta zona existia. Ao fundo, 3 máquinas de corte, máquinas de polir ladrilho e máquina biseladora de ladrilho, a este conjunto de máquinas podemos designar de linha de produção: corte e polimento de ladrilho (processo que inicia no corte da chapa em ladrilho, em seguida o polimento, depois a biselagem do ladrilho prosseguido pela seleção e embalamento em caixotes.

Figura 78- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Acesso interior ao "edifício máquinas de acabamento"

Figura 79- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Acesso exterior ao parque de blocos.

Figura 80- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Aqui se encontrava 2 máquinas designadas de desengrossadeira. Podemos observar as duas bases que suportavam as máquinas (tiravam espessura ás chapas, por desbaste).

Figura 81- Edifício oficinas: zona de corte. Nesta zona existia 3 máquinas de corte. Podemos observar os seus separadores em betão armado.

Figura 82- Edifício oficinas: zona de moldes em gesso, ala este.

Figura 83- Edifício oficinas: balneários masculinos: zona de cantaria.

Figura 84- Edifício "máquinas de acabamento": vista interior. Ao fundo, 3 "talha blocos", seguido de máquina "corta topos" e máquina de tapete de polimento de ladrilhos, máquina biseladora de ladrilho. A este conjunto de máquinas podemos designar de linha de produção: corte e polimento de ladrilho (processo que inicia no corte do bloco em ladrilho, em seguida o polimento, depois a biselagem do ladrilho prosseguido pela seleção e embalamento em caixotes.

Figura 85- Edifício máquinas de acabamento: vista interior, ao fundo gabinete do encarregado.

Figura 86- Edifício máquinas de acabamento: vista interior, ao fundo gabinete do encarregado.

Figura 87- Edifício máquinas de acabamento: vista exterior do pátio sul.

Figura 88- Edifício carpintaria: *mezanino*.

Figura 89- Edifício carpintaria: *mezanino*.

Figura 90- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 91- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 92- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 93- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 94- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 95- Edifício carpintaria: vista exterior do pátio sul.

Figura 97- Edifício carpintaria e telheiro: vista exterior do pátio sul.

Figura 98- Pátio da entrada sul.

Figura 99- Parque de blocos.

Figura 100- Entrada oeste.

Figura 101- Vestígios da pedreira contígua á fábrica.

Figura 102- Vestígios da pedreira contígua á fábrica (zona tardoz do bairro operário).

Figura 103- Entrada sul.

Figura 104- Zona de escadas exteriores. Acesso interno do "Edifício hóspedes" á fábrica.

Figura 105- Zona de acesso interno do "Edifício hóspedes" á fábrica. Onde se encontra o poço que abastece toda a fábrica.

Figura 106- Zona de acesso interno do “Edifício hóspedes” á fábrica. Onde se encontra o poço que abastece toda a fábrica.

Figura 107- Edifício hóspedes: vista exterior pátio (zona tardoz “edifício carpintaria”).

Figura 108- Edifício hóspedes: pátio exterior.

Figura 109- Edifício hóspedes: vista interior cozinha (casa 1).

Figura 110- Edifício hóspedes: vista interior cozinha (casa 2).

Figura 111- Edifício hóspedes: vista interior quarto (casa 2).

Figura 1- Edifício Refeitório: Terraço contíguo ao refeitório com escadas de acesso a terraço.

Figura 2- Entrada oeste (pátio). Vista para o edifício da serralharia e escritórios. Fotografia tirada do terraço contiguo ao refeitório.

Figura 3- Edifício refeitório: Piso 1- Dispensa de apoio á cozinha.

Figura 4- Edifício refeitório: Piso 1- cozinha.

Figura 5- Edifício refeitório: Piso 1- sala de almoço para trabalhadores.

Figura 6- Edifício refeitório: Piso 1- vista geral da sala de almoço para trabalhadores.

Figura 7- Edifício refeitório: Piso 1- sala de almoço para administração.

Figura 8- Edifício refeitório: escadas de acesso ao piso 1. Fotografia tirada do piso 1.

Figura 9- Edifício refeitório: Piso 1- Corredor de acesso (esquerda para a direita) à cozinha, sala de almoço trabalhadores e sala de almoço administração.

Figura 10- Edifício refeitório: piso 0 - balneários femininos.

Figura 11- Edifício refeitório: Piso 0- zona de cacifos partilhados femininos.

Figura 12- Edifício refeitório: Piso 0 – Entrada para o refeitório, para os balneários femininos e masculinos. Ao fundo existe uma placa onde se lê: Refeitório Prof. Dr. Augusto Salazar Leite (engenheiro de profissão).

Figura 13- Vista do pátio da entrada norte: Acesso direto ao edifício escritório administração (esquerda) e edifício refeitório (direita).

Figura 14- Vista geral do bairro operário.

Figura 15- Vista do alçado oeste. Fotografia tirada do bairro operário.

Figura 16- Portão entrada norte e edifício escritórios (esquerda)

Figura 17-Vista parcial do pátio sul.

Figura 18- Vista do terraço (por cima da sala de almoço- edifício refeitório) onde se observa ao fundo bairro operário (esquerda) e a casa do empresário (direita).

Figura 19- Vista do terraço (por cima da sala de almoço- edifício refeitório) onde se observa ao fundo, em frente, a casa do empresário.

Figura 20- Vista do terraço (por cima da sala de almoço- edifício refeitório). Entrada norte. Onde podemos observar parte do edifício dos escritórios administração e entrada exterior para os edifícios dos engenhos através da zona de serralharia.

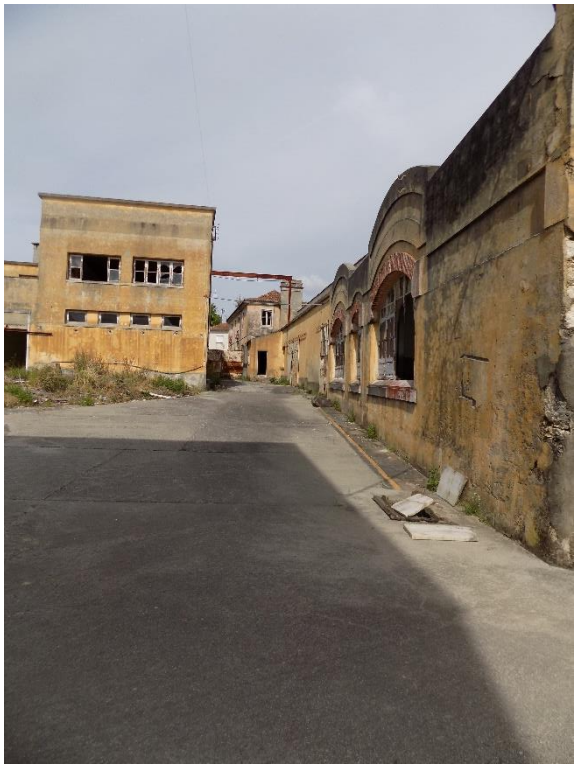


Figura 21- Pátio da entrada oeste (entrada dos trabalhadores).

Figura 22- Edifícios Oficinas: zona máquinas de corte, ala este. Nesta zona existiam 3 máquinas de corte.

Figura 23- Edifícios Oficinas: zona máquinas de corte, ala este.

Figura 24- Vista para alçado este (zona exterior parque de blocos).

Figura 25- Edifício engenhos: zona serralharia.

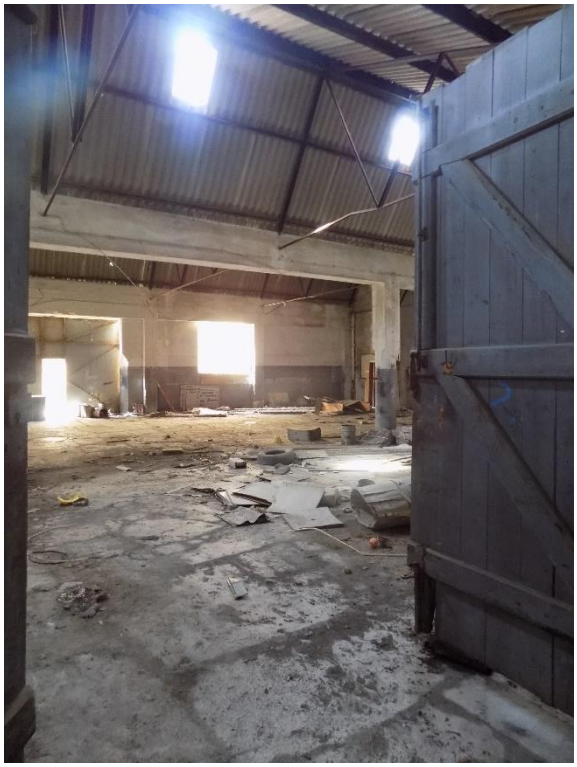


Figura 26- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia. Aqui se arranjava todas as máquinas da fábrica.

Figura 27- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia- zona de armazém de máquinas de pequeno porte e afins.

Figura 28- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 29- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 30- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia (bancadas de trabalho).

Figura 31- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 32- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de serralharia.

Figura 33- Vista para o parque de blocos. Fotografia tirada dos edifícios dos engenhos.

Figura 34- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Existiam aqui 9 engenhos.

Figura 35- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Podemos observar carris por onde circulavam as zorras com os blocos de calcários ou de outras rochas que vinham do parque de blocos diretamente para os engenhos.

Figura 36- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Ao fundo (centro) observa-se suportes para a secagem de calços (para as máquinas de polimento de pequeno e grande porte).

Figura 37- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos.

Figura 38- Edifícios dos engenhos: parte do interior da zona de engenhos. Suporte para engenho em betão armado.

Figura 39- Pátio da entrada oeste: vista para os edifícios de engenhos (janelas da zona serralharia)

Figura 40- Vista geral dos edifícios oficinas e parque de blocos, ao fundo edifício “talha blocos” (esquerda). Fotografia tirada da varanda do “edifício escritórios”, piso 1.

Figura 41- Vista exterior para os pórticos dos edifícios dos engenhos (zona de engenhos) e parque de blocos. Fotografia tirada da varanda do “edifício escritórios”, piso 1.

Figura 42- Edifício escritórios: gabinete, piso 1.

Figura 43- Edifício escritórios: zona de arquivo, piso 1.

Figura 44- Edifício escritórios: acesso piso 2.

Figura 45- Edifício escritórios: gabinete piso 2.

Figura 46- Edifício escritórios: sala piso 0.

Figura 47- Edifício escritórios: gabinete, piso 1.

Figura 48- Edifício escritórios, piso 2.

Figura 49- Edifício escritórios: zona de arquivo, piso 1.

Figura 50- Edifício escritórios: gabinete, piso 0.

Figura 51- Vista interior “Casa” do porteiro. Entrada oeste.

Figura 52- Vista interior “Casa” do porteiro, zona de “marcar o ponto” de trabalhadores. Entrada oeste.

Figura 53- Entrada oeste (pátio). Vista exterior para o “edifício refeitório” (frente).

Figura 54- Entrada oeste (pátio). Vista para o “edifício escritórios” (frente), “casa” do porteiro (direita) e parte dos “edifícios de engenhos” – zona de serralharia. Fotografia tirada do terraço contiguo ao refeitório.

Figura 55- Vista geral do bairro operário, zona norte.

Figura 56- Casa do empresário: Alçado lateral.

Figura 57- Casa do empresário: Alçado principal.

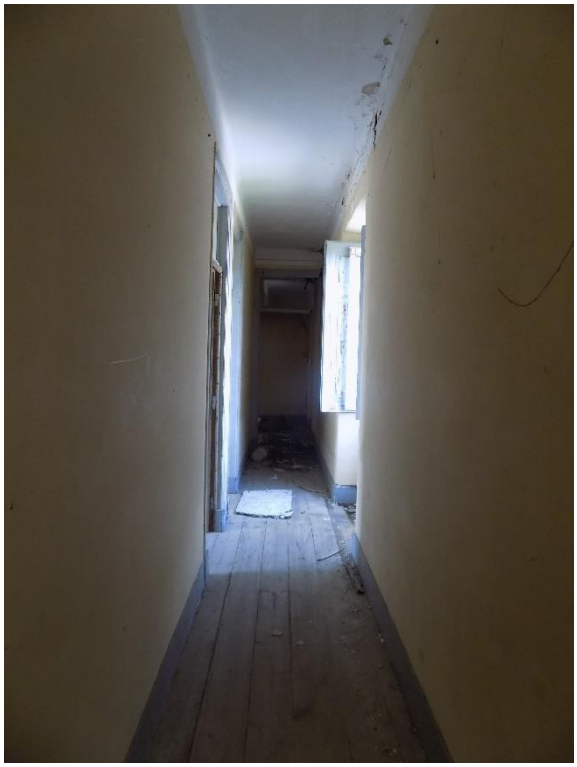


Figura 58- Edifício escritórios administração: corredor para gabinetes, piso 1.

Figura 59- Edifício escritórios administração: gabinete.

Figura 60- Edifício escritórios administração: gabinete.

Figura 61- Edifício escritórios administração: gabinete.

Figuras 62 e 63- Edifício escritórios administração: gabinete.

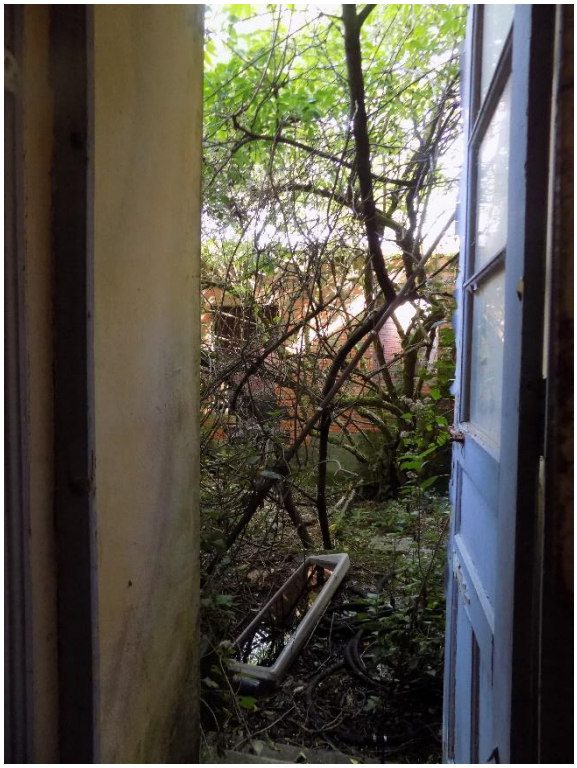


Figura 64- Edifício escritórios administração: pátio interior, piso 0.

Figura 65- Edifício escritórios administração: sala.

Figura 66- Edifício escritórios administração: entrada para o interior da fabrica.

Figura 67-Vista exterior (pátio norte) da entrada que liga interiormente o edifício de escritórios administração, com os “Edifícios engenhos” (zona serralharia).

Figura 68- Edifícios oficina: zona de corte, ala este.

Figura 69- Placa onde se pode observar parte do *slogan*: "A pedra – do Pardal Monteiro para o futuro". Encontrada nos edifícios oficinas, ala este.

Figura 70- Edifício oficinas: gabinete do encarregado da zona de canteiros, ala oeste.

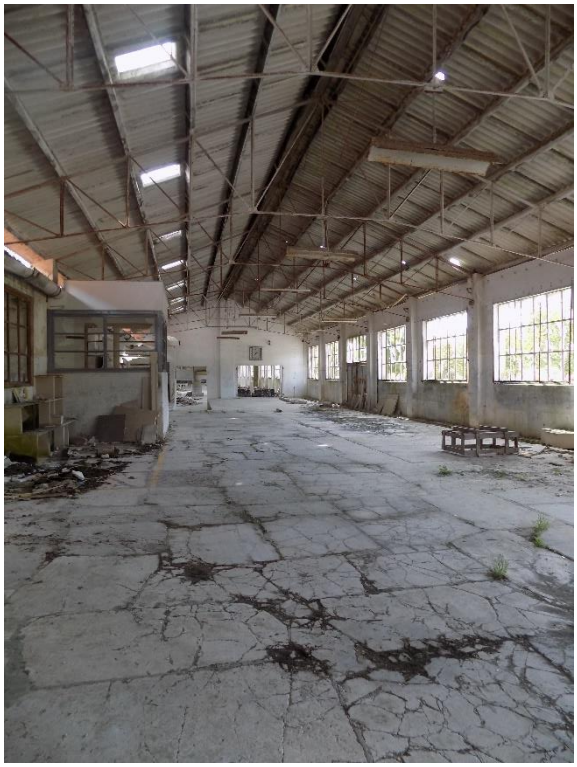


Figura 71- Edifício oficina de canteiros, ala oeste: zona de canteiros onde existia bancadas de trabalho para os canteiros, em 2002, existia uma máquina de torna balaustres e uma CNC (ao fundo da imagem).

Figura 72- Edifício oficinas: vista interior do gabinete do encarregado da zona de canteiros, ala oeste.

Figura 73- Edifício oficinas: gabinete do encarregado da zona de corte, ala este.

Figura 74- Edifício oficinas: gabinete do encarregado da zona de corte, ala oeste.

Figura 75- Edifício oficinas: vista interior gabinete do encarregado da zona de corte, ala oeste.

Figura 76- Edifício oficinas: zona de corte, ala este.

Figura 77- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Nesta zona existia. Ao fundo, 3 máquinas de corte, máquinas de polir ladrilho e máquina biseladora de ladrilho, a este conjunto de máquinas podemos designar de linha de produção: corte e polimento de ladrilho (processo que inicia no corte da chapa em ladrilho, em seguida o polimento, depois a biselagem do ladrilho prosseguido pela seleção e embalamento em caixotes.

Figura 78- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Acesso interior ao "edifício máquinas de acabamento"

Figura 79- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Acesso exterior ao parque de blocos.

Figura 80- Edifício oficinas: zona de corte, ala este. Aqui se encontrava 2 máquinas designadas de desengrossadeira. Podemos observar as duas bases que suportavam as máquinas (tiravam espessura ás chapas, por desbaste).

Figura 81- Edifício oficinas: zona de corte. Nesta zona existia 3 máquinas de corte. Podemos observar os seus separadores em betão armado.

Figura 82- Edifício oficinas: zona de moldes em gesso, ala este.

Figura 83- Edifício oficinas: balneários masculinos: zona de cantaria.

Figura 84- Edifício máquinas de acabamento: vista interior. Ao fundo, 3 “talha blocos”, seguido de máquina “corta topos” e máquina de tapete de polimento de ladrilhos, máquina biseladora de ladrilho. A este conjunto de máquinas podemos designar de linha de produção: corte e polimento de ladrilho (processo que inicia no corte do bloco em ladrilho, em seguida o polimento, depois a biselagem do ladrilho prosseguido pela seleção e embalamento em caixotes.

Figura 85- Edifício máquinas de acabamento: vista interior, ao fundo gabinete do encarregado.

Figura 86- Edifício máquinas de acabamento: vista interior, ao fundo gabinete do encarregado.

Figura 87- Edifício máquinas de acabamento: vista exterior do pátio sul.

Figura 88- Edifício carpintaria: *mezanino*.

Figura 89- Edifício carpintaria: *mezanino*.

Figura 90- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 91- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 92- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 93- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 94- Edifício carpintaria: piso 0.

Figura 95- Edifício carpintaria: vista exterior do pátio sul.

Figura 97- Edifício carpintaria e telheiro: vista exterior do pátio sul.

Figura 98- Pátio da entrada sul.

Figura 99- Parque de blocos.

Figura 100- Entrada oeste.

Figura 101- Vestígios da pedreira contígua á fábrica.

Figura 102- Vestígios da pedreira contígua á fábrica (zona tardoz do bairro operário).

Figura 103- Entrada sul.

Figura 104- Zona de escadas exteriores. Acesso interno do “Edifício hóspedes” á fábrica.

Figura 105- Zona de acesso interno do “Edifício hóspedes” á fábrica. Onde se encontra o poço que abastece toda a fábrica.

Figura 106- Zona de acesso interno do “Edifício hóspedes” á fábrica. Onde se encontra o poço que abastece toda a fábrica.

Figura 107- Edifício hóspedes: vista exterior pátio (zona tardoz “edifício carpintaria”).

Figura 108- Edifício hóspedes: pátio exterior.

Figura 109- Edifício hóspedes: vista interior cozinha (casa 1).

Figura 110- Edifício hóspedes: vista interior cozinha (casa 2).

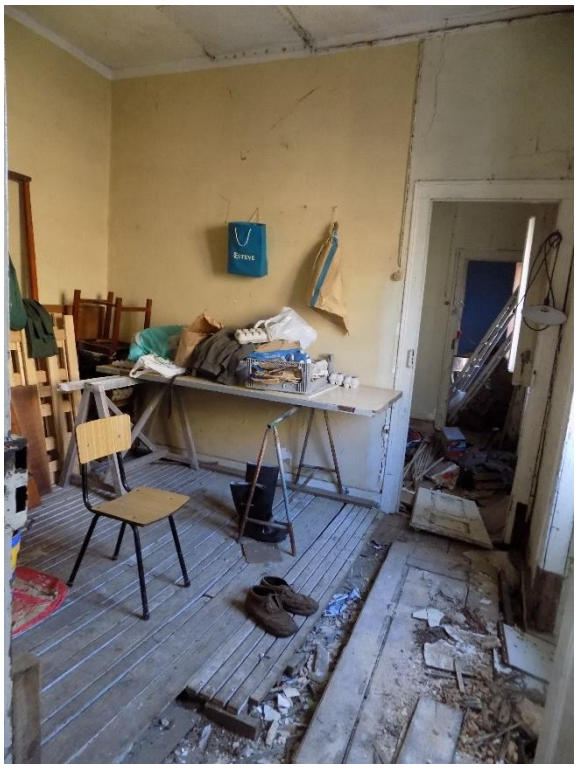
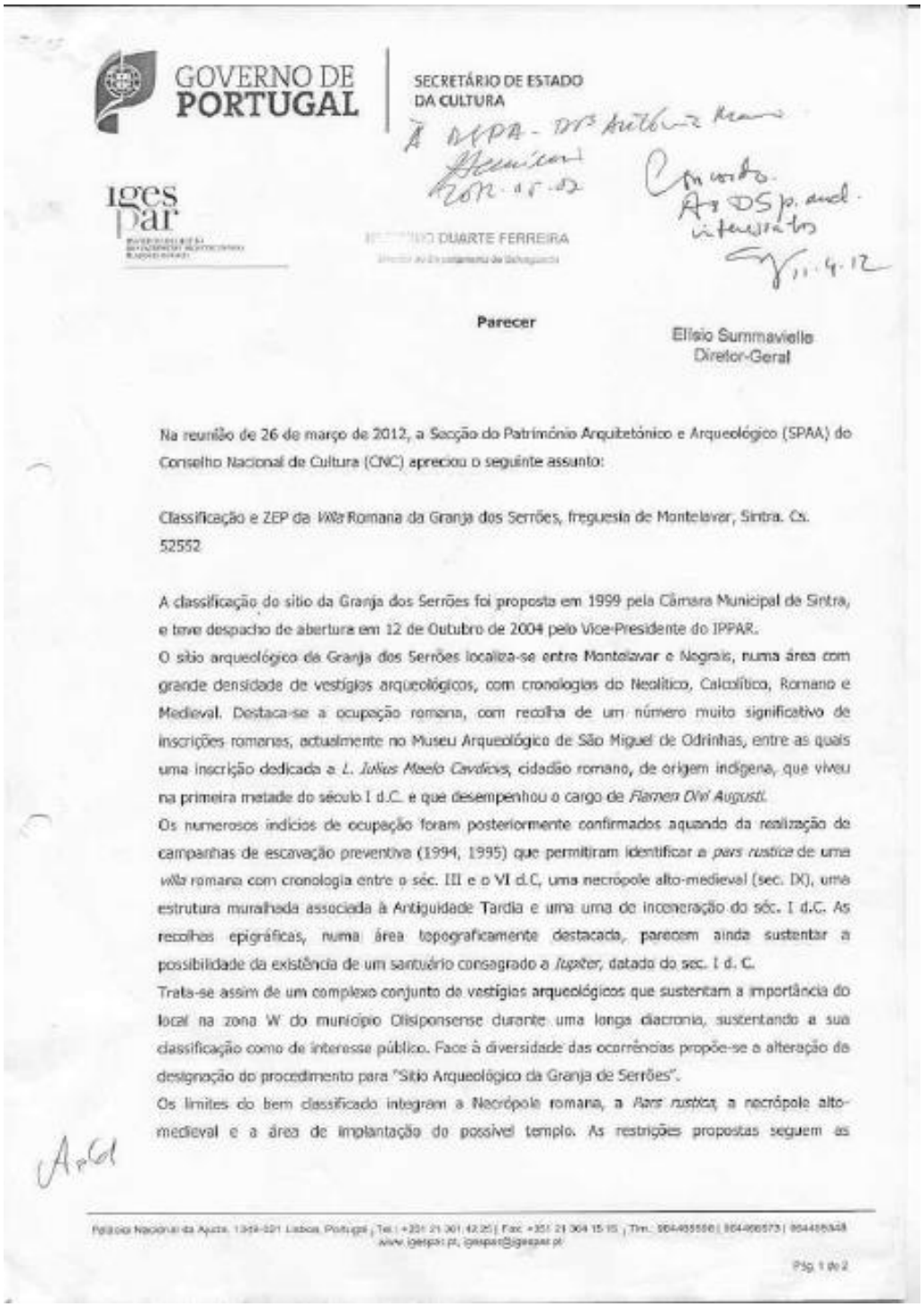


Figura 111- Edifício hóspedes: vista interior quarto (casa 2).

ANEXO XII: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO (CLASSIFICADO) DA GRANJA DOS SERRÕES

1- Parecer pelo Governo de Portugal, Secretário da Cultura 2012

Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/consultaspublicas/ ERGranja.pdf. Consultado em 27 fevereiro 2018.



GOVERNO DE PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

À DGPA - DSPA [illegible]
[illegible]
20.12.05.02

Cumpra-se. À DSPA, para conhecimento e interessados
11.4.12

iges par

DUARTE FERREIRA

Parecer

Elísio Summavielle
Diretor-Geral

Na reunião de 26 de março de 2012, a Secção do Património Arquitetónico e Arqueológico (SPAA) do Conselho Nacional de Cultura (CNC) apreciou o seguinte assunto:

Classificação e ZEP da *Villa* Romana da Granja dos Serrões, freguesia de Montelavar, Sintra. Cs. 52552

A classificação do sítio da Granja dos Serrões foi proposta em 1999 pela Câmara Municipal de Sintra, e teve despacho de abertura em 12 de Outubro de 2004 pelo Vice-Presidente do IPPAR.

O sítio arqueológico da Granja dos Serrões localiza-se entre Montelavar e Negrais, numa área com grande densidade de vestígios arqueológicos, com cronologias do Neolítico, Calcolítico, Romano e Medieval. Destaca-se a ocupação romana, com recolha de um número muito significativo de inscrições romanas, actualmente no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, entre as quais uma inscrição dedicada a *L. Iulius Meelo Cavalcus*, cidadão romano, de origem indígena, que viveu na primeira metade do século I d.C. e que desempenhou o cargo de *Flamen Div' Augusti*.

Os numerosos indícios de ocupação foram posteriormente confirmados aquando da realização de campanhas de escavação preventiva (1994, 1995) que permitiram identificar a *pars rustica* de uma *villa* romana com cronologia entre o séc. III e o VI d.C, uma necrópole alto-medieval (sec. IX), uma estrutura muralhada associada à Antiguidade Tardia e uma uma de incineração do séc. I d.C. As recolhas epigráficas, numa área topograficamente destacada, parecem ainda sustentar a possibilidade da existência de um santuário consagrado a *Iupiter*, datado do sec. I d. C.

Trata-se assim de um complexo conjunto de vestígios arqueológicos que sustentam a importância do local na zona W do município Olisiponsense durante uma longa diacronia, sustentando a sua classificação como de interesse público. Face à diversidade das ocorrências propõe-se a alteração da designação do procedimento para "Sítio Arqueológico da Granja de Serrões".

Os limites do bem classificado integram a Necrópole romana, a *Pars rustica*, a necrópole alto-medieval e a área de implantação do possível templo. As restrições propostas seguem as

AdGl

Palácio Nacional da Ajuda, 1349-021 Lisboa, Portugal | Tel.: +351 21 361 42 25 | Fax: +351 21 364 15 15 | Tlm.: 964485556 | 964486573 | 964485648
www.igespar.pt, igespar@igespar.pt

Pág. 1 de 2

condicionantes do PDM de Sintra, subdividindo a área em núcleo A, onde estão impedidas as obras de licenciamento nesta área, sendo apenas possível a realização de intervenções de investigação / valorização, e a área B que corresponde à actual povoação de Granja dos Serrões, para a qual se propõe a realização de diagnóstico prévio.

A proposta de ZEP apresentada pela DRC-LVT integra um conjunto muito diversificado de ocorrências inventariadas pelo Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, designados como Áreas B, C, D.

A área C integra o campo de lapias (classificado como monumento natural), a necrópole de incineração romana, a jazida de Monte de Maceira e a estação paleolítica de Terra das Cenouras, propondo-se que aqui sejam apenas autorizadas intervenções de investigação e valorização. Na área D, face às reduzidas ocorrências, estabelece-se como medida de restrição o acompanhamento arqueológico em todas as operações urbanística.

A classificação do Sítio Arqueológico da Granja dos Serrões obedece aos critérios constantes do artigo 17º da Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro, em particular: como testemunho notável de vivências e factos históricos; da extensão do bem como reflexo de uma memória colectiva; da sua importância do ponto de vista da investigação histórica e científica.

Assim, a SPAA do CNC propõe a classificação do "Sítio Arqueológico da Granja dos Serrões", como sítio de interesse público (SIP) e a fixação da respetiva ZEP, com as graduações propostas pela DRC LVT, conforme planta que se anexa.

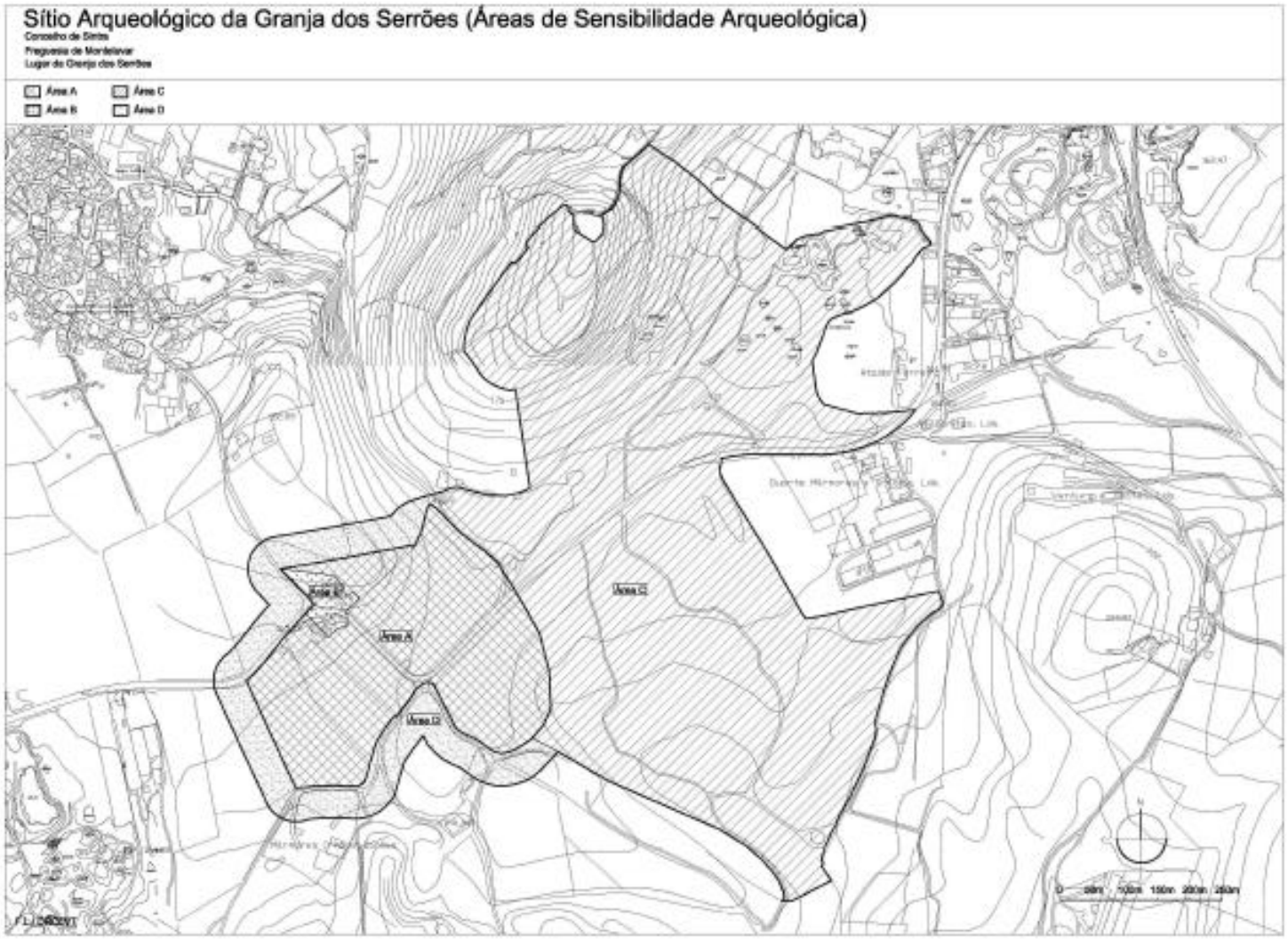
A Relatora

Ana Catarina Sousa

Ana Catarina Sousa

APROVADO NA REUNIÃO
DA SECÇÃO DO PATRIMÓNIO
ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO DO
CONSELHO NACIONAL DE CULTURA
26 / 09 / 2012
O Presidente da secção

Elísio Summavielle
Diretor-Geral


Sítio Arqueológico da Granja dos Serrões (Áreas de Sensibilidade Arqueológica)
Concelho de Sintra
Freguesia de Montelavar
Lugar da Granja dos Serrões
Área A
Área B
Área C
Área D
Área B
Área A
Área C
Área D
0 50m 100m 150m 200m 250m

GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

ASSUNTO: Proposta de Classificação da Villa Romana da Granja dos Serrões. Freguesia de Montelavar. Concelho de Sintra. Distrito de Lisboa.		INFORMAÇÃO N.º 38/DRCLVT/2012
PROCESSO: 2004/11-11/611/CL99		
C.S: 52552	RJUE:	

iges par

À SPAA do CNC para Parecer.
Designo relatora a Sr.ª Subdiretora Prof. Doutora Ana Catarina Sousa.

29.2.12

Elisio Sumchavielle
Diretor-Geral

GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DE LISBOA E VALE DO TEJO

Concordo. À Direção, I.P. para os devidos efeitos.

2012.02.24

João Soalheiro, Diretor Regional

João Soalheiro
Diretor Regional

Direção de Serviços dos Bens Culturais (DSBC)

Maria Antónia Amaral, Diretora de Serviços (em regime de substituição)

- ☐ Não há lugar à emissão de parecer
- ☒ Subscrevo a informação nos termos propostos
- ☐ Aprovação
- ☐ Não aprovação
- ☐ Aprovação condicionada, nos termos

2012.02.23

Antónia Amaral
Diretora de Serviços dos Bens Culturais
(em regime de substituição)

5. A PROPOSTA.

Considerando que a *Villa* Romana da Granja dos Serrões, situada no concelho de Sintra, é um bem patrimonial de interesse relevante de âmbito nacional e de acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro, propõe-se:

a) A classificação da *Villa* Romana da Granja dos Serrões, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra e distrito de Lisboa como **Sítio de Interesse Público**, conforme planta em anexo;

b) Que seja colhido o parecer da Secção de Património Arquitetónico e Arqueológico (SPAA) do Conselho Nacional de Cultura (CNC) sobre a Categoria/Grau de Classificação proposto;

c) Que seja colhido o parecer da Secção de Património Arquitetónico e Arqueológico (SPAA) do Conselho Nacional de Cultura (CNC) sobre a proposta de delimitação da Zona Especial de Proteção (ZEP) da *Villa* Romana da Granja dos Serrões, freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, distrito de Lisboa, conforme planta em anexo;

d) Que seja colhido o parecer da Secção de Património Arquitetónico e Arqueológico (SPAA) do Conselho Nacional de Cultura (CNC) sobre a proposta de hierarquização das Áreas de Sensibilidade Arqueológica conforme planta em anexo.

À CONSIDERAÇÃO SUPERIOR

Maria José Sequeira

MARIA JOSÉ SEQUEIRA
TÉCNICO SUPERIOR

2012/02/23

ANEXOS: Planta de Implantação dos limites do bem em vias de classificação e respetiva ZEP;
Planta de Implantação dos limites do bem classificado e respetiva ZEP;
Planta de Implantação das áreas de sensibilidade arqueológica e níveis de intervenção;
Planta de Síntese;
CD com os elementos gráficos e a fundamentação das propostas.

GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA

INFORMAÇÃO N.º 0000DRCLVT/2012 – C.S.

ENQUADRAMENTO LEGAL

A PRESENTE APRECIAÇÃO FUNDAMENTA-SE NAS DISPOSIÇÕES DA LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NOMEADAMENTE:

- **Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro** (estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural), artigos 40.º, 41.º, 43.º, 51.º, 52.º, 60.º, 74.º a 79.º, e alínea c) do artigo 95.º (que se refere à vinculatividade dos pareceres);
- **Decreto-Lei n.º 140/2009, de 15 de junho** (estabelece o regime jurídico dos estudos, projetos, relatórios, obras ou intervenções sobre bens culturais classificados, ou em vias de classificação, de interesse nacional, de interesse público ou de interesse municipal);
- **Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro** (estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem como o regime jurídico das zonas de proteção e do plano de pormenor de salvaguarda);
- **Decreto-Lei n.º 215/2006, de 27 de outubro** (orgânica do Ministério da Cultura);
- **Decreto-Lei n.º 96/2007, de 29 de março** (orgânica do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I.P.), alíneas *e)* e *f)* do n.º 3 do artigo 3.º e alíneas *a), c), f), g)* e *i)* do n.º 4 do mesmo artigo;
- **Decreto Regulamentar n.º 34/2007, de 29 de março** (orgânica das Direções Regionais de Cultura), alínea *f)* do n.º 2 do artigo 2.º e alínea *d)* do n.º 3 do mesmo artigo;
- **Portaria n.º 373/2007, de 30 de março** (estrutura as Direções de Serviços dos Bens Culturais como unidades orgânicas nucleares das Direções Regionais de Cultura e define as respetivas competências);
- **Decreto-Lei n.º 164/97, de 27 de junho** (harmoniza a legislação que rege a atividade arqueológica em meio subaquático com a aplicável à atividade arqueológica em meio terrestre);
- **Decreto-Lei n.º 270/99, de 15 de julho** (aprova o regulamento de trabalhos arqueológicos), com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 287/2000, de 10 de novembro;
- **Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro** (estabelece o regime jurídico da urbanização e da edificação), com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 177/2001, de 4 de junho, artigos 15.º, 19.º e 37.º, pela Lei n.º 60/2007, de 4 de setembro, artigos 4.º e 6.º, n.º 3 do artigo 13.º-A e artigo 13.º-B, e pelo Decreto-Lei n.º 26/2010, de 30 de março;
- **Decreto-Lei n.º 31/2009, de 3 de julho** (estabelece a qualificação profissional exigível aos técnicos responsáveis pela elaboração e subscrição de projetos, pela fiscalização de obra e pela direção de obra, que não esteja sujeita a legislação especial, e os deveres que lhes são aplicáveis), nomeadamente artigo 15.º;
- **Decreto-Lei n.º 307/2009, de 23 de outubro** (estabelece o regime jurídico da reabilitação urbana), artigos 21.º e 28.º;
- **Decreto-Lei n.º 380/99, de 22 de setembro**, em desenvolvimento da Lei n.º 48/98, de 11 de agosto (estabelece as bases da política de ordenamento do território e de urbanismo), com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 310/2003, de 10 de dezembro, e pelo Decreto-Lei n.º 316/2007, de 19 de setembro;

IDENTIFICAÇÃO

Localização: Lugar da Granja dos Serrões/Freguesia de Montelavar/Concelho: Sintra
Requerente: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas/Câmara Municipal de Sintra

SERVIDÃO ADMINISTRATIVA

Villa Romana da Granja dos Serrões. Em vias de classificação. Despacho de abertura de 2004-10-12.

mjs
2012/02/23

Avenida Infante Santo, n.º 80 – 1.º| 1350-177 Lisboa
E-mail: geral@drclvt.pt | Telefone: 213920750 | Fax: 213953035

PARECER

1. O SÍTIO.

O lugar da Granja dos Serrões situa-se na freguesia de Montelavar, concelho de Sintra. A proposta de classificação da *villa* romana localizada nas imediações resulta do cruzamento de vários graus de informação, cuja leitura de conjunto remete para uma área de excecional valor patrimonial e científico, representativa de uma certa vivência nos *agri* do *Municipium Olisiponensis*.

A utilização do plural para referenciar a região envolvente à cidade pressupõe por parte de alguns autores o reconhecimento de áreas com características próprias que permitem a sua individualização no conjunto do *municipium*. O âmbito geográfico da Zona Oeste, onde se localiza a Granja dos Serrões, é assim descrito por José Cardim Ribeiro: "*Entendemos por 'Zona W do Município Olisiponense' toda a região enquadrada por um extenso arco mais ou menos montanhoso, cuja principal linha de relevo, tendo início - a sul - no Cabo da Roca se dirige sensivelmente para leste e - em continuação - para nordeste, abrangendo toda a Serra de Sintra; descreve em seguida uma sucessão progressiva de curvas cuja fundamental orientação aponta para norte e depois de passar a leste de Almargem do Bispo e de Negrais, inflete primeiro para noroeste pouco antes de terminar para oeste, vindo em breve a morrer junto ao oceano a escassa distância para norte, da Foz da Ribeira das Jlhas.*" (RIBEIRO: 1982-83, 156-57).

À delimitação proposta corresponde uma área caracterizada por uma economia essencialmente rural onde a exploração de pedreiras desempenharia um papel de relevo no desenvolvimento socioeconómico da região. As mais importantes localizavam-se nas proximidades das atuais povoações de Lameiras e Armês, esta última situada a poucos quilómetros do sítio da Granja dos Serrões.

Ao sobrepor a localização dos vestígios epigráficos identificados na Zona W à localização destas explorações, José Cardim Ribeiro constata que a sua dispersão está relacionada com a existência destas sendo que da Granja dos Serrões provem o terceiro núcleo de epígrafes mais importantes da região (*Idem*, 164). Recolhidas nas décadas de 50 e 80 do século passado, indiciam por um lado a existência de um templo dedicado a *Iupiter* - M.A.S.M.O. CXXXVII - contemporâneo de Augusto (27 a.C. - 14 d.C.) e por outro a presença de construções de carácter funerário de dimensões assinaláveis - M.A.S.M.O. CXXXIV (*Ibidem*, 226 e 345 respetivamente).

m/S
2012/02/23

Da leitura destas e de outras epígrafes da área - nomeadamente da inscrição do depósito fontanário de Armês - C.I.L. II 260 - sobressai a figura de *L. Iulius Maelo Cavdicvs*, cidadão romano, de origem indígena que viveu na primeira metade do século I d.C. e desempenhou o cargo de *Flamen Divi Augusti*. Num extenso estudo sobre esta personagem e a sua família, José Cardim Ribeiro associa - o a diversos sítios arqueológicos da região entre os quais a Granja dos Serrões - apontada como a *Villa* de origem da família - e a Armês identificada como um *Vicus* (ibidem, 396 e 428-nota 18, respetivamente).

Os resultados de duas ações arqueológicas levadas a cabo nos anos 90 do século XX, relacionadas com a construção de uma infraestrutura rodoviária, vieram confirmar a importância patrimonial e científica do sítio, inferida por este investigador a partir dos vestígios epigráficos.

A primeira intervenção teve lugar em 1994. Embora o registo tenha sido condicionado pelo seu carácter localizado em virtude de se tratar de uma emergência, foi identificado um conjunto de estruturas composto por um corredor, vários compartimentos adjacentes e uma muralha (BELCHIOR: 1995, 5). As estruturas, em excelente estado de conservação, pertenciam à *pars rustica* de uma *villa* romana e estavam associadas a contextos enquadráveis nos séculos III d.C. e V/VI d.C (*Idem*, 6).

Os promissores resultados da primeira campanha deram origem a uma proposta de projeto de investigação do sítio e a uma segunda intervenção em 1995, ambas da responsabilidade de Cláudia Belchior. Os trabalhos incidiram sobre uma área de inumações referenciada em 1994 e permitiram a escavação de oito sepulturas e um ossário. A estratigrafia ocupacional era definida por dois períodos: um correspondente à construção/utilização dos sepulcros, era caracterizado pela reutilização de materiais pétreos provavelmente provenientes de construções da *villa* romana; a proposta de enquadramento cronológico aponta para o período moçarábico ou alto-medievo; o segundo período correspondia a uma fase de ocupação de época romana, perturbada pela instalação de alguns dos enterramentos. Era caracterizada por contextos de natureza sedimentar e estrutural onde foram recolhidos abundantes materiais cerâmicos, quase todos enquadráveis nos séculos I e II d.C. (BELCHIOR: 1996, 2-7).

A investigação arqueológica promovida até ao presente na Granja dos Serrões ainda não identificou a *villa* de *Cavdicvs*, embora os estratos sob a necrópole Alto-Medieval demonstrem que o sítio foi ocupado nessa época. No entanto, a recolha de centenas de tesselas brancas - algumas talhadas, outras exibindo arestas muito vivas - juntamente com

blocos de calcário por cortar e restos de talhe numa das dependências da *pars rustica* da *villa* dos séculos IV/V d.C. comprova que a exploração e talhe de pedra, a par da agricultura, constituíam efetivamente as atividades económicas preponderantes na região nessa época (RIBEIRO: 1982-83, 157).

Por outro lado, a identificação das *tesselae* com características de desperdícios de uma oficina de corte e aperfeiçoamento desta componente essencial do mosaico romano constitui um dos elementos mais interessantes a desenvolver no estudo da *villa* (BELCHIOR:1995, 5). No âmbito de uma reflexão sobre as problemáticas subjacentes à existência de uma indústria do mosaico e à sua importância socioeconómica no mundo romanizado Teresa Caetano considera-o "(...) *um fenómeno estritamente económico assente (...) em duas vertentes: a primeira como resultado da abundância de matéria-prima na região, assumindo-se talvez como uma outra faceta da 'indústria da pedra' a par com aquela que seria a principal* atividade da *villa da Granja dos Serrões, ou seja a sua extração ou transformação em grande escala (...) podendo neste contexto recorrer - sem prejuízo - tanto ao aproveitamento de monólitos defeituosos, como aos sobejos; a segunda prende-se eventualmente com a utilização de uma rota já estabelecida para escoamento e comercialização da pedra, visando também a comercialização das tesselae junto das oficinas olisiponenses ou até mesmo exportando-as para outras regiões (...)*. (CAETANO: 2007, 66).

Aqui aportados, resta referir por último as singulares características geológicas da área onde se localiza a *villa* romana que, como vimos, contribuíram para o desenvolvimento económico da Zona W. A Granja dos Serrões insere-se numa região de calcários cretácicos cuja carsificação foi descrita pela primeira vez num trabalho dos inícios do século XX (FLEURY: 1917). Da paisagem estudada nessa altura restam apenas dois núcleos representativos deste tipo de relevo - o campo de lapiás da Granja dos Serrões e o campo de lapiás de Negrais - uma vez que os restantes foram sendo sistematicamente destruídos pela exploração em larga escala de pedreiras. A sua importância geomorfológica e a ameaça de desaparecimento levaram à classificação, na categoria de património natural, como *Sítio Classificado da Granja dos Serrões* e *Sítio Classificado de Negrais* respetivamente, nos termos do Decreto-Lei n.º 393/91, de 11 de Outubro.

Desde muito cedo que as formas peculiares destas rochas parecem ter integrado o universo vivencial e religioso das populações sendo vários os campos de lapiás com vestígios humanos documentados a partir do Neolítico antigo, estendendo-se por vezes até ao período romano - embora em áreas limítrofes como na Granja dos Serrões - e mesmo à época contemporânea (SIMÕES e SOUSA: 1999, 517). Neste contexto, refira-se que no campo de

mp/s
2012/02/23

lapiás da Granja dos Serrões foram identificadas até ao presente três momentos de atividade humana: neolítico e bronze - registados através de materiais de superfície recolhidos por técnicos do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas[1]- e romano -reconhecido a partir da necrópole de incineração identificada aquando de trabalhos de alargamento da Estrada dos Lapiás.[2]

Dos campos de lapiás sobreviventes na região que nos importa, apenas o de Negrais foi objeto de um estudo arqueológico levado a cabo nas décadas de 50 e 80 do século passado, cuja publicação de resultados revelou a existência de vestígios de comunidades humanas do Neolítico e Calcolítico (SERRÃO e VICENTE: 1956; SERRÃO: 1979,1980 e 1981). A caracterização das condições de jazida e de achado então observadas permitem hoje definir o denominado *Complexo Arqueológico de Negrais* não "(...) *como uma estação arqueológica única, mas sim como um vasto espaço natural, singular nas condições ambientais que proporciona com vários núcleos de ocupação pré-histórica* (...)" onde "(...) *os vestígios foram sempre detetados e registados à superfície ou nos cortes abertos pela lavra de pedreiras* (...)" (SIMÕES: 1999, 89). Ao longo dos anos a exploração da pedra e as pressões urbanísticas alteraram profundamente a situação registada pelos primeiros investigadores, comprometendo definitivamente o desenvolvimento de novas leituras dos contextos então documentados (SIMÕES e SOUSA: 1999, 520). Neste cenário, a eventual existência de jazidas arqueológicas preservadas, como parece comprovar a recolha de materiais de superfície no campo de lapiás da Granja dos Serrões, assume uma importância central na investigação da ocupação humana deste tipo de geomorfologia cársica sendo este o pressuposto subjacente à inclusão da área na proposta de constituição da servidão administrativa em anexo.

Bibliografia

BELCHIOR, Cláudia (1995) - *A Villa Romana da Granja dos Serrões. Resultados Preliminares da Escavação de Emergência (1994)*. Relatório entregue ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

BELCHIOR, Cláudia (1996) - *A Segunda Intervenção Arqueológica na Granja dos Serrões - 1995 (concelho de Sintra)*. Relatório entregue ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

CAETANO, Maria Teresa (2007) - *Opera Musiva*: uma breve reflexão sobre a origem, difusão e iconografia do mosaico romano. *Revista de História de Arte*. N.º 3. Lisboa: Instituto de História de Arte/Edições Colibri, pp. 53-83.

[1] Os sítios arqueológicos do campo de lapiás da Granja dos Serrões encontram-se incluídos na lista enunciada no n.º 5 do Artigo 9.º da Secção II do Capítulo II do Regulamento do Plano Diretor Municipal de Sintra. Para a sua georreferenciação conferir com os SIG da Câmara Municipal de Sintra.

[2] cfr. MD da Proposta de Classificação da *Villa* Romana da Granja dos Serrões. Câmara Municipal de Sintra, p. 7. Para a sua georreferenciação conferir com os SIG da Câmara Municipal de Sintra.

AM/J
2012/02/25

FLEURY, Ernest (1917) - *Notes sur l'erosion en Portugal. II. Les lapiés des calcaires au nord du Tage*. Comunicações da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal. Tom. XII, pp. 127-274. Lisboa.
RIBEIRO, José Cardim (1982-1983) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iullus Maelo Cavdicvs. Sintria*, I-II (I). Sintra: Câmara Municipal de Sintra, pp. 151-476.
SERRÃO, E.C. (1979) - O Complexo Arqueológico do Lapiás de Negrais (Sintra) - I. *Arqueologia*. 2. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 30-36.
SERRÃO, E.C. (1980) - O Complexo Arqueológico do Lapiás de Negrais (Sintra) - II. *Arqueologia*. 3. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 36-42.
SERRÃO, E.C. (1981) - O Complexo Arqueológico do Lapiás de Negrais (Sintra) - III. *Arqueologia*. 4. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 105-115.
SERRÃO, E.C.; VICENTE, E.P. (1956) - Note Preliminaire sur la Station Eneolithique de Negrais. *In IV Congresso Internacional de Ciências Pré-históricas e Proto-históricas (Madrid, 1954)*, pp. 601-611.
SIMÕES, Teresa (1999) - *O Sítio Neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). Trabalhos de Arqueologia 12*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
SIMÕES, Teresa; SOUSA, Ana Catarina (1999) - As Ocupações Neolíticas em Lapiás: o caso de Negrais (Sintra). *Actes del II Congrés de Neolític a la Península Ibérica. Saguntvm - PLAV, Extra - 2*, pp 513-520.

2. A CLASSIFICAÇÃO.

Tendo presente os valores históricos, patrimoniais e científicos supra, a Câmara Municipal de Sintra entendeu solicitar a classificação do sítio tendo enviado o conjunto documental necessário à instrução de um eventual processo de classificação. Nos termos do despacho de 12/10/2004 foi aberto o procedimento administrativo da classificação do bem imóvel pelo então Instituto Português do património Arquitetónico.

Na conformidade da fase atual do processo e face à importância do lugar no panorama patrimonial português, enquanto espaço habitacional, religioso e funerário com larga diacronia ocupacional, julga-se ser de propor a classificação da *Villa* Romana da Granja dos Serrões como **Sítio de Interesse Público.**

3. A ZONA ESPECIAL DE PROTEÇÃO.

A área em vias de classificação integra no respetivo perímetro todos os vestígios - dispersos e concentrados - que a prospeção de campo e as intervenções arqueológicas permitiram identificar e registar. A delimitação da Zona Especial de Proteção visa sobretudo incluir no conjunto a formação cársica cuja importância na ocupação humana da área está documentada não só através dos resultados da prospeção e recolha de materiais de superfície como também das analogias passíveis de estabelecer com o vizinho núcleo de Negrais que

como vimos foi objeto de investigação arqueológica. Desta forma, os limites propostos coincidem parcialmente com a delimitação do campo de lapiás designado *Sítio Classificado da Granja dos Serrões*, tal como está definida no Decreto-Lei n.º 393/91, de 11 de Outubro.

A proposta, materializada na planta em anexo, baseia-se na numeração das matrizes prediais constantes no cadastro efetuado em 1953, das secções E, M e L da freguesia de Montelavar, concelho de Sintra, disponível no Instituto Geográfico Português:

- A Poente, o limite coincide com os 50 m da Zona Geral de Proteção em vigor;

- A Norte o limite é igualmente estabelecido pelos 50 m da Zona Geral de Proteção seguindo depois os limites do *Sítio Classificado da Granja dos Serrões* a partir do prédio n.º 89, tal como estão descritos nas alíneas i) e ii) do n.º 1 do artigo 2.º do Decreto-Lei supra: "(...) contornando o n.º89 até ao ponto de encontro dos prédios n.ºs 90, 84 e 85, aí seguirá para norte e abarcará o Alto da Cabeça pelo limite dos prédios n.ºs 48, 50, 52, 53 e 54, onde "descerá' pela separação dos prédios n.ºs 77 e 73, vindo então a atravessar o prédio n.º 92 na direção este, até encontrar a estrada que segue para Negrais (...)".;

- A Nascente inflete para sul "(...) até ao limite norte do prédio n.º 95, contornando então os prédios n.ºs 94 e 93, prolongando-se até ao prédio n.º 91 e contornando até à curva da estrada, seguindo depois pela estrada até à ponte de acesso à Azenha da Pedra Furada. Da Azenha inflete para sueste entre os prédios n.ºs 6 e 8 até encontrar o prédio n.º 9, indo abarcá-lo, e seguindo pelo trilho rural, prolongando-se depois pelo limite oeste da vinha (prédio n.º 37) e pelo muro de pedra que separa os prédios n.ºs 38, 43 e 42 (...).";

- A Sul segue o caminho existente "(...) que se prolonga pelo cimbro de separação entre os prédios n.ºs 16 e 15 (...)" no ponto em que entronca com os limites da Zona Geral de Proteção mais uma vez coincidentes com a Zona Especial de Proteção.

4. AS ÁREAS DE SENSIBILIDADE ARQUEOLÓGICA.

Esta proposta visa acautelar os valores patrimoniais e científicos que estiveram na origem da proposta de classificação. Serão criadas quatro áreas conforme planta em anexo:

Área A - Corresponde à maior parte da área classificada onde se incluem os vestígios da Villa romana identificados em 1994, a necrópole alto medieval escavada em 1995 e o presumível

local de implantação do templo consagrado a *Iupiter*. As condicionantes para as intervenções neste nível são norteadas pelo princípio da preservação total dos valores arqueológicos tendo presente o disposto no artigo 77º, Subsecção II do Plano Diretor Municipal de Sintra atualmente em vigor- "pertencem a este nível [Nível 3] as áreas com vestígios que possuam especial interesse científico, artístico ou excecional estado de conservação. Tais áreas e os seus vestígios não poderão ser destruídos ou afetados, total ou parcialmente." - e no artigo 80º da mesma secção - "Atendendo ao carácter específico e inalienável das estações e vestígios arqueológicos inseridos neste nível 3, deverão ser liminarmente indeferidas quaisquer solicitações de licenciamento de obras que afetem as sua áreas. Revolvimento do subsolo na área deverá ser sempre equacionado no âmbito da investigação científica do sítio arqueológico;

Área B - Corresponde ao setor da área classificada onde se localiza a povoação da *Granja dos Serrões*. O facto de se tratar da única zona habitada do conjunto impõe a necessidade de licenciamento de obras, embora à semelhança da Área A se trate de uma zona de elevadíssimo potencial arqueológico dada a proximidade dos vestígios da *Villa* e templo romanos. Assim e tendo sempre presente como princípio orientador a preservação total dos valores arqueológicos em presença, qualquer operação urbanística nesta área deve ser precedida por uma ação arqueológica de diagnóstico. O licenciamento de projetos só pode ser concedido com base na avaliação dos valores arqueológicos identificados.

Área C - Integra a área da ZEP correspondente ao campo de lapiás, incluindo a necrópole de incineração de época romana identificada durante trabalhos de alargamento da Estrada dos Lapiás e as jazidas do Monte da Macieira e Terra das Cenouras. Dada a elevadíssima sensibilidade arqueológica desta área e tendo presente a sua importância no âmbito do estudo da ocupação humana deste tipo de geomorfologia, qualquer ação arqueológica deverá, à semelhança do proposto para a área A ser somente equacionada no âmbito da investigação científica do sítio arqueológico e ter em conta as condicionantes definidas no artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 393/91, de 11 de Outubro – *Condicionamentos*.

Área D - Integra a restante área de ZEP. Como se trata de uma área de carácter periférico relativamente ao bem imóvel mas onde podem subsistir vestígios arqueológicos que importa salvaguardar, todas as operações urbanísticas que impliquem revolvimento do subsolo ficam sujeitas a acompanhamento arqueológico.

mp/s
20/02/13

ANEXO XIII: A ROTA DOS CALCÁRIOS DO MACIÇO ANELAR SUB-VULCÂNICO DE SINTRA, REGIÃO DE PERO PINHEIRO: ITINERÁRIOS

1- Proposta de *flyer* (frente)

2- Proposta de *flyer* (verso)